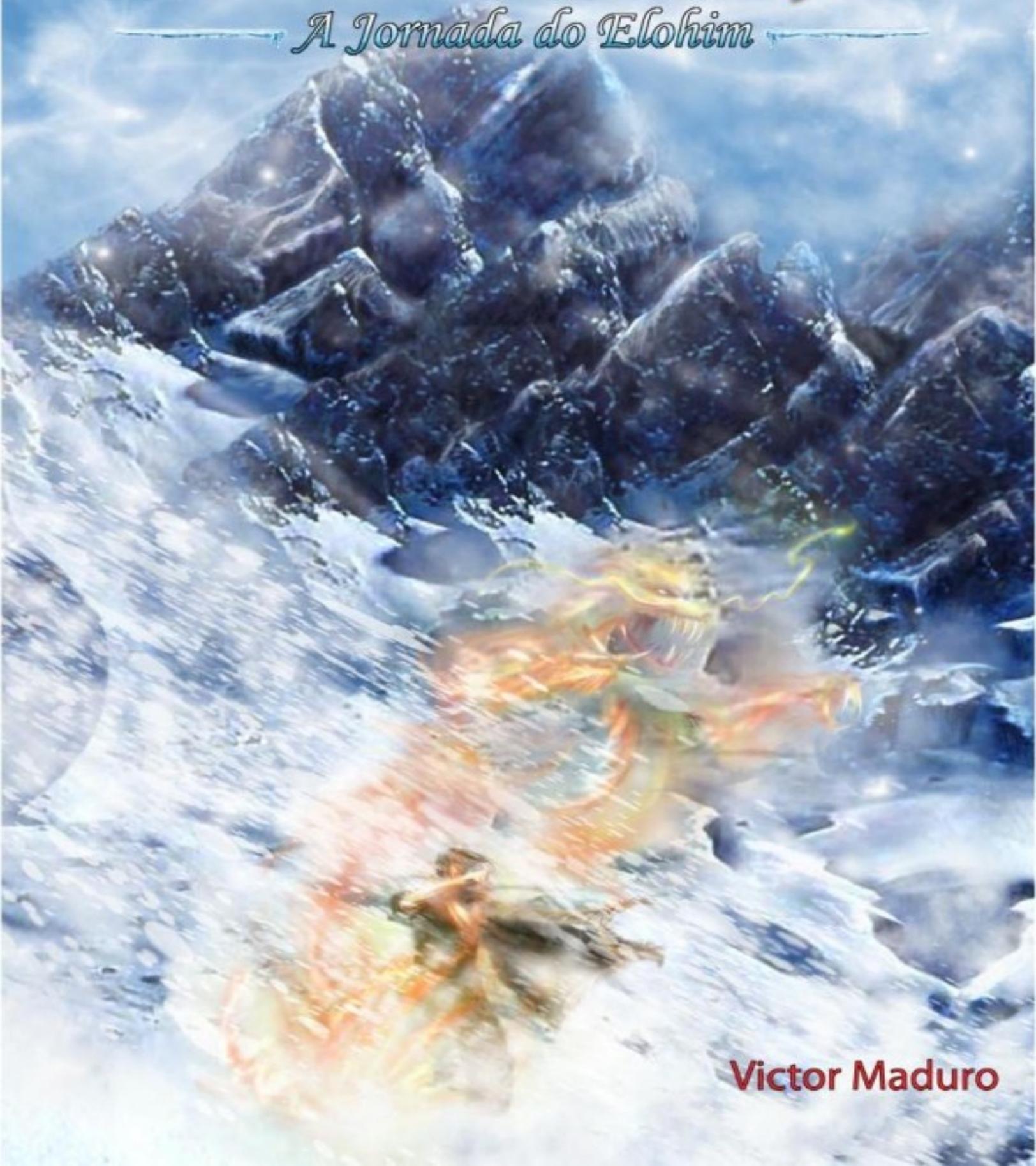


Além da Terra do Gelo

A Jornada do Elohim



Victor Maduro

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ALÉM DA TERRA DO GELO

A Jornada do Elohim

Victor Maduro



Para *Tio* Charles,
Você continuará vivo em nossas memórias e nosso coração.

Capítulo I - O Pequeno Vanhardt

Vanhardt nasceu num lugar chamado "Terra do Gelo", região ao extremo norte de Kether onde há neve o ano todo. Seria mentira se não dissesse que o garoto teve uma infância muito difícil e solitária; era o menino da vila de Crivengart que todos cuidavam para manter à distância. Nunca encontrou colegas para brincar, e via de longe os garotos correrem uns atrás dos outros, subir em pinheiros, lutar com galhos quebrados como se fossem espadas. O pior, de qualquer maneira, nem era isso. O pior era que ele já se acostumava. Sentia-se diferente, e o fato de ser muito pequeno comparado aos meninos de sua idade não ajudava em nada. A distração favorita do garoto era observar o pai, Thomas, o carpinteiro, trabalhar. Sua mãe, Dóris, morrera logo após seu nascimento, e Thomas teve de criá-lo sozinho.

Certo dia, do alto de seus sete anos de idade (na verdade, ainda era baixinho), Vanhardt viu os garotos vizinhos montarem fortes de neve. Os meninos simularam uma guerra, jogando bolas de neve uns nos outros enquanto se escondiam nos fortes, gritando e gargalhando. Era uma oportunidade! Queria viver como qualquer outro moleque de Crivengart, queria ter amigos, brincar. Os olhinhos de Vanhardt brilhavam de alegria, e depois de alguns minutos ele tomou coragem e pediu para entrar na brincadeira:

Posso brincar também? - gritou bem alto, parado no meio do campo de batalha.

Um silêncio profundo pairou no ar por alguns segundos, enquanto todos, imóveis e sérios, olhavam para Vanhardt.

Não atrapalhe, Daicecriv! Vá embora daqui, esquisito! - gritou um dos moleques, jogando uma bola de neve em Vanhardt, no que foi imitado pelos coleguinhas.

Uma chuva de bolas alvas e úmidas voou e atingiu o menino, cobrindo-o de branco. Seus olhos ficaram vermelhos e lágrimas tímidas apontaram. Não funcionou. Só que dessa vez, ele não se resignou, como fazia sempre. Não queria se acostumar! Também não entendia porque os outros garotos o odiavam tanto assim. O que fizera de errado? Por que todos o ofendiam o tempo todo? Por que ninguém brincava com ele? Caminhou para dentro de casa com o corpo tenso, rígido, se patrulhando para não chorar. O mundo era injusto! A vida era injusta! O pai, que estava sentado lixando uma mesa, reparou que o garoto estampava uma expressão estranha:

Que foi, meu filho?

Por que todos me odeiam, pai? Por que fazem isso comigo? - perguntou o menino com uma voz que alternava tons agudos e graves. Não chorou, entretanto.

Ai... Certo meu filho, sente-se aqui do meu lado - Thomas puxou o menino e colocou-o sentado numa cadeira ao seu lado. - Eu nunca contei isso a você, para poupá-lo, mas está na hora de saber a verdade. Você está mais crescido, e acho que tem idade para compreender certas coisas. Por isso, preste bastante atenção, e não se assuste com o que vou dizer - ele inclinou a cabeça para cima, inspirou profundamente, e, depositando olhos sinceros no garoto, continuou: - Você não é filho de Dóris, Vanhardt. É verdade que ela pariu você naquela noite terrível, na qual acabou falecendo. O problema, meu filho, é que minha esposa era infértil, e não podia ter um bebê. Ela só engravidou depois que pedimos ajuda a uma deusa, que nos abençoou com um lindo presente! Vanhardt, você é filho de Léia, a deusa do gelo.

Os olhos do garoto pararam de piscar. Choque. Ele era novo, porém, como seu pai dissera, podia compreender certas coisas.

Permaneceu paralisado por um instante, pois a notícia surtira um prolongado efeito. Dóris não era sua mãe? Ele era filho da deusa do gelo? E Thomas, o que seria? Ainda inseguro, o garoto perguntou:

Pai, e você? Não é meu pai também?

Ah, sim, sou mesmo seu pai.

Mas como pode você ser meu pai, a minha mãe uma deusa, e quem me deu à luz uma humana? - Vanhardt complicara tudo.

Ah... Isso é difícil de esclarecer... Vou explicar de maneira simples, pra você entender. A deusa do gelo, a quem sou eternamente grato, nos deu parte de sua energia divina. Só que essa energia, sozinha, não podia gerar um filho humano, era preciso também a essência humana. Então, a deusa pegou parte de minha essência e juntou à dela, gerando a partir daí uma semente. Ela implantou essa semente em Dóris, que assim ficou grávida de você. Durante o parto, que foi muito complicado, Dóris não suportou a imensa carga de energia que teve de ser liberada, e veio a falecer. Mas eu não fiquei triste o tempo todo, porque, apesar de ter perdido minha esposa, ganhei um filho maravilhoso! - Thomas sorriu tentando animar o garoto ou a si mesmo.

Vanhardt ainda achava aquilo confuso, e não parava de perguntar:

Pai... Se sou filho de uma deusa, posso fazer o que os deuses fazem, como milagres, não é?

Claro que sim! E é por isso que todos na vila não gostam de manter contato com você. Porque têm medo. E uma coisa eu pude aprender com minha experiência: as pessoas temem aquilo que desconhecem. Olha, vou te contar uma história.

"Há muito tempo, quando você era ainda um bebê, nós da vila migramos para o sul por conta de um inverno especialmente rigoroso. Durante a viagem, um incidente aconteceu. A carroça em que nós dois viajavamos margeava um lago quando a roda do meu lado se chocou contra a quina de uma rocha, e com o solavanco, você

foi arrancado de meus braços, e atirado para fora do veículo. Fiquei assustado, pois se alguém pequeno como você tivesse caído no chão e batido a cabeça, poderia ter até morrido! Quando fui para a borda da carroça assustei-me enormemente quando o vi afundando no lago, se debatendo. Desci rapidamente do veículo, corri em sua direção e também mergulhei na água gelada. Nadei à sua procura, desesperado, e não consegui encontrá-lo. Comecei a congelar, e acabei sendo resgatado para fora da água por nossos vizinhos. Quase morri, e nada pudemos fazer para salvá-lo, meu filho. Ficamos ainda um dia inteiro acampados, para eu poder me aquecer e não morrer da 'doença do frio'".

"Não guardava mais esperanças de achá-lo vivo, pois haviam se passado mais de vinte e quatro horas sem nenhum sinal seu. Por uma daquelas coincidências providenciais, fui até a margem do lago para dar-lhe o último adeus, e acabei notando um vulto dentro da água. Sem pensar duas vezes quebrei a fina camada de gelo que recobria o lago e... adivinha quem era? Acredita que você saiu chorando dali? Ficou mais de um dia debaixo d'água, e ainda saiu com vida! Imagine, nenhum humano teria sobrevivido. Foi a partir desse dia que os outros crivengartenses passaram a se afastar de você."

Vanhardt sentia sua cabeça doer, pois recebera muita informação em um curto período de tempo. Ele era filho de uma deusa, e podia fazer milagres... De alguma forma era especial. Só que ainda não sabia se isso era bom ou ruim.

Pai, e o que mais posso-fazer? - perguntou o garoto, pensando em proezas divinas.

Isso eu não sei. Só sua mãe pode responder.

E quando irei vê-la?

Veja bem, meu filho, isso é difícil. Deuses não costumam ficar circulando pelo mundo dos humanos. Só o tempo dirá quando irá vê-la. -Thomas colocou a mão sobre o ombro do filho.

Mas ela não quer me ver? Ela não quer que eu a encontre?

Eu não sei... Paciência, Vanhardt, o tempo vai...

Ela me abandonou como todo mundo! - exclamou Vanhardt, interrompendo a frase do pai.

Não meu queri...

Eu já entendi! - gritou novamente e saiu de casa batendo a porta.

Capítulo II - O Fantástico Mundo de Kether

Acredito de forma sincera que a parte mais difícil de escrever um livro seja o começo. É nele que você lutará dramaticamente a fim de prender a atenção do leitor, e demonstrará o que se pode esperar pela frente. A partir daí, ele fará seu julgamento (algumas vezes injusto, outras nem tanto) e decidirá se continuará lendo ou não. Sem querer me esticar demais, e cair no velho erro de começos demasiadamente longos, vou logo me explicando. E tentando enfrentar de cabeça erguida essa parte tão ingrata de uma obra.

Antes de mais nada, gostaria de deixar claro que convidaram-me para redigir a história desse herói, situação pela qual fiquei infinitamente feliz. O seu nome completo, aliás é Vanhardt Mohr Daicecriv (pronuncia-se Vãrrart Mór Daicecriv), e quer dizer "Vanhardt filho das terras geladas". Nunca me achei digno de tamanha proeza, e relutei o máximo que pude, porém forças maiores acabaram me convencendo. Pois o velho bardo aqui promete que irá dedicar todos seus esforços para contá-la da maneira mais verídica, e mais empolgante, que sua habilidade comunicativa permitir. Se o leitor achar o texto enfadonho, perdoe-me pela incompetência; caso contrário, se gostar, me deixará satisfeito apenas por tê-lo lido. Acrescento que não sou daqueles que veneram descrições completíssimas, nos mínimos detalhes, redundantes, e por isso monótonas e aborrecidas. Se acontecer, terá todo o direito de reclamar, e prometo que será atendido. Os próximos parágrafos são uma introdução ao meu mundo, curtíssima para não chatear ninguém. Pois bem, vamos lá.

Há um lugar diferente desse que vocês chamam de "Terra", governado por deuses. Esse mundo é Kether. Contam as lendas que não foram tais deuses os criadores de Kether, e sim uma força maior, chamada "Absoluto". Quando as pessoas daqui ouvem isso, caem na gargalhada, pois para elas é absurdo pensar que não foram os deuses os criadores de nosso mundo. Eu mesmo, seu fiel narrador, custei a acreditar quando ouvi o relato da boca de um dragão ancião. Segundo esse velho, porém sábio dragão (seu nome era Frumbus, só que ele não gostava nem um pouquinho que o chamassem assim; preferia "O Poderoso Senhor das Chamas"), o tal de Absoluto criou o mundo de Kether, e só depois vieram os deuses. A força do Absoluto foi responsável pelo surgimento de todos os seres fantásticos que habitam o planeta, como gnomos, duendes, lagartos, gigantes, fadas, orcs, trolls, pássaros roca, tigres, além dos reinos mineral e vegetal. A partir desse ponto, no qual cadeias imensas de montanhas cortavam o continente, mares e oceanos inundavam vastos territórios, e centenas de milhares de criaturas habitavam o planeta, os deuses assumiram o controle do mundo.

Nesse momento, o Absoluto deixara de existir. Não adianta me perguntar, não sei como isso aconteceu, ele simplesmente sumiu e deixou Kether nas mãos divinas. Certo, e o que veio antes do Absoluto? Isso o velho Frumbus não soube me responder. Talvez nem mesmo os deuses saibam! Para os leitores que pela primeira vez se aventuram nessas páginas, informo que são sete as principais divindades que governam nosso mundo: Salazar, o deus do sol; Núbia, a deusa da noite; Laodicéia, a deusa da natureza; Nautilus, o deus dos mares e oceanos; Bel, a deusa da vida; Morgana, a deusa da morte e finalmente Justus, o deus da Justiça e líder do Panteão dos deuses. Existem também dezenas de outras divindades menores, mas elas exercem pequena influência sobre nosso fabuloso mundo.

Bem, aposto que você já deve estar imaginando quando voltarei a contar a história de Vanhardt, não é? Então...

Passaram-se muitos meses desde aquele dia que Vanhardt brigou com o pai. Ele continuava distante dos outros garotos, mas voltara a conversar normalmente com Thomas. No meio de uma noite bastante fria, acordou ao ouvir chamarem seu nome:

Vanhardt... Vanhardt...!

A estranha voz soava baixinho, um sussurro, que vinha do outro lado da janela do quarto. Continuou deitado na cama, pois podia ter apenas sonhado. Porém a voz insistiu:

Vanhardt...! Não tenha medo... Venha comigo!

Agora tinha certeza, não era nenhum sonho. Pensou em correr para chamar o pai, porque era bem capaz de ser um fantasma esperando por ele lá fora. Desistiu ao se imaginar saindo da proteção da cama e do quarto. Enrolou-se debaixo do cobertor, esperando os sussurros cessarem, o que infelizmente não aconteceu:

Há algo que eu gostaria de mostrá-lo...! Venha aqui fora!

Dessa vez ele pulou da cama e disparou para o quarto de Thomas. Abriu a porta gritando:

Pai, uma coisa está me chamando lá fora!

Thomas gemeu e virou-se com dificuldade. O rosto amassado revelava sono.

O que foi? - perguntou, com a voz espremida e rouca - Quem está te chamando?

Ah, não fui lá ver... Só sei que é um fantasma, com certeza!

Volte a dormir, você estava apenas sonhando! - Thomas pegou o travesseiro de penas de ganso e o pôs debaixo da cabeça, tornando a roncar logo em seguida.

O garoto ainda balançou o pai duas vezes, desistindo quando se deu conta de que não o acordaria nem se a casa estivesse desabando. Voltou para o quarto emburrado e apreensivo, mas em vez de se deitar abriu uma fresta na janela. Meteu um dos olhos curiosos na abertura e observou. Não notou nada de estranho, e podia enxergar

muito bem, pois a luz da fogueira no centro da vila, que sempre ficava acesa para espantar lobos, somava-se à uma lua muito brilhante. É, sonhara apenas! Virou-se para deitar na cama, e quando puxava as cobertas, pôde escutar a voz mais uma vez:

Vanhardt, eu estou aqui porque tenho um segredo para te revelar! Não sou nenhuma assombração, pode me seguir sem medo! Venha aqui fora...!

O garoto sentiu uma curiosidade crescente. Seria uma assombração? Como poderia ter certeza? Ora, se fosse um fantasma, obviamente não revelaria sua identidade, e diria que não era uma assombração. Mesmo assim resolveu arriscar.

Vestiu um casaco de lã, bastante fino, que não servia de nada para proteger do frio. Mesmo sendo óbvio para o pai do garoto que este não sofria os efeitos do frio, acabava por hábito obrigando o menino a usar proteção para sair de casa. Calçou também uma bota e cuidou de sair silenciosamente. Não que achasse que seu pai acordaria com o barulho de seus passos, pois Thomas costumava dormir como um urso, mas de qualquer modo era bom prevenir. Olhou para ambos os lados e só via ruas desertas. A fogueira crepitava tranqüilamente no centro da vila, e uivos distantes de lobos podiam ser ouvidos. Onde estaria o dono da voz?

Siga-me!

Dessa vez ela veio do leste, próxima da casa de seu vizinho Eventorn Runcard. Não havia ninguém ali, entretanto. Correu para o local, começando a ficar irritado com a pessoa (ou fantasma!) que não se revelava. Sussurrou para não acordar outros habitantes da vila:

Onde você está? Por que não aparece?

Continue me seguindo e você vai me encontrar... Confie em mim!

A voz vinha do final da vila, e Vanhardt continuou a persegui-la. Os sussurros se seguiram, e guiaram o garoto, que não teve dificuldades em enxergar o terreno bem iluminado pela lua, para longe de Crivengart (Núbia, a deusa da noite, devia estar querendo

se mostrar para manter seu castelo lunar tão brilhante). Subiram e desceram um morro, e passaram próximos a um lago onde os crivengartenses costumavam pescar. Continuaram por quase uma hora, e quando Vanhardt não agüentava mais de cansaço, a voz sibilou:

Chegamos!

Vanhardt havia parado em frente a uma majestosa parede de gelo. Seu comprimento era maior que toda a vila de Crivengart, e tinha a altura de dois pinheiros empilhados um sobre o outro. O garoto aproximou-se lentamente, e pôde ver seu corpo refletido na parede de gelo. Tocou-a com as duas mãos pequeninas, e sentiu uma energia muito estranha, embora agradável, emanando daquela estrutura.

Pronuncie as palavras mágicas "Abartre daopeolg"! - a voz agora ecoava de dentro da parede de gelo.

O garoto abaixou as mãozinhas e fez como a voz mandou:

Abartre daopeolg!

Ouviu-se um estrondo enorme, e toda a estrutura começou a tremer. Vanhardt deu três passos para trás, e viu que metade da parede de gelo se abria para fora, como se fosse uma porta. Quando estava totalmente aberta, o garoto ficou cego por alguns segundos com a forte luz branca que emanava de seu interior. A visão logo se restabeleceu, e ele percebeu que o feixe de luz continuava saindo da abertura, mas era mais fraco e tranqüilizador. Hesitou: deveria entrar?

Venha! - a voz não era mais um sussurro misterioso, e sim feminina, meiga e graciosa.

Olhou para os lados, e constatou que ninguém o seguira. Então, com passinhos curtos e pouco decididos, Vanhardt atravessou lentamente o magnífico portal de gelo.

Capítulo III - *A Casa de Gelo*

O garoto, deslumbrado, entrou no que parecia ser um enorme salão, todo construído e enfeitado por cristais e gelo. As paredes eram brancas, um candelabro com cristais no lugar das velas pendia sob o teto e iluminava o ambiente. Uma mesa circular, transparente, repousava ao centro, com doze cadeiras ao seu redor. Além disso, à sua direita, havia uma lareira com pedras vermelhas que ardiam como brasas quentes.

O que mais surpreendeu Vanhardt, entretanto, não foi o maravilhoso salão. Atrás da mesa, em pé, com um singelo sorriso no rosto, havia uma linda mulher. A moça aparentava vinte e poucos anos, longos cabelos pretos, lisos, um rosto muito branco e delicado, um nariz pequeno e lábios bem vermelhos. Usava um vestido comprido, branco, bordado com estrelas prateadas.

Percebeu na mesma hora que era sua mãe, a deusa do gelo. A mãe que pensou ter perdido durante seu nascimento, mas descobriu ser uma deusa, estava ali, parada em sua frente. Todos esses anos sem uma mãe para poder abraçar e receber carinho, colo para chorar, incentivos e gargalhadas... Por que ela nunca o visitara? Por quê? Seus olhos começaram a ficar molhados, e as pernas tremiam. Os sentimentos se misturavam, uma enorme alegria e ao mesmo tempo uma imensa raiva se fundiam. Vanhardt era ainda um garoto, e enfrentava uma situação com a qual até um adulto teria dificuldades de lidar. Lágrimas passaram a escorrer por seu rosto, e o estômago estava frio e dolorido.

Meu querido... Eu sei o que você está sentindo! Venha aqui, abrace sua mãe! - A deusa do gelo estendeu os braços para frente.

O sentimento que predominava era raiva, muita raiva. Então era assim, ela o abandonava esse tempo todo, e um dia, quando sentiu vontade, resolvera aparecer para ele? Não, ele não permitiria que ela o machucasse mais ainda. Iria lhe mostrar toda a sua raiva, e devolver o sofrimento pelo qual passara durante esses anos.

Vanhardt apertou os dedos da mão direita com força, e disparou em direção à sua mãe. Brandiu o braço no ar, e quando estava pronto para dar um soco na mulher que o aguardava de braços abertos, desistiu, e desabou em seus braços chorando copiosamente.

Mãe... Mãe, não me abandone! Não me deixe nunca mais!

Os olhos de Leia também ficaram molhados, e ela abraçou o filho ternamente, sentando-se com ele no chão.

Não se preocupe meu querido Vanhardt, nunca o abandonarei! E saiba que estarei sempre ao seu lado, para auxiliá-lo e protegê-lo! Está me ouvindo? Nunca o abandonarei, nunca!

Vanhardt não soube quanto tempo ficou abraçado à mãe. Poderia permanecer ali eternamente, e seria o garoto mais feliz do mundo. Sentia o calor e o carinho que há tanto tempo desejava.

Ah, meu filho! Eu não apareci antes porque não achei que você tivesse idade para compreender... Fiquei com medo de que ficasse confuso, chocado, e me rejeitasse. Foi por isso que esperei até você crescer mais um pouco, para poder me apresentar.

E o que foi aquela voz que ouvi lá em casa? - perguntou o garoto, que continuava firmemente abraçado à mãe.

Fui eu mesma quem o chamou, por telepatia. Um dom que só pode ser compartilhado por mãe e filho. - Léia deu um longo sorriso, e apontou em seguida para o cômodo onde se encontravam, mudando de assunto - Está vendo essa casa? Levei muito tempo para construí-la para você. Venha, vou mostrá-la!

Léia deu a mão para o garoto, que a apertou com força, como se temesse soltá-la e nunca mais ver a mãe. A deusa do gelo guiou-o através de uma porta no canto esquerdo do salão. O aposento em que chegaram era ainda maior que o primeiro, e encantou o pequeno Vanhardt. Era cheio de brinquedos, como cavalinhos de cristais que balançavam, túneis de gelo que se encaracolavam como labirintos, vários balanços, uma piscina retangular com um trampolim e um escorregador, dezenas ursinhos de pelúcia e muitos outros objetos lúdicos.

E a água da piscina é quente! - comentou Léia enquanto Vanhardt olhava o quarto boquiaberto. - Eu via que os garotos de Crivengart não queriam brincar com você, por isso fiz esse quarto para que pudesse se divertir quando sentisse vontade!

Mas, mãe, não tem graça brincar com tudo isso sozinho... E também a água não precisava ser quente, não sabia que não sinto frio?

Ah, esqueci de mostrar seus novos amiguinhos. A água quente é para eles. Pepenjjs, venham aqui! - exclamou bem alto enquanto batia palmas com as mãos.

De um canto do aposento, onde Vanhardt reparou existirem vários iglus pequenininhos, saíram criaturas muito engraçadas que marchavam gingando o corpo de um lado para o outro, como pingüins. Seus pêlos eram brancos, tinham bicos amarelos, e produziam sons estranhos:

Pen! Pen! Pen! Pen! - gritavam enquanto se aproximavam de Vanhardt, que não ficou com medo.

Eles podem parecer desengonçados, mas são muitíssimo inteligentes e adoram brincar. Vão estar aqui sempre que você vier! - comentou docemente a deusa do gelo.

Vanhardt soltou a mão de sua mãe e gritou para os Pepenjjs:

Aí, pingüinzada, vamos ver quem dá o melhor mergulho! - correu e deu um pulo na água de roupa e tudo.

Os Pepenjis seguiram-no, fazendo o mesmo, cada um dando um mergulho mais elaborado que o outro. Vanhardt brincou horas com as criaturinhas, e mesmo assim não conseguiu utilizar todos os brinquedos. Léia passou o tempo sentada, observando o filho brincar. Estava muito feliz por ver que ele também estava. Em um certo momento, ela chamou o garoto:

Vanhardt, acho melhor você ir pra casa agora! Seu pai não sabe que você veio aqui, e deve estar preocupado!

Ô mãe! Só mais um pouquinho!

Outro dia, meu filho! A casa de gelo estará sempre pronta para recebê-lo. É só pronunciar aquelas palavras que te ensinei, e aí poderá entrar.

E você estará aqui, não é?

Nem sempre, pois também tenho outros deveres. Mas me esforçarei para visitá-lo o máximo que puder... Combinado?

Relutando por uns momentos, Vanhardt enfim concordou com um aceno de cabeça:

Hum-hum...

Léia acompanhou o garoto até a porta de gelo por onde ele havia entrado. Ela deu um beijo no filho, e afagou o seu cabelo.

— Então até logo, meu filho!

Até logo... - fez uma pequena pausa antes de completar - Minha mãe!

O garoto saiu pelo portal com o queixo por cima dos ombros, deixando o contorno da deusa bem no meio dos seus olhos. Achava que se a perdesse de vista, faria com que ela desaparecesse para sempre. Quando terminou de atravessar a porta, viu-a se fechar sozinha. Parecia tudo um sonho. No fundo ele fazia promessas consigo mesmo para que aquilo não fosse um sonho. Olhando ao redor, Vanhardt percebeu que já era dia, e o Sol apontava alto no céu. Seu pai deveria estar preocupado, porque ficara fora de casa bastante tempo. Conseguiu voltar facilmente para a vila, e certificou-

se de guardar bem o caminho. Tinha certeza que se armazenasse as informações daquele dia com muito cuidado, garantiria que tudo pudesse acontecer novamente.

Dentro de Crivengart, Vanhardt notou que os aldeões olhavam para ele, tanto adultos quanto crianças. Normalmente as pessoas o ignoravam, fingiam não vê-lo; agora tinham o olhar fixo em sua direção. Seria porque ele passou uma noite inteira fora de casa? Mas como eles descobriram? Acabou que o garoto nem se importou com isso. Estava tão feliz por ter encontrado a mãe que o olhar das outras pessoas não o perturbou. Virou-se para entrar em casa, e um garoto de cabelos vermelhos, bastante alto, o interpelou:

E aí, esquisito, resolveu fugir e desistiu no meio do caminho? - Rufus, seu vizinho, filho de Eventorn Runcard, mostrava um sorriso malicioso nos lábios. - Pois seria ótimo se você fosse embora, porque ninguém o quer aqui mesmo!

Cala a boca, Rufus! - exclamou Vanhardt, enchendo o peito de ar. - Eu tenho pessoas que me querem aqui, sim, e que me desejam o melhor!

Hahahaha! - Rufus riu maldosamente - Você é muito inocente, e estúpido também! Mas não o culpo, seu pai lhe deu uma educação muito ruim. Tem sorte de sua mãe ter morrido no parto, porque ela ficaria bem triste de ver que o filho é um idiota!

O sangue de Vanhardt ferveu. Não se incomodava de ser ofendido, já estava até acostumado. Mas não aceitava ofensas à sua família. Fechou a mão com força, estalando os dedos. Rufus tinha quase o dobro do seu tamanho, apesar de ser apenas dois anos mais velho. Sentia o próprio rosto ruborizar de tanta raiva, e calor no resto do corpo. Dessa vez tomaria uma atitude, pois era filho de uma deusa, e se lutasse contra um humano normal venceria facilmente. Arredou a perna direita um pouco para trás, e jogou violentamente o braço para o alto, mirando o rosto de Rufus. Era a primeira vez que brigava.

Capítulo IV - *Viajantes e Lobos*

Entrou em casa com um olho roxo e vários hematomas pelo corpo. Uma das costelas do lado direito doía terrivelmente, e chegou a acreditar que a havia quebrado. Levara uma boa surra de Rufus, e só não estava totalmente aborrecido porque também deixara um olho do adversário sangrando. Sua mãe nem quis auxiliá-lo na luta! Era uma deusa, poderia ter feito Rufus tropeçar, ou lançado uma tempestade de neve que o congelasse. Qualquer coisa que o ajudasse a vencer, e não passar vergonha na frente dos outros. Os poderes divinos do menino também não se manifestaram, o que deixava Vanhardt mais descontente ainda. É, talvez ela não o tivesse ajudado justamente para ensiná-lo a não sair no tapa com qualquer um que o provocasse. Thomas abriu a porta e tomou um susto ao ver o filho naquela situação:

Vanhardt, onde você se meteu? Passou a manhã inteira fora de casa, e aparece assim! Nossa, procurei você pela vila toda, estava muito preocupado... Mas o que aconteceu? Caiu de algum barranco, ou foi atacado por lobos? - o pai o fitava com olhos arregalados, assustados.

Não, pai, isso não foi nada. Eu fui... - relutou um pouco, pois não sabia se devia contar que havia se encontrado com sua mãe nem que tinha brigado com Rufus. - Pai, eu vi a minha mãe!

O garoto revelou toda a aventura ao pai. Não existiam razões para esconder o acontecimento dele, e acabou contando também sobre a briga que tivera com o vizinho. Por conta de tudo, Thomas colocou-o de castigo. Uma semana sem poder sair de casa. Se fosse

alguns dias atrás, o castigo nem o incomodaria, porém agora que descobrira um lugar maravilhoso para passar o tempo, uma semana preso faria

muita diferença. Saiu do castigo no terceiro dia, de tanto insistir com o pai.

Assim passaram-se muitos anos, e Vanhardt freqüentava a casa de gelo quase todos os dias. Cuidava para não ser seguido, pois se descobrissem o lugar aonde ia, podiam invadi-lo, e proibir o menino de voltar lá. Por horas sem fim brincava com os Pepenjís, mas via sua mãe poucas vezes. De certa maneira, isso o preocupava. Sempre que sua mãe não se encontrava na casa do gelo, uma intuição perversa brotava timidamente em seu peito, indicando-lhe que algo ruim lhe aconteceria. Mesmo depois de muita luta contra esses sentimentos, só se via seguro quando em outro dia encontrava a deusa do gelo. Quanto a seu pai, não o abandonara completamente, é claro, e uma vez até levou-o para conhecer a casa. Thomas ficou encantado, porém achou os Pepenjís bastante esquisitos.

Um dia, com doze anos e ainda pequeno se comparado aos garotos da mesma idade, Vanhardt viu sua mãe entrar na casa com uma expressão grave no rosto:

Vanhardt! Preciso de você agora! Quero que cumpra uma missão importantíssima para mim.

O garoto interrompeu a brincadeira, que era ver qual Pepenji ele conseguia atirar mais longe, e voltou os olhos curiosos para a deusa do gelo:

Hã? Uma missão? Qual?

Nesse exato momento, viajantes estão sendo atacados por lobos ao norte daqui. Se ninguém fizer nada, certamente eles morrerão! Preciso que você vá lá e salve-os, e depois os leve em segurança para Crivengart. Entendeu bem meu filho?

O quê? Viajantes? Lobos? E quem irá comigo?

Você irá sozinho, e tenho certeza que sairá vitorioso! - Léia segurou a mão de Vanhardt firmemente, encorajando o rapazinho. - Está pronto?

Mãe, eu não sei se conseguirei ajudar! Sou fraco, não sei lutar, e lobos são muito perigosos... Eu posso morrer! - Vanhardt mantinha os olhos bem abertos, e sua voz saía fraca da garganta.

Eu sei, mas nunca o enviaria para uma missão se não achasse que seria capaz de cumpri-la! Veja isso... - Léia estendeu a mão esquerda para o garoto e mostrou-lhe um pequeno tubo preto, todo ornamentado e cheio de furos. - Essa flauta se chama "Grito de Baal". Baal era um deus capaz de controlar os lobos. Há muito tempo atrás tive uma grande luta com ele, e felizmente consegui derrotá-lo. Foi assim que consegui essa flauta, que tem o poder de afugentar os lobos. Tome! E só soprá-la bem forte que eles não suportarão o seu som.

Com as mãozinhas vacilantes e visivelmente admirado, Vanhardt pegou a flauta. O item era belíssimo. Enchendo-se de coragem por ter uma arma fabulosa, disse à mãe:

Pode deixar comigo, não vou decepcioná-la! Lobos, preparem-se para enfrentar o terrível Vanhardt e sua arma mortífera, o Grito de Baal! - ergueu a flauta no ar, entusiasmado, e os Pepenjís começaram a gargalhar do papel ridículo que o garoto fazia.

Parem com isso, seus bundões! Está certo, me empolguei um pouco, mas é minha primeira missão!

Os Pepenjís continuaram a gargalhar, enquanto sua mãe sorria bondosamente para ele.

Vá logo meu filho, não se demore nem mais um segundo! Os viajantes podem morrer se você não for agora!

Procurando se mostrar sério, Vanhardt colocou a flauta na cintura e saiu da casa de gelo, se despedindo com um aceno de sua mãe e dos Pepenjís. O coração batia forte. Ele enfrentaria lobos, um perigo real. Gostaria que todos na vila pudessem vê-lo lutar contra

essas criaturas perigosas, e aí saberiam como ele era corajoso e talvez o respeitassem mais. Mas... e se ele morresse?

Nevava muito naquele dia, e o garoto correu rumo ao norte com a mão protegendo o rosto. Depois de subir uma colina, pôde avistar algumas centenas de metros à frente duas pessoas montadas em um cavalo que empinava e dava coices. Havia três lobos cercando os viajantes, latindo e tentando morder o cavalo. Eram lobos brancos, quase uma vez e meia maiores que seus parentes, os lobos das estepes, e infinitamente mais agressivos. Vanhardt desceu a colina com saltos longos, e, depois de se aproximar mais alguns metros, viu um dos lobos pular e morder a coxa direita do cavalo. Este empinou e derrubou seus cavaleiros, que caíram sobre a neve. Os animais ignoraram o cavalo e partiram para cima das duas pessoas que tentavam se levantar.

Ainda um pouco hesitante, Vanhardt sacou a flauta da cintura e soprou-a com força, fazendo o objeto emitir um guincho agudo. Os lobos caíram no chão, e começaram a uivar de dor. A flauta funcionara exatamente como sua mãe alertara. Aproximou-se das duas pessoas ainda soprando a flauta, e só aí constatou que eram um homem na faixa dos quarenta anos, calvo, uma barriga que insistentemente despontava sobre as calças, e uma menina que poderia ter a sua idade.

Era a menina mais linda que ele já vira em toda a sua vida. Os cabelos loiros, encaracolados, se esticavam sobre seus ombros. Tinha os olhos da cor de mel, nariz pequeno e delicado, e lábios bem finos que davam ao rosto ares de simplicidade e energia. A garota e o homem, de pé, olhavam para os lobos que uivavam e rolavam no chão. Vanhardt não se perguntou por que não conseguia desviar os olhos da menina.

Depois de sentir uma forte dor no braço, o jovem filho da deusa do gelo foi lançado ao chão. Ele havia se distraído por alguns segundos, e esquecera-se de tocar a flauta. Um dos lobos, que pulara

sobre ele, agora devorava o seu braço direito, e a flauta se encontrava na neve a poucos centímetros de sua mão. Gritava escandalosamente enquanto o lobo enterrava os caninos cada vez mais fundo. Era uma dor insuportável. Vanhardt viu o céu girar e se tornar cada vez mais embaçado. Sentiu que suas forças lhe abandonavam. Antes que desmaiasse, porém, levantou a mão esquerda e deu um violento soco na cabeça do lobo, tirando-o de seu braço. À sua direita a flauta negra continuava deitada sobre a neve. Lançou a mão rapidamente em sua direção, mas foi impedido de pegá-la por outro lobo que abocanhou-a primeiro. Apesar de imaginar que a situação não podia piorar, Vanhardt viu o impossível acontecer: o lobo mordeu a flauta, que fez um "creck" antes de cair partida ao meio no chão. Piscou os olhos sem acreditar no que via. O lobo quebrara a flauta, um objeto divino! Mas como...?

Levantou-se rapidamente, e se viu cercado pelos três lobos que rosnavam mostrando os dentes. Olhou para o lado e reparou que o senhor calvo pegara uma faca e aplicava golpes no ar, ameaçando um dos lobos, enquanto a menina agarrava-se à sua cintura. O que faria? Estava sem sua flauta, e não via outra maneira de derrotar os lobos. O homem, num movimento desesperado, avançou sobre outro dos lobos tentando feri-lo, e este instintivamente pulou sobre Vanhardt com a boca aberta. Os dois restantes fizeram o mesmo. O menino apenas fechou os olhos, e pensou em seu pai e depois em sua mãe. Ele sabia que morreria naquele momento. Seu braço sangrava muito, e doía indescritivelmente.

Capítulo V - *Calmaria e Tempestade*

Alguns segundos se passaram, e nada aconteceu. Vanhardt ergueu uma das pálpebras e viu que os três lobos corriam para longe. Ele então levantou a outra; os viajantes se aproximavam com passos lentos e sorrisos nos rostos. Por algum milagre desconhecido ele estava salvo. Só quando os lobos desapareceram do seu campo de visão, seu coração voltou a bater compassadamente.

— Ei, rapazinho! - falou o senhor calvo, surpreso - Foi muito corajoso em enfrentar esses lobos sozinhos! Eu e minha filha estaríamos perdidos se você não tivesse chegado a tempo! Mas você é uma espécie de feiticeiro, de mago, ou o quê?

Mago? Ah, eu acho que não... Por quê? - Vanhardt perguntou inocentemente.

Por causa dessas chamas que envolveram você logo antes dos lobos o atacarem! Parecia um dragão de fogo... Como fez isso sendo tão jovem?

Ah... nem sei! - olhou então para o seu braço banhado de sangue, e que ainda doía.

A garota interrompeu a conversa dos dois:

Pai, não o incomode com perguntas agora! Não vê como está ferido? Venha aqui, deixe-me cuidar disso. A propósito, eu sou Selena Risalv, e este é meu pai, Lionel Risalv. - ela puxou Vanhardt pelo braço e o levou até uma bolsa grande, de couro, que estava jogada no chão. O cavalo fugira com as outras.

Prazer! Eu sou Vanhardt Morh Daicecriv, e... Ai! - Vanhardt gritou quando Selena pôs uma pomada branca e mal-cheirosa sobre

o fermento.

Deixa de ser bebê chorão! Aposto que a mordida doeu muito mais que essa pomadinha aqui. Pronto! - disse, depois de enrolar um pano sobre o braço do menino.

O senhor Risalv colocou a mão sobre Vanhardt e falou com uma voz gentil:

Meu rapazinho, nós nem sabemos como lhe agradecer! Peça qualquer coisa que lhe daremos!

Vanhardt olhou para os dois. Ele não queria nada. Na verdade não queria nada de material, mas não se queixaria de um reconhecimento pelo heroísmo.

Não quero nada, não, senhor. Muito obrigado! Ficaria feliz se vocês... Ahm... Ah, apenas cumpri meu dever! - com um sorriso sem graça, ele estendeu a mão para o Sr. Risalv. Acabou se repreendendo por não ter perguntado à deusa do gelo se deveria pedir alguma recompensa dos viajantes.

Os dois se cumprimentaram satisfeitos, e Vanhardt se inclinou para frente numa reverência para Selena.

Milady...

Ei, o que foi? Não aceito isso de um herói. Sou eu quem deveria...- ela estendeu as pontas dos dedos para Vanhardt, que enrubescido, tentou um beijo galante, mas acabou salpicando de saliva a mão de Selena. A garota, secretamente, limpou a mão nas costas.

Bem, mas vocês dois estão num lugar onde não costumam passar muitos viajantes. - tornou o garoto, mudando de assunto e se recompondo da manobra completamente desajeitada. - De onde estão vindo?

Lionel Risalv tossiu e respondeu com a voz engasgada:

Er... nós estávamos vindo de casa... é, houve alguns problemas e... ah... humm, sabe como é, viemos parar aqui e... pois é, daí apareceram os lobos e o resto você sabe.

Percebendo o nervosismo do homem, Vanhardt não insistiu com outras perguntas. Com todos ali parados, se entreolhando, o garoto ficou indeciso por alguns instantes. Acabou oferecendo para levá-los à sua casa para que pudessem descansar, e o homem mais velho se mostrou novamente agradecido. Durante a caminhada Vanhardt não tirava os olhos da menina. Ele sentia um frio em seu peito, e ao mesmo tempo um calor... E seu coração estava pequenininho! O que seria isso? Que sentimento estranho e novo era aquele?

O tempo continuou a correr implacável como as areias de uma ampulheta. Lionel e sua filha Selena acabaram se estabelecendo na vila de Crivengart. Risalv era um ótimo ferreiro, e entendia muito de cavalos, portanto foi fácil para os crivengartenses o aceitarem. Para Vanhardt também não foi nada ruim, pois agora tinha uma amiga (bonita e simpática!) para brincar. Além disso, o pai de Selena fez questão de espalhar para os aldeões o heróico salvamento que Vanhardt executara, e estes começaram a conviver melhor com o garoto. Ele até, vez ou outra, era cumprimentado por algum menino da vila.

Não demorou para que Vanhardt fosse consumido por intensa ansiedade, e acabasse levando Selena para o seu lugar secreto, a casa de gelo. A menina ficou mais que encantada. Léia estava presente e revelou-se extremamente satisfeita de conhecer a amiga do filho. Ela pediu Selena, aliás, para não contar a ninguém sobre aquele lugar, a fim de que não surgissem problemas com desconhecidos de intenções pouco nobres.

Quando Selena se afastou para brincar com os Pепенjis, Vanhardt perguntou à sua mãe como os lobos que ele enfrentou anteriormente fugiram. Ela lhe respondeu que eram seus poderes latentes começando a surgir.

Nossa...! Mas por que a flauta se quebrou com a simples mordida de um lobo? Eu pensava que por ser um objeto divino ele era

indestrutível, ou no mínimo difícil de ser quebrado.

Acontece que o ponto fraco da flauta era justamente o seu alvo de ação: lobos. Pode parecer estranho, mas é muito comum no mundo dos deuses. Quando lutei contra Baal, por exemplo, utilizei o canino de um lobo para derrotá-lo.

Como uma máquina, o garoto insistia nas indagações:

Mas por que não consigo usar meus poderes divinos quando eu desejo?

Quando você nasceu já sabia andar? — Léia tinha uma das sobranceiras arqueadas.

Não...

E engatinhar, já sabia isso?

Er... É lógico que não, mãe!

Pois, então, podemos dizer que isso segue um princípio semelhante. Você teve de primeiro aprender a sentar, e depois engatinhar. Com o tempo foi ganhando mais segurança e desenvoltura, e aí foi capaz caminhar. Da mesma maneira, os poderes divinos que carrega em seu interior se desenvolverão por etapas. Por enquanto você está aprendendo a sentar. Só depois começará a engatinhar, e, passado algum tempo, caminhar, e quem sabe num futuro não poderá até correr? - Léia terminou a explicação com uma piscada. - Entendeu?

Eu acho que sim...

O jovem Vanhardt aproveitou um período de tranquilidade que dificilmente se repetiria em toda sua vida. Quando não estava na casa de gelo, com os Pepenjís, passava o dia com Selena brincando de correr, esconder, ou ensinando-a a pescar. As brincadeiras, aliás, espelhavam uma intimidade que parecia remontar de muitos anos.

Em um dia de verão, menos frio que os demais, Selena corria atrás de Vanhardt para espetar um graveto em suas costas. Nessa brincadeira, em geral, ela costumava sempre levar a vantagem, porém aquele era um dia bem particular. Com as variáveis

invertidas, Vanhardt depositava todas suas energias nas pernas, pois queria ficar o maior tempo possível correndo de Selena.

Eles subiram uma pequena colina, já arfando, e quando a garota sentiu que se aproximava do filho da deusa do gelo, deu um salto. De fato ela conseguiu acertar a ponta do graveto nas costas de Vanhardt. Entretanto, acabou trombando com ele, e os dois rolaram ladeira abaixo, abraçados um ao outro. Assim que chegaram ao pé da colina, dispararam a gargalhar com os corpos cobertos de flocos de neve. Vanhardt, delicadamente, limpou o rosto da amiga, e sentia uma emoção enorme apertando o seu coração. Os olhos de Selena estavam tão meigos que fazia o rapazinho querer roubá-los. Ternamente, os amigos se abraçaram e começaram a gargalhar, e dessa vez foi Selena quem se levantou e saiu correndo, com Vanhardt em seu encalço, de graveto em mãos, tentando acertar as suas costas.

Já em sua adolescência, Vanhardt viu seu corpo crescer rapidamente (não tanto quanto o dos outros garotos crivengartenses), e a voz engrossar. Pêlos apareceram em diversas partes do corpo, e até uma barba rala apontou. Sua amiga Selena também cresceu e se desenvolveu, deixando de ser uma garota e se tornando uma mulher completa.

Nessa época, já aconteciam episódios onde Vanhardt espiava a amiga por trás de cercas, apenas para vê-la conversar com o pai sobre fungos nas patas dos cavalos de Crivengart. Uma tentativa de beijo, frustrada por uma Selena que lhe deu as costas e saiu correndo. Uma segunda tentativa, que resultou em um beijo no canto da boca, e um respectivo tapa da menina. E uma terceira, na qual em lábios desajeitados se tocaram, mãos que não sabiam se ficavam na cintura ou no rosto, e o mais sincero e puro amor sendo compartilhado.

Aos vinte anos Vanhardt encontrou-se envolvido com os preparativos de seu casamento. Ele havia se tornado um homem

bem apresentável, os cabelos ficaram mais negros e os fios mais grossos. Os olhos se mantinham da cor da noite. Ele deixou a magreza da adolescência de lado para ganhar um pouco mais de massa muscular.

Sr. Risalv, por que está tão nervoso? Nem a noiva se encontra ansiosa assim, por que o pai dela estaria? - Vanhardt sorria para o homem que tremia e gaguejava.

Ah, é que... você sabe... Er, minha única filha se casando... e daí eu fico assim...

Vanhardt olhou desconfiado para o pai de Selena. Ele sabia que quando o homenzinho calvo ficava nervoso era porque escondia alguma coisa.

O que está me escondendo dessa vez, Risalv? Você não me engana. Desembucha!

Não é nada, nadinha. Claro que não é nada! Por que achou que eu esconderia alguma coisa de você? É óbvio que não...

Vanhardt continuou mirando o sogro, tentando perceber alguma expressão diferente que ajudasse a decifrar o que se passava naquela cabecinha redonda e com os fios de cabelo cada vez mais raros. Estava claro que ele não contara a verdade, mas o jovem notou que de nada adiantaria pressioná-lo. Esperaria outra ocasião em que ele estivesse mais tranqüilo, para arriscar nova abordagem.

Selena estava radiante naquele dia, com um belíssimo vestido azul claro. Foi um casamento simples, e mesmo assim o mais festejado em décadas na vila de Crivengart. Todos os habitantes compareceram; já tratavam Vanhardt com respeito e consideração. O rapaz nunca soube, mas sua mãe apareceu disfarçada àquela cerimônia que foi celebrada por um sacerdote de Daicevalor.

Com os poderes a mim concedidos, e com as bênçãos de Irlia, eu os declaro marido e mulher! - disse o sacerdote, pondo fim à celebração.

Seguiu-se uma festa onde todos dançaram e comeram bastante. Vanhardt e Selena estavam muito felizes. Só puderam sentir uma felicidade maior quando, meses depois, a jovem anunciou ao marido que estava grávida.

Não acredito... só pode ser mentira! - exclamou o rapaz com um rosto descrente.

As águas estão atrasadas há mais de um mês. Acho que sua mãe nos abençoou...

Eu vou perguntar a ela! - e Vanhardt saiu de casa, decidido.

O rapaz só confirmou o que sua esposa já tinha certeza: Selena esperava um bebê. Os meses passavam, e a cada um, os pais e os avós, ficavam mais e mais ansiosos. Vanhardt não parava de esfregar o barrigão da esposa, e de sentir os chutes do bebê. Às vezes ele ouvia vozes vindo da barriga de Selena, e sabia que eram o pensamento de seu filho. Obviamente não contou nada à esposa, que poderia ficar mais nervosa ainda. Durante oito meses ele voltou à casa de gelo apenas duas vezes, e mesmo assim só para visitar os Pepenjis, pois sua mãe não apareceu. Dizem que antes da tempestade, vem a calmaria. Mal Vanhardt desconfiava do terrível destino que se abateria sobre o bebê e todos daquela família.

Naquele princípio de primavera, pai e filho terminavam uma reforma no estábulo da vila. Como queriam terminar tudo naquele dia, Thomas pediu para Vanhardt buscar o almoço em casa, imaginando que comendo ali poderiam voltar ao serviço mais prontamente. Quando chegou em casa, o rapaz encontrou sua esposa rolando no chão:

Ai... É agora! É agora! - Selena se contorcia e bufava, e puxou o marido pela gola. - Vá chamar alguém AGORA!

Querida me larga, senão não poderei ir! - Vanhardt tentou aparentar doçura na voz, e, depois de um certo esforço, conseguiu tirar a mão da esposa de sua camisa.

Saiu de casa (eles estavam morando com Thomas, pois a casa era maior. Lionel não gostava nada disso, mas o casal o visitava sempre) e correu para o estábulo onde seu pai acabava de levantar uma cerca.

Pai, Selena está dando à luz! O que eu faço? O QUE EU FAÇO? - começou a balançar os ombros do pai desesperado.

Filho, me larga, senão não poderemos fazer nada - respondeu Thomas, que após considerável esforço, conseguiu tirar a mão de Vanhardt dos seus ombros.

Vá chamar nosso vizinho, Runcard. Enquanto isso, ficarei com Selena. Calma meu filho, ouviu bem? Calma! Estou certo de que sua mãe estará nos assistindo.

O rapaz saiu novamente em disparada, agora em direção à casa do vizinho. Bateu na porta três vezes com tanta força que quase a derrubou.

Oi? - Runcard tinha uma voz desanimada ao abrir a porta.

Minha esposa está tendo o bebê! Precisamos do senhor urgentemente!

Vanhardt seguia falando à medida que puxava o vizinho para sua casa.

Ei, quer me largar?! Espere um pouco, tenho que pegar uns instrumentos em minha casa primeiro!

O parto foi muito doloroso para Selena. Quando a cabeça do bebê apontou, Vanhardt percebeu que a esposa começou a ficar pálida, e parecia perder as forças. Ele olhou para o pai, e viu que Thomas engolia em seco, e também tinha o rosto branco. Entendera tudo. Selena iria morrer, como acontecera muitos anos atrás com sua mãe humana, Dóris.

Seu coração batia desesperadamente, e ele não sabia o que fazer. A cabeça do bebê saiu por completo, e Runcard ajudou a desprender os ombros, e finalmente retirar o neném, cujo choro revelou plena potência dos pulmões. Os olhos de Vanhardt pulavam do bebê para a esposa. Depois que o menininho saiu e desatou a chorar, Selena

desabou na cama exausta. O rapaz mal se decidia entre pular de felicidade ou gritar de desespero. Ignorando Runcard, que oferecera ao rapaz cortar o cordão umbilical, pegou a mão de sua esposa. Seu filho poderia esperar, a esposa não.

Selena, abra os olhos agora!

Obedecendo ao marido, ela abriu os olhos devagar. Depois pronunciou com uma voz fraca:

Não se preocupe querido... Sua mãe me disse que não irei morrer. Agora pegue o nosso filho. Quero dar uma boa olhada nele...

Com os olhos molhados, Vanhardt foi buscar o filho que chorava no colo do avô. Thomas havia cortado o cordão umbilical, e iria contar a proeza para a vila durante o dia inteiro.

É um rapazinho! E parece tão forte quanto você... - Thomas falou ao entregar o bebê para o pai.

A visão daquele ser tão pequenino entorpecia Vanhardt. Possuía uns cabelos ralos, loiros, como os seus próprios quando bebê. E não parava de chorar. Ele então pôs o bebê com bastante cuidado no colo da mãe, que tinha se sentado, mas ainda demonstrava bastante cansaço. Depois de olhar o filho longamente, ela disse:

Seu nome é Erick! Erick Mohr Vanhardt!

Querida, o nome do pai só vai para os filhos quando se trata de um rei ou de alguém muito importante!

É por isso mesmo que o nome dele será esse!

Mas eu já disse que...

Tudo bem, gente, só estamos nos esquecendo de uma coisa - Thomas interrompeu a discussão do casal - Onde está Lionel? Será que ninguém o chamou?

Nossa! É mesmo, nessa confusão nem me lembrei! Vou lá correndo! - Vanhardt deu um beijo em Erick e rumou para a casa do sogro que ficava do outro lado da vila.

Estava com um sorriso de uma orelha à outra quando bateu na porta. Certamente seu sogro ficaria muito feliz com a notícia, e faria

uma daquelas caras de espanto que só ele conseguia. Não suportou esperar que a porta fosse aberta, e depois de se certificar que não estava trancada, foi logo entrando. Parou de repente, e a cena que viu foi uma das mais aterrorizantes de toda a sua vida: Lionel deitado de bruços sobre uma grande poça de sangue no chão. Havia um punhal ricamente adornado cravado em suas costas, que reluziu ao ser atingido pela luz que penetrava através da porta. A pele dele estava tão branca quanto a neve, a pupila dilatada mirava o infinito, e o tórax não fazia movimentos respiratórios. Um corpo inerte que não mostrava mais sinal de vida.

Capítulo VI - O Rapto

O enterro foi triste, silencioso, frio. Ventos fortes do norte atiravam flocos de neve com fúria nos rostos das pessoas. A vila em peso compareceu, e estavam todos vestidos de branco (nas terras do Norte esta é a cor do luto). Thomas carregava o neto no colo, e Vanhardt abraçava Selena que não chorava, pois havia acabado com quase todas as lágrimas. Ela soltou-se do marido e se aproximou lentamente do caixão aberto.

O rosto de Lionel continuou branco, mas com feições tranqüilas, de quem dormia profundamente, diferente de quando Vanhardt o encontrara, quando parecia tomado de pânico. Selena tocou com carinho o rosto do pai, e ainda conseguiu derramar duas lágrimas rebeldes, que teimaram em sair. Depois colocou uma rosa entre os dedos dele, e deu um beijo nas bochechas do homenzinho calvo. Afastou-se sem dar as costas para o caixão, que foi fechado.

Dois homens com martelos gigantes cravaram pregos, lacrando a enorme caixa de madeira, e amarraram cordas nas duas pontas dela. Eles mesmos ergueram-na e a levaram para um barco a remo, ancorado na margem. As águas revoltosas por conta dos poderosos ventos dificultaram a remada até o centro do lago, local onde os homens com algum esforço desceram o caixão, utilizando as cordas. Quando este bateu no fundo do lago eles retornaram para junto do povo.

É a nossa tradição. Fizeram a mesma coisa com Dóris... - Thomas comentou ao pé do ouvido de Vanhardt, que enxugava as lágrimas. - Colocaram dentro do caixão muitas pedras, de modo que ele não irá

flutuar. Todos os nossos ancestrais repousam no fundo desse lago e em outros espalhados pela Terra do Gelo.

Eu só quero saber quem fez isso pai... Pois ele irá pagar por crime tão odioso e sem sentido! Lionel nunca fez mal a ninguém nessa vila. Quem teria ousado uma coisa tão hedionda e vil? - Vanhardt falava alto de modo que se o criminoso estivesse ali, escutasse.

Não deveria ficar pensando nisso agora. - tornou Thomas num tom mais baixo. - Você tem um filho que acabou de nascer, e sua esposa precisa de companhia. Eu vou procurar a deusa do gelo, pois ela deve saber de alguma coisa. Depois resolveremos o que fazer com o criminoso.

Mas, pai, você nem sabe como entrar na casa de gelo... Não consegue decorar as palavras mágicas.

E antes de você nascer, como acha que eu conversava com sua mãe? Não se preocupe com isso. Tome conta de sua esposa e de seu filho que do resto eu cuido.

Vanhardt e Selena voltaram pra casa com o pequeno Erick no colo da mãe, e Thomas tomou um rumo desconhecido. O bebê, apesar da morte do avô, mantinha um sorriso expansivo nos lábios. A mãe do garotinho se distraía ao vê-lo sorrir, e brincava com ele. Vanhardt também brincava com Erick, fazendo caretas, e podia jurar que o bebê compreendia tudo que estava acontecendo. Aquele dia tinha sido muito triste para os dois, e a única coisa que abrandava o clima pesado era o pequeno Erick.

Entraram em casa e Selena foi trocar a roupa do menino, pois ele tinha sujado as fraldas de pano. Enquanto isso Vanhardt foi fazer o almoço. Sentia-se muito cansado, e não parava de tentar imaginar quem teria matado Lionel. Ele se lembrou de quando, no dia do seu casamento, o pai de Selena havia ficado nervoso. Algo parecia perturbá-lo bastante. Ele nunca mais abordou o sogro - na verdade, até se esquecera daquele fato. Mas agora as lembranças voltavam como uma avalanche em sua cabeça. Escutou sua esposa cantar ao

trocar a roupinha do menino, e um sentimento relaxante, apaziguador, envolveu a sua mente e acalmou-o.

De repente, quando acendia fogo na lenha, viu a porta se abrir devagar com um rangido. Um vento frio invadiu a casa, e o rapaz se assustou ao notar que um desconhecido entrava pela porta. Vestia um capuz marrom que encobria o rosto, e uma capa da mesma cor, fechada na frente, que ocultava o resto do corpo. Uma corrente dourada pendia de um ombro ao outro.

Quem é você? - perguntou Vanhardt.

Eu...Eu sou Hilda! - o desconhecido baixou o capuz, e Vanhardt pôde ver que se tratava de uma mulher. - E vim aqui pegar o meu neto!

A mulher abriu a capa para os lados bruscamente. Era da mesma altura que Selena, magra, e tinha os cabelos ruivos e olhos azuis. Sem aparentar mais do que trinta anos, revelava uma beleza intimidadora. Usava uma blusa vermelha com decote, e uma saia cor vinho, que ia até o chão. As idéias fluíam velozes na cabeça de Vanhardt.

Foi você, não foi? Foi você quem matou Lionel! - gritou Vanhardt apontando para a mulher.

Sim, fui eu quem matou aquele inútil. E irei matar você também se tentar interferir - Sua voz era fria e o olhar malicioso. - Mande minha filha trazer o meu neto.

Mas por quê? O que Lionel fez para merecer morrer?

Bem, ele roubou a minha filha, não sabia? Mereceu morrer por isso! Agora chega de papo, não tenho tempo a perder. Não ouse fazer um movimento, ou serei obrigada a matá-lo também. E se não vai chamar sua esposa, deixe que eu mesma pego meu neto.

Hilda deslizou sobre o chão como se flutuasse, e dirigiu-se ao quarto onde Selena trocava o filho. Vanhardt correu em direção à feiticeira erguendo o braço para desferir um soco em suas costas. Ela esticou o braço direito com a mão aberta, e uma força invisível

atingiu Vanhardt em cheio, arremessando-o na parede. O jovem levantou atordoado e escutou o grito de sua esposa vindo do quarto:

NÃO! NÃAAAAAAO! LARGUE-O, SUA BRUXA!

Com Erick chorando escandalosamente no colo, Hilda deslizou de volta à sala, e seguiu para a porta da rua. Selena agarrou-se ao braço da mãe tentando impedi-la de sair:

Solte-o! Não leve o meu filho também... Não...! - a voz saía sem força, e lágrimas rolaram pelo seu rosto.

Vanhardt não podia ficar parado sem fazer nada, mas imaginou que não adiantaria investir contra a mulher como da primeira vez. Rapidamente pegou uma cadeira e jogou-a contra Hilda. Esta estendeu novamente o braço direito, e a cadeira desviou sua rota, atingindo Selena que foi derrubada no chão, produzindo um baque surdo.

Dessa vez, sem ser interrompida, Hilda saiu da casa, e Vanhardt correu para ajudar a esposa a se levantar, pedindo desculpas.

Não perca tempo comigo, salve nosso filho! - Selena empurrou o marido para fora.

Um cavalo negro, com a crina e os olhos vermelhos, esperava pela feiticeira do lado de fora. Ela puxou as rédeas do cavalo e subiu em suas costas, com o bebê bem seguro no braço esquerdo. Erick continuava a chorar e espernear.

Muito bom Pesadelo. Agora vamos pra casa! - murmurou a mulher ao ouvido do cavalo.

Antes que ela fugisse, porém, Vanhardt parou com os braços esticados em sua frente. Ela depositou os frios olhos azuis no genro, e por alguns segundos permaneceu parada. Já que o rapaz insistia em bloquear o seu caminho, merecia morrer como o velho Lionel. Com a decisão tomada, Hilda fechou a mão direita, apertando-a com força. Vanhardt sentiu dedos invisíveis pressionarem o seu pescoço, estrangulando-o.

Ughhhh... - inutilmente, a mão de Vanhardt tentava retirar uma força invisível que constringia seu pescoço.

Mãe, pare com isso! Solte-o, por favor! - gritou Selena.

Sua impertinência será a causa de sua morte. Eu avisei para ele não interferir...

Vanhardt caiu de joelhos no chão, e seu rosto vermelho e banhado de suor contraía-se em desespero. Ele nem via o que estava acontecendo à sua volta, e continuava tentando impedir a mão invisível de tirar o seu fôlego.

Mãe, largue-o agora! Ele vai morrer...!

É essa a minha intenção filha... Há!Há!Há! - Hilda gargalhou num tom agudíssimo - Mas tudo bem, vou lhe oferecer uma alternativa. Volte comigo para Avendorh, e poderá ver o seu filho todos os dias. Ou fique com esse paspalho e nunca mais tornará a ver o lindo Erick.

Selena olhou para o filho, e depois para o marido que já estava deitado no chão quase desmaiado. Correu para Vanhardt e abraçou-o com força.

Não irei abandonar nenhum dos dois. Solte meu marido e devolva meu filho!

Hilda abriu a mão, e pegou as rédeas de Pesadelo. Imediatamente Vanhardt parou de sentir o aperto no pescoço.

Você é uma idiota, como seu pai e seu marido. É melhor deixá-los vivos, para que sofram a dor da perda de um filho, como eu mesma sofri! - ela puxou as rédeas com força, o cavalo empinou e relinchou, e começou a cavalgar sobre o ar como se subisse uma ladeira invisível.

Vanhardt voltou a respirar, e viu Pesadelo flutuar vários metros acima do chão, indo em direção às nuvens. Levantou-se e continuou a olhar o ponto que foi aos poucos desaparecendo no céu. Sua esposa estava logo atrás de si, sentada no chão, arrasada. Ele pegou as mãos dela com delicadeza, ajudando-a a se levantar.

Primeiro meu pai... Agora meu filho. Sinto-me tão só!

Não se preocupe, eu juro que vou trazer Erick de volta! - Vanhardt falou calmamente enquanto abraçava a mulher.

Várias pessoas da vila, fora de suas casas, escutaram a gritaria e viram toda a cena. Eles olhavam com pena para o casal, e murmuravam entre si. Depois de alguns segundos todos se assustaram com a voz de Thomas que vinha correndo:

Vanhardt! Selena! Descobri quem matou Lionel Risalv - falou afobado o pai de Vanhardt, ao chegar ao lado dos dois.

Eu também pai. - tornou Vanhardt, que deixou Selena com Thomas.

No meio de uma tempestade de neve, com passos firmes e decididos,

Vanhardt seguiu para a casa de gelo. Era hora de perder a inocência.

Capítulo VII - *A Deusa da Morte*

Com olhar sério e testa franzida, Vanhardt entrou na casa de gelo e logo reparou em sua mãe sentada atrás da mesa no centro do salão. Ela usava um vestido longo, prateado, e seus olhos aparentavam preocupação.

Sente-se aqui meu filho - disse puxando uma cadeira. - Eu já soube de tudo o que aconteceu, não precisa me dizer nada.

Eu vou atrás de Erick. Vim aqui pedir a sua ajuda. Juro que nada vai me impedir de fazer isso - o rapaz sentou-se na cadeira que sua mãe lhe oferecera.

E certamente irei ajudá-lo. Mas antes que você saia numa jornada em busca de seu filho, eu tenho de lhe contar uma história. É sobre o meu passado. Por ser filho de uma deusa, é muito provável que você encontre pessoas que fizeram parte dele e deve ter total conhecimento da minha história para que não seja surpreendido. Entendeu?

Vanhardt confirmou meneando a cabeça.

Pois muito bem.

"Antigamente, eu não era conhecida como deusa do gelo. Possuía um outro nome, e outra identidade, que se perdeu ao longo de centenas de anos. Sei que você conhece todas as seis divindades maiores, meu filho. O que você não sabe é que eu era a sétima deusa do Panteão, Morgana, a deusa da morte."

Vanhardt revelou uma expressão um pouco assustada. Porém, antes que um sentimento de desconfiança tomasse conta do rapaz, sua mãe continuou:

Não tema, Vanhardt. Eu era a deusa da morte, mas nem por isso desejava a morte dos seres, A minha conduta era ajudar aqueles que morriam a fazer uma transição tranqüila, sem dor. Ou então causar dor suficiente aos que mereciam. Tenha isso bem claro em sua mente; a morte não é um fim, mas uma transição. Só não iremos nos ater a isso no momento. Outro dia lhe explicarei melhor os mistérios da vida e da morte.

"Nem todos os habitantes de Kether denotavam bons olhos para essa que vos fala, e com alguma razão. Isso porque meu irmão Justus, o líder do Panteão dos deuses, muitas vezes recorria a mim quando precisava punir povos específicos.

Nessas épocas, eu recebia a tarefa de espalhar pragas sobre tais populações, a fim de punir os crimes que porventura eles houvessem cometido. Apesar da desconfiança de uma parcela dos Ketherianos, eu possuía sim, muitos seguidores. Eles não me pediam para viver mais, pois sabiam que isso não era possível, mas que tivessem uma morte pacífica; e eu os atendia."

"Quanto aos meus irmãos de status, sempre cultivei um bom relacionamento. Apesar de ser a mais nova de todos, não deixava de cumprir com as minhas obrigações, e nunca revelava fraqueza. A única deusa com a qual mantinha certo atrito era Bel, a deusa da vida, rixa até natural pelas nossas convicções: ela cuidava de tudo relativo à vida, e eu do seu oposto, a morte."

"Um determinado dia, quando estava em meu castelo, envolvida com alguns importantes afazeres, fui interrompida por barulhos que vinham do lado fora. Mal sabia eu que aquele seria o dia mais sórdido e terrível de toda minha existência. Entrei em contato telepático com Anael, o general de minha guarda de elite, os Anjos da Morte, e perguntei-lhe o que acontecia. Anael parecia preocupado, e informou em poucas palavras que estávamos sendo invadidos. O general já havia mobilizado criaturas, armadilhas e

todas as outras defesas do castelo, e acreditava que os invasores logo seriam debelados."

"Intuitivamente senti que aquele não era um ataque qualquer. A preocupação de Anael não condizia com a intensa mobilização dos veículos de defesa do castelo. Insisti para ele não encarar o inimigo de frente, o que não adiantou nada. Apesar de valente e líder nato, motivo pelo qual se tornou general dos Anjos da Morte, Anael nunca foi muito disciplinado,"

"Dirigi-me então ansiosamente até a fonte no centro do salão, e pedi para que ela me mostrasse a batalha. A visão se revelou mais aterradora do que o meu pior pesadelo. Dezenas de milhares de criaturas adentravam o castelo, como se fossem uma massa negra devorando o que via pela frente. Individualmente tinham a altura de seres humanos, e vestiam uma capa preta que cobria o corpo inteiro. As mãos que saíam de dentro das capas eram constituídas unicamente de ossos putrefatos, e empunhavam espadas enferrujadas. Demoraram apenas alguns segundos para tomarem o perímetro externo da minha fortaleza, e logo estavam no pátio central, superando as armadilhas e dizimando as tropas de defesa. Nesse ritmo não tardariam a me alcançar. Como um exército daquele tamanho pôde ser reunido? Como eles chegaram até o meu castelo sem que eu fosse previamente alertada?"

"Sem perder mais tempo, peguei minha foice, a poderosa Flama, e fui para a porta do corredor. Antes que eu saísse, Anael entrou pela porta, segurando com a mão a barriga ensangüentada. Exaurido de todas as forças, o general dos Anjos da Morte caiu aos meus pés, de joelhos, e suas últimas palavras foram:"

'Desculpe-me vossa magnificência... Eles são muitos... Estão todos morrendo, até mesmo nós da guarda de elite... Ele nos...'

"E desabou completamente no chão. Toquei o seu pescoço, mas não senti nenhum fio de energia vital. Sons de passos vieram do corredor, e quando olhei, vi que 'Ele' estava parado sob o arco da

porta. Usava uma pesada armadura prateada, dos pés ao pescoço. No rosto, um elmo com o formato de caveira, e dois chifres brancos. Podia muito bem notar seus olhos vermelhos, ardentes, por detrás da máscara que escondia o rosto. Ele também segurava uma espada, muito diferente de todas que eu já vira. A lâmina era grossa e serrilhada em toda sua extensão, e exibia um punho longo, com duas projeções semelhantes a caninos cobrindo a mão de um lado e de outro."

"Com Flama nas mãos, voei em sua direção, girando-a para atingir o pescoço inimigo. Sem demonstrar muito emprego de força, ele ergueu a espada, acertando Flama em cheio. Um som estridente, e minha foice imediatamente voou pela janela. Naquele momento eu soube que não venceria a luta. Não poderia me teleportar para fora do castelo, pois isso gastaria segundos de que eu não dispunha. Usando uma velocidade ampliada, tentei sair pela porta dos fundos, mas o invasor atirou a espada nas minhas costas."

"Vanhardt, nem sei descrever o que senti quando aquela arma atravessou meu corpo. Foi como se toda a minha força tivesse sido sugada instantaneamente pela lâmina fria, e quando me dei conta, já estava ajoelhada no chão com uma dor inimaginável. Ele então se aproximou lentamente, e retirou a espada com um puxão. Pude ver suas pernas parando na minha frente."

"O invasor ergueu a espada com o braço direito, e desceu-a na direção do meu pescoço. Só uma manobra magnífica evitou minha morte: antes do golpe, transportei as energias que me restavam para uma mosca que passava próximo a uma janela. E só por muita sorte não fui notada."

"De posse daquele corpo de inseto, fugi o mais rápido que pude do castelo, com medo de que ele descobrisse a minha manobra, e assim me encontrasse. Voiei por quilômetros, e por um tempo incontável, visto que para um inseto este se mostra de modo diferente, e acabei me deparando com a terra do gelo. Quando

pousei, assumi a forma humana, ainda abalada com o que havia acontecido. Foi tão rápido! Em cerca de poucos minutos perdi o que havia construído durante toda uma existência. Minha casa, meus amigos... Tudo irrecuperável! No mundo dos deuses, o que faz de cada um aquilo que ele realmente é, se chama *quantun*, e representa a energia divina de cada entidade. E os meus praticamente se esgotaram depois daquela virada de mesa. "

"Recolhi-me então numa caverna que encontrei ali perto de onde pousara. Aquele lugar parecia seguro, e resolvi hibernar por vários anos, pois precisava meditar sobre tudo que acontecera. Palavras são insuficientes para descrever o vazio que se apossou de mim. Quando acordei, chorei uma única lágrima. Não sabia quem fizera aquilo comigo, mas tinha certeza que era um de meus irmãos de status, porque nenhum mortal, nem mesmo um deus menor, teria poder para tanto. Mas quem? Pensei em todos eles, e não me decidi por nenhum. Nem mesmo por Bel, a deusa com quem eu mais revelava atrito. De qualquer modo, sentia que Justus estava em débito comigo. Ele era o líder do Panteão, e poderia ter impedido que isso ocorresse. Resolvi precavidamente assumir uma nova identidade, a de deusa do gelo, que combinava com o lugar onde estava e com meu estado interior. Era melhor que o invasor acreditasse que eu havia morrido, para não iniciar uma perseguição."

"Aos poucos fui me reerguendo. Derrotei várias criaturas, ganhei seguidores e servos. Passados muitos anos, já havia me tornado bastante conhecida nas redondezas. Descobrir quem havia feito aquilo comigo se tornou a minha motivação. Mas para isso eu precisava crescer, pois se voltasse a enfrentar esse ser maligno, deveria estar muito mais forte que antes."

"Centenas de anos depois, quase um milênio, com meu castelo de cristal recém-construído, acabei me deparando com um pedido muito especial. Era de um lugar onde eu não apresentava seguidores, uma vila chamada Crivengart. Fui ver qual era o pedido:

um senhor que não tinha filhos, e necessitava de ajuda para sua mulher engravidar. O resto você sabe meu filho, meses depois você nasceu."

Ao fim da história da mãe, Vanhardt sentia a cabeça doer um pouco. Ele descobrira todo o passado da mãe, algo que o deixava triste e ao mesmo tempo curioso. Quem poderia ter traído a deusa do gelo, ou melhor, a deusa da morte?

Até hoje não descobri quem foi o traidor, mas tenho certeza que esse dia irá chegar. Mas não vá você achando que contei essa história inutilmente. Lembra-se de quando eu lhe disse que ao chegar à terra do gelo, me refugiei em uma caverna, e chorei uma única lágrima?

Sim...

Pois veja bem: essa lágrima caiu no chão como se fosse uma semente, e cresceu. Centenas de anos depois, deu origem a uma planta extraordinária, e dentro dela, um ser que só você será capaz de libertar. Um calor muito grande, o seu calor divino, quando entrar em contato com a planta, acordará esse ser, que também é parte de mim. Para que sua jornada seja bem sucedida, será indispensável que o leve junto, pois ele provará ser de grande ajuda.

Certo. E onde fica essa caverna?

Preste bastante atenção nas direções. Espere o sol raiar, e saia de Crivengart, no sentido sul. Ao meio dia siga para o sudoeste, e continue nessa direção por sete dias. Não se desvie nem um pouco, ou não encontrará a caverna. Entendeu bem?

Hummm... Espero que sim! E quanto ao castelo de Hilda, como saberei onde fica?

Feche os olhos e relaxe.

Vanhardt obedeceu, e segundos depois uma imagem se formou - o castelo, cercado por um lago, e um rio que vinha do sul. O nome desse rio saltou em sua mente, *Durande*, e depois ele viu uma cadeia de montanhas ao leste que sabia serem as Montanhas Traíçoeras. Então era ali que ficava o castelo da feiticeira.

Ótimo, eu vi onde fica. Mas mãe, por que você não me mandou também essas visões do lugar onde fica a caverna? Seria bem mais fácil para encontrar...

E seria bem mais fácil para alguém como Hilda vasculhar a sua mente e descobrir onde fica a caverna, lugar que eu gostaria de manter intocado. Se você ficar apenas com as direções, logo esquecerá, e assim Hilda não poderá descobrir a localização - deu uma boa olhada em Vanhardt, e depois continuou. - Agora, boa viagem meu filho!, e não se preocupe. Mesmo daqui, estarei acompanhando-o.

Eu sei, mãe. Obrigado!

Nem precisa me agradecer. Eu que lhe devo desculpas, por não ter sido capaz de impedir que seu filho fosse raptado. Apesar de deuses, não somos tão onipotentes e onipresentes...

Tudo bem, mãe, tenho certeza que se você pudesse não teria deixado aquilo acontecer. Vou voltar para casa agora, pois tenho alguns preparativos para a minha jornada. Adeus!

Adeus não, até logo.

Então até logo!

Já era noite quando Vanhardt saiu da casa de gelo, depois de se despedir dos Pepenjis. Ele estava bem mais animado. Além de saber aonde ir para encontrar Erick, encontraria um ser indicado por sua mãe para auxiliá-lo nessa jornada. Chegou em casa e viu Selena no quarto, deitada na cama. Tinha os olhos inchados, o rosto mais abatido do que quando o pai falecera. Vanhardt tocou levemente os seus cabelos e contou apenas que sua mãe o ajudaria a pegar o filho de volta.

Não irei falhar meu amor, pode acreditar. Agora prometa-me que não irá chorar quando eu partir.

Eu prometo... - sussurrou a mulher com um rosto triste. - E você também prometa o mesmo.

Eu prometo - disse, convictamente.

Depois de avisar ao pai de sua decisão de ir buscar o filho, voltou para o quarto e notou que Selena dormia profundamente. Havia muitas perguntas que gostaria de fazer à esposa; sobre a mãe dela, o pai, por que foram aparecer em Crivengart. Pelo que parecia, eles fugiram de um lugar chamado Avendorh... Preferiu não promover o interrogatório - a esposa já sofrera demasiado, e mais perguntas só trariam mais dor. Além disso, as respostas que ela pudesse dar não adiantariam de muita coisa. Então resolveu fazer o mesmo que Selena, dormir, pois seu corpo e mente também pediam descanso. O dia seguinte seria de muitas outras surpresas.

Capítulo VIII - *A Caverna e o Ser Divino*

Despertou naquela manhã antes do Sol nascer. Selena permanecia deitada na cama, e não acordou mesmo quando ele trocou de roupa. Parecia dormir profunda e tranqüilamente, e Vanhardt teve pena quando, de leve, acariciou o seu rosto fazendo-a acordar. Ela abriu os olhos devagar, e abraçou longamente o marido. Ficaram assim durante alguns minutos, e depois se entreolharam. Os dois não derramaram uma lágrima sequer naquela despedida, como haviam prometido na véspera, e as únicas palavras trocadas foram:

Eu te amo!

Eu te amo, e sempre estarei com você! - respondeu Vanhardt, apertando a mão da esposa contra o peito.

Vanhardt saiu do quarto e encostou a porta de leve, deixando Selena lá dentro. Ele nunca saberia, mas sua mulher quebrou a promessa e chorou copiosamente depois de sua partida. Seu pai, que estava de pé atrás da mesa da cozinha, havia lhe preparado um chá e também um bolo. Os dois comeram calados, sem pressa, e depois da refeição Vanhardt encheu a mochila com comida para pelo menos uma semana de viagem. Supriu-se também de outros itens como pederneira, faca, tocha, óleo, corda, saco de dormir, dentre outros. Pegou ainda uma lança, que amarrou às costas, arma que lhe poderia ser útil caso encontrasse algum perigo. Pôs também uma adaga nas botas por precaução. A despedida de seu pai foi igualmente silenciosa. Eles abraçaram-se fortemente, e Thomas deu tapinhas de encorajamento em suas costas. Quando Vanhardt já estava se esgueirando tristemente para fora de casa, seu pai gritou:

Vai mesmo trazer o pequeno Erick de volta pra nós, não é?

Prometo que vou, pai! - o jovem respondeu se esforçando para acreditar em suas palavras. Depois virou-se e não olhou mais pra trás, e por isso não viu sua esposa correr até a porta para vê-lo partir.

A pequena vila de Crivengart estava deserta àquela hora, na qual o sol se encontrava escondido atrás das montanhas ao leste, e Vanhardt mal via onde pisava devido à escuridão. Quando deixou os limites da vila, sentou-se no chão, e se lembrou da conversa que tivera na véspera com sua mãe, refazendo mentalmente os passos para chegar até a misteriosa caverna. Ele precisaria estar bastante atento, pois um mero desvio na direção faria com que ele não atingisse seu destino.

O jovem Vanhardt obedeceu às indicações da deusa do gelo, esperou o sol raiar e seguiu para o sul. Essa curta caminhada foi tranqüila, e ao meio dia virou para o sudoeste, seguindo até anoitecer. Os cinco primeiros dias e noites passaram sem nenhum contratempo. A paisagem não mudava muito, era sempre o mesmo branco no horizonte, vez ou outra uma floresta de pinheiros que resistiam bem ao frio, e pegadas de animais no chão, quase todas de lobos. À medida que caminhava, seus passos iam deixando marcas no chão, que logo desapareciam devido aos flocos de neve que caíam vez ou outra. A terra do gelo era sem dúvida um dos lugares mais bonitos de Kether, e ao mesmo tempo um dos mais melancólicos.

Vanhardt comia duas vezes: ao meio dia e de tarde, antes do anoitecer, e dormia precavidamente com uma fogueira acesa ao lado. Passou muito tempo refletindo sobre os últimos acontecimentos que o haviam levado até ali. Acontecera tão rápido que só agora tivera calma para endireitar as idéias. Uma mulher chamada Hilda, sua sogra, apareceu e matou o marido. Depois ela roubou o neto, e disse algo sobre Selena e Lionel fugirem de Avendorh, e que deixando ele, Vanhardt, e Selena vivos estaria infligindo a mesma dor pela qual passara. O que dava para entender de tudo aquilo era: Lionel fugira

com Selenia, Hilda sofrera muito, e depois que os encontrara matou o marido e roubou o neto. Mas por que não roubou a própria filha ao invés do neto? E por que Lionel fugiu de Avendorh? Essas e outras perguntas continuariam sem resposta, pelo menos por enquanto.

Na manhã do sexto dia, o jovem filho da deusa do gelo passou a enfrentar uma tempestade de neve terrível. Enxergava mal, pois a neve caía forte, e a luz do sol quase não penetrava a densa muralha branca que se formava. Com isso sua visão turvou-se, e teve dúvidas se estava na direção correta. À noite, a tempestade havia terminado, e Vanhardt pôs-se a pensar se não seria sua mãe que lhe mandara aquela tormenta. Se ela era a deusa do gelo, teria controle sobre tais fenômenos. Era estranho, contudo, o fato dela querer dificultar a sua jornada.

Durante o sono do rapaz, mais um evento ocorrera, mas que ele só foi notar ao acordar pela manhã: sua mochila não estava mais ali, e surgiram várias pegadas espalhadas pela neve. Analisando-as cuidadosamente, percebeu que lobos das estepes passaram no local onde ele dormira, e roubaram a sua mochila, provavelmente atraídos pelo cheiro de comida que ainda restava dentro dela. Por sorte eles não o atacaram. Agora estava sem suprimentos, munido apenas de sua lança, que encontrou jogada um pouco mais à frente e amarrou outra vez às costas. Também não perdera a adaga que estava presa na bota. Sem comida e sem bebida, pois os cantis tiveram o mesmo fim que a mochila, começou a sentir que talvez a jornada não terminasse como ele esperava.

Em seu último dia de caminhada, não tirou um minuto sequer da cabeça o pensamento de que estava andando na direção errada. Aquela tempestade de neve fora muito forte, e se ele tivesse desviado alguns graus no rumo que tomava, certamente não chegaria à caverna. Poderia ficar semanas perdido, e sem alimento acabaria morrendo. Seria um final patético, pois sua jornada mal havia começado!

A marcha se tornara problemática porque, com a tempestade, uma grossa camada de neve cobriu o chão. Resolveu seguir orando para a deusa do gelo, sua mãe, a fim de que ela o ajudasse e o protegesse. E, parecendo que esta ouvira suas preces, na metade do sétimo dia, faminto e cansado, Vanhardt viu a entrada de uma caverna incrustada numa montanha coberta de neve.

Mas e se alguém já tivesse entrado? Depois de tantos anos, não seria de se estranhar que uma pessoa tivesse passado por ali. Ladrões, saqueadores, ou mesmo viajantes, todo tipo de gente poderia ter visitado o local. E se fosse assim, provavelmente ele não encontraria a ajuda que sua mãe lhe prometera. Percorreu os últimos metros imaginando tudo isso, e também como faria para enxergar lá dentro, pois estava sem sua tocha e a pederneira para acendê-la. Teve, pois, uma surpresa ao chegar à entrada.

O túnel era bem largo, cerca de cinco metros de diâmetro por três de altura. Dez metros avançando dentro dele podia-se ver a parede dos fundos, que era toda recoberta por cristais brilhantes como sóis. Eles apresentavam luz própria, e iluminavam uma planta, similar a uma roseira, mas bem maior, incrustada na terra. O caule tinha muitos espinhos, e na ponta, que ficava a um metro e meio do solo, uma rosa do tamanho de um útero gravídico. Vanhardt aproximou-se devagar, admirando a beleza da planta e dos cristais. Parou a um passo da roseira, fascinado, e só aí pôde constatar que a flor estava fechada. Lembrou-se de novo do que sua mãe lhe dissera há vários dias.

Quando a deusa do gelo hibernou naquela caverna, estava muito triste por ter sido traída, e chorou uma única lágrima. Esta lágrima teria dado origem a um ser que o ajudaria prontamente. Para acordá-lo, Vanhardt deveria transmitir a esse ser um calor muito grande, um calor divino! Só ele poderia fazer isso, pois possuía tal calor em seu corpo devido à sorte de ser filho de um humano e uma deusa.

Vanhardt esticou lentamente a mão para a flor vermelha, mantendo os olhos bem abertos. Tocou-a com o dedo indicador, e retirou-o de imediato, pois viu que as pétalas se moviam. O calor divino do jovem fez com as pétalas exalasse um doce perfume na medida em que se abriam. Uma criaturinha parecida com um ser humano foi se revelando dentro da rosa, cabelos verdes como musgo, vestida com uma roupinha vermelha, feita de pétalas, e não mais do que vinte centímetros de altura. Ela estava deitada, com os olhos fechados, dormindo profundamente. Quando a luz branca dos cristais atingiu seu rosto, ela acordou, batendo os cílios repetidas vezes, e protegendo os olhinhos verdes inutilmente com as mãos. Vanhardt não conseguia falar nada, boquiaberto, e apenas observava a pequenina se espreguiçar e se levantar. Ele reparou que ela apresentava asas nas costas; era uma fada, um ser sobre o qual ouvira histórias quando ainda era criança, mas que nunca havia visto. A fadinha então resmungou:

Ai...ai...cansei de tanto dormir, credo! Olá!

Er... Olá!

Qual seu nome, ô menino? - perguntou a fada enquanto batia as mãos distraidamente em sua roupinha, como se tirasse a poeira.

Meu nome é Vanhardt Mohr Daicecriv, ou apenas Vanhardt. Sou filho de Léia, a deusa do gelo, sua criadora! Mas não sou menino, tenho vinte anos! E você, qual o seu nome? Você tem um nome não é?

Claro que tenho um nome! - respondeu exaltada a criatura que mais parecia uma bonequinha com asas - Se você tem um nome, então eu também tenho um nome!

E qual seria?

E qual seria o quê? O meu nome ou o seu nome?

Lógico que o seu nome! - Vanhardt exclamou, já bastante irritado com a fadinha. - O meu nome eu já sei, quero saber o seu, tonta!

Não deveria dizê-lo para alguém tão grosso! - falou indignada com o tratamento do visitante. - Uma fada tão linda e simpática como eu merece mais consideração!

Grosso, é? Então tudo bem, sua anãzinha metida, fique aí na sua flor que eu tenho mais o que fazer!

Virando as costas, Vanhardt começou a caminhar emburrado para a saída. Não queria ficar ali batendo boca com uma fada metida e perdendo tempo, enquanto seu filho estava preso nas garras daquela feiticeira.

Tudo bem, espere! - tornou a pequenina humildemente - Meu nome é Alilandra...

Vanhardt parou e voltou os olhos para a fadinha. Esfregou a mão no queixo pensativo, enquanto mirava-a de cima a baixo.

Alilandra? Não, esse nome não é bom...

Como assim "não é bom"? - a fada pôs as mãos na cintura.

Um nome muito grande para um ser tão pequeno. Seu nome... Seu nome daqui para frente será "Lila". E aí, o que achou?

Hmmm...Não sei...

Só diga se gostou ou não!

-- Talvez.

Ótimo! Então vamos!

O jovem se apressou a caminhar para a saída da caverna, porque queria ir de uma vez ao castelo de Hilda. Se sua mãe dissera que a fada seria indispensável para sua jornada, ali estava ele com a dita cuja, e agora poderia continuar. Mas Lila ainda permanecia em sua flor:

Ei, ei, calminha aí!

O que foi agora? - resmungou o rapaz.

Espere um pouco, não notou que falta alguma coisa?

— Como assim?

Você me lembra depois de um sono de mais de trezentos anos, e assim que nos apresentamos, você sentencia: "vamos". Não é bem

assim que as coisas funcionam. Em primeiro lugar, pra onde vamos?

Para o castelo de uma feiticeira, seu nome é Hilda. No caminho explico a história toda, mas em resumo; ela pegou o meu filho e vou lá para buscá-lo de volta.

Mas por que ela pegou o...

Eu já disse que depois te explico!

Está bem, está bem! E onde fica esse castelo?

Menos ansioso, Vanhardt respondeu:

Segundo minhas visões, ele fica ao oeste, do outro lado das Montanhas Traíçoeras. É próximo a um rio que banha aquela região.

Sei... E você estava pensando em fazer o quê? Atravessar as montanhas e marchar direto ao castelo?

Humm... sim!

Nossa, como é burro! E por que acha que as Montanhas Traíçoeras têm esse nome? É porque são traíçoeras! Nenhum homem conseguiu atravessá-las vivo! Ou morreu congelado, ou foi devorado por alguma criatura. Na melhor das hipóteses voltou antes da metade do caminho! É por isso que todos que desejam cruzá-las fazem o desvio pelo sul, que é bem mais demorado...

E como você tem posse de todas essas informações se ficou dormindo aí durante mais de mil anos? - perguntou intrigado com a inteligência da fadinha.

Trezentos anos! Antes disso eu era apenas um embrião, então não conta. Está me chamando de velha?

Não, claro que não. Responde logo de uma vez!

Humpf! Como você mesmo disse, sou parte da deusa do gelo, antiga deusa da morte. Eu tenho parte de suas memórias. Não todas, mas muitas delas.

Ah... bem, você pode me ajudar, certo? Vai me fazer ultrapassá-las em segurança, não é? Quem sabe você não cria um jeito de voarmos num cavalo até o outro lado das montanhas. Assim seria fácil chegar até o castelo.

Não, nem pensar! - balançou a cabeça negativamente - Primeiro: não sou forte o bastante criar cavalos! Segundo: fazê-los voar demanda uma quantidade muito grande de energia divina, e eu não tenho tanta...

E, então, como vamos fazer?

Olhe só...

A fada voou e ficou em frente ao rosto de Vanhardt, e começou a girar os bracinhos em círculos, pronunciando palavras mágicas:

Uzla... Coterpoa!

De repente, uma luz azul, como um lençol de seda, foi descendo sobre o jovem. Ela saía das mãos de Lila e ia se estendendo da cabeça aos pés dele, tomando o aspecto de uma bolha azul. Quando a luz tocou o chão, a fada falou:

Pronto! Criei um escudo de energia muito especial! Com ele, não vai sentir nenhuma fome, sede, cansaço, frio ou calor ao extremo, e só precisará dormir apenas uma hora por dia!

Hummm... Interessante...- Vanhardt cutucava o escudo com o dedo indicador, que se acolchoava à medida que ele aprofundava-o.
- Muito interessante!

Não adianta, não vai rompê-lo desse jeito! Só com uma pancada muito forte, ou por minha vontade, o escudo pode se desfazer.

Está bem, entendi! Então, se está tudo pronto, podemos ir?

Sim, acho que podemos ir!

E foi assim que o jovem Vanhardt tirou a fada Lila de seu sono de mais de trezentos anos. Antes de saírem da caverna, Lila pegou uma das pétalas da flor sobre a qual repousara todo aquele tempo, e pediu para Vanhardt guardá-la:

É só uma lembrança! Pra nunca me esquecer da minha casinha.

Tudo bem - Vanhardt guardou-a num bolso da calça.

E saíram os dois da caverna no meio da neve. Vanhardt dentro de sua bolha gelatinosa azul, e Lila voando ao seu lado.

Capítulo IX - Perigo Branco

Estavam no terceiro dia de caminhada, e rumavam firme em direção oeste. Os dois iniciavam a travessia das temerosas Montanhas Traíçoeras, arriscando-se numa aventura que nenhum homem conseguira realizar anteriormente. Olhando para cima Vanhardt via um colchão branco recobrando suavemente as montanhas que deviam ter quase dois mil metros de altura. Por sorte, havia uma fenda bem larga entre elas, e era por ali que os dois seguiam. O sol apontava alto no céu, mas parecia ter pouco efeito naquela região dominada pelo gelo e pela neve, e Vanhardt pensou que Salazar, o deus do sol, não tinha muito poder nas terras geladas. A paisagem era deslumbrante, e quase conseguia esconder o perigo que oferecia.

Graças à bolha de energia que Lila havia criado, Vanhardt percorreu mais de cento e cinqüenta quilômetros dormindo apenas três horas, uma por dia. Numa dessas horas sonhou com a deusa do gelo, sua mãe. Era uma noite muito escura, com poucas estrelas no céu, e ele estava sentado em um pequeno barco a remo. Ao seu lado, de pé, havia uma mulher de longos cabelos negros, faces bem delicadas, aparentando ter não mais do que vinte anos. Vestia um manto de seda dourado, com pedras brilhantes (pequenos cristais) presas ao longo do vestido. Reconheceu de imediato a sua mãe, que naquele sonho não pronunciou uma só palavra.

Primeiro ela olhou para Vanhardt e apontou gentilmente para o lago, mostrando a ele que havia muitos crocodilos espreitando em suas águas. Este ficou assustado ao ver os répteis, mas continuou

sentado e olhando para a deusa. Ela então deitou as duas mãos sobre o próprio peito na altura do coração, e fechou os olhos. Levantou os braços em seguida, apontando-os para o céu, e uma luz branca muito intensa começou a fluir de seu peito. Vanhardt ficou cego por alguns segundos, e quando voltou a enxergar, viu que uma ponte de gelo surgira, ligando o barco à margem do lago. Ela tomou a mão do rapaz puxando-o gentilmente, e o fez levantar. Atravessou a ponte junto dele, enquanto os crocodilos davam mordidas ameaçadoras no ar, por pouco não os alcançando. Quando chegaram do outro lado, recostou a mão de Vanhardt sobre o peito dele, e depois apontou para a ponte de gelo. A deusa tinha um sorriso lindo estampado no rosto, e acariciou ternamente o rosto de seu filho, e de repente ele acordou.

O rapaz pensava no sonho enquanto seguia caminho. Ele aprendera de seu pai que tudo nos sonhos é apresentado de forma simbólica. O que seriam aqueles crocodilos, e a ponte? A mão sobre o peito também não lhe suscitou muitas idéias. Sabia que aquilo tudo representava algo, era uma mensagem que sua mãe lhe enviava. O problema era que não conseguia decifrá-la! Decidiu, então, não mais perder tempo com o tal sonho.

Também em virtude da bolha que Lila conjurara, Vanhardt não precisou se preocupar com alimentação ou água durante toda a caminhada. O jovem imaginava se a pequena fada sentia frio, ou se sofria de fome ou sede, pois não a viu se alimentar ou reclamar da temperatura. Preferiu não interrogá-la, pois cada vez que fazia alguma pergunta a Lila sentia-se um pouco mais burro. E já fizera muitas até ali...

Durante esses dias de caminhada contou à fada o que acontecera a ele nas últimas semanas, desde o nascimento do seu filho, até quando o bebê foi raptado pela mãe de sua esposa. Apesar do primeiro contato não ter sido plenamente amistoso, estava agora

bastante íntimo da companheira de viagem. Era como se estivesse bem perto de sua mãe.

Esperem aí um minuto - disse Vanhardt, parando.

O que foi?

Olhe pro outro lado, vou esquentar a neve um pouquinho aqui!

Lila continuou olhando pra ele interrogativamente:

Mas posso saber pra quê vai esquentar a neve?

Vou fazer xixi, ora! - explicou Vanhardt impacientemente - Por isso não quero você me observando enquanto faço isso!

Também não há nada aí que eu queira ver - voou alguns metros para longe do rapaz, olhando para frente e cruzando os braços - Humpf!

Hehehe! É engraçado como a neve vai derretendo sob os nossos pés... Ah...!

Eu acho tão esquisita essa sua necessidade de tirar líquido do seu corpo a todo momento! Comer e beber também me parece estranho. Fadas não têm esse problema, nos alimentamos da energia do Sol. Os deuses há muito tempo fizeram um trato com Salazar, que se comprometeu a alimentar todas as fadas com a sua energia. E além do mais não precisamos dormir... - falava isso morrendo de curiosidade em saber o que Vanhardt tanto escondia enquanto fazia o bendito xixi.

E você ainda nem viu como eu elimino os alimentos sólidos, hehehe! Estranho, até que eu urinei bem esses dias, mas não eliminei...

Vanhardt ia abotoando a fivela do cinto quando sentiu um golpe em suas costas que o atirou três metros para frente. A bolha de energia havia se desfeito (não fosse por ela estaria morto!), e ele agora estava no chão procurando se levantar rápido e localizar o que fizera aquilo. Logo viu a criatura correndo sobre as quatro patas em sua direção para dar um novo golpe. Era similar a um urso das neves, mas muito maior, e com dois chifres iguais aos de um

carneiro. Os olhos eram vermelhos, bem vivos, e a boca estava aberta mostrando os dentes enormes, enquanto uma baba verde, gosmenta, escorria entre eles. Vanhardt já tinha ouvido falar dessa criatura, chamava-se Crivmarion ou "gigante do gelo", na língua dos antigos. Era extremamente veloz e também muito agressiva. Quando estava a poucos centímetros do jovem pôs-se sobre suas duas patas traseiras e com as duas dianteiras tentou acertar a cabeça da vítima. Quase não deu tempo para Vanhardt, que já estava de pé, tirar sua lança das costas e defender-se do golpe ao mesmo tempo em que gritava:

Lila!!!

A haste de madeira da lança se partiu ao meio com o poderoso golpe, lembrando a Vanhardt que aquela feroz criatura era memorável por comer todas as suas vítimas. Veio-lhe à mente uma história em que dez homens foram devorados por apenas uma dessas, e todos eles estavam bem armados, com lanças, espadas e armaduras. E ele, com uma lança quebrada, via a criatura desferir um novo golpe, agora em direção ao seu pescoço. A morte estava a milésimos de segundos, inevitável, pois não teria como se defender nem desviar-se desse ataque! Qual não foi sua surpresa ao ver o Crivmarion parado, com as garras a poucos centímetros de seu pescoço, sem esboçar um movimento! Com os olhos arregalados viu Lila voando bem próxima do monstro, com os bracinhos estendidos na direção dele. De alguma forma ela havia paralisado o gigante do gelo.

Vamos, Vanhardt! Não conseguirei segurá-lo por muito tempo!

Largando a lança quebrada no chão, Vanhardt agilmente sacou a sua adaga que estava presa na bota esquerda, e tentou furar a barriga do monstro. Espantado, viu que ela não penetrava um centímetro, pois o couro da criatura era extremamente espesso. Tentou um outro golpe com mais força, e mais um, não promovendo nem um arranhão.

— Vanhardt! Não vou agüentar mais... vou soltá-lo!

Com a adaga ainda em mãos, Vanhardt deu um salto e cravou-a num dos olhos do Crivmarion. Caiu e rolou para longe da criatura, e no mesmo movimento pegou a ponta de ferro de sua lança partida. Lila despencou no chão, esgotada, e a criatura, não mais sob o efeito da magia da fada, urrava ferozmente, enquanto cortava o ar com suas garras afiadas. Vanhardt corria com o coração aos saltos e a respiração ofegante. Seguia sem olhar para trás - queria apenas se afastar o máximo possível do monstro que provavelmente iria matá-lo. Sabia que o golpe no olho o atrasaria, mas não o deteria. Estava sem a adaga, a parceira fora de combate, e a lança era apenas uma ponta de ferro, sem a haste. Por cima dos ombros viu que a criatura já estava no seu encalço, correndo e urrando. Não queria morrer de modo algum ali na metade do caminho, não queria morrer sem antes ver de novo o sorriso do pequeno Erick, e o de sua esposa, a doce Selenia. Ah, como gostaria de rever aqueles sorrisos!

Foi então que num flash, lembrou-se do sonho que tivera com sua mãe. O sonho mostraria como vencer o desafio. Mas como faria isso? Lembrava-se dos crocodilos, da ponte... e de sua mãe colocando a mão sobre o coração, e fazendo o mesmo com ele logo depois, como se estivesse ensinando-o. Era isso! Ele deveria se concentrar no coração! O Crivmarion estava perto, dez metros de distância. Concentrar-se no coração, concentrar-se no coração! Será que daria certo? Oito metros. Seu coração, como uma bomba, acelerado, batia nervosamente. Seis metros. Vanhardt fechou os olhos enquanto se concentrava. Apertava o resto da lança na mão com toda a força. Cinco metros apenas. Sentiu uma força brotando de seu peito, uma força mágica, que fluía como sangue para a lança. Quatro metros! Abriu os olhos e virou-se para a mão direita, notando que segurava não uma ponta de ferro, mas uma lança imensa toda feita de gelo. Teria ele realmente executado aquela magia?

Sem perder nenhum segundo, gingou o corpo, e atirou com toda a força a lança de gelo, mirando no peito do monstro. Ela voou e cravou em cheio, derrubando o gigante de gelo, que caiu no chão já abatido. A lança era forte o suficiente para penetrar até o seu espesso couro. O monstro, deitado, não mexia um músculo. Temendo uma possível reação do Crivmarion, Vanhardt aproximou-se devagar, e quando atingiu dois passos de distância constatou satisfeito que ele realmente estava morto; nem respirava. Ficou parado por alguns segundos, em um completo estado de êxtase. Não sentia mais nenhuma dor e cansaço, era como se todos os seus músculos estivessem anestesiados, e sua mente repousava tranqüila. Mal podia acreditar na incrível proeza que acabara de executar. Quando voltou a si, minutos depois, correu para sua amiga que estava sentada na neve, com as mãozinhas na cabeça.

Lila, Lila, está tudo bem com você?

Ai... ai... O mundo é uma bola de neve: rodando, rodando... E que dor de cabeça!

Calma, você vai melhorar.

Ui... Usei minhas forças até o limite, bem que eu sabia... Espere! Vanhardt, é você, e está vivo! Vanhardt, você conseguiu!

Hahaha, é mesmo! Você devia ter visto, eu fiz uma lança de gelo poderosíssima atirei no peito dele, foi incrível! - estava tão empolgado que pegou a fada pelas mãos e ficou rodopiando com ela no ar, dando altas gargalhadas.

Espere, estou zonha! E minha cabeça ainda dói!

Eu jurava que ia morrer! Ah, nem acredito!

Está bem, mas calma! - já havia parado de rodopiar a fadinha - Vamos continuar a nossa viagem, porque o cheiro dessa criatura pode atrair muitas outras, e nós não vamos querer isso certo?

E, você tem razão! - a euforia passou, e ele se recompôs. - Muito bem, vamos lá?

Só que ainda não posso fazer o escudo de energia, estou fraca...

Sem problemas! Posso resistir ao frio facilmente, e não vou morrer de fome nesse meio tempo, não é? Esqueceu que sou filho da deusa do gelo?

Sei... Sorte sua, porque só recuperarei meus poderes amanhã, e um humano normal não suportaria o frio da noite daqui. Quanto à comida, terá mesmo de agüentar.

Ok, então vamos!

Antes de prosseguir, porém, Vanhardt retornou ao Crivmarion e retirou a adaga que estava cravada em seus olhos.

Argh, que nojo! - reclamou enquanto limpava a arma na bainha de sua camisa.

E os dois continuaram a caminhada rumo ao oeste.

Capítulo X - *Enfim, Avendorh*

Passaram-se exatamente sete dias e sete noites, e não enfrentaram nenhum contratempo durante esse período. Vanhardt ficou extremamente feliz quando avistou de longe o rio Durande, e de tanta alegria acabou saindo em disparada, mergulhando com uma cambalhota. Não fazia frio naquela região, pois a cadeia de montanhas barrava a sua passagem. Vanhardt passou longos minutos se deliciando com as águas do Durande.

Vamos, Vanhardt, não está com pressa de encontrar seu filho?

Sim, já estou indo - saiu da água esfregando a mão sobre a cabeça de modo a enxugar o cabelo. - Será que não dava pra secar minhas roupas com uma magia?

Eu posso fazer magias sim, mas também não sou sua escrava! - Lila cruzou os braços.

Vai me deixar molhado?

Você não conseguiu criar uma estaca de gelo poderooooosa, com a qual matou aquele monstro? Pois então, seque-se você mesmo!

Ah é, quer apostar? Então fique olhando!

Sentado em uma posição de meditação, com as pernas cruzadas, Vanhardt colocou as duas mãos sobre o peito. Fechou os olhos, e começou a se concentrar, desejando ter suas roupas secas. Ficou assim durante alguns minutos, mas sua mente não parava quieta. Pensava o tempo todo em sua casa, sua família, seus amigos e nos fatos recentes da viagem.

Ahhhh! Desisto! - disse o rapaz, levantando-se, desanimado. - É impossível! Não consigo nada me concentrando. Das duas vezes que executei alguma proeza divina, foi quando estava em perigo. Aqui parado não dá...

Vanhardt, meu querido, preste atenção. Você nunca conseguiria fazer essa magia, pois não estava conseguindo manter a mente tranqüila. Naquela oportunidade em que enfrentou o monstro, foi a situação de perigo que o ajudou a engatilhar a magia! Na verdade, a visão da morte te obrigou a se concentrar profundamente, tão profundamente que conseguiu criar a lança de gelo. Entendeu?

Hummm... E como você consegue fazer isso? Como se concentra facilmente para fazer essas magias?

Bem, eu já nasci com esse dom, foi um poder herdado da deusa. Talvez seja interessante você entender o que verdadeiramente é a magia. Veja bem, tudo no universo está em constante mudança. Quando quebramos um ovo, ou plantamos uma árvore, estamos fazendo uma ação nesse universo, que repercutirá com outras ações, como o crescimento de uma árvore ou a morte de um pintinho. Magia é simplesmente moldarmos o universo de uma maneira mais brusca, e utilizando a vontade. Jogar o ovo pra cima é uma ação comum, porém fazê-lo flutuar já é uma atitude mais brusca. Para que você possa realizar esses movimentos mais bruscos — essas *feridas* no universo, também conhecidas como magia -, precisa de uma energia extra. Os humanos têm a energia vital, uma energia mais sólida e menos poderosa, porém nós temos a divina. É a energia divina que lhe fornece a capacidade de realizar magias, operando o universo conforme a sua vontade. Quanto mais brusca a mudança, mais energia você consumirá. E quanto maior o seu treinamento, maior montante de energia poderá usar, realizando magias mais poderosas. Se se dedicar bastante, poderá fazer coisas fantásticas! - a fadinha bateu palmas, animada. - E não se preocupe pensando se a

energia irá acabar, pois ela vem da sua mãe, e garanto que a deusa do gelo possui bastante guardada.

E como seria esse treino?

Tente todos os dias se concentrar para fazer qualquer coisa, por exemplo uma bola de neve. Depois que conseguir, tente fazer uma bola maior, e depois uma maior ainda! Então tente fazer outra coisa, como secar a roupa. E por aí vai!

Entendi. Mas deve ser muito chato isso de treinar todos os dias. Não sei se terei disciplina...

Você quem sabe. Se quiser fazer magias, terá de ser assim.

Está certo, eu vou tentar! Mas chega de perder tempo, vamos continuar nossa viagem.

Nesse mesmo dia percorreram quase cinquenta quilômetros. Os dois começavam a revelar sinais de cansaço; não físico, pois Lila dava um jeito de conjurar a bolha sempre que precisavam, mas mental. Vanharat até se esquecera de quantos dias estava fora de casa, e achava que nunca ia chegar ao bendito castelo. Já era noite quando viu surgirem suas primeiras torres no horizonte. Ficou pasmo. Era uma construção gigantesca, às margens do rio Durande, que naquela parte formava um lago em volta do castelo. Sua estrutura apresentava uma única cor, preto, e dezenas de torres com criaturas medonhas esculpidas nas paredes, chamadas de gárgulas, somavam-se à arquitetura gótica. Na frente havia um portão de metal, com cerca de vinte metros de altura, que parecia poder descer como uma ponte sobre o rio, e muros um pouco mais baixos com suas ameias cercando toda a construção. Ainda podia-se ver fumaça cinzenta saindo de uma das torres, e ouvir barulhos de estacas de ferro batendo juntamente com gargalhadas sinistras. Era apavorante. Vanhadht não conseguia acreditar que sua doce esposa Selenia podia ser filha daquela mulher. Uma tão maligna criatura dera origem a outra tão pura! O que deveria estar se passando com o seu pequeno Erick, em um lugar tão horroroso? Queria sair correndo e atravessar

o lago a nado, e ainda escalar os altos muros para tirar seu filho de lá, mas foi dissuadido dessa idéia maluca por Lila.

Enlouqueceu? Primeiro: está de noite, e você não tem nenhuma tocha, e não serei eu boba de iluminar o caminho por onde você for. Segundo: estamos sozinhos, só você e eu, e deve haver um exército de monstros ali dentro, fora a própria Hilda! Acho muito difícil, para não dizer impossível, que nós dois possamos com todos eles! E terceiro: estamos cansados, fizemos uma longa viagem e seria estupidez tentar um ataque agora.

Então, o que vamos fazer? Sentar e esperar? Até quando?

Vamos dormir hoje, amanhã pensaremos num plano. No caso você dorme, porque eu não preciso...

Não vou conseguir dormir sabendo que meu filho está tão perto!

Vai dormir, sim! Precisa economizar forças para amanhã, porque iremos enfrentar um grande desafio, não é mesmo? Siga-me!

Lila levou Vanhardt até uma pequena floresta, com árvores compridas, a dezenas de metros dali.

É melhor ficarmos aqui, pois assim estaremos fora da vista de algum passante.

Posso até ficar aqui, mas se você acha que vou conseguir dormir, pode ter certeza que... - Vanhardt desabou no chão como uma fruta madura caindo do pé, depois que Lila tocou com o indicador em sua testa. E dormiu profundamente.

Capítulo XI - *Negócios Divinos*

Em um castelo de cristal, no alto das nuvens, um ser metade homem metade coelho ajoelhou-se perante um altar onde estava sentada a deusa do gelo. Ele vestia um terno azul, com gravata borboleta vermelha e botas amarelas, aparentando muita simpatia:

Magnífica Léia, ó grande deusa do gelo, seu fiel assistente Oswaldo traz consigo notícias recentes do seu filho, o destemido Vanhardt! - balançou timidamente as orelhas.

Léia, antes conhecida como Morgana, a deusa da morte, segurava com a mão esquerda um cetro de prata, com uma estrela dourada na ponta.

Diga, fiel assistente, como anda meu querido Vanhardt?

Depois de haver superado as tempestades de neve que vossa magnificência enviou-lhe, ele encontrou a fada de nome Alilandra, e com sua ajuda conseguiu chegar aos pés do castelo de Hilda. - Oswaldo descrevia os acontecimentos com um tom grandioso em sua voz, como se narrasse feitos épicos - Além disso, parece que conseguiu um grande prodígio, ao conjurar uma lança de gelo e derrotar um Crivmarion!

Que bom, parece que ele conseguiu entender a mensagem que eu lhe mandei! São ótimas notícias; o que mais tem para me dizer, Oswaldo?

Bem, ele e sua companheira agora repousam próximos ao castelo da feiticeira. A fada fez contato, perguntando como entrariam no castelo. O que devo dizer, ó grande deusa?

Diga que esperem, a ajuda estará a caminho. - A deusa levantou-se e começou a caminhar em direção a uma fonte redonda no centro do salão. - Bem, agora devo tomar as providências necessárias para ajudar o meu filho. Estou muito satisfeita por ele ter encarado de forma tão valente essa jornada! Talvez Vanhardt realmente se transforme num grande herói. Pode ir Oswaldo, obrigada.

Sim, Vossa Magnificência - o coelho fez uma mesura para a deusa e saiu aos pulinhos.

A fonte no centro da sala media dois metros de diâmetro, esculpida em mármore branco, com várias inscrições indecifráveis ao seu redor. A borda mal chegava à altura dos joelhos da deusa, e havia gelo dentro da estrutura, ao invés de água. Normalmente os deuses utilizavam tais artefatos para se comunicarem. Léia gesticulou lentamente, com seu cetro fazendo círculos sobre o gelo, que por sua vez derreteu, tornando-se água. Uma imagem então começou a se formar no fundo, a de um homem robusto, com cabelos pretos, longos e soltos, o rosto marcado com algumas cicatrizes. Vestia um colete de couro, em volta do pescoço pendia uma corrente com pequenos crânios humanóides.

Venho a ti, poderoso Ghar, deus dos gigantes, pedir humildemente o seu auxílio, como havíamos firmado acordo - disse Léia com voz suave, mas firme.

Ghar respondeu através de sua imagem que resplandecia ameaçadoramente nas águas:

Aquele acordo não mais se sustenta, deusa do gelo. Não posso te oferecer meus valorosos gigantes por uma quantia tão pequena de energia! - sua voz era rouca e imponente. Poderia fazer tremer de medo um humano comum.

Mas grande Ghar, achei que o nosso acordo era justo! Eu lhe enviaria cem mil quantuns de energia divina em troca dos seus poderosos gigantes!

Este acordo foi tempos atrás, agora estou com muitos afazeres, e os gigantes estão sendo muito importantes para mim! Se ainda os deseja, deverá enviar-me quinhentos mil quantuns de energia divina!

Cinco vezes o combinado é muito, não posso pagar tudo isso! Peço que reconsidere, meu amigo. Necessito desses gigantes imediatamente. Deixe como havíamos combinado antes!

Impossível! - exclamou o deus de forma grosseira. - Os gigantes têm um novo preço, pague ou pare de me perturbar! - seu rosto se contorcia de raiva.

Léia revelou-se muito aborrecida com o deus dos gigantes. Antes de Vanhardt partir para sua jornada, ela fizera um acordo com esse deus para que ele fornecesse tais criaturas, que ajudariam seu filho a invadir o castelo de Hilda. A deusa do gelo só pedira ajuda a Ghar porque sua base era num castelo, dentro de um vulcão, próximo de onde Hilda morava. Desse modo, os gigantes saíam dali e chegariam rápido até Vanhardt. Além disso, ela já vira as batalhas dessas criaturas, estupidamente fortes, que encaixariam perfeitamente na missão que tinha em mente. Agora, porém, tudo havia mudado, os gigantes tornaram-se muito caros, e Ghar não parecia muito cooperativo.

O que fazer? Poderia até tentar encontrar outros deuses dispostos a fornecer criaturas para ela, em troca de uma quantidade menor de energia, mas não conseguiria manter Vanhardt esperando muito tempo. O maldito Ghar tornou-se um aproveitador! Tarde demais, arrependeu-se de confiar no deus dos gigantes, que já fizera truques sujos contra outros deuses menores antes. Ela, entretanto, deveria agora ceder às exigências do tratante.

Tudo bem, deus dos gigantes. Enviarei o seu pedido, mas sob protesto. Quero que deixe suas criaturas sob o meu comando assim que tiver recebido a energia!

Acordo feito, deusa do gelo! Adeus!

A imagem de Ghar sumiu lentamente nas águas. Léia, ainda contrariada, atravessou uma porta à direita do salão do trono, desembocando em outra sala. Esta continha imensos cristais que brotavam do chão e iam até ao teto, e guardavam a energia divina da deusa do gelo. Erguiam-se sobre cerca de trinta metros de altura por três de largura, e podiam-se contar sete cristais ao todo.

Em Kether, cada deus recebe energia dos seus seguidores, e esta é armazenada em um local apropriado. Léia usava cristais para armazenamento, mas muitos outros deuses usavam diferentes materiais, como minérios de ferro, troncos de árvore, sais, piscinas de lava, dentre outros. Essa energia é que proporciona aos deuses o poder de alterar a realidade, fazer os milagres, as magias. O deus também pode usar a energia para fazer surgir criaturas divinas (como é o caso de Alilandra e os gigantes), mas elas devem ficar incubadas durante certo tempo antes de estarem prontas.

A deusa do gelo encostou seu cetro em um dos cristais, e, de olhos fechados, tirou a quantidade de energia que Ghar requisitava. Sua reserva caía agora para níveis muito baixos, um fato no mínimo preocupante. Além disso, enviaria algumas de suas criaturas aladas para ajudar Vanhardt, o que deixaria sua defesa comprometida. Se sofresse algum ataque durante esse tempo poderia ser o seu fim! Era prudente colocar alguns vigias de prontidão, pois até os deuses menores são espertos, e usam de artimanhas. Caso percebessem sua fraqueza, mesmo que momentânea, inevitavelmente atacariam.

Girando o cetro no ar, um cone brilhante de luz, multicolorido, escapou de dentro da deusa, rumo aos céus. Léia sentiu-se fraca por alguns segundos, vacilando, mas assim que se recompôs voltou à sala do trono, onde se sentou apreensiva. Restava apenas aguardar.

Capítulo XII - *Vanhardt Reúne seu Exército*

O jovem filho da deusa do gelo acordou com os primeiros raios da manhã, e viu Lila sentada em uma pedra à sua direita. Ela mantinha os olhinhos fechados, e parecia estar dormindo.

Ahá, sua danada! - Vanhardt se levantou de supetão e soltou um berro, fazendo a fada tremer dos pés à cabeça com o susto. - Você não tinha dito um dia desses que não precisava dormir, porque Salazar fez não sei que pacto para dar energia às fadas? Por que então estava aí tirando um ronco? - perguntou o rapaz com um olhar desconfiado.

Lila se recompôs do susto, e ficou de pé com uma cara amarrada:

Para sua informação, filho da deusa do gelo, eu estava concentrada a fim de escutar todos os barulhos à nossa volta. Quando estamos assim, numa floresta, com muitos lugares para feras selvagens se esconderem, nossos olhos costumam nos trair, e o melhor é confiar nos ouvidos! E fique o senhor sabendo que se me der um susto desses de novo, eu transformo sua cabeça num abacaxi!

Ah... Transforma nada... Estressada, foi só um sustinho! Você tem que aprender a relaxar um pouco e não ficar nervosa com qualquer coisa!

Lila encarava o rapaz ainda zangada com o susto que tomara. Reparou, entretanto, que ele demonstrava um humor não revelado anteriormente. Além disso, havia um brilho penetrante no seu olhar, de extrema confiança, e a fada ficou satisfeita com isso. A noite bem dormida fora revigorante para o jovem guerreiro.

Lila, estive pensando: já sei como invadiremos o castelo! Veja bem, você poderia me tornar invisível, de modo que eu subiria furtivamente no muro, e depois entraria no castelo. Lá dentro encontraria o quarto de Erick, e, quando eles dessem conta do ocorrido, eu estaria aqui fora, com meu filho nos braços! Que tal, ótimo plano, hã?

Não.

Como assim?

Seu plano nunca daria certo - sentenciou friamente a fada coçando as orelhas pontudas.

Mas...

Deixa eu te explicar... - interrompeu a fada. - Eu já vi que você sabe bolar planos. Isso é bom, mas apesar de ser parte da mesma deusa que você é filho, eu tenho minhas limitações. Além disso, conjurar magias, executar milagres, é muito mais do que realizar o que nos vem à cabeça. Existe uma rede intrincada que temos de nos submeter, ou então quando formos realizar qualquer coisa, seremos obrigados a dispor de muita energia. Resumindo: deuses, semi-deuses, ou criaturas que dispõem de energia divina, todos têm a capacidade de operar o universo conforme a vontade. Podemos fazer tudo. Acontece que se não obedecemos uma lógica pré-estabelecida, não teremos energia suficiente. Eu, por exemplo, tenho minha gama limitada de magias, e dentre elas não consta ficar invisível. Além disso, mesmo que pudesse executar essa ação, com certeza Hilda perceberia assim que você entrasse no castelo. Pelo que você me contou, ela é uma feiticeira poderosa, e não seria nada difícil constatar a presença de um intruso em sua própria fortaleza por outros tipos de percepção, diferentes da visão. E com todas as tropas daquele lugar no seu encalço, duvido que saísse com vida.

Ah... Era um plano tão bom... Mas o que faremos? Sentamos e esperamos o tempo passar?

Paciência, paciência! Sua mãe logo mandará reforços, e aí sim teremos condições de invadir a fortaleza. Enquanto isso, porque não descansa um pouco? Aproveite para meditar um pouco, vá treinando uma magia qualquer.

Não vou treinar nada, estou muito ansioso! Eu queria mesmo era... - a frase foi interrompida por um grande estrondo semelhante a um grunhido, que se espalhou pela floresta.

Van, fique atento, parece que há algum animal aqui perto! - exclamou Lila enquanto voava preocupada para o lado do jovem.

Não é animal nenhum, é só o meu estômago!

A fada parou de voar, arregalou as sobrancelhas, e caiu na grama de tanto gargalhar.

Há!Há!Há!Há! E eu... Há!Há!Há! E eu ainda pensei que fosse um animal! Há!Há!Há! Minha deusa, que barulho foi esse! Há!Há!Há!

Já chega, já chega! Vamos levantando do chão! - Vanhardt disse, cutucando com o bico da bota a fada que rolava e socava o chão de tanto rir.

Há!Há!Há! "E o meu estômago", "o meu estômago", Há!Há!Há! - caçoou a fadinha, enquanto o rapaz ficava com o rosto cada vez mais ruborizado.

Ô Lila, alguém pode te escutar! Vamos logo, estou com fome também. Cansei dessa sua bolha substituir minha alimentação, preciso de comida de verdade!

Lila enxugou as lágrimas que lhe banhavam a face com o dorso das mãos, respirou profundamente e alçou vôo.

Ai, ai... Pois bem, "animal faminto", vá comer sua refeição matinal, estarei aqui vigiando.

Vanhardt sacou sua adaga e se embrenhou no meio da floresta. Procurou durante vários minutos por frutas, ou algum animal que pudesse assar. Encontrou uma lebre, que o driblou duas vezes e se escondeu numa toca debaixo da terra. Voltou ao lugar onde Lila esperava meia hora depois, com as mãos abanando.

Não encontrei nada. Vou pescar, que é o melhor que eu sabia fazer lá na minha terra.

Encontrou um galho comprido e fino, mas duro, e limpou-o com a adaga, afinando uma das extremidades. Serviria de lança para a pescaria. Restava saber se Durande tinha peixes. Caminhou até a margem do rio, seguido por Lila, e aproveitou para dar uma conferida no castelo: continuava apavorante. Aproximou-se da margem e notou vultos pequenos nadando no fundo do rio. Jogou a lança mais de vinte vezes e não conseguiu pegar um peixe sequer.

Ah! Desisto, hoje vou passar fome! - nervoso, quebrou a lança no joelho.

Você é muito apressado, quer as coisas sempre na hora, sabia? Muitas vezes isso é uma virtude, mas também pode ser uma tremenda desvantagem! Aposto que as pessoas vivem dizendo para você ter paciência, não é?

O tempo todo! E você é uma delas, a propósito.

Humpf, sei disso. O que estou tentando lhe dizer é que você deve aprender a ter mais disciplina! Nessa situação, por exemplo, está tendo dificuldades para pescar. Natural, pois o rio é diferente de onde você costuma pescar, a lança não é muito boa, os peixes são diferentes daqueles com que você tinha contato. O que pode fazer então? Se eu fosse filho de uma deusa, tentaria usar meus poderes para me auxiliarem.

Mas eu não sei usar meus poderes direito, ô fadinha!

Está na hora de aprender, então.

Pois se é assim, me dê licença, você está me desconcentrando. Vá lá pra dentro da floresta e fique vigiando!

Tudo bem, mal educado! - a fadinha voou emburrada pra a floresta.

Humpf, mal educado nada. "Disciplina", "disciplina"! Ela não vê que tenho dificuldade pra fazer magias, e me cobra o tempo todo. Ninguém agüenta esse tipo de pressão! - pensou alto.

Sentando-se na margem com os pés dentro do rio, Vanhardt observou os peixes, que por sua vez ignoravam o que se passava fora d'água. Por que eles não se deixavam ser pescados? Estava com fome, e precisava ir salvar o filho. Mas como poderia invadir uma fortaleza bem guardada, se nem conseguia pescar? Ele continuou observando os peixes, concentrado, e passou a escutar um zumbido grave em sua cabeça. De uma hora pra outra, o mundo à sua volta começou a girar, e a sua visão se tornou embaçada. Apesar disso ele não se sentia mal - uma energia misteriosa e agradável brotava de seu peito. Ainda podia ver os peixes, quando de repente tudo ficou negro, e depois azul. Ele então viu um peixe dourado enorme em sua frente e tomou um susto. Era gigantesco, deveria ter o seu tamanho! Olhou para os lados e notou muitos outros peixes, que nadavam ao seu lado e embaixo dele. Espere um pouco, ele estava *dentro* da água! Tornou os olhos para si mesmo e no lugar das mãos viu nadadeiras... Tinha virado um peixe! Era estranho e engraçado ao mesmo tempo.

Um pouco à sua frente havia pés demasiadamente grandes mergulhados no lago - os seus pés humanos. Eles continuavam balançando, ou seja, o seu corpo permanecia lá, e se mexendo. Teve uma idéia. Tomou distância e começou a nadar freneticamente em direção aos pés. Depois virou para cima e saltou para fora do lago, indo cair bem no colo do seu corpo humano. Um clarão o cegou por alguns segundos, e foi aí que sua visão voltou ao normal.

Vanhardt tinha no colo um lindo peixe de escamas douradas, se debatendo.

Lila, olha aqui! Lila, eu consegui! - correu em direção à amiga, que estava sentada na mesma pedra de antes.

Nem me importo. Depois do jeito que você me tratou...

Ah, Lila, me desculpe, sinceramente! Eu realmente fui grosso com você, mas é porque estou sob muita pressão e ansioso com a

proximidade de reaver meu filho. Por favor, peço desculpas novamente.

Só o desculpo porque se arrependeu!

Ótimo. Agora, vamos comer!

Vanhardt catou alguns gravetos na floresta e depositou-os juntos. Depois, pegou metade da lança que fizera para pescar e enfiou-a pela boca do peixe, saindo na traseira.

Falta fazer o fogo...

Tentou se concentrar pra acender os gravetos magicamente por vários minutos, e nada. Quando Vanhardt pensou em reclamar do fogo que não aparecia, os gravetos estalaram, e uma chama laranja surgiu.

Hum... Foi você que acendeu, não foi, Lila?

A fadinha não segurou o sorriso e admitiu:

Sim. Você estava demorando demais, e daqui a pouco os reforços enviados por sua mãe chegarão.

Mal esperou o peixe terminar de assar, e Vanhardt devorou-o em pouquíssimo tempo, sem nenhum cuidado para separar os espinhos. Com a boca cheia de restos de carne semi-crua, segurou a fadinha com uma das mãos e perguntou:

Onde estão? Chegaram? - cuspiu pedaços de peixe misturados à saliva no rosto de Lila, enquanto esta tentava se defender da saraivada de comida com os braços.

Vamos sair da floresta pra recebê-los - disse a fada, limpando o rosto impregnado com a nojenta refeição.

Minutos depois, com Vanhardt bem alimentado, saíram de lá e se dirigiram para uma planície, de onde não se podia ver o castelo devido às árvores muito altas e cerradas que o encobriam. Colinas cobertas com uma grama rasteira próximas aos dois se revelavam extremamente convidativas a um piquenique.

É melhor encontrar nossa tropa aqui, fora de vista da fortaleza de Avendorh - Lila colocou as mãozinhas na cintura.

Vanhardt olhava para os lados, mas não via nada por perto. Esperaram por vários minutos, e subitamente a fadinha apontou para o céu.

Lá em cima!

O jovem guerreiro observou vários pontos pequenos e móveis entre as nuvens. Apertou bem as pálpebras, e segundos depois conseguiu distinguir as figuras. No centro havia um pássaro enorme, branco, semelhante a um cisne, e alguém montado em suas costas. Atrás dele voavam outros tipos de pássaros - esses maiores que o cisne, e com um bico dourado, curvo, e garras da mesma cor. Apresentavam também penas vermelhas arrebitadas na cabeça, que seguiam uma linha reta do ponto entre os olhos até a nuca, e contrastavam muito com o resto do corpo, coberto por penas azuis. Eram vinte e duas aves ao todo, e elas pousaram a poucos metros de Lila e Vanhardt, levantando uma nuvem de folhas secas.

Do pássaro branco, desceu uma criatura que Vanhardt achou curiosa. Não sabia se era um coelho ou um ser humano; na verdade parecia uma mistura dos dois. Vestia um terno azul bem alinhado e uma gravata borboleta vermelha, e ainda calçava botas de couro, amarelas. Ele se aproximou com o braço esticado para cumprimentar Vanhardt, que notou dois dentes saltando de trás dos lábios sorridentes do coelho.

Muito bem, muito bem, muito bem! - o coelho balançou freneticamente a mão do rapaz. - E uma grande honra cumprimentar o destemido Vanhardt, filho da majestosa deusa do gelo! Pode me chamar de Oswaldo, seu humilde criado. Como vai, tudo bem?

Er... Sim! - o rosto de Vanhardt alternava expressões de dúvida e surpresa.

Eu tenho certeza disso! - deu tapinhas de leve no ombro do jovem. - Ah, e esta seria Lila, a fada mais formosa de todo o continente!

Hihihi! - a fadinha sentiu o rosto corar. - Sou eu mesma! Pois então, Oswaldo, essa é a tropa que Léia havia me confirmado?

Não, ainda faltam os gigantes que logo... Ei rapaz não faça isso! - o coelho gritou assustado para Vanhardt, que passava ao lado de um dos pássaros azuis e tentava acariciar a cabeça dele.

Num movimento rápido, Oswaldo saltou e derrubou o rapaz no chão, impedindo que fosse mordido pela criatura alada. Vanhardt sentiu o bico raspar em seu braço, e percebeu que se a mordida tivesse pegado em cheio, teria um braço a menos.

Seu louco, não se aproxime tanto de um Grilliardus! - Oswaldo falou com o rosto sério, depois de se distanciar alguns metros dos pássaros. - Desculpe os modos milorde, mas estas são criaturas muito ferozes, que atacam qualquer um que se aproxime demais. Não são poucas as pessoas que tiveram membros perdidos por elas.

Nossa! Isso é bom! Elas serão uma ótima ajuda na invasão do castelo. - comentou Vanhardt entusiasmado, enquanto olhava atento para o Grilliardurs que o atacara. Este bicava o chão numa atitude aparentemente tranqüila - Minha mãe sabe o que faz. Mas Oswaldo, você disse que faltam alguns gigantes, não é mesmo? E onde eles estão?

O coelho consultou uma ampulheta amarrada ao pulso, por onde escorria areia. Vanhardt nunca vira aquele instrumento, que achou tão curioso quanto o dono. Depois de alguns resmungos, Oswaldo continuou:

É verdade, é verdade, é verdade! Eles estão atrasados, o que será que aconteceu...? Ah, sim, veja! - ele apontou para o horizonte, e Vanhardt percebeu uma nuvem de poeira que se erguia, como se uma manada de touros viesse em sua direção. - He!He!He! Certamente são eles! Certamente!

Só a poucas centenas de metros Vanhardt conseguiu ver os gigantes, pois a poeira não mais os encobria. Eram criaturas realmente grandes, cerca de cinco metros de altura, e musculatura

absurdamente desenvolvida. Vestiam apenas uma tanga, que cobria a pelve, mas deixava o resto do corpo de fora. Alguns ainda seguravam porretes do tamanho de um homem nas mãos. O solo trepidava à medida que seus pés tocavam-no, naquela correria desenfreada. Em segundos eles pararam ao lado dos Grilliardus, que emitiram guinchos e abriram os bicos demonstrando uma atitude hostil.

Sem briga, sem briga, sem briga! Gigantes, fiquem atrás de mim - Oswaldo apontou para as costas, e os gigantes obedeceram imediatamente. Os Grilliardus continuavam a olhá-los fixamente, contudo, sem hostilizá-los. - Muito bem, Vanhardt, agora que o seu exército está reunido, devo retornar para o castelo de cristal.

Esperre aí, como assim? Vai me deixar sozinho com todas essas bestas?

— Não se preocupe! - Oswaldo usou um tom paternal. - Tanto os Grilliardus

quanto os gigantes obedecerão às suas ordens; a deusa do gelo já cuidou disso. Só não fique a menos de um metro dos pássaros, pois o resultado você já conhece! Os gigantes, por outro lado, são mais tranqüilos, e não existe o mesmo perigo com eles. Minha deusa, já ia me esquecendo... Que cabeça a minha!

O coelho deu um tapa na própria testa e passou a enfiar as mãos nos bolsos do terno. Quando chegou ao quinto, tirou de dentro um reluzente cordão prateado. Nele havia pendurada uma pequena placa preta, fosca, com dois furos em cima e dois embaixo. Oswaldo fungou antes de colocar o cordão no pescoço do rapaz, e disse:

Esse é um item mágico muito especial! Irá barrar qualquer tentativa de controle mental de Hilda. Sua mãe me contou que depois da sua luta com lobos brancos há cerca de oito anos atrás, ela recolheu a flauta quebrada. Ainda restava boa quantidade da energia de Baal naquele item, e ela decidiu guardá-lo, caso um dia precisasse. E o dia chegou! Depois do rap... Quero dizer, depois

daquele "incidente" com seu filho, ela transformou a flauta nesse objeto extraordinário, que provavelmente lhe será muito útil. Além disso, ninguém saberá que ele é de sua mãe, pois a energia de Baal irá encobrir a da deusa do gelo.

Interessante! Mas uma pergunta...

Diga - Oswaldo batia nervosamente os pezinhos no chão, parecendo estar com pressa para ir embora.

Minha mãe não mandou nenhuma arma, tipo um machado, ou uma espada, sei lá... Qualquer coisa assim?

Hum... - o ser metade coelho consultou um pergaminho que estava num bolso interno. Depois de lê-lo com atenção, continuou: - Gigantes, Grilliardus... O item de proteção... É, era só isso! Não mandou mais nada.

Aff... Deixa pra lá!

Se for só isso, devo agora voltar para o castelo de cristal. Tome cuidado, Vanhardt! E Lila, você também! - falou mais alto para ela escutar.

A fadinha sobrevoava a cabeça de um gigante, o qual tentava espantá-la com as mãos como se ela fosse um inseto. Quando se afastou o suficiente, vendo-se fora de perigo, Lila falou de volta:

Pode deixar, Oswaldo! E diga a Léia que eu cuidarei do rapaz!

He!He!He! Boa sorte para vocês dois! - Oswaldo subiu nas costas do pássaro branco e puxou as rédeas presas em seu bico. Acenou para a Vanhardt e a amiga, e o pássaro começou a bater as asas, voando para o leste.

É... Agora somos nós e Hilda... - disse Vanhardt vendo Oswaldo sumir entre as nuvens. - Pronta Lila?

Prontíssima, comandante! - respondeu batendo uma perninha na outra, aprumando o peito, e colocando as mãos na cintura.

— Então vamos salvar Erick!

Capítulo XIII - A Invasão

O plano que Vanhardt e Lila bolaram era simples: distração e invasão. Enquanto as tropas enviadas por Léia estivessem causando um grande tumulto e baderna, os dois se infiltrariam na fortaleza. Com as equipes defensoras distraídas lutando contra gigantes e Grilliardus, e as atenções de Hilda voltadas para essas mesmas criaturas, a dupla teria mais chances de permanecer oculta, e resgatar Erick. Os gigantes ficariam encarregados de um ataque direto à frente do castelo, depois que Vanhardt pulasse o muro e abrisse o portão principal. Ao mesmo tempo os Grilliardus dariam cobertura atacando as torres e os possíveis atiradores que estivessem nos muros. A única dificuldade era que uma parte do rio Durande envolvia o castelo, e ninguém sabia se os gigantes, mesmo sendo bastante altos, afundariam totalmente na água e afogariam-se.

Antes do ataque se iniciar, Lila fechou os olhos e apontou os bracinhos para Vanhardt:

Crafo adimapla!

Dessa vez não houve show de luzes, e Vanhardt apenas sentiu seu corpo formigar.

O que você fez? Essa magia serve pra dar coceira?

Não! Simplesmente fiz você ficar mais forte, umas vinte vezes, eu acho...

Ótimo! Vamos experimentar!

Sem perder tempo, Vanhardt aproximou-se de um pinheiro com quase vinte metros de altura. Ele fechou os dois punhos, mirou bem o tronco, e aplicou um soco no local. Para sua surpresa, o braço

inteiro penetrou na árvore, abrindo um grande buraco. O pinheiro que devia ter centena de anos começou a ranger e a tombar, e acabou caindo sobre outro, quebrando muitos galhos no processo.

Muito bom, Lila! Por que não fez essa magia antes em mim?

Por que não estava na hora! Eu só não sei quanto tempo ela vai durar, portanto fique atento.

Vanhardt exibia um grande sorriso no rosto enquanto se equilibrava sobre um gigante que corria velozmente em direção à fortaleza. Segurava-se nas duas pontas de uma corda que o gigante mordida na metade, como se fosse uma rédea, e inclinando o próprio corpo um pouco para trás. Os pés ficavam sobre os ombros da criatura, deixando-o a cinco metros de altura. A visão do alto era magnífica, e a sensação de velocidade dava um friozinho na barriga. Aquilo era bem melhor do que montar um cavalo! Ao seu lado corriam os outros gigantes, quinze no total, e no céu os Grilliardus voavam emitindo guinchos agudos. Lila estava no bolso da frente do seu casaco, e gritou para ser ouvida:

— NÃO DÁ PRA PEDIR PRA ELES IREM MAIS DEVAGAR? - a fada mantinha os olhos semicerrados, e seus cabelos verdes voavam indisciplinadamente por culpa do vento.

— NÃO! PROVAVELMENTE AS TROPAS DE HILDA JÁ NOS AVISTARAM, MAS SE EU FOR RÁPIDO TENHO UMA CHANCE MAIOR DE PEGÁ-LOS COM A DEFESA DESPREPARADA! - respondeu o rapaz na mesma altura.

Eles se aproximavam rapidamente do castelo - faltava cerca de um quilômetro até a margem do lago que envolvia a fortaleza. Uma fumaça cinza se elevava acima de uma das torres, e as gárgulas incrustadas nas paredes pareciam mais ameaçadoras. Vanhardt percebia o corpo tremer, não de frio, o que ele obviamente não sentia, mas de nervosismo. A expectativa de rever seu filho e de

enfrentar a poderosa feiticeira aumentara muito nos últimos dias, e mais ainda nesses momentos finais.

Cerca de quinhentos metros da margem ele divisou criaturas sobre os muros; algumas apontavam para o exército que ele liderava. Devido à distância só conseguia ver que eram um pouco baixas e certamente não humanas. Segundos depois eles estavam na margem do lago, a menos de cem metros do muro, e puderam ouvir uma sineta sendo tocada no castelo.

Muito bem, agora o castelo todo sabe que chegamos. Vocês dois! - Vanhardt apontou para uma dupla de gigantes - Sigam-me! Os outros fiquem esperando aqui, e quando eu abrir a porta, entrem e derrubem tudo que aparecer pelo caminho. Entendido?

Os gigantes balançaram afirmativamente as enormes cabeças, soltando um grunhido rouco, e Vanhardt olhou para os Grilliardus que voavam em círculos sobre eles.

E vocês aí do alto! Quando eu chegar aos pés do muro, ataquem os atiradores, e qualquer outra criatura que avistarem, ouvirem?

Os Grilliardus responderam com guinchos. Vanhardt olhou novamente para o castelo, e viu que os inimigos corriam de um lado para outro, carregando arcos e bestas e se posicionando atrás das ameias para atirar. Ele cutucou gentilmente a cabeça do gigante que montava, e falou ao pé do seu ouvido:

Você, grandalhão, agüenta algumas flechadas, não é?

O gigante confirmou com a cabeça.

Então levante seu braço e ponha-o na minha frente, para me proteger.

A criatura obedeceu prontamente, erguendo os braços e colocando-os na frente de Vanhardt. A visão do rapaz ficava um pouco prejudicada, mas era melhor isso a levar uma flechada na cabeça.

Tudo bem aí, Lila?

Tudo - respondeu a fadinha num fio de voz. A expectativa da batalha iminente parecia tomar conta dela também - Ai... Tomara que o lago não seja muito fundo!

Vamos lá! - Vanhardt puxou as rédeas com força, e os três gigantes marcharam para dentro do lago.

Os gigantes seguiram com passos lentos devido à dificuldade de andar dentro da água, e quando ela começou a bater na cintura deles, puderam escutar silvos vindo em sua direção.

Flechas! - gritou Vanhardt ao ver uma seta passar a um metro de distância.

Não se preocupe com os gigantes, você mesmo sabe que eles precisariam receber uma centena de flechas para serem derrubados. - comentou a fadinha, que mantinha apenas a cabeça pra fora do bolso de Vanhardt.

Eu não estou preocupado com eles! Eles sobreviveriam, mas eu não!

Os silvos continuaram, e duas das flechas acertaram os braços do gigante, seguidas de outras três que o atingiram no tórax e abdômen.

Anda rápido! Se demorar muito estará mais espetado que um ouriço!

Olhando para os lados, Vanhardt notou que os outros gigantes enfrentavam a mesma dificuldade. Um deles foi atingido no olho direito e sangrava muito. O rapaz tombou a cabeça um pouco para o lado, fugindo dos braços que lhe bloqueavam a visão, e buscou observar os muros do castelo. Dois Grilliardus atacavam uma guarita, enquanto outros três davam rasantes sobre guardas.

Quando chegou a menos de duzentos metros do muro, conseguiu reparar bem nas criaturas que guardavam o castelo. Eram de uma cor verde acinzentada, e possuíam uma cabeça achatada, larga. Alguns tinham narizes finos e com a ponta caída, e outros nem narizes apresentavam, mas apenas dois buracos no meio do rosto. Os cabelos eram ralos, cinzentos, os olhos bem redondos e opacos.

Não faltavam cicatrizes, que enchiam toda a cabeça e o corpo. Vestiam corseletes de couro, e alguns tinham espadas nas mãos enquanto outras carregavam bestas, que miravam ora para os Grilliardus, e ora para os gigantes.

Credo! Nunca vi nada tão feio assim na vida!

São orcs. Podem não ser bonitos, mas lutam razoavelmente bem, e são muitos! Não se distraia! - advertiu Lila, firmando os olhos em uma das torres.

O gigante continuou andando devagar, agora com o corpo cravejado por dezenas de flechas. Ele ofegava bastante, e começou a urrar de dor.

Droga, Lila, acho que ele não vai agüentar chegar até ao muro! Olhe, o gigante da direita caiu! Eu não sei se eles são tão fortes assim!

A queda do gigante criou uma onda no rio que quase derrubou Vanhardt. Ele sacudiu a cabeça molhada e olhou para o bolso, certificando-se que Lila estava bem, apesar de encharcada. No muro, os Grilliardus continuavam lutando e guinchando. Dois deles foram alvejados e caíram no lago.

Não vamos conseguir desse jeito! - resmungou Vanhardt. - Olha quantos guardas estão no muro... Deve haver uns trezentos! Os Grilliardus estão sendo massacrados, e os gigantes não vão agüentar mais nem um minuto!

Eu sei, mas o que você quer que eu faça? Voe lá e acabe com os guardas um a um? Precisamos colocar os gigantes que ficaram na margem lá dentro!

É o que eu providenciarei agora mesmo!

Vanhardt soltou as cordas que usava como rédeas, e mandou o gigante abaixar os braços. Ele esperava chegar com a criatura até ao muro, e daí poderia subir; a situação atual, entretanto, não permitiria. O muro, apesar de estar próximo, ainda constituía uma barreira pois era muito alto, do tamanho das árvores da floresta ali

perto. Ele viu dois guardas se posicionarem com bestas em janelas distintas de uma guarita, e apontarem para ele. Rezando para que a magia de Lila afetasse as suas pernas, ele dobrou os joelhos e saltou.

Seus olhos brilharam quando ele notou que estava a quase trinta metros de altura. Dera certo, ele conseguira pular sobre o muro. O rapaz cruzou-o tranqüilamente, e a sensação de estar a dezenas de metros de altura não era nada ruim, mas quando começou a cair se lembrou que não tinha pensado em como faria para aterrizar. Vanhardt viu o chão se aproximar numa altíssima velocidade, o vento batia forte em seu rosto. Fechou os olhos e se preparou para o baque.

Ai, minha mãe! - rosnou entre os dentes, e protegeu o rosto com os braços.

Capítulo XIV - *Um Sapo Boçal, Uma Armadilha Mortal*

Um segundo se passou, depois dois, três... O que acontecera? Abriu os olhos e viu o chão parado a poucos centímetros do seu nariz. Escutou então uma vozinha escapando do seu peito:

Fui eu quem parou a queda! - tornou a fada com a voz abafada pela camisa do rapaz. - Levante-se rápido, pois estou presa aqui. Alguém pode te dar um golpe por trás - o bolso de Vanhardt estava encostado no solo, e a fadinha quase esmagada.

O rapaz pôs os dois pés no chão e olhou ao redor. Ores corriam para cima de escadas que davam acesso a uma passarela atrás dos muros. Nenhum deles parecia ter notado a sua presença. A poucos passos atrás de si estava o portão principal, preso por duas cordas enroladas em dois respectivos rolos de madeira. Certamente, quando alguém queria entrar ou sair do castelo, os rolos eram girados e o portão baixado. Só havia um problema: a distância do muro até a margem era de cerca de cem metros, e o portão não tinha mais do que vinte de altura. Ou seja, o seu tamanho não era suficiente para atingir a margem do rio - não chegaria nem na metade!

Três ores que saíram de uma porta lateral do castelo viram o rapaz, e avançaram em sua direção brandindo espadas no ar. Ele sacou a adaga da bota direita e cortou uma das cordas, depois correu para outra e repetiu o ato. O imenso portão de metal começou a descer, e, surpreso, Vanhardt viu um bloco de metal sair de dentro

dele à medida que baixava. Este segundo bloco aumentava de tamanho sem parar, até que um terceiro saiu deste. Então era assim que funcionava - os blocos sucessivos saindo um de dentro do outro aumentavam o tamanho do portão, tornando-o comprido o suficiente para atingir a margem oposta.

Gravando em sua mente a imagem do engenhoso mecanismo, virou para o lado dos ores, que avançavam furiosos. No calor da batalha ele não se sentia nervoso, mas sim impelido para agir. Guardou a adaga na cintura e disparou na direção dos soldados de Hilda, e já bem próximo a eles, saltou. A diferença desse salto para aquele que o fizera atravessar o muro era que dessa vez ele não seguiu para cima, e sim para frente.

O seu pé acertou o tórax da criatura do meio fazendo-a voar por quase uma centena de metros para trás, só parando ao bater em uma carroça de feno. Os outros dois inimigos viraram, e desceram as suas espadas sobre a cabeça de Vanhardt. Instintivamente o rapaz segurou os pulsos dos ores, aparando os golpes.

As horríveis criaturas rosnavam e cuspiam baba no rosto de Vanhardt. Faziam muita força para baixo, os braços tremiam, mas o rapaz não sentia dificuldade alguma em segurá-los. Com extrema destreza, ele soltou o braço esquerdo e se desviou do golpe do ore, que acabou atingindo o chão. Aproveitando a posição abaixada do inimigo, ele girou o braço no ar e deu um soco no abdômen dele, fazendo-o voar sobre o muro e mergulhar de cabeça no lago.

O ore que ele segurava com a mão direita agora tremia dos pés à cabeça, e tinha no rosto uma expressão de pavor. Utilizando ambas as mãos, ele agarrou os punhos do adversário, fazendo-o largar a espada no chão. Depois começou a girar em torno do próprio eixo, como um pião, deixando a criatura na horizontal, atirando-a após alguns giros sobre o primeiro ore que já se levantava.

Toma, distraído! E aí, quem é o próximo? - perguntou esbanjando confiança.

Você vai ficar aí brincando com esses ores, ou ir buscar o seu filho? - a fadinha, que não estava mais em seu bolso, voava na frente de uma porta de pedra que dava acesso ao castelo.

Um grande estardalhaço foi ouvido, e vinha do portão principal. O rapaz virou-se, e percebeu satisfeito que os gigantes entravam na fortaleza e atacavam os ores com extrema violência, destruindo carroças, guaritas e jogando pedras e destroços pelos ares.

Ótimo, eles chegaram! Vamos lá, Lila!

Vanhardt pegou a espada que o ore deixara cair no chão e correu para a porta. Chegando lá, encontrou uma escada de pedra que subia em caracol.

É por aqui? - Vanhardt perguntou para a fadinha.

E eu sei lá? Só vamos descobrir depois que subirmos, né? De qualquer forma, seu filho está dentro do castelo, e por aqui nós *entraremos* no castelo.

Estava muito escuro lá dentro, mesmo com archotes acesos nas paredes de pedra de poucos em poucos metros. Lila sibilou algumas palavras que Vanhardt não conseguiu entender, e uma luz amarela brotou de um de seus dedos, iluminando melhor a escada. O rapaz subiu na frente, seguido pela fada que voava atrás de sua cabeça.

Quer sair daí? Desse jeito você está fazendo a minha cabeça criar sombras!

Nem pensar, aqui estou mais bem protegida! - a fada deu um sorriso sapeca.

A escada seguia em caracol por vários andares, e cada um dava acesso a um corredor. Estes mais pareciam túneis, com o teto em forma de arco e o chão e paredes retos, de pedras justapostas, além de musgos e teias de aranha presas nas ranhuras. Os dois seguiram até atingir o último andar, quando decidiram continuar pelo túnel logo à frente. A fada comentou que normalmente em castelos o quarto dos senhores e o das visitas importantes ficavam no último andar, portanto seria mais fácil encontrar Erick ali.

Lila, são várias portas! - Vanhardt apontava para aquelas que encontrava. - Como iremos saber qual é?

Ai, ai, pelo visto você não sabe nada de castelos, não é?

Claro que não, eu nunca estive em um.

Bem, acontece que...

Subitamente, os dois ouviram um estalo, seguido de um zumbido. Tanto no lado da frente do corredor, quanto no de trás, surgira uma espécie de parede vermelha semitransparente. Elas irradiavam luz e calor, e emitiam um zumbido que parecia com o de pernilongos quando perturbam o sono de algum inocente.

Mas que diabos é isso? - Vanhardt ia cutucar a parede vermelha, quando foi impedido por um grito de Lila.

NÃO! - ela parou na frente do dedo do rapaz, com os braços abertos. - Essa parede parece enfeitiçada, e provavelmente matará quem tocar nela!

Hum... Err, bem... Claro que eu não ia tocar nela, Lila! Por acaso sou do tipo de pessoa que sai encostando-se em tudo diferente que vê?

Quer mesmo que eu responda? - desafiou a fada.

De trás de uma das paredes de luz, do lado contrário ao da escada em caracol, aproximou-se sorrateiramente uma criatura. Ela vinha com passos lentos, dando risadinhas enquanto se esgueirava pelo corredor, oculto pelas sombras.

Hihihhi! Peguei os dois! Hihihhi! A baronesa Hilda ficará satisfeitiíssima com o grande Kuengui!

A criatura se aproximou mais alguns passos, saindo da escuridão. Era semelhante a um sapo; olhos negros e redondos no alto da cabeça, uma boca enorme e sem lábios, e dois furos no meio da cara, revelando narinas incipientes.

O corpo era verde com pintas amarelas, e praticamente não tinha pescoço, com a cabeça ligada diretamente no tronco. Vestia uma túnica roxa bem elegante, com franjas e frufus, e uma calça

coladinha no mesmo estilo. Não usava botas, e os pés apresentavam membranas entre os dedos. Ele segurava uma caixinha quadrada nas mãos, nas quais os dedos também possuíam membranas translúcidas entre si.

Ei, sapão! Foi você quem nos prendeu aqui?

Ah... Claro que foi, jovem Vanhardt! E usei esse controle aqui... - apontou para o objeto que segurava e que continha uma pequena alavanca metálica além de um botão vermelho. - Agora suas vidas estão nas mãos do poderoso Kuengui, hahahaha! - o sapo ria com a boca sem dentes escancarada, colocando para fora uma língua roxa comprida, enquanto balançava o controle nas mãos.

Como sabe o nome de Vanhardt? Por acaso Hilda estava esperando por nós? - dessa vez foi a fada que perguntou, e olhava desafiadoramente para a criatura de aspecto nada agradável.

Não sei apenas o nome de Vanhardt, mas também o seu, Lila! E sei de outras coisas... Como o modo que você acariciava os cabelos dele enquanto o rapaz dormia na floresta. Você gosta dele, não é?

O QUÊ? - a fada sentiu o rosto arder. - Fique sabendo que...

Calada! - gritou o sapo numa vozinha fina, apontando o controle ameaçadoramente para Vanhardt e Lila. - Não ouse se dirigir a mim nesse tom imperativo! Quem dá as ordens aqui sou eu!

Seu sapo idiota, quem acha que é pra nos dar ordens? Não passa de um bicho feio, que pensa ser forte, mas estaria cagando de medo se não fosse esse brinquedinho aí! - Vanhardt cruzou os braços assim que terminou de falar.

Então é assim? Pois vai se arrepender de ter ofendido o grande Kuengui... Sintam minha fúria! MORRAM! - depois de dar um berro, Kuengui arregalou os olhos e puxou a alavanca do controle, de modo que as paredes de luz piscaram uma vez, e começaram a se mover, aproximando-se de Vanhardt e Lila.

Lila, faça alguma coisa! Se essas coisas nos tocarem estamos fritos!

Eu sei, estou tentando - a fada dizia enquanto mantinha os braços esticados, invocando várias magias. Faíscas luminosas saíram de suas mãos, mas nenhuma pareceu deter as paredes.

Você viu, ele conhecia nossos nomes, e sabia que estávamos naquela floresta - comentou Vanhardt. - Será que ele também sabia do plano de invadirmos o castelo?

Não tenho certeza, mas não temos tempo para pensar nisso agora! Tente me ajudar aqui!

As paredes continuavam a se aproximar perigosamente dos dois, que procuravam manter-se o mais distante possível delas. As magias que Lila conjurara não tiveram efeito algum, e Kuengui gargalhava alegremente vendo os dois se espremerem cada vez mais.

Hihhi, Há!Há!Há! Eu avisei para não me ofenderem! Levarei o que sobrar de vocês para a minha mestra, que ficará satisfeitíssima com meu sucesso!

Capítulo XV - O Pequeno Vanrato

Se as paredes num primeiro momento se distanciavam por volta de quatro metros uma da outra, agora estavam a menos de dois. Vanhardt respirava ofegante, sem enxergar nenhuma saída possível. *Pensa idiota, pensa!* Ele olhou para Kuengui, que mantinha uma mão segurando o controle, e outra a barriga, enquanto erguia o tronco ligeiramente para a frente e continuava a rir de maneira escandalosa. Subitamente, um rato saiu de um buraco na parede de pedra próxima ao sapo, e correu para o outro lado, pondo-se a roer uma fresta no chão. Na mesma hora Vanhardt teve uma idéia.

Ele observou fixamente o ratinho, concentrando-se. Tentaria fazer o mesmo de quando pescara aquele peixe. Os animais eram mais ou menos do mesmo tamanho, se ele tivesse sorte... Sem se preocupar com as paredes que teimavam em se aproximar, sentiu a visão embaçar, e de repente ele estava olhando para o pé verde de Kuengui, e suas pernas vestidas com uma calça roxa ridícula. *Dera certo!*

Sem pensar muito, correu para o sapo gigante e cravou os dentes pontudos naquela carne macilenta. Um grito de dor - o ratinho voou vários metros, mas Kuengui não derrubou o controle, como Vanhardt queria. Ele apenas se abaixou e começou a roçar a mão na ferida, enquanto resmungava. O jovem voltou imediatamente para o seu corpo humano.

Nesse instante a luz vermelha estava a poucos centímetros do seu nariz, enquanto Lila terminava uma frase:

... VAI FAZER NADA É? - a fadinha puxava com força a orelha de Vanhardt.

Lila, rápido, me escute. Está vendo aquele rato ali atrás de Kuengui? Use nele a mesma magia de aumentar a força que usou em mim antes de invadirmos o castelo!

Mas pra quê você...

AGORA!

Lila obedeceu prontamente (*crafo adimapla!*), e Vanhardt voltou a se concentrar no rato. Não tinha muito tempo. Em menos de cinco segundos a parede de luz tocaria-os, e os mataria instantaneamente. Mais uma vez a sua visão embaçou, e ele olhava para uma fita de musgo grudada no chão de pedra. Virou-se para Kuengui, abaixou as quatro perninhas, e pulou em sua direção.

A partir desse momento, tudo pareceu acontecer numa velocidade muito, mas muito menor, e num silêncio completo. Vanhardt deslizava no ar suavemente, e a brisa tocava seus pêlos de rato como o doce carinho de sua esposa. As paredes de luz andavam centímetro por centímetro; o bater de asas de Lila outrora frenético, agora era lento e pausado. Kuengui balançava a cabeça para cima e para baixo, e mantinha a boca aberta sem esquecer de deixar a língua comprida para fora, mas seus movimentos também eram lentos e cadenciados, e nenhum som saía da garganta. Vanhardt pousou tranqüilamente sobre a mão do sapo, e deu uma mordida em seu dedo com tanta força que quase o arrancou. Foi aí que sentiu o ouvido zumbir, anunciando que novamente podia ouvir sons e a velocidade voltara ao normal.

Kuengui jogou o ratinho no chão berrando de dor, e quando foi segurar a mão ferida com a outra, derrubou o controle. Vanhardt, ainda com o corpo de rato e sentindo a dor da queda, além de um pouco de tontura, ergueu-se o mais rápido que pôde e subiu no botão vermelho. Torcendo para seu corpo humano não ter sido atingido pela parede enfeitiçada, fechou os olhos, e quando os abriu

ficou contentíssimo ao notar que estava vivo. E melhor, sem nenhuma parte do corpo tostada.

Antes que Kuengui pudesse se abaixar para pegar o controle, Vanhardt ergueu-o pela gola e apertou-o com força contra a parede, enquanto colocava a espada no seu pescoço.

E agora, sapinho? Vai continuar rindo que nem pateta, ou sair correndo para a barra da saia de sua mestra? - pressionando-o com mais força contra a parede, ameaçou-o com a espada. - Pois não lhe darei nenhuma dessas opções!

S-s-senhor... milorde! Me d-d-desculpe - o sapo gritava com uma voz esganiçada, e cheia de pavor. - P-por f-f-favor, não me mate! Buáaaaaa!

Escandaloso! Se não parar com isso, aí sim irei te matar!

Eu faço o que quiser, qualquer coisa, QUALQUER COISA!

Humm - fungou a fadinha com a mão no queixo, enquanto voava em círculos sobre a cabeça de Vanhardt. - Que tal nos responder como sabia nossos nomes e *coisas* que andamos fazendo? - se alguém reparasse bem notaria que as maçãs de seu rosto tomaram uma cor ligeiramente rosada.

Senhorita... - resmungou entre soluços. - O misericordiosa e bondosa fada! É a única resposta que não posso oferecer, a única! Minha mestra utilizou um feitiço em minha mente, para que eu não fosse capaz de revelar certos segredos! Mas juro que se fosse capaz eu falaria!

Seu safado, você acha que somos trouxas, é? Ninguém aqui é burro, não! Primeiro nos humilha, e tenta nos matar, e depois tenta nos fazer de idiotas? Se vai continuar com esse joguinho de "minha mestra me enfeitiçou, e nhé-nhé-nhé", sabe o que acontecerá? Sabe o quê, seu miserável que quase nos matou...? Olha aqui o que vai acontecer!

Vanhardt girou a espada no ar e depois segurou-a pelo cabo, apontando entre os olhos de Kuengui. Antes que pudesse fazer

qualquer coisa, Lila cutucou-o pelas costas.

Hum-hum... - a fada arranhou a garganta e apontou para o chão, onde corria uma pequena porção de líquido amarelo.

Vanhardt procurou a fonte do líquido e viu que ela vinha das calças de Kuengui, que também estavam molhadas.

Nossa, se está se mijando todo de medo deve ser porque conta a verdade, né? - abaixou um pouco a espada, sem, contudo, tirá-lo da parede. - Se não pode nos responder isso, que tal nos dizer onde está meu filho Erick?

Q-q-quem? - perguntou o sapo num fio de voz, com medo de aborrecer Vanhardt.

Meu filho, Erick, um bebê de menos de um mês de vida! - tornou o jovem, aumentando o tom de voz.

Eu não faço a mínima idéia do que está falando! - disse Kuengui, agora se encolhendo.

AH, SEU SAFADO, TÁ QUERENDO ME ENGANAR OUTRA VEZ, É? - mirou-o com os olhos furiosos, e levantou a espada novamente, mas quando ouviu barulho de gotas pingando abaixou-a, mais calmo. - Hum, certo, você não estava me enganando. Mas que saco, se não sabe onde está Erick nos diga pelo menos onde são os aposentos da sua mestra Hilda Risalv.

Ai, bem, não sei se devo... - e depois de olhar a lâmina da espada refletindo sua pele esverdeada. - Mas é claro que irei mostrá-lo!

E nem ouse nos enganar, senão... - Vanhardt soltou Kuengui, sem terminar a frase.

O sapo, depois de balançar um pouco a calça tentando inutilmente limpar o xixi, fez uma longa reverência para Vanhardt e Lila. Aconteceu que o gesto foi tão mecânico e forçado, além do fato de Kuengui ter urinado nas calças anteriormente, que Vanhardt e Lila seguraram risadas ao invés retribuírem o cumprimento. O sapão, visivelmente ofendido, ergueu o corpo, mas limitou-se a dizer:

Sigam-me.

Kuengui foi andando na frente, e Vanhardt ao ver seus passos um tanto desengonçados, o corpo pendendo de um lado ao outro, e o rebolado, jurava que o que estava em sua frente era na realidade um Pepenji. Passadas algumas portas, o filho da deusa do gelo começou a imaginar se sapos também urinavam, ou se aquele era um caso especial. Andaram por dezenas de metros, e o túnel se tornava cada vez mais escuro apesar da distância entre os archotes continuar a mesma.

Depois de um pequeno lance de escadas, Kuengui parou em frente a uma porta dupla de carvalho.

É aqui, senhores, o quarto da baronesa. - e apontando o dedo indicador para cima. - No entanto, devo alertá-los que...

Ah, cala a boca! - Vanhardt deu um chute na barriga de Kuengui, que foi voando para o fundo do corredor.

AAAAAaaaaaaah... - o som de seu grito diminuía à medida que ele se afastava de Vanhardt e Lila.

Você também acha que é uma armadilha, não é?

Creio que sim... - respondeu a fadinha, com um sorriso amarelo.

Bem, se for mesmo, pelo menos cairemos nela com coragem! - um barulho de explosão seguiu ao chute de Vanhardt que despedaçou a porta dos aposentos de Hilda.

O quarto era grande, e muito bem iluminado por um lustre dourado pendurado no teto que não continha menos do que cinquenta velas acesas. No canto direito, havia uma cama com cortinado vermelho, logo depois de uma janela ampla. À esquerda duas estantes repletas de livros empoeirados e com uma ou outra teia de aranha, denunciando certa falta de interesse. No centro do quarto uma mesa redonda, branca, sobre a qual havia uma garrafa de vinho e uma taça cheia até a metade. Sentada numa cadeira atrás dessa mesa, estava a mulher responsável pelo esfacelamento da família de Vanhardt. Hilda usava um comprido vestido vermelho, de

alcinhas. O cabelo ruivo estava preso em um coque, e o rosto aparentava a mesma falsa jovialidade de dias atrás. Ela pareceu nem reparar na porta que acabara de ser destruída, e com um gesto distraído das mãos disse:

Até que enfim chegaram - falava com a maior naturalidade do mundo, como se esperasse a dupla pensei que nem viriam mais. Tsc, tsc, visitas bem comportadas batem antes de entrar, sabiam? - havia um sorriso maligno em seu rosto, e a voz era cheia de veneno.

Deixe de cinismo e falsidade, sua bruxa, sabe muito bem que não somos visitas coisa nenhuma! - o coração de Vanhardt agora estava acelerado, e seu estômago parecia ter sido mergulhado num balde de água fria. - Não viemos aqui para tomar chá e comer bolinhos com um ser desprezível como você!

Ah, criança, não diga isso! Pois se continuar com tamanha falta de respeito, serei obrigada a ensinar-lhe boas maneiras. - Hilda falava com uma voz infantil, como se estivesse diante de uma criança numa creche.

Pois olhe as boas maneiras que eu tenho pra você - Vanhardt atirou sua espada com força, cortando o ar numa velocidade magnífica em direção ao pescoço de Hilda.

Capítulo XVI - *Lágrimas por Vanhardt*

Léia observava atentamente a fonte no centro do salão de cristal. Era como se ela tivesse o ponto de vista de um Grilliardus, e via o exército ore de Hilda ser assolado por suas criaturas aladas e pelos gigantes. Apesar de estar causando grandes danos na fortaleza de Avendorh, não poderia considerar a batalha vencida, pois Hilda permanecia muito quieta até o presente momento. Não duvidava que a feiticeira guardasse algum truque nas mangas. Um lampejo irrompeu da fonte, a imagem sumiu, e o som agudo do trinado de um Grilliardus ecoou pela sala - era o sinal de alarme. Que surpresas mais a aguardavam? Léia girou com habilidade o cetro sobre a fonte e ordenou:

— Mostre-me o que ocorre em meus domínios!

As águas começaram a vibrar, e inusitadamente, a imagem dos muros do castelo da deusa do gelo foi tomando forma. Léia não acreditou no que via, só podia ser um engano. Decorreram preciosos segundos antes de admitir: Ghar, sob uma capa verde, liderava um exército de vinte gigantes que atacavam a sua fortaleza de cristal. Ainda assustada com o que acabara ver, a deusa do gelo se levantou, jogando o manto prateado sobre os ombros. Aquele maldito deus dos gigantes! Apesar de não possuir boa reputação, Léia nunca imaginou que ele fosse capaz de tamanha covardia. E justamente agora que ela não contava com defesas, além de uma reserva extremamente baixa de energia. Lembrou-se da primeira traição da qual fora vítima; a história repetia-se mais uma vez. Só que ela não ficaria passiva, sem nada fazer - iria ao encontro de Ghar e lutaria

bravamente. Tomando o cetro com a mão direita, Léia se dirigiu para a porta.

Cruzou um corredor cujas paredes irradiavam um vermelho ardente, indicando estado de alerta, desceu um lance de escadas, depois passou por mais uma porta. Suas defesas, compostas por não mais do que meia dúzia de Grilliardus e uma dezena de lobos das estepes estariam nesse momento combatendo Ghar e seu exército. Ela, entretanto, sabia que eles não seriam páreo para os invasores. Depois de passar por mais um corredor, atingiu o jardim central do palácio. Se não fosse uma situação desesperadora, Léia não se importaria de permanecer longos minutos admirando aquele que era o local do qual mais gostava, como fazia todos os dias.

Duas ruas de pedras cortavam o jardim de uma ponta a outra, cruzando-se na metade. Portas altas de carvalho existiam nas extremidades das ruas, e eram a única maneira de entrar e sair do aposento. Nos quatro canteiros centrais podia-se ver uma quantidade e variedade fabulosa de flores, de todas as espécies e cores, muitas delas nem mais existentes em Kether. O jardim não apresentava janelas, e a luz vinha de três fontes. Uma delas era o pisca-pisca alucinante da traseira de insetos, que cintilavam com uma luz azul enquanto voavam em torno do salão.

Outra era o nariz de criaturinhas pequenas e peludas, parecidas com esquilos, do qual jorrava uma luz vermelha. A última fonte era um lustre preso ao teto, com cristais amarelos que brilhavam profusamente. As luzes variadas, os pequenos animais, as flores, tudo junto resultava numa beleza inimaginável, provavelmente não encontrada em nenhum outro lugar de Kether.

Léia cruzava o jardim guardando silêncio, um pouco ansiosa, e quando se aproximou da porta, esta se abriu sozinha, com um rangido. O primeiro a entrar foi o próprio Ghar; dois metros e meio de altura, corpo musculoso e coberto por cicatrizes, um colar de crânios pequenos pendendo do pescoço. Carregava na mão direita

um machado de lâmina dupla, duas vezes maior do que um similar humano. As feições eram sérias, as grossas sobrancelhas se juntavam no meio da testa em uma expressão de absoluta insatisfação. A ele seguiram-se dez gigantes, os quais tinham o dobro da altura de seu líder e não estariam de pé se o teto do jardim não fosse tão alto. Os gigantes vinham com as mãos nuas, ou armados com porretes de dois metros de comprimento e uma espícula na ponta, e pararam em semicírculo atrás do seu mestre.

Maldito seja, Ghar, deus dos gigantes! - disse Léia de onde estava, num tom calmo, mas firme - Pois tenha ciência de que não passa de um verme que rasteja sobre a terra, um traidor vil e sem honra que hoje irá pagar por sua traição!

Os lábios de Ghar se contraíram, esboçando um curto sorriso. Ele olhou Léia dos pés à cabeça e disse com a voz cavernosa:

Quem irá perecer hoje não será outro a não ser a própria deusa. Com satisfação vejo que continua tão linda quanto antes! Ah... sua cabeça dará um belo troféu, pendurada no meu peito!

Eu continuo bonita e Vossa Divindade o mesmo mau-caráter, arrogante e estúpido de outrora. Tomara que se afogue no lodo em que vive!

De repente, um fio de memória perpassou a mente de Léia. E os gigantes que ela havia adquirido de Ghar? Será que ainda estava de posse deles? O que seria da batalha no castelo de Hilda?

Há!Há! Estão sob o meu comando. Todos eles! - Ghar pareceu adivinhar os pensamentos da deusa do gelo. - Pra ser mais exato, acabaram de exterminar nesse instante seus Grilliardus no castelo de Avendorh, e agora rumam para a minha fortaleza. Não precisa se espantar tanto, querida! O seu fim está próximo, não irá precisar se preocupar com isso!

Enquanto Ghar falava, um dos gigantes notou uma criaturinha de nariz vermelho, parecida com um esquilo, e pegou-a com uma

das mãos. Olhou-a curioso, girou-a para um lado e para o outro, e depois de cheirá-la, abriu a boca e engoliu-a de uma vez.

Já basta! Não tolerarei mais a sua presença ou a desses gigantes. Retire-se do meu castelo, ou serei obrigada a tomar a vida de todos! - a deusa do gelo falou num tom imperativo e poderoso.

— Sabe que está em absoluta desvantagem, e mesmo assim com tanta pressa para morrer? Tudo bem, não irei atrapalhá-la... Gigantes! TRAGAM-ME A SUA CABEÇA!

Léia girou o cetro no ar e assumiu uma postura defensiva. Apesar da deusa procurar manter um ar de segurança, no fundo ela não sentia nada além de muito medo. Sabia que não suportaria o ataque de tantos gigantes, além do próprio Ghar, que não seria um inimigo mais fraco. Também não queria fugir, como fizera da primeira vez que foi traída, pois estava cansada demais para recomeçar uma vida inteira. Ah... Chega! Era hora de parar de se lamentar, e começar a agir. Lutaria até o último fio de energia divina.

O primeiro gigante avançou furiosamente com um soco, mas Léia atingiu-o com um raio de luz, derrubando-o no chão. O segundo e o terceiro também emendaram socos, e exibindo uma destreza maior que a dos melhores ginastas, Léia girou o tronco e esquivou-se deles, ao mesmo tempo em que conjurava duas lanças de gelo que perfuraram o abdômen de um e o tórax do outro. Um porrete cortou o ar e por centímetros não atingiu a deusa, que graças a uma cambalhota para trás desviou-se do golpe. Ela aproveitou para subir no porrete e correr para cima do gigante, acertando-lhe o rosto com a base do cetro.

A deusa do gelo continuava a se esquivar febrilmente dos golpes dos gigantes enquanto conjurava magias ou acertava-os com o cetro. A luta chegara aos canteiros, e enquanto socos e porretes brandiam no ar, uma torrente de pétalas de todas as cores dançava pelos jardins. Ghar não se mexia, contentando-se apenas em observar a luta. Os segundos iam se passando, cada novo golpe dos gigantes

chegava mais perto de Léia, e suas magias iam perdendo a precisão e a força. Ela utilizou a *tenloadi*, que deixou dois gigantes mais lentos, enquanto passou a rasteira em outro e saltou vários metros para trás, para recuperar o fôlego.

Seus olhos correram o jardim; havia cinco gigantes no chão, estando três deles certamente mortos, um bastante ferido mas vivo, e outro desacordado. Dos que estavam de pé, dois eram vítimas da *tenloadi*, e seus movimentos se tornaram muitíssimo mais lentos; os outros três estavam bem, apenas com escoriações leves. A situação até que não era de todo ruim - o único problema era que ela tinha pouquíssima reserva de energia divina, só poderia usar uma ou outra magia. De relance viu Ghar, que aparentava um certo nervosismo, mas permanecia imóvel. Seria ele mesmo poderoso, e poderia estar tramando alguma coisa? Ou apenas seus gigantes tinham força, e por isso o deus dos gigantes não se atrevia a fazer nada?

Percebendo que os gigantes partiam para uma nova investida, Léia deixou seu manto prateado cair displicentemente no chão. Quando eles se aproximaram com seus urros grotescos, e o rosto retorcido de fúria, ela chutou o manto cobrindo o rosto de um deles. Enquanto este tentava se desvencilhar do manto que o cegava, Léia saltou e prendeu os pés no teto, como uma aranha. Os gigantes se assustaram com o movimento, e ela aproveitou para soprar um cone de vapor branco, que congelou os braços dos inimigos. Soltou-se do teto e caiu no chão, assumindo mais uma vez uma postura defensiva.

SEUS IDIOTAS, TODOS, COMPLETOS INÚTEIS! - Ghar explodiu, e gritou tão alto que poderia ser ouvido a quilômetros de distância. - Uma deusa apenas, e sem nenhuma criatura... - agora ele bufava. - Vossa Divindade... Vossa Divindade vai pagar por isso! FORÇA BRUTAL! AHHHHHHHHH!

Os músculos do deus dos gigantes dobraram de tamanho, e suas veias incharam e se tornaram visíveis por cada dobra do seu corpo.

Os olhos vermelhos saltavam das órbitas, a testa suava frio, e ele apertou o machado com as duas mãos.

Agora vou terminar o serviço que esses estúpidos não tiveram a mínima competência para realizar. E sentirei imenso prazer ao arrancar essa sua cabeça linda, e pendurá-la como um troféu no meu pescoço. Dali Vossa Divindade poderá assistir a minha conquista de todo o reino de Kether, saboreando cada vitória! MORRA, DEUSA DO GELO!

Ghar avançou para cima de Léia, e em milésimos de segundos ele já atingia seu machado contra o cetro da deusa, erguido defensivamente. Esta se assustou com a velocidade e a força do ataque; se demorasse mais um pouco no movimento, estaria morta. Ghar continuou a girar o machado e a desferir golpes um atrás do outro. Léia revelava extrema dificuldade para se defender, parecia que o cetro iria se partir ou seu braço ser arrancado com a potência dos ataques do deus dos gigantes. Andando para trás, e se limitando a aparar paliativamente as investidas de Ghar, ela percebia que não teria chances contra esse deus. Não tardou muito até ele acertar o machado contra o tórax desprotegido de Léia. Ela voou vários metros para trás, só parando ao colidir com uma das paredes de pedra, onde abriu um buraco. A dor era tão excruciante que teve de se ajoelhar após tentar ficar de pé.

Uma poderosa luz dourada brotou da mão direita de Léia. Ela passou-a sobre o peito, fechando a ferida. Foi assim que gastou os últimos quantuns de energia divina. Depois dessa manobra, a deusa do gelo, descrente, viu mais sete gigantes entrarem no salão, reforçando as tropas de Ghar.

Ah! Estava tão corajosa antes, e agora olha pra mim com tanto... *medo?* - Ghar perguntou com cinismo na voz - Até que enfim se deu conta do seu fim, não é minha cara? Hahaha! É tão bom sentir esse doce cheiro de pavor brotando de cada poro do seu corpo!

Talvez esteja certo, deus dos gigantes. - tornou ela, com o fio de voz que lhe restava. - Mas saiba que antes de morrer irei levar mais alguns dos seus comigo!

Léia viu Ghar e os outros gigantes avançarem para cima dela, e apertou o cetro com força. Ela estava triste. E não pelo seu próprio destino, do qual já não podia escapar, mas sim por seu filho Vanhardt. A deusa não poderia mais compensá-lo por todos os anos de ausência, nem ajudá-lo na busca por Erick. Ele estaria sozinho. Uma lágrima de gelo triste e silenciosa escorreu pelo rosto de Léia.

Capítulo XVII - Rio de Poder

A espada atirada por Vanhardt parou a menos de um centímetro do pescoço de Hilda, e permaneceu flutuando no ar. Em seguida ela girou em seu próprio eixo, horizontalmente, apontando para o rapaz.

Garoto estúpido, se tivesse me matado nunca saberia onde encontrar o seu querido filho! - repreendeu Hilda.

Como assim "onde encontrar meu filho"? - perguntou Vanhardt ainda de olho na espada que agora parecia querer voar para o seu pescoço. - Ele não está em algum lugar do castelo? Onde o escondeu? - seu cérebro trabalhava agilmente procurando uma maneira de trazer a situação para o seu controle.

Ai...ai...ai... Está vendo como é inocente? Você tem muito o que crescer, o que amadurecer. Nem reparou na própria atitude. Chega ao meu quarto, com um ar arrogante, e tenta me assassinar sem ao menos perguntar pelo filho! Deu muita sorte por eu ser tão poderosa e não me deixar matar facilmente, pois se isso tivesse acontecido você nunca saberia onde encontrar Erick.

Vanhardt sentiu-se levemente envergonhado. Realmente, ele havia se deixado levar pelas emoções, e agiu sem pensar. Poderia ter comprometido todo o futuro do bebê após uma atitude tola como essa. Com a culpa pesando nos ombros, perguntou de forma educada:

Onde ele está? Onde está meu filho?

Eu vou lhe dizer, prometo. Só que antes gostaria que você me respondesse uma coisa... Por acaso meu marido lhe disse por que ele

levou Selena daqui? - ela novamente deu um dos seus sorrisos malignos.

Vanhardt permaneceu alguns segundos calado, fitando a feiticeira. Lionel não contara nada. Essa era uma das perguntas que o rapaz gostaria que fosse respondida.

Não, o Sr. Risalv nunca me contou.

Humm, previsível. Bem, então farei o favor de lhe contar. Você deve estar curioso em saber por que uma mulher como eu foi capaz de matar o marido e roubar o neto, correto? Saiba que foi meu próprio marido que teve a idéia inicial de fazer esses "rituais" com Selena quando ela ainda era um bebê, a fim de torná-la uma grande feiticeira. Ele não era essa figura nobre e honrada como provavelmente se mostrou para você; tinha tanta sede de poder quanto eu própria.

As palavras de Hilda assustaram Vanhardt. Lionel fizera *rituais* com Selena? Isso não era coisa boa. *Ele não era nobre e honrado...* Não, aquilo tudo era mentira, Hilda com certeza estava usando um dos seus feitiços para manipulá-lo. Era isso, ela tentava colocá-lo contra Lionel. Mas não iria satisfazer as suas intenções.

Vanhardt, não acredite nessa bruxa, ela está tentando confundir-lo - dessa vez foi Lila quem falou, quando sobrevoava um dos ombros de Vanhardt. Parecia ter a mesma opinião que ele.

Ora, ora, então a fiel escudeira do nosso herói resolver dar-nos a graça de entrar numa conversa na qual não foi chamada? - Hilda serviu mais vinho na taça, sem tirar os olhos da fadinha. -Tudo bem, já estou começando a me acostumar com a falta de educação de vocês dois...

Má educada? MÁ EDUCADA? Sua vaca, quem é má educada aqui...

Está bem, Lila, chega de ofensas - Vanhardt interrompeu a frase da fada, assumindo de modo forçado certo ar importante. - Vamos ver o que minha sogra tem mais a nos dizer.

Muito obrigada! Bem - Hilda recomeçou a falar depois de tomar um gole de vinho. - Não desejam sentar-se primeiro? Creio que deve ser *desagradável* permanecer de pé enquanto eu falo, e obviamente não é uma regra de etiqueta...

Não, estamos bem de pé - respondeu Vanhardt, e olhou para a fadinha - ou voando.

Se assim desejam... Antes de contar essa história, gostaria que tivesse cérebro e me ouvisse sem pré-julgamento. Se possuir algum grau de inteligência, conseguirá se manter num estado de percepção mais acurada, e assim poderá obter maior consciência da verdade contida em minhas palavras.

"Desde que nos casamos, Lionel e eu pertencíamos a esta ordem, chamada de 'Divina Serpente'. Éramos ambiciosos, e sempre cumprimos com os deveres que nos eram impostos, com a intenção de subir cada vez mais na hierarquia dentro da ordem. Eu fiquei conhecida como uma poderosa feiticeira, mas Lionel nunca foi bom com a magia, agindo melhor nos trabalhos de espionagem e furto - talentos ladinos. Trabalhávamos arduamente, e nossos esforços nunca deixaram de ser recompensados. Aconteceu que muitos anos se passaram e eu fiquei grávida, e nossa linda filha Selena veio ao mundo."

"Nem esperamos ela completar um ano de idade e a iniciamos na ordem por idéia de meu marido, o que queria dizer que ela não mais nos pertencia, e sim à Divina Serpente. Ficamos encarregados de criá-la, e também de torná-la feiticeira assim como eu. O tempo foi passando, e juntamente com outros membros da ordem, cumpríamos rituais com Selena. A partir de um determinado momento, comecei a ficar incomodada com isso, sentia um apego muito grande por minha menina e tinha dúvidas se fora mesmo certo tê-la entregado à ordem. A cada dia que passava ela ficava mais afastada de nós, e eu sentia mais desejo de possuí-la só para mim. Lionel demonstrava o mesmo sentimento, e chegamos a pensar

em voltar atrás, desistindo quando percebemos que era impossível - tal fato seria considerado uma traição. Selena acabara de completar seis anos quando uma surpresa nos arrebatou: eu estava grávida novamente."

"Dessa vez Lionel e eu resolvemos não contar à ordem, e escondemos a gravidez. Meses depois o bebê nasceu, um menino. Era óbvio que um dia a ordem descobriria o acontecido, e certamente nos puniria. Então enviamos nosso filho para um pequeno reino ao sul de Kether, a um casal muito amigo, o qual cuidaria bem dele. Foi uma idéia inteligente na época; a Divina Serpente não descobriu nada, e quando desejássemos, poderíamos visitá-lo utilizando uma desculpa qualquer."

"O tempo continuou a correr e nossa filha crescia a olhos vistos, começando a dominar os feitiços básicos. Ela não vivia mais conosco em Avendorh, e só ia nos visitar uma vez por mês. Paramos de receber notícias do casal que cuidava de nosso outro filho, e Lionel começou a ficar muito abatido. Ele só repetia que a ordem abusava de nós dois, e que nunca nos recompensava, o que era mentira. Fazíamos parte do círculo interno, ou seja, éramos dois dos doze membros mais importantes da ordem. Foi nessa época que passei a suportar melhor a falta dos filhos, e sentia-me quase plenamente realizada pelo poder que havia alcançado. Tinha certeza que valera a pena sacrificar meus filhos em prol do meu desenvolvimento pessoal. Lionel, porém, não pensava da mesma forma que eu. Ele precisava de mais poder."

"A Divina Serpente encomendou a Lionel uma missão de vital importância, e ele aceitou-a prontamente. Poucos dias depois que meu marido deixara o castelo, recebi a notícia: ele traíra a ordem. No mesmo dia soube que Selena também desaparecera, e foi aí que o céu desabou sobre a minha cabeça. Eles não me contaram o que Lionel fizera, pois a missão era secreta, mas fui humilhada de maneira que nem ousa lhe contar. Retiraram-me do posto dentro do

círculo interno, e disseram que minha honra só seria restaurada se eu matasse o traidor e a menina, pois ela provavelmente fora contaminada com a semente da traição. Meu ódio contra Lionel alcançou limites inimagináveis - o infeliz não me contou a sua intenção de trair a ordem, e jogou meu nome na desgraça. Bem, o resto da história você já sabe, ele foi para a terra do gelo e se estabeleceu por lá."

"É óbvio que não obedeci à ordem e matei a minha filha, mas usei de minhas técnicas e fiz a Divina Serpente acreditar que sim. O único a morrer foi o infeliz do Lionel. Trouxe também meu neto, para terminar de preencher o que me faltava, a família, e assim me realizei completamente. Erick, no entanto, não está comigo. Se estivesse, a ordem infalivelmente o descobriria, e me puniria. E por isso que o mantenho em um lugar longe dos olhos e ouvidos de humanos comuns, e que poucos têm acesso: o Templo Dourado."

Hilda terminou o relato e também o vinho da garrafa. Ela respirou profundamente para recuperar o fôlego, e permaneceu a observar os visitantes. Vanhardt estava ruminando os pensamentos, tentando descobrir o que seria verdade e mentira. Apesar de a princípio discordar absolutamente do que a feiticeira dissera, uma vozinha dentro da sua cabeça insistia em afirmar que o relato que ela acabara de fazer continha um fundo de verdade. Lila continuou voando ao seu lado, sem dizer nada. Provavelmente ela também estaria pensando no que acreditar ou desacreditar.

Então Selena tem um irmão... acho que nem ela sabia, não é mesmo? - Vanhardt iniciou uma conversa depois de alguns minutos de silêncio.

Sim, é verdade - limitou-se a responder Hilda.

E por que ela não me contou essas outras coisas? Por que não me disse que tanto você quanto Lionel queriam que ela fosse uma feiticeira, e sobre o resto? Eu nem sabia que ela conhecia feitiços básicos!

Bem, só ela pode responder-lhe.

O rapaz encarava a bruxa ainda desconfiado.

Gostaria de fazer outra pergunta. Como aquele sapão, o tal de... hummm...Como é mesmo o nome dele?

Kuengui? - perguntou Hilda erguendo uma das sobrancelhas.

Esse mesmo! Como ele sabia que nós estávamos vindo? Ele até conhecia detalhes do que fizemos, coisas que nem eu mesmo sabia, do tipo que Lila acariciou os meus...

Também não precisa ficar espalhando isso pra todo mundo, né! - interrompeu a fada, aborrecida com a falta de decoro do amigo.

Ah, ficou curioso... - a feiticeira esboçou um largo sorriso de satisfação. - Não vejo nenhum mal em lhe contar. Vanhardt, meu querido genro; eu, como poderosa feiticeira e regente do principado de Avendorh, tenho a obrigação de saber tudo que se passa em meus domínios! É óbvio que eu já conhecia os seus planos de invasão, pois soube quando os gigantes grotescos e as aves horrorosas se reuniram a você e sua amiguinha. De fato, foi depois de você mergulhar no rio Durande que eu me dei conta da sua presença. Um antigo feitiço contido na água funcionou como um sensor, e me alertou. Daí foi apenas uma questão de mandar espões acompanhá-lo - tudo muito simples. Deliberadamente permiti que entrasse em meus domínios, para que pudéssemos ter essa conversinha.

Você só se esqueceu de avisar isso ao sapo que quase me matou ali fora! Se ele conseguisse, eu não estaria aqui.

-- O Kuengui? Hahaha! - soltou mais uma de suas risadas agudas. - Quase te matou? Que piada... Esperava que você fosse muito superior ao meu empregado! Estou vendo que não passa de um inútil!

Ah, sua megera! - ele sacou a adaga e continuou - Diga agora como posso entrar no Templo Dourado ou enfiarei essa adaga no seu coração! - falou com a voz grave, tentando intimidá-la.

Pois tente! - desafiou a feiticeira.

Capítulo XVIII - Contra o Mal

Vanhardt avançou na direção de Hilda, mas, no mesmo instante, uma força invisível segurou-o, impedindo seus movimentos. A feiticeira tinha estendido o braço direito para frente, e se levantou, só parando ao lado da mesa a poucos metros do rapaz. Lila, numa manobra ligeira, voou rente à parede, e quando estava quase em frente à Hilda caiu no chão depois de ser envolvida por uma bola transparente do tamanho de uma melancia.

Querendo me pegar de surpresa, amiguinha? Que pena, não conseguiu - Hilda falava com a irritante voz infantil. - Por causa disso vai ficar de castigo na minha bola! Aí dentro você não poderá conjurar aquelas magias bobas que conhece.

Os músculos de Vanhardt teimavam em não se mover. Hilda traçou um círculo no ar com o indicador, estalando os dedos, o que fez seu genro sentir que as forças o abandonavam.

Agora, Vanhardt, você não irá se beneficiar da *Crafo Adimapla* que essa fada lhe conjurou. - Hilda aproximou-se do rapaz, no seu habitual movimento em que os pés não pareciam tocar o solo. - Hum, que olhinhos agressivos. Vejo que está com muita raiva de mim. Essa é a atitude dos tolos e dos fracos. Sentir raiva. Sempre que a situação sai do controle você fica com raiva, e tenta acabar com tudo utilizando a força. Enquanto mantiver essa atitude idiota e mecânica não conseguirá nada além de fracassos.

As palavras de Hilda atingiam Vanhardt como agulhas afiadas, e feriam a sua dignidade. O que ela dissera era a pura verdade, ele não passava de um tolo que ficava com raiva quando a situação fugia ao

controle, e tentava resolver as coisas com força bruta. Ao constatar isso, ele sentia mais raiva ainda, e só pensava em acabar com a mulher à sua frente. Ela matara o seu sogro e seqüestrara o seu filho, arruinando a sua família. Além disso, escondera-o em um lugar do qual ele nunca ouvira falar, mas provavelmente bem longe dali. Também ofendera Lila e ele próprio, derramando arrogância e desprezo. Ele odiava aquela mulher, e queria feri-la tanto quanto ela o ferira.

Nossa, cuidado, se continuar se enfurecendo assim sua roupa vai pegar fogo! Hihihhi! Vou aproveitar para lhe dar uma pequena lição sobre como funcionam as coisas no mundo real. A vida se baseia essencialmente em poder, ou seja, na vontade e capacidade de uns, e na subserviência de outros. É como um rio que desce da alta montanha rumo ao mar. Os fortes, como eu, procuram ficar no alto desse rio - adquirir poder. Assim podemos utilizar esse poder sobre os fracos, fazendo com que cumpram as nossas vontades. Enquanto permanecermos no topo da montanha, continuaremos a governar o mundo, pois o rio não pode inverter o seu fluxo, da mesma maneira que os fracos nunca conseguirão ter poder para derrubar os fortes. Essa é uma lei natural, e continuará existindo quer você queira ou não.

Vanhardt fez um esforço sobre-humano para mexer a boca, e conseguir falar entre os dentes:

Talvez por ser meio burro não pude compreender tudo o que você disse. Acontece que aqui no fundo algo me diz que não passa de besteira!

Achar o que eu disse "besteira" só prova a sua falta de capacidade intelectual, porque se tivesse um mínimo de inteligência concordaria comigo. É por isso mesmo que eu o deixei vivo até agora! Vanhardt, você não sabe como me deixou curiosa. Desde que soube que estava vindo para o castelo passei horas refletindo, tentando descobrir como um jovem inútil como você conseguiu atravessar as

Montanhas Traiçoeiras. É lógico que eu sabia da presença dessa fada estúpida, mas a ajuda dela não seria suficiente. Aquele lugar é muito perigoso, até eu mesma pensaria duas vezes antes de passar por lá. Foi assim que desconfiei de que você apresentava algo mais. Eu não sei, mas desde que te vi naquela vila senti que você possuía uma força interior muito grande, não encontrada em um humano qualquer. Bem, vou libertar a sua boquinha apenas para que possa me responder: como virou amigo dessa fadinha? O que permitiu que você passasse pelas Montanhas Traiçoeiras?

Vanhardt hesitou em responder. Ele só conseguira fazer essas coisas porque era filho de uma deusa. Obviamente não queria revelá-lo à Hilda, pois não sabia exatamente o que a bruxa poderia fazer de posse da informação. Mas provavelmente não seria nada bom para ele. Resolveu inventar alguma coisa.

Foi sorte... Pura sorte! - respondeu com um sorriso maroto.

Mentira! Acha que sou imbecil a ponto de acreditar nesse absurdo? Conte-me logo ou serei obrigada a arrancar a resposta de sua mente!

Pode tentar, mas não irá conseguir.

Hilda tomou uma expressão de desagrado, e coçou o queixo com uma das mãos.

Se não me diz por bem... Irei abrir a sua mente e lê-la como se fosse um livro. Todos os seus segredos serão revelados, cada detalhe infame do seu passado será de meu conhecimento! *Tenem ladevaer!* - a feiticeira juntou ambas as mãos, e em seguida abriu-as, erguendo os braços para o alto.

Imediatamente uma dor muito forte, aguda, atingiu o espaço entre os olhos de Vanhardt. Era tamanha dor que ele ficou tonto, sentindo que desmaiaria a qualquer momento. Imagens desconexas começaram a se formar em sua cabeça. Lobos correndo, o braço sangrando, a parede de gelo, Erick, Rufus Runcard - as imagens seguiam-se uma após a outra, e eram fatos que ocorreram com ele

em algum momento de sua vida. É claro, Hilda estava realmente lendo a sua mente! Se continuasse desse jeito, em pouquíssimo tempo ela adquiriria a informação que desejava.

A dor continuava a castigá-lo, mas ele pensou que se desmaiasse seria mais fácil para Hilda obter o que queria. Seu corpo ainda estava paralisado, e ele não podia nem piscar os olhos. As imagens seguiram passando umas atrás das outras. Ele viu os gigantes, e logo depois um coelho metade humano. Qual era mesmo o nome dele? Oswaldo... Espera aí, Oswaldo dera para ele um item de sua mãe, e que impediria o controle mental de Hilda. Só que parecia que ele não funcionava muito bem. Ou precisava de algum mecanismo de disparo. E se o soprasse, como fizera com a flauta anos atrás? Sem chance, ele não podia se mover. Hum, quem sabe se ele se concentrasse no item? Quando fizera a magia da lança de gelo ele havia se concentrado, e também aquela magia de poder controlar animais pequenos. Resolveu fazer o mesmo.

Vanhardt transferiu a atenção depositada em Hilda para o amuleto em seu peito. As lembranças varriam a sua mente, e ele se esforçou para não prestar atenção nelas. *Concentre-se rapaz, vamos, você consegue.* Um formigamento, seguido de um calor, brotou no local onde o item tocava sua pele. Ele ficava mais forte, à medida que Vanhardt se concentrava. As lembranças foram pouco a pouco parando de vir à sua cabeça, e a última que viu era a de uma mulher de cabelos negros e muito bonita. Será que Hilda chegou a descobrir que ela era sua mãe?

O que aconteceu? - Hilda encarava-o ligeiramente perturbada. - Não consigo mais penetrar na sua mente; como fez isso?

O filho da deusa do gelo permanecia imóvel, no entanto Hilda podia jurar ter notado uma nesga de sorriso em seu rosto.

Mais uma vez seus prodígios me surpreendem. Eu poderia lhe dar os parabéns, se tivesse feito isso por si próprio. Só que senti uma

força divina vindo de você. Muito interessante! Isso quer dizer que... Ei, um momento, eu sei de quem é essa força divina!

O coração de Vanhardt congelou. Afinal, ela havia descoberto tudo, apesar dele ter se esforçado tanto para impedi-la. O que seria de sua mãe? E se Hilda também descobrisse que ela fora a antiga deusa da morte?

Essa energia é de um deus que já não existe mais... Ela é de Baal!

Um alívio apaziguador tomou conta do rapaz. Ele se esquecera de que seria a energia desse deus aquela detectada, e não a de sua mãe. O segredo permanecia a salvo, pelo menos por enquanto.

Hilda deu dois passos, se posicionando lado a lado com o jovem, e mirou-o bem. Depois fixou os olhos em seu tórax, no local onde o item estava pendurado. Com um estalar de dedos o corselete de couro que vestia Vanhardt voou para o teto, expondo o seu peito nu. O rapaz ficou atento para perceber um mínimo de alteração em suas feições, o que denunciaria que ela notara o objeto, mas tal fato não ocorreu. Ele girou os olhos nas órbitas (a única parte de seu corpo que conseguia mover) direcionando-os para baixo, e também não viu o item lá. *O que acontecera com ele?*

Um novo estalar de dedos e as roupas vestiram o seu dono. Hilda deu uma volta no quarto, batendo as solas dos pés com força. Vanhardt nunca tinha visto os pés dela tocarem o chão. Parecia furiosa.

De novo... DE NOVO! Você conseguiu me vencer mais uma vez! Estou começando a ficar com muita raiva, meu genro, e isso não é nada bom! Como lhe havia dito, raiva é para os fracos, e eu não admito que me faça ter esse sentimento. Não irei me igualar a um ser ridículo como você.

Chega! Cansara-se de tantas ofensas! Era hora de mostrar para aquela mulher quem era ridículo. Concentrando todas as suas energias, lutou para se libertar da magia que o mantinha paralisado. Aos poucos seu corpo começou a tremer, e o rosto foi se contraindo

numa expressão de fúria. Ele sentia um fogo brotando na base de sua espinha, e instintivamente sabia que se o fizesse subir até a cabeça seria capaz de qualquer coisa. Sua mão direita, balançando nervosamente, foi se movendo para frente, e o pé direito com algum custo também fez o mesmo. Ele dera um passo! Depois foi a vez da mão e pé esquerdo executarem o movimento, e deu outro passo. Hilda olhava desconcertada para aquela situação, pois não acreditava no que seus olhos insistiam em mostrar.

O fogo atingira a metade da espinha dorsal de Vanhardt, e continuava a subir. A cada passo ele se sentia mais forte, e o feitiço de Hilda prendia-o menos. A feiticeira passou a se preocupar com a situação, pois o genro só estava a quatro passos de distância, e sua magia praticamente não o afetava mais. Era melhor não arriscar. Apontou o dedo indicador para o teto, e depois soprou sobre a ponta dele. Uma fumaça verde saiu dali e atingiu as narinas de Vanhardt. Um cheiro estranho, de maçã, desceu pela sua garganta e invadiu os pulmões, roubando-lhe os sentidos. Sua vista se fechou, e ele não ouviu mais nada. Acabou desabando no chão.

Após se certificar que o rapaz realmente estava fora de ação, Hilda chamou Kuengui por uma bola de cristal, que havia depositado sobre a mesa no centro do quarto. Ele chegou em menos de um minuto, e se curvou num movimento ensaiado perante a feiticeira.

Seu humilde servo Kuengui se apresenta, poderosa baronesa de Avendorh! O que deseja, mestra?

Quero que leve esse rapaz para as masmorras, e diga para Crular torturá-lo sem piedade. Veja se descobre a fonte de sua força! Entendeu bem?

Claro que sim, minha mestra. Há mais alguma coisa que vossa alteza deseja?

Sim! Leve também esta fada e... - ela olhou para o chão, onde havia deixado Lila presa dentro da bola, mas não a viu ali. Seus

olhos correram o quarto à sua procura, sem encontrá-la, no entanto. - Ela conseguiu escapar! Maldita! Não importa. Kuengui, coloque a segurança reforçada nas masmorras. Ninguém entra e ninguém sai!

Suas palavras são lei, minha senhora, ninguém entra e ninguém sai!

Muito bem. Então vá logo, pois seu cheiro está me dando náuseas.

Imediatamente!

Kuengui pegou Vanhardt pelos braços, e saiu arrastando-o para fora, aproveitando para devolver alguns chutes em sua barriga. Hilda foi até uma das janelas, notando que estava mais aberta do que ela a havia deixado. Depois de perder alguns segundos olhando para o lado de fora, sentou-se na beirada de sua cama, e se recostou na cabeceira, pensativa.

Capítulo XIX - Chuva no Deserto

Nem tente fazer isso! - uma potente voz percorreu o jardim, atingindo todos ali presentes, fazendo com que tanto Ghar quanto os gigantes parassem para ver quem chegara. Léia permaneceu onde estava, e apenas deslocou as pupilas para o canto dos olhos a fim de ver o intruso.

A criatura que entrara na sala era um minotauro. A cabeça, que juntamente com os pés compunha a parte do corpo similar ao touro, apresentava chifres negros que apontavam elegantemente para frente. Os olhos eram da mesma cor, profundos, e as orelhas - grandes e caídas - apresentavam dois brincos em argola, um deles com um pingente em forma de cruz. Seu braço direito empunhava um machado de lâmina dupla, parecido com o de Ghar, mas menor. O esquerdo segurava um escudo retangular, ligeiramente abaulado para frente, que ia do meio do seu tronco até quase tocar o solo. Uma semi-esfera no centro garantia maior resistência ao escudo. Vestia uma armadura completa de batalha, dourada, que brilhava como o sol, com detalhes finamente esculpidos em prata. Uma longa capa vermelha cobria suas costas, e se esticava dos ombros até ao chão, reservando-lhe uma aparência ao mesmo tempo importante e misteriosa.

Quem é Vossa Divindade? Veio aqui assistir ao massacre? - perguntou Ghar debochadamente, tentando se decidir se matava Léia ou partia para cima do intruso.

O minotauro deu um passo para frente e olhou ameaçadoramente para Ghar e seu exército. Depois inclinou o corpo

de forma educada, numa reverência, e disse com a mesma voz poderosa:

Meu nome é Taurok, o senhor dos minotauros. E não; não vim assistir a massacre nenhum. Em verdade, quero oferecer minha ajuda e suporte à deusa do gelo, de modo a impedir que qualquer injúria possa ocorrer a tão formosa dama.

As palavras de Taurok surpreenderam Léia, que há pouco havia perdido as esperanças de sair dali com vida. Ela conhecia esse deus apenas de nome, "Taurok", mas nunca estivera com ele. Se o que disse era verdade - e a maneira com que falava não deixava dúvidas - ela apresentava renovadas chances de vencer a batalha.

Taurok? Senhor dos minotauros? Que patético! - Ghar também não contava com a inesperada entrada de Taurok, e recorria à atitude zombeteira com o intuito de ganhar tempo e melhor se situar. - Vejo que está do lado da deusa do gelo... O que o leva a uma atitude tão leviana, meu caro? Loucura? Burrice? Não importa, pois terá o mesmo fim que sua *dama*. Léia não desfruta de um mísero quantun de energia, e Vossa Divindade pode até ser forte, mas não passa de um único oponente. E então? O que fará contra um deus e um exército de gigantes? Correr de pavor?

Por que afirma com tanta ciência que estou sozinho? - imediatamente após as palavras de Taurok, uma dúzia de minotauros penetrou nos jardins, e se posicionou atrás de seu mestre. Eram todos quase iguais ao seu deus, exceto pelo fato das armaduras serem corseletes de couro batido. - Desista de matar a deusa do gelo, e garanto que pouparei a sua vida e de seus irmãos gigantes. Ou então, sofra a fúria da minha lâmina!

Aproveitando a distração geral, Léia correu para perto de Taurok e os minotauros. Ghar assistia vacilante àquela nova conjuntura, e sua mente custava a elaborar algum plano eficiente.

Não pense que frases de efeito me inspirarão medo. Vim aqui para acabar com Léia, e é assim que procederei. Se Vossa Divindade

quer ficar no caminho, que seja. Irá unir-se a ela na escuridão da inexistência. Gigantes... Atacar!

Ghar disparou na direção de Taurok, seguido por seus gigantes. O deus dos minotauros fez sinal a seus comandados, e também avançou. O som dos dois extraordinários exércitos se chocando foi ouvido como um trovão sobre a superfície de Kether, por centenas de quilômetros. Se um humano estivesse no castelo de cristal, teria os tímpanos estourados.

Léia continuava fraca, e não se arriscou a participar da batalha. Resignou-se a assistir, e o resultado não parecia muito bom. Apesar de contarem com maior número, os minotauros não eram tão fortes quanto os gigantes, e nem tão ágeis. No primeiro impacto, vários deles sofreram sérios danos, e a deusa do gelo quase podia prever um péssimo fim.

Nesse embate, Taurok e Ghar empataram - o deus dos gigantes acertou um golpe em cheio contra o escudo de Taurok, que por sua vez cortou de raspão o ombro de Ghar com sua arma. A batalha seguia num ritmo alucinado, e aos poucos Léia entendeu porque Taurok estava tão confiante. De fato, os minotauros não mostravam tanto poder ofensivo quanto os gigantes, mas apresentavam certa capacidade muito especial: sabiam trabalhar em equipe. Enquanto um minotauro defendia o ataque de um gigante, outro passava uma rasteira nesse e um terceiro cravava o machado sobre a sua cabeça. Os gigantes foram caindo um a um.

Ghar e Taurok promoviam um duelo emocionante e perigoso. O primeiro golpeava cerca de dez vezes a cada segundo, mas Taurok conseguia se defender. Aproveitava para conjurar feixes de luz, que saíam das mãos, e ainda tentar acertar o deus dos gigantes com seu machado. Passaram-se menos de dez minutos e todos os gigantes tombaram, momento no qual os minotauros aproveitaram para montar um círculo largo em volta de Taurok e Ghar. Em meio aos ataques e defesas, Ghar rangeu entre os dentes:

Por que não os manda atacar? Seria mais fácil para me derrotar.

Talvez sim, mas não seria honrado. Acabarei com Vossa Divindade usando minhas próprias mãos.

Tolo, se crê que essas luzinhas infantis promovem algum efeito, desista! Meus olhos não são afetados por magia tão fraca.

Quem disse que eu queria afetar seus olhos?

De repente, Taurok parou de se defender, baixando a guarda. Ghar percebeu o movimento de seu rival, e viu a oportunidade de acabar com aquela luta. Ele perdera os gigantes, mas mesmo assim venceria a luta. Daí seria questão de minutos até derrotar os minotauros e, por fim, a deusa do gelo. Ghar ergueu seu machado em direção ao teto, e desceu-o com toda a força sobre a cabeça de Taurok. Seu golpe, entretanto, parou a menos de um centímetro da cabeça do oponente.

O que... O que aconteceu? - balbuciou Ghar. - Sinto meu corpo paralisado. Mas não é uma magia... Isso é... Isso é uma linha!

Aproximando-se de Ghar, Léia notou que uma linha extremamente fina envolvia seu corpo dos pés à cabeça. O deus dos gigantes estava numa posição que beirava o ridículo, com os braços esticados, segurando o machado sobre a cabeça de Taurok, mas sem poder atingi-lo.

Mas como? Como fez isso? - grunhiu o deus dos gigantes.

Taurok saiu de debaixo do machado de Ghar, colocou as mãos para trás, e deu dois passos tranquilos, se posicionando ao lado deste.

As luzinhas infantis que viu eram o reflexo da luz ambiente nas linhas que eu produzi. Chamam-se "linhas de Gaia", e aprendi a técnica com a deusa homônima. Enquanto defendia seus golpes, aproveitava para passá-las em torno do seu corpo, e de tão imerso na luta Vossa Divindade mal conseguiu reparar. Essas linhas são inextensíveis e também não podem ser partidas. Sinto dizer, mas a luta terminou, e Vossa Divindade perdeu.

Não pode ser... NÃÃÃAÃÃÃÂÃOOOOOOO!

Achou-se tão poderoso, e ousou me trair - disse a deusa do gelo, quebrando o silêncio que guardava desde o aparecimento de Taurok. - Toda ação tem a sua reação, Ghar. Cada atitude tem o seu oposto. E agora está pagando pelo que fez! Ficaré preso nessa linha eternamente, redimindo dos seus pecados. Estou certa, Taurok?

É claro, minha dama! - respondeu Taurok confirmando com a cabeça.

Nunca... Não aceitarei destino tão cruel! Prefiro a morte! AAAAAAAH!

Após gritar como louco, Ghar tomou uma cor vermelha, e depois roxa. Seu corpo tremia incontrolavelmente, e o rosto se deformava em expressões de terror. Seguiu-se então uma estrondosa explosão, e uma nuvem de fumaça juntamente com faíscas de luz surgiu onde estava anteriormente o corpo do deus dos gigantes. Os presentes olharam admirados para aquele show de som e de luz, que terminou com cinzas caindo ao chão, e o machado de Ghar tilintando intacto aos pés de Léia.

O que foi isso? - perguntou Taurok olhando para os lados. - Onde está Ghar?

Não se preocupe. Ghar, o deus dos gigantes, deixou de existir - sentenciou Léia, abaixando-se para pegar o machado. - E pensando que antes de Vossa Divindade chegar seria eu a ter semelhante fim. Devo-lhe a minha vida, ó deus dos minotauros, e serei eternamente grata a seu gesto de caridade! Tome, isto lhe pertence por direito.

Contemplativo, Taurok pegou o machado das mãos de Léia. Demorou-se alguns segundos revistando toda a sua estrutura, e ficou satisfeito com o que viu.

Realmente, é um item fabuloso. Posso dizer que sua faculdade é aumentar a força do usuário, não é mesmo?

Sim, é verdade, Taurok.

Léia caminhou até o corpo de um dos gigantes e rolou-o no chão, deixando o abdômen apontando para o teto. Ergueu o cetro bem alto, e desceu-o com força, atingindo em cheio o estômago da criatura. Depois o rasgou cirurgicamente em um movimento horizontal. Abaixou-se e tirou de dentro do estômago uma criaturinha molhada com suco gástrico, e com a ponta vermelha do nariz reluzente.

Ah, que bom que está viva - a deusa do gelo sorriu para a criatura, que devolveu o gesto timidamente. - Muito bem, Taurok, venha comigo até o salão do trono. É um lugar mais apropriado para receber tão nobre companhia.

É claro, minha dama. Runo, leve cinco irmãos e proteja a periferia do castelo.

Um dos minotauros, que usava uma armadura um pouco mais elegante que a dos outros, respondeu afirmativamente. Ele chamou outros cinco minotauros e a pequena tropa deixou os jardins.

Lamento muitíssimo pelos que faleceram em batalha tão terrível - disse Léia olhando para os três corpos caídos. - Não se preocupe, garanto que lhes proporcionarei o enterro adequado.

É uma honra ouvir isso, deusa do gelo, mas, se me permite, gostaria que eles fossem enterrados no meu castelo. Urok, encarregue-se disso.

Léia foi seguida por Taurok e mais dois minotauros, deixando o salão logo após Urok ter levado os cadáveres dali. O jardim que ficava para trás era apenas uma sombra triste do que fora no passado. Não havia mais luz, cor, nem beleza. Era uma arena destruída, manchada de sangue e dor. Palco de uma luta sem sentido e propósito, reflexo de uma mente pervertida.

Eles percorreram dois corredores, e subiram um lance de escadas, passando à frente de várias alas destruídas. Pinguins uniformizados recolhiam papiros espalhados, e em outra ala Gnomos com braços

quebrados recebiam tratamento de Centauros médicos. Os deuses, enfim, chegaram em frente à porta do salão do trono.

— Irmãos, guardem essa porta com suas vidas! Não deixem uma mosca sequer entrar aqui. Ouviram bem? - Taurok falava tranqüilamente, mas com firmeza.

Sim, irmão, ouvimos. Pode contar conosco. - respondeu um dos minotauros.

Léia entrou na frente e foi até o final do salão, sentando-se no trono. Taurok permaneceu parado até a deusa se sentar, e depois se curvou longamente, segurando à frente do corpo a barra da capa que usava. O deus dos minotauros, apesar de ser grande e possuir uma aparência não muito bela para os padrões humanos, mantinha um porte altivo e sempre com gestos elegantes e educados. Seu tom de voz era firme e poderoso, muito diferente daquele urro gutural do deus dos gigantes. Tamanha educação, aliada a uma inteligência sagaz e demonstrações de solidariedade, tornaram Taurok bem-visto aos olhos da deusa do gelo. Ela só não conhecia as reais intenções desse deus, que poderia certamente estar manipulando a situação. Dessa vez, no entanto, Léia não se deixaria enganar tão facilmente. Manter-se-ia cautelosa até que o deus demonstrasse de maneira incontestável seu valor.

Eu notei - iniciou Léia, depois de se acomodar confortavelmente no trono de gelo - que Vossa Divindade trata suas criaturas como irmãos. É um gesto de humildade que admiro demasiadamente. Percebi também que eles lutam como uma equipe, e foi esse fator decisivo na sua vitória de hoje.

De todo o coração, agradeço as palavras de elogio. Eu os trato como irmãos porque os considero assim. Somos uma família. Todos se respeitam mutuamente, e cada um sabe o seu lugar. Existe, é claro, uma hierarquia, onde os mais velhos se situam numa posição superior aos mais novos. Mas todos entendem e adotam as regras conscientemente.

Realmente, é muito interessante - continuou a deusa do gelo, lançando um olhar sombrio para o deus dos minotauros. - Só não sei ainda o verdadeiro motivo de Vossa Divindade ter ajudado uma deusa que estava prestes a morrer. Não mantínhamos laço algum; eu só o conhecia de nome. E gestos de caridade como esse entre deuses são tão raros quanto chuva em um deserto. Desculpe a minha grosseria, Taurok, mas me diga sinceramente: por que não me matou até agora? Por que não roubou meus itens mágicos, e minhas reservas de energia? O que está esperando?

A frase de Léia, fria como o gelo, perpetuou um silêncio incômodo pelo salão. Taurok enrugou a testa, e tomou uma expressão séria. Ele pigarreou, e começou a falar com voz gentil:

Eu não vim aqui para matá-la, deusa do gelo. É verdade que não nos conhecíamos, mas eu a admiro desde que ouvi seu nome. Sua beleza e suas atitudes eram como uma graciosa paisagem à qual eu contemplava; e sua fantástica voz, que agora posso ouvir, é como música para meus ouvidos. Não conseguirei obrigá-la a acreditar em minhas palavras. Palavras são apenas palavras. De qualquer modo, digo que vim aqui porque sabia que corria perigo, e que necessitava de minha ajuda. E eu a prestei. Fiz isso em parte pelo sentimento que anda tanto esquecido, mas que acredito ser um dos mais importantes: a amizade. Só não digo a outra parte do motivo da minha visita, esse motivo secreto que guardo no mais fundo de meu ser, e que no momento minha timidez não permite revelar. Um dia, porém, quando for mais corajoso, garanto que o farei.

Aquele discurso, apesar de curto, conseguiu emocionar Léia de modo tão evidente que a deusa precisou fingir um acesso de tosse para disfarçar. Estaria Taurok realmente apaixonado pela deusa ou era aquilo apenas um teatro bem executado?

São frases bonitas, Taurok, mas como Vossa Divindade mesmo disse, palavras são apenas palavras. E o tempo é que provará a sinceridade delas.

Naquele exato momento, a conversa foi interrompida por gritos que vieram do corredor. Léia reconheceu a voz de seu criado, Oswaldo.

É meu assistente que está lá fora. Por favor, deixe-o entrar.

Perdoe-me, deusa do gelo, meus irmãos não sabiam disso. - Taurok se mostrou surpreso e visivelmente constrangido. Foi correndo para a porta, e trouxe Oswaldo para dentro depois de falar com os minotauros. - Peço perdão novamente!

Não precisa se desculpar. Eles não conheciam Oswaldo, e fizeram bem em não deixá-lo entrar. Podia ser alguém indesejado - ela então desviou o olhar de Taurok para o assistente. - Diga-me, Oswaldo, como está o *meu rapaz*? Estou preocupada com ele, não sei o que aconteceu na fortaleza de Hilda - a deusa do gelo disse "meu rapaz" em vez de "meu filho", pois não queria revelar esse grau de parentesco a Taurok.

O coelho mirava Taurok com os ombros encolhidos, e as mãos junto ao peito. Ainda receoso pela presença daquele deus, ele falou em seu tom épico habitual:

Parece que o que aconteceu lá não foi muito diferente daqui, ó magnífica deusa do gelo. Completa destruição, completa, completa. Os valorosos gigantes de vossa excelência enlouqueceram e se rebelaram contra os Grilliardus. Cercados pelas tropas de Hilda e pelos gigantes, nossas feras aladas pereceram. Lamento informar a derrota de nossos exércitos - as orelhas de Oswaldo murcharam.

Isso eu já esperava; quero saber notícias de Vanhardt! Como ele está?

Léia se esforçava em não demonstrar o quanto estava ansiosa.

Ah, sim! Desculpe-me minha deusa, mas não tenho conhecimento do paradeiro de seu filho, o destemido Vanhardt.

Depois que Oswaldo pronunciou a palavra "filho", Léia notou um brilho nos olhos de Taurok. *Oswaldo, por que falou essa palavra?* -

pensou a deusa, chateada. Não podia culpar o coelho, no entanto. Sempre fora um fiel assistente, e só falara aquilo por descuido.

Muito obrigada pelas informações, Oswaldo, pode se retirar. Aproveite para organizar o castelo, principalmente os jardins. Quero aqueles cadáveres imundos fora daqui o quanto antes.

Sim, vossa magnificência - Oswaldo fez uma reverência e saiu, não sem antes dar uma última olhada receosa no deus dos minotauros.

Perdoe-me novamente, deusa do gelo, contudo creio que posso ajudá-la

Taurok disse, aproximando-se alguns passos. Ouso supor que, no momento, a dama não dispõe de muitas reservas de energia divina, nem criaturas, correto?

Sim, está certo.

Acredito, então, estar de posse de um plano ideal, com o qual nós dois lucraremos.

Então me conte - Léia ficou curiosa para ouvir a idéia de Taurok.

Ainda que existam criaturas a guardá-la, a fortaleza de Ghar está sem o seu líder. O meu plano é o seguinte: iremos nós dois, com alguns minotauros meus, e acabaremos com as defesas do local. Depois partilharemos os tesouros e a energia divina que porventura estejam lá. Devemos, contudo, partir logo, pois, quando a notícia do falecimento de Ghar alcançar os ouvidos de outros deuses, estes cairão como gafanhotos sobre a fortaleza dele.

A idéia é boa, Taurok, mas por que não vai sozinho? Os tesouros seriam apenas seus. Não precisa de uma deusa moribunda para invadir esse castelo.

Certamente eu o conseguiria sozinho, mas precisaria mobilizar mais tropas para fazê-lo. E, com isso, o risco de minha própria fortaleza sofrer um ataque aumenta. Se formos juntos, praticamente não precisarei mobilizar outras tropas, e meu castelo continuará protegido.

Caso eu vá, deixarei meu próprio castelo sem proteção - Léia insistia em pensar negativamente.

É duro dizer minha dama, mas mesmo que Vossa Divindade fique, creio que não poderá fazer frente a um novo ataque.

Taurok tinha razão. Ela estava fraquíssima, e não contava com exércitos para defender o castelo. Se ficasse e sofresse outra invasão, não teria condições de debelá-la. A solução era partir. Léia foi à sala de energia, que ficava ao lado do salão do trono. Retirou dos imensos cristais o que restava de quantuns divinos, se restabelecendo. Ela torcia para que os outros deuses pensassem que havia sido derrotada, e que Ghar já se apossara de seus tesouros. Só assim eles não invadiriam o castelo de cristal. Depois de se aprontar demoradamente, ela se uniu a Taurok, e partiu para o vulcão, ex-lar do deus dos gigantes.

A batalha dentro do vulcão contra os gigantes não foi difícil. Taurok e seus minotauros compunham uma ótima equipe, e, unidos à Léia, que também era extremamente habilidosa (o deus dos minotauros por vezes parava de lutar para admirar os movimentos da deusa do gelo), venceram sem nenhuma baixa os gigantes que restavam. Decidiram, a partir daí, repartir os tesouros.

Havia uma infinidade de jóias, além de variados itens mágicos, e uma boa quantidade de energia divina armazenada na lava do vulcão. Enquanto Taurok descobria o valor total de quantuns que Ghar possuía, Léia se deteve em um item esquecido sobre uma mesa larga, coberta com um forro dourado. Era um cubo, apresentando arestas de meio metro de comprimento. Não havia figuras ou mesmo cor nos lados - na verdade, ao olhar o cubo Léia acreditava estar vendo o infinito. Ela sentia-se dragada pelo objeto, e uma escuridão envolvia-a completamente. De repente, surgiu uma pequena luz que vinha de longe, no recondido mais profundo do cubo. Sentia seus pés flutuando em direção à luz, que aumentava

quanto mais perto ela ficava. Aos poucos a luz mudou de forma, tornando-se igual a uma chama ardente, vermelha, que se dividiu em duas. Léia se lembrava dessas chamas. O que eram mesmo? Segundos depois, ela viu a imagem que a deixaria perturbada por dias. Um terror indescritível apossou-se de seu coração como uma sombra a drenar-lhe as energias. Não podia ser, ela não estava vendo mesmo aquilo. A deusa do gelo fechou os olhos e se concentrou em sair daquele cubo, mas a imagem se multiplicava diante de seus olhos. Mas como? Não fazia nenhum sentido... Só se...

Com o rosto suado, e as mãos trêmulas, Léia se deu conta de que estava parada e de pé, em frente ao objeto. Taurok mantinha uma mão em seu ombro.

Léia? Está tudo bem, minha dama?

Não, Taurok, nada está bem... Eu vi... eu vi...

— Viu o quê?

Léia sentia que, caso respondesse, todos os seus temores virariam realidade. Mesmo assim, com os olhos mirando o infinito, ela pronunciou as palavras que tornaram seu pesadelo muito mais verdadeiro.

Capítulo XX - O Suplício

O lugar era uma masmorra. Paredes de pedra, mesas de madeira no centro, um forno aceso com espetos de ferro no fundo da sala. A iluminação era difusa, fraca, e vinha das chamas tremeluzentes desse forno. Uma estante cortava a parede leste de uma ponta à outra, e continha frascos de vidro de diversos tamanhos, com líquidos verdes e substâncias sólidas, semelhantes a dedos. Sobre a mesa pousavam uma infinidade de instrumentos cortantes, como bisturis, tesouras de pontas retas e curvas, espetos, lâminas, pinças, agulhas - um verdadeiro arsenal. O calor era insuportável, e um cheiro fétido ajudava a tornar o ambiente mais opressor.

Um balde de água lamacenta foi jogado no rosto de Vanhardt, fazendo-o acordar do sono torporoso em que estava metido. Sua cabeça, latejando, pendeu de um ombro ao outro, e com muito esforço o rapaz conseguiu abrir os olhos. Sentindo-se um pouco zozzo, e com os músculos reclamando dores, viu parado em sua frente um ser de aspecto repugnante.

Era do tamanho de um humano, calçava botas pretas furadas e usava um macacão azul marinho, sujo e desbotado. Não havia camisa por dentro do macacão, de modo que seu peito infestado de pêlos negros e curtos era visível. Uma máscara metálica cinza, lisa, escondia o rosto, e havia fendas ovais nas órbitas oculares de onde surgiam olhos azuis inexpressivos. No lugar onde seria a boca, abria-se uma grade retangular; alguns fios grossos de cabelo, também pretos, escapavam pela parte craniana da máscara. Seus braços eram certamente humanos, finos e com cicatrizes, e não havia dedos

inteiros nas mãos - apenas cotos proximais das falanges. Não bastasse a aparência, que por si só causava repulsa, ele andava com as costas arqueadas, e cuspiu saliva quando expirava. Vanhardt não sabia, mas seu nome era Crular.

A criatura depositou o balde no chão, ao lado de uma mesa, e caminhou arrastando a perna esquerda até ficar próxima de Vanhardt. Ela esticou o pescoço e começou a cheirar o rapaz, que sentia a saliva jorrar em seu rosto. Depois, passou o coto dos dedos no rosto do jovem, e, com uma risada rouca, saiu de perto dele e foi até uma das paredes da sala onde havia correntes de ferro.

As correntes se arrastavam em uma roldana no alto da parede, e seguiam até algemas enferrujadas que apertavam os pulsos de Vanhardt. Foi nesse momento que o jovem se deu conta de que estava preso. Os grilhões de ferro rangiam enquanto a criatura puxava as correntes para baixo num ritmo monótono e cadenciado, elevando o corpo de Vanhardt. Crular parecia se esforçar bastante, pois a quantidade de saliva a sair de sua boca aumentou, e gemidos roucos de vez em quando emergiam de sua garganta.

O corpo de Vanhardt ficou suspenso no ar, preso pelas algemas. Continuava vestido com as mesmas roupas, mas não usava botas, e por isso a ponta dos dedos de seus pés tocavam o chão frio. Os braços estavam esticados e apontavam para as quinas do teto, e as articulações dos ombros doíam terrivelmente em virtude da tensão existente nas correntes. Vanhardt viu a criatura arrastar a perna até uma mesa, e pegar um chicote com cabo de madeira e fios de couro entrelaçados na ponta. Percebeu, então, o que ia ocorrer, e porque estava ali. Crular parou a um metro dele, e ergueu o chicote no ar. A partir daquele momento, o jovem filho da deusa do gelo passou pelo maior sofrimento de sua vida.

Peço desculpas de antemão, eu, seu humilde narrador, porque interromperei a cena nesse ponto. Você deve ter reparado que quase nunca faço isso, de modo que só algo importante me obrigaria a essa

atitude. E esse algo realmente tomou forma. Não conseguirei expressar com palavras as mazelas que nosso herói sofreu. Talvez três delas me ajudassem nessa tarefa: dor, dor e mais dor. Apenas isso. Não relatarei em detalhes o sucedido, pois a crueldade foi tamanha que minha coragem não é suficiente para expô-la. Gostaria somente que o leitor pensasse em algo que o atormentou demais, qualquer situação que tenha ocorrido em sua vida. Agora multiplique a sensação por mil. Foi esse o sofrimento de nosso herói.

Quanto tempo durou? Qualquer estimativa que Vanhardt fizesse estaria longe da verdade. O único pensamento que passava por sua mente era: *Mãe, onde está você?* Por que ela o abandonara? Por que ela permitia que ele passasse por aquilo? Ele queria desistir de tudo, e contar o que Hilda desejasse. Queria ver seu filho, o pequeno Erick. O sorriso de Erick. Mas seu sonho parecia tão distante que nem se esticasse bastante os braços ele o alcançaria. Dor era o que sentia. E solidão. Desistir era a única alternativa que via como possível - ele era apenas um rapaz, e não agüentava tamanho sofrimento. Crular fez uma pausa, e alisava carinhosamente o chicote. Provavelmente esperando que Vanhardt contasse o que Hilda queria saber.

Novamente um calor brotou na base da espinha de Vanhardt, dando-lhe forças. Estava muito confuso e cansado para tentar qualquer magia, contudo sentia-se suficientemente capaz de enfrentar aquela dor novamente. Ele não contaria *nada. Nada!* Crular aproximou-se arrastando a perna, ainda alisando a arma. Ele leu nos olhos de Vanhardt a sua decisão.

Mãe, onde está você? Por favor, venha me ajudar... Venha logo! Por favor...

Capítulo XXI - O Mistério de Seis Faces

— Eu vi o traidor! Eu vi sua máscara cavernosa, os olhos em chamas, a armadura negra e aquela espada maldita nas mãos. Eu o vi! - Léia suave, e suas mãos tremiam descontroladamente.

Que traidor? Quem foi que viu minha dama? - Taurok aproximou-se da deusa do gelo, e envolveu os ombros dela com um braço enquanto segurava suas mãos com o outro.

É lamentável não ter visto seu verdadeiro rosto! Talvez, se eu insistisse outra vez... Espere um pouco; isso é muito estranho. O que um cubo com a imagem do traidor faria no castelo de Ghar? Seria *ele* o traidor? Não, ridículo imaginar uma coisa dessas, o deus dos gigantes não possuía a força daquele que me derrotou. Então posso crer que os dois estavam juntos...?

Perdão, minha dama, não entendo nada do que está dizendo! - interrompeu o deus dos minotauros, procurando agir da maneira mais educada possível. - Diga-me, quem é esse traidor?

Léia olhou para Taurok, e suas pupilas se contraíram. Ela balançou a cabeça, e pareceu voltar a si.

Desculpe-me, deus dos minotauros, estava divagando. Não dê a menor importância ao que saiu de meus lábios! Bem, precisamos agora dividir os espólios e... Aaaaai! - A deusa do gelo colocou as mãos na cabeça, e ajoelhou-se no chão. - Aaaaai.J Sinto uma dor terrível! Meu filho está sofrendo, e precisa de mim!

Vendo a deusa do gelo naquela situação, Taurok imediatamente se abaixou, e estendeu-lhe o braço.

Percebo que o Elohim realmente necessita de Vossa Divindade - o tom daquela voz era grave, mas confortador. - Venha, pegue minha mão. Irei levá-la até o seu castelo, e lá poderá tomar as atitudes adequadas.

Elohim. Há quanto tempo Léia não ouvia essa palavra. *Elohim.* Taurok, *ainda,* não a pronunciara com o preconceito que sempre esteve agregado ao vocábulo. Um preconceito que existia desde milhares de anos atrás, surgido a partir do episódio conhecido como "A rebelião dos Elohim". Léia soprou essa nuvem de pensamentos para longe de sua mente, pois não era hora de relembrar fatos que melhor estariam esquecidos. Ela levantou-se e segurou com doçura a mão de Taurok.

Agradeço por tudo que fez por mim! Confesso que apresentava dúvidas sobre seu caráter, pois já fui enganada mais de uma vez. Também admito que não estou totalmente convencida de sua lealdade, porém falta pouco para isso - ela sorriu. - Gostaria de levar esse item comigo - apontou para o cubo sobre a mesa -, tudo bem?

É claro, minha dama! Não se esqueça de levar também energia divina, sem dúvidas irá precisar. Ghar guardava uma boa quantidade nesses rios de lava. Garantirei que metade dos itens mágicos aqui presentes seja entregue em seu castelo prontamente.

Desse modo irá fazer com que eu me canse de tanto agradecê-lo! - ela emendou outro sorriso sem graça. - Creio, porém, que Vossa Divindade merece mais porque...

Não discuta. Lutamos juntos, e não ficarei satisfeito se não recebermos partes iguais. Isto está decidido - caso fosse qualquer outro deus, Léia sem dúvida estaria ofendida após ouvir aquelas frases. Tratando-se de Taurok, a reação foi outra - Agora, voltando ao assunto do cubo. Notei que ficou interessada nele, e honestamente não vejo nenhuma utilidade para mim. Leve-o sem medo e faça bom proveito. Talvez ele a ajude a ver novamente esse "traidor".

É, espero que sim - a deusa do gelo ergueu o objeto no ar preparando-se para ir embora, e percebeu que havia algo em sua face inferior. - Taurok, olhe aqui embaixo!

Um relevo diferente podia ser visto naquela face, e Léia girou o cubo, deixando-a apontada para cima. Em seguida colocou-o sobre a mesa. Quatro obeliscos pequenos, de pedra, com dez centímetros de altura, estavam cravados nas quatro quinas da superfície. No centro, uma semi-esfera com a concavidade voltada para cima. Um corte horizontal de cerca de dois centímetros de profundidade, fulgurava exatamente no meio da semi-esfera. Léia espantou-se ao ver que aquilo estava no cubo e ela nem percebera. Restava explicar um fato: como o objeto não ficara erguido sobre a mesa? Seria lógico imaginar isso, pois as mini-esculturas eram em alto relevo. Sem hesitar, ela pressionou a mão sobre os obeliscos e a semi-esfera e, surpreendentemente, eles afundaram conforme Léia aplicava força.

Taurok coçava o queixo e mantinha uma das sobrancelhas erguidas, sem arredar os olhos da face do cubo. A deusa do gelo se adiantou e propôs uma explicação:

Parece que esse lado foi feito para que algo se encaixasse nele. Veja como as formas são simétricas, perfeitas. Quem sabe há uma chave por aqui? Se acharmos essa chave, e ela encaixar nessa superfície, poderemos abrir o cubo e descobrir o que ele guarda.

É uma idéia interessante, mas penso de maneira diferente.

E como seria? - perguntou Léia sem disfarçar sua curiosidade.

Não é preciso uma chave para abrir esse cubo. Posso afirmar sem medo de me equivocar que *ele é uma chave!*

Capítulo XXII - *Asas para a Liberdade*

O ar que cheirava a ovo podre e carne queimada penetrava sem pedir licença nas narinas de Vanhardt. Seria essa carne a sua própria? Talvez nem quisesse saber a resposta. Quanto tempo havia se passado? Horas... dias... semanas? Não fazia a menor idéia. Um enxame infinito de abelhas zumbia dentro de sua cabeça, impedindo-o de raciocinar corretamente. Por sorte não sentia dores. Apanhara tanto que seus membros estavam anestesiados, como se o chicote de Crular destilasse um poderoso analgésico.

Abriu os olhos devagar, para ver o estrago que a criatura fizera em seu corpo. Tentativa essa inútil, pois só conseguiu enxergar pontos luminosos, vermelhos, que bloqueavam a visão. Fechou e abriu os olhos repetidas vezes, e o melhor que conseguiu foi fazer com que os pontos dançassem em círculos.

A mente do rapaz não se prendia a nada específico. Imagens iam e vinham: de sua mãe, seu pai, Selena, Hilda, Crular, um cavalo voador, gigantes. As abelhas continuavam a se multiplicar em seu cérebro. Haveria uma colméia lá dentro? *Calma Vanhardt, não há insetos em sua cabeça, isso é apenas sua imaginação!* Respirou profundamente, e mais uma vez abriu os olhos; dessa vez os pontos luminosos desapareceram. A estranha criatura chamada Crular se encontrava sentada em uma cadeira, com a cabeça deitada de lado sobre as mãos e as pálpebras cerradas. Estaria dormindo? Aos poucos, o ambiente foi ficando saturado com uma misteriosa fumaça verde. *Não há fumaça verde alguma, é novamente sua imaginação pregando-lhe peças!* A fumaça invadia a sala pelas frestas da porta, e

sorratamente foi tomando conta de boa parte do cômodo. Era um cheiro bem familiar: de maçã-das-neves!

Timidamente, um pequeno ponto amarelo, brilhante, passou por debaixo da porta. Ele ficou parado na altura da fechadura por alguns segundos, depois ziguezagueou pelo cômodo, fazendo escalas em locais específicos, como o forno, a estante com frascos de vidro, a mesa de tortura, e finalmente a parede onde Vanhardt era prisioneiro. Quando se aproximou o suficiente, o jovem, com indescritível felicidade, abriu a boca em um largo sorriso ao ver quem havia chegado.

Lila!

Sim, sou eu! Credo, você está horrível! E fale baixo, não quero acordar ninguém - a fadinha exibiu uma expressão de desagrado, com as sobrancelhas arqueadas. Ela se mostrava exatamente como Vanhardt a vira pela última vez, exceto pelo fato de que segurava numa das mãos um saquinho marrom, de couro, amarrado por um barbante.

Tire-me daqui, por favor! Eu... ai! - a dor voltava a castigá-lo à medida que a felicidade e esperança fluíam para o seu peito. - Eu vou morrer, não é?

Claro que não, vira essa boca pra lá! - a fada colocou o saco no chão e voou até as algemas que seguravam o pulso de Vanhardt. Ela coçou o nariz, depois ergueu os bracinhos para frente. - *Vheca venarsuli!*

As algemas se abriram, deixando o rapaz cair estatelado no chão. A dor voltara completamente, e se estendia desde a unha do pé até a ponta de seus cabelos. Ele olhou para o próprio peito, e ficou nauseado com o que viu. O corselete de couro estava rasgado quase por inteiro, e dentro das aberturas, as feridas se banhavam num sangue grosso, enegrecido, misturado com uma gordura amarelada.

Isso não é nada! - disse a fadinha, consolando-o. - Ei, não vai vomitar, hein? Fique quietinho que logo não sentirá mais dor. Muito

bem... *Aruc vanidi!*

Uma luz amarela brotou da palma das mãos de Lila, que por sua vez passou sobre todos os ferimentos de Vanhardt. Imediatamente as lesões se fecharam e o sangue desapareceu - a pele ficou em estado tão perfeito que nem parecia que ele havia sofrido uma tortura. Só suas roupas rasgadas denunciavam alguma coisa.

Melhor? - a fadinha pegou o saquinho deixado no chão.

Com certeza... Muito obrigado! Pensei que minha mãe havia me abandonado aqui...

E óbvio que não! Como ousou pensar uma coisa dessas? Ainda não conhece a sua mãe?

Eu sei, é que... Ah, deixa pra lá. E essa fumaça verde, foi obra sua?

Sim, só que agora não é o melhor momento para bater papo. Vamos sair antes que esse horroroso aí acorde!

Ela serve então pra fazer dormir?

O quê?

A fumaça, ora! - respondeu o rapaz impacientemente.

Claro, né!

E por que eu não dormi?

Simplesmente porque eu não desejei isso!

A fada voou até a porta, parando em frente à fechadura. Vanhardt caminhou lentamente, temendo que movimentos bruscos fizessem com que a dor voltasse, o que não aconteceu. Quando passou ao lado de Crular, a tentação de retirar-lhe a máscara possuiu-o. Ele parou, e mirou a criatura. Poderia matá-lo naquele exato momento. Pegar o chicote, e infringir a mesma dor que sentira - ia ser uma atitude justa. Dentro do seu coração, todavia, algo dizia que não era o certo a fazer. Apesar de nada o impedir de tomar essa atitude, ele pressentia que mesmo assim não ficaria realizado. O profundo vazio que inundava sua alma, ódio talvez, não se aplacaria se fosse alimentado com mais ódio. Ele precisava de um alimento

superior, melhor que o ódio - o oposto dele. Foi por isso que seguiu adiante.

Depois que a fada abriu a porta, utilizando mais uma vez a *Vheca vernasuli* para destrancá-la, os dois atingiram um corredor inundado com a fumaça verde, da mesma forma que o quarto. Quatro ores deitados no chão, próximo à porta, roncavam ruidosamente.

Essa minha fadinha realmente é muito esperta! Com esses vigias dormindo ninguém poderá alertar Hilda.

Bem, é verdade... - Lila se segurou para não sorrir, contente com o elogio. - O fato é que Hilda pode esconder outros truques para se informar do que acontece em sua fortaleza. Não podemos nos dar ao luxo de perder tempo. Siga-me!

A fada voou em disparada cruzando os corredores, com Vanhardt em seu encaço. Como não tinha botas, seus pés se machucavam no chão de pedra. Aquilo, incrivelmente, não o incomodava tanto. Chegou a acreditar que a partir daquele dia não conseguiria mais sentir dor.

Eles viraram à direita, e seguiram em velocidade por mais duzentos metros. Depois tornaram à esquerda e, no fundo do corredor, a dupla avistou uma janela alta, de vidros duplos, que ia do teto até quase tocar o chão.

E ali! Vamos sair por aquela janela! - disse a fada.

Eles correram até o local. O mesmo corredor seguia pela direita, e desembocava numa escada. Lila não seguiu por esse caminho, mais preocupada com a janela.

Vai ficar parado aí ou me ajudar a abri-la? - perguntou a fada.

Vou ajudar, só que estou pensando... Essa é uma fuga impossível. Primeiro, estamos a uns quinhentos metros de altura. Segundo, pelo que vejo, lá embaixo está repleto de ores, e teríamos que passar por todos eles. Fora o portão que também temos de pular. Tudo bem, pra você é fácil, é só sair voando e pronto! Mas e eu? Se não se recorda, eu não tenho asas!

Você não tem, mas esse bichinho aqui tem! - Lila chacoalhou o saco que carregava para cima e para baixo.

Bichinho?

É... Veja só.

A fada puxou um dos barbantes, desamarrando o saco. Uma libélula, com pouco mais de dez centímetros de tamanho, saiu voando. Ela foi até os pés de Vanhardt, e subiu para sua cabeça.

Olha só, Lila... É uma libélula, eu vi. Só não sei como esse *bichinho* vai nos tirar daqui - Vanhardt comentou num tom irônico.

Você e sua impaciência. Eu não terminei, senhor "sabe-quando-coisas-não-vão-funcionar"! Continue observando.

De dentro da sua roupa feita de pétalas, a fada tirou uma esfera vermelha, opaca. Ela esmagou-a em sua mão, transformando-a em pó. Passaram-se alguns segundos até que ela jogasse o pó sobre a libélula, que tentava escapar de todas as maneiras. Nesse momento, o inseto parou de bater as asas, e caiu no chão, onde passou a tremer.

Abre logo essa janela! - apontou a fada para o vidro, enquanto puxava a libélula pelo rabo.

Imediatamente o rapaz levantou a trava metálica, e empurrou um dos lados da janela pra fora. Lila arremessou o inseto através da janela, e o que aconteceu foi surpreendente. A libélula cresceu a olhos vistos, e de pouco mais de dez centímetros, instantaneamente passou a ter quase dois metros de comprimento. O movimento de seus dois pares de asas batendo freneticamente produzia um barulho muito intenso, como se houvesse milhares de libélulas ali perto.

Senhor, o transporte está ao seu dispor. Realmente, não deve ser muito confortável, mas, se se segurar com força creio que não vai cair. - Vanhardt notou um sorriso furtivo no rosto da fada enquanto ela falava.

Está bem. Tomara que pelo menos ela agüente meu peso... Olha Lila, ela está fugindo!

Se Vanhardt pensou que a libélula ficaria parada esperando gentilmente que ele subisse nela, enganou-se completamente. O inseto partiu em vôos alucinados, primeiramente margeando a parede do castelo, e depois disparando em direção ao chão, assustando os ores ali presentes.

Minha deusa, por essa eu não esperava. Fique aqui Vanhardt, vou atrás do bichinho. - Lila terminou de dizer e mergulhou atrás do inseto que já estava próximo ao muro do lado de fora.

No corredor, Vanhardt assistia impacientemente Lila perseguir o inseto gigante. Ele não fazia a mínima idéia de como ela traria o "bichinho" de volta, principalmente depois de notar que ele voava numa velocidade muito maior que Lila, e chegou a driblá-la duas vezes sem grandes dificuldades. Embaixo, os ores se encontravam em alvoroço, e se movimentavam. Alguns se armaram com bestas e tentavam atingir a criatura gigante por meio de setas, enquanto outros atiravam lanças. Se a fada demorasse muito para pegar a libélula sua fuga seria comprometida.

O pior de tudo, porém, ainda não havia acontecido. Após escutar um ruído de passos, e se virar, Vanhardt viu no final do corredor ninguém menos do que Crular, portando um chicote, e quatro ores atrás dele. O efeito da magia de Lila certamente esgotara. Os dois olhavam fixamente um para o outro, desafiando-se. Antes que o rapaz agisse, a terrível criatura girou o chicote em movimentos circulares acima da cabeça, e atçou-o para frente. A corda de couro da arma, que apresentava menos de um metro de comprimento, foi capaz de se esticar por todo o corredor e ainda laçar a perna do rapaz. Crular deu um arranco no chicote, derrubando Vanhardt no chão, e começou a puxar a corda, arrastando sua vítima no chão e trazendo-a para perto de si. O rapaz constatou tardiamente que a arma se imbuía de propriedades mágicas.

Lutando para se desvencilhar do objeto que enrolara no seu tornozelo, Vanhardt não obteve êxito. Suas costas arranhavam o chão

de pedra, e ele se aproximava do inimigo. Agindo num impulso, o jovem agarrou o laço que o envolvia, e se concentrou. *Por favor minha mãe, ajude-me nesse momento. Que os ventos gelados de Crivengart envolvam a minha alma.* A corda, a partir de então, foi gradualmente se tornando mais endurecida e gelada, estado que se estendeu até tocar o cabo de madeira que Crular segurava firmemente. Vanhardt aproveitou para acertar um soco na corda, que por estar congelada quebrou-se facilmente.

Crular foi arremessado para trás devido à tensão da corda rompida abruptamente, e os ores dispararam rumo ao rapaz, que se levantou, e foi até a janela. Ele pensou em seguir pelo corredor, que continuava pela direita, mas notou que por ali surgia mais um grupo de quatro ores. Sem opção melhor, tomou impulso e saltou pela janela que ainda estava aberta. O vento batia sem piedade em seu rosto enquanto ele mergulhava num vôo suicida.

Capítulo XXIII - *Arauto de uma Péssima Notícia*

Léia mirava com profunda concentração o cubo colocado sobre uma mesa na sala dos cristais de reserva. Por mais que ela se dedicasse, entretanto, só enxergava o infinito através daquelas faces. O rosto mascarado do traidor não voltara a se revelar, minando as esperanças da deusa de descobrir mais sobre ele. E os relevos indicavam que seria uma "chave", segundo o deus dos minotauros. Mas chave para quê? E por que Ghar estava de posse dessa chave? Qual era a relação entre Ghar e o traidor? Perguntas, perguntas, e nenhuma resposta satisfatória. Talvez o cubo nem mesmo fosse uma chave, e Taurok tivesse se enganado. Resolveu então se ocupar com outras meditações na sala do trono.

Um assunto que lhe assaltava os pensamentos era o próprio Taurok. Podia confiar totalmente nesse deus que aparecera tão de repente? Ele demonstrara grande valor ao defendê-la e impedir sua derrota para Ghar, e ao ajudá-la a recuperar sua força com o ataque bem sucedido à fortaleza do mesmo deus. Além disso, ela não detectara nenhum traço suspeito no deus dos minotauros. Mesmo assim, e provavelmente pelo fato de ter sido traída tantas vezes, Léia não se permitia confiar totalmente em Taurok. Quem sabe o tempo lavasse suas mágoas?

O segundo assunto a refletir foi Vanhardt. A deusa cogitou ir até sua fonte, a fim de descobrir o que se passava com seu filho, mas conteve o ímpeto. Naquele ponto, não havia mais nada que ela pudesse fazer para ajudá-lo. Assistir ao desenrolar dos acontecimentos apenas poderia atormentá-la ainda mais. Soma-se a

isso o fato de possivelmente ele estar longe da capacidade visual da fonte.

Léia informara Lila que o local onde a fada teria mais chances de encontrar Vanhardt era a masmorra, e por isso ela deveria entrar sorrateiramente no castelo e seguir diretamente para lá. A deusa também deu para ela a "pedra de crescimento rápido" que, se utilizada em forma de pó, era capaz de aumentar o tamanho de uma criatura pequena em mais de cem vezes. Recomendou que ela a jogasse sobre um animal que tivesse asas, pois seria uma ótima maneira de fugir do castelo. O melhor a fazer era acreditar que Lila teria sucesso em sua perigosa missão.

Com relação às defesas do castelo de cristal, a situação não era das melhores. Taurok deixara alguns minotauros em seu poder, que eram praticamente a única frente que Léia tinha à disposição. Era óbvio que os pingüins da central de informações, e os polvos enfermeiros, não serviriam para conter um ataque. Ela investira toda a energia que conquistara na invasão da fortaleza de Ghar para refazer sua guarda, deixando na incubação Grilliardus, lobos, ursos das neves, e seres que há muito tempo não pisavam a superfície de Kether: os Anjos da Morte. Estavam incubados doze deles, que se encaixariam muito bem no papel de generais dos seus exércitos.

De repente, Oswaldo entrou correndo no salão, e se ajoelhou perante a deusa do gelo.

Ó magnífica Léia, seu fiel assistente traz terríveis notícias! Temo que elas deixarão a dama do gelo mais preocupada do que já esteja!

Léia levantou-se prontamente, surpresa.

O que aconteceu, Oswaldo? Diga logo!

Não, majestade, não é nada com Vanhardt, como provavelmente imagina. É com outra pessoa de sua afeição. Contudo, insisto em afirmar que é algo terrível - o assistente da deusa revelava um tom pesaroso, e olhar de mistério.

Então diga logo quem é e me poupe desse suplício! - Léia falava com voz trêmula e aguda, ansiosa pela resposta de Oswaldo.

O coelho fez um curto silêncio, e tomou fôlego antes de dizer:

- Essa pessoa é Selenia, a esposa de seu filho Vanhardt.

Capítulo XXIV - *Sonho ou Realidade*

Alguém que não conhecesse Vanhardt diria que ele fizera uma loucura. Mergulhar de uma altura de centenas de metros rumo ao solo, não parecia ser uma idéia das mais sensatas. Ele se equilibrava sobre aquele fio que traça o limite entre a coragem e a burrice. Arriscou-se a uma proeza pela qual sem dúvidas seu pai o recriminaria - se soubesse. Só que Thomas não estava ali.

O chão ia crescendo à medida que ele caía, e seus olhos procuravam como loucos o alvo que, por cálculo ou destino, surgiu como um raio por baixo dele. Era o momento. Esticando seu braço o máximo possível, sentiu a mão direita tocar uma superfície dura, e lutou para segurá-la com força. E conseguiu! Com mais um puxão ele subiu na cauda da libélula, que entortou para a direita e rumou em direção ao portão de saída. Era uma sensação indescritível montar em um inseto gigante voador. Sem dúvidas, melhor que montar um gigante.

Flechas zumbiam a alguns metros de sua cabeça antes que saísse dos limites da fortaleza de Avendorh. O rapaz sentia-se livre, desfrutando da doce alegria de ter realizado um feito sem precedentes. Fora realmente muito esperto. Quando percebeu que ficaria cercado por ores, ainda no corredor, de relance notou o inseto seguindo em direção à parede do castelo. Calculou corretamente que cruzaria com ele na metade da queda.

A fada, que assistira toda a cena com o coração nas mãos, logo alcançou Vanhardt. Naquela altura ele já aprendera que

pressionando com as pernas, poderia fazer com que a libélula seguisse para onde desejava.

Eu não acredito no que você acabou de fazer - disse a fadinha severamente pouco antes de se sentar no ombro do rapaz, e cruzar os braços.

Nem eu, Lila... Nem eu! Só sei que deu certo, e agora estamos nos afastando daquele lugar... - ele curvou a cabeça, com feições sombrias, recordando-se do que acontecera lá.

É verdade. Já sabe para onde vamos?

Sei: atrás de Erick, que está no Templo Dourado.

Ok, e onde fica isso?

Bem, fica no... Hum... Você estava me testando, não é? Vamos lá, sabichona, não sei onde fica, então nos mostre a direção.

Siga para o sudeste - com um sorriso de satisfação a fada apontou para o lugar. - Não vamos direto para o Templo Dourado, pois não teríamos condições de entrar lá. Sua mãe me disse para te levar até as Florestas Sagradas do norte, para que pegássemos um item primeiro.

Qual item?

Ela não me informou especificamente; apenas disse que de posse dele você teria condições de rasgar o Selo Proibido, que tranca os portões do templo. É impossível entrar no templo sem antes destruir o selo.

Não acredito, a viagem vai demorar ainda mais. Tem certeza que precisamos desse item? Não dá pra usar uma faca, ou ainda alguma magia?

Claro que não dá - respondeu a fada enfaticamente. - Você sabia que há milhares de anos pessoas vêm tentando penetrar no templo, e nunca conseguiram? Esse selo é o que permite que apenas indivíduos selecionados possam entrar. Foi colocado ali por dois deuses; Justus, o deus da justiça, e Bel, a deusa da vida.

E o que tem lá dentro? - perguntou o jovem, com curiosidade crescente. - E por que Hilda levou meu filho pra lá?

Nem eu nem sua mãe sabemos. Iremos descobrir depois que tomarmos posse do item e rasgarmos o selo.

"Item", "item"... Só falta ser tão inútil quanto o último que ela me deu. Ele desapareceu de uma hora pra outra!

Como assim "inútil"? Não está falando da flauta de Baal reformulada? Ela certamente impediu que Hilda lesse seus pensamentos! E não desapareceu; se reparar bem vai ver que continua pendurado no seu peito.

Vanhardt abaixou a cabeça, e, com os olhos cintilando de surpresa, notou que a ex-"flauta de Baal", transformada em objeto de proteção mental, estava em seu pescoço.

Mas o que é isso? Ele tornou a aparecer! Não estou entendendo nada...

Deixa eu te explicar. E o seguinte: todo item mágico tem a propriedade de se manter oculto dos olhos de qualquer outro ser. Até os deuses mantêm itens ocultos uns dos outros, e isso já impediu inúmeras vezes que eles brigassem, por imaginarem que o inimigo mantinha algum objeto escondido. Essa propriedade é inata a tais objetos. O seu item de proteção ficou escondido de Hilda naquele momento, porque era o que no fundo você desejava. E se manteve nesse estado até agora, quando não há nenhum perigo imediato. Entendeu, meu querido?

Mais ou menos... *Onde* ele fica escondido?

Dentro de você, ora. Em algum lugar entre seu corpo físico e o astral - a fada falou como se fosse óbvio. - Onde mais seria?

Ah... Sei lá! Mas "dentro de mim" é esquisito.

A dupla seguiu voando por centenas de quilômetros. Lila informou a seu amigo que a viagem provavelmente duraria um dia inteiro, e este resolveu dormir. Eles cruzariam o Durande, passariam

ao sul das Montanhas Traíçoeiras, e continuariam até atingir as Florestas sagradas do norte.

Nem o próprio Vanhardt calculou bem o quanto estava cansado. As asas da libélula produziam um som muito intenso, e em nenhuma outra ocasião o deixaria dormir. Porém, foi só ele se acomodar de uma maneira mais confortável sobre o inseto, e pedir para Lila fazer uma magia que o prendesse ali (não queria cair de uma altura daquelas, claro), e o jovem caiu num sono profundo. Pois foi com pesado susto que ele se viu em frente à sua mãe, no salão do trono do castelo de cristal.

Mãe... É você mesma! Espere, por acaso isso não é um sonho?

O ar se mantinha nebuloso, e o cenário desfocado. A deusa do gelo que, ao contrário, era bem visível, se mostrava tão bonita quanto sempre. Ela não respondeu imediatamente ao rapaz, e levou um tempo a observá-lo. Caminhou até ele com passos lentos, e acariciou o seu rosto. Vanhardt sentiu um grande calor e uma ternura naquelas mãos, provando-lhe que aquilo era muito mais real que talvez a própria realidade.

-- Meu filho, estava com saudades... Não sabe o quanto me alegra vê-lo aqui. Isso demonstra que seus poderes têm despertado. A cada dia você se torna capaz de realizar mais proezas - a deusa tinha um sorriso maternal, preenchendo com amor a alma de Vanhardt que se tornara vazia e escura depois da dor em Avendorh. Um amor quente e renovador.

Mãe... Eu não encontrei Erick. Ele está em outro lugar. Estou ficando desesperado, acho que não irei encontrá-lo nunca. Sinto-me tão sozinho...

Sozinho? É claro que não! Pois se eu deixei contigo um pedaço de mim, que está sempre a auxiliá-lo. Isso que você sente é na verdade medo. Medo de não rever seu filho. Medo de não conseguir superar os desafios para encontrá-lo. Enfim, medo do desconhecido. Por isso

pedi a Lila que o levasse até as Florestas Sagradas do norte, onde irá resgatar o fabuloso item que perdi há tanto tempo.

Qual?

A minha foice, a poderosa Flama. De posse da minha arma você será capaz de superar qualquer desafio, e acredito que até mesmo rasgar o Selo Proibido. Devo alertá-lo, entretanto, que Flama caiu no território da deusa da natureza, Laodicéia. Não sei que perigos podem advir daquele lugar.

Flama... Nossa...!

De posse dela você terá uma força poderosíssima em mãos, e é por isso mesmo que deve ter cuidado. Poder tão grande assim o tornará capaz de muitos prodígios, para o bem ou para o mal.

— Eu entendo, mãe. Terei cuidado, prometo.

Filho, preste atenção, é realmente importante! Você me conta isso agora porque não está em posse de tal poder, mas sinto-me segura e triste em afirmar que quando o obtiver, irá repensar o que disse. Não deixe o poder seduzi-lo. Entendeu bem? Muito cuidado! Deixo para discutir esse assunto mais tarde com você, pois preciso lhe dar uma última notícia.

A deusa pegou na mão do filho, e o trouxe para perto do trono, deixando que se sentasse ali. Ela mudou completamente de expressão, tornando-se séria, abatida, e sombria. Vanhardt pressentia que a notícia seria terrível, e no final ela se revelou muito pior do que ele supunha.

— A última coisa que tenho a dizer é a pior delas. Não há uma maneira melhor de contar isso, portanto serei direta: sua esposa, Selena, desapareceu.

Capítulo XXV - O Vazio, e o Amanhecer de um Novo Dia

As palavras de Léia entraram pelos ouvidos de Vanhardt como um raio. Ele mal conseguia movimentar um músculo da face. O raio, contudo, produziu uma espécie de efeito retardado, e um minuto depois o jovem sentiu o barulho do trovão ressoar em sua mente: Selenia desaparecera!

Quando se deu conta do que havia acontecido, o jovem guerreiro viu o mundo à sua volta perder o pouco de foco que tinha e ficar escuro, além de começar a girar. Ele notou também que Léia mexia a boca, mas não podia ouvir o que ela dizia. Uma fisgada no abdômen fez com que voltasse os olhos para baixo, e percebesse que havia um cordão de prata ligado ao seu umbigo. Esse cordão se estendia para além dos limites de sua visão. Estaria ali o tempo todo e ele não notara? Mais uma vez a fisgada, e de repente, Vanhardt estava sendo seqüestrado pelo cordão em altíssima velocidade.

Ele saíra do castelo de cristal e cruzava os céus tão rápido que as montanhas e os rios passavam como *flashes* sob ele. Era um vôo alucinante, e quando procurou adivinhar para onde estava indo, viu a libélula gigante cerca de cem metros à frente, com seu corpo humano deitado em cima dela. O cordão se ligava também ao umbigo desse corpo. De uma hora para outra ele foi puxado para dentro do corpo, e o impacto levantou-o com um solavanco.

Lila!

O que foi? - a fada falava de dentro do seu bolso, rasgado, que a abrigava com algum conforto.

Não sei... Eu estava com minha mãe, daí tudo foi ficando escuro e girando. Havia um cordão preso no meu umbigo, e ele me puxou até que alcancei eu mesmo, que estava parado aqui! Ah, não entendi nada... Acho que foi só um sonho...

Não, meu querido, você não sonhou. O que aconteceu foi o que chamamos de "desdobramento astral", ou "viagem astral". Você simplesmente saiu do seu corpo, e foi para onde quis. Seu corpo continuou onde estava, esperando que retornasse.

Que estranho, parecia um sonho, mas era muito real!

Foi real - acrescentou a fadinha.

Eu conversei com minha mãe. Ela contou que o artefato que buscamos é Flama, a arma que usava quando era a deusa da morte. Aconselhou-me a ter cuidado com o poder dela. Depois, disse que Selena havia desaparecido... Será que é verdade?

Se Léia disse, então é verdade.

Não acredito! Não pode ser... Primeiro meu filho, raptado por aquela megera, e agora minha esposa resolveu desaparecer... Aposto que Hilda está envolvida nisso também!

É, não sei dizer.

Vanhardt calou-se por um tempo. Era tudo muito pesado para ele. Sentia um vazio no peito, além de frio, muito frio. Podia não ser afetado pelo gelo ou pela neve, mas este frio, que pulsava de dentro, castigava-o sem piedade. Estava só. O peito foi ficando pequenino, apertado, como se uma mão gigante o esmagasse. Lágrimas brotaram em seus olhos, e ele se esforçou para que elas não corressem. Não queria que Lila o visse chorar. Não queria se sentir menor ainda do que se encontrava no momento. Pensava que chorar demonstraria fraqueza, e precisava ser forte. Porém a força que empurrava as lágrimas era maior do que a que as continha, e elas logo encharcaram seu rosto.

A fada obviamente notou, entretanto não comentou nada. Provavelmente ele ficaria zangado se ela o incomodasse com perguntas sobre o choro. E também, o que ela perguntaria? Já sabia o motivo de sua tristeza. Lentamente, o sol foi surgindo no horizonte, e o dia amanheceu preguiçoso. Horas depois, os dois conversavam alegremente, como se nada tivesse acontecido.

Aquele Oswaldo é muito engraçado - disse Vanhardt. - Fica repetindo as palavras, e parece um pouco estabonado.

Pode até ser estabonado, mas sua mãe confia muito nele. Ele nunca deixou de cumprir à risca as ordens da deusa do gelo.

Sei... Eu achei que ele estava dando bola pra você, só não quis comentar nada.

Eu não tenho nenhum interesse naquele coelho! - a fada ficou séria de repente, com as bochechas coradas.

Então por que você está vermelha assim? Ah, já sei... Já tem outro namoradinho, não é?

Lila ficou com o rosto mais corado ainda, parecida com um tomate. Se Vanhardt a tocasse com os dedos notaria que estava até quente.

-- A minha vida pessoal em nada lhe deveria interessar, filho da deusa do gelo! - a fada bufava, e parecia querer estrangular o rapaz. - E vamos mudar de assunto!

Está bem, se você insiste... - o rapaz deu um sorriso malicioso.

A fadinha respirou fundo antes de continuar:

Se olhar para baixo, poderá perceber que estamos sobrevoando a Floresta Sagrada do norte. Mais um pouco e acionarei o instrumento de busca.

Qual instrumento de busca?

Antes que Lila pudesse responder, a libélula estremeceu, e inesperadamente sumiu. Sem apoio para se sustentar, Vanhardt se viu caindo de uma altura de mais de mil metros. Naquele ponto, ele já se acostumara a quedas abruptas de grandes altitudes, e não se

preocupou muito. Lila provavelmente faria alguma coisa. Mas quando mirou o bolso, reparou assustado que a fada não se encontrava ali. Olhou para baixo - as copas das árvores estavam a menos de cem metros, e se aproximavam rapidamente. O *que fazer, o que fazer?* Não havia tempo para praticamente nada. Daí a poucos segundos ele atingiria com força as árvores. E nem mesmo o filho de uma deusa suportaria o baque.

Capítulo XXVI - *Duelo de Cavalheiros*

Oswaldo havia anunciado solenemente à deusa do gelo que um velho amigo retornara de viagem, e necessitava vê-la. Léia não imaginava quem seria, e insistiu com seu assistente.

Diga-me quem é, Oswaldo! Não suporto seu suspense com as notícias. A continuar desse jeito, serei obrigada a despedi-lo.

Não precisa, Vossa Magnificência. Perdoe meus tratos. Direi então. Quem deseja entrar no castelo de gelo é Zing, o deus dos insetos.

A deusa espantou-se bastante, como era de se supor, com a chegada desse deus. Ela conhecia Zing há bastante tempo, desde que se tornara a deusa do gelo. Seu castelo, uma colméia gigante, beirava a fronteira sul das terras do gelo. Ela e Zing já realizaram incontáveis acordos, além de auxílios mútuos, e não seria errado dizer que ele era o deus com qual ela apresentava maior intimidade. Tempos atrás, Léia chegara bem perto de contar-lhe sobre seu passado, quando participavam de uma festa no castelo do deus dos insetos - porém desistiu no último instante.

Há quanto tempo não se viam? Anos! Um certo dia, sem aviso prévio, Zing sumiu de seu castelo com uma comitiva. Pelo menos foi isso que a assistente dele informara. Desde então, ele nunca mais dera notícias. E justamente naquele dia resolvera aparecer, também sem aviso prévio.

Oh, maravilhosa dama, meus olhos se enchem de lágrimas ao rever tamanha beleza e elegância após tantos anos. Como vai a minha velha amiga? - Zing entrou no salão do trono com uma voz

alegre e jovial. Ele muito pouco lembrava um ser humano, parecendo-se mais com uma abelha. Os olhos eram grandes, redondos, como um vitral dividido em milhares de pequenos losangos, e um par de antenas pretas pendia do alto da cabeça. O tronco era listrado de preto e amarelo, com alguns pêlos. Andava sobre duas patas; enquanto dois braços carregavam um buquê de rosas, outros dois estavam estendidos, como se procurassem um abraço.

Desapareceu e não deu notícias. Achei que havia morrido! Que tipo de amizade é essa, em que mantemos segredos uns dos outros? - Léia permaneceu em seu trono, de braços cruzados. O tom de voz era seco.

Desculpe-me, minha dama. É verdade, agi mal. - Zing depositou o buquê aos pés de Léia, deu dois passos para trás e ajoelhou-se com uma das patas. Os outros quatro braços procuravam inutilmente ações a executar. - Mas segredos todos nós temos, não é mesmo? E é claro que não os revelamos totalmente. Um dia, no entanto, terei coragem e contarei os meus. Por agora gostaria de saber as novidades! Pelo que vi desde que entrei em sua sagrada morada, uma grande batalha ocorreu, estou certo?

Sim. E onde estava o *amigo* quando precisei dele?

Minha dama, não imagina quanto me dói saber que passou por tamanhas dificuldades e eu não estava aqui do seu lado, para oferecer meu incondicional apoio, como sempre fiz. E me dói ainda mais pensar que poderia não encontrá-la, fato pelo qual nunca me perdoaria. Porém, cheguei, e agora permanecerei! Vamos, Léia, não fique acabrunhada comigo. Nos dávamos tão bem no passado...

Disse certo, *no passado*. As coisas mudaram. Precisei de Vossa Divindade, Zing, como nunca antes. Ghar invadiu meu castelo e...

Ghar? O deus dos gigantes? Como?

Eu havia firmado acordo com ele, pelo qual trocava certa quantidade de energia divina por gigantes. Infelizmente o tratante

me traiu, e voltou-se contra mim. Encontrava-me naquele momento totalmente desprotegida.

O deus dos insetos passou um dos braços na cabeça, lamentando-se.

Léia, peça qualquer coisa e lhe darei. Qualquer coisa. Estou nesse mesmo instante contatando um contingente de gafanhotos-reis, e besouros gigantes, a fim de proteger seu castelo contra qualquer ameaça. Agora entendo porque o castelo de cristal não conta com o patrulhamento dos Grilliardus e lobos! E mais: juro, em nome da verdade, que enquanto permanecer vivo não deixarei que nenhum outro mal lhe aflija. Confia em minha palavra?

A deusa do gelo refletiu por uns momentos. Zing era honesto, e nunca traíra sua confiança. E da mesma forma que ele guardava segredos, ela também o fazia. Além do mais, o fato dos dois se conhecerem há bastante tempo, sempre se relacionando muitíssimo bem, somava forças para que ela não rompesse com tal amizade.- Era verdade que Zing sempre fora extrovertido, adorava festas, jogos - era o rei das palhaçadas -, mas isso não provava que ele não tinha o seu valor. E ela se sentia tranqüila e distraída em sua presença, situação rara desde que se tornara a deusa do gelo. Muitas vezes o próprio deus dos insetos dizia-lhe que o gelo era apenas a aparência exterior - no fundo ardia uma chama que ninguém era capaz de apagar. Opinião esta que não encontrava respaldo entre os outros deuses, que a achavam fria por fora e por dentro. Não havia motivos, afinal, para guardar mágoas de Zing.

Desculpe-me, meu amigo, não tenho por que o condenar - ela sorriu timidamente. - Acredito em sua promessa, ouviu? E preciso de algo imediatamente.

Diga logo, e sem temor.

Existe um outro deus, Taurok, que me ajudou muito nos últimos dias. Ele parece digno de minha confiança. É muito fino, educado, de porte galante, além de ser extremamente poderoso em combate.

Preciso ter certeza de sua lealdade, apesar de tudo. Não posso deixar a minha vida e a daqueles que amo à mercê de um charlatão. Vossa Divindade poderia investigá-lo para mim?

Taurok? O deus dos minotauros? Bem que eu percebi que não eram bois lá fora... - resmungou baixo. - Já o conheço, e prometo um relatório completo o mais rápido que puder. Enquanto isso, que tal se nós dois aproveitássemos para tomar um vinho, ou quem sabe um néctar, e...

Zing se aproximara da deusa do gelo, e pegara uma das mãos dela, quando foi surpreendido por uma outra visita.

Lamento, minha dama por entrar sem ser avisado, mas é que gostaria de fazer uma surpresa e... Zing? - Taurok havia caminhado até o meio do salão, quando parou assustado. Também carregava um buquê de rosas nos braços. - O que faz aqui?

Eu é que pergunto; o que *Vossa Divindade* faz aqui? De repente resolveu virar amigo de Léia? Uma vez até havia me dito que temia a deusa do gelo, devido à força dela - tornou Zing com olhar distraído.

Quanta indiscrição, meu caro! Desculpe-me pelas palavras de Zing, minha dama, ele não sabe as coisas que diz!

O intruso aqui é Vossa Divindade! E como ousa trazer um buquê para Léia?

Não faço diferente do que o deus dos insetos já tenha feito! - sua voz saía mais grave do que nunca, e ele apontou com os olhos o buquê que Zing deixara aos pés de Léia.

Um momento, os dois! Sem discussão em meu lar! - Léia se levantou, e colocou as mãos na cintura. - Bem, agradeço a sua visita, Taurok, mas gostaria de ficar sozinha por agora, pois preciso refletir sobre muitos assuntos.

Vê, Taurok, não disse que Vossa Divindade era um intruso? - Zing falava com um ar importante.

E também seria sensato que partisse, Zing. Agradeço da mesma forma a visita, e se precisar de mais alguma coisa, não hesitarei em entrar em contato.

Os dois deuses se curvaram diante de Léia. Taurok deixou o buquê com a deusa, tomou a sua mão, e beijou-lhe o dorso carinhosamente:

Estarei em meu castelo, de prontidão. Qualquer problema Vossa Divindade sabe o que fazer! Mantenho a minha palavra de protegê-la a qualquer custo. Se precisar, envio todos meus irmãos para cá, que chegarão num estalar de dedos. Está certa de que não quer mais minotauros ajudando na defesa do castelo?

Não, Taurok, já fizera muito por mim, e vai contra minha natureza abusar de qualquer um. Por favor, não insista. Sou eu quem deve uma retribuição.

O seu sorriso já é retribuição suficiente...

Zing, utilizando a parte de seu corpo mais avantajada, deu uma bundada de lado em Taurok, tirando-o da frente da deusa do gelo. Dessa vez foi ele quem tomou as mãos da deusa e aplicou-lhe um beijo.

Deleito-me com um imenso prazer por revê-la, minha velha amiga. Nosso trato fica de pé. E aproveito para convidá-la a tomar um néctar comigo na grande colméia, para lembrarmos os velhos tempos. O que acha?

Acho uma boa idéia. Combinaremos isso numa hora mais oportuna.

O deus dos insetos voltou a acariciar a mão da deusa, e a se aproximar dela, quando foi puxado por Taurok.

Vamos embora, Zing, não ouviu Léia dizer que quer ficar a sós para refletir sobre importantes assuntos?

O deus dos minotauros continuou puxando Zing até a saída, só soltando-o lá. Ele despediu-se de Léia com um aceno de cabeça, e

deixou o salão do trono. O deus dos insetos aprumou o corpo, deu uma piscadela para Léia, e também saiu do salão.

Quem pensa que é, se intrometendo em meus assuntos com Léia?
- Zing apontava furioso para Taurok, quando os dois deixaram o castelo de cristal.

E o caro amigo, quem pensa que é me insultando na frente da deusa do gelo?

Eu não disse nada além da verdade! Esqueceu-se de quando me revelou aquilo durante a festa das coníferas?

Sim, mas não precisava ter dito a ela! Talvez Léia pense mal de mim agora... Conhece-me perfeitamente, Zing, sou tímido, muito diferente de Vossa Divindade que é mais comunicativo, sociável. Só agora consegui me aproximar de Léia!

Não tenho culpa de que Vossa Divindade seja assim. No entanto, concordo, eu não precisava ter dito aquilo, me desculpe. Apenas saiba que não deixarei que corteje a deusa do gelo tão livremente. Estou há anos investindo nela, e seria burrice permitir que alguém aparecesse e atrapalhasse tudo!

- Pois também digo que não abrirei mão sem antes lutar - Taurok mostrava um olhar confiante.

- Que assim seja, amigo. Proponho uma disputa limpa, pelo afeto exclusivo da deusa do gelo. Que vença o melhor?

- Que vença o melhor! - Taurok apertou firmemente uma das quatro mãos que Zing mantinha estendidas.

Capítulo XXVII - A Seta Aponta o Caminho

Sem tempo para elaborar idéias, Vanhardt apenas fechou os olhos e se concentrou. O que aconteceu dali em diante foi automático, como se alguém comandasse seus movimentos. Nas mãos, surgira uma lança de gelo, semelhante aquela utilizada para matar o Crivmarion. Depois de algumas cambalhotas, suas costas bateram em alguma coisa dura - o galho de uma árvore - machucando-o, e fazendo-o rodopiar ainda mais. Ele apertou a lança com a mão direita e cravou-a no tronco da árvore ao seu lado. Continuou caindo, mas pelo menos deixou de rodopiar e a velocidade diminuía à medida que a arma improvisada rasgava o corpo do vegetal. Segundos depois, ele parou completamente, a menos de um metro do chão. Soltou a lança, e permitiu que seus pés tocassem o solo, onde permaneceu um tempo com a respiração ofegante, aliviado.

Quase morrera! Quase! Como é que a fada deixara a libélula desaparecer dessa maneira? E, além disso, ela própria não estava lá quando ele já ia se espatifar. Apesar de completamente furioso com o que acontecera, uma pontinha de alívio surgia em seu coração. Ele havia escapado da morte certa. Passou a mão sobre cada pedaço do corpo, para se certificar de que não havia nenhum machucado. Exceto uma dor nas costas do lado direito, logo abaixo do ombro, onde o galho da árvore o atingira, não apresentava outras escoriações.

A floresta ao redor era cerrada, e poucos fachos de luz ousavam penetrar pelas copas das árvores. Estas eram gigantescas, com mais

de trinta metros, como se crescessem para disputar quem ficaria mais perto do sol, e seus troncos também eram grossos, com galhos saindo perpendicularmente em intervalos regulares. No chão uma gramínea bem curta; musgos cresciam em troncos caídos, e samambaias aos pés das árvores. O cheiro da folhagem misturado ao das flores invadia as narinas de Vanhardt, que nunca sentira semelhante perfume. As plantas se encontravam bem juntinhas umas das outras, e o relevo era acidentado, diferentemente das terras do gelo, onde predominava uma superfície mais ou menos plana. Mesmo estranhando o lugar, o jovem sentiu-se bem. Era infinitamente mais agradável do que o ambiente opressor do castelo de Hilda.

—Vanhardt, você viu, o efeito do pó da pedra de crescimento rápido acabou de uma hora pra outra! - Lila surgira detrás de um amontoado de arbustos, com os olhos saltados de susto.

ADIVINHA? EU VI! E QUASE MORRI POR CAUSA DISSO! - o jovem gritava escandalosamente, enquanto balançava os braços para todos os lados. - SUA INCOMPETENTE, NÃO SABIA QUANDO O EFEITO ACABARIA? EU JÁ ME PREPARAVA ESPATIFAR TODO SE NÃO...

CALA A BOCAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAA!!! - dessa vez a fada abriu o berreiro, e seu rosto tomou uma cor roxo-azulada depois de perder o fôlego. Após várias inspirações roucas, a cor voltou ao normal, e ela pôde tornar a falar. - Ufa... Credo, cansei mesmo. Pra quê tanto alvoroço? Quer acordar a floresta inteira?

Eu não estou preocupado em acordar a floresta, e sim em brigar com você pra impedi-la de cometer uma burrice dessas novamente!

Se continuar me ofendendo vou abandoná-lo agora mesmo, mocinho!

Vanhardt nunca ouvira tom mais sério de Lila. - Não me ouviu quando eu disse que o efeito acabou "de uma hora pra outra"? Burro é você! Ignorante! Estúpido! Boca suja!

Agora é você que está me ofendendo!

É óbvio, pois não me escuta! Humpf! - Lila cruzou os braços, com a testa franzida e os lábios contraídos em uma expressão de desagrado. - Olha, como dizia anteriormente, eu não imaginava que isso pudesse acontecer. Na verdade, pelo que sua mãe dissera, o efeito só acabaria em mais dois dias. Dois dias! Ou seja, não havia como prever que a libélula diminuiria de tamanho logo agora. Imagino que o fato de entrarmos no território de Laodicéia, a deusa da natureza, possa estar relacionado.

Hum... - o rapaz, um pouco mais calmo, coçou o pescoço, pensativo.

É mesmo, pode ser, só que não é lá uma explicação tão boa. Por exemplo, se o simples fato de entrarmos no território dessa Laodicéia aí interferisse em nossas magias, eu não teria conseguido conjurar a lança de gelo tão bem. E ela funcionou perfeitamente, veja só - ele apontou para a lança que permanecia atravessada no tronco da árvore. - Continua lá! Intacta!

Está certo. Só que você se esqueceu de mencionar que era o pó que continha o feitiço, o que é muito diferente de uma pessoa executar uma magia. Talvez você não sofra interferência ao utilizar uma magia, mas feitiços que possam estar gravados em itens sofram. Eu não creio, porém, que essa seja a melhor explicação...

E qual seria? - Vanhardt perguntou distraidamente, enquanto, com um pé apoiado no tronco, tentava retirar a lança da árvore aos solavancos.

Quer largar isso aí? - apontou a fada para a arma de gelo, e o jovem obedeceu. - Bem, continuando, acho que o que mais pesou foi o fato da magia estar conjurada sobre um animal. Se me lembro bem, as terras de Laodicéia são protegidas para que nenhum feitiço possa ser lançado sobre animais ou plantas. Isso quer dizer que aquele seu truque de controlar animais pequenos provavelmente não funcionará aqui!

Entendi. Quando acharmos um bichinho vou experimentar. Mas voltando ao nosso propósito inicial; como saberemos onde encontrar a foice de minha mãe? Se me lembro bem, você havia dito algo sobre um instrumento de busca...

Sim, é verdade! Lembra-se daquela pétala da flor em que eu nasci, e que lhe entreguei?

Lembro.

Pegue-a.

O rapaz revistou os bolsos do corselete de couro, e não encontrou nada. Era óbvio, estavam furados - a pétala sem dúvidas caíra em algum momento. Era mais difícil achar partes inteiras do que buracos na roupa. Depois se lembrou de procurar na calça, e, contra todas as expectativas, achou-a em um bolso traseiro, que sobreviveu incólume.

Ei, Lila, está aqui. Que sorte, achei que havíamos perdido - disse, entregando a pétala para a fada. - Aliás, estou precisando de umas roupas novas. Essas daqui estão num estado deplorável! E botas também...

Mais tarde olharemos essas roupas. Por enquanto, preste atenção.

Com a pétala presa em ambas as mãos, Lila colheu uma gota de orvalho que escorria das folhas de uma bela orquídea. Ela voou para cima de um tronco caído, partido ao meio, onde incidia um fecho grosso de luz solar. Extremamente cuidadosa, repousou a pétala sobre o tronco, permitindo que o fecho de luz a cobrisse completamente. Depois retirou um fio dos seus cabelos verdes, e deixou cair dentro do líquido.

Vanhardt aproximou-se para ver melhor o que estava acontecendo. A pétala chacoalhava, e o líquido borbulhava, como se fervesse. Ele foi mudando de cor, passando de transparente para vermelho-arroxeadado, em seguida para um azul claro, e, enfim, cristalino. A pétala tomou uma forma arredondada e endurecida, e o fio de cabelo engrossou e se afunilou, surgindo uma ponta numa

extremidade e uma base mais grossa noutra. Passados alguns segundos, a pétala parou de balançar, e Lila ergueu o instrumento com expressão de triunfo:

Pronto! Nosso instrumento de busca está pronto! Chama-se "bússola".

Bússola. Legal. Explica como funciona.

Está vendo essa seta aqui, ó? Ela desliza sobre esse líquido, e aponta para onde a foice está. É só seguirmos para o local que a seta aponta e encontraremos a arma de sua mãe. Desculpa a falta de modéstia, mas eu sou esperta, não sou?

É, muito esperta - disse o jovem com voz aborrecida. - E não corre o risco desse líquido evaporar, ou escorrer, e daí perdermos a bússola?

Claro que não! Na superfície há uma camada de cristal! - Lila deu três pancadinhas sobre a parte de cima da bússola, emitindo o tilintar característico. - Não há risco nenhum. Bem, a seta aponta pra sudeste. Então é nessa direção que nós vamos.

Para sudeste!

A caminhada foi milhares de vezes mais difícil do que o jovem supunha. A mata fechada e o relevo acidentado atrapalhavam muito a movimentação, e horas depois eles haviam percorrido não mais do que três quilômetros. O estômago de Vanhardt passou a resmungar em alto e bom som, sinal que a fome lhe assaltava. Ele pediu para Lila conjurar a magia da bolha azul, mas ela disse que se a fizesse, aí sim eles não sairiam do lugar - a bolha dificultaria ainda mais a caminhada pois esbarraria em todos os galhos, troncos e pedras. Desanimado, e sem pensar em outra coisa a não ser comida, o jovem seguiu adiante. Olhava cada buraco das árvores, embaixo de troncos, sobre os galhos, e o que achou mais parecido com comida foi uma planta pequena, com cheiro doce que lembrava o de frutas. Deu duas mordidas, e desistiu de tentar comê-la, depois de contorcer o rosto com caretas horríveis.

Eu não acredito, uma floresta desse tamanho e nem uma fruta, quanto mais um mísero animalzinho! Só pode ser brincadeira! Meu estômago vai se auto-digerir.

Minha deusa, você só pensa em comida? Relaxa, daqui a pouco encontramos alguma coisa.

Você fala isso porque não precisa se alimentar, e nem passou uma temporada no castelo de Hilda esgotando as reservas de energia.

Olha, já está anoitecendo, é melhor acamparmos debaixo dessa árvore. Parece ser um bom lugar. Amanhã cedo procuraremos algo para você comer.

Eu acho uma ótima idéia. Se a fome me deixar dormir, é claro.

Depois de amassar algumas folhas, Vanhardt jogou-as no chão e deitou em cima. Lila voou até um galho a três metros de altura, e se acomodou. Como à noite sua visão não lhe era muito útil, fechou os olhos, para se concentrar em algum barulho suspeito. Pouco tempo depois, notava apenas o sonoro ronco do filho da deusa do gelo.

Os primeiros raios de sol da manhã seguinte acariciaram o rosto de Vanhardt, e ele se levantou. Espreguiçou-se longamente, olhou para os lados, coçou a barriga, e esfregou os olhos. Após cumprir o ritual de acordar, procurou a fadinha, encontrando-a no mesmo lugar onde ela se acomodara.

Vamos lá, Lila. Estou pronto para a minha primeira refeição matinal...! - a voz saía preguiçosa, e o rapaz demorou quase um minuto para terminar a frase.

Certo, esfomeado. Só me passe a bússola antes. Quero verificar em que direção ela aponta, para não seguirmos em rumo errado.

Ela está com você, filhinha.

Não está!

Ela estava com você o tempo todo!

Mas eu te entreguei antes de você deitar, se esqueceu?

Xi, é mesmo. Então ela deve estar jogada aqui.

Depois de procurar por vários minutos, uma pontada de angústia se abateu sobre a dupla. A bússola parecia não estar em lugar algum.

Seu irresponsável, por que não a guardou?

Eu guardei, coloquei-a do meu lado. Não tinha como sumir, só se... Ei, Lila, veja só isso!

A fada olhou atentamente para o chão, onde Vanhardt apontava. Pares de pegadas pequenas e misteriosas se espalhavam no solo ali perto, e seguiam até o interior da floresta.

Capítulo XXVIII - Green

São pegadas! Alguém esteve aqui! Não é possível... Quem? - Vanhardt balançava a cabeça, transtornado.

É uma ótima pergunta. Não ouvi barulho nenhum, muito menos vi coisa alguma. Seja lá o que for é menor do que um ser humano. Julgando pelo tamanho do pé, ele deve atingir no máximo a sua cintura, Vanhardt. Além do mais, o posicionamento dessas marcas indica que a criatura veio do interior da floresta, mas não mostram para onde ela foi depois.

Você não ouviu nada? Então, só pode ter usado alguma magia! E por que a criatura não nos matou?

É uma segunda ótima pergunta. Sem idéias! E teria sido muito fácil, porque ela roubou a bússola que estava bem debaixo do seu nariz. Pelo menos deveria estar, né?

Não começa! Quem mandou me entregar a bússola? Agora não reclama. Ai... - a barriga do rapaz mugia como uma vaca. - Estou com muita fome. Eu comeria um Acabonte inteiro!

— Nós já acharemos algo para comer, não se preocupe. Por enquanto vamos seguir nessa direção, que é de onde a criatura veio - ela apontou para o meio da mata. - Podemos dar sorte e encontrá-la.

E quem disse que é você a responsável por decidir o caminho que nós devemos tomar?

Ninguém. Só achei que, como o cérebro mais inteligente da dupla, caberia a mim tal decisão.

Pois não foi esse cérebro que nos livrou da armadilha do Kuengui - o jovem sorriu triunfante.

Então tá, sabidão, para onde devemos ir?

Vamos seguir por aqui, de onde o ladrão veio. Podemos dar sorte e encontrá-lo.

Humpf, foi o que eu disse! - tornou a fada, indignada.

Não reclama.

Uma floresta como aquela não era tão diferente de um labirinto. A paisagem praticamente não mudava, e a sensação de que já estivera em determinado lugar anteriormente não abandonava Vanhardt. Essa impressão de que andavam em círculos atormentou o jovem por quase uma hora. A fome se tornara insuportável, e como as gotas de orvalho que ele conseguia tomar eram minguadas, a sede também passou a assediá-lo. Foi assim que viu, depois de mais uma hora de tortura, uma pequena trilha de cogumelos vermelhos com pintas amarelas do tamanho de polegares.

Lila, são cogumelos! Pessoas comem cogumelos em outras culturas, sabia? E esses parecem deliciosos - comentou o jovem, passando a mão sobre a barriga e lambendo os beiços.

Não sei se é uma boa idéia. Minhas memórias não gravaram muita coisa sobre cogumelos, mas algo me diz para tomar cuidado. Só acho engraçado você dizer que eles parecem deliciosos só de vê-los.

Você se preocupa demais. Além disso, eu tomaria cuidado se não estivesse com tanta fome. - Vanhardt terminou a frase e avançou sobre os cogumelos, devorando dez deles em menos de um minuto. Com a boca ainda cheia, ele continuou - Não são ruins. E também não parecem fazer mal. Pena que eram tão poucos... Espere, lá na frente tem mais. Venha!

A fome de Vanhardt fez mais vítimas fúngicas, e, seguindo adiante, ele avistou mais meia dúzia dos cogumelos. Quanto mais comia mais se sentia faminto, e só aí se deu conta de há quanto tempo não se alimentava. Ao atingir o quarto agrupamento de

cogumelos, o jovem repentinamente parou de mastigar. Seus olhos estavam estáticos, paralisados com a fantástica visão que os atingia.

Minha mãe... o que é isso?

Era um cogumelo imenso, do tamanho de um prédio de três andares. Uma versão ampliada dos pequeninos fungos que Vanhardt comera; exibia chapéu em forma de cone, e era vermelho, com grandes pintas amarelas. O que mais chamava a atenção, entretanto, era o fato de apresentar uma porta na altura do chão e duas janelas logo acima delas, além de uma chaminé no teto.

Parece uma casa - comentou a fadinha também maravilhada com o que via. - Está saindo fumaça daquela chaminé. Deve haver alguém morando aí.

Ótimo, podemos pedir comida e ajuda para pegar o ladrãozinho - Vanhardt bateu as mãos umas nas outras, depois esfregou-as satisfeito.

É claro que não! Não reparou no tamanho daquela porta? É pequenina, possivelmente da altura de uma criatura com metade da sua. Ou seja, essa é *a casa do ladrãozinho*.

Nossa, não havia pensado nisso. Não faz mal, então entraremos lá e acabaremos com a raça desse infeliz que ousou nos roubar.

Sem que a fada conseguisse impedi-lo, Vanhardt entrou no cogumelo gigante arrebatando a porta com um chute. A sala era circular, com uma mesa de madeira no centro, e tamboretes em miniatura embaixo dela. Havia um forno de pedra ao fundo, mais à esquerda, aceso. Uma travessa cheia, com um alimento não identificado, estava enfiada dentro do forno. Mais à direita um armário apresentava inúmeros utensílios de cozinha, pratos, xícaras, talheres, pires, jarros e canecas, também de tamanho menor. Uma escada subia rente à parede para um segundo pavimento.

Você adora entrar com esses chutes que arrebatam a porta, não é, exibido?

É, sim. Não vê como são práticos? Se o bandido estivesse atrás da porta estaria nocauteado! - respondeu o rapaz enquanto caminhava para o forno, de onde puxou uma travessa de metal. - Ei, cogumelos assados! E estão com um cheiro ótimo. Não disse que era pra comer, Lila?

Ainda não estou totalmente segura - a fadinha retrucou numa voz baixa, quase um sussurro. - Nós não viemos aqui para pegar o ladrão? Vai ficar lanchando enquanto ele pode estar ali em cima tramando alguma coisa?

Se eu dependesse de você morreria de fome - ele jogou dois dos cogumelos assados para dentro da boca, e engoliu-os sem mastigar, nem se preocupando em falar baixo. - Vá olhando no andar de cima e me avise se encontrar alguém lá. Daí eu subo e acabo com ele.

Humpf! - a fada voou para o andar de cima com a cara amarrada. - Quem ele pensa que é me tratando desse jeito? Pareço uma empregada. Só por ele ser filho de Léia... Eu não aceitarei esse tipo de desaforo.

Após ter comido todos os cogumelos assados, Vanhardt passou para a mesa, onde havia uma jarra com um líquido de cor marrom. Ele abaixou e cheirou o conteúdo. Certificando-se de que não parecia ser nada podre, bebeu na própria jarra em grandes goles. Em seguida foi para o armário que guardava os utensílios de cozinha, e passou a revirar tudo em busca de algo para aplacar a insaciável fome. Enquanto jogava uma bacia de metal para trás, escutou uma risada no andar de cima, que obviamente não era de Lila. Preparou-se para correr atrás da amiga, mas parou ao pé das escadas quando viu descer uma criatura engraçada, trazendo nas costas uma rede de cipó com a fada dentro.

Revelava pouco mais de um metro de altura, a pele verde, e vestia roupas amarelas e puídas. A cabeça era chata e larga; as orelhas grandes, pontudas e caídas. Bem redondos e expressivos, os olhos não se decidiam entre o azul e o cinza. No meio do rosto um

nariz chato, largo, e embaixo uma boca pequena, com lábios num tom de verde mais escuro. Um fato curioso era o anel de metal que prendia o pescoço, ligado a uma correntinha que terminava em outro anel do mesmo tamanho, que ficava balançando frente ao peito. Eram como algemas, mas se encontravam num lugar incomum do corpo. A voz que saía da sua boca era aguda, uma mistura de gemido e grito, suficientemente irritante.

Peguei essa fadinha estúpida! Hem, hem, hem! - a risada era mais insuportável que a de Hilda ou Kuengui. - E você, juvenzinho, pronto para me entregar outros itens fabulosos parecidos com aquele que continha uma seta dentro?

Estou pronto é pra quebrar essa sua cara feia! Quer ver só?

Esperre! Hem, hem, hem! Antes que faça alguma coisa, deixe-me olhar uma coisinha - ignorando Vanhardt, que mantinha as mãos levantadas, prontas para dar um soco, a criatura olhou para o lado na direção do forno. Depois esboçou um sorriso satisfeito. - Muito bem, idiota! Comeu todos meus cogumelos, e nem notou que aos poucos foi ficando com mais fome ainda?

Erguendo uma das pálpebras Vanhardt lembrou-se de que o fato de comer os cogumelos só fizera a fome aumentar.

-- É muito idiota... Veio comendo cogumelos pelo caminho, e ainda os que eu preparei aqui especialmente para você. Não sabe o que eles têm de tão especial?

Eu avisei pra tomar cuidado com os cogumelos! - gritou a fadinha de dentro da rede, ao mesmo tempo em que balançava os nós numa tentativa inútil de rompê-los. Vanhardt se perguntou por que ela não fazia uma magia para se soltar.

Agora não adianta chorar o leite derramado. Os cogumelos que você devorou sem piedade... Estavam envenenados! Envenenados! E a quantidade que ingeriu é capaz de matar até mesmo um elefante. Se houvesse uma cura eu até lhe ofereceria, mas infelizmente ela não existe. Que pena, vai morrer em menos de um minuto! Antes que

isso aconteça, saiba o nome daquele que te levou para o outro mundo. Sou o incrível, o fantástico, o estupendo, o maravilhoso, o insuperável...Green! - a criatura colocou a mão direita respeitosamente sobre o peito, e ergueu a cabeça.

O jovem segurou o estômago, como se ele fosse saltar, e caiu no chão. Como fora estúpido de cair em armadilha tão tola?

Capítulo XXIX - O Terrível Efeito dos Cogumelos Venenosos

Após deixar a rede que guardava a fada presa aos pés de uma cadeira, Green caminhou com passos curtos até Vanhardt, e revistou os seus bolsos.

Não fique triste, amigo humano. Você não foi a minha primeira vítima, e não será a última. O poderoso e esperto Green aqui é...hum... "genial" talvez seja o melhor adjetivo! Os homens não entendem que o fato desses cogumelos serem tão vistosos, coloridos, bonitos, é na verdade um sinal da natureza que significa algo do tipo: *cuidado comigo! Não me coma!* E vocês fazem exatamente o contrário, há!

O jovem rolava no chão, dificultando o trabalho de revista que Green executava pacientemente. Sua barriga doía muito, e a cabeça estava zozua. Veneno para matar um elefante!

Essa fada é sua, não é? Sorte que ninguém consegue utilizar magia sobre as plantas no reino de Laodicéia, de modo que sua amiga não conseguirá se libertar. Caso contrário seria muito perigosa! Pois é, eu sei, fadas fazem magias. Só que eu sou mais esperto! O grande Green nunca será derrotado por tolos que invadem sua casa e se acham o máximo - a criatura não parava de falar, com a voz que ficava mais irritante a cada segundo.

Vanhardt, seu molenga, o que você está fazendo rolando nesse chão como maluco? - inquiriu a fada, zangada.

Eu fui envenenado... - ele fazia um grande esforço para responder. - Vou morrer... Lila... Minha esposa, meu filho... Eles...

Sua besta, se esqueceu de quem é filho? Como seria envenenado? É impossível te envenenar.

Como assim? - Green e Vanhardt perguntaram ao mesmo tempo, enquanto esse último se levantava de sobressalto como se nada tivesse acontecido.

É exatamente o que eu disse! Você não pode ser envenenado! Só não sei o que estava fazendo rolando no chão como um idiota.

Green olhou assustado para Vanhardt, que se restabelecera de um envenenamento que certamente o levaria à morte em menos de um segundo. Ele pegou a criatura verde com ambas as mãos e ergueu-a no alto, deu dois giros e atirou-a contra a parede. Em seguida correu até ele e segurou-o pela argola da algema que balançava na altura do peito.

Então você queria me envenenar! Que azar, pegou justamente o filho de uma deusa pra fazer isso - o rapaz exibia a mão fechada, pronta para esmurrar o duende.

É, e parecia que você iria morrer mesmo! - Green não estava tão seguro de si como há minutos atrás.

Bem, é que... hum... fui influenciado pelo que você disse. Melhor, fui sugestionado.

Um filho de uma deusa facilmente sugestionado?

Cala a boca! Eu estou morto? Não! Então mais respeito. Vou perguntar apenas uma vez: onde está a bússola?

Hum, aquilo se chama bússola. Legal! - repentinamente Green não se mostrava mais assustado. - Se eu disser a você, irá me matar. Para quê eu faria isso?

Olá, ainda estou presaaaaa! Alguém poderia me ajudar? - Lila se sentara no chão, de pernas cruzadas, e batia aborrecida a mão na bochecha.

Você irá me dizer porque do contrário irei te matar! - tornou Vanhardt ignorando os apelos da fada.

E o que estou te falando? Não te digo, pois se o fizer morrerrei.

Mas se não disser irá morrer também.

Então, pra quê falar? Melhor ficar calado, que pelo menos você fica sem o instrumento. Aliás, pra que serve?

O rosto de Vanhardt ardia em fúria. Ele não era bom em negociações. Principalmente negociações confusas. Sabia intimidar, isso sim, o que obviamente não adiantava com Green.

Ok, criatura verde, o que posso dar em troca da bússola?

Eu não sou *criatura verde*. Sou um duende, ouviu bem? D-U-E-N-D-E! E tem sorte por eu não transformá-lo em uma ameba. Alguns duendes sabem fazer magias.

Eu ainda estou aqui!!!!!! Oiiiiiii! - Lila insistia de dentro da rede.

Duende, que seja, o que faço pra obter a bússola? - continuou Vanhardt.

Prometa não me matar.

Ok, prometo. E agora, onde ela está?

Prometa que não irá me matar nunca!

Está certo! Prometo!

E nem irá causar qualquer dano físico à minha pessoa. Nem mental. Ou qualquer tipo de dano que...

TÁ BOM, SEU CHATO! EU PROMETO! EU PROMETO, OUVIU? AGORA ONDE ESTÁ A BÚSSOLA?

A palavra do filho de uma deusa deve valer alguma coisa, não é? Está aqui no meu bolso. Tome.

Vanhardt puxou o objeto da mão do duende com força, e soltou o pequenino. Depois tirou a amiga fada de dentro da rede, que se limpou resmungando. Antes de sair pela porta, o jovem apontou para Green.

Tente alguma gracinha e quebrarei minha promessa, e a sua cabeça no processo.

Já entendi... - Green ajustou a roupa, e acrescentou: - Também nem me importo com vocês, porque inevitavelmente irão morrer nessa floresta.

Como assim? - Vanhardt parou de supetão antes de sair pela porta, fazendo Lila trombar com suas costas.

Vocês irão morrer inevitavelmente. Não conhece essa palavra? I-n-e-v-i-t-a-v-e-l-m-e-n-t-e. Quer dizer que não importa o que façam, irão...

EU SEI O QUE QUER DIZER *INEVITAVELMENTE*. Nossa, que cara chato. Quero que me diga por que iremos morrer.

Por causa *deles* - o tom de Green era misterioso.

O filho da deusa do gelo, curioso, desistiu de deixar o cogumelo gigante precipitadamente, desejando ouvir o que mais o duende tinha a dizer. A fada pousou no seu ombro e se espreguiçou, bocejando logo em seguida.

Eles? Eles são perigosos?

Como chegou até aqui e nunca ouviu falar *deles*? É mais burro do que eu imaginava.

Repita isso e eu vou te mostrar a burra da minha mão indo direto nesse seu nariz.

Calma, eu digo. Também estou louco para vocês irem embora de uma vez. *Eles* são habitantes dessa floresta. Discípulos de Laodicéia, que vivem aqui há milhares de anos. Muito perigosos, já mataram até alguns deuses menores que apareceram por aqui. São extremamente cruéis, e não poupam nenhum dos seus inimigos. Nem o filho de uma deusa seria capaz de enfrentar todos *eles*, principalmente porque *eles* têm ao seu lado a Guardiã da floresta.

É verdade, Van. Parece que existe um povo nessa floresta que poderia nos causar problemas. O verdinho aí me lembrou disso agora.

Verdinho é sua bisavó! É claro que eu, o incrível Green, não morri porque conheço esse território como a palma da minha mão. No

entanto vocês dois serão presa fácil. Estarei morrendo de rir quando escutar seus gritos de pavor, hem, hem, hem!

Lila, tive uma ótima idéia! Green nos guiará pela floresta, daí poderemos evitar um encontro com *eles*. Certo Green?

O quê? - o duende pulou para trás com o susto.

E isso mesmo. Como conhece as redondezas seria o melhor guia para nós. Faça isso ou te obrigo engolir um desses cogumelos.

Mas você prometeu não fazer nada!

É verdade. Droga! Então... a Lila é quem fará isso. Ela não prometeu nada - Vanhardt emendou um sorriso.

Horas mais tarde, o trio abria caminho pela floresta. Green pegou vários suprimentos e colocou numa mochila que agora carregava nas costas. Caminhava emburrado, reclamando enquanto afastava arbustos da frente. Vanhardt seguia no seu encalço, certificando-se de que o duende não se afastasse muito e tentasse fugir. Ia comendo um biscoito que Green cozinhara, limpando os farelos que grudavam no canto da boca com os dedos.

Até que cozinha bem, verdinho! Esses biscoitos estão... Divinos!

Traidores! Vocês me enganaram! Eu devia é deixar os dois sozinhos à mercê *deles*, e voltar pra minha casinha!

-- Tente isso e Lila enfia um dos cogumelos bem grandes nessa sua boca que não pára de falar. Fecha a matraca e anda!

Green não era um guia muito bom. Ia para um lado, depois desistia e seguia por outro, para minutos mais tarde voltar pelo primeiro caminho. Vanhardt conferia a bússola para não se desviarem muito do rumo. Quando estavam longe da rota ele cutucava Green, obrigando-o a ir por um caminho melhor. Lila se ocupava em voar sobre a dupla, e observar um pouco mais à frente, para enxergar possíveis inimigos. Em determinado momento ela desceu, e ficou na altura da orelha de Vanhardt.

Você confia nesse duende aí? Ele tentou nos matar há pouco tempo, e agora é nosso guia, Não acha isso perigoso?

Pode até ser, Lila, - sussurrou o jovem de volta - mas não creio que ele nos levará ao encontro *deles*. Se fizesse isso, seria uma vítima como nós dois. Concorda?

Não acredito que nos levará até *eles*, e sim até uma armadilha escondida em algum lugar.

Ao contrário de Lila, Vanhardt não achava que Green guardasse alguma armadilha escondida na floresta, porque ele nem parecia saber direito onde estava indo. Ele aproveitou para dizer ao duende:

E não se esqueça de que se comentar com alguém que sou filho de uma deusa, Lila coloca um dos cogumelos na sua boca.

Eu já entendi! Eu já entendi! Que saco vocês, me ameaçando de morte a cada minuto. Só se eu fosse muito burro, característica que vocês estão cansados de perceber que não possuo. Além do mais...

A frase de Green foi interrompida por um silvo breve, e em seguida Vanhardt viu o duende cair estatelado ao chão. Logo foi a sua vez de sentir algo lhe passando uma rasteira, e ele beijar o solo. Rolou e olhou para cima: Lila foi embrulhada por uma rede que voou ao seu encontro. Tentou se levantar, mas acabou impedido por um pé que manteve seu tronco junto ao chão. Vanhardt, finalmente, sentiu uma dor muito forte no topo do crânio, e tudo ficou escuro.

Capítulo XXX - *Investigações Secretas*

Zing ria com vontade, enquanto erguia bem alto a taça cheia do néctar mais puro que sua colméia era capaz de produzir. Léia sentava-se à sua frente, numa cadeira de cera. Ela também degustava o néctar servido pelo anfitrião, com delicado sorriso. A sala de visitas da colméia gigante não era tão majestosa quanto o seu salão de festas, mesmo assim estava muito bem decorada. Janelas ovais circundavam a sala, por onde a luz do sol penetrava através de vitrais multicoloridos. Um tapete amarelo, bordado por aranhas, ficava ao centro, e uma harpa prateada adormecia num canto. Léia e Zing se sentavam próximos a essa harpa e conversavam alegremente. A deusa do gelo ficou séria e muda repentinamente, e Zing se adiantou, adivinhando o que ela pensava.

Minha dama, imagino o que deseja saber - ele se levantou e puxou a cadeira para o lado de Léia, voltando a se sentar. - Sei que o motivo pelo qual veio aqui não foi simplesmente ouvir minhas velhas piadas, nem minhas poesias ridículas e inúteis!

Não acho suas poesias ridículas ou inúteis! - retrucou a deusa, contrariada.

É uma verdadeira dama por dizer essa graciosidade. Bem, não irei insistir no quanto sou ruim, seria grosseria de minha parte. Quanto a Taurok, que é o assunto de principal interesse, confesso que já o conhecia anteriormente. Posso dizer que até mantínhamos algum contato, devido aos torneios e outros eventos nos quais participamos juntos, e ele sempre me pareceu respeitável. Só que essa minha impressão não bastaria para ter certeza de suas

intenções, seu caráter, então utilizei todos os recursos disponíveis e investiguei a vida do deus dos minotauros. Retirando o eufemismo, espionei-o. Posso entregar um relatório de todas as suas atividades, ou apenas dizer o que descobri. O que prefere?

Vossa Divindade sabe que não preciso dessas formalidades de relatório, não é Zing? Conte-me logo, estou curiosa.

Bem, então eu digo - Zing aproximou seu rosto da deusa do gelo, e a voz que saía era quase um sussurro. - Léia, eu poderia muito bem inventar alguns detalhes sórdidos sobre esse indivíduo, na verdade pensei em fazê-lo, porém achei que não seria justo de minha parte. Não há nada no passado de Taurok que o comprometa. Todos os deuses que mantiveram negócios, ou qualquer tipo de relacionamento com ele, têm o mesmo discurso. O deus dos minotauros é honesto, respeitador, educado e gentil, enfim, é uma perfeição! Apesar de muitas vezes ser duro, e ter entrado em vários conflitos, não foi além do que estava em seu direito. Resumindo: não existe prova alguma de que Taurok não mereça confiança, o que, pra ser sincero, me deixa chateado, pois assim ele demonstra ser um adversário à altura.

Adversário em quê, meu amigo?

Ah, bobagens querida; intriga masculina. Não se perturbe com isso. E então, o que me diz de tudo isso?

A deusa do gelo passou os olhos pela sala em silêncio, pensativa. Ela conhecia de outras eras os talentos de espionagem de Zing, e se ele descobrira tais coisas, é porque não passavam da mais pura verdade. Arrependeu-se naquele momento por ter sido até dura e seca com Taurok, desconfiando de suas intenções - no entanto, em virtude de todas as traições anteriormente ocorridas, ela não poderia ter agido de outro modo. O deus dos minotauros acabara de ganhar sua confiança.

— Só há uma coisa na qual ele nunca me venceria - disse Zing, interrompendo os pensamentos de Léia, por ver que ela não

respondera a sua pergunta.

E o que seria?

Ele não é tão bonito quanto eu! - os olhos de Zing pareciam muito maiores do que eram, e refletiam o rosto da deusa milhares de vezes. Lentamente ele foi encurtando o espaço entre seu rosto e o dela, ao mesmo tempo em que lhe tirava, com cuidado, a taça das mãos. Seus outros três braços se ocupavam em envolver o ombro dela, e segurar carinhosamente seus dedos. - Agora vamos deixar esse assunto de lado, e falar de algo mais interessante, como nós dois?

A investida de Zing só não continuou porque uma abelha, do tamanho de um ser humano, entrou na sala e pigarreou. Imediatamente o deus dos insetos, que estava quase completamente curvado sobre Léia, voltou à sua posição original, sentado na cadeira, deixando a deusa se recompor. Ele respirou profundamente, e, com desagrado, disse à abelha:

O que foi agora? Como me interrompe dessa maneira?

Desculpe-me, grandioso Zing, excelentíssimo deus dos insetos, só faço isso porque é assunto deveras importante! Está sendo chamado ao salão do trono, com urgência.

Justamente nesse instante, não posso acreditar! Ah, se é assim, diga que estou indo - e voltando-se para Léia, continuou: - Minha dama, perdoe-me pela falta de decoro, entretanto terei de abandoná-la nem que seja por míseros minutos. Sabe que nada me deixa tão lisonjeado quanto estar em sua presença, e poder trocar minhas palavras fúteis com ser de tamanha graciosidade e elegância. Garanto-lhe que minha falta será recompensada com outras poesias ridículas e inúteis, além, é claro, das velhas piadas. Nada a deixará mais aborrecida e entediada!

Não se preocupe com isso, Zing, estarei esperando ansiosa.

Com o tronco curvado, Zing deu um beijo na mão de Léia, e deixou o salão com andar cheio de pompa. A abelha que havia

entrado no salão olhou com desdenho para Léia, empinou o nariz e deu-lhe as costas, saindo com um rebolado.

A deusa não perdeu tempo em pensamentos desagradáveis sobre a abelha, e, displicentemente, caminhou para uma das janelas com vitrais. Após olhar ao redor, e se certificar que não havia ninguém por perto, puxou uma rosa branca da cintura. Ela aproveitara o momento em que Zing debruçara-se sobre seu corpo para colocar uma rosa como essa, mas de menor tamanho, grudada no corpo do deus dos insetos. A flor que pareceria inofensiva a qualquer observador era uma espécie de transmissor, que enviaria os sons ao seu redor para a outra flor, que agora Léia tinha em mãos. Apesar de não ser uma atitude muito honrada, da mesma forma que a deusa tinha de se certificar das intenções de Taurok, precisava também conhecer as de Zing. O fato do deus dos insetos ter desaparecido por vários anos, sem dar notícias, e depois voltar e omitir o que andara fazendo, era no mínimo digno de suspeita. Ela colocou a rosa cuidadosamente sobre a orelha, e passou a escutar.

Sons de passos, seguidos pelo barulho de uma porta sendo aberta. Foi aí que ouviu vozes.

Saudações, Zing, poderoso deus dos insetos. Espero não estar incomodando-o.

De maneira nenhuma, Núbia, preciosa deusa da noite. É um prazer rever tamanha beleza. Mas por que não veio pessoalmente ao meu castelo, preferindo esse tipo de comunicação? Não gosto de falar utilizando esses meios mágicos.

Léia assustou-se ao ouvir o nome - Núbia. Desde que se tornara a deusa do gelo, renunciando ao status de deusa da morte, ela não conversara, nem mesmo presenciara diálogos de um dos deuses maiores. E o que estaria Zing tramando com a deusa da noite?

Vossa Divindade sabe muito bem porque, Zing, não se faça de tolo. Esses são tempos perigosos, não podemos nos arriscar assim. E então? Fez o que lhe pedi?

É claro que sim! Como já lhe relatei anteriormente, aqueles anos de investigações foram infrutíferos, não resultando em praticamente nada. Quando voltei, porém, aproveitei o que já tinha feito e consegui ir mais a fundo, e investiguei-as completamente. Acredito sinceramente que elas não estão com o Manto.

Tem certeza, Zing?

Entenderia como ofensa a falta de confiança em meus serviços. Sou muito bom no que faço, e, pelo que vi, não há nenhum sinal do Manto. Elas não o têm.

Bem, se não está com elas, com quem estaria?

É o que continuo pesquisando. Segundo minhas fontes, um dos seus últimos paradeiros foi nas mãos de uma ordem chamada Divina Serpente. Preciso, obviamente, investigar mais, para verificar se é mesmo verdade. A partir daí, teremos mais chances de descobrir a localização precisa do Manto, para que possamos reavê-lo.

Faça isso, Zing, e terá o que deseja. Seja mais rápido em suas investigações; elas demoraram um tempo além do esperado! Não temos nem um minuto a perder!

Eu sei, minha dama, e garanto que serei bem sucedido.

Ótimo. Falaremos-nos em breve. Adeus.

Léia parou de escutar as vozes, e tornou a ouvir passos, aproveitando para guardar a flor na cintura. Quem seriam "elas", que Zing investigava? E que Manto era esse? Por que tamanho interesse de Núbia nele? *Divina Serpente...* O nome não lhe era estranho, ouvira rumores dessa ordem num dos seus milhares de anos de existência. A deusa do gelo precisava urgentemente de todas as respostas, que pelo visto não obteria facilmente. Quando Zing voltou à sala, e fez os cumprimentos e lisonjas de praxe, Léia surpreendeu-o com um abraço, através do qual aproveitou para retirar a rosa, e guardá-la junto da outra. Depois se ocupou em entreter o anfitrião, enquanto pensava no futuro.

Capítulo XXXI - A Profecia dos Três

Os pulsos de Vanhardt ardiam quanto mais ele os repuxava ao tentar se desvencilhar do cipó que os atava. Sua situação era constrangedora: ambas as mãos e pés estavam presos a um tronco de madeira, que era carregado na horizontal por uma pessoa que seguia na frente e outra atrás. Não dava pra ver os rostos dessas pessoas, pois eram cobertos por capuzes verdes. O herói podia apenas olhar para cima, e para os lados se tombasse a cabeça; a maior proeza que conseguia era balançar o corpo levemente - o que acontecia quando ele esbarrava em arbustos, troncos grossos caídos no chão, ou até cogumelos de meio metro de altura (parecidos com os que ele ingerira mais cedo). Green tivera a mesma sorte de Vanhardt, e também era carregado preso a um tronco de madeira, enquanto Lila aplicava mordidas em um dos nós da rede que a mantinha cativa.

Green, seu traidor! - resmungou Vanhardt pelo canto da boca, ao desistir de soltar as mãos. - Nos levou diretamente ao encontro *deles*. Você me paga!

É mesmo, e veja como sou esperto, levei vocês para *eles* e me esqueci de pedir para me soltarem. EU TAMBÉM SOU UMA VÍTIMA AQUI! - guinchou em sua voz esganiçada.

Se não fez isso, é um incompetente como guia. A idéia era nos desviarmos *deles*, e não nos encontrarmos com *eles* - disse Lila sarcasticamente, entrando na conversa.

Eu conheço essas terras como a palma da minha mão!

Eu vi - continuou Lila. - É claro que o episódio ocorrido uma hora atrás, no qual disse que o caminho era "para a direita,

absolutamente", e dez minutos depois mudar o discurso e afirmar "para a esquerda com plena certeza", e passados outros dez minutos admitir que andamos em círculos não conta, não é verdinho?

Ok, admito que posso ter ficado confuso em algum momento, mas conheço a região ao menos superficialmente. E esse povo nunca se aventurou por aqui! Tem algo estranho acontecendo, que fez com que eles saíssem de suas fronteiras, e estou quase certo que está relacionado ao desaparecimento dos animais. Eles estão procurando por comida mais longe.

É verdade; estou procurando animaizinhos pra tentar usar o meu poder desde que nos embrenhamos na floresta, e não encontrei nenhum - Vanhardt falou desconfiado. - Aliás, Lila, vai continuar enrolando ou dará um jeito de nos tirar daqui?

Eu já tentei, não adianta! Essas redes impedem que eu use magia. Green deve saber muito mais sobre isso, porque usou o mesmo truque comigo.

Usei, sim, o que prova mais uma vez minha superioridade intelectual. As redes feitas com cipó das Florestas Sagradas do norte, terras de Laodicéia, impedem qualquer não-discípulo dessa deusa de usar magia. Vou aproveitar para perguntar só uma coisinha, Vanhardt: como um filho de uma deusa pôde ser apanhado tão facilmente? Pensei que filhos de...

Cala essa boca, Green! Quer revelar o segredo pra floresta inteira? Fui apanhado de surpresa, não tive tempo pra reagir. Quando me dei conta eles haviam me atado, e me colocado aqui. Se ao menos Lila usasse a *crafo adimapla* em mim, arrebentaria esse cipó em um segundo. Certo, Lila?

Você é surdo? Acabei de dizer que NÃO DÁ PRA CONJURAR MAGIAS! Ai...ai... minha deusa, me poupe!

É pra usar em mim, e não no cipó, sua tonta!

Não dá pra usar de jeito nenhum!

Ei, vocês dois, parem de discutir! - interveio Green. - Até parece briga de namorados, ou de marido e mulher, sei lá. Ô Lila, minha filha, está com alergia?

Não, Green!

É porque ficou vermelha de repente. Isso não é gripe? Eu estou dizendo porque...

Já chega, Green!

Xi, agora está brigando comigo. Isso é coisa de mulher, deve ser a tal da TPM. Ouvi falar que ela atinge...

CALA A BOCA, GREEN! - Vanhardt e Lila gritaram juntos.

Sempre sobra pra mim.

Os três seguiram carregados por horas. Vanhardt prestou atenção nos passos, para contar os inimigos - distinguiu seis ou sete passadas diferentes. Seriam dois carregando-o, mais dois com Green, um com a rede onde Lila estava, e provavelmente um ou dois próximos a eles. Por mais que tentasse não conseguiu apurar nenhuma outra informação sobre os inimigos. Nem pôde se certificar se eles eram humanos. Uma dúvida martelava em sua cabeça, e decidiu perguntar ao duende, ainda que temesse a resposta:

Green.

Fala!

O que eles farão com a gente?

Não quero falar sobre isso.

É muito ruim?

É.

O quanto ruim?

Muito.

Muito, muito?

É. Muito, muito ruim. Insuportavelmente ruim. Péssimo. Desastroso. Terrivelmente ruim. Tá bom assim?

Falta saber o que eles farão com a gente.

Seu chato! Se quer tanto saber eu digo: eles vão nos devorar. Acenderão uma fogueira, colocarão uma panela, água, alguns legumes, quem sabe batatas, e daí nós três. Com sorte morreremos rapidamente.

É mentira, não pode ser.

Sim, não pode ser, mas infelizmente é. Por falar nisso, por que estou tão despreocupado? POR FAVOR, ME SOLTEM, EU NÃO QUERO MORRER! BUÁAAA!!! - o duende passou a se revirar na corda e aprontar um terrível escândalo.

Isso não vai adiantar de nada. É melhor pensarmos em um plano pra fugir do que espernearmos como loucos.

Hmmm, é verdade. Eu tive uma boa idéia. Acha que é a primeira vez que fiquei prisioneiro? Não contarei mais nada, é claro, pois não estamos sozinhos.

Ah, então é por isso que anda com essa algema presa no pescoço e a outra pendurada! Onde ficou preso? Nunca tentou tirar as algemas?

A face de Green passou de ligeiramente esperançosa para séria e carrancuda. O olhar mirava o infinito, e com algum esforço podia-se ver uma lágrima brotar no canto do olho esquerdo do duende. Ele inclinou a cabeça para baixo, procurando enxergar as algemas, e assim ficou por alguns minutos. De onde Vanhardt estava não via Green muito bem, por isso ele não notou aquela atitude. Porém percebeu que o duende, que gostava muito de falar, ficou quieto de repente, incutindo-lhe suspeitas de que aquelas algemas significavam algo importante para Green. Importante e triste. Ele não perguntou nada sobre um plano de fuga, porque se o duende tivesse mesmo alguma idéia, era melhor não revelá-lo aos inimigos. *Eles* talvez até não falassem a mesma língua que Vanhardt e os companheiros, mas isso não indicava que os três deveriam ser menos reservados.

Uma hora mais tarde, o grupo passou por uma cortina de cipós, penetrando em uma grande clareira, com árvores compridas ao redor. Vanhardt escutou o grito de várias outras pessoas, como se estivessem comemorando a chegada deles.

Segundos depois via o rosto de crianças humanas sobre ele, com olhares curiosos, cutucando a sua barriga e esticando suas pálpebras, caindo às gargalhadas em seguida. As crianças se interessaram muito por Green, ficando temerosas de tocá-lo com os dedos, usando para isso um pedaço de pau - o duende, muito irritado, pôs-se a xingar os meninos e meninas. O que atraiu maior atenção daquele grupinho de crianças, no entanto, foi a fada Lila.

Os misteriosos seres que capturaram Vanhardt e Green fincaram o tronco que os prendia no chão, verticalmente, permitindo que eles tomassem a postura de pé, e pudessem olhar ao redor. Em seguida, um círculo de pessoas, principalmente crianças, mas também adultos, se posicionaram em volta da fada, cuja rede ficara numa parte mais plana de uma gigantesca pedra no centro da vila. Eles observavam admirados aquela criaturinha que parecia uma boneca com asas, e murmuravam nos ouvidos uns dos outros. Alguns soltavam exclamações e batiam palmas, enquanto outros passaram a correr e chamar mais pessoas para olhá-la.

Era estranho imaginar que um lugar tão grande como aquele, uma vila de fato, ficava incrustada no meio da floresta. Suas casas, todas de madeira, envolviam como num abraço o tronco das árvores, principalmente aquelas mais grossas, e certamente tinham sido erguidas há pouco tempo. A improvisação era evidente - faltavam algumas partes, como paredes ou tetos, e pedaços de madeiras eram puxados para cima com cipós por alguns habitantes, naquele instante exato. Apesar de algumas habitações se encontrarem sobre o chão, a maioria dessas estava destruída. Contava-se não mais que cinqüenta casas. Além disso, algumas pessoas armadas de pás

jogavam terra sobre buracos. Estariam elas fazendo armadilhas, ou algo do tipo?

As pessoas da vila tinham a pele num tom mais escuro do que Vanhardt se acostumara a ver. Ele ouvira relatos, entretanto, de pessoas com a pele negra, o que não era o caso destas. Vestiam roupas simples, que constavam de uma camisa puída, de pano, e calça de couro de animais, atada no meio por uma faixa de cipó. As mulheres usavam vestidos do mesmo material. Muitos portavam lanças de madeira, e outros arcos e flechas; Vanhardt reparou em um deles - que provavelmente participara da sua captura, pois usava também uma capa verde -, segurando uma arma especial: assemelhava-se a uma besta, com espaço para duas setas, e um compartimento na parte de trás onde uma pequena rede se prendia ao rabo das setas. *Então foi aquela arma a responsável pela captura de Lila!*

Avistado o grupo que os seqüestrara, Vanhardt passou a segui-los com o olhar, esquecendo-se do círculo de pessoas em torno da fada. Eram realmente sete, e caminharam até uma elevação de terreno, próxima à pedra gigante, onde estava um homem que parecia ser o líder, conversando com outros três aldeões. O líder usava um chapéu de penas na cabeça, um colar com dentes de animais no pescoço, e uma capa verde limão berrante retalhada nas costas. Ele era gordo (quase não dava para ver o pescoço), e nos braços roliços havia pulseiras coloridas. Os olhos eram pequenos, o nariz bem avantajado, e a boca redonda com beiços para fora fornecia a sensação de que ele fazia biquinho o tempo todo. Depois de um minuto de conversa, e os braços apontarem para Green e Vanhardt mais de dez vezes, o grupo trouxe o líder até os prisioneiros.

As mãos do líder eram também gordas, mas nem por isso menos fracas: Vanhardt sentiu a sua força quando teve as bochechas apertadas por um par de dedos. O líder deu uma volta em torno do

rapaz, observando-o dos pés à cabeça, e passou a olhar Green, também beliscando as suas bochechas. O duende, que até aquele momento não dera nenhum sinal de que estava prestes a fugir, falou na voz esganiçada de sempre:

Pelo amor de Laodicéia, me solte! Eu também gosto muito da deusa, ela abençoa os duendes, sabia? Fiquem com a fadinha, e esse humano fedorento, mas deixem o pobre duende em paz!

Green, seu safado, esse era o seu plano de fuga?! Livrar a sua pele e nos deixar aqui com esses canibais?!!! - Vanhardt estava furioso, e cuspiu jatos de saliva em cima de Green.

Quem mandou você e sua amiga fada me seqüestrarem, em primeiro lugar? Eu nunca quis vir nessa jornada idiota! EU SOU UMA VÍTIMA!

O líder levantou os braços para o alto, e virou-se para o grupo em torno de Lila. Um silêncio profundo percorreu a vila, e todos dirigiram seus olhares para o homem gordo. Deixando o silêncio criar uma tensão no ar, o líder abaixou os braços, inspirou profundamente e disse com voz grave:

Atenção, meus amigos. Eu também estou impressionado com os prisioneiros: eles se parecem com as figuras da profecia. Porém, como a própria parede nos revela, eles podem vir para o bem ou para o mal. Não de concordar que devemos esperar até a Guardiã da Floresta voltar, para que ela decida o destino dos três. Estas questões que envolvem prisioneiros estão ao seu encargo. Estamos entendidos?

Os murmúrios e cochichos se avivaram, e as pessoas colocaram as mãos na boca enquanto tornavam a apontar para os prisioneiros. O líder rumou para o centro da vila, voltando ao seu trabalho, que consistia em ajudar três habitantes a erguerem uma tora grossa de madeira. Vanhardt e Green se entreolharam, sem entender bulhufas do que se passava.

Capítulo XXXII - A Guardiã

Quem é essa tal de Guardiã da Floresta? O que ela decidirá? Eles irão nos cozinhar, Green? Fale alguma coisa! - Vanhardt se mostrava ansioso, principalmente por não poder conjurar suas magias.

Não sei... Espere um pouco, agora estou me lembrando! Sim, hem, hem! Recebi ensinamentos sobre ela e seu povo. É uma mulher muito perigosa. Essa vila de discípulos de Laodicéia não tem o poder político apenas nas mãos de um homem, como acontece com a maioria das outras. O poder é dividido: um homem, chamado de "Senhor", cuida das questões administrativas e de saúde, enquanto uma mulher, chamada de "Guardiã da Floresta", cuida da parte de caça, das questões militares, incluindo aí prisioneiros. Por isso ela decidirá nosso destino. Como me esqueci disso?

Bom, pelo menos estamos a salvo por enquanto. E seu plano de fuga, não vai me dizer que era realmente aquele de ficar implorando ao Senhor por sua liberdade?

O duende franziu as sobrancelhas, desanimado, e não respondeu. Ele virou os olhos para a fada, que procurava inutilmente fugir dos gravetos que as crianças usavam para cutucá-la. A atitude do duende de ignorá-lo não deixou dúvidas a Vanhardt de que o plano era mesmo aquele.

Seu duende safado! Sem vergonha! Que cara de pau! - o herói parou de encarar Green.

Vanhardt mostrava-se indignado com a criaturinha verde. Era verdade que o duende tentara matá-lo e também à fada, porém entendia que Green fazia aquilo por instinto de preservação. Até

tomara alguma simpatia pela criatura, mesmo que ele fosse metido (mais do que a fada), falador, e intrometido. Agora o duende mostrava que seu instinto de preservação poderia ser muito maior do que qualquer sentimento próximo de amizade. Não adiantaria, entretanto, ficar reclamando. Ele precisava pensar em algo para tirá-los dali. Olhou para os lados, e depois para cima, e viu aquilo que há muito tempo procurava: um pássaro! Animal no qual ele poderia usar seu poder!

Fixou os olhos na criatura solitária, e se concentrou. Os minutos correram, o pássaro voou de uma árvore para outra, e depois foi embora. Vanhardt não obtivera sucesso. Isso devia ser culpa de Laodicéia, que por ser a deusa da natureza deveria proteger também os animais. Procurou Lila, queria conversar com a fada, mas ela estava longe demais e ele não queria ficar gritando. A partir daí, desistiu de pensar em qualquer plano de fuga, e deixou o destino seguir seu rumo.

O dia logo terminou, e o sol, avermelhado e sonolento, se escondeu sorrateiramente no horizonte. Em certo momento, um rebuliço tomou conta dos habitantes da vila. Alguém havia chegado. Era ela! Do meio da multidão, surgia uma pessoa pouco mais baixa que Vanhardt, magra, e do mesmo modo que outros habitantes, usava um capuz e uma capa verde-amarronzada, que encobria o rosto e parte do corpo. A Guardiã da Floresta se encontrou primeiramente com o líder, ou Senhor, como Green o identificara. Depois de trocarem algumas frases, o Senhor apontou para Vanhardt, Green, e também para a fada. A Guardiã da Floresta então caminhou na direção de Lila, e examinou-a por alguns minutos. Com um aceno afirmativo, deixou a fada e foi para os troncos que mantinham Vanhardt e Green presos, parando a menos de um passo dos dois. Vanhardt sentia a sua respiração, mas não via um centímetro do seu rosto, encoberto pelo capuz. Seria humana? Ou

teria cor verde ou azul? Deformada, quem sabe? Ou mesmo bonita?

A Guardiã permaneceu imóvel, demorando-se com os olhos nos pés descalços de Vanhardt, e depois foi a vez de fitar Green, reparando nas algemas que pendiam do seu pescoço. Ela virou-se em seguida para o Senhor, e os dois passaram a cochichar.

Será que são eles? - perguntou o Senhor, com a voz baixa, porém a uma altura que permitia Vanhardt escutar. Talvez ignorasse a curiosidade do rapaz, ou fosse inocente o bastante acreditando que ele não quisesse ouvir a conversa.

Não posso garantir. Apesar de se parecerem muito com as figuras da parede, não percebi nada de extraordinário neles. Não sei como esse daí - ela apontou Vanhardt com a cabeça - conseguiu caminhar em nossas florestas descalço. Deve ter machucado bastante os pés. Amanhã poderíamos tentar fazê-los passar pelo teste - a voz da Guardiã era mesmo de uma mulher, não muito diferente da de qualquer outra, exceto por ser firme e confiante.

Ótimo. Esperaremos até amanhã, e aí faremos os testes. E então, encontrou alguma coisa?

Nada. Peguei alguns pássaros, o que evitará que morramos de fome nos próximos dois dias. Mas não há um animal no raio de dez quilômetros.

Droga! - o Senhor deu um soco no ar. E tudo por causa daquela criatura! Ah... Tomara que esses três sejam a nossa salvação.

O Senhor e a Guardiã se afastaram, e Vanhardt percebeu pelo canto do olho que Green mirava-o atentamente. Não retribuiu o olhar. Estava com raiva do duende. O único fato que lhe atraía a atenção era seus pés descalços. Ele chegara a se esquecer de que não havia arranjado botas, e só se recordara porque a Guardiã reparou em seus pés. Sentira uma certa vergonha, mas que se fora junto com a Guardiã. Green ainda o chamou uma ou duas vezes, e como o jovem não lhe desse atenção, o duende desistiu.

A noite caíra gentilmente sobre a floresta, e as estrelas apontaram no céu. Green dormia a sono solto, Lila mantinha-se de cabeça baixa, olhos fechados, como se meditasse, e Vanhardt não conseguira mais do que um leve cochilo. Naquele momento mantinha os olhos fechados, ouvindo os mínimos ruídos da vila, imitando sua amiga fada. As pessoas subiram para as casas no alto das árvores para dormir, permanecendo dois ou três habitantes no solo, rondando a vila, obviamente vigiando os prisioneiros.

Um barulho no meio da mata atraiu a curiosidade de Vanhardt. Subitamente, dois olhos vermelhos, de gato, surgiram entre as folhas de um arbusto. O jovem, que estava sonolento, despertou de vez. Os olhos se mexiam no meio da mata, a cerca de quinze metros de distância, e a altura que estavam do solo indicava que o dono era grande. Quem sabe a criatura criasse uma confusão, e no meio dela surgisse uma oportunidade para que fugissem? Segundos depois os olhos desapareceram, e um fino tremor abalou o solo. Tochas foram acesas nas casas, e os habitantes entraram em alvoroço. Alguns pularam entre as casas, e outros, portando arcos, bestas e lanças, desciam por cipós e escadas. Gritos e berros acordaram Green e alertaram Lila, e um terror repentino passou a tomar conta da vila.

O chão, que havia parado de tremer, voltou a chacoalhar, dessa vez muito mais forte, somado a um barulho ensurdecedor. Os gritos foram abafados, não se conseguia nem ouvir a própria voz e, de repente, no centro da vila a terra começou a se abrir. Os habitantes armados formaram um círculo em torno do buraco, e deste, para espanto de Vanhardt, Lila, e Green, brotou a cabeça de uma animalesca criatura. Era semelhante a uma minhoca, cilíndrica, da largura de cinco ou seis tonéis de cerveja juntos. A boca era triangular, com centenas de dentes pontiagudos dispostos em fileiras sobre uma mucosa vermelha, cada um deles com quase um metro de comprimento. Não aparentava ter olhos, a pele era cinza, enrugada, com alguns pêlos grossos. Assim que surgiu do chão, emitindo um

urro grotesco, caiu esmagando um habitante, matando-o imediatamente. Deveria pesar dez toneladas ou mais.

Os outros guerreiros da vila atiraram flechas e lanças na criatura, que sequer arranharam sua pele, certamente muito espessada. O verme se arrastou sobre a terra ameaçando engolir os habitantes, que decidiam fugir ou continuar lutando corajosamente. A primeira opção era a mais inteligente.

A aldeia naquele ponto se tornara um caldeirão de pânico e terror. As pessoas não encontravam lugar para se esconder, e corriam para o meio da mata ou continuavam em suas habitações sobre as árvores. O verme, depois de engolir um bravo guerreiro que jogara uma lança dentro de sua garganta, mergulhou debaixo da terra.

Vanhardt até aquele momento se mantivera parado. Suas pupilas estavam dilatadas, as mãos tremiam, a testa suava frio. A visão de um ser tão grotesco, tão grande, tão cruel, roubava-lhe o raciocínio e perturbava seus sentidos. Foi um apito, como o som de uma chaleira, que o tirou daquele estado de choque. Vinha do seu bolso. Virando de lado, e deixando que o objeto caísse, descobriu o que era: a bússola! A seta não estava parada e apontando para uma direção como sempre fazia - dessa vez girava incontrolavelmente, emitindo aquele ruído irritante. Isto só podia significar uma coisa: a foice estava muito perto. Perto até demais.

Capítulo XXXIII - *Reunião de Sangue*

Os ânimos se encontravam exaltados dentro do salão, e discussões fervilhavam em torno da mesa oval. Doze cadeiras rodeavam a mesa, das quais dez eram ocupadas por homens que se apontavam mutuamente e gritavam para serem ouvidos. Alguns vestiam pesadas armaduras, enquanto outros usavam trajes mais refinados. A cor predominante no salão era o preto, representado por longas cortinas com detalhes em dourado que farfalhavam frente às compridas janelas retangulares, um tapete que seguia da mesa à porta de ferro num extremo do salão, e um teto intensamente iluminado por dezenas de lustres, devidamente abastecidos de velas. Pergaminhos contendo mapas e relatórios disputavam espaço sobre a mesa, e algumas pequenas peças de madeira, que faziam o papel de exércitos, eram constantemente trocadas de posição. No extremo oposto ao da porta, na parte da mesa onde a curvatura era mais pronunciada, indicando a posição onde o mais graduado deveria se sentar, dois homens estavam de pé.

Um deles era de altura assustadora, e certamente deveria se abaixar para passar na maioria das portas. Tinha a pele negra, a cabeça raspada, e uma cicatriz em diagonal que começava na testa, cruzava o nariz e atingia as bochechas do lado oposto. Não passava dos trinta anos, embora a cicatriz o deixasse mais velho e feio. Sua armadura era negra e adornada com um cinto vermelho, e carregava também um machado pendurado nas costas. Uma das mãos esfregava a boca e o olhar era vago, pensativo.

O outro homem era bem mais velho, não tão alto, a pele branca e macilenta. Trajava uma malha de prata sobre a qual reluzia um belíssimo manto negro, bordado com fios púrpura. Uma barba branca se esticava até a metade do peito, e as sobrancelhas arqueadas lutavam contra as pálpebras que insistentemente se deitavam sobre os olhos azuis, indicando cansaço. O velho bateu a mão sobre a mesa fazendo todos ali presentes se calarem, e falou sem pressa:

— Meus senhores! Devem concordar comigo que toda essa discussão não resultará em absolutamente nada. Precisamos de uma saída imediata, que nos tire da terrível situação em que nos encontramos. Estou certo de que cada um tem a sua opinião, e que elas são conflituosas, mas se continuarmos brigando não chegaremos a lugar nenhum - o velho contraiu o rosto numa expressão de desagrado, e seus olhos azuis se tornaram malévolos. - Se alguém me interromper a partir de agora, utilizarei a minha posição de Supremo Lorde e mandarei enforcar o imbecil. Serei piedoso apenas para enviar o corpo à família. Alguma pergunta?

O silêncio era tão intenso que se podia perceber o som da chuva, antes inaudível, que ignorava a discussão e mantinha o seu trabalho de molhar o vidro das janelas, além do rumorejo de algum dos presentes que se ajeitava melhor na cadeira. Nenhum deles ousou dizer qualquer coisa. O velho, então, tornou a falar:

Ótimo. Para prosseguir, gostaria que Otho nos expusesse mais uma vez, e objetivamente, qual é a situação em Fontain.

O negro alto ao seu lado tirou a mão da boca e abriu um dos grandes pergaminhos sobre a mesa, que continha um mapa de Kether. Ele apontou para a cidade de Fontain, e disse num tom absurdamente grave:

Como todos sabem, essa cidade é a nossa porta de entrada para a invasão do eixo sul de Kether. No entanto, nos encontramos num impasse. Inacreditavelmente, nossas hordas de Espectros

Amaldiçoados não conseguiram penetrar suas defesas, que contam com guerreiros altamente treinados, além da ajuda de um deus menor, chamado Fulaf, que controla os ventos do oeste. Ele nos atingiu com várias tempestades, e não esperávamos tanta bravura e força dos guerreiros que defendem a cidade. Por isso lançamos mão de nossos aliados, alguns vassalos do senhor de Antharchet, força composta por pouco mais de mil cavaleiros, somados a um contingente de mercenários, que não passam de quinhentos. Mesmo assim, fizemos três ataques consecutivos à cidade nos últimos dois dias, e só perdemos guerreiros, sem avançarmos um centímetro em nossa posição. Além disso, gostaria de ressaltar o fato dos Montanensis estarem preparando um contra-ataque em Kilev, que fica na fronteira do reino que já conquistamos, Heltara. As nossas defesas lá não são muitas, e eles não demorarão a subjugá-las. Gastarão de Kilev até aqui, a capital Ember, uma semana e meia no máximo.

O velho resmungou alguma coisa em voz baixa, deu mais um soco na mesa com a mão fechada e disse:

Estão vendo? Os senhores têm noção da gravidade desse impasse? Não conseguimos avançar, e corremos o risco de perder aquilo que já conquistamos! Ainda por cima, não temos de onde tirar mais exércitos! Se continuarmos atacando Fontain, seremos rechaçados. Se fugirmos, nossos aliados voltarão para Antharchet, os mercenários se dissiparão, e os Espectros serão vítimas fáceis para o contra-ataque dos Montanensis. Alguém poderia nos fornecer uma solução, em vez de gastar as energias esbravejando como jumento? Hã? - sua voz se tornara rouca de fúria no fim do discurso, e o rosto avermelhado e inchado.

Um relâmpago caiu, e o som do trovão somou-se ao da porta de ferro sendo aberta. Todos viraram os rostos assustados em direção à porta, e viram uma figura que chamava muita atenção ao entrar no salão. Suas botas negras afundavam no tapete, enquanto a capa

vermelha deslizava como uma cobra sobre o chão. Não era muito alto, talvez o menor de todos ali presentes, mas tinha uma grande compleição física, capaz de suportar sem aparentar muito esforço a enorme armadura negra que protegia cada milímetro do seu corpo. O rosto era encoberto por um elmo da mesma cor da armadura, e a único pedaço visível era o par de olhos misteriosos que brilhavam nas órbitas. Uma espada com serrilhas na lâmina repousava em sua cintura.

O barulho de seus passos ecoou pelo salão, só parando quando ele estacou a um passo da mesa oval. Ninguém falou, esperando que o intruso se apresentasse. Este se demorou com o olhar no rosto de cada um deles, e depois de uma longa inspiração, pronunciou com uma voz metálica e seca:

Eu sou Mondovar. A partir de agora obedecerão às minhas ordens.

Um murmúrio de indignação percorreu o salão, e olhares surpresos se dirigiram ao intruso. O velho que estava de pé foi o único a falar abertamente, sem disfarçar o desprezo:

Quem você pensa que é para chegar aqui e dizer um absurdo desses? Vá embora antes que algum de nós se aborreça e acabe com sua miserável existência - com um gesto displicente das mãos ele apontou a saída.

Não repetirei o que já disse - tornou Mondovar. - Se alguém for contra, manifeste sua insatisfação e deixe o aposento. Nenhum de vocês é capaz de levar os planos adiante.

Os homens dessa vez mostraram-se mais indignados ainda, e alguns chegaram a colocar a mão sobre o punho da espada que carregavam, apesar de nenhum se atrever a mais do que isso. O velho pareceu adivinhar o pensamento de todos, e retomou a palavra.

Sabe a quem está se dirigindo? Tem a mínima idéia de quem nos incumbiu desses planos? Não me interessa como tem ciência deles,

mas saiba que está perante o Círculo Interno, seus onze Generais e o Supremo Lorde. Somos abençoados por uma força divina, na verdade, a maior dentre todos os deuses. Ponha-se em seu lugar, e retire-se antes que perca mais do que a vida.

Sei de tudo, imprestável, e é por isso que estou aqui. Vocês são uma vergonha, e o melhor a fazer seria correr com o rabo entre as pernas, e poupar mais humilhação para a Ordem.

Chega! - guinchou o velho, e saiu de seu lugar atrás da mesa. - Não tolerarei mais insultos. Mostraremos a você nossos poderes, e se arrependerá de ter ousado pôr os pés neste salão.

Os outros homens também se levantaram, e pegaram suas armas. Apenas Otho continuou em seu lugar, quieto. Mondovar deu alguns passos para trás, sem parecer preocupado; os generais e o Supremo Lorde se posicionaram em um círculo ao redor dele. Segundos de tensão antecederam o primeiro movimento, que partiu do Supremo Lorde. Uma esfera engolfada de fogo, do diâmetro de uma porta, deixou a sua mão voando em direção a Mondovar. Em uma reação quase imperceptível aos olhos, ele sacou sua espada e rebateu a bola de fogo em direção a um dos presentes, que se incendiou e passou a urrar de dor. Instintivamente os outros generais ergueram suas espadas e avançaram contra o intruso.

De repente, uma completa escuridão se deitou como um manto sobre o salão; gritos e o tilintar de lâminas se fizeram ouvir. Às vezes a escuridão era rompida por lampejos verdes ou amarelos, seguidos por mais gritos. Não demorou meio minuto para que um silêncio completo novamente tomasse conta do ambiente, e o manto escuro que o cobria desaparecesse, deixando a luz das velas revelar o que acontecera.

O único a se manter de pé era Mondovar, sem aparentar um mínimo sinal de cansaço. Ele deslizou gentilmente a espada que mantinha erguida para dentro da bainha, e passeou os olhos pelo salão, certificando-se do que fizera. O chão estava coberto de corpos

que não respiravam, e o tapete outrora negro estava banhado de vermelho. Mondovar caminhou ruidosamente em direção à cadeira do Supremo Lorde, ao lado da qual Otho assistia à cena sem acreditar no que acabara de ocorrer. Enquanto Mondovar cruzava o salão, o velho de longas barbas brancas, deitado com um ferimento mortal, gemeu num canto:

Você... está com ela... fui tolo em não notar... me desculpe... - seus olhos se fecharam, e seus músculos perderam a força; por fim, exalou o último suspiro.

Mondovar parou ao lado de Otho, e percebeu que o ponto mais alto do seu elmo era da mesma altura que o cotovelo do outro. Sem se intimidar pelo tamanho de Otho, Mondovar disse erguendo a cabeça:

Desde o momento em que entrei você foi o único a notar que eu carregava a Ceifadora de Vidas, e por isso não ousei se opor a mim. Agiu corretamente, com prudência e astúcia. A partir de agora sou o Supremo Lorde, e você meu primeiro general. Estamos entendidos?

Sim, senhor - Otho abaixou a cabeça, numa reverência. - E quem comandava a Ordem lá do Panteão dos deuses...

—... continuará a fazê-lo - completou Mondovar. - Sou apenas um mensageiro e executor. Fui enviado devido à incompetência de vocês. Muito bem. Pelo que sei, estamos com problemas em Fontain?

Exatamente, senhor. Nossos aliados...

Cale-se! - Mondovar levantou a mão, interrompendo Otho. Ele se sentou, ajeitou os mapas à sua frente, e com um gesto ordenou que Otho também se sentasse; este obedeceu imediatamente. - Já falou demais. As novas ordens são inquestionáveis, se for contra, ou tiver alguma dúvida, deverá se retirar da Ordem para nunca mais retornar. Agora escute com atenção.

"Você deverá mandar uma mensagem aos aliados e mercenários, ordenando que todos se reúnam mais ao norte, próximo às Florestas Sagradas do sul. Quando chegarem, nossos Espectros Amaldiçoados

matarão todos eles. Depois disso, faça com que os feiticeiros criem mais Espectros Amaldiçoados com seus cadáveres frescos. Entenda que os Espectros são mais fortes do que esses humanos inúteis, além de serem mais obedientes. A partir daí, rume para o norte até Kilev; não nos importa mais Fontain, em outra oportunidade a conquistaremos."

"Com as novas tropas mate todos aqueles que tentam penetrar nossas fronteiras, além de aproveitar para destruir Kilev. Assim você terá mais cadáveres, tanto dos inimigos quanto dos habitantes da nossa cidade, para aumentar o exército de Espectros Amaldiçoados. Não poupe mulheres e crianças. Isso servirá de aviso para aqueles que não se mostram capazes de defender o que conquistamos, a fim de que assim se empenhem mais quando chegar a sua hora. De posse desse exército reforçado, continue seguindo para o norte, até a terra de gelo. É lá que deverá plantar o obelisco. Mais uma coisa. Durante todo o trajeto de morte e destruição, é de meu desejo que o nome 'Supremo Lorde Mondovar' ecoe em cada boca. Quero que logo Kether inteira saiba que sou eu o responsável, e sinta pavor ao ouvir meu nome. Entendeu bem?"

Otho achou as instruções dignas de alguém perverso e maligno, sem a mínima consideração com os aliados e os habitantes de seu próprio reino. Realmente, matar os habitantes de uma de suas maiores cidades, só para aumentar o exército com mais mortos-vivos, é prova de uma maldade sem limites. Otho também ficou se perguntando de onde tirariam tanta energia divina para fazer os Espectros Amaldiçoados, mas não ousou questionar Mondovar. Apenas balançou a cabeça afirmativamente, sem dizer nada.

Mondovar então se ergueu lentamente, e ordenou:

Limpe isso aqui imediatamente! O cheiro está ficando desagradável. A minha última ordem do dia é a seguinte: mande Hilda, a mulher que está ali fora, e que provavelmente você já conhece, entrar.

Otho saiu calado, e fechou a porta devagar. Em seguida, Hilda Pdsalv entrou no salão. Seu rosto estava um pouco mais abatido do que o de costume. Ela deu a volta na mesa, desviando-se com graciosidade dos corpos jogados ao chão, como se nem se desse conta da presença deles. Quando chegou perto de Mondovar, disse:

Fico feliz que tenha conseguido, meu senhor.

Agora pode me chamar de Supremo Lorde, querida. Prefiro este título. Como lhe havia afirmado que faria, tomei a liderança da Ordem, e você volta a ter o seu posto dentro do Círculo Interno.

Obrigada, Supremo Lorde, não tem idéia de quanto fico satisfeita - seus olhos exibiam um brilho perverso.

Imagino que sim. Quanto ao segredo que tentou guardar de mim, posso dizer que não conseguiu. Sei que não matou sua filha, e que ela continua viva - Hilda se mostrou terrivelmente assustada, mas procurou disfarçar, sem muito êxito. - Não se preocupe com ela, já a temos conosco. Agora, nunca mais tente nos enganar desse modo, ou terá o mesmo fim que seu marido, o velho Risalv - o tom de Mondovar era tão ameaçador que fez o coração de Hilda disparar. - Bem, vá embora e cumpra sua tarefa. A energia para criar os Espectros Amaldiçoados será enviada a você quando chegar em Fountain.

Hilda despediu-se um pouco abalada com a notícia, deixando Mondovar sozinho. Este, depois de uma volta pelo salão, foi até a parede oposta à da porta, e puxou uma das pedras que estava solta. A metade inferior da parede se moveu para o lado, como uma porta, revelando uma abertura onde um baú de madeira se encontrava adormecido. Demonstrando completa desinibição, como se aquilo fosse uma atitude rotineira, Mondovar puxou o baú, abriu-o, retirando de dentro um cubo com faces negras. Ele então retornou o baú para o buraco, e colocou o cubo em cima da mesa oval. Uma das faces do cubo mostrou um rosto coberto por uma máscara de

caveira, com os olhos ardentes em chamas. Mondovar sorriu satisfeito.

Fiz exatamente como me ordenou, e tudo saiu conforme o planejado. Sigo adiante?

Sim... - uma voz rouca e cheia de ódio saiu do cubo. - Mais tarde enviarei novas ordens. Por enquanto é só, tenho muito a fazer. Boa sorte - a máscara de caveira foi se tornando cada vez menos visível, até desaparecer. O cubo ficou completamente negro.

Mondovar sentou-se na cadeira, e entrecruzou os dedos. Tudo corria bem. Com um pouco de sorte, dali a poucas semanas estaria marchando sobre a terra do gelo, e erguendo o obelisco. Realmente tudo corria bem.

Capítulo XXXIV - O Salvador

O verme gigante continuava o seu rastro de pânico e destruição, e Vanhardt tentava desesperadamente se libertar do tronco. Ele balançava como se fosse um pêndulo de um relógio, cada vez com mais força, para frente e para trás. A base foi se fragilizando, rangendo, e alguns estalos indicaram que ela se partiria a qualquer momento. Vanhardt se inclinava tanto que quase se deitava na horizontal, até que um estalo mais alto se seguiu, e o tronco se partiu, derrubando-o no chão. Ele arrastou-se como um lagarto em direção à pedra onde Lila também lutava para se libertar. Atrás dele, Green mordida violentamente as cordas que o atavam.

Lila! Esse monstro está destruindo tudo! - gritou Vanhardt.

Que bom que você reparou! E me tira logo daqui! - ordenou a fadinha, aflita.

Vanhardt demorou um pouco, mas, desajeitadamente, se agachou, deixando o tronco onde ele ainda estava preso de ponta para cima. Com o devido cuidado, pescou a rede de Lila, pondo-a no chão, e abrindo-a. A fadinha saiu voando rapidamente, e conjurou uma pequena faca de gelo, que utilizou para serrar os nós que prendiam Vanhardt. Logo que se libertou o rapaz e pensou em ajudar Green, porém só viu cordas no chão a alguns centímetros do tronco onde o duende estava amarrado.

O safado conseguiu se soltar e fugiu! - disse o rapaz olhando em volta.

Sim, e se não fizermos o mesmo o verme vai acabar nos devorando! É muita sorte ele estar entretido tentando derrubar

aquela árvore, pois se tivesse vindo pro nosso lado não sei o que seria de nós dois...

Durante o tempo em que eles lutavam para se libertar, o verme cravava suas intermináveis fileiras de dentes numa árvore que devia ter milhares de anos, tamanha era a sua largura (passava facilmente de dez metros de diâmetro). Havia meia dúzia de pessoas na varanda da casa construída sobre aquela árvore, e todas gritavam desesperadas, pois percebiam lucidamente que se caíssem o monstro as comeria.

Lila, temos de ajudar essas pessoas! - disse Vanhardt, com os olhos iluminados. - Apesar de estar furioso por eles terem nos prendido, não vejo honra em simplesmente abandoná-los contra esse monstro! E garanto que minha mãe aprovaria.

Mas como faremos para derrotar um bicho desse tamanho? Você está pensando que é só chegar lá e dar duas ou três bofetadas, que ele desmontará no chão? É insanidade enfrentá-lo!

Eu sou o filho de uma deusa, não sou? Além do mais, essa bússola está apitando e girando como louca desde que o verme apareceu, o que me fez imaginar se Flama não estaria dentro dele. Vamos parar de jogar conversa fora e agir! Proteja aquelas pessoas enquanto eu atraio a atenção do verme! Antes, *Crafo adimapla* em mim!

A fada obedeceu ao rapaz, e conjurou a magia. O verme já havia destroçado mais da metade do tronco da árvore anciã, e as pessoas - três mulheres, duas crianças e um senhor de idade -, se abraçavam com os rostos estampados de terror, pois previam uma morte iminente. Vanhardt se admirou muito ao perceber que a Guardiã da floresta, numa atitude heróica, subira no dorso da criatura carregando uma espada. Ela tentava alcançar a sua cabeça, porém foi atirada no chão quando o verme rodopiou o corpo, aproveitando para dar mais uma mordida na árvore.

O tronco não agüentou o último golpe e passou a emitir ruídos e estalos que mais pareciam gritos de agonia, tombando lentamente. As pessoas no alto escorregaram, e sua queda era exatamente na direção da boca aberta do verme.

Utilizando a mesma magia na luta com o Crivmarion, Lila conseguiu fazer com que as pessoas parassem no ar, e imediatamente gritou para Vanhardt:

Elas são muitas e eu não vou agüentar segurá-las nem mais alguns segundos! Saia do meio desse mato e venha me ajudar!

O filho da deusa do gelo havia se embrenhado na mata para tentar uma de suas idéias. Ele arrancou uma das árvores do chão, com raiz e tudo, utilizando a grande força que agora tinha. Mesmo de posse desse poder sentiu um grande peso nas costas, quando apoiou o vegetal no ombro direito. Ele girou, apontando a arma improvisada para a criatura, e gritando de dor e com os músculos no máximo de tensão, atirou a árvore contra o verme, atingindo o meio do corpo da criatura. Aquela idéia, na verdade, não era nada original: ele atirara há algum tempo atrás uma lança contra o Crivmarion. E agora repetia a atitude, só que dessa vez a escala era um pouco maior.

Vanhardt não chegou a resolver o problema, mas pelo menos não o piorou. Assim que foi atingido pelo tronco, o verme caiu no chão, e se virou para o herói. Ele desistiu das vítimas que continuavam flutuando no ar e disparou em direção ao filho da deusa do gelo, que aparentemente era uma refeição mais fácil. Quando viu o verme gigantesco se arrastando em sua direção, em alta velocidade, o rapaz ergueu bem as pálpebras e disse consigo mesmo:

Oh-oh!

A fada, exausta, e não agüentando mais, permitiu que as pessoas desabassem ao solo. Naquela altura o verme estava atrás de Vanhardt e, portanto, elas não sofriam o risco de serem devoradas. Uma das mulheres que havia caído levantou-se rápido, e apontou

com o indicador para um ponto ao lado de Vanhardt, gritando agoniada:

Alguém o ajude!

Todos notaram então que o verme não avançava para o filho da deusa do gelo, como parecia, e sim na direção de uma criança que estava a poucos metros dele, chorando de medo. O verme abriu a gigantesca boca, e preparou-se para engoli-la.

Faço uma pequena pausa aqui para explicar melhor esses fatos a certos leitores que preferem descrições esmiuçadas em detalhes, e não admitem qualquer falha em eventos. Em minha opinião está tudo bem explicado, mas o trabalho desse velho bardo vive sendo criticado por qualquer motivo, e eu não quero oferecer mais material para reclamações.

Em um primeiro momento, assim que o verme caiu ao ser atingido pelo tronco em forma de lança, pareceu que ele avançava contra o filho da deusa do gelo. Só que ninguém percebera que existia uma criança há alguns metros de Vanhardt, a nordeste, que se interpunha entre o rapaz e o verme. Ou seja, o verme foi contra o garotinho chorão (não o culpo por chorar, aquela criatura colocaria medo até no mais heróico dos heróis), e provavelmente depois seguiria para Vanhardt.

Por alguns segundos, um silêncio varreu a vila, sendo que os únicos sons audíveis eram o do verme se arrastando na terra e o do pranto da criança. Os olhares assustados se fixavam na cena, que foi a seguinte: Vanhardt pulou para o lado do menino, e o atirou verticalmente para cima, rolando para a direita em seguida. O verme mergulhou no chão, acreditando que abocanharia os dois; na verdade, conseguiu engolir quilos de terra e abrir um buraco no chão por onde penetrou seu corpo cilíndrico. Vanhardt por sua vez, ainda assustado com o que ele próprio fizera, esperava que o garoto caísse para apanhá-lo, mas como nem tudo costuma sair como planejamos, o verme surpreendeu o jovem.

A criatura saiu do buraco por onde entrou, com a boca aberta, erguendo-se a cinco ou seis metros do chão, esperando a criança cair. Vanhardt nunca imaginou que o monstro possuísse esse grau de inteligência (ou seria instinto?). A vila inteira, que por alguns segundos achou que o garotinho estaria salvo, voltou a ficar petrificada, observando perplexa a queda do garoto em direção à boca do verme. Vanhardt notou que não daria tempo para improvisar qualquer coisa, pois o menino caía vertiginosamente e estava a apenas alguns metros da criatura. Alguns taparam os olhos para não ver, outros soltaram gritos de pânico. A Guardiã da Floresta, que até àquele momento estava deitada no chão, aparentemente inconsciente, levantou-se com dificuldade, mas também se frustrava ao ver que não poderia fazer nada por mais aquela vítima.

Foi assim que, surpreendendo os poucos que tiveram coragem para continuar observando o garoto, um vulto irrompeu do meio das árvores, pendurado em um cipó, gritando:

ÔOOOooooOOOooooOOO!

O vulto conseguiu agarrar o garoto pelos braços, quando as pernas dele estavam a um ou dois palmos da fileira superior de dentes da criatura. Ainda balançando no cipó, o vulto levou o garoto de volta para a floresta, a salvo. Alguns deram vivas, enquanto Vanhardt correu e deu socos no corpo do verme, com toda a força. A criatura gemeu, e pareceu se desinteressar da vila, mergulhando na terra e afastando-se para bem longe. Depois de alguns segundos sentado no chão, ofegante, aproveitando para descansar um pouco, Vanhardt pôde repassar mentalmente suas últimas proezas. Lila logo estava ao seu lado repreendendo-o:

Seu louco, por que foi dar aqueles murros no verme? Não passou pela sua cabeça que você era o mais próximo a ele, e que seria devorado? Novamente demos sorte, aliás uma sorte incrível, por ele ter fugido.

Ah, Lila, nem pensei nisso! Senti uma força muito grande vindo dele, que me atraía. Posso jurar que ela vinha de Flama. E eu também queria distraí-lo, para que não fosse atrás do garoto. Aliás, o que eu gostaria de saber era quem salvou o menino. Teria ele relação com os olhos vermelhos que vi...? - a expressão de Vanhardt era pensativa.

Quais olhos vermelhos?

Uns olhos que vi no meio da mata, logo antes do verme aparecer.

Nesse exato momento os habitantes sobreviventes da vila começaram a bater palmas e dar mais vivas, além de assobiar com os dedos entre os dentes, e Vanhardt e Lila olharam para a direção onde todos apontavam. Do meio da floresta, carregando no colo o garoto que então sorria de felicidade, vinha caminhando tranqüilamente e com peito estufado o salvador. Ninguém poderia se assustar mais do que o filho da deusa do gelo e sua amiga fada, quando notaram que quem carregava o garoto era Green.

Capítulo XXXV - A Maldição e o Quarto Integrante

Vanhardt, agora perplexo, observava os habitantes da vila cumprimentarem o duende. A mãe do garoto tirou-o do colo de Green, curvando-se perante ele e beijando o dorso das suas mãos. Meio sem jeito, coçando os escassos cabelos da nuca, Green parecia apreciar a gratidão desmedida demonstrada pelo povo, que agia de modo semelhante à mãe do menino e também lhe beijava as mãos. Vanhardt, que pensara tão mal do duende, chamando-o de egoísta, e dizendo que ele só preocupava-se consigo mesmo, sentia uma pontada de arrependimento. Depois de uma atitude tão nobre e corajosa, todo o conceito que o rapaz formulara ia por água abaixo.

Green... O que você fez foi... er... bem, desculpe por ter pensado mal de você antes... - Vanhardt estava visivelmente constrangido por ter de pedir desculpas.

Eu estou acostumado a todos me verem como um covarde! Agora talvez você possa parar de me humilhar, e me tratar como alguém digno! - Green tentava se passar por sério.

Tudo bem...

Naquele momento, os dois se apertaram as mãos, e Lila também pediu desculpas ao duende, que as recebeu satisfeito. A vila inteira estava reunida em torno dos três heróis, até que do meio da multidão surgiu a Guardiã da floresta e o Senhor ao seu lado, que dava sonoras gargalhadas, segurando a barriga com uma das mãos. A Guardiã, ao parar em frente aos três, fez algo que deixou todos boquiabertos - abaixou o capuz, revelando a face.

Era realmente uma mulher bonita, com os cabelos negros amarrados num rabo de cavalo. Suas feições eram graves, de uma verdadeira guerreira, amansada (ou aumentada!) pelos profundos olhos verdes, que fulguravam à luz do luar. A pele era um pouco mais clara do que a dos outros habitantes, provavelmente pelo fato de ficar encoberta a maior parte do tempo. Não apresentava mais nada que chamasse a atenção, e por isso mesmo surpreendeu Vanhardt que talvez esperasse alguma mutilação, ou defeito grave, quem sabe umas tatuagens. A Guardiã disse então com ar misterioso:

Vejo que não precisamos de testes, não concorda Ebeion?

É claro que não, Ravina! A profecia estava mesmo correta... quem diria! Desculpem-nos pelos transtornos, rapaz, fada e duende. Deixem nos apresentarmos adequadamente: meu nome é Ebeion, e esta é Ravina - o Senhor apontou para si mesmo e depois para a Guardiã. Sejam bem vindos à humilde vila de Fhirjn. Poderiam nos dizer os seus nomes?

Após se apresentarem, Vanhardt tomou a frente do grupo e falou, zangado:

Só agora que salvamos a vila da ameaça daquele monstro é que nos tratam bem! E que profecia é essa, da qual tanto falam? Querem nos dar algumas respostas?

Sim, respostas e alguns tesouros como agradecimento não seriam ruins! - Green comentou, esfregando as mãos.

Green, pare com isso! Não somos mercenários - dessa vez foi a fadinha que se adiantou.

Talvez você e Vanhardt não sejam, mas eu não ligo se me recompensarem. Principalmente se for com algumas moedas de ouro, ou quem sabe gemas preciosas. Aliás, algo que desse pra encher a pança viria em boa hora...

-- Querem ficar quietos, os dois? Primeiro vamos ouvir as respostas sobre essa profecia! - Vanhardt repreendeu Green e Lila,

que se encaravam mutuamente, fazendo biquinhos com a boca e os braços cruzados.

Ebeion tomou uma tocha acesa de um dos habitantes, e acenou com a mão pedindo que o seguissem. Eles se aproximaram da pedra gigantesca incrustada no centro da vila, a mesma sobre a qual ficou a rede com Lila dentro, fazendo um semicírculo em torno dela. Com o seu próprio rosto e o de Ravina iluminados pela tocha, o Senhor disse:

Laodicéia, faciepor, tesrom a!

A pedra passou a tremer, e ergueu-se sobre uma das bordas, caindo para trás com um estrondo que se espalhou pela floresta ali próxima. Admirados, Vanhardt e os outros perceberam que a face inferior da pedra, que ficava anteriormente deitada sobre o chão e era plana, agora estava toda revelada. Havia desenhos que só puderam ver direito quando o Senhor se aproximou com a tocha, e pediu que eles chegassem mais para perto.

Minha deusa, não é possível... somos nós! - Lila falou com a voz fininha, quase um sussurro, apontando para um dos desenhos.

O que a fada viu foi o desenho de um rapaz, com uma fada voando ao seu lado, e um duende do outro. O rapaz estava descalço, e era idêntico a Vanhardt. Não preciso dizer que a fada e o duende eram iguais a Green e Lila. Até mesmo as algemas penduradas no pescoço de Green estavam representadas na figura. Em outro desenho eles viram o verme gigante devorando árvores e pessoas. Todos entenderam que essa profecia, representada pelos desenhos, indicava o que acontecera na vila. Havia também inscrições, que eles não podiam ler, mas que o Senhor fez o favor de explicar a todos:

As inscrições aqui foram lidas para mim quando eu era ainda criança, pelo antigo Senhor, meu pai. Não posso lê-las, por isso tentarei lembrar exatamente o que me foi dito. Papai falou que um dia, quando o mal se aproximasse, uma de suas faces seria a de um animal grande, que causaria terror, pânico e destruição pela vila.

Nós não estaríamos condenados, entretanto, pois chegariam os heróis (você três) que derrotariam o monstro, restabelecendo a paz e a tranquilidade.

Essa parte eu entendi. Mas e os testes que vocês pretendiam fazer conosco? Quais seriam? - Vanhardt perguntou com a mão no queixo.

Colocaríamos vocês numa panela com água fervente, para vermos se seriam capazes de escapar! Se conseguissem, ficaria provado que eram os heróis da profecia.

Estão vendo? Eu não falei que eles eram uns canibais? Eu avisei, mas ninguém ouve o Green, por que ele sempre...

Cala a boca, Green! Há outro desenho aqui e vocês não falaram dele - disse a fada, dando um tapa na nuca do duende e interrompendo o falatório. - Parece um lagarto, só que está sobre duas pernas, e os dois braços possuem garras que parecem poder fatiar carne sem dificuldade. Isso sem contar a enorme boca aberta, com uns dentes maiores ainda, e esses olhos vermelhos...

Os olhos vermelhos! - gritou Vanhardt, saltando e colando os olhos na figura. - São eles, os mesmos que vi na mata! Querem explicar o que esse lagarto faz do nosso lado aqui no desenho?

O Senhor e a Guardiã se entreolharam, sem nada dizer. Ravina cruzou os braços e tomou a iniciativa mal abrindo a boca:

Vai ter que contar pra eles também a história da maldição de Lázarus, se quiser que eles persigam e derrotem o verme.

Quem é Lázarus? E o que os faz pensar que nós três vamos atrás daquele verme? Não somos imbecis! Preservamos a nossa vida como um bem preciosíssimo! O verme quase destruiu a vila inteira, e além do mais...

Quer fechar essa matraca, Green? - Vanhardt interrompeu o duende, que por sua vez amarrou a cara. - Credo, não pára de falar! Permita que eles contem a história!

O Senhor colocou a mão fechada na frente da boca, e pigarreou, para depois narrar em voz baixa:

"Há centenas de anos, a nossa vila Fhirjn, que era no mínimo três vezes maior do que é hoje, passou a sofrer constantes ataques de animais famintos, tais como gatos selvagens, trolls e ores. Graças à nossa inabalável devoção, e aos pedidos inflamados do nosso povo, a venerável deusa Laodicéia nos deu sua benção. Ela invocou um poderoso monstro, Lázarus, um lagarto que só de longe lembra um ser humano. No começo Lázarus atacava impiedosamente qualquer outra criatura que se aproximasse da vila, e assim ficamos protegidos. Comemoramos com festas e muita alegria, mas a felicidade não durou muito. Lázarus se embebedou do próprio poder, e não satisfeito por se alimentar dessas criaturas, passou a atacar os habitantes de nossa vila. Foi assim que, mais uma vez, Laodicéia cedeu aos nossos apelos, e foi generosa conosco. Ela dividiu o poder, que antes era concentrado em apenas uma figura, em duas: uma seria o Senhor, homem que cuidaria da promoção do bem estar, saúde e educação dos habitantes, bem como do desenvolvimento físico da vila. A outra figura seria a Guardiã da floresta, mulher responsável pela caça, pelo patrulhamento e vigilância das matas, e por aquela que acreditamos ser a função primordial: proteger a nossa vila de Lázarus. Esse cargo deveria passar de geração a geração, e de pai para filho, bem como de mãe para filha. E mais; um Senhor e uma Guardiã da floresta nunca deveriam se casar, com o risco das bênçãos se perderem, e o caos invadir nosso povo".

"Foi assim que, abençoadas pelo poder da deusa da natureza, as Guardiãs lutaram contra Lázarus durante séculos e séculos. Nenhuma delas matou o lagarto, pois ele era uma criatura de nossa deusa, e revelava sua função dentro do equilíbrio da natureza, mas Lázarus nunca mais fez vítimas entre os nossos. Aliás, durante muito tempo não o víamos, e ele só foi reaparecer hoje, se é que realmente Vanhardt estava certo quanto aos olhos que disse ter visto na mata. Essa profecia da pedra, no entanto, é mais recente que o surgimento

de Lázarus ou do cargo de Senhor e Guardiã; creio que de cerca de duzentos anos atrás. Foi nossa própria deusa que a concebeu, depois de um dia e uma noite inteira na qual foi vítima de uma doença que só ataca os deuses. Todo o suor da febre endureceu, e virou uma pedra, que voou de seu castelo e caiu no centro de nossa vila. Imediatamente a pedra se fortaleceu com a energia do nosso povo, e cresceu, se tornando o que vocês estão vendo agora. A profecia já estava desenhada nela."

Os fhirjnianos ficaram quietos, tensos, esperando a reação dos heróis. O único a falar foi Vanhardt:

Nós vamos ajudá-los. Iremos atrás desse verme, e acabaremos com ele, evitando que mais lágrimas sejam derramadas por seu povo.

Como assim, Vanhardt? Esqueceu-se de que nosso objetivo aqui é buscar aquele *item*? - murmurou a fada.

Eu sei, Lila, e é por isso mesmo que vamos atrás do verme. A bússola disparou quando ele apareceu, girando como louca e apitando. Acredito que o que procuramos possa estar dentro dele.

Hum... Boa sorte pra vocês dois! Eu é que não vou nessa jornada maluca.

Posso até estar desenhado aí nessa pedra, apesar de achar que o desenho parece mais com o meu irmão... Enfim, não vou me arriscar e pronto.

Green, o salvador, irá conosco também, Senhor - disse Vanhardt, contrariando o duende. - Ou então ficaremos sem um guia nessas matas. Além do mais, acredito em profecias, e se Green está nelas, não deixarei que ele se afaste da gente.

Quem é você pra dizer o que irei ou não fazer, seu chato? Mesmo sendo o filho de uma - Green gritou um "Ai!" quando o rapaz deu-lhe uma cotovelada nas costelas - Err... filho de mãe e pai valentes e fortes! Você nem o arranhou, trouxe, e acha que pode vencê-lo?

É por isso mesmo que você não ficará nessa vila, ou na floresta, e correr o risco de enfrentar o verme sozinho. Eu sei que tem incríveis capacidades, principalmente as relacionadas com essa boca enorme que não se cala nunca, mas lutar sozinho deve ser um pouco complicado, não é?

O duende abaixou as pálpebras, e ficou com os olhos miudinhos, encarando Vanhardt. Ele coçou os cabelos, e antes que dissesse alguma coisa, a mãe do garoto que Green salvara se adiantou e disse, ajoelhando-se aos seus pés:

Por favor, pequeno herói verde! Ajude-nos!

Green parecia ter formigas pelo corpo, tanto era que se coçava. Relutando muito, disse numa voz fingidamente corajosa:

Vocês precisarão de minha fabulosa inteligência, inigualável perspicácia e astúcia ilimitada, ou serão vítimas fáceis. Só não entendi uma coisa; como vamos atrás dele? Essa floresta tem centenas de quilômetros de extensão, e encontrá-lo seria tão difícil quanto achar um duende no meio de um exército de gigantes!

Isso não é problema. Lembra-se dabússola, que você "pegou emprestada" sem me pedir? Ela aponta para um artefato que procuro, e que está dentro do verme. Se formos para onde ela indica, encontraremos o monstro sem dificuldade.

Que bom! - exclamou o Senhor, satisfeito. - Agora que os três heróis estão reunidos, e tudo se definiu, prepararemos as provisões, pois amanhã cedo devem estar prontos para partir. Espero que gostem de biscoitos, porque estamos com pouca carne...

Não serão apenas os três que irão, Ebeion - a Guardiã falou antes de novamente cobrir o rosto com o capuz.- Se a profecia está correta, Lázarus estará com eles quando forem enfrentar o verme. E certamente não serão capazes de encarar dois inimigos ao mesmo tempo. Irei com eles para evitar que Lázarus os ataque, e aproveitarei para servir de auxílio e guia dentro da floresta.

Com grande surpresa, e depois de meia hora de impasse, Ebeion aceitou que Ravina seguisse com os três heróis atrás do verme. Em um cômodo destinado às figuras mais importantes de Fhirjn, Vanhardt, Lila e Green, além de Ebeion e Ravina, comeram sem muito entusiasmo a refeição que consistia em um pequeno pássaro assado, magro. Enquanto eles descansavam, os habitantes comuns se empenharam em enterrar seus mortos e tratar dos feridos, ao mesmo tempo em que retiravam pedaços de madeira espalhados pelo chão, e martelavam as casas. Após a parca refeição, os três heróis da profecia se ajeitaram em uma das poucas habitações que sobrevivera intacta às investidas do monstro, ficando junto com uma família formada por pai, mãe, e nove filhos, sendo que os dois mais novos eram gêmeos. Green roncava tanto que eles dormiriam mal se não estivessem tão cansados. Horas depois, os primeiros fachos de luz do sol penetravam pelas folhas que dançavam suavemente ao vento.

Capítulo XXXVI - *O Segredo de Lázarus*

Assim que desceram as escadas de corda naquela manhã, Vanhardt, Green e Lila puderam presenciar o final de uma discussão entre um dos guerreiros da vila - o mesmo que prendera Lila na rede, quando eles foram capturados - e Ravina.

E como sabe que Lázarus não ficará na vila, e nos atacará? - o rapaz, que devia ter pouco mais de vinte anos, falava exaltado.

Porque acredito na profecia. E você deveria fazer o mesmo, Elói - respondeu Ravina, por baixo de seu capuz.

O jovem guerreiro, visivelmente aborrecido, virou as costas e deixou aquela espécie de reunião, onde estavam Ebeion, Ravina, e mais seis outros. Ao constatar que Vanhardt, Lila e Green haviam acordado, o Senhor ergueu as mãos para o alto:

Nem acredito que vocês vão mesmo! Estou certo de que a missão correrá bem, e todos voltarão sãos e salvos...

Duvido muito que nós quatro sobrevivamos - resmungou Green tão baixo, que só ele próprio pôde ouvir.

Vejo que pegaram as provisões. Realmente não é muito, mas foi o melhor que pudemos arranjar - Ebeion, durante a manhã, havia providenciado mochilas com equipamentos e alimentos para a viagem.

Não se preocupe, Senhor. Se nos faltar alimento, improvisaremos comentou Vanhardt, jogando displicentemente a mochila com as provisões nas costas.

Poupe-me desse título ridículo - o Senhor balançou a cabeça negativamente. - Agora somos amigos, pode dizer meu nome.

Se prefere, Ebeion.

Ótimo, assim estamos combinados. Ah, já ia me esquecendo de uma coisa. Tome; este par de botas é seu. - Ebeion estendeu um par de botas de couro bem grosso, marrom. - Nem sei como agüentou andar nessa floresta descalço!

Mesmo um acostumado fhirjniano passaria por dificuldades, e depois de uma semana teria calos e bolhas enormes para lhe importunar os pés.

É que a sola do meu pé é grossa - justificou-se o rapaz de modo pouco convincente.

Sei. Mas não se preocupe a partir de agora. Essas botas foram feitas por nossa melhor costureira, em apenas uma noite! Elas estão abençoadas por Laodicéia, e o protegerão se tiver de percorrer maus caminhos. Que assim seja, meus amigos - ele fez questão de cumprimentar calorosamente com a mão cada um, até mesmo a Guardiã. - E que Laodicéia proteja todos vocês!

Sob aplausos e gritos de incentivo dos guerreiros que ali estavam e dos habitantes que acordaram, Vanhardt, Ravina e Green saíram de Fhirjn com mochilas nas costas, e Lila voando sobre eles. Levavam tochas, uma corda de vinte metros, biscoitos secos de aspecto horrível que não tiveram a coragem de perguntar do que foram feitos, sementes de uma fruta chamada fasjames (muito energéticas, segundo uma velhinha), ovos de pássaros, um quilo de carne defumada, além de facas, duas espadas e outras bugigangas. Vanhardt não notou muita diferença ao caminhar com as botas. Num primeiro momento ele chegou a achar que elas lhe proporcionariam maior conforto, porém isso não aconteceu. Provavelmente o fato ser filho de uma deusa explicava sua maior resistência às agruras causadas pelo chão acidentado da floresta. A cem metros da vila, já sob mata fechada, Green começou a reclamar:

A minha mochila está muito pesada! Estão achando que eu tenho cara de ogro? Não agüento tanto peso! - ele fez uma careta. - Puxa

Vanhardt, bem que você podia carregá-la pra mim. Sendo filho de uma deusa seria muito mais fácil... - Green parou de falar quando viu os olhares furiosos de Lila e Vanhardt. - Xi... falei demais, né?

Inacreditavelmente, Ravina continuou caminhando sem nem um comentário, como se nada tivesse acontecido. Era óbvio que ela escutara, porque Green havia pronunciado as palavras "filho de uma deusa" naquela voz esganiçada de sempre, entretanto a Guardiã não esboçou um "ah" sequer. Vanhardt pensou que ela estava se fazendo de boba. Ele, no entanto, apenas deu um tapa na nuca de Green, e procurou não tocar no assunto. Quanto menos alarde sobre aquilo melhor.

As horas foram passando, e com elas os dias. Lila tentou algum contato com a deusa do gelo, que resultou em nada. Fosse a distância, ou estarem no território de outra deusa, o fato é que não tinham o auxílio de Léia. Após caminharem por três dias, e dormirem as respectivas três noites, o grupo já estava exaurido de alimentos, e discussões surgiam de cinco em cinco minutos:

Você come demais, Vanhardt! Parece um boi! - disse Green, chupando os dedos, sujos com o farelo do biscoito que aprenderam a adorar.

-- E você, desse tamanho, come igual a um humano! Eu e Ravina precisamos de mais energia - Vanhardt revistava a mochila numa busca infrutífera por qualquer resquício de alimentos.

Eu posso fazer a minha bolha...

Nem vem, Lila! Eu já fui vítima dessa bolha sua ontem, tá esquecida? Não conseguia caminhar meio metro sem bater em algum tronco - Green passara a chupar os dedos da outra mão.

Vou caçar - a voz de Ravina fez Green dar um berro de susto, e Vanhardt e Lila se entreolharem surpresos.

Durante aqueles dias, a Guardiã falara muito pouco, praticamente se limitando a responder sim e não quando perguntada. Se tinha que descrever algo, o fazia em menos de cinco

palavras. Ela também não mais abaixou o capuz para revelar sua face, e suas mãos nunca chegaram a ser vistas por Green ou Vanhardt, os mais curiosos. Vanhardt até disse que viu as mãos dela na vila, mas Green desmentiu, argumentando que era imaginação dele. O duende imaginava tatuagens recobrando seus braços, e Vanhardt acrescentava detalhes, como dedos mutilados. Os dois só trocavam essas idéias quando se certificavam de que a Guardiã não era capaz de ouvi-los. Lila era a única que dizia ser uma ridícula perda de tempo discutir sobre aquilo. Não se deixar ser vista era simplesmente uma questão cultural, sem nenhum significado mais profundo, e aquelas confabulações eram puro preconceito dos dois.

Agora está de noite, Ravina... Você encontrará alguma coisa? Além do mais Lázaras pode aparecer - disse Vanhardt.

Se ele não se pronunciou até agora, acho difícil que resolva fazê-lo justamente nos poucos minutos em que estarei longe. E o fato de estar de noite só ajudará na caça. Estou acostumada com isso, não se preocupem. Demorarei menos de uma hora.

Mas você não quer companhia? - perguntou Vanhardt, solícito, buscando a espada que guardara na cintura.

Claro que não! Vocês são lentos e barulhentos. Trabalho melhor sozinha.

E assim Ravina partiu, com uma faca na cintura e um bastão nas mãos.

Vanhardt não entendia porque ela se recusava a usar uma espada, preferindo um bastão de madeira da espessura de um dedo grosso e com dois metros de comprimento. Ele até se lembrou de que quando a Guardiã enfrentou o verme, subindo em seu dorso, carregava uma espada. Ravina respondeu que preferia o bastão pelo seu tamanho, podendo atingir inimigos a uma distância maior, e com um equilíbrio melhor da arma. Na luta contra o verme usara uma espada porque achava que conseguiria perfurar a pele de dentro da sua boca, mais fina. O bastão seria inútil na ocasião.

Somente Green ficou apreensivo sem a presença da Guardiã. Vanhardt por sua vez acreditava que era precaução demasiada levarem Ravina com eles, e que ele poderia dar conta tranqüilamente de um lagarto um pouco mais desenvolvido. De fato, ele até pensara que a profecia estava errada naquele ponto, e que Lázarus não os perseguia. Green então o cutucou com as mãos trêmulas, e voz relutante.

Você está ouvindo esse barulho?

Qual, Green? - perguntou Vanhardt desanimado

Esse! Preste atenção, vem da mata! Na direção contrária à que Ravina foi. Parece alguma coisa rastejando entre as árvores! - o duende estava nervoso e agitado.

Só estou escutando minha barriga roncar. Você está imaginando coisas, verdinho, não quer dormir?

É sempre essa frase que a gente escuta quando há alguma coisa de prestes a acontecer. Ó Lila, você não está escutando nada daí?

Nadinha, Green. E olha que meus ouvidos não são ruins, cortesia da deusa do gelo.

Vocês dois estão enganados, e hão de se arrepender por não acreditarem em mim.

Meia hora mais tarde, Ravina voltava carregando dois esquilos, que foram motivo de festa por parte de Green e Vanhardt. O duende disse que ouviu barulhos estranhos vindos da mata, como o de algo se arrastando, e Ravina ficou mais apreensiva do que Green esperaria.

Se ouvir algo novamente me avise. Não podemos ser negligentes, e ignorar algo como isso. Lázarus pode ter visto que eu não estava próxima de vocês três, e ficado mais imprudente.

O duende gostou da fala da Guardiã, e depois veio a comentar que ela sim parecia uma poderosa guerreira, e talvez até ajudasse na luta contra o verme. Vanhardt ficou mal humorado, e preocupou-se em não ouvir o falatório do duende. Dormiram o resto daquela noite

(Lila era sempre a vigia, pois não precisava dormir, e ficava sobre o galho de uma árvore), e no outro dia seguiram caminho. Comeram no almoço o resto dos esquilos que capturaram na véspera, e antes de anoitecer estavam famintos novamente.

Mais uma vez Ravina saiu para caçar, e minutos depois Green tornou a ficar agitado, dizendo ouvir barulhos muito mais fortes que os da noite anterior. Ele insistiu em ter avistado um vulto, o que não foi confirmado por Lila ou Vanhardt. Os três ficaram atentos até que a Guardiã retornou com mais uma bela refeição: algumas frutas faszames (vermelhas, suculentas e docinhas) e uma coruja bem gorda. Green alertou-a sobre o que viu e ouviu, e a Guardiã pediu que redobrassem a atenção.

O dia seguinte foi extremamente incômodo para Vanhardt. Green a todo momento parava, pois parecia escutar alguma coisa. O jovem sabia que o duende estava se tornando paranóico, opinião da qual Lila compartilhava. Ravina mantinha o seu jeito discreto, sem falar muito, e ninguém sabia o que ela pensava. Quando foi perguntada se não achava que Green estava exagerando, ela disse apenas um "não" sem emoção. Almoçaram o que restara do jantar e Green nem reclamou da parte que sobrara para ele, fato inédito desde quando partiram. Ao fim do dia ele se mantinha mais cabisbaixo e desconfiado, se assustando com qualquer movimento ou barulho. À noite, quando Ravina saiu novamente para caçar, Green suava frio e parecia febril. Seu queixo tremia, e a respiração era ofegante. Em determinado momento, ele fixou os olhos no meio da mata, e parou de piscar. Vanhardt começou a preocupar-se com o duende, que podia estar passando mal.

Green? Green! Olha pra mim rapaz, o que foi?

Green, olha pra mim também! Conte-me o que está sentindo, talvez eu possa fazer alguma magia pra te ajudar - disse a fada pousando no ombro do duende.

Ali! - ele apontou para um ponto entre as árvores, com os olhos arregalados! - Está ali! Eu pego o desgraçado! AH!

Desesperadamente, Green tirou uma adaga da cintura e partiu para o meio da floresta, gritando como louco, derrubando a fadinha. Vanhardt e Lila desembestaram atrás dele, e o encontraram minutos depois, caído no chão.

Eu o acertei no rosto... Eu vi! Era ele mesmo! E me fez um corte aqui na barriga, ah! Eu vou morrer não é? - seus olhos imploravam por ajuda.

A camisa do duende apresentava três cortes paralelos, deixando evidente o fato de que uma garra a golpeará. A ferida não era muito profunda, mas um sangue vermelho começara a escorrer. Lila conjurou uma magia (*Aruc vanidi*), fazendo com que de suas mãos brotassem uma luz amarela, posicionando-as sobre a barriga do duende. Ao olhar depois para aquela parte do seu corpo, ele mesmo não acreditaria que fora ferido. Amparando Green, que se dizia sem forças, Vanhardt levou-o de volta ao lugar onde haviam acampado. Minutos depois a Guardiã chegou, trazendo dessa vez apenas três fashames.

Sinto muito, consegui pouco. Deve ser porque o verme está próximo, e...

Chega desse falatório estúpido! Chega de mentiras - Vanhardt largara o duende no chão, e olhava furioso para Ravina, caminhando em sua direção com passos firmes. - Já entendi tudo, sua vil mentirosa! - para desespero da Guardiã, que ficou sem reação, ele abaixou à força o capuz do seu rosto, revelando um corte horizontal, um pouco abaixo do olho direito. - Esse corte foi feito pela adaga de Green, não foi? Que tal mostrar a sua verdadeira face... Lázarus?

Vanhardt terminou de arrancar a capa que cobria Ravina, e todos puderam ver que seu antebraço direito parecia ser coberto por uma escama de cobra, verde e amarela, brilhante, que ia do pulso ao cotovelo. Green e Lila ficaram aturdidos, mas

Ravina permanecera séria, impassível. Ela pegou a capa, e enrolou apenas o braço, olhando para os presentes. Depois disse calmamente:

— Então você não é o único a esconder segredos, Vanhardt. Está correto, pode-se dizer que sou a criatura de nome Lázarus. E o que pretende fazer quanto a isso?

Capítulo XXXVII - *A Escolha de Léia*

Na manhã do dia anterior àquele, em uma planície da terra do gelo ao leste da cidade de Daicevalor, Léia se enrolava em um casaco de peles branco enquanto caminhava sob uma forte tempestade de neve. Não que ela sofresse pela baixa temperatura, e por isso usasse o casaco, mas era útil no sentido de não despertar suspeitas em humanos desavisados que a vissem. Em um determinado ponto ela parou, e passou a mirar ao redor, com os olhos apertados. Um a um, lobos surgiram de todos os pontos cardeais, e se reuniram em torno dela. Eles vinham com a cabeça baixa, e faziam sinal negativo quando a deusa do gelo perguntava:

Encontrou? E você? - apontava para outro, que também balançava a cabeça negativamente. - Não é possível, não há sinal de Selena em nenhum lugar. Como ela desapareceu dentro de meus domínios, e não deixou nenhuma pista? Isso só pode ser trabalho de algum deus. Humanos comuns, ou qualquer outra criatura que a seqüestrasse, provavelmente deixariam alguma pista ou sinal.

A deusa do gelo fez sinal para que os lobos continuassem a busca, dessa vez num perímetro mais largo. Ela não desistiria tão facilmente de encontrar a esposa de seu filho. Quando os animais saíram com as novas ordens, Léia retirou seu cetro de dentro do casaco, e apontou para o céu. Dele jorraram faíscas vermelhas que se ergueram metros acima da cabeça da deusa. Ela esperou por quase uma hora, quando um vulto apareceu, descendo uma colina ao norte.

Era um minotauro, um pouco mais esguio do que aqueles com os quais tivera contato até então. A alguns passos da deusa ele limpou a neve que se acumulava sobre os pêlos do rosto, fez uma medida, e falou alto para poder ser ouvido, pois a tempestade de neve continuava forte e abafava os sons.

Preciosíssima Léia, deusa do gelo, vim aqui como requisitado. Disse que precisava mandar uma mensagem para meu irmão, Taurok. Não entendo porque não utilizou os meios convencionais...

Não fiz uso de nenhum objeto comunicador, pois temo estar sendo vigiada - respondeu a deusa do gelo em voz mais alta. - Há alguém do qual desconfio, e por isso não posso dispor de certos luxos. E é por causa desse mesmo alguém que preciso da ajuda de seu irmão.

Suas palavras são ordens, dama do gelo. Taurok me disse que posso considerar o que vier de sua boca como saídas da dele próprio.

Não seja exagerado! É apenas um pedido, um grande pedido, mas não uma ordem. Preciso que Taurok me ajude com um contingente razoável de minotauros, além dele próprio, se possível. Anseio pegar um possível traidor amanhã em meu castelo, porém minhas forças sozinhas não seriam suficientes para isso. Além do que, meu próprio lar abriga exércitos desse possível traidor - a deusa tinha no rosto um tom pesaroso.

Então devo supor que ele seja Zing, o deus dos insetos? - o minotauro continuava limpando a neve que insistia em se acumular, principalmente sobre seu focinho.

Exatamente. Ele não pode suspeitar de nada, e é por isso que Taurok deve enviar os exércitos aos poucos, e por uma passagem secreta cuja localização será devidamente fornecida. Eu chamarei Zing, fingindo desejar a presença dele para algum tipo de festa. O deus dos insetos é previsível, e certamente não recusará. A partir daí,

eu o colocarei contra a parede, e veremos como ele se sairá com as perguntas que lhe farei.

Entendi, honorável dama, e enviarei o seu pedido para meu irmão, o venerável Taurok. Como faremos para enviar a resposta?

Oswaldo irá até o labirinto amanhã, e pegará a resposta.

Sim, é claro. Há alguma outra maneira em que posso servi-la?

Não, você já foi muito prestativo - a deusa recolheu o cetro dentro do casaco, e olhou ao redor mais uma vez. Ela então tirou um rolo de pergaminhos amarrados com uma fita de seda, escarlata, que entregou ao minotauro, acrescentando. - Aqui estão mapas do meu castelo, onde consta a localização da passagem secreta. E muito obrigada! Estou devendo demasiados favores a Taurok.

Não há de quê - o minotauro fez uma reverência, se despedindo da deusa. - Ele sempre está disposto a ajudá-la - o mensageiro ainda deu três passos de costas, antes de se virar e rumar para o sul.

A deusa observou o minotauro desaparecer sob a cortina de neve, fornecida pela tempestade. Ela realmente preparava uma armadilha para Zing, e contava com a ajuda de Taurok para isso. Léia fechou os olhos, girou o corpo, fazendo subir uma fumaça branca ao seu redor, e instantaneamente se transportou para o salão do trono do castelo de cristal. Retirou o casaco, colocou-o no braço do trono, e sentou-se. Ninguém imaginaria, entretanto, que a armadilha não era para desmascarar apenas Zing. Até hoje, não entendera muito bem como Taurok soubera que ela estava em perigo, e se dispusera a ajudá-la.

Delicadamente, Léia acionou um botão que até antes da batalha contra Ghar não existia, abaixo de um dos braços do trono. Centenas de lanças de gelo de dois metros de comprimento surgiram instantaneamente de orifícios no teto e no chão de todo o salão. Elas formaram uma espécie de gaiola, que também era preenchida com lanças que não se tocavam por apenas alguns milímetros. Se alguém estivesse em qualquer lugar do salão, exceto o trono, teria uma das

lanças atravessada no corpo. A armadilha funcionava bem, e serviria de ameaça não apenas contra Zing, mas também contra Taurok.

Léia repousou o pescoço no encosto do trono, e chamou o seu assistente, Oswaldo, imaginando se aquilo não seria covardia da parte dela. O coelho entrou saltitante no salão, e disse balançando as orelhinhas timidamente:

Magnífica Léia, ó grande deusa do gelo, seu fiel assistente Oswaldo se apresenta. O que deseja?

Tenho uma importante missão para você, Oswaldo. Na verdade, são duas missões. Primeiramente deverá ir até a colméia gigante de Zing, e dizer que estou convidando-o a comparecer ao castelo de cristal amanhã, como convidado de uma festa. O horário é o mesmo de sempre. Depois que ele se manifestar, imagino que positivamente, vá até o labirinto dos minotauros, e ouça a resposta que aguardo de Taurok. Muito cuidado, entretanto! Certifique-se de que não seja seguido, de nenhuma maneira.

Entendi perfeitamente, ó grandiosa, e garanto que corresponderei à altura. Bem conheces os meus talentos!

Conheço mesmo, e por isso confio em você. Então vá, não há tempo a perder.

Sim, Vossa Magnificência, irei imediatamente - fez uma reverência e saiu aos pulinhos.

Ao se ver sozinha, Léia desceu do trono e atravessou uma porta a leste do salão. O misterioso cubo que encontrara quando invadiu a fortaleza de Ghar repousava sobre uma mesa num canto, quieto. Seria mesmo covardia uma atitude como aquela? Bem, apenas se ela agisse precipitadamente, sem ouvir o outro lado da história. Pois se Zing e Taurok dispusessem das devidas explicações, nada de ruim aconteceria. Além disso, valia lembrar que ela também tinha de se precaver contra tudo e contra todos.

Léia pegou o cubo nas mãos, e observou uma de suas faces. Por milésimos de segundos, jurou ver um rosto diferente, coberto por

um elmo negro. Permaneceu ali por um longo tempo, mas a visão não voltou a se repetir.

Capítulo XXXVIII - *Quatro Contra Um Não é Covardia*

Agora que Vanhardt tinha certeza que Ravina e Lázarus eram o mesmo ser, passou a olhar a Guardiã com verdadeiro interesse. Ele pediu à fada:

Ei, Lila, onde estão aquelas cordas que trouxemos? Temos de prender essa daí!

Posso providenciar algo melhor do que as cordas.

A fada sobrevoou a Guardiã, dando voltas em torno dela. Green e Vanhardt viram os braços de Ravina se colarem junto ao corpo, como se uma corda invisível os prendesse. A Guardiã acabou caindo no chão, produzindo um baque surdo e permanecendo imobilizada.

O que foi isso? - indagou o duende.

Essa linha que utilizei para prendê-la é inextensível e também não pode ser partida. É extremamente fina, e por isso parece invisível. Chama-se "linha de Gaia", e é uma magia que Léia aprendeu há pouco tempo. Como sou parte da deusa, e mantemos uma ligação, também acabei aprendendo-a.

Legal! Muito bom, Lila! - Vanhardt se aproximou de Ravina, e agachou-se ao seu lado. - Agora a senhorita aqui vai nos fornecer algumas respostas. Primeiro me diga: por que não nos atacou até hoje? O que estava esperando? - a pergunta ecoou pela floresta.

Eu não atacaria vocês, nem hoje nem nunca. Se quisesse ter feito isso, não faltaram melhores oportunidades. Estou aqui unicamente para obedecer à profecia - Ravina notou que todos ao seu redor se

iluminavam com uma terrível curiosidade. Apesar de deitada no chão, ela se mantinha numa postura firme, de guerreira. - Lembrem-se de que vimos desenhado na pedra vocês três e eu; ou melhor, a minha forma de Lázarus, ao lado? Dispus-me a vir com vocês por esse motivo. Está escrito que nós quatro derrotaremos aquele verme. A desculpa que dei para acompanhar vocês, de que seria para protegê-los de Lázarus, serviu direitinho, e Ebeion não desconfiou de nada.

Espera um pouco, quer dizer que ninguém na vila sabe que você e Lázarus são a mesma criatura? - a fada enrugou a testa.

Desde que Laodicéia atou o destino de Lázarus ao da Guardiã, vocês são as primeiras pessoas, exceto as próprias Guardiãs da floresta, que sabem disso. Sintam-se congratulados.

E por que ninguém em Fhirjn sabe desse segredo? Por que você apareceu no meio da mata, naquele dia que o verme atacou a vila?

— Uma pergunta de cada vez, duende. Deixe-me contar uma coisa, para que possam entender perfeitamente a situação. No início, Lázarus era um ser completamente independente. Mas como Ebeion contou a vocês, a sua sede de poder aumentou tanto que ele passou a devorar pessoas. Laodicéia, nossa graciosa e benevolente deusa, teve compaixão de nós, e para acabar com a matança criou as figuras do Senhor e da Guardiã, atando o destino dessa última ao de Lázarus. É lógico que nenhuma de nós Guardiãs reclamou do fardo, pois assim poderíamos proteger a vila. Os habitantes, por sua vez, acreditavam que lutávamos contra o lagarto quando na verdade éramos a mesma criatura. Naquele dia em que o verme atacou, eu me transformei em Lázarus para tentar enfrentá-lo antes que ele chegasse à vila. Acontece que não fui bem sucedida, ele invadiu-a e causou toda aquela destruição. É lógico que não enfrentei o verme a partir daí, naquela forma em que eu estava, pois havia muitos guerreiros que provavelmente me atacariam. Assim voltei a ser a Guardiã, e o resto vocês já sabem.

Eu ainda não entendi por que você não contou a todos que era Lázarus. Pouparia muitos problemas - Green falava como se fosse óbvio.

Ravina não fez observação alguma ao comentário do duende, limitando-se a lhe dirigir um olhar incisivo. Sem conseguir encarar a Guardiã de frente, Green olhou numa outra direção, fingindo se interessar pelos galhos de uma árvore.

Então posso imaginar que durante essas caçadas, enquanto estava conosco, você se transformava em Lázarus para se tornar mais eficiente?

Bem observado, Vanhardt. Como Lázarus, minha força, destreza e vigor aumentam consideravelmente, tornando-me uma arma mortífera. Porém Justus, aquele miserável que se julga líder do Panteão, estabeleceu uma penalidade para a transformação, justificando que causaria um desequilíbrio se ela fosse feita livremente. Laodicéia foi obrigada a acatar a ordem com medo de uma punição. A cada minuto que me mantenho na forma de lagarto, minha alma vai sendo perdida, e a de Lázarus se sobrepondo a ela. Ou seja, quanto mais tempo eu me mantiver como lagarto, mais próxima fico de me tornar Lázarus para sempre. Isso é cumulativo, e como vocês podem ver, meus braços já não são totalmente humanos, o que indica que fiquei bastante tempo como Lázarus - imagino que em torno de cinco ou seis horas no total. Se continuar nesse ritmo não durarei muito tempo. É claro que antes que eu me transforme completamente, passarei o meu cargo a uma substituta, e assim darei fim à minha existência de uma maneira digna, cumprindo a minha missão - os olhos da guerreira brilharam.

Nossa, que triste - Lila abaixou a cabeça, ao perceber o quão terrível era o destino de Ravina. - E não dá pra reverter?

Como eu disse, a benção-maldição é cumulativa. Não dá pra revertê-la, nem pará-la. A não ser que eu nunca mais me transforme em Lázarus, o que seria difícil.

Muito bem, acho que isso explica tudo. - Vanhardt, com um pouco de dificuldade, retirou as linhas que atavam Ravina. - Desculpe-me por tê-la amarrado, mas foi uma medida preventiva.

A Guardiã se levantou ainda séria, e bateu a poeira da roupa. Ela cobriu-se novamente com a capa, enquanto Vanhardt olhava para Green - naquele momento os dois perceberam o motivo para ela se manter coberta, que era esconder a pele de lagarto. Dessa vez, entretanto, ela deixou o capuz abaixado, e o rosto descoberto. Seus olhos verdes cintilavam intensamente sob a escassa luz da lua que penetrava na floresta.

— Agora sou eu quem gostaria de algumas explicações, Vanhardt. Ouvi quando o duende disse que sua mãe era uma deusa, e agora, quando Lila falou que é parte de uma deusa; Léia, não é? Imagino que Léia e sua mãe sejam a mesma entidade.

Sim. Sou filho de Léia, a deusa do gelo, e vim aqui em busca de um item que rasgará o selo do Templo Dourado, local que abriga o meu filho desaparecido.

Filho? Entendo - ouvindo aquele comentário da Guardiã, Lila jurou para si mesma que havia uma pontada de decepção. - Pra mim está tudo explicado. Se estiverem de acordo, acho que poderemos jantar e depois dormir, pois amanhã teremos mais uma boa caminhada pela frente.

Antes que alguém se dispusesse a responder à Guardiã, a bússola que Vanhardt guardava num dos bolsos da calça passou a apitar desesperadamente, como uma chaleira. Todos entenderam instantaneamente que o verme estava próximo, e não se passou mais do que alguns segundos para que o chão começasse a vibrar. Green foi o primeiro a gritar, com as mãos erguidas:

Ele está aqui!

Lila conjurou a *Crafo adimapla* em Vanhardt, que por sua vez olhava ao redor em busca da criatura. Ravina encolheu-se no chão, agachada, e sua pele foi tomando uma cor esverdeada, brilhante,

idêntica às escamas de cobra. Suas roupas também foram se transformando, como se aderissem à pele, e ela passava aos poucos a se parecer mais com um lagarto do que um ser humano. Os braços se alongaram e as unhas cresceram, se tornando garras. As pernas tornaram-se compridas e bem torneadas, os pés se esticaram em patas achatadas, e o rosto afunilou para frente, surgindo uma boca animalesca com dentes afiados. Os olhos cintilaram vermelhos como fogo e ela soltou um urro grotesco ao se levantar. A transformação terminara.

Ainda aturdido com aquele estranho processo pelo qual Ravina passara, Green correu até a mochila e se armou da espada, jogando a outra para Vanhardt. Naquele instante, as árvores em volta do duende se curvaram, e o chão sob seus pés ergueu-se, abrindo numa fenda. Demonstrando magnífica agilidade, Ravina passou o braço de lagarto pela cintura de Green e pulou para o lado, salvando-o da boca do verme que, aberta, surgia pela fenda.

Ao ver o verme equilibrando-se em posição vertical, metros acima do solo, e depois pender para o lado, Vanhardt apressou-se em puxar a fadinha pela perna, tirando-a da frente da criatura, que caiu revirando quilos de terra.

—Você está louca, por que não voou quando o viu caindo? - gritou Vanhardt, sem olhar para a fada, e correndo entre as árvores para escapar do monstro que já estava no seu encalço.

Achei que poderia segurá-lo, como fiz com aquelas pessoas na vila! - berrou Lila de volta.

Se Vanhardt, no meio daquele desespero, teve tempo para reprovar a idéia da fada, nunca se soube. Os acontecimentos a partir de então transcorreram numa velocidade impressionante, e não sei se minha capacidade narrativa conseguirá apresentá-los adequadamente. Porém vamos em frente; como sempre, deixarei a cargo do leitor o julgamento.

O verme perseguia Vanhardt, que por sua vez corria entre as árvores com a bússola ainda apitando. Ele notou que a distância que o separava da criatura diminuía, pois levava muito tempo para se desviar das árvores. Inteligentemente, ele largou a espada no chão, e, utilizando sua extraordinária força, passou a socar os troncos, que caíam imediatamente após receber a pancada. Quem olhasse de cima, e conseguisse enxergar além da escuridão que escondia a floresta, se admiraria com a trincheira que ia sendo aberta no meio da mata. Aquela atitude acabou deixando o deslocamento de Vanhardt mais rápido, equivalente ao do verme.

Ravina havia saído em disparada atrás da criatura, após deixar Green num lugar seguro. Dentre os quatro ela era a mais veloz: o corpo de lagarto era ágil, e deslizava com absoluta facilidade pela floresta. Segundos depois de partir em disparada, a Guardiã já pulava no dorso do verme, e caminhava sobre a couraça cinza da criatura, que não cedeu às pancadas recebidas. Suas garras podiam perfurar a madeira, mas não aquela poderosa armadura natural.

Green arfava e olhava pelo imenso caminho aberto na floresta, acompanhando os acontecimentos assustado. Continuava com a espada em punhos, sem se atrever a tentar enfrentar o verme. Resmungava consigo mesmo:

Eu sei que eles estão em perigo, mas o que eu poderia fazer contra *aquilo*? Vanhardt é filho de uma deusa, Lila tem poderes mágicos, Ravina conta com o corpo de lagarto, enquanto eu sou apenas um duende com uma espada. Um duende com uma espada, que piada! Se fosse anos atrás, quando eu derrotava trolls e ogros num piscar de olhos, tudo bem; mas hoje? Nem pensar! E eles que acharam que eu era "o salvador". Ah, se soubessem que foi por medo que subi em uma das árvores, e me agarrei ao cipó que por azar se soltou... Peguei o moleque no susto!

Vanhardt berrava para a fada, implorando por alguma magia que fizesse o verme deixar de persegui-lo. A fada conjurou esferas

amarelas, que explodiram em centelhas luminosas ao atingir o couro da criatura, e resultaram em nada. Ravina por sua vez aproximava-se da boca do verme, e se esforçava para não cair, pois sofria poderosos solavancos. Quando chegou ao extremo daquilo que se poderia chamar de "cabeça" da criatura, ela puxou uma das bordas da sua boca, fazendo com que ela se abrisse e mostrasse as inúmeras fileiras de dentes. A Guardiã imaginava que a mucosa da boca era mais fina que a sua couraça, e lá poderia feri-la. Através de uma belíssima e surpreendente acrobacia, ela segurou a borda da boca do verme com um dos braços e ambas as patas, e utilizou o outro braço para acertar as garras entre os dentes, onde a pele seria mais frágil.

O verme freiou ao sentir o ferimento, e se ergueu sobre o próprio corpo, chicoteando a cabeça e arremessando Ravina metros à frente. A Guardiã arrancou vários galhos durante o vôo, só parando ao bater com as costas numa árvore de tronco mais grosso, caindo ao chão com um estrondo. O couro da pele de lagarto amorteceu a pancada - ela teria morrido se fosse uma humana comum.

Durante aqueles instantes nos quais o verme se ocupou em lutar contra Ravina, Lila conversava com Vanhardt:

Ainda não consigo entrar em contato com a deusa do gelo! O que faremos contra essa criatura? Ela é forte demais, não conseguimos nem arranhá-la! - a fadinha voava de um lado para o outro, nervosa.

O couro dela é muito espesso, e apenas se tivéssemos uma arma bem afiada, aliada a uma força imensa para... Ei, espere um momento... Há! Há! Tive uma excelente idéia! Depressa, Lila, vá até Green e diga pra ele atrair a atenção do verme!

Mas o que...?

Depressa! - o jovem berrou para a fada, pois o verme voltara à ativa, agora na direção de Ravina, que ainda estava desnorteada no chão.

A fada obedeceu prontamente ao filho da deusa do gelo, e cortando o ar na maior velocidade possível chegou até Green em

menos de quinze segundos. O duende sentara-se entre algumas rochas cobertas de musgos e uma árvore, perfeitamente protegido. Apenas sua cabeça era vista do lado de fora, com os olhinhos apertados para ver o que estaria acontecendo - tarefa bem difícil, pois a única fonte de luz era a da lua. Quando a fada se aproximou, ele perguntou, curioso:

E então, como estão indo? Os dois já morreram?

Cala a boca, seu pessimista, ninguém morreu! E também não irá morrer, se o plano de Vanhardt der certo. Ele pediu pra você atrair a atenção do verme.

O quê??? - o rosto de Green se contorceu numa careta, não acreditando no que a fada pedia. - Está louca? Nem pensar; esse bicho vai me fazer em pedacinhos! Mande aquele rapaz inventar um plano que não ameace a minha integridade física, e talvez eu ajude - o duende fez um biquinho.

A fadinha flutuava na frente dos olhos do duende, e puxou uma das pálpebras dele com força. Quando ela a soltou pôde-se ouvir um estalo, e Green atirou as mãos sobre o olho, gemendo de dor:

Aaaaaaaai! O que está fazendo, baixinha? Quer me deixar cego?

Farei muito pior se não colaborar! Escute bem: Vanhardt pode não ser um amor de pessoa, e nem ser lá muito inteligente, mas com certeza suas idéias são criativas e, o que é melhor, funcionam! Se ele diz que tem um plano, quer dizer que há uma grande chance de dar certo. Então faça o favor de ajudar imediatamente, porque se aqueles dois morrerem as próximas vítimas seremos você e eu!

Enquanto isso, Ravina e Vanhardt se ocupavam em desviar dos golpes do verme. O filho da deusa do gelo havia ajudado a Guardiã, ainda aturdida, a se levantar, e os dois pulavam de um lado para outro a fim de tentar confundir a criatura. Eles sabiam, no entanto, que aquela situação não poderia durar muito tempo. Estavam ficando cansados, e a cada nova investida o verme chegava mais perto de abocanhar um deles. Ambos não duvidavam que nem seus

poderes evitariam a morte caso apenas um daqueles ataques os atingissem. Num momento em que Ravina tropeçou, e achou que chegara o fim, uma pedra verde, coberta de musgos, do tamanho de um cavalo, atingiu o verme. Depois veio uma segunda, e até uma terceira pedra. Espantados, Vanhardt e Ravina viram que as pedras eram arremessadas do local onde Green e Lila se encontravam. Aquilo foi o suficiente para irritar a criatura, fazendo com que ela abandonasse os seus alvos mais próximos e fosse atrás do que a importunava.

Green naquela altura já havia recebido a *Crafo adimapla* de Lila, e ficou satisfeito ao ver que atingira o objetivo - o verme avançava furioso para o seu lado.

Boa fadinha, essa magia realmente veio na hora certa. Viu como sou bom de mira, mesmo nessa escuridão eu acertei três vezes! Vou atirar mais umas duas pedras e depois fugir como Vanhardt, derrubando as árvores. E nem precisarei arriscar o meu courinho, que bom! Hem! Hem!

Quando Green tentou levantar uma nova pedra, notou que ela estava pesada e não saía do lugar. Tentou novamente, mas a pedra insistia em não se mover. Com certo nervosismo pediu a fada, enquanto enxugava uma gota de suor que escorria pelo meio da testa:

Parece que a magia acabou... Faça ela de novo, porque o verme está chegando.

A fadinha esticou seus braços e pronunciou as palavras mágicas, porém nada aconteceu. Ela tentou mais uma vez, com o mesmo resultado.

Oh-oh! - ela balançou a cabeça, piscando várias vezes.

Como assim "Oh-oh"? Você está brincando comigo, querendo me assustar, não é? Eu já sabia... O que quer dizer esse "Oh-oh", fala logo, minha filha! - o coração de Green disparou, e suas mãos passaram a suar frio.

"Oh-oh" quer dizer que eu me lembrei que não posso conjurar a *Crafo adimapla* mais do que uma vez... Na segunda ela dura apenas um centésimo do tempo, e na terceira nem funciona. - olhou em direção ao verme e constatou que ele estava muito próximo, e avançava sem parar. - Ou seja... CORRA!

Capítulo XXXIX - Flama

Na pressa de fugir da criatura gigantesca, Green até deixou a espada para trás. Não que ele fosse usá-la, mas era indiscutível a sensação de segurança que ela proporcionava. O pânico pelo qual agora era arrebatado roubava-lhe quase todo pensamento racional, e o único que ameaçava cruzar a sua mente era o de como fazer suas pernas se moverem mais velozes.

Vanhardt e Ravina corriam lado a lado, e o jovem gritou:

Acho que posso segurá-lo, porém se ele continuar nesse ritmo vai chegar até Green antes que eu o alcance!

O lagarto ao seu lado, que momentos antes era uma bela mulher com o título de "Guardiã", apenas balançou afirmativamente a cabeça, como se entendesse o recado. Ravina, depois de se agachar, saltou sobre uma árvore, e passou a pular de uma para outra, sobre os galhos, balançando-se nos cipós, utilizando ambos os braços e também as pernas. Deslizava com tamanha beleza e graciosidade, que parecia voar. Além disso, passou a se deslocar muito mais rapidamente.

Enquanto isso, Green, que não ousava olhar para trás, e sentia um bafo quente em sua nuca, deduzia que o verme estava a apenas poucos metros atrás de si. Ele se desviou de um cogumelo gigante, seguido de dois troncos caídos, e, pelo ronco que escutou, soube que o verme abria a boca. Seu coração por pouco não lhe saltava do peito, e ele jogava todas as suas energias nas pernas. Foi aí que algo agarrou a gola de sua camisa, e ele sentiu um puxão no pescoço - desmaiou, acreditando que a sua vida seria retirada naquele

momento. O que ele não sabia era que Ravina o puxava, e o salvava mais uma vez de uma mordida que seria fatal.

A Guardiã carregou-o para a árvore onde estava, e, com ele sobre os ombros, pulou para outros galhos, se afastando do verme. Este não desistiu do alvo, e passou a perseguir Ravina. Subitamente a criatura passou a se deslocar mais lentamente, e a Guardiã pôde se afastar do perigo.

O motivo daquela velocidade diminuída era que Vanhardt, em mais uma de suas proezas heróicas, segurava o rabo da criatura ao mesmo tempo em que enfiava os pés no chão, tentando fazer com que ela parasse. Esta não se deu por vencida, e apesar da grande força do filho da deusa do gelo, conseguia continuar avançando, só que com maior dificuldade. A terra sob os pés do jovem era revolvida e atirada para os lados, seus braços doíam, e mesmo assim a criatura não parava. Expulsando com força o que restava de ar nos pulmões, Vanhardt gritou:

LILA, CADÊ VOCÊ?!

A fada, que voava apenas a alguns metros dali, respondeu de imediato:

Aqui! O que você está tentando fazer, seu doido?

Achei que poderia pará-lo com a minha força, só que não deu certo... - Vanhardt tinha a voz espremida, os olhos fechados, e uma expressão de muita dor. - Lembra-se daquelas linhas que você criou e prenderam Ravina? Se elas são mesmo inextensíveis vamos ver agora. Faça o seguinte: dê-me uma das pontas, e siga com a outra passando por trás de pelo menos uma centena de árvores. Depois me devolva a outra ponta. Esse bichão aqui pode ser mais forte do que eu, mas não mais do que a soma de todas essas árvores!

A fada, mesmo não entendendo o plano, obedeceu Vanhardt, colocando uma das pontas na boca do rapaz (as mãos dele estavam ocupadas, inseridas entre dois anéis do verme). Ela voou percorrendo um semicírculo, passando por trás de exatamente cento

e oito das árvores, e depois retornou para devolver a outra ponta ao rapaz. A situação chegara ao seu ponto crítico. O verme seguia sem parar; uma trincheira de vários metros de comprimento com terra de ambos os lados se abria sob os pés de Vanhardt, e a fada voava ao lado do rapaz, pensando numa maneira de entregar-lhe a segunda ponta:

— Como vou te entregar essa ponta, se você está com os braços ocupados? Não posso colocar na sua boca, pois corre o risco dela ser arrancada fora! - berrou ela, que continuava produzindo a linha.

Numa manobra impressionante, Vanhardt tirou ambos os pés do chão e enfiou-os na fresta entre dois anéis do verme, ao mesmo tempo em que com a mão esquerda tirava a ponta da linha que tinha na boca e jogava os braços para trás. Desse modo, estendido na horizontal, ele recebeu com a mão direita a segunda ponta da linha, e apertou firmemente. A linha provou ser inextensível ao ficar completamente reta, os ossos de Vanhardt estalaram e as árvores rangeram, uma dor incrível percorreu todas as fibras do seu corpo, principalmente as da mão, que até sangrou, mas o inacreditável aconteceu - o verme parou!

A criatura pareceu assustada, e levantou a cabeça, "olhando" para trás. Ela abriu a boca e baixou a cabeça, mirando a mordida em Vanhardt. O rapaz, que contava com aquele contra ataque do verme, imediatamente levantou o rabo da criatura, fazendo com que ela abocanhasse o próprio corpo. Foi o suficiente para que o couro dela cedesse, mas ao invés de sangue, uma fortíssima luz prateada jorrou do buraco aberto. O verme rolou no chão, aturdido, e a luz, aos poucos, foi diminuindo de intensidade. Vanhardt aproveitou um momento oportuno e instintivamente jogou o braço dentro do buraco, passando a procurar Flama. Se o couro da criatura era extremamente espesso, o seu interior era macio como um colchão, e banhado por um líquido rosado, viscoso. A bússola em seu bolso parou de apitar logo que ele sentiu ter tocado em algo mais sólido.

Com os olhos brilhando, os braços sujos, o corpo cansado, e uma expressão triunfante estampada no rosto, Vanhardt retirou de dentro do verme uma belíssima foice, com a lâmina dourada recurvada, e o corpo reto, de madeira, decorado com pedras preciosas. Ao segurar a foice sobre a cabeça, Vanhardt sentia uma energia quente, intensa, emanando do objeto e fluindo para dentro de si. Ele mesmo não acreditava que estava com Flama em mãos, a arma da antiga deusa da morte, sua mãe.

O verme parou de se mexer, e murchou preguiçosamente, como um balão furado que aos poucos se esvazia. Um minuto depois apresentava alguns centímetros de tamanho, e não mais voltou a se mover. Vanhardt não ouviu mais a bússola apitar. Jogou-a no chão, destruindo-a, pois ficou com medo de que ela pudesse cair em mãos de outras pessoas.

Ainda impressionado por ter derrotado a criatura, Vanhardt viu os amigos se aproximarem: primeiro Lila, seguida de Ravina na forma de lagarto com Green desmaiado no colo. Ela deitou delicadamente o duende sobre um monte de folhas e se agachou, transformando-se novamente numa mulher, exatamente do jeito que era antes.

Uau... então essa é a arma da deusa da morte! Que linda! - exclamou a fada, batendo as mãozinhas.

Deusa da morte? Pensei que esse objeto seria da deusa do gelo... - comentou Ravina, ajeitando melhor a sua capa.

Isso não importa! Só sei que me sinto cada vez mais próximo do meu filho. Agora poderemos romper o selo que protege o Templo Dourado. O que acha disso, Lila?

A fada respondeu que achava muito bom, abraçando Vanhardt, e dando beijos animados em sua bochecha. Ravina observava Green se levantar zozinho, e dar três passos como se estivesse bêbado. Ele colocou as mãos na cabeça, e olhou para a foice que Vanhardt carregava.

Hum, acho que perdi alguma coisa... Ou eu morri e você veio me buscar? - Os olhos do duende estavam ligeiramente arregalados. - Querem fazer o favor de tirar esse sorriso besta do rosto e me explicar o que está acontecendo?

Graças a Ravina você não morreu, Green! E o verme não será mais problema nem para nós, nem para a vila de Fhirjn - falou Vanhardt, admirando a foice.

E isso graças a você, Vanhardt - disse Ravina ao mesmo tempo séria e feliz, abraçando Vanhardt demoradamente, agradecida. - Você foi o principal responsável pela morte dessa criatura que há tanto tempo flagelava meu povo. Nem sei como posso lhe pagar por isso.

Está bem, já chega de tanto agarramento, quer deixar Vanhardt em paz?

Lila empurrou o braço da Guardiã, tentando afastá-la de Vanhardt.

Se você não sabe como pagar, eu sei. Ouro, comida, e mais ouro! - o duende parecia plenamente recomposto.

Quer calar a boca, seu mercenário? Não fez nada para derrotar o verme - disse a fada, indignada, apontando para o rosto do duende.

E quem atraiu a atenção dele? A atitude mais corajosa, sem querer me gabar...

Isso não foi nada comparado ao que Vanhardt fez!

Você é que não sabe de nada, sua velha!

O quê? - assustou-se a fadinha.

É, sim, sei que tem mais de mil anos. Já está gagá e não consegue mais observar algo evidente, como a minha coragem - o duende levantou o peito e empinou o nariz.

São só trezentos anos, seu miserável! E como descobriu isso?

Foi seu amiguinho Vanhardt aí que me disse...

O quê???

A fadinha virou-se para o filho da deusa do gelo, que logo se adiantou:

Querem parar os dois com isso? Essa discussão não vai levar a lugar algum. Vamos voltar para a vila de Ravina, pois estamos cansados, e aproveitar para contar as novidades ao povo.

Capítulo XL - *Um Gosto Amargo*

Naquela mesma noite, o salão do trono do castelo de cristal adormecia no silêncio e no vazio, rompidos ao entrar Léia, seguida por Zing. O deus dos insetos não parava de tagarelar, elogiando a beleza da deusa do gelo e como ele estava feliz por ter sido convidado para a festa. Léia permanecia séria, mas não emburrada. Graciosamente ela sentou-se no trono, e disse:

Zing, não sei bem como explicar o que programei para hoje. Em verdade não foi uma festa...

A deusa do gelo esperou que Zing ficasse surpreso, mas este, contrariando suas expectativas, permaneceu como antes. Ela então continuou, procurando selecionar as melhores palavras:

Pouparei rodeios, e serei direta então. Sei que temos sido "amigos" todos esses anos, porém certos fatos ocorridos recentemente me fizeram duvidar de Vossa Divindade. Em resumo, acho que está me traindo. Tem algo em sua defesa?

Nossa, traindo... É claro que não, minha dama! - Zing esboçava um sorriso, e mantinha uma voz amável. - Como pôde pensar isso, justamente de mim?

Passei a desconfiar quando descobri que o "amigo" se relacionava secretamente com Núbia, a deusa da noite, e pesquisava o paradeiro de um certo Manto... Por que me escondeu uma coisa dessas?

Zing ficou quieto por alguns segundos, colocando dois braços para trás, outro coçando o queixo e o quarto pendendo no ar, buscando o que fazer. Com a voz um pouco mais baixa, continuou:

Não vou perguntar como descobriu isso, porque não vem ao caso. Fico sinceramente feliz em ver que também possui talentos investigativos. Ora, deixando de lado os elogios, a resposta que tenho é simples: não sou o único a esconder segredos. Se eu possuo os meus, a nobre dama também guarda os dela, e nem por isso acho que está me traindo. De modo geral todas as divindades escondem alguma coisa umas das outras, mas nem por isso estão se acusando mutuamente. Assim, acredito encerrar a questão.

Não, meu caro Zing, a questão não está encerrada. Lamento muito ter de fazer isso, e mostrar a Vossa Divindade que está enganado em acreditar que possuo um coração quente, como me disse há algumas dezenas de anos. Depois de ter sofrido as piores dores que um deus é capaz de suportar, meu coração esfriou, e é apenas uma pedra gelada, sem a mesma vida que esbanjava anteriormente. Se existe algo que ainda me traz felicidade é um certo alguém, que também está sofrendo muito, e a quem irei ajudar mesmo que me custe a existência. Se não quer me contar por bem exatamente o que pretende, terei de arrancar a informação pela força. Taurok, por favor!

Naquele instante Taurok entrou por uma porta lateral, e foi até Zing, cumprimentando-o com um aperto de mão. Léia ficou ligeiramente perturbada, pois ambos pareciam tranqüilos, sem a tensão que ela própria demonstrava. Além disso, sentia falta dos minotauros.

Taurok, Vossa Divindade não entraria com os minotauros? Onde eles estão? - a deusa do gelo se mexeu inquieta no trono.

Eles não serão necessários, e por isso mandei-os embora. Veja bem, dama do gelo, gostaria que não se assustasse, pois...

Não me assustar com o quê? - interrompeu a deusa do gelo se levantando de súbito, e olhando friamente para os dois que estavam lado a lado. - O que exatamente está acontecendo aqui?

Era o que eu estava dizendo - adiantou-se Taurok. - Zing sabe de tudo. Eu contei para ele o que Vossa Divindade pretendia fazer aqui, nesta noite.

Então quer dizer que os dois estão unidos em um complô! - Léia agia absolutamente transtornada. - Mais uma traição; eu realmente não devia confiar em nenhum outro deus! São todos traidores miseráveis! - ela aproximou o dedo do botão que acionaria a armadilha de lanças de gelo, pronta para pressioná-lo a qualquer momento.

Não se precipite, Léia, por favor. Vossa Divindade não está entendendo o que se passa. Zing não é um traidor, bem como eu também não sou. Confio plenamente nele, e sabia que a dama do gelo acabaria cometendo um erro e perdendo um amigo ao ameaçá-lo. Por isso adiantei-me e contei tudo ao deus dos insetos.

Se o que diz é verdade então acaba de cometer a maior estupidez de toda a sua vida! Zíng irá acabar com nós dois aqui mesmo. Não fosse pela armadilha que preparei, estaria perdida. E já que estamos sendo diretos uns com os outros, revelo a finalidade plena dessa armadilha: além de ameaçar Zing, utilizaria para descobrir como Vossa Divindade, Taurok, "coincidentalmente" tomou conhecimento do perigo que eu corria naquele dia em que Ghar invadiu meu castelo.

Está falando da armadilha com lanças de gelo? - perguntou Taurok sem demonstrar receio.

Léia ficou sem reação. Então eles já estavam a par de tudo! Como ela pudera ser tão ingênua... Os dois estavam juntos desde o começo, talvez Taurok até mesmo compartilhasse com Zing os negócios concernentes à deusa da noite. Ela tinha de pensar rápido no que fazer para escapar daquela situação que fugia completamente ao seu controle. Provavelmente não adiantaria de nada apertar o botão, pois os dois não seriam estúpidos o suficiente para deixar a armadilha ativa. O que fazer então?

Não se assuste, minha querida - Zing adiantou-se um passo. - E abandone esse pensamento absurdo de que estamos traindo-a. Está começando a ficar paranóica com isso, não acha? O poderoso Taurok provou ser um perfeito cavalheiro me avisando de tudo isso, além de muito inteligente.

Não abra mais essa boca imunda para destilar suas mentiras, desalmado. Enganou-me todo o tempo e continua a fazê-lo. Não vê que passou dos limites? Diga-me, Taurok... - ela olhou para o deus dos minotauros. - Como obteve ciência da armadilha?

O seu assistente, Oswaldo, revelou-me a sua existência e o funcionamento dela.

Após ouvir aquele nome, Léia sentiu-se voltando séculos atrás, até ao dia em que deixou de ser a deusa da morte. Uma punhalada atravessava-lhe o coração, dilacerando-o em mil pedaços. Oswaldo, em quem ela depositava tanta confiança. Era difícil demais acreditar. Aquela figura metade coelho, metade homem, com as orelhinhas baixas logo veio entrando pela porta. Uma lágrima escorreu pelo rosto da deusa, refletindo o rosto tímido do coelho.

Por favor, por favor, magnífica! Taurok é um bom deus, e Zing também! Estou unicamente protegendo a minha mestra. Não adiantaria nada argumentar contra essa idéia maluca de ameaçar os dois amigos, e por isso tentei evitar uma bagunça maior ainda!

Até você, Oswaldo, participando desse teatro ridículo! Ainda pensam que sou idiota?- Léia sentou-se novamente no trono, passando a falar com ódio. - Não faz sentido continuar tentando me enganar. Por que não tentam obter logo o que querem?

Taurok tirou a capa vermelha que usava sobre as costas, e deixou-a cair aos seus pés. Com movimentos precisos e bem escolhidos ele desmontou a armadura dourada, e também a deixou cair. Os últimos objetos de que se desfez foram o escudo e o machado, a antiga arma de Ghar. Daquele modo, usando apenas

uma calça de couro, ele abriu os braços para os lados, e pôs-se a falar na voz grave de sempre:

Se duvida tanto das nossas intenções, proponho um desafio. A armadilha de lanças de gelo permanece ativa; Zing e eu nem tocamos nela. Se acredita que somos traidores, por que não a aciona e nos mata? - o rosto do minotauro permanecia impassível.

Por alguns segundos a deusa do gelo ficou sem reação. Ela fitava os três, e tentava extrair deles qualquer gesto ou movimento que pudesse revelar a sua honestidade ou mentira. Só via sinceridade. Surpreendentemente, ela se levantou, e aproximou-se de Oswaldo, Zing e Taurok. Quando ficou em frente aos três, olhou no rosto de cada um, e se ajoelhou, com a maior gravidade estampada nos movimentos, dizendo:

Desculpem-me, senhores. Agora percebo que a tola fui eu mesma. Não sei o que fazer para obter o perdão dos únicos que provaram ser meus sinceros amigos até hoje.

Nós não estávamos em busca de perdão, mas sim do reconhecimento da nossa honestidade - falou Taurok, recolhendo suas armas e armadura. - E isso já ficou provado. Sendo assim, devo retornar ao meu lar. Qualquer novidade, entre em contato.

O deus dos minotauros beijou uma das bochechas de Léia, que continuava abaixada, e já ia deixando o salão do trono, quando se voltou para a deusa e continuou:

Ah, esqueci de lhe explicar como soube que a dama estava sendo atacada por Ghar. É de conhecimento geral que sempre tive uma estima muito grande por Vossa Divindade. Por isso, um de meus minotauros vez ou outra mantinha vigilância sobre o castelo de cristal, informando-me do que ocorria. Poderia ser que uma oportunidade para aproximação surgisse a qualquer instante, se por ventura a dama decidisse caminhar nos arredores do castelo. E ela acabou ocorrendo, de maneira inesperada, quando esse meu minotauro viu Ghar e os gigantes invadindo o local, e me alertou.

A deusa do gelo não tinha o que dizer, e por isso continuou quieta. Taurok deixou o salão, e foi a vez de Zing falar.

Eu também retornarei para minha colméia. Não fique perturbada com o que ocorreu hoje. E venha me visitar quando puder, adoro sua companhia.

Zing saiu com passos curtos, deixando Oswaldo sozinho com Léia. O coelho sentia a dor e o arrependimento que atormentavam a deusa. Por isso, silenciosamente, ele também deixou o salão do trono. Ali, sem mais ninguém, Léia pôs-se a chorar. Não sabia dizer o que era pior, se o arrependimento de ter desconfiado tanto daqueles que a ajudaram e a protegeram, ou se a noção de que estava mesmo paranóica. Enquanto suas lágrimas caíam, uma imensa tempestade de neve castigava as terras do gelo.

Capítulo XLI - *À Margem do Recomeço*

Todos dormiram mal, pois Vanhardt passara metade da noite fazendo barulho. Ele insistia em girar sua foice e atacar inimigos imaginários, e num desses golpes acertou uma árvore, cortando-a ao meio sem o mínimo esforço. Assustado com tamanho poder da arma, ele também acertou um golpe numa pedra, explodindo-a em milhares de pedaços. Flama era fabulosa, e o jovem parecia uma criança depois de ganhar um brinquedo novo. Foi Ravina quem salvou o resto da noite do grupo:

Não me entenda mal, Vanhardt, mas não acha que já causamos destruição suficiente na floresta?

É isso aí, queremos dormir, seu chato! - resmungou Green, revirando-se num monte de folhas que preparou cuidadosamente, mal-humorado.

Concordo com o duende. Vanhardt, seu fofoqueiro! - Lila falou para o jovem, e depois emendou baixinho, para si própria. - Quem deu permissão para ele falar de minhas intimidades a Green? Revelar minha idade, onde já se viu isso! Fofoqueiro descarado...

A noite terminou sem mais interrupções, e Vanhardt num canto experimentando a arma comedidamente. Antes de dormir, o filho da deusa do gelo notou que podia guardar a arma dentro do seu braço, entre o corpo físico e o astral. Um ótimo local, aliás, pois assim ninguém poderia furtá-la quando ele não estivesse atento, e seria fácil retirá-la dali sempre que desejasse. Com o resto da noite passada em tranquilidade, o grupo pôs-se na trilha para Fhirjn logo que o sol nasceu.

A jornada de volta foi muito mais curta que a de ida. Lila resmungou "fofoqueiro" durante um dia inteiro, mas logo parou, passando a se preocupar com um detalhe mais importante ao seu ver. Ela achava que Ravina observava Vanhardt por tempo desnecessariamente longo, e quando esta vez ou outra puxava alguma conversa com ele, a fada aproveitava para interromper e olhar feio para a Guardiã.

Acho que entendi porque o verme ficou daquele tamanho - comentou Lila tentando atrair a atenção de Vanhardt. - Imagino que antigamente ele não passava de uma minhoca, ou algum vermezinho ordinário. Certo dia, deve ter se encontrado com Flama enterrada na terra. Como os itens divinos têm a propriedade de se juntar aos corpos, Flama ficou dentro da minhoca, e passou a nutri-la de energia. Com o passar do tempo ele foi crescendo, mas só se tornou verdadeiramente uma ameaça quando atingiu o tamanho que o encontramos. A foice não era suficiente para alimentá-lo, pois a superfície de contato com a arma aumentava ao quadrado, enquanto o volume da criatura seguia o ritmo ao cubo. Isso é pura matemática, o que talvez você tenha dificuldade de entender, porém garanto que está correto. A partir daí, ele precisou devorar animais para adquirir energia; primeiramente os animaizinhos que deveriam abundar pela floresta, e quando eles se tornaram escassos foi a vez de atacar a vila de Ravina. É por isso que tivemos tantas dificuldades em encontrar animais o tempo todo!

É, faz sentido... - disse o jovem sem tirar os olhos da foice.

Naquele mesmo dia chegaram à Fhirjn, e quando contaram as novidades foram saudados com muita festa. Ebeion esbanjava um sorriso de orelha a orelha, e fez questão de gastar todo o estoque de alimentos que mantinha na comemoração. Vanhardt parecia levemente envergonhado ao lado de Lila, ao contrário de Green, que contava com exagerado drama a sua participação na luta. O duende adicionava nos seus relatos alguns detalhes que os outros três não se

lembravam de ter acontecido - principalmente alguns associados a Green enfrentando o verme cara a cara, e o feito desmaiar com seus socos. Ravina era quem mais se mantinha calada, sentada ao pé de uma árvore, e comendo um pássaro assado. Ela se cobriu completamente com o capuz desde que retornara ao lar.

Após uma noite regada com festa e alegria, Green, Vanhardt e Lila (esta última não precisou dormir, é claro) acordaram satisfeitos. O duende procurou Ebeion, iniciando conversas sobre possíveis tesouros que por ventura existissem na vila, e que poderiam servir de presentes aos aventureiros. Vanhardt por sua vez, se dirigiu a um canto sossegado, sem ninguém por perto, e tirou a foice que manteve até aquele momento dentro do seu braço. A arma exercia uma fantástica força de atração sobre ele, e o rapaz não perdia oportunidades de utilizá-la a esmo sobre objetos. Quanto maior o alvo melhor ainda: nenhum sobrevivia a um simples ataque da foice. E ele nem precisava empregar muita força - era só deslizar a arma sobre o alvo e vê-lo se despedaçar. É claro que se a força era maior não sobrava nem pó para contar a história. Lila viu Vanhardt alisando cuidadosamente a lâmina, e sentou-se num galho pouco acima de sua cabeça.

Vai, passar o resto do dia apreciando Flama ou rumar para o Templo Dourado comigo?

Ah, Lila, você está aí? Nem tinha percebido...

Estou vendo que você se preocupa mais com essa arma do que com seu filho.

Vanhardt tomou um susto. Lembrou-se do que sua mãe disse, sobre tomar cuidado com o poder da arma. Será que ele estava seduzido pelo poder? Não, ele não deixaria que isso acontecesse! Guardou a foice dentro do braço, e voltou-se para a fada.

—Você está certa, baixinha, vamos imediatamente para o Templo Dourado! Estou louco para rever meu filho, que aquela megera Hilda Risalv escondeu.

Risaly? Esposa de Lionel Risaly? - Green havia chegado ali perto, e perguntava com sobrancelhas arqueadas.

Sim, Green, como você sabe? Conhecia-os?

Nossa... - o duende encostou o queixo no peito, e olhou para o vazio. Parecendo refletir bastante, tocou a alga que se prendia no seu pescoço, e ainda em estado hipnótico se dirigiu a Vanhardt. - Você vai enfrentá-la?

Eu não sei, Green... Bem, só se ela se interpuser entre meu filho e eu. Mas por que essas perguntas?

Posso seguir com você? Posso ir pra onde você for?

Como assim Green? Pensei que você gostaria de voltar para seu cogumelo e ter uma vida em paz.

Eu nunca terei uma vida em paz! - gritou o duende de uma hora pra outra, assustando Lila e Vanhardt. - Nunca. Apenas diga que posso ir com vocês! Prometo não atrapalhar - o olhar do duende era fixo e chamejante.

O jovem olhou interrogativamente para a fada, que deu de ombros. Eles não entendiam por que depois de ouvir aqueles nomes Green se interessou tanto em ir com os dois. Pensando um pouco, o filho da deusa do gelo disse ao duende:

Ok, pode vir conosco, Green. Será bom ter mais alguém pra conversar. Só não nos atrapalhe, por favor, e deixe a chatice de lado. E outra coisa: se eu mandar, você obedece sem questionar. Promete cumprir tudo isso?

Tudo bem, eu prometo - o duende se portava incrivelmente sério. - E então, quando iremos?

Acho que agora mesmo. É melhor sair de fininho, pois do contrário os habitantes daqui irão querer que fiquemos mais uma semana, e não quero perder tempo. Acreditam que há uma chata que quer dançar comigo o tempo todo? O que acha Lila?

Boa idéia. Vamos lá!

Ei, estão pensando em ir sem se despedir? - disse Ravina, aparecendo repentinamente de trás de uns arbustos. Uma mochila pendia em suas costas, e o velho bastão na mão direita, apoiado no chão.

Desculpe, Ravina, é que não queríamos causar tumultos com nossa ida - respondeu um Vanhardt desconcertado. - Você me entende, não é?

Entendo sim, se me deixar ir também.

Mas o que é isso, virou festa? Agora todos querem me seguir? Por que isso Ravina?

Preste bem atenção Vanhardt: o que você fez por meu povo é mais do que eu mesma consegui todos esses anos. Estou profundamente agradecida, e com uma dívida. E segundo os ensinamentos provindos de Laodicéia, nossa magnífica deusa, uma dívida sempre deve ser paga, antes que o tempo a envelheça e cobre os juros com mãos de ferro. É isso que nos torna honrados, e dignos de entrar em seus reinos após a nossa morte. Por isso desejo seguir com você, até que consiga saldar essa dívida, ajudando-o ou aos seus semelhantes.

Não há dívida nenhuma, esqueça isso. E você tem o seu povo pra tomar conta.

Não existem perigos imediatos, eles estarão seguros. Além do mais seria bom deixar Lázarus longe deles por uns tempos... - a Guardiã deu três passos e ficou cara a cara com Vanhardt, abaixando o capuz, fitando-o profundamente. - Apenas diga que sim. Minha honra como Guardiã depende da sua permissão.

Err, bem, hum... - Vanhardt olhava para ambos os lados, tentando se decidir. - Tudo bem, você vai conosco. Mas ainda acho que deveria ficar com sua gente.

Muito obrigada.

Sem se despedir de ninguém na vila, o grupo partiu. Como o próprio Vanhardt comentara anteriormente, acharam que se

revelassem suas intenções de seguir caminho receberiam intermináveis propostas para ficar mais tempo. Além disso, haveria um empecilho muito grande em permitir que Ravina deixasse a vila e acompanhasse o grupo. Sendo assim, simplesmente se embrenharam na floresta e foram embora.

Os primeiros dias seguintes à partida de Fhirjn foram relativamente tranquilos. Vanhardt até achou uma boa idéia que a Guardiã fosse com eles. Ela se mostrou muito forte e guerreira, e podia ser de grande utilidade. Quem não gostou nada daquilo foi Lila. A fada passou horas emburrada, com os braços cruzados e a cara amarrada. Num primeiro momento não quis dizer por que estava assim, mas depois falava para todos ouvirem que Vanhardt aceitava membros no grupo sem consultá-la. Vanhardt respondia que ela não era a líder do grupo e por isso não tinha direito de reclamar.

Quem fez você o líder do grupo?

Lila, não adianta; não irei discutir com você. Fui eu quem iniciou essa jornada, arrebatou os integrantes, e, além disso, sou o mais forte. Com essa foice serei capaz de chutar a bunda de Hilda sem dificuldade, e a de qualquer outro que apareça. Se tivesse Flama antes, aquele verme não faria nem cócegas! - disse Vanhardt com o peito estufado.

Estou vendo que realmente você está se achando o máximo. Culpa dessa arma idiota! A função dela é de destruir o selo que protege o Templo Dourado, mas para você é um objeto digno de se gabar. Reparei que desde que fugimos do castelo de Hilda você não meditou nem por um minuto.

É que eu estava ocupado...

Sei, ocupado o tempo todo. Principalmente depois que matou o verme, ficou ocupado polindo Flama.

Cala a boca, Lila, você não sabe o que está dizendo. Preocupe-se com a direção que estamos seguindo. Tem certeza que é por aqui o

caminho até o Templo Dourado? Ravina disse para seguirmos um pouco mais para leste, e ela conhece bem essas matas. Já estamos caminhando há três dias para o sudeste, e a comida que Ravina trouxe na mochila está no fim.

Humpf! Ravina, Ravina! Essa daí chegou ao grupo e agora também está se achando. Até o anoitecer estaremos lá, seu metido! E trate de começar a meditar, ou não evoluirá nada.

Ontem eu aprendi a conjurar a *Crafo adimapla* em mim mesmo, está ouvindo? Sozinho! E nem precisei ficar nessa idiotice de meditação.

Segundo informações da deusa do gelo, a essa altura você seria capaz de conjurar paredes de gelo, e não uma magia inicial como *Crafo adimapla*!

Lila e Vanhardt continuaram, discutindo pelo resto do dia, e anoiteceu sem que eles saíssem da floresta. A fada ficou mais mal humorada ainda, pois a Guardiã se mostrou certa: eles deveriam ter seguido mais para leste. Green se divertia com a confusão, e às vezes dava boas gargalhadas, tomando mordidas na orelha por parte de Lila logo em seguida.

Terminada a discussão, empatada, o filho da deusa do gelo tornou a olhar admirado para a arma que adquirira do verme. Por que Lila ficara tão brava? Seria óbvio que ele se interessasse pelo artefato, mas como tinha consciência de que poderia ser seduzido por seu poder, não existiria mais perigo. A fada, contudo, era cega pra tudo aquilo.

Deixando Flama um pouco de lado, ele olhou para a Guardiã que adormecia ao lado da fogueira crepitante. Ravina se abriu um pouco desde quando eles derrotaram o verme, porém mantinha algumas antigas atitudes, como permanecer calada por longos períodos, comentar muito pouco de si própria, e geralmente se manter séria. Não que aquilo a tornasse feia; pelo contrário, trazia-lhe um ar exótico, revelando-a muito mais bonita aos olhos de Vanhardt. De

repente sua mente ficou confusa, e ele percebeu que não deveria ficar pensando nesses tipos de coisas. E sua esposa Selena, quase se esquecera dela! Pelo visto continuava desaparecida. Se bem que eles não fizeram contato com Léia, e talvez sua mãe tivesse boas notícias para ele. Restava esperar.

Na manhã seguinte, comeram pelo desjejum uma lebre cozida, que Ravina caçou durante a madrugada. Parecia que os pequenos animais voltavam a correr pela Floresta Sagrada do norte. Algumas horas depois eles atingiram o final da floresta, e foram saudados com um belíssimo sol a iluminar suas frentes.

Graças aos deuses saímos! Eu achei que continuaríamos andando por outro dia inteiro - comentou Green olhando para o céu. Seus olhos então se deitaram para o horizonte, e o duende se assustou com o que viu. - Ei, pessoal... o... que... é... aquilo?

Um mar negro, de quilômetros de extensão, seguia sobre a terra. Uma visão tão fantástica, que hipnotizou os quatro por vários minutos. Da distância em que se encontravam, pelo menos dez quilômetros, podiam notar poucos detalhes. Dentre estes, o mais evidente eram sons, como o de tambores, que ribombavam num ritmo cadenciado, monótono e incessante. O mar, ou um exército, segundo Ravina (a Guardiã era a que enxergava melhor), carregava uma espécie de monumento: um obelisco negro, que se estivesse de pé se ergueria por mais de quinhentos metros. O peso daquela monstruosa estrutura passaria facilmente de milhares de toneladas, e eles não faziam idéia de como ela se movia. Mil homens não poderiam erguer o monumento, e ele de fato parecia deslizar sobre uma plataforma. Outro fato que logo notaram, era que o exército deixava um rastro na terra por onde passavam - árvores padeciam mortas e o solo apresentava uma cor escurecida e fúnebre. O rastro vinha do longínquo oeste, desde onde a vista não mais alcançava, e seguia em direção nordeste até os pés do exército.

Os quatro sentiram uma energia maligna pairando no ar, que lhes roubava as forças. Até Vanhardt, que não se incomodava com o frio, passou a tremer. Era como se um vazio se infiltrasse em seu corpo, e adormecesse no seu coração, gelando o sangue e todos os outros órgãos. Com o tempo se acostumaram com a terrível sensação, e como o exército se afastava, logo não sentiam mais nada. Mas suas almas nunca mais se esqueceram da sinistra impressão.

Capítulo XLII - *Terra Morta, Mente Sã*

— Que isso... - gemeu o duende meia hora depois, durante a qual todos permaneceram calados, observando o exército desaparecer lentamente no horizonte. - Alguém pode me dizer o que acabamos de ver?

Green, essa é a pergunta que todos nos fazemos. "O que é aquilo?" - respondeu Lila, sentada no ombro de Vanhardt e com as mãos sobre as coxas.

Eu sei o que é - murmurou baixo o filho da deusa do gelo, coçando o queixo. - Tenho certeza que esse exército é o mesmo que invadiu o castelo de minha mãe, há milhares de anos atrás. Uma "massa negra", foi o que ela disse. E é o mesmo que vimos.

Como pode ter certeza que é o mesmo exército? Euzinha aqui, que compartilho parte das lembranças da deusa, não consigo afirmar.

Apenas sei que é Lila. Tive uma sensação muito ruim, como se algo terrível estivesse para acontecer. E que a terra do gelo está em perigo.

Terra do gelo? Você vem de lá, Vanhardt? - perguntou Green.

Sim, Green. Conhece?

Não, mas nasci por perto... Bem deixa pra lá. E então fadinha, qual é a direção?

Por que não pergunta essa daí? - a fada apontou para Ravina com a cabeça. - Ela é a "senhorita senso de direção". Deve saber muito melhor do que eu o caminho para se chegar até o Templo Dourado.

Os três olharam interrogativamente para Ravina, que em vez de responder passou a caminhar rumo ao sudeste. Os outros a seguiram até atingirem o local onde cruzava o rastro deixado pelo exército. Este era perfeitamente identificável, pois o solo era feio, de aspecto enegrecido, arenoso, e fedorento. Também era bem largo, quase trezentos metros, e a sua travessia viria a se revelar mais difícil do que os quatro poderiam supor. Assim que começaram a caminhar notaram crânios jogados aqui e ali, somados a fêmures, úmeros e ulnas e mais alguns ossos. Que o leitor não me entenda mal; o chão não estava entupido de ossos, mas podia-se ver uma quantidade bem variada e espalhada.

Ossos? Minha nossa! Pelo visto muita gente deve ter achado ruim quando o exército passou por aqui. Eles só não podem reclamar agora! - disse o duende erguendo um fêmur e observando-o curiosamente.

É óbvio que não são vítimas do exército, Green, não teria dado tempo para se decomporem. Acho mais fácil supor que esses ossos são do próprio exército - disse Vanhardt friamente.

O quê? Que absurdo, conta outra piada, Vanhardt!

Não é piada. Estou apenas me recordando das palavras de minha mãe ao descrever o exército que invadiu o seu castelo. Eles usavam capa preta, o que condiz com a cor que vimos, e "as mãos que saiam de dentro das capas eram feitas de ossos". Se suas mãos eram esqueléticas, porque não concluir que o resto do corpo também era? Eles devem ter perdido membros pelo caminho.

Terminada a frase, o grupo escutou um barulho de trovão, e subitamente o céu se fechou sobre suas cabeças, com nuvens negras, carregadas. Era de estranhar que uma chuva se armasse tão repentinamente, ainda mais pelo fato do céu estar límpido há minutos atrás. Green passou a reclamar visivelmente irritado:

Só faltava chover! Essa viagem tinha que ser assim... Eu e esse bando de inúteis!

Olha quem fala, duende sem vergonha. Só sabe reclamar; dessa sua boca imunda só saem asneiras! - Ravina respondeu para Green, deixando Vanhardt perplexo. Ele nunca esperaria uma frase daquelas vindo da Guardiã.

E você também cale a boca lagartona feia! Bunda mole!

Vou te mostrar quem é feia, seu baixinho, narigudo, horroroso!

Green e Ravina se embrenharam numa luta selvagem, fazendo com que Lila voasse aturdida em direção aos dois e tentasse separá-los. O filho da deusa do gelo sentiu que algo muito errado estava acontecendo. O cheiro fétido, nuvens negras no céu, uma briga sem sentido. E por fim Lila acabou entrando na briga contra os dois.

A Guardiã depois de dar um soco que deixou Green estatelado no chão, decidiu se transformar em lagarto. O duende, mesmo deitado, segurava as pernas da fadinha, que por sua vez mordia-lhe o dedo. A briga atingia uma proporção absurda. Vanhardt passou a ter certeza que a situação não era nada normal, e concluiu que se entrasse na confusão acabaria sendo afetado. Era como se uma praga tivesse contaminado seus amigos, poupando apenas ele. E algo lhe dizia que ficara imune não por ser filho de uma deusa.

Quando a Guardiã partiu pra cima de Green, com as garras erguidas, Vanhardt se deu conta de que esperara demais para tomar uma atitude. Mas o que fazer? *Crafo adimapla* não adiantaria, pois não queria tocá-los e correr o risco de ser contaminado, e Flama só seria efetiva caso quisesse matá-los... Ele sentiu-se impotente. Tanto poder, e diante de uma situação aparentemente simples nada podia fazer. Aquilo era muito pior do que estar numa briga, na qual pelo menos faria alguma coisa. Ele resolveu fechar os olhos, e procurou se concentrar.

A partir daquele momento, o filho da deusa do gelo não saberia explicar porque tomou as seguintes atitudes. Suas feições se tornaram sérias, porém tenras, e passou a se mover com tamanha segurança e leveza que se podia dizer que flutuava. Caminhou

tranqüilamente em direção aos amigos, e primeiramente colocou a mão nas costas de Ravina, chamando-a pelo nome três vezes:

Ravina! Ravina! Ravina!

A Guardiã se preparava para cravar as garras no pescoço de Green, e imediatamente interrompeu o golpe, balançando a cabeça para os lados, aturdida. Depois foi a vez de Vanhardt tocar o peito de Green, e chamá-lo pelo nome também por três vezes:

Green! Green! Green!

O duende soltou Lila, e arregalou os olhos assustado. Antes que ele entendesse o que acontecia, Vanhardt pegou a fada, e repetiu o mesmo gesto:

Alilandra! Alilandra! Alilandra!

A fada por sua vez caiu no chão, erguendo uma pequena nuvem de poeira enegrecida. Era isso! Aquela terra fazia mal aos três, mas não a Vanhardt, pois ele estava calçado com as botas que recebera de Ebeion em Fhirjn. As botas iriam protegê-lo se ele percorresse maus caminhos, o que era exatamente o que ocorria. E por que Lila fora contaminada, se ela voava? Será que ao tentar separar Green e Ravina acabou tocando a terra sem querer? Sorte a fadinha ser pequena, e a nuvem de poeira que subiu com a sua queda foi mínima, e não atingiu Vanhardt.

Utilizando em si mesmo a *Crafo adimapla*, ele pegou Green e Ravina colocando cada um em um ombro, puxou a fadinha pelas asinhas, e começou a correr para longe do rastro deixado pelo exército. O duende e a Guardiã tornaram a trocar insultos um ao outro, mas não chegaram a se atacar pois não tardou e Vanhardt já estava fora daquela terra maldita. Quando se encontraram a uma distância segura, pôs os dois no chão, e soltou a fadinha que perguntou:

Minha cabecinha está um pouco zozza... O que aconteceu?

É mesmo, Lila, também me sinto esquisito - disse Green. - É como se tivesse sido atropelado por uma manada de elefantes.

Eu também não me sinto bem - Ravina falou com uma das mãos na cabeça, e sentando-se no chão.

Acho que vocês foram contaminados pelo solo daquele lugar onde passamos, pois começaram a agredir uns aos outros. Era uma terra maldita; vejam como o céu voltou a ficar azul e sem nenhuma nuvem! Agora começo a entender o tamanho do poder daquele exército. Se o chão por onde eles passaram ficou desse jeito, imagine quem o enfrentou, e o lugar onde a batalha sucedeu? Realmente minha mãe não tinha chance alguma contra eles! E só uma força divina para reunir tanto poder de destruição... Mas quem seria?

Pois é, Vanhardt, azar de quem vai ser a *próxima* vítima deles. Porque pra mim eles estão marchando para tomar algum lugar - disse o duende revirando a bolsa que Ravina usava nas costas, em busca de comida.

E tomara que esse lugar não seja o que estou pensando... Mas, voltando, ao assunto anterior. Ravina, você usa as mesmas botas que eu e foi contaminada.

Eu prefiro pensar de um modo diferente, Vanhardt. A minha opinião é que essas terras não nos contaminaram; não colocaram em nós algo que não existia. Esse instinto agressivo, essa fúria que se apoderou de nós (agora estou me recordando o que sucedera), era algo que já dormia em nosso interior. Aquele lugar apenas ajudou a dar vazão a esses instintos. É como se vivessem vários outros "eus" dentro do que achamos ser um único "eu", e eles aproveitaram uma situação favorável para atuar. E as minhas botas não são iguais às suas; eu já carrego uma benção de Laodicéia, e por isso não devo utilizar outros de seus favores. Seria abusivo, conforme nossa cultura ensina. Minhas botas são comuns, diferentemente das suas que são realmente abençoadas.

Várias idéias atormentaram Vanhardt quando tornaram a caminhar, dessa vez em direção ao leste. Primeiramente não conseguia tirar o exército maldito de sua cabeça. As imagens iam e

vinham, e ele quase podia enxergar cada um dos soldados individualmente. Encobertos com uma capa negra, e a mão ossuda segurando uma espada. Lembrou-se da horrível sensação ao observar a sua marcha, e o barulho dos tambores. Os sons martelavam insistentemente dentro da sua cabeça, proporcionando-lhe uma dor terrível. Quando conseguiu se livrar das imagens e dos sons, foi a vez das palavras de Ravina aderirem ao seu cérebro.

Era muito estranho imaginar vários "Eus" dentro de si mesmo. Para ele cada ser humano era único e pronto. No caso, Vanhardt acreditava que dentro dele viva apenas o "Vanhardt", e apenas ele. A idéia da Guardiã era totalmente absurda, e o rapaz acabou encerrando a discussão interna afirmando que Ravina não sabia das coisas, e que era bobagem se preocupar com aquilo.

Bem de tardezinha, quando o sol beijava o horizonte, e o céu se pintava de laranja, Lila berrou alto, assustando os outros três que caminhavam silenciosos. Green chegou a cair no chão, mas disse que foi de propósito, pois achou ter visto uma batata suculenta e apenas "se abaixou demais para pegá-la".

O que foi, Lila? Pra que tanto escândalo? - Vanhardt perguntou piscando os olhos com força, como se tivesse acordado naquele instante.

Chegamos! Ali, a entrada para o templo! - Lila apontava para frente, com o rosto retorcido de alegria.

Vanhardt, Green e Ravina, olharam para onde a fada apontava, mas não viram entrada para templo algum. Vanhardt chegou a firmar bem a vista, deixando as pálpebras baixinhas, porém o que lhe chamou a atenção foram duas pedras com o topo bem mais estreito que a base, erguidas na vertical, pouco maiores que um ser humano, um pé-de-fasjames atrás deles, e uma colina à direita.

Lila, você tomou muito sol na cabeça. Não há templo algum aqui, vamos continuar.

Como assim, Vanhardt, a entrada está logo ali! - a fada insistia em apontar para o mesmo lado, e começou a ficar zangada.

Sua tonta, não tem nada aqui - adiantou-se Green, tentando procurar algum alçapão no chão. - Só umas pedras grandes, mato, e esse pé-de-fasjames carregado. Acho que vou pegar algumas frutinhas pra mim...

Você está quase esbarrando na entrada do Templo, verdinho!

Lila, quer parar de suspense e falar logo onde está essa entrada? - Vanhardt olhou ansioso para a fada.

Vocês são devagar também, né? Essas duas colunas de pedra marcam a entrada do Templo Dourado. Na verdade essas duas colunas eram estátuas de Justus, o deus da justiça, e Bel, a deusa da vida. Mas alguns vândalos destruíram as estátuas, e por isso elas parecem pedras agora.

Vanhardt deu duas voltas em torno de uma das antigas estátuas dos deuses, e não encontrou nada de diferente. Balançou a mão no ar, chutou os pés das colunas de pedra, e nada. Ele não via uma porta, e muito menos um templo. Ravina estava sentada no chão, com as pernas cruzadas e Green havia subido no pé-de-fasjames e jogava cascas das frutas no chão.

Quer parar de brincadeira Lila, eu não estou vendo templo nenhum! - disse Vanhardt.

Isso porque apesar de seus olhos estarem abertos, você não consegue ver. Acha que os deuses iriam deixar a porta aí, pronta pra ser descoberta por qualquer um?

É óbvio que não! A porta está selada, e vai de uma coluna de pedra até a outra. Mas você só irá revelá-la quando conseguir romper o selo, e aí sim poderá entrar. Entendeu?

Ah, se é só isso, então é pra já.

Vanhardt deu dois passos para trás, olhou para o espaço entre as duas colunas de pedra e retirou Flama, a foice de sua mãe, de dentro do braço. Rodopiou-a acima de sua cabeça, depois segurou-a

firmemente com as duas mãos, e brandindo-a com força, aplicou um golpe vertical no ar, de cima para baixo. Uma luz amarela fortíssima brotou em uma espécie de parede invisível que a arma atingiu, e um longo silvo irritou os ouvidos dos presentes. Para o espanto de Vanhardt, Lila, Ravina e Green, que assistiam a cena com profunda atenção, Flama escapou das mãos do filho da deusa do gelo, e depois de girar várias vezes caiu no solo. Os olhos dos presentes teimaram em não aceitar o que verificariam logo a seguir: a lâmina da foice se partira no meio! Vanhardt acabara de quebrar a arma mais poderosa de sua mãe. Ao ver aquilo, Green caiu estatelado do alto do pé-de-fasjames.

Capítulo XLIII - *Um Tolo Arrependido, mas Nunca Covarde*

Eu... Eu... Eu não sei o que dizer... - balbuciava Vanhardt com os olhos brilhantes, em estado de choque.

Minha deusa...! Flama se partiu! - gemeu Lila com as mãos nas bochechas.

Ravina permanecia sentada, mas deixara a sua atitude tranqüila de lado, exibindo seriedade e preocupação. Green veio correndo, e ao ficar ao lado da foice se agachou e comentou:

É verdade, ela está quebrada. Vanhardt, como pôde ser tão estúpido?

Não foi... não foi minha intenção, Green. Como poderia supor? Lila, me responda, por que a foice se partiu?

Simplesmente porque você não estava concentrado o suficiente! - gritou a fadinha, furiosa. - Agora eu vou abrir o berreiro. Não gastou um mísero segundo para meditar, limpar a mente, se achando o poderoso, o maioral. Não me deu ouvidos, todo cheio de si, reclamando o tempo todo que "Lila insiste pra eu fazer isso, pra eu fazer aquilo, não agüento pressão" e nhé nhé nhem! Está vendo agora seu teimoso, cabeça dura, turrão, resmungão, chato?

Mas eu não meditei nem nada porque não tive tempo... Você mesma viu que estava ocupado, com aquele verme e tudo o mais.

E depois que matou o verme, hã? É claro que estava ocupado, apreciando o lindo e poderoso presentinho que ganhou da mãe!

Perdia metade do dia polindo a lâmina e admirando-a, portando-se como um perfeito idiota!

Isso não é verdade, e você sabe muito bem Lila. - ele olhou para Green e Ravina, procurando conforto e consolação dos amigos. Acabou obtendo uma reprovação de ambos, que balançaram a cabeça negativamente, e só aí se deu conta da gravidade da situação.

Era tudo verdade. Ele se portara como um tolo, mais preocupado em fazer a lâmina de Flama brilhar do que desenvolver e aperfeiçoar seus poderes. Lila aconselhara-o, porém ele não dera atenção. E sua mãe também havia lhe alertado, quando encontrou com ela em sonhos, que poderia ficar seduzido pela arma. Como fora imbecil! Um vazio infinito consumia o peito do filho da deusa do gelo. O único item capaz de rasgar o selo do Templo Dourado, e ele estragara tudo! O que seria do pequeno Erick? Vanhardt sentia-se inútil, incapaz de proteger aquele pequenino ser, e também sua esposa. Era um fracasso como pai e esposo.

O filho da deusa do gelo ajoelhou-se no chão, e passou a socá-lo com força. Ravina enfim levantara-se, e deitou carinhosamente a mão no ombro do rapaz. Os olhos dele se encheram de lágrimas, e a Guardiã se agachou ao seu lado, deixando-o deitar a cabeça em seu peito. Green pegara as duas metades da lâmina e tentava juntá-las, sem obter sucesso. Lila depois de vários minutos resolveu se aproximar de Vanhardt e dizer:

Minha raiva passou, pelo menos por enquanto. Eu sei como deve estar se sentindo, com a possibilidade de nunca mais se encontrar com Erick. O que não adianta é ficar chorando o leite derramado, os ovos quebrados, e o gelo derretido. Vamos procurar um lugar para acampar, e pensar no que fazer. Enquanto isso, tentarei estabelecer contato com a deusa do gelo; provavelmente ela nos dirá o que fazer. É óbvio que deve haver outra maneira de entrar naquele templo, ou pelo menos recuperar Flama.

Vanhardt não acreditava nem na primeira, e nem na segunda hipótese, mas por falta de opções decidira seguir o conselho da fada. Já era quase noite quando eles acenderam a fogueira, e puseram para cozinhar numa panela com água fervente um esquilo e também ovos que encontraram em um ninho, além de cenouras e batatas que sobravam na mochila de Ravina. Todos precisavam comer bem após aquela caminhada, principalmente Vanhardt que se encontrava especialmente abatido. Um sentimento de culpa martelava no peito do jovem, e seu estômago parecia cheio de pedras de gelo pontiagudas. Lila se afastara por um tempo, e retornou dizendo.

Não consegui contatar Léia porque estamos um bocado longe da terra do gelo. Mas ainda há esperança, não desanimemos! Estive pensando...

Você pensando? Que milagre, hem, hem, hem! - disse Green mastigando os ovos cozidos com a boca aberta.

Não é hora pra gracinhas Green - acrescentou a fada com olhos fuzilantes. - E trate comer de boca fechada, seu porco! Vejam bem, Vanhardt, você já fez isso uma vez e pode novamente. Encontrará com Léia numa viagem astral! Lembra como foi, quando você pensou estar sonhando?

O filho da deusa do gelo se recordava vagamente de quando saíra de seu corpo e se encontrara com Léia. Foi naquela ocasião que ela revelou o desaparecimento de Selena.

Não sei se consigo Lila... Eu lembro que estava dormindo, mas ao mesmo tempo acordado, e daí apareci ao lado da minha mãe no seu castelo...

É exatamente isso! Você tem que aproveitar esse momento, pouco antes de dormir, naquele estado entre a vigília e o sono. Ali você consegue separar seu corpo astral do físico e encontrar com a deusa do gelo.

Eu sou um fracasso Lila, aquela vez foi sorte, não posso fazer por livre vontade.

A fada voou até a orelha de Vanhardt e deu uma mordida, fazendo com que este levantasse de um salto e gritasse:

AAAAAAAAAAAAAuuu!!! Doeu sua maluca! - reclamou o jovem passando a mão gentilmente sobre a orelha.

Faça o favor de ouvir o que está dizendo! Que ridículo - a fadinha colocou as mãozinhas na cintura. - Desde quando decidiu abandonar o seu filho em um lugar desconhecido, e não lutar para reencontrá-lo? Desde quando é um c-o-v-a-r-d-e... Prefere sentar aí, desistir da luta, pois é mais cômodo? Não tem um pingo de coragem para levantar e lutar? Então resolveu trocar a força de vontade pela desesperança?

As frases de Lila, ditas naquela ocasião e daquela forma, operaram algo diferente dentro da alma de Vanhardt. Ele lembrou-se de quando passou pela tortura de Crular, o maior sofrimento de toda a sua vida. Quando a nojenta criatura destilava um golpe que ele jurava ser o mais doloroso, sempre vinha um na seqüência que se mostrava pior. Comparando a situação em que se encontrava agora, e aquela outra, via que sua dor momentânea não passava de um grão de areia numa praia extensa. E assim, acabou entendendo que todo sofrimento traz um ensinamento, e que em vez de abaixar a cabeça e reclamarmos o quanto sofremos, devemos erguê-la e sentirmos lisonjeados, pois aprendemos uma coisa nova. Daquela tortura de Crular, ele acabou aprendendo que por mais que sua dor seja grande, ela passa. *Ela passa!* Então por que teria de ficar arrasado, sentindo-se um fracassado? Seria mesmo um covarde, como Lila o chamou?

Aquele foi o dia em que Vanhardt mais se decepcionou consigo mesmo, porém foi o ponto de início de um crescimento que atingiria proporções ilimitadas. Não importaria quantas vezes ele caísse, levantaria em todas, com coragem para olhar para frente e lutar pelos seus objetivos. Uma vontade de ferro foi se lapidando no

espírito desse guerreiro, e esta seria o único escudo que seus inimigos não trespassariam.

O filho da deusa do gelo encarou os amigos um por um: Ravina, Green, e Lila. Disse então, com voz pausada e confiante:

Está certa, Lila. Eu não desistirei, e garanto que nessa noite terei um encontro com minha mãe. Tratemos de nos preparar: Green ajunte as coisas, e apague a fogueira. Ravina, você poderia fazer uma rápida busca num raio de um quilômetro, e verificar se não há algum movimento suspeito. Lila ficará de vigia, pois não precisa dormir. Eu me acomodarei em minha cama improvisada.

Quem imaginasse que simplesmente se levantar dizendo que dali pra frente tudo seria mais fácil, como se as coisas ficassem realmente menos complicadas com uma frase, se enganaria completamente. Ravina fez sua busca, Green roncava como um porco, porém Vanhardt apenas rolava no seu colchão de folhas, lutando entre a vontade de desistir de tudo, e a de insistir em sua jornada, mesmo que doesse. Essa luta interna dificultava mais ainda sua concentração. Passaram-se uma, duas, três horas, e o filho da deusa do gelo chegou a pensar que o dia amanheceria e ele passaria o tempo todo acordado. Por algumas vezes quase dormiu profundamente, acordando assustado em todas. Finalmente, com o sol, o imponente castelo de Salazar, surgindo, ele conseguiu fazer com que seu corpo astral abandonasse o físico.

Por alguns segundos Vanhardt se perguntou se era aquilo mesmo, e ao ver os amigos deitados, Lila sentada no galho de uma árvore com os braços cruzados, e seu próprio corpo estendido, teve certeza. O próximo passo era ir até o castelo de sua mãe, o que demorou apenas uma fração de segundos assim que ele mentalizou o local.

O salão do trono continuava o mesmo, só que a deusa do gelo não se encontrava presente. Ele resolveu percorrer corredores e outras salas em busca de Léia, e acabou encontrando-a num

maravilhoso jardim, o qual nunca havia visto anteriormente. Abaixada, revirando a terra enquanto plantava flores de uma beleza tão radiante que até doíam os olhos do rapaz, a mãe de Vanhardt se mostrava serena. Ele aproximou-se lentamente, flutuando no ar, aterrissando ao lado da mãe. Esta, de costas para ele, e sem se virar, disse tranqüilamente:

Que bom que veio querido, sentia saudades! Fico feliz de ver que encontrou Flama. Pena que ela não foi tão útil...

Mãe, como sabe...

Depois de afogar a terra sobre as raízes de uma planta que tinha uma flor de sete pétalas amarelas, e um cálice branco, Léia levantou-se e fitou o filho.

Não faça perguntas desnecessárias Vanhardt, pois não sabemos quanto tempo conseguirá permanecer aqui comigo. Só de olhar pra você percebo seus sentimentos transbordando, esqueceu-se que é meu filho? Até mesmo uma mãe humana tem essa capacidade. Mas enfim, o que sucedeu para estar tão preocupado?

Flama se partiu, mãe, quando tentei romper o selo do Templo Dourado. O que faço agora...? Tenho medo de nunca mais encontrar meu filho!

Achei que você estaria pronto, mas fui muito adiantada. A culpa é minha, não se preocupe. Bem, só uma arma muito poderosa é capaz de romper o selo do Templo, e a que eu vejo ser de mais fácil acesso é Flama. Ela se partiu porque em verdade não é a arma que romperá o selo, e sim seu portador. A foice é um veículo para canalizar suas forças, e uma força muito grande precisa de um veículo de igual poder. Além disso, meu filho, você necessita ao menos enxergar aquilo que deve atingir, e pelo visto ainda não tem capacidade para isso.

Mãe, não fale assim, sinto-me ofendido.

Por que se sente assim, se ofendê-lo é a última das coisas que fiz? Pare de pensar tais bobagens, pois são elas que impedem seu

crescimento. Identificar-se com o mundo é um passo para o fracasso. Não irei, porém, ficar aqui a dar-lhe aulas, pois sei que de nada adiantariam. A vida é a melhor professora, e deixo pra ela este papel. Escute com bastante atenção o seguinte: Flama apesar de partida não está morta. Você precisa reavivar a sua chama, e eu conheço o local e quem poderá ajudá-lo. Siga pra o leste, e busque a caverna do Ciclope, responda o enigma, e poderá entrar. É na forja do Ciclope que o fogo de Flama irá reacender, e a arma será consertada. E antes de tentar romper o selo novamente, tenha certeza de estar preparado.

O filho da deusa do gelo se encheu de dúvidas, e com medo de não conseguir. Ele queria perguntar à sua mãe como era o enigma, como identificar o momento em que estaria pronto para romper o selo, se tinha notícias de Selena, mas sua ansiedade fez com que ele perdesse o foco. Não conseguindo permanecer naquele estado, logo se viu afastando de sua mãe, e do castelo de cristal. Finalmente levantou sobressaltado:

Ei, pessoal! - gritou Vanhardt, acordando Ravina e Green, este último coçando o olho e resmungando mal humorado. - Já descobri o que temos de fazer. Flama pode ser consertada na forja do Ciclope, que mora numa caverna ao leste daqui!

Oh-oh! - comentou o duende com os olhos arregalados, completamente acordado. - Sua mãe por acaso citou que para podermos entrar nessa caverna temos de decifrar um enigma?

Bem, ela falou algo do tipo. Por quê?

Não é nada não, ah, fique despreocupado. Simplesmente quem não consegue decifrar o enigma morre. E até hoje, todas as pessoas que tentaram entrar lá não tiveram outro destino!

Droga, minha mãe podia ter me dado a resposta do enigma...

-- Mesmo que ela soubesse, não adiantaria. O enigma muda a cada nova tentativa de decifrá-lo. Tomara que não tenhamos o mesmo destino das milhares de pessoas que já tentaram lá entrar...

Capítulo XLIV - *Charada Mortal*

Deveriam seguir para o leste, mas até quando? Vanhardt esquecera-se de perguntar à mãe quanto tempo levaria, se um dia ou uma semana. Green caminhava resmungando como sempre, acrescentando que aquele plano era uma idiotice completa e que deveriam pensar em outro. Lila por sua vez comentava com Vanhardt que idiotice era levar o duende com eles. Além de não ajudar em muita coisa, Green só reclamava. Ravina ia calada, pensativa, e olhando para os lados de vez em quando. Vanhardt só conseguia pensar no famigerado enigma. Milhares de pessoas tentaram decifrá-lo, e nenhuma conseguiu? Deveria ser um enigma difícilimo. Na verdade muitos enigmas, pois eles mudavam a cada nova pessoa que tentava desvendá-lo.

Green, você parece ser bastante informado. Sempre tem comentários a tecer sobre algo do qual nunca ouvi falar. Conhecia o povo de Fhirjn, a caverna do Ciclope e seu enigma... Onde obteve tanto conhecimento? - perguntou o filho da deusa do gelo.

O duende limitou-se a olhar em direção às algemas que carregava penduradas no pescoço, e respondeu:

Não quero falar sobre isso. Pelo menos aqueles Risalv me deram algo de bom... - emendou em voz baixa.

Risalv é o sobrenome de meu sogro e da esposa dele! Diga-me, como os conheceu, estou curioso!

Eu não quero falar sobre isso, não ouviu? Não insista!

O duende irritou-se profundamente, fazendo com que Vanhardt também se irritasse. Logo o jovem recordou que era desperdício

identificar-se com essas bobagens, e direcionou seu foco para a questão do enigma.

Depois de metade de um dia caminhando, chegaram ao alto de uma colina, de onde podiam, ver um gongo dourado na baixada, pendurado por cordas em hastes de madeira na altura de um humano pequeno, e com alguns símbolos inscritos nas bordas. O gongo encontrava-se no centro de um círculo de flores perfeitamente desenhado, que limitava uma área do tamanho de uma casa, e sobre um chão de pedras retangulares, pequenas. Atrás do círculo de flores via-se a entrada de um túnel, bloqueado por uma pedra em forma de disco, que parecia ter sido construída para encaixar-se ali perfeitamente, e provavelmente pesaria toneladas. O local era agradável, e tinha um aspecto antigo.

Enquanto desciam a colina, Green, que ia mais depressa, acabou tropeçando e rolando alguns metros no chão. Levantou-se furioso, e quando foi chutar o que achou ser uma pedra acabou estacando.

Ei, pessoal, estão vendo isso aqui? - disse o duende apontando pra um objeto cintilando no chão.

O grupo se aproximou, prestando bastante atenção no objeto que revelava um brilho intenso, metálico. O filho da deusa do gelo não perdeu tempo em cavar ao redor, e após poucos minutos eles retiravam o que parecia ser uma cota de malha prateada. À medida que a terra se desprendia da malha, deixando a superfície metálica refletir cada vez mais a luz do sol, algumas estruturas pesadas também despencaram de dentro da armadura. Com surpresa, o grupo percebeu que eram ossos.

Minha deusa! Olhem, ossos! Alguém foi enterrado logo aqui! - sussurrou a fadinha.

Enterrado ou apenas morreu depois de tentar decifrar o enigma, e continuou aqui! - disse o duende. - E agora Vanhardt? Sua mãe não falou o que teríamos de fazer quando encontrássemos a entrada para a caverna? Ou melhor ainda, depois de vermos o que acontece com

aqueles que tentam desvendar o enigma não deveríamos simplesmente dar meia volta?

Deixe de ser covarde, Green. Na verdade, a primeira pergunta deveria ser: como podemos ter certeza de que estamos no lugar certo? Esse corpo aí não prova nada - argumentou o jovem, atirando a armadura de volta na sepultura improvisada. Não profanaria o cadáver usando a armadura que foi enterrada ainda vestindo-o.

Está óbvio não? Ravina, Lila, o que vocês duas acham?

Acho que é aqui mesmo. Não há dúvidas. - respondeu a Guardiã.
- Este esqueleto, o gongo, o disco de pedra. Com certeza estamos na entrada da caverna do Ciclope.

Concordo com ela - disse a fadinha cruzando os braços, e olhando feio para Ravina.

Se é assim, sinceramente, não sei o que fazer! - disse Vanhardt.

O filho da deusa do gelo aproximou-se do gongo, e ia se ajeitando para sentar no chão, porém assustou-se quando sentiu algo raspando em sua panturrilha. Quase caiu pra trás quando percebeu que o que acabara de tocá-lo era uma das flores, um lírio, que vinha caminhando desajeitadamente sobre duas raízes que migravam da base de seu tronco. Ela acabou parando ao lado do gongo e virou-se para os quatro que observavam transtornados aquele estranho desfile. Abaixando a pétala superior, e ao mesmo tempo erguendo a inferior, o lírio assustou mais ainda os presentes quando uma voz suave saiu daquela "boca":

Olá companheiros, assumo que estão aqui para entrar no humilde lar do meu senhor, não é?

Olhando uns para os outros, sem saber o que dizer, esperaram que o lírio continuasse:

É falta de cortesia não responder quando perguntado. Por favor, desejam ou não entrar na residência de meu senhor? - disse a flor pausadamente, mas gentil.

Errr... S-s-sim... sim! - respondeu um Vanhardt vacilante. - Se o seu senhor foi o Ciclope, lógico.

Mas é claro que é. Pois muito bem! Lançarei-lhes então um enigma, só que se não forem capaz de resolvê-lo, temo que as vidas de todos serão perdidas. Assim diz a lei. Estão dispostos a aceitar os riscos?

Mas espere um pouco, é assim? - perguntou automaticamente Green, apontando zangado para o lírio. - Você chega e pergunta se estamos dispostos a morrer, sem tempo pra pensar direito? E por que nós devemos morrer se não acertarmos? E por que não morre apenas um de nós? Não, não, não, pode parar! Que diabo de "lei" sem sentido é esta?

Desculpe, senhor, não fui eu quem escreveu a lei. Aceitam ou não, é minha última pergunta? - disse a flor, cruzando duas raízes que saíam da metade seu tronco, parecendo bracinhos.

Alguns segundos transcorreram, nos quais um pesado ar se abateu sobre os presentes. Sabendo que aquilo colocava a vida de todos em risco, Vanhardt olhou para cada um, querendo confirmar suas decisões. Só Green não balançou afirmativamente a cabeça, e disse:

Você viu o que acontece com aqueles que falham, logo ali atrás! Tenho certeza que se o cadáver pudesse falar, ele teria a mesma decisão que eu!

Tudo bem Green, eu não esperava mesmo que você arriscasse a sua vida desse modo. Sendo assim, temo que terá de abandonar o grupo - Vanhardt olhava pra baixo, sério.

Após aquela frase, Green mais uma vez olhou para sua algema pendurada no pescoço. Relutou por alguns segundos, balançou a perna, ansioso, respirou fundo algumas vezes, e finalmente:

Se é o único jeito, não é...? Ok, eu topo! Mesmo sabendo que é suicídio...

Ao notar que todos finalmente concordavam, Vanhardt deu um passo para frente, colando na flor, e disse:

Aceitamos. Diga logo qual é o enigma.

Naquele momento, o lírio girou sobre os "pezinhos", e retirou uma das pétalas laterais da "cabeça", erguendo na sua frente como se estivesse preparado para ler uma folha de papel. Então começou a cantar uma suave melodia enquanto dançava alegremente:

*Desejam logo na caverna entrar
Então o enigma devem desvendar
Se a resposta certa, a boca conter
O gongo precisam forte bater*

*Alto e claro, diga bem bonito
O que existe no fim do infinito?
Mas se errada a resposta se mostrar
A morte certa não irá tardar*

Novo silêncio, e muitas rugas nas testas. Ravina sentou com a mão sob o queixo. A fadinha também pesquisou uma posição mais confortável, e decidiu se posicionar sobre a haste de madeira que segurava o gongo. Green tinha outras preocupações, e perguntou para o lírio:

Ei, baixinha, quanto tempo temos para resolver o enigma?

O tempo que precisarem. Porém devo alertá-los de que não devem em hipótese alguma sair do círculo delimitado por minhas irmãs, pois não sobreviveriam.

Que azar, estou com fome. Não pode dar uma dica da resposta? - perguntou o duende despidoradamente.

Claro que não! E pensem bem antes de responder, pois se errarem... - a frase da flor morreu no ar misteriosamente. - Então boa sorte, retornarei agora para minha hibernação.

O lírio tomou o rumo de volta para o seu lugar entre as outras flores, enfiando as raízes no chão, e ficando imóvel, igual a uma flor comum. Naquele intervalo, Vanhardt dava cascudos na cabeça, pensando que facilitaria o processo de raciocínio:

Esse enigma está errado, só pode ser. O infinito não tem fim, por isso mesmo é "infinito". Então por que perguntam o que há no fim? Só se for o próprio infinito... Será essa a resposta? Não parece ser muito boa, óbvia demais. O vazio quem sabe? Ai, que dor de cabeça.

Green desistira de achar a resposta, pois pensava que tudo aquilo não passava de um truque, e eles deviam tentar encontrar uma maneira melhor de entrar na caverna.

Não concorda comigo, Lila?

Claro que não! Até a deusa do gelo disse que teríamos de decifrar o enigma. E você também viu o cadáver! Acha que ele morreu por causa de um truque? Faça o favor de usar essa sua cabecinha oca para nos ajudar.

Meia hora se passou. Vanhardt e Lila discutiram se a resposta seria "o próprio infinito" ou "nada", mas nenhum deles tinha certeza, e não queriam arriscar a vida, pois pelo visto contavam com apenas uma chance. Ravina continuava calada e quieta. Green passou a reclamar:

Estou com fome-e-e-e! Não tem nada sobrando aí com vocês, não?

Cale a boca, Green! Não está vendo que estamos concentrados? - respondeu a fadinha.

Estou com sede também, o sol está quente! Aff, que ridículo, não há nada no fim do infinito... Pelos deuses! Não acredito que irei morrer por culpa de um enigma idiota como esse! Bem que eu avisei pra darmos meia-volta. Eu sabia, sabia que era idiotice, mas ninguém me escuta! Agora por insistência de vocês...

Green, pelo amor da deusa, quando é que vai calar a boca? - tornou a fadinha começando a ficar irritada.

Ei, esperem um pouco... Há!Há!Há! Só pode ser!

Só pode ser o quê, Green? Sabe a resposta? - perguntou Vanhardt esperançoso.

É claro que encontrei! Vocês são mesmo uns palermas, e só a minha inteligência superdesenvolvida é capaz de nos tirar dessa situação! Salve Green, o imperador do reino da inteligência! Ufa, que sorte, eim? O Van também pode compartilhar os elogios, pois ele foi muito sábio ao permitir que um intelecto superior como o meu se unisse ao grupo, e assim viesse até aqui salvar o traseiro de todos!

Poupe-me desse discurso pedante e nos dê logo a resposta, seu chato! - disse a fada.

Ram-ram... - o duende coçou a garganta. - A resposta é "o céu"!

Vanhardt, Lila e Ravina entreolharam-se surpresos. De onde Green havia tirado aquela resposta? Antes que alguém lhe perguntasse, ele se adiantou:

Prestem bem atenção, meus companheiros de limitada sapiência. O terceiro verso da primeira estrofe diz: "Se a resposta certa a boca conter". Então pensei que a resposta estaria na boca. No caso, a boca era a do lírio, ou seja, a resposta estaria dentro do próprio enigma. E pensei neste trecho "alto e claro" como uma dica! A pergunta em si seria assim um desvio da real resposta? E claro que não! É só pensarmos: o que existe depois do infinito, se não o imaginário... o céu?

O duende ria solto, satisfeitíssimo com a excelente dedução que fizera. Seus três companheiros, entretanto, continuavam calados, sem esboçar um sorriso ou uma reprovação. Vanhardt foi o primeiro a não se agüentar, colocando a mão na boca:

Pf...Pf... HÁ! HÁ! HÁ! HÁ! HÁ! HÁ! HÁ! HÁ!

Não só o filho da deusa do gelo gargalhara, mas aliaram-se a ele a fada e a Guardiã sem se intimidarem. Vanhardt era porém o mais exaltado, e segurava sua barriga enquanto rolava no chão e

derramava um rio de lágrimas de seus olhos. O duende se mostrou furioso e ofendido, e gritou, abafado pelas risadas:

Não acreditam, não é? Pois vou mostrar a vocês que a resposta é certa!

O duende, ignorando a zombaria dos companheiros, pegou um espeto de ferro com a ponta envolvida em um tufo de algodão, que repousava encostado numa das hastes de madeira que sustentava o gongo. Com os pés firmes no solo e os braços descrevendo um círculo, ele já ia acertando o gongo em cheio quando a Guardiã pregou-lhe um tapa na nuca, obrigando-o a soltar o objeto. Ela apropriou-se do instrumento, e terminou o serviço de Green, fazendo o gongo vibrar. O som penetrou nos ouvidos dos presentes como se fosse mágico, pois transmitia uma sensação de leveza e pureza, e não era agudo ou grave, mas num tom neutro, indescritível em palavras. Foi aí que a Guardiã estufou o peito, e disse:

"O"!

O chão começou a tremer como se houvesse um terremoto, e Vanhardt viu o medo invadir-lhe o pensamento. Como Ravina pôde fazer aquilo, responder sem consultá-los, e além do mais "o"? Até a tentativa de Green fazia mais sentido. A fada e o duende não pensaram diferente do filho da deusa do gelo, e o segundo até fechou os olhos, clamando por misericórdia ao "majestoso Ciclope". No meio do desespero, o disco de pedra que bloqueava a entrada da caverna rolou para o lado, permitindo que uma corrente de ar barulhenta entrasse com força no túnel. O tremor parou, e as flores que aparentemente acordaram de sua hibernação, bateram palmas e assoviaram alegremente. Green foi o que demonstrou maior felicidade, ao ver suas preces atendidas.

Gente, não posso acreditar. Estou vivo! Vivo! E sem nenhum arranhão, a não ser esse aqui no joelho... Eu sabia, sabia que conseguiríamos!

Sim, porém não graças a você, seu bundão! - a fadinha então mostrou-se sem jeito. - Obrigada Ravina, você decifrou o enigma. Mas diga-nos, por que "o"?

Eu apenas pensei: o que há no fim da palavra "infinito"? A letra "o".

Após Vanhardt aplicar alguns tapas na própria testa, ao perceber que a resposta era tão simples, chamou os companheiros:

Está tudo muito bom, está tudo muito bem, mas completamos apenas a primeira parte. Agora resta-nos encontrar com o Ciclope, e pedi-lo que conserte Flama. Tomara que ele não fique bravo por termos feito esse barulho todo...

Capítulo XLV - O Oráculo

A casa possuía três andares, e ocupava o centro do terreno. As paredes eram pintadas de cinza, um telhado ondulado que obedecia a arquitetura do resto da cidade cobria-lhe o teto e a única porta existente ficava na face sul, onde Léia se encontrava. Os habitantes mesmo tendo nascido ali, tinham a sensação de serem pequenos sempre que viam a mansão, e que alguma energia indefinida emanava daquele local.

Quando Léia parou junto ao portão de entrada, e depois de alguns segundos ameaçou ir entrando, dois guardas cruzaram lanças à sua frente, e um deles falou com voz séria.

Alto lá! Esta é a humilde residência do oráculo. Diga seu nome e o que deseja, antes de tudo!

A deusa encolheu-se dentro do casaco, mas manteve a postura ereta, e disse:

Pra quê, leal soldado? Se o oráculo possui mesmo o dom da previsão, devia saber que eu viria aqui, não é? Então vocês saberiam de antemão o que desejo...

Os guardas entreolharam-se assustados, pois não esperavam aquela resposta. Um deles adiantou um passo, abriu a boca, mas antes que sua voz saísse ouviu-se um estalar de dedos, e ambos os soldados caíram adormecidos no chão. Como se nada de mais estivesse acontecendo, e murmurando uma singela melodia, Léia passou por cima dos corpos e abriu o portão, que não se apresentava trancado. Outros soldados, que ao olharem pro lado viram seus companheiros caídos, correram para checar o que acontecera, e Léia

estalou os dedos mais uma vez, fazendo com que eles também adormecessem.

A deusa do gelo então cruzou o pátio, e subiu três degraus de madeira, chegando a uma pequena varanda que dava acesso à porta da casa. Ela esticou o braço para girar a maçaneta, porém não precisou continuar, porque esta se abriu sozinha.

Uma névoa densa circulava dentro da casa, sem conseguir esconder completamente um corredor que parecia seguir reto. Léia se desvencilhou do velho casaco que usava como disfarce, e penetrou sorrateiramente no cômodo. A temperatura era mais baixa do que a do lado de fora, e um cheiro misterioso de incenso circulava pelo ambiente, deixando-o mais intrigante. Léia constatou que as paredes do corredor eram na verdade espelhos, que não refletiam a deusa como ela se apresentava, e sim a aparência da deusa da morte. Seu vestido era negro e tocava o chão, um pequeno decote mostrava-lhe um busto avantajado, e uma fita vermelha prendia-lhe os cabelos, que caíam até as costas. O contorno dos olhos era escuro, deixando-os mais evidentes, e os lábios eram arroxeados - o restante, porém, continuava igual.

A deusa permaneceu parada alguns segundos, admirada por se ver como era há milhares de anos, e ela só deixou aquele estado semi-hipnótico quando uma voz desconhecida, de criança, ecoou do fundo do corredor:

Há muito tempo esperava pela sua visita... - o tom era de uma menina por volta dos dez anos de idade. - Venha até aqui! Temos muito que conversar...

Após utilizar a magia *Hoslo dentele*, buscando enxergar sem interferências o fundo do corredor, e não vendo nada além de um espelho, a deusa passou a caminhar lentamente. Acabou notando que até mesmo o chão e o teto eram espelhos, e refletiam-na com a antiga aparência. O corredor virava para a direita e continuava reto, mas revelou inúmeras outras saídas de ambos os lados. A deusa do

gelo acabou percebendo que a mansão não passava de um labirinto de espelhos. Enquanto caminhava pelo labirinto ouvia risadas infantis, que vinham de lugar nenhum. A tensão no ar era evidente, e Léia sentia que a qualquer momento algo a surpreenderia. Ao fim de poucos minutos, chegou ao final do labirinto, encontrando uma porta branca, sem maçaneta.

A porta caiu para trás sem fazer barulho, assim que Léia acertou-lhe uma pancada com o cetro de prata tirado do vestido. A sala revelou-se muito mais intrigante do que a deusa poderia supor. Não era lá muito grande, mas o fato de conter apenas duas cadeiras brancas, uma de frente para a outra, tornava-a aparentemente maior. O teto, o chão, e as quatro paredes eram cinzas, e traços borrados de branco e preto dançavam, como se a tinta estivesse viva. Em uma das duas cadeiras, sentava-se uma menina com cabelos dourados e encaracolados, rosto alegre, inocente, que apontou a cadeira em frente.

Entendendo que aquela era o oráculo, e que ela pedia para a deusa se sentar, Léia caminhou sem abaixar o cetro até o móvel. Observou longamente a menina, que tinha os olhos azuis como o céu, e sentou-se com algum desconforto na cadeira. A garota foi a primeira a dizer:

Olá, Léia! Achei que havia errado minhas previsões, e você não viria... Demorou mais do que o esperado! Diga-me logo, o que achou daquele meu brinquedinho lá fora? Sempre tive curiosidade de saber o que um deus veria se passasse por ali... Com humanos é tão chato... Só os vemos velhos, ou um vazio, o que indica que eles morrerão em pouco tempo. Só que com uma deusa deve ser bem mais divertido!

A deusa do gelo surpreendeu-se com o que o oráculo falou, e perguntou com uma sobrancelha arqueada:

Um momento. Quer dizer que aqueles espelhos mostram... o futuro de quem passa ali? Ou melhor dizendo, a aparência futura?

Exatamente! - a garotinha bateu palmas escandalosamente. - E então, o que você viu? Algo interessante?

Ao tomar consciência do que aquela visão representava, Léia não pôde mais fingir qualquer falta de interesse, ou de curiosidade. Ela não queria se expor, mas o oráculo atingira-a tão profundamente que não fazia sentido simular que não precisava das previsões. Antes, contudo, que a deusa fizesse mais perguntas, o oráculo continuou com um sorriso desprovido de malícia:

— Bem, não precisa me dizer, deve ter sido interessantíssimo pela sua reação. Só que não fará diferença, pois meu futuro também já foi definido. Sim querida, esta é uma das verdades: eu decidi ficar aqui, para lhe contar seu futuro, e por isso minha morte é certa e virá rápida. Daqui a pouco eles estarão tocando a campainha, e nem me importa! Eu fiz a minha decisão, a de te ajudar, e assim talvez Kether tenha um futuro menos sombrio... Lembre-se amiga que o futuro não é sempre pré-definido; temos nossas decisões, e estas sim levam a futuros mais definidos. O futuro, aliás, é a somatória de várias forças, e cada uma representa uma vontade. Ah, já me alonguei demais, esqueça essas divagações. Sei que você está aqui por três perguntas, e iremos então diretamente a elas, pois talvez não tenhamos tempo. A primeira; quem é o traidor? A segunda; o que é o cubo, "a chave"? E a terceira; onde está Selena? É melhor então se ajeitar nessa cadeira, pois o que irei te contar irá causar um rebuliço fantástico, e mudará de uma maneira nunca vista o destino de Kether.

Capítulo XLVI - *Fome de um Exército*

Vanhardt liderava a fila; atrás dele vinha Lila com a ponta do indicador emitindo luz, em seguida Green, resabiado, olhando para as paredes e chão, e na retaguarda Ravina, com seu bastão de madeira erguido defensivamente. O túnel seguia por uma escada que descia em linha reta, e era impossível ver o seu fim; na verdade, era até difícil avistar o que havia dois passos à frente do próprio nariz. Graças à providencial luz de Lila, eles passaram a enxergar até cinco metros, mas nada além disso.

Não bastasse a escuridão que por si só era desconfortável, havia um silêncio tão sinistro e maçante qtte se alguém se esforçasse podia ouvir até as batidas do próprio coração. A cada lance de escadas vencido, Vanhardt sentia que se encontrava mais próximo de ser devorado pela escuridão. Green foi o primeiro a quebrar o clima:

Cuidado, Van! - gritou o duende, apontando para frente.

- Onde? - o filho da deusa do gelo arregalou os olhos, com os braços prontos para se defender de algum ataque inesperado.

Há!Há!Há! É brincadeirinha, só pra descontrair... Estão todos muito tensos...

Seu miserável, quase tive um infarto! Se pensar em fazer outra piada como essa, pode ter certeza que será a última!

Minutos mais tarde eles continuavam em seu curso, só que com calor. Teias de aranha surgiram nas paredes de terra, e uma delas grudou nos fios de cabelo da fada. O grupo também percebera que o som de metal se chocando, vindo do fundo do túnel, fazia o chão vibrar. Vinte degraus mais pra baixo e o calor que era levemente

incômodo se tornara insuportável, a ponto de fazer o duende tirar a camisa e amarrar na testa, como uma bandana.

Ô fadinha, quer parar de olhar pro meu peito musculoso! - disse o duende, dando tapinhas no tórax.

Eu não estou olhando pra você, seu convencido! Não ousaria maltratar meus olhos com uma visão tão horrorosa - respondeu Lila indignada.

Antes que a dupla iniciasse mais uma de suas intermináveis discussões, Vanhardt colocou o dedo nos lábios e chiou, pedindo silêncio. Os dois pararam e ele apontou para frente, onde uma luz fraca podia ser vista.

Olhem, uma luz! Parece ser um salão... Os barulhos e o calor certamente estão vindo de lá. Agora façam silêncio para não sermos surpreendidos. Não sei se o Ciclope está lá, e se estiver também não posso afirmar com certeza se ele nos receberá bem. Portanto, estejam alertas!

Com redobrado cuidado o grupo desceu os últimos lances da escada. Um arco prateado que passava de uma parede para a oposta, e beijava o teto entre elas, determinava o fim do túnel. A sua frente cuidava o local de onde nitidamente vinham os sons metálicos. Vanhardt foi o primeiro a se abaixar para poder enxergar melhor.

O salão tinha o formato circular, iluminado por archotes presos nas paredes, grande o bastante para abrigar uma festa com mais de cem convidados. As paredes e chão eram de pedras da cor verde. Uma fornalha de pedra ocupava todo o lado oeste, e abaixo dela centenas de quilos de brasa ardiam revoltosas. Mais ao norte, uma pequena cachoeira de dois metros de largura desaguava em um riacho, que corria rente ao lado leste e passava debaixo da parede em algum ponto. O que mais interessou ao grupo, entretanto, foram as pequenas e robustas criaturas que corriam de um lado para o outro.

Eram bem mais baixos que um humano comum, porém alguns centímetros mais altos que um duende como Green; seus ombros

eram largos, barrigas proeminentes, e a maioria usava longas barbas que quase tocavam o chão, podendo ser das cores pretas, marrons ou ruivas. Os cabelos se mostravam das mesmas cores que as barbas, e alguns usavam tranças, enquanto outros os deixavam desgrenhados. Os pequeninos, sem nenhuma exceção, trabalhavam arduamente: uns carregando carvão em carrinhos até o forno, outros balançando abanadores para avivar as brasas, e alguns martelando chapas de ferro sobre bigornas. Podiam-se contar pelo menos cinquenta deles no salão.

Que legal, anões! Eu tinha um ótimo amigo anão, que conheci em Karnak. Ele só era meio rabugento... Ah, pra ser sincero era bem chato. Bem, acho que até não era muito meu amigo. - Green conversava consigo mesmo enquanto os outros se interrogavam se deveriam falar com os anões ou fingir que não estavam ali.

De repente, uma corneta soou tão forte que obrigou a todos taparem os ouvidos. Os anões gritaram e lançaram as mãos pro alto, largando imediatamente suas obrigações e correndo para uma porta ao leste. Segundos depois os primeiros saíram carregando uma gigantesca travessa, com três suculentos javalis assados, de maçãs nas bocas. Eram necessários cinco deles para erguerem a travessa, e se encaminharam para a cachoeira. Esta, como se obedecesse a um comando automático, partiu-se ao meio, revelando uma abertura pelos quais os anões passaram. Não demorou para que esses voltassem, e quase esbarrassem com outro grupo que dessa vez levava uma panela para a passagem sob a cachoeira. A panela era do mesmo tamanho que a travessa, porém continha torta de queijo, recheada com beterraba e brócolis. Os oito anões que a carregavam passaram debaixo da cachoeira exatamente como o primeiro grupo, e logo foram avistados mais anões trazendo dessa vez quase uma tonelada de arroz colorido, juntamente com outro que sozinho levava pratos e talheres bem maiores que o normal.

Eles estão pensando em alimentar um exército? - perguntou Vanhardt com a mão sobre a barriga, e língua roçando os beiços.

Puxa, bem que eles podiam oferecer um pouquinho pra gente! - acrescentou Green imitando Vanhardt com as mãos e a língua.

Acho melhor perguntarmos logo onde está o Ciclope. Ainda não entendi por que estamos parados aqui, sem fazer nada - disse a fada sentada sobre os ombros de Vanhardt.

A Guardiã não esperou a confirmação de Vanhardt e ficou na frente de cinco anões que levavam dessa vez uma jarra com três metros de altura, e continha leite. Os anõezinhos pararam, e um deles com a barba ruiva, disse asperamente:

Saia logo da frente! Quer que o Ciclope fique furioso por atrasarmos seu lanche?

Essa comida toda é só para o Ciclope?

É claro, mulher! Agora nos deixe passar ou enfrente a fúria de nosso mestre!

Com dois passos para a direita, Ravina cedeu passagem para os anões que aceleraram as perninhas rumo à cachoeira. Vanhardt e os outros se aproximaram, e o filho da deusa do gelo comentou reflexivo:

Pelo que entendi, o Ciclope está em algum lugar debaixo daquela cachoeira. Vamos esperar outro grupo de anões para seguirmos por ali.

E se eles não nos deixarem entrar? - perguntou sensatamente Lila.

Azar deles! - respondeu Vanhardt, preparando-se para ir atrás de mais anões que quase morriam de tanto esforço para erguer uma tigela com geléia de maçã.

Os quatro seguiram os anões por debaixo da cachoeira, os quais não ofereceram resistência alguma. Não foi grande a surpresa quando viram uma sala, decorada com lustres e cortinados, e uma mesa de dez metros de comprimento entupida com todas as iguarias

culinárias que viram passar. Na única cadeira que havia, no final da mesa, um ser parecido com um homem, mas com o dobro da altura e o triplo da largura, avançava furioso sobre uma das cochas do único javali restante. Os ossos dos outros repousavam sobre um prato à esquerda da mesa, provas fúnebres de que a fome daquele enorme ser era assustadora. Quando Vanhardt e os outros aproximaram alguns passos, ele parou de comer por um momento, e virando-se para os intrusos, mostrou-lhes um único olho no meio da testa de uma cabeça redonda e careca.

Quem são vocês? - perguntou o Ciclope com os dentes escondidos atrás de uma montanha de arroz com queijo, e uma fatia gordurosa de javali.

Meu nome é Vanhardt Mohr Daicecriv, e estou aqui para consertar uma arma. Esses são meus companheiros Lila, Green e Ravina.

Mais um grupo de aventureiros que decifrou o enigma? Não acredito, já é o quinto só neste século! Muito bem, esperem-me terminar este lanchinho e aí veremos o que posso fazer.

Green não escapou de um tapa no pescoço e uma reprimenda por fazê-los se assustar ao ter dito que ninguém havia decifrado o enigma até hoje. A comida não sobreviveu a dez minutos de ataques constantes do Ciclope, que terminou com um sonoro arrote.

Buuuuuuuuuuurrrp! Desculpem-me, é que costumo comer sempre sozinho! Ah, que falta de educação a minha, nem ofereci para que se servissem. Sei que não é uma boa justificativa, mas é que era tão pouquinho, e talvez não me sustentasse até a hora do lanche da tarde. Esses anões estão ficando moles e preguiçosos, e não fazem comida como antigamente. Estão servidos? - o Ciclope, apesar da aparência bruta, tinha uma voz paternal.

Eles iriam dizer que não, porém Green foi mais rápido e atrevido:

Estamos, sim, senhor! Faz séculos que não comemos direito! - observou o duende de maneira sincera.

Muito bem, vou providenciar alguns aperitivos enquanto conversamos. Kiki, diga ao cozinheiro que temos convidados e gostaríamos de mais alguns quitutes!

Um anão que até aquele momento se manteve escondido atrás do Ciclope saiu rapidamente em direção à cachoeira, resmungando baixinho. O Ciclope se limpou com um lenço, e levantou-se desajeitadamente da cadeira. Revirou seu único olho, de tonalidade castanha escura, encarando bem os visitantes, e então tornou a falar:

Estão aqui para consertar uma arma, certo? Pois preciso ser pago para fazer o serviço, e não é com qualquer moeda mundana. Só aceito quantuns, ou seja, energia divina.

Léia não havia dito nada sobre pagar o Ciclope, e por um momento Vanhardt achou que ela se esquecera de um detalhe importante. Coçando a orelha por trás, ele disse ligeiramente constrangido:

Desculpe, senhor Ciclope, mas minha mãe não falou nada sobre energia. Ela apenas disse que era pra decifrarmos o enigma, e que na sua forja, Flama seria consertada...

Ah, Flama, então você é o filho da deusa do gelo! Está tudo certo meu rapaz, eu e a deusa do gelo já nos acertamos devidamente! Não precisa se preocupar com nada. Agora me siga - o Ciclope fez sinal com as mãos, e foi para uma porta no canto oeste da sala.

Quando todos passaram pelo arco da porta tiveram a sensação de que o Ciclope era maior ainda, pois este teve de se abaixar enquanto eles não alcançavam o topo nem com os braços esticados. Lá dentro uma fornalha se erguia num canto, enquanto no outro, pilhas com livros de um metro de comprimento e uma cadeira gigante disputavam espaço. Com um movimento rápido o Ciclope encostou o indicador no peito desnudo de Green e comentou:

Eu estava aguardando para que você se compusesse de maneira mais distinta sem que fosse preciso chamar-lhe a atenção, porém vejo que de nada adiantou... Quer fazer o favor de vestir essa camisa

ou precisarei ser rude? - o Ciclope agora parecia bravo, e imediatamente o duende atendeu a ordem.

É que estava fazendo calor, e eu acabei esquecendo... Mas já não está tão quente, até que o clima está bem agradável...! - disse Green com um sorriso amarelo e gotas de suor brotando na testa.

Hmpf, que seja! Vamos ao que interessa; Vanhardt, onde está a poderosa foice?

O filho da deusa do gelo retirou a arma de dentro do braço, como já estava acostumado. Por um instante mais rápido que o próprio pensamento, ele imaginou que fazia a coisa errada, mas acabou se tranqüilizando. Confiava em sua mãe, e concluiu que ela julgaria bem o Ciclope. Este, depois de tocar nas duas metades de Flama, balançou a cabeça pra cima e pra baixo, e afirmou:

-- Queridinha, o dano foi realmente sério... Deve ter doído, não?

E "queridinho"; Vanhardt é homem senhor Ciclope! - comentou Green respeitosamente.

É óbvio que sim, estou conversando com a foice! - o Ciclope contraiu a sobrancelha e aproximou-se perigosamente do duende. - Está achando que sou burro?

Excelentíssimo Ciclope, vai realmente se importar com o que uma criatura tão débil como esse duende aqui diz? - a fadinha se enfiou entre os dois, procurando apartar um possível conflito, que teria um resultado no mínimo letal para Green. Então virou o rostinho para ele e sussurrou asperamente. - Quer calar a boca seu imbecil? Não vê que o está deixando cada vez mais irritado?

Com o duende devidamente preso entre os braços da Guardiã, e com uma mordança em sua boca, o Ciclope pediu a todos que se acomodassem, ou se preferissem, retornassem à sala de trás para comer, pois a mesa já tinha sido posta com mais quitutes. Green não ousou se mover, e todos afirmaram que estavam bem.

— A arma sofreu um trauma severo, e não sei se poderei salvá-la! Terei até mesmo que fazer algumas modificações. Entretanto estou

certo de que se conseguir, ela ficará mais forte do que jamais esteve. Tomara que funcione, pois seria uma perda realmente infeliz.

Se o Ciclope não reparasse a arma, Vanhardt não teria como abrir o Templo Dourado. O jovem andou até a cadeira que se escondia no meio das pilhas de livro, e sentou-se com pouco conforto, pois ela era muito grande. Então fechou os olhos, e torceu para que tudo desse certo.

Capítulo XLVII - *A Visão do Oráculo*

A garotinha, do alto de seus dez anos de idade, também conhecida como oráculo, levantou-se de sua cadeira cuidadosamente, colocou os braços nas costas e deu uma volta por trás da cadeira onde Léia se acomodava. A deusa do gelo não moveu a cabeça, esperando que o oráculo retornasse, o que não tardou a acontecer. A menininha parou a menos de um metro da deusa, e ambas passaram a se encarar, como se disputassem quem desviaria o olhar primeiro. Léia chegou a pensar em adotar uma postura defensiva quando viu o oráculo fechar os olhos, porém algo notável ocorreu.

Um desenho circular, de contornos dourados, do tamanho de uma moeda, surgiu bem no meio da testa da garotinha. Seu corpo começou a chacoalhar, as mãos suavam sem parar, e os cabelos cacheados se projetavam para trás desordenadamente, como se ela estivesse no meio de um furacão. De repente, para a surpresa da deusa, o contorno inferior do círculo se ergueu, como uma pálpebra, e uma íris vermelha apareceu no meio de uma esclera branca. Um verdadeiro olho, um terceiro olho, acabara de surgir no meio da testa do oráculo, e emitia uma luz cegante.

A garota esticou os braços na horizontal, um para a direita e o outro para a esquerda, e de sua boca saiu uma voz que parecia vir de muito longe:

— O primeiro que tanto procura não será revelado hoje, e sim amanhã, pois a roda do destino tem seu próprio ritmo. Pois o segundo em comando, aquele cujo nome se mostrou conhecido há

pouco, e é maldito pelos quatro cantos de Kether, Mondovar, o supremo Lorde, este sim será revelado hoje. E lágrimas vermelhas rolarão, gritos de dor cortarão os céus, a terra se abrirá sobre o solo do herói, quando a máscara de ferro cair. É importante, entretanto, que quando a terra do gelo for ameaçada pelos braços negros, sua deusa se mantenha quieta, porque não vencerá, mesmo que devote todos seus esforços. Só o retorno do Elohim para sua casa poderá trazer a vitória, porém devo alertá-la que a roda do destino é frouxa nesse ponto, e o futuro não está selado.

A segunda resposta é aquela que não a perturba tanto, mas será de fundamental importância para o ciclo. A chave é mesmo cúbica, e não apenas de portas. Janelas são abertas para quem as possui, e pode-se enxergar o outro lado. Cubra sua chave, para que os olhos sombrios não vejam mais sua casa. E envie-o para o Elohim, quando este precisar abrir as portas para a fonte do poder daquele primeiro, o traidor. Lembre-se que quatro darão poder a um, mas quatro menos um é pouco, e não suficiente. Lute pelo quatro menos um.

A terceira pergunta está relacionada à primeira resposta, e aflige mais o Elohim do que a deusa. O lugar onde ela se encontra é de muita dor e sofrimento, pois fica justamente nos domínios do segundo em comando. E para libertá-la, o Elohim infelizmente terá de matá-la. É isso que os olhos me mostram, e que a verdade em minhas palavras sejam corroboradas pelo futuro que se fará presente.

O oráculo caiu no chão, aparentemente sem forças, e Léia apressou-se para ajudá-la a se levantar. Quando ela conseguiu, um sorriso singelo brotou em seu rosto, e repentinamente as luzes que iluminavam a sala se apagaram. Um barulho de passos ecoou, e Léia notou que sua mão não tocava mais o braço da menina. Ela instantaneamente esfregou a ponta de um indicador no outro, e elas se acenderam como se fossem lanternas, deixando todo o salão claro

novamente. Léia não viu o oráculo, que havia desaparecido, mas o que se evidenciou trouxe-lhe à memória lembranças terríveis.

As criaturas que infestavam o salão eram não menos do que trinta. Vestiam capas pretas rasgadas, mãos esqueléticas empunhavam espadas, e os rostos eram completamente tomados pela escuridão. Eram as mesmas que um dia invadiram seu castelo quando ainda era a deusa da morte. Um som semelhante a uma gargalhada misturada com um grito de terror ressoou na boca de cada criatura, e uma aura maligna tomou conta do ambiente. Aquilo não exercia efeito sobre a deusa do gelo, mas se um ser humano comum estivesse ali sentiria tanto medo, que ficaria paralisado antes mesmo de respirar.

Flutuando a alguns centímetros do chão, as criaturas passaram a girar em círculos em volta da deusa, mas esta permaneceu parada. Como se estivessem obedecendo a uma ordem, todas se lançaram na direção de Léia ao mesmo tempo, fechando o círculo, com o intuito de pôr fim à sua existência. Foi então a vez da deusa entrar debaixo da capa prateada que carregava nas costas, se transformando num bloco pontiagudo de gelo. As criaturas rebateram no bloco e caíram no chão, sem conseguir causar qualquer dano. Um barulho estridente de vidro se quebrando tomou conta da sala, sucedendo a um heróico contra-ataque da deusa: ela saía de dentro do bloco de gelo quebrando-o, e lançando centenas de farpas de gelo afiadas em todas as direções. As farpas grudaram nos ossos e nos farrapos das criaturas, que aparentemente não sofreram nada, pois gargalharam como da outra vez.

Antes, contudo, que fizessem uma nova investida, a deusa do gelo sorriu. Ela ajoelhou-se em uma das pernas, bateu palmas duas vezes, e milhares de pequenas explosões se seguiram, refletindo os tons vermelho, verde, azul e amarelo. Sons graves e retumbantes completaram a belíssima, porém dramática cena. Foram as lascas de

gelo, grudadas nos vasos, que explodiram, derrotando de uma só vez todos os inimigos.

Léia sentiu que mais criaturas vinham pelo corredor, e que logo estariam espalhadas por toda a mansão. *O que teria acontecido ao oráculo?* Ela havia revelado que se ficasse para ajudar a deusa do gelo, acabaria sendo morta. *Mas... será mesmo?* Léia não queria perder tempo lutando, pois apesar de serem aparentemente fáceis, podiam esconder algum perigo. O traidor não teria enviado esses soldados à toa. Por quê? Com tais perguntas em mente, Léia passou pelos corredores de espelho numa velocidade maior que a do som, como se dançasse, desviando acrobaticamente de centenas de criaturas que tentavam acertá-la. Ela pulava sobre algumas, acertava outras com o cetro, e ainda empurrava as próximas, e finalmente atingiu o último corredor e enxergou a luz do sol.

Qual não foi a sua surpresa quando viu, espalhadas por todo o jardim, centenas e mais centenas de criaturas sombrias. Quem estivesse bem do alto veria apenas um colchão negro contornando a mansão. As ruas estavam desertas; as pessoas e até mesmo os guardas não suportaram ficar próximos. Um vento frio passou sobre o ombro de Léia, que aproveitou para fechar a porta da mansão assim que saiu, selando as frestas com gelo inquebrável. Sua intenção era evitar que mais inimigos viessem lá de dentro. Sem se perturbar, a deusa desviou os olhos para a multidão que se formava em sua frente. Por um segundo achou aquilo tudo até bonito, só que não era hora de ficar apreciando um exército de seres esqueléticos que gostariam de vê-la morta.

Sem pressa, ela esticou o braço direito para cima, e como um raio disparou para o céu, quebrando o teto de madeira da varanda. Léia subia, dezenas de vezes mais veloz que uma águia, sentindo o vento agradável brincar com sua roupa e cabelo. Ela voava muito pouco, mas em todas as oportunidades buscava aproveitar ao máximo. Uma de suas principais criaturas era justamente os Grilliardus, que

voavam. Chegando aos milhares metros de altura, ela furou uma nuvem, e pousou sobre sua superfície macia. Em Kether o topo das nuvens é mais denso, e serve de chão para muitos castelos de deuses. Ela ia caminhando tranqüilamente, procurando refletir sobre o que o oráculo dissera, mas foi impedida por um puxão no tornozelo.

Havia uma algeма metálica envolvendo o tornozelo da deusa, ligada a uma corrente que se esticava até as mãos de um homem. Este por sua vez olhava fixamente a deusa do gelo. Altura mediana, cabelos loiros, curtos e desarrumados, barba por fazer, aparentemente pouco mais de trinta anos, usava uma armadura vermelha, com duas espadas cruzadas nas costas. Com a corrente firmemente presa entre ambas as mãos, ele pigarreou, e disse elegantemente:

Não acredito que realmente consegui pegar uma deusa... Ah, nem posso traduzir em palavras o prazer que estou sentindo! Eu me considerava bom, na verdade, o melhor, mas chegar a ponto de fazer frente a um deus... Ou uma deusa, melhor dizendo. Estou até pasmo! Aliás, seria correto afirmar que me dirijo neste instante à deusa do gelo?

Léia custava para decidir se ria ou se mantinha cautela. Ela notou que a corrente era um item mágico, mas não fazia idéia de qual era seu poder. Alguns deuses menores já enfrentaram humanos, e por subestimar suas habilidades, acabaram derrotados por eles. E ela não gostaria de se unir a estes deuses, portanto precisava fazer o humano falar.

É claro que sim! Fico honrada por encontrar um humano tão valoroso!- Léia esboçou seu mais gracioso sorriso. - Entretanto diga-me valente guerreiro, qual é seu nome, e como conseguiu tamanha proeza de me prender sem que fosse notado?

O homem demonstrava claramente que era um falador, e que queria saborear o seu momento de sucesso o máximo possível. Por isso respondeu:

— Pode me chamar de Ramis Grosnik, seu futuro carrasco! Ouso afirmar que não foi nada difícil prendê-la. Veja bem, minha maior virtude é justamente a velocidade. Se posso me gabar de alguma coisa é essa: eu sou rápido! Prendi a dama logo antes de sair voando, pois tive sorte de vê-la assim que eu saía de uma passagem secreta da mansão. Aliás, aquela passagem secreta não tinha um cheiro muito agradável. A deusa deve ter sido muito displicente ao não ter percebido que me carregava pelos céus.

Que interessante! Realmente, estava tão entretida aproveitando o vôo que nem o notei. E eu que me achava rápida, mas depois de ver uma atuação dessas... - havia um discreto tom de ironia em sua voz. - Porém conte-me mais, Grosnik, o que fazia naquele local com tamanho exército?

Ah! Poupe-me de fingimento, sabe exatamente por que estava ali! Está claro que Onturius sempre apresentou um atrativo, o famigerado Oráculo. E não foi ele que também a levou ali? - quanto mais Grosnik falava, mais se sentia à vontade para continuar. - Foi uma pena termos encontrado-a morta, naquela passagem secreta, e ainda mais sem o olho. Agora será difícil encontrá-lo... ou nem tanto? Acho que depois de matá-la, deusa do gelo, vou acabar descobrindo que você fizera nosso trabalho!

O oráculo morrerá, como suas próprias previsões indicaram. Então o traidor não estava atrás de Léia, e sim do olho do oráculo.

Para descobrir isso, terá antes de evitar que seja morto por minhas mãos. E como bloqueará o poder de uma deusa?

Por que acha que não largo essa corrente sob nenhuma circunstância?

Grosnik balançou a arma, fazendo barulho. - Ela é capaz de sugar toda a energia que a vítima dirigir contra a minha pessoa, e jogá-la de volta contra ela mesma! Hahaha, agora vê por que não tem nenhuma chance contra o grande Ramir?

A deusa do gelo tirou seu cetro de dentro do vestido, e esfregou-lhe a mão gentilmente. Depois, deu uma pancada sem muita força na algema, explodindo-a em mil pedaços. Grosnik abriu a boca, estupefato com o que acabara de presenciar, e então contraiu o rosto, desesperado:

Como você a destruiu? COMO? A corrente deveria ter sugado sua energia!

Deveria mesmo, se eu tivesse gastado alguma. Mas a força para quebrar esse seu item ridículo veio completamente do cetro. Bem, uma arma que custou quase quinhentos anos para ser produzida tinha que apresentar vantagens, não é mesmo?

Pois agora perceberá que a corrente não era tudo que eu dispunha - Grosnik aproveitou para tirar cuidadosamente as espadas das costas. - Provará minhas lâminas, ao se curvar à agilidade de meus golpes!

O guerreiro avançou em direção à deusa do gelo, com ambas as espadas erguidas, e tão rápido quanto um tigre. Quando estava a dois passos de distância de Léia, notou que esta esticou o cetro, tocando-o em sua testa, e bloqueando seu avanço. Grosnik desperdiçou golpes no ar, sem atingir a deusa do gelo, e percebendo sua falta de inteligência, mirou no cetro. A deusa retirou-o por um centésimo de segundo, suficiente para desviar do ataque, retornando-o para a testa de Grosnik. Ela repetiu a atitude dezenas de vezes, quantas eram as investidas do guerreiro, e até deu batidinhas com a mão esquerda na boca, fingindo estar com sono. Após um minuto, com o adversário mais cansado, ela acertou o cabo do cetro na barriga dele, que congelou instantaneamente. A placa de gelo se foi se espalhando sobre o corpo do guerreiro como um fungo, que olhou assustado para a deusa. Ela limitou-se a recolher o cetro, e dizer secamente:

Eu poderia poupá-lo, porém nunca apreciei arrogância. Adeus.

As nuvens eram capazes de sustentar o peso de uma pessoa, mas não o de um bloco de gelo como o que o guerreiro se tornara. Lentamente, Grosnik foi afundando na superfície fofa da nuvem, e depois que o bloco atravessou mais da metade de seu tamanho, acabou despencando como uma pedra. Léia balançou a cabeça negativamente, e observou a queda do bloco de gelo até onde sua vista alcançava. Depois encheu o peito com o ar rarefeito do céu, e ajeitou o vestido. Tinha muitos assuntos nos quais refletir, e trabalho a fazer. Ela então fechou os olhos e começou a rodopiar, levantando uma fumaça branca ao seu redor. Quando a fumaça abaixou a deusa havia desaparecido.

Capítulo XLVIII - Espada e Fogo

As duas colunas de pedra, separadas alguns metros uma da outra, marcando a entrada do Templo Dourado, se erguiam novamente em frente ao filho da deusa do gelo. Ele dispunha de mais uma chance para romper o selo, e entrar no Templo

provavelmente a última. Flama não poderia ser consertada outra vez, como alertou o Ciclope após entregá-la. Vanhardt recordou-se exatamente do momento em que tocou a arma, que deixou de ser uma foice, e se transformou em uma fabulosa espada.

O punho era delicado, vermelho, e permitia que uma mão se ajustasse perfeitamente, de modo bem confortável. O botão de contrapeso, incrustado na base do punho, cintilava em amarelo e laranja, e ajudava a balancear a espada. A guarda era belíssima, se esticava na horizontal ligeiramente curvada para cima. Espelhava as mesmas cores que o botão de contrapeso, e apresentava um rubi incrustado no centro. A lâmina, por sua vez, não podia ser mais bem descrita, exceto fazendo-se uso da palavra "perfeita". Revelava pouco mais de um metro de comprimento, uma cava (sulco com a finalidade de diminuir o peso da arma) que se aprofundava com doçura, e uma ponta terminada em V. Prateada, exibia um afilamento em forma de diamante, finíssimo, que nunca se desfaria. A espada era uma das visões mais extraordinárias que o jovem já presenciara, e também foi objeto de delírio para a fada, o duende e a Guardiã. Vanhardt possuía um dos objetos - talvez "o" objeto mais fantástico de todo o mundo.

Seus companheiros aguardavam ao seu lado, e Green repousou a mão gentilmente sobre o ombro do filho da deusa do gelo:

Tomara que dessa vez você consiga - os olhos do duende brilhavam com sinceridade. - Dá pra perceber que você ama muito seu filho... Seria realmente uma pena se não o visse novamente!

Seu duende linguarudo, isso não é jeito de falar! - a fadinha empurrou Green para o lado, e passou a voar em frente ao rosto de Vanhardt. - Olha só... Sei que no começo não tivemos o melhor entendimento possível, e que também aconteceram algumas discussões, e tudo o mais. Eu só gostaria de dizer que te amo... - o rosto da fada corou-se. - Como um irmão é lógico!

Obrigado Lila, também a considero uma ótima irmãzinha! - sorriu inocentemente o rapaz.

A fadinha tentou abraçar o rosto de Vanhardt, mas seus bracinhos curtos a incapacitavam, e por isso manteve uma das mãos no nariz e a outra na orelha dele. Depois lhe beijou o rosto carinhosamente, despertando cócegas no jovem, e então se afastou com os olhos cheios de lágrimas. A última a se despedir foi a Guardiã.

Ravina deu dois passos, se posicionando face a face com Vanhardt. Ela fitou-o atentamente, quieta, sem um murmúrio sequer. O jovem percebeu um sorriso tentando se delinear no rosto da Guardiã, e só aí se deu conta que ela era mais bonita do que qualquer mulher que ele já vira antes. A beleza, entretanto, não era ordinária, e sim oculta por aquele jeito independente e ao mesmo tempo introspectivo. Ela tocou gentilmente os cabelos do rapaz, e foi se aproximando do seu rosto. Com as bochechas coladas, Ravina sussurrou ao ouvido do jovem:

Eu ainda não paguei o que devia. E lembre-se que uma dívida deve ser paga sempre, antes que o tempo a envelheça e cobre os juros com mãos de ferro - ela recitou a mesma frase que havia dito quando pleiteou seguir com Vanhardt, após terem encontrado

Flama. - Por favor, volte...! - Ravina então deu as costas, fazendo com que o perfume de seus cabelos invadissem as narinas do filho da deusa do gelo.

Ótimo! Parece que estão todos se despedindo, como se eu fosse fazer uma longa jornada. Verão que voltarei num instante... Agora se afastem, porque precisarei me concentrar! Todos ouviram muito bem o que o Ciclope disse.

Ravina, Green e Lila obedeceram Vanhardt, e foram até o pé-de-fasjames que o duende subira da outra vez que estiveram ali. A fada olhava mal-humorada para a Guardiã, que parecia não notar. Todos se sentaram no chão, de olho em Vanhardt, exceto Lila que preferiu se acomodar num dos galhos da árvore.

Vanhardt, por sua vez, colocou a espada no chão, e sentou-se com as pernas cruzadas. Fechou os olhos, e tentou recordar as palavras que o Ciclope disse pouco antes de entregar Flama:

Filho da deusa do gelo, considere-se um sortudo: se a ferida aberta nessa arma fosse um milímetro mais profunda, ela estaria perdida para sempre. Fui obrigado a retirar seu cabo de madeira, que já estava morto, deixando apenas as duas metades da lâmina, cuja chama ainda ardia corajosamente. Flama não é mais uma foice; tive de realizar uma brusca mudança, para que ela pudesse ser usada como uma arma. Flama hoje é uma extraordinária espada. Porém, Vanhardt, antes que eu a entregue, gostaria que você ouvisse atentamente.

"Analisando o estado de Flama enquanto trabalhava, notei algo interessante. A superfície onde ocorreu a fratura, em ambas as metades, revelava um formato inusitado. Ela não se quebrou por uso extensivo, como acontece com a maioria das armas comuns, e nem por meios mágicos, causa da fragmentação de itens encantados. Era como se ela tivesse se chocado contra uma superfície muito bruta e de natureza não mágica, como uma pedra. A surpresa é que a força de Flama sempre foi muito grande, fato naturalmente percebido ao

se analisar a quantidade de quantuns que adormeciam na alma da arma. Ou seja, uma pedra bruta não seria adversária para um golpe da foice, que a cortaria facilmente."

"Bem, então pensei: como Vanhardt quebrou a foice, em uma superfície bruta, sendo que a arma continha forças para cortar algo do tipo? A resposta era óbvia pra mim, mas talvez não seja para você. Veja bem, meu rapaz, o poder desse item não está simplesmente incrustado em sua lâmina, ou cabo, ou em qualquer outra parte. É aquele que o empunha o possuidor da verdadeira força. Acontece do mesmo modo quando damos um soco: a força do golpe não está na mão, ou nos dedos, mas sim no braço que o movimenta. O jeito como os músculos se contraem, o arco que ele descreve no ar, tudo isso irá determinar a potência do golpe. No seu caso não é muito diferente, se encararmos 'braço' não como o membro que sai do seu ombro, mas sim como sua força espiritual.

"Imagino que agora deve estar se perguntando: que bobagem é essa de força espiritual? Espere, pois ainda preciso contar-lhe o segundo motivo pelo qual Flama se partiu."

"Quando você atingiu o alvo, responsável pela fratura da arma, encontrava-se de olhos fechados. Isso também pôde ser percebido claramente ao se analisar a superfície da lâmina. É óbvio que não remonto aos seus olhos físicos, mas sim àquele olho que é capaz de enxergar a verdadeira face de todas as coisas. E esse seu olho, obviamente, está fechado. Um deus, seja ele grande ou pequeno, possui esse olho, e o mantém sempre aberto. Eu, por exemplo, noto uma aura ao seu redor, de dúvida. Sei também que Kiki está se fartando com um dos aperitivos na mesa que eu pedi que postasse. Isso não porque vejo através dessa parede, mas porque sinto o verdadeiro cheiro que vem dos alimentos, e é este cheiro que me conta o que está acontecendo. Você consegue perceber então que o olho do qual falo não tem nada a ver com o físico, apresentando

relação mais íntima com qualquer um dos sentidos, de uma forma verdadeira e profunda?"

"Voltemos agora à força espiritual... O que é ela? Resumidamente, é a capacidade de não se identificar com os fatos e objetos cotidianos, e operar a natureza segundo a verdadeira vontade. Acredito que deve ter notado que o "olho" e o "braço" estão interligados. Se você enxergar a verdade, conseguirá operar a natureza à sua volta, e conseqüentemente será mais forte espiritualmente. Lembre-se que o importante não é ser como as folhas de uma árvore, e sim como o seu tronco. Abandone a folha na qual se encontra atualmente, e mergulhe profundamente no tronco. Ali é o princípio de tudo, o princípio da magia. E como conseguir isso? Unicamente através da concentração, ou da meditação, ou qualquer um dos métodos que tranqüilize seu corpo e deixe os sentidos livres, permitindo que você capte a verdade contida no universo. E o mais importante de tudo: deixe que aquele fogo que tenta escapar da base de sua espinha dorsal arda e queime, e suba até o ápice, dentro de seu cérebro. Deixe que ele queime todas as folhas. É importante que ele transforme em cinzas todos esses falsos 'Vanhardts' que estão dentro de você, egos que formam sua personalidade e o afastam do verdadeiro 'Eu' que é único. Assim, quando encontrar o verdadeiro Vanhardt, mesmo que seja por um segundo, terá força para remover montanhas. Você tem a espada e o fogo. Lute, e atingirá seus objetivos, mesmo que demore um século. Mas vá sozinho!"

O filho da deusa do gelo permaneceu imóvel, com as palavras do Ciclope pipocando em sua mente. Eram informações muito complexas, e sua inteligência não era nada fantástica. Mesmo assim compreendeu alguma coisa. Lila já havia lhe contado sobre o poder da meditação, e Ravina sobre esses outros "eus" dentro de cada pessoa. O que o Ciclope disse não era tão novidade assim. Só ficou curioso pelo fato dele conhecer o fogo que queimava em sua espinha

dorsal. *Deixar que ele suba até o ápice...* Vanhardt fechou os olhos, e tentou seguir as recomendações do Ciclope. Não se identificar com os fatos e as coisas. Ser o tronco. Ficou ali sentado por minutos, que viraram horas. Sua testa suava, sentia fome, porém nada mudara. Sua mente trabalhava impiedosamente; ora pensava em seu filho, ora em sua mãe, Selena, o dia em que derrotou o verme, e mais um milhão de coisas. Outra hora se passou, e nada. Quanto tempo ele ficaria ali? Seria o momento de utilizar a espada? Não queria arriscar a quebrá-la novamente.

Green rolava de um lado para o outro no chão, tamborilando os dedos no gramado, emburrado:

Quando ele vai abrir as portas do Templo? Estou ficando aborrecido! E por que não podemos ir com ele?

Paciência. Ele abrirá no momento certo - respondeu a Guardiã ainda observando Vanhardt fixamente. - E devemos deixá-lo ir sozinho, pois esse desafio cabe unicamente a ele. O próprio Ciclope disse que ele devia estar desacompanhado.

E desde quando você é a sabe-tudo? - intrometeu a fadinha do alto de seu galho. - Depois que entrou no grupo fica se achando a bonitona, a esperta, a poderosa! - o tom de voz de Lila revelava ressentimento.

Eu não me acho nenhuma das coisas que você citou. Se conseguir colocar esse ciúme ridículo de lado, verá que estou aqui apenas pra ajudar Vanhardt, assim como ele ajudou o meu povo.

Ciúmes? CIÚMES??? - as bochechas da fadinha ficaram arroxeadas. - Ah, poupe-me! Não perderei tempo aqui ouvindo essas asneiras!

Lila se afastou centenas de metros, só parando num amontoado de rochas. Ela pousou em uma das menores, e desatou a chorar. Tentava parar as lágrimas com a ponta de sua roupinha vermelha de pétalas, mas esta se mostrava inútil contra a impiedosa correnteza derramada dos seus olhos. Era difícil admitir, mas Ravina não disse

nenhuma inverdade - ela tinha ciúmes! Custava muito para aceitar, porém gostava de Vanhardt. Ela era uma fada, e ele um humano, ou seja, não haveria futuro para os dois... Até condenou-se por sentir uma ponta de felicidade quando soube que a esposa dele desaparecera. No entanto, desde que a Guardiã se unira ao grupo, Lila enfrentava uma inimiga insuperável. Ravina lutava bem, era belíssima e bastante inteligente, como provou ao decifrar o enigma. Além disso, revelava modos independentes, fortes, que certamente fascinavam Vanhardt.

O principal, contudo, era que Ravina era humana! Humana! E Lila, além de uma fada, era sem graça, vivia discutindo com o rapaz, não lutava bem, e só conjurava magias ridículas. Ao pensar nisso a fada voltou a derramar seu rio de lágrimas, e até soluçar.

Longe dali, Vanhardt continuava tentando abrir o seu "olho", para poder utilizar o "braço". Estava cansado, faminto, com sono, cheirava mal, e com sede. Era tão difícil, já deviam ter passado quase dez horas, mas nada acontecia. Será que ele falharia? Não era hora de desistir, abandonar tudo e voltar para Crivengart?

Silêncio. Escuridão. Luz. No céu sem nuvens, gaivotas voavam preguiçosas e na altura do horizonte um lago comprido se esticava à sua frente. Ao redor uma pequena praia, de areia cristalina, extremamente convidativa. Sem saber por que Vanhardt foi se aproximando do lago, até a beira. Olhando para dentro do lago conseguia ver o seu reflexo na superfície ondulante da água. Ficou ali para alguns segundos, e de repente notou que o "Vanhardt" refletido estendeu os braços, e puxou-o para dentro. A medida que afundava, não conseguia se libertar da enorme força desse outro Vanhardt, e assustou-se mais ainda quando notou que ele se dividiu em dezenas de outros. Todos eles o seguravam pelos braços, pernas, tronco, e o rapaz passou a se debater contra eles. O ar faltava. Os pulmões ardiavam, achou que iriam explodir a qualquer minuto. Na boca um gosto metálico se espalhava. Só via a morte.

Desistindo de se debater, fechou os olhos, e deixou que o levassem lá pro fundo. De nada adiantaria lutar consigo mesmo, nunca venceria. Só fazia perder as energias, e ficar cada vez mais fraco. Foi então, que uma idéia louca surgiu em um canto de sua mente - e se ele fosse até o fundo? Sem dar atenção a toda dor e sofrimento, Vanhardt decidiu nadar cada vez mais para baixo, para o fundo do lago. Bateu suas pernas e braços com toda força que ainda restava, e a cada metro que se aprofundava os outros Vanhardt's iam libertando-o. Seus músculos gritavam, os tendões ameaçavam se romper, o coração batia descompassadamente. Mesmo assim ele estava decidido, e continuou nadando.

De repente, viu uma pequena luz surgir bem no fundo do lago, e se orientou em sua direção. Seus pulmões ardiavam com muito mais fúria, e a dor se tornara completamente insuportável. O jovem não desistiu, e notou que o que antes era um pequeno ponto de luz se tornou um facho largo e poderoso. A cada instante a poderosa luz se fazia maior, e de repente, o lago ao seu redor começou a mudar. Os outros Vanhardt's já haviam ficado pra trás, e água não mais molhava seu corpo. As bolhas desapareceram. Só havia a luz branca, nem quente e nem fria, mas tranqüilizadora. Uma luz que curava todas as suas dores, todas as suas ansiedades, todas as suas preocupações. Sentia-se diferente. Sentia leve e completamente livre. Por uma fração de segundo, conseguiu entender que aqueles outros "eus" eram apenas reflexos disformes de si mesmo. Todos eles estavam dentro dele, mas entendia por que cada um era daquele jeito. Por que um era rancoroso, por que o outro era invejoso, por que o terceiro era tão orgulhoso. E o conhecimento o libertou. Foi então que a luz ocupou tudo ao seu redor, tão rápida quanto uma explosão.

Quando abriu os olhos no mundo real, deixando aquele sonho pra trás, Vanhardt via erguido em sua frente um gigantesco portão duplo, de metal, dourado, com o ápice se curvando em meia-lua. O

portão se encontrava entre as duas rochas, da altura delas, e estava fechado. Ele pegou Flama, levantou-se, e foi caminhando lentamente na direção da estrutura. Mais perto, o jovem viu três fitas de papel, vermelhas, distanciadas verticalmente um metro, e deslizando de uma metade do portão para a outra. As fitas pareciam bastante frágeis. Vanhardt então segurou Flama, e mirou cuidadosamente nas três: acertaria todas de uma vez só, mesmo que a mais alta estivesse além do alcance de seus braços. Sem pensar em mais nada, esperou que o fogo que já acendia na base de sua espinha rasgasse de dor suas costas, e golpeou para cima ao mesmo tempo em que gritava:

— AAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAAH!!!

Silêncio novamente. Vanhardt caiu no chão de joelhos, esgotado. Depois olhou para frente, e não conseguiu conter um sorriso: os selos do Templo Dourado se rasgaram, e as portas douradas estavam abertas. Uma onda de emoção e alívio se espalhou pelo corpo do filho da deusa do gelo, confortando-o. O espaço entre as duas colunas de pedra agora ficara diferente da área ao seu redor, como se uma superfície líquida, de cor lilás, tivesse sido espalhada ali. Ele se levantou, pegou a espada, e caminhou para dentro do Templo sem pressa, porém com o coração batendo ansiosamente. Quando atravessou a superfície lilás, sentiu uma eletricidade arrepiando seus pêlos, e depois o vazio tomou conta de seus sentidos.

Capítulo XLIX - *Mirando o Espelho*

Ao redor, uma completa escuridão trazia a sensação de que estava no meio do nada, onde apenas um ponto luminoso ao fundo servia de referência. Sem qualquer outro lugar para ir, Vanhardt caminhou em direção à luz. Ele achou engraçado, pois não sentia o chão abaixo de seus pés: era como se caminhasse sobre o vazio. A luz foi se mostrando mais forte, e minutos depois ele notara duas estátuas gigantescas, de pelo menos vinte metros de altura, distanciando uma da outra o mesmo que as pedras que marcavam a entrada do Templo. Era impossível ver os rostos das estátuas, e muito menos se eram de homens e mulheres, e não porque elas estavam destruídas ou encobertas, mas sim devido aos próprios olhos do jovem que se apresentavam embaçados. Vanhardt chegou a esfregá-los, sem sucesso, porém surpreendentemente viu um desenho ao pé da estátua direita no formato da letra J, e outro ao pé da estátua esquerda com a da letra B. Porque via certas coisas e outras não? Instintivamente, ele cruzou os braços, o direito sobre o esquerdo, e as palmas das mãos tocando o peito, e curvou-se para a estátua da direita, em seguida para a da esquerda, seguindo em frente.

A cada passo que dava, um desenho negro do contorno de seus pés manchava o chão. Seus olhos ainda não viam muito bem, porém notou quando dele se aproximou uma pessoa. Era um homem muito alto, pelo menos o dobro do seu tamanho. Tinha os cabelos raspados, olhos verdes, rosto bondoso, e vestia uma túnica azul que

cobria os braços e pernas, até o chão. Ele sorriu, e disse apontando para os rastros que o rapaz deixava no chão:

Eu já avisei que não está completamente puro, e por isso continuará deixando marcas. Onde estão as suas sandálias? E que roupas esquisitas são essas?

Sem saber direito o que responder, Vanhardt olhou para suas vestimentas, e depois para o homem. Ele falava como se conhecesse Vanhardt, mas o filho da deusa do gelo estava certo de que nunca o encontrara em toda sua vida. O jovem abriu a boca para falar, porém o homem continuou, empurrando-o pelas costas.

—Volte logo para seu quarto, e troque essas roupas ridículas. Está parecendo um daqueles aventureiros do lado de fora! Aliás, quem lhe deu estas roupas? Bem, não importa agora. Vamos rápido ou chegará atrasado para o jantar.

O homem que insistia em empurrar Vanhardt passou por uma porta, e seguiu por um corredor onde foram cumprimentados por outros homens também carecas, parecidos com o primeiro. A medida que aprofundavam cada vez mais no templo, a névoa ia se dissipando, e Vanhardt podia enxergar melhor. O filho da deusa do gelo, aliás, não fazia a mínima idéia do que estava acontecendo. Certamente era confundido com outra pessoa, mas quem?

A dupla seguiu por entre colunas e abóbadas douradas, e pelo caminho puderam ver muitos outros desses senhores carecas e altos, sentados e de olhos fechados - todos pareciam concentrados. Finalmente pararam em frente a uma porta de carvalho, que foi aberta pelo homem que conduzia Vanhardt.

Muito bem Céu de Prata, troque logo essas vestimentas e compareça ao salão de alimentação. E nada mais de brincadeiras ridículas de esconde-esconde: estou farto delas. Nunca imaginei que ser Protetor de um rapaz como você fosse dar tanto trabalho...

Errr.. humm... - Vanhardt coçou o queixo, e acabou decidindo entrar no jogo do homem. Quando fosse deixado sozinho

aproveitaria para dar umas voltas em busca de seu filho, disfarçado pela identidade de Céu de Prata. - Muito bem, meu Protetor, estarei lá.

Sim... - o homem permaneceu encarando fixamente o rosto de Vanhardt. Esperou por vários segundos, e percebendo que o jovem não fazia qualquer movimento, ele arregalou as sobrancelhas. - Céu de Prata, o que está acontecendo com você hoje? Não vai se despedir?

Ah, me desculpe... - respondeu o filho da deusa do gelo, começando a demonstrar nervosismo. - Até logo!

"Até logo"? "Até logo"? Onde aprendeu esse palavreado? Céu de Prata, estou ficando preocupado com você! Ande logo, pois estou com pressa; tenho inúmeros afazeres e você insiste nessas brincadeiras infantis! Despeça-se adequadamente!

Hum... Que tal "tchau"? Até daqui a pouco?

Céu de Prata, se você não vai se... oh...Oh! - o rosto do homem repentinamente ficou mais lívido do que já era, e seu olhar fixou-se em um ponto atrás do filho da deusa do gelo. - Por Justus, o que é isso? O que é isso??? - a voz do homem quase desapareceu.

Virando-se devagar, Vanhardt acabou descobrindo o motivo pelo qual o homem se assustara, e foi assaltado por uma vertigem, seguida de um embrulho no estômago. Não podia ser! Mas... Como? Ele não acreditava no que seus olhos mostravam, e por isso piscou várias vezes, como se obrigasse a visão desaparecer, e surgir outra no seu lugar, menos surreal. Caminhou devagar na direção daquele ser, e parou a um passo de distância. Ergueu com dificuldade os braços, e tocou o seu rosto, e ao sentir uma superfície macia, teve certeza que era real. A pessoa à frente de Vanhardt na frente era alguém exatamente idêntico a ele próprio!

Os mesmos olhos da cor da noite, os cabelos negros com fios grossos, os contornos do nariz, da bochecha, do queixo, até a compleição física. Era como se Vanhardt estivesse em frente a um

espelho, que apontava a roupa como único detalhe diferente, visto que o verdadeiro Céu de Prata vestia uma túnica azul. Este, aliás, também parecia assustado, e dirigiu-se para o homem careca:

Gunian, quem é este que finge ser igual a mim? Que tipo de teste está me propondo? Não vejo graça alguma! Vamos embora, estou faminto - o rapaz passou trombando ombro a ombro com Vanhardt, e saiu do quarto.

Gunian desviava os olhos de Vanhardt para Céu de Prata, com uma gota de suor escorrendo pela testa. Dentre os três, ele parecia ser o mais assustado. O filho da deusa do gelo, um pouco menos atordoado, pôs o cérebro para funcionar. Aquele jovem igualzinho a ele só podia ser uma pessoa.

Meu filho... Erick.J Por Léia, encontrei meu filho! Erick, como você cresceu! Nossa! - Vanhardt nem sabia como reagir, se com assombro ou alegria. Optou por algo intermediário, e estendeu os braços, em direção ao filho.

Impedindo a aproximação de Vanhardt, Céu de Prata colocou a mão espalmada na frente do seu rosto, e afirmou:

Não faço a mínima idéia de quem seja, e muito menos por que se parece tanto comigo. Porém não será este mero detalhe que nos permitirá tais intimidades. Se for mesmo um teste, fale logo à que veio. Caso contrário, vá embora, pois estou ocupado - o rosto de Céu de Prata revelava aborrecimento.

Como ousa tratar seu pai dessa maneira, garoto! - Vanhardt empurrou a mão do filho para o lado, tirando-a da frente. - Não sei como cresceu tão depressa, porém isso não permite que trate seu pai de modo tão grosseiro. Ande, arranje suas coisas, pois iremos sair agora mesmo deste templo. Talvez lá fora tudo volte ao normal...

Céu de Prata mostrou-se furioso num primeiro momento, e deu um tapa na mão de Vanhardt. Depois esboçou um sorriso, e deu as costas:

Haha! Está certo então rapaz... Ou melhor, "pai". Bem, nos veremos mais tarde, pois estou faminto. Vamos Gunian? - Céu de Prata começou a caminhar para longe dali, mas foi interrompido por Vanhardt que segurou seu ombro.

Erick, escute-me, você é realmente meu filho! Estou procurando você a... - Vanhardt sentiu um solavanco no braço, e de repente estava colado com as costas no chão. Recebeu um golpe tão eficiente do próprio filho, que não teve nenhuma reação.

Pai... Hmpf, não seja ridículo. Você surge repentinamente aqui no Templo, e só porque é semelhante a mim quer obter uma paternidade. Nem deve saber que sou filho de Justus, o inquestionável deus da Justiça. - Erick novamente deu as costas, e seguiu caminhando em frente.

Percebendo que aquela abordagem não trabalharia a seu favor, Vanhardt se levantou, e esperou que Gunian fosse atrás de Erick. Então, retirando Flama de dentro do braço, ele pulou e agarrou o pescoço do homem calvo, que tinha o dobro de sua altura, e colou a ponta da arma no seu pescoço, falando-lhe ao pé do ouvido.

É uma pena meu filho não me escutar, pois acabaria poupando esse tipo de contratempo. Infelizmente, teve de ser assim! Leve-me imediatamente ao seu deus, para que possamos resolver logo este nosso "probleminha".

Um pouco mais à frente, Céu de Prata continuava caminhando tranquilamente, sem ter notado o que acontecia atrás de si. Gunian suava frio:

Está bem, senhor... - o suor chegou até a sua boca, e embaralhou-lhe as palavras. - "esprue colhebador à bireipta, na porgdta do funbdo".

Ah, pertinho. Entendi, grandão, mas você vai me levar até lá. E não ache que sairei daqui de cima... Vamos lá!

Gunian chegou a esticar o braço, como se quisesse alertar Céu de Prata do que acontecia, mas Vanhardt acrescentou um "não ouse", e

ele se conformou, seguindo as coordenadas que fornecera anteriormente. O corredor que Gunian havia indicado era imenso, e bem no fundo, uma porta dourada e com inscrições indecifráveis nas bordas deixava claro que ali atrás estava um quarto importante. Ao se encontrar a poucos passos, Vanhardt soltou-se do pescoço de Gunian, e seguiu para a porta. Olhou para trás, a fim de confirmar se o homem faria alguma coisa, mas este permaneceu em seu lugar. O filho da deusa do gelo guardou Flama dentro do braço, encheu os pulmões de ar, e tocou a maçaneta. Ela estava quente, e ele girou-a delicadamente. Estaria Justus, o famigerado deus da justiça e líder do panteão, atrás daquela porta?

Capítulo L - *Encontro com o Deus da Justiça*

Sentado atrás de uma escrivaninha no fundo do gabinete, rabiscando pergaminhos amarelos com uma caneta tinteiro, encontrava-se um homem de aparência jovem, com não mais do que trinta anos. Barba feita, cabelos curtos e bem alinhados, rosto de contornos severos, abrandados por um nariz redondo e pequeno, vestia uma túnica branca sob o que parecia ser uma malha de prata. Ele desviou sua atenção por um segundo, a fim de observar quem havia entrado em seus aposentos, e quando seus olhos cruzaram com os de Vanhardt, parou o seu trabalho.

Uma energia muito intensa emanava daquele indivíduo, semelhante àquela que Vanhardt sentia quando na presença de sua mãe. Sem sombra de dúvidas, o rapaz se via diante de Justus, o deus da justiça. O homem se levantou sem fazer muito barulho, e apontou para a porta atrás de Vanhardt:

Por favor, feche-a - a voz de Justus provocava ao mesmo tempo medo e admiração no jovem. Obedecendo ao pedido, Vanhardt fechou a porta, e Justus continuou. - Desculpe-me não poder recebê-lo de maneira mais adequada, porém não fui avisado de sua chegada. Estou enganado ou não foi anunciado?

Er... Não, senhor, mas é que...

Entendo. Já que me interrompeu, diga logo o seu nome, e o que deseja. Devo alertá-lo, entretanto, que se for algo de interesse puramente pessoal, e de pouca relevância, não terei outra alternativa a não ser aplicar a pena por interromper um deus em seus afazeres.

Vanhardt hesitou por alguns segundos, pois se começasse com aquela história de Céu de Prata ser Erick, seu filho, e que ele o queria de volta com a mesma idade com a qual foi deixado no templo, Justus aplicaria um castigo severo. Os olhos do deus da justiça eram tão ameaçadores, que pareciam açoitá-lo. Ele então vasculhou a mente, em busca de um assunto que chamasse a atenção de Justus, e que ao mesmo tempo proporcionasse moeda de barganha, para poder mais tarde negociar com esse deus o futuro de seu filho.

Meu nome é Vanhardt Mohr Daicecriv, e vim aqui a serviço de Morgana, a antiga deusa da morte. Represento o direito que a deusa possui de cobrar a dívida que você há de pagar, visto que não a ajudou no episódio da traição sofrida, e depois não buscou justiça descobrindo a identidade do traidor e julgando-o!

Como ousa insultar a memória de Morgana de maneira tão barata! - Justus saiu de seu posto atrás da escrivaninha, e avançou perigosamente na direção de Vanhardt. Antes de alcançá-lo, deu uma ligeira olhada para trás, em direção a uma pequena balança sobre a escrivaninha que equilibrava dois pratos, e depois tornou o olhar para Vanhardt. - Prove imediatamente que o que diz é verdade, ou sinta toda a minha fúria! E juro que não serei piedoso!

Percebendo que sua vida estava em risco, e talvez não tivesse tempo para se justificar antes que o deus da justiça desferisse um golpe qualquer e o matasse, Vanhardt tirou Flama de dentro do braço e apontou-a para o rosto de Justus. Este se deteve ao ver a arma, e analisou-a cuidadosamente, em detalhes. Aos poucos acabou saindo de sua postura ameaçadora, e depois de fitar profundamente o jovem parado à sua frente, o deus da justiça tornou a falar mais calmo:

A energia que essa arma emite é exatamente igual à da deusa da morte. No entanto, Flama, a arma de Morgana, era uma foice, e não uma espada.

Vejo que não se enganou, deus da justiça: essa é realmente Flama. A arma deve ser suficiente para provar que Morgana não está morta, como fingiu todos esses anos, e que estou aqui sob sua benção.

Pode até estar dizendo a verdade, e é por isso que lhe darei tempo para se explicar. Pois vamos, meu jovem, conte-me por que a própria Morgana não apareceu, ou, melhor ainda, por que ela não compareceu ao Panteão e fez esse pedido? Eu não teria motivo algum para negá-la qualquer coisa, e seria bom para que todos entendessem melhor o que aconteceu.

Meu senhor, não sei das intenções da deusa da morte, mas creio que ela tem receio de se mostrar e ser traída novamente. Pelo que posso dizer, entretanto, um dos seis deuses maiores a traiu, o que significa que eu posso estar justamente perante esse traidor.

Justus adiantou um passo, ficando face a face com Vanhardt. Ele se apresentava mais assustador e imponente a essa distância, e por pouco Vanhardt não caiu no chão, sufocado. A presença daquele deus era realmente muito poderosa, e o jovem lutava contra um impulso de sair do aposento sem ao menos olhar pra trás. Ele tinha consciência de que se fizesse isso, porém, estaria morto antes mesmo de cruzar o arco da porta. Procurando não transparecer medo, o filho da deusa do gelo, manteve a cabeça erguida, encarando o deus da justiça.

Rapaz, devo lhe dizer que é muita coragem sua vir até aqui, e afirmar uma coisa dessas. E é por respeito a essa coragem que vou esquecer o insulto que acabou de me fazer, e prosseguir o nosso diálogo. Você afirma então que Morgana não está morta, como todos pensamos, e que não deseja se revelar por medo de ser traída novamente?

É isso mesmo, Divindade. Ao que parece.

E você representa o direito de cobrança de uma dívida que supostamente eu mantenho com ela?

Exatamente.

Só não entendi por que afirma que eu possuo dívidas com Morgana. Ela desapareceu, é verdade, mas até hoje não temos certeza do que aconteceu. Salazar propôs a hipótese de uma traição, que foi a mais aceita entre todos. Uma investigação foi conduzida, porém nenhuma pista ou suspeito encontrado. Se ela foi vítima de traição, como diz, temos cinco inocentes, e um culpado. E é este culpado quem está em dívida com Morgana, não concorda? A não ser que ela tenha alguma prova de que eu seja este culpado, como você mesmo mencionou, e assim entendo por que sou o devedor. Ela, ou você, dispõe dessa prova?

O filho da deusa do gelo percebeu que seus argumentos se esgotavam, e que se continuasse com aquela discussão o deus da justiça acabaria encurralando-o. Justus agia como se fosse a mistura de juiz, advogado e promotor ao mesmo tempo, e exibia perfeita habilidade com as palavras, seja pelo tom de voz, eloquência, ou ainda argumentação. Vanhardt deveria acabar logo com aquela conversa, e de maneira convincente, pois contava com uma meia verdade, lembrando-se de uma revelação antiga da mãe: "Justus estava em débito...".

Meu senhor, entenda a situação na qual a deusa da morte se encontra. Foi traída, e com isso perdeu tudo o que tinha. Não falo apenas de seu castelo, exército, seguidores, mas principalmente da confiança que guardava em cada uma das divindades maiores. Teve de reconstruir toda a vida partindo do zero, e após um longo período em que hibernou numa caverna, tamanha foi sua tristeza. A dívida que me refiro, em nome da deusa da morte, é aquela adquirida pelo líder do Panteão, quando este foi incapaz de encontrar o traidor, e fornecer uma punição adequada. E se escutar o que lhe peço, entenderá que minha senhora é humilde, e não requisitaria nada muito difícil ou dispendioso.

Justus girou a cabeça novamente para trás, encarando a balança sobre a escrivaninha. Agora Vanhardt pôde observar melhor o

objeto, e reparou que um dos pratos da balança estava quase que imperceptivelmente deslocado para cima, aproximadamente metade da largura de um dedo. Em sua última frase, Vanhardt quase disse que o pedido seria de sua mãe, e não dele, uma mentira deslavada. Léia não havia revelado nenhum pedido para Vanhardt. A situação era delicada. Ao mesmo tempo em que o rapaz não afirmava se aquele pedido era dele ou da mãe, uma saída inteligente, contava com a intuição de que realmente ao cobrar a dívida, a deusa do gelo não seria exagerada. Além do mais, ele deduziu o motivo de existência da dívida, ao dizer que "ela seria adquirida pelo líder do Panteão ao não encontrar o traidor e fornecer uma punição adequada". Havia brechas em suas afirmações. Os olhos ameaçadores do deus da justiça tornaram a recair sobre os de Vanhardt, e finalmente, Justus disse:

Você seria um perfeito tolo se viesse aqui com o intuito de me ludibriar. Aquela balança sobre a mesa me indica, através dos desníveis entre os pratos, o grau de verdade ou mentira no qual meu interlocutor se encontra. É um magnífico objeto, capaz de impedir que até deuses menores me enganem. Infelizmente, isso não vale para os deuses maiores, do Panteão, pois se assim fosse, o traidor de Morgana já teria sido encontrado e devidamente punido. No seu caso, percebo que o que me conta não é inteiramente verdade, pois os dois pratos não se encontram perfeitamente nivelados. No entanto, estão tão próximos deste nivelamento, que ignorarei os detalhes que me omitiu, e por isso pedirei que prossiga com seu pedido. Além disso, sinto que realmente devo algo à querida Morgana, e portanto considero o que me disse, verdade.

Meu senhor, nem imagina a felicidade que me assola. O meu pedido está relacionado à pessoa que se encontra nesse templo e tem o nome de Céu de Prata, que na verdade é meu filho, e se chama Erick. Gostaria que ele voltasse a ter a idade quando foi deixado aqui por uma feiticeira, e que retornasse comigo para nosso lar.

Escutando com atenção o pedido de Vanhardt, Justus esfregou o pescoço pensativo. Olhou para a sua balança, verificando que os dois pratos estavam em perfeito nivelamento. Ele então caminhou até uma estante, onde havia um livro enorme, provavelmente com mais de dez mil páginas. Utilizando ambas as mãos, pegou o imenso manuscrito sem fazer muito esforço, e o colocou sobre uma mesa. Depois o abriu pela metade, e percorreu algumas páginas, detendo-se numa específica. Passou o indicador de cima para baixo, parando nas últimas linhas. Leu com atenção, em silêncio, e finalmente, levantou o olhar para Vanhardt.

Dessa vez o filho da deusa do gelo não se sentiu intimidado, e sim reconfortado, e naquele momento teve certeza de que seu pedido seria concedido. Justus fechou o livro, levantando uma nuvem de poeira, e o recolocou na mesma prateleira da estante.

Vanhardt Mohr Daicecriv, acabo de consultar meu livro do Karma, que mostra a quantidade de ações com força positiva e com força negativa que os habitantes de Kether realizam durante toda a sua vida. Não me refiro ao "bem" e "mau" em si, quando digo isso: "bem" e "mau" são apenas conceitos, formulações da mente humana, que tem dificuldade em perceber que tais idéias são completamente relativas, e não fixas e imutáveis. O que talvez seja bom pra você, pode ser ruim para seu próximo, e vice-versa. Cada ação sua, seja ela positiva ou negativa, deve repercutir no universo com uma reação de força e polaridade iguais. Ações positivas resultam em reações positivas, e o mesmo acontece com as negativas. Eu, como deus da justiça, procuro manter esse equilíbrio sempre ativo e funcionando perfeitamente. A traição de Morgana fugiu ao equilíbrio; o responsável por todo o evento possui poder muito grande, porém ainda estou tentando remediar isso. Parece que Céu de Prata é realmente seu filho, e devido às suas ações positivas acumuladas, permitirei que você o leve de volta. Espero que isso alegre Morgana -

o deus da justiça aproximou-se de Vanhardt, e gentilmente colocou a mão sobre seu ombro.

Obrigado, Divindade, agradeço muitíssimo. Mas e quanto ao fator idade? Meu filho continuará velho? Não digo velho, de idoso, mas velho no sentido de ter mais idade que antes...

Hummm, entendo suas preocupações. Não tema meu rapaz; quando retornar para Kether, ele terá a mesma idade que quando chegou até aqui.

Ah, que alívio! E quando me encontrarei com ele?

Pedirei que Gunian, seu protetor, o leve até você. Gostaria apenas que me respondesse algo antes de partir. Como entrou no Templo, já que suponho que não foi pego por um dos monges?

Monges são esses carequinhos de roupa azul?

Sim. - Justus tentou disfarçar um ar de incredulidade abaixando uma das pálpebras.

É, não fui pego por nenhum deles. Rompi os selos que mantinham a porta do templo fechada com a ajuda de Flama.

Dessa vez o deus da justiça não consultou a sua balança, e limitou-se a balançar afirmativamente a cabeça, enquanto analisava Vanhardt dos pés à cabeça. Naquele momento, certamente Justus avaliava a força do seu interlocutor, que seria muito maior do que ele desconfiou quando o rapaz penetrou em seu gabinete há alguns minutos.

Vossa Divindade, permita-me que também eu faça uma pergunta antes de ir embora.

É claro.

Qual é o seu relacionamento com Hilda Risalv? É o mestre dela?

Não me recordo deste nome, porém posso afirmar com toda a certeza que não sou seu mestre.

Então, como me explica o fato dela ter deixado meu filho aqui, se não tem nenhum tipo de relacionamento com Vossa Divindade? -

Vanhardt procurou captar qualquer alteração na fisionomia ou trejeitos de Justus, que pudessem revelar uma mentira.

Honestamente, não saberia lhe dizer. É possível que ela tivesse conhecimento de que nossos monges, de tempos em tempos, vão ao mundo exterior para meditar, explorar ou realizar algumas de minhas ordens, e que se eles encontrassem um bebê ali sozinho, não lhe negariam abrigo. Além do mais, o Templo Dourado é um local de difícil acesso, e esta Hilda Risalv provavelmente não queria que ninguém o encontrasse facilmente.

Nenhuma das expressões, ou a alteração do tom de voz de Justus, indicou uma possível mentira. Mesmo que desconfiasse lá em seu íntimo que o deus da justiça não falava a verdade, Vanhardt tinha discernimento suficiente para perceber que não adiantaria iniciar um interrogatório naquela situação. Ele já estava ganhando, e não valia a pena pôr tudo a perder. Antes de deixar o gabinete, contudo, uma idéia grudou como mel em sua mente: Justus podia muito bem ser o traidor, e se fosse, estava sendo mais convincente de sua inocência, do que um próprio inocente falando a verdade.

Capítulo LI - *Sonho Eterno*

Fora do Templo Dourado, uma semana se passou. No primeiro dia Green andava muito falante, contando histórias em que ele era um grande herói, e derrotava aranhas gigantes, monstros do lago, bestas que misturavam cabra, leão e macaco, e realizava outras façanhas inimagináveis. Ravina ouvia tudo com absoluta indiferença, preocupando-se em caçar quando sentia fome, e se abrigar do sol. Lila, no entanto, se irritava com o que acreditava serem as maiores mentiras contadas pelo duende até então, e se num primeiro momento procurou imitar Ravina e não dar atenção, não conseguiu se segurar depois de dois dias de falatório, e partiu para discussão. A Guardiã custou muito até acalmar os dois, só alcançando o objetivo após ameaçar se transformar em Lázarus.

A discussão acalorada pareceu diminuir o ânimo dos companheiros de jornada do nosso herói, e os três dias seguintes foram de silêncio e reflexão. Por orgulho, Green não pediu um pouco da comida que Ravina adquirira, e como os fashames haviam acabado, procurou ele mesmo por frutas na floresta mais próxima, ou ainda animais que pudesse cozinhar. Teve de se contentar com uma sopa de raízes verdes que abundavam próximo à entrada do Templo Dourado.

No sétimo dia, Lila e Ravina conversavam mais, e a primeira prestava especial atenção à segunda. Ela queria descobrir o que a Guardiã apresentava de tão especial, e que deixava Vanhardt vidrado em certos momentos. A fada bolara um plano: com muita dedicação ela procuraria decorar a sua maneira de se comportar, o

jeito de falar, e até suas manias, para fazer com que Vanhardt gostasse dela também. Além disso, a fada fazia um pedido especial à deusa do gelo assim que a encontrasse. Léia não iria negar, é claro, após todo esse serviço que Lila lhe prestou. Ela queria ser transformada em humana. Desse modo, não existiria mais nada que a impedisse de conquistar o seu amado, mesmo que para isso fosse preciso anular a concorrência.

Durante aquela tarde, quando o sol já passava da metade do céu, indicando que a noite não tardaria a chegar, Green notara que uma galinha veio se aproximando inocentemente do grupo. Há algum tempo ele havia bolado um plano revolucionário: o melhor jeito de tentar se manter vivo, sem ter de implorar por comida à Ravina, era procurar se exercitar o mínimo possível. Com menos energia sendo desperdiçada, ele precisaria adquirir menos para manter o saldo. Por isso é que nas últimas horas o duende não saía da sombra do pé-de-fasjames, e não falava uma frase sequer, o que deixava a fada e a Guardiã aliviadas. Quando a galinha estava a menos de dez metros, ele pensou em abortar o plano, e correr atrás do animal que enxeria seu estômago no lugar de água e raízes. Só teve certeza de que o seu plano era o mais idiota do mundo quando a ave se encontrava a três passos, e ele procurava se levantar sem espantar o animal.

Com pouquíssima coordenação motora ou habilidade, o duende desembestou em direção à galinha, que o driblou sucessivas vezes sem dificuldade. A ave parecia zombá-lo, pois a cada drible emitia um sonoro "co-co-cooó", e erguia a cabeça numa pose galante. Passados dez minutos o duende sentou-se enfurecido debaixo do pé-de-fasjames, decidido a nunca mais mover um músculo para caçar qualquer animal. A decisão resistiu por pouco mais de cinco minutos, momento em que a galinha se encontrava a dois passos de Green, e ele novamente partiu para cima da deliciosa futura refeição. Como da primeira vez, a galinha se esquivava fazendo pose e cacarejando, mais parecendo uma gargalhada zombeteira.

Duplamente enfurecido, Green se atirou sob a sombra do pé-de-fasjames disposto a não se levantar mesmo que a ave estivesse a um centímetro de distância.

Tenta de novo, verdinho! Olha ela do seu lado outra vez! - afirmou a fada com um sorriso nos lábios.

Era verdade, e dessa vez a galinha beliscava o chão procurando minhocas e pequenos insetos a dois palmos dos pés de Green. Ele disse desanimado:

Ô minha filha, pode ir chispando daqui! Já vi que não quer ser minha refeição, por isso trate de sair do meu espaço. Roubou o meu orgulho, agora quer roubar também o meu cantinho? Nem pensar! - Green balançava a mão direita procurando espantar a ave, sem nenhum resultado satisfatório. A galinha ignorava solenemente as ordens do duende.

Saia daqui, estou avisando! Vou começar a atirar pedras! Não cairei nos seus truques, e gastar minha gordurinha correndo atrás de você. Nem adianta me olhar com essa cara de "não estou te ouvindo". Vai embora!

Ei, espertalhão, porque não espera que ela bote um ovo? Vai se alimentar mais rápido do que se passasse o dia inteiro correndo atrás dela... - comentou Lila num tom irônico.

Sei, sei, vai gozando da minha cara! Você tem sorte, pois se alimenta do sol, porque senão teria de batalhar tanto quanto eu. Além do mais, esperar que ela bote o... ei... hum... Você parece bem gordinha, né? Puxa queridinha, desculpe os maus tratos, mas é porque você era uma estranha. Mas agora já é conhecida, não é? Muito bem queridinha, vou ajeitar uma casinha aqui pra você - o duende logo tratou de juntar restos das raízes que não comeu, e fez um ninho improvisado para a galinha. - Muito bem querida, pode ficar aqui no seu palácio! Ah, chega de "querida", vou te chamar de "Clotilde", é muito melhor, não acha?

A galinha aparentemente gostou da idéia, pois logo se ajeitou no ninho de Green, e fechou os olhinhos. O duende esfregou uma mão na outra, lambeu os beiços, e foi se aproximando lentamente de Clotilde. Antes disso, ele olhou para Ravina, que descascava uma laranja, e balançava a cabeça negativamente. Green ficou com pena da ave, e desistiu do plano maquiavélico, preferindo esperar que ela botasse um ovo.

Naquele momento, com todos distraídos, uma brisa suave passou a soprar preguiçosamente. A fadinha que não estava acostumada com o calor da região sentiu-se mais confortável, e até fechou os olhos para aproveitar melhor o frescor. Quando abriu, acreditou estar em um sonho: Vanhardt de pé, parado em sua frente, com um rosto ofegante, e um bebê embrulhado em toneladas de pano nos braços. Ela fechou novamente os olhos, sem saber como reagir àquela visão. Foi quando ouviu:

Não acredito que nem boas vindas eu recebo... Que falta de consideração!

A fada tinha o coração acelerado, e sentia medo, mas não podia explicar para si mesma do quê. No fundo estava feliz, só que assustada e perdida. Ela abriu um olho de cada vez, certificando-se que não seria enganada por suas próprias ilusões, e Vanhardt continuava na mesma posição. Foi aí que Lila voou em sua direção, e despejou centenas de beijos em suas bochechas, nariz, testa, queixo, e até um que por pouco fugiu-lhe a boca. Ravina e Green, que já haviam notado a presença do herói antes da fada, caminharam até ele. O duende cumprimentou-o formalmente com a mão, e depois lhe acertou um tapa nos glúteos e fez festa. A Guardiã foi a última a cumprimentá-lo. Observou-o cuidadosamente, e depois tornou a atenção para o bebê, que dormia tranquilamente no seu colo. Então colocou a mão sobre o ombro de Vanhardt, e disse:

Parabéns, você conseguiu... Estou muito feliz, juro! Será que posso pegá-lo no colo um pouco? - a Guardiã apontou para Erick,

que coçava o narizinho.

Mas é claro...

Todos quiseram segurar Erick no colo, até Lila, que como não tinha braços tão compridos o fez levitar. Green gostou de fazer caretas para o garoto, que acabou acordando e chorando copiosamente.

Também, com uma coisa horrorosa dessas na frente, é óbvio que ele iria chorar! - emendou a fada.

Depois da festa com o retorno de Vanhardt e seu filho, o lado feminino do grupo passou a recriminar o filho da deusa do gelo. Primeiro, ele havia enrolado os cobertores como se Erick fosse um presente, e não um ser humano; segundo, era pano demais, não adequado para um clima como aquele; e terceiro, Vanhardt não fazia a mínima noção de como segurar o bebê.

Sua esposa não ensinou a segurá-lo?

Ravina, eu tenho certeza de que ela tentou, behe!

Cerca de meia hora depois os cinco partiam para o norte, rumo à terra do gelo. Vanhardt insistiu com a Guardiã que ela já podia voltar para sua vila, visto que seu filho fora encontrado. Ela negou veemente, justificando que só ficaria realizada quando o visse em sua casa, junto de sua esposa. Só aí Vanhardt lembrou que Selena continuava desaparecida. Não entrava em contato com sua mãe há bastante tempo, e por isso não fazia idéia de como andavam as buscas. Logo, porém, estaria na terra do gelo, e poderia encontrar Léia pessoalmente.

Durante a caminhada, Vanhardt narrou suas aventuras apaixonadamente. Contou como abriu o selo do templo, como viu Erick da sua idade, e ainda como teve de lidar com o deus da justiça.

Puxa, até Justus! Não acredito que você enganou Justus!

Eu não o enganei Green... Eu só... Bem, eu só omiti detalhes.

Sei, sei. Mesmo assim foi atrevido de sua parte. Só não entendi por que Erick estava tão velho.

É, também não entendi. Enquanto o que pareceram horas lá dentro pra mim, foram dias aqui fora pra vocês. Pra Erick ter envelhecido mais rápido deveria ter sido o contrário. Estranho. Enfim, de qualquer forma sabemos que os tempos passam de forma diferente aqui fora e lá dentro, e é isso que importa.

O filho da deusa do gelo também não deixou de perceber que Lila parecia mudada. Ela havia tomado a liderança do grupo, apontando a direção a ser tomada com segurança, obrigando todos a apertarem o passo, dando o bebê para Ravina carregar ao invés de Vanhardt. A fada parecia mais compenetrada no que fazia, e simplesmente ignorou Green quando este implicou com ela chamando-a de "General". O filho da deusa do gelo não desconfiava do motivo pelo qual fada modificou tanto suas atitudes, e passou algum tempo refletindo sobre isso. O último detalhe a intrigá-lo era o fato de Green ser seguido por uma galinha.

O nome dela é Clotilde, e não "galinha"! Mais respeito com minha amiga... - aproximando do ouvido de Vanhardt, sussurrou como se quisesse que Clotilde não o ouvisse - É que ela é a minha nova fonte de alimentos. Pode botar ovos a qualquer momento...

Entendo... - retrucou Vanhardt tentando se convencer de que o duende não era louco.

Ao final do primeiro dia de viagem, Green não havia comido ovo algum, mas Vanhardt dividiu algumas frutas e um esquilo que assaram juntos. Erick adaptou-se muito bem a Ravina, que o carregava nas costas, em uma espécie de mochila que improvisara com os panos. Ele até balbuciava algumas palavras, como "dá-dá-dá", enquanto jogava os bracinhos para frente. Comia frutas amassadas, que Ravina oferecia com os dedos.

Acho isso muito pouco higiênico - comentou Green.

É assim que fazemos em nossa vila. Não há nada de mais - respondeu Ravina enquanto tirava o dedo da boca de Erick, que sugava com força. - Pelo menos ele tem mais de seis meses e não

depende de leite exclusivamente. Senão teríamos de arranjar uma ama-de-leite imediatamente para ele - Ravina então fitou o duende misteriosamente.

Ei, tire esses olhos de mim - Green lançou os braços sobre os peitos, visivelmente preocupado.

Durante a noite, o bebê estava mais agitado, e Lila cantou uma música para ele se acalmar. Vanhardt também se sentia inquieto em seu colchão de folhas. Encontrava-se ansioso com a proximidade de voltar para Crivengart. Seu sono se mostrou mais perturbador ainda.

Ele estava em um corredor comprido, com grades enferrujadas de ambos os lados. Uma prisão. Dentro das celas não havia ninguém, apenas correntes e algemas de metal espalhadas pelo chão. Da escuridão do fundo do corredor, a voz de sua esposa chamava-o desesperada:

Vanhardt! Vanhardt!!! Por favor, tire-me daqui!

O filho da deusa do gelo correu em direção à voz, e encontrou Selena acorrentada em uma parede, no fundo de uma cela onde grades o impediam de entrar. Não era a mesma Selena bela e radiante, mas cansada, olhos encovados e opacos, cabelos desgrenhados, enfim, completamente desfigurada. Do canto das órbitas escorriam gotas de lágrimas que se misturavam ao suor.

Vanhardt... Graças a Léia você está aqui - os olhos de Selena reavivaram ao ver seu amado. - Por favor, ande rápido, tire os cadeados, ele pode chegar a qualquer momento...

É claro, querida, mas quem está vindo? - perguntou Vanhardt que imediatamente agarrou os cadeados e conjurou *Vheca venarsuli*, para abri-los.

Mondovar! Rápido, ele pode...

Um silêncio e uma brisa gélida e sinistra se apossaram do ambiente, seguidos de uma escuridão que impediu Vanhardt de enxergar Selena. O frio era tão intenso que doía até mesmo os ossos do rapaz, e fazia suas forças o abandonarem. Ele não escutava a voz

de sua esposa, mesmo tendo chamado seu nome várias vezes. Desesperado, tentava arrebentar as trancas, mas não possuía energia suficiente. Foi então, que do meio da escuridão, o jovem viu surgir o famigerado Mondovar.

Vestia uma armadura negra, e um elmo da mesma cor encobria-lhe o rosto de onde olhos amarelos saltavam das órbitas. A visão de Mondovar assustou-o como nenhuma outra, e teve vontade de gritar mesmo faltando-lhe fôlego, tamanho era o terror que o atormentava. Mondovar veio se aproximando das grades de ferro, e Vanhardt deu dois passos pra trás.

Desista, rapaz - a voz metálica de Mondovar era igualmente amedrontadora.

Fuja antes que seja tarde demais. A situação em que acaba de se meter é muito mais perigosa do que imagina. Sua esposa agora é minha, e não há como tê-la de volta. Siga as minhas instruções, e terá sorte de sobreviver por um tempo...

Eu...eu nunca irei desistir de Selena! Quem não irá sobreviver é você, maldito!

o filho da deusa do gelo retirou Flama de dentro do braço, e tentou acertar Mondovar através das grades. Antes que o atingisse, porém, sentiu uma fincada no abdome.

Quando olhou para baixo, viu a espada de Mondovar atravessada em sua barriga. Ele não sentiu dor imediatamente, o que o assustou mais ainda. Foi então que um sono o abateu, e uma vontade de desistir de tudo. Chegou a pensar em dormir para sempre, e assim fugir de todos os problemas. Era tão difícil viver, era tão difícil ser filho de uma deusa, tão cansativo. Não seria melhor aproveitar para dormir um pouco, e quem sabe nunca mais precisaria acordar?

Aos poucos, seu corpo foi despencando no chão, mas não se chocou de maneira violenta, e sim como se caísse sobre um colchão de plumas. Vanhardt olhou para Mondovar que simplesmente virou

as costas, e desapareceu na escuridão. Que ser terrível era aquele. Tão frio e cruel que parecia não ter alma. Era como um boneco, com nada no interior, apenas um buraco repleto de escuridão. Vanhardt pensou que Mondovar seria capaz das maiores crueldades possíveis, porém logo parou de se preocupar com isso, pois estava tão cansado... Lentamente foi fechando os olhos. Finalmente poderia dormir.

Capítulo LII - *A Nova Terra do Gelo*

Após receber um puxão no colarinho, Vanhardt imediatamente se viu prensado contra as grades. Quem o segurava com tamanha força era Léia, sua mãe. O rosto dela revelava seriedade e ao mesmo tempo compaixão. De suas mãos brilhavam uma luz amarela, que curaram a ferida no abdômen do rapaz instantaneamente. Ela então sussurrou com voz doce e maternal:

Não ouse desistir! A terra do gelo passa pelo momento mais difícil de toda sua história. Seus amigos, seu pai, Erick, Selena, todos precisam de você! Eu preciso de você...

Mãe, encontrei Erick finalmente! Ele estava com Justus...

Sei disso, meu filho, o Templo Dourado é o lar de Justus e de Bel, mas isso não vem ao caso agora. Olhe para mim. Quando tiver estalado esses dedos, você acordará. E repito, não ouse ficar aqui, preso neste sonho eternamente. Precisamos de você - a deusa do gelo estalou os dedos, e Vanhardt acordou sobressaltado, com a luz do sol esquentando seu rosto.

Atrás dele, Ravina servia frutas amassadas para Erick, que sorria inocentemente. Lila apontava para o horizonte sobre o ombro de Green, ao mesmo tempo em que o duende coçava o nariz, com fingido interesse. Por alguns segundos o filho da deusa do gelo se arrependeu de ter desistido de tudo, e quase abandonado o que já havia construído. O terror exercido pela aparição daquele ser, de nome Mondovar, foi tão perturbador, que ele próprio se perdoou. Era certo, contudo, que aquela não seria a primeira vez que a presença de Mondovar o amedrontaria.

Na verdade, depois do alerta de sua mãe, deduziu que algo muito ruim estava acontecendo na terra do gelo, e obviamente o cavaleiro da armadura negra estaria envolvido. Lembrou-se do exército que passou próximo ao grupo dias atrás, e que deixou a terra arrasada. De repente, passou a enxergar tudo de maneira tão clara, que mal se continha. O exército se dirigia à terra do gelo... Eles levavam um obelisco para lá. E sem sombra de dúvidas era comandado por Mondovar, o que explica o mesmo sentimento ruim, estando em presença dele ou das tropas. E, espere mais um pouco... O traidor então seria o superior de Mondovar! E se estavam indo para a terra do gelo, será que descobriram que Léia era Morgana, e pretendiam terminar o serviço inacabado?

As idéias sopravam como um furacão enlouquecido na cabeça de Vanhardt. Se estivesse certo, uma semana teria se passado, e quem sabe tempo suficiente para que o exército atingisse a terra do gelo. Foi por isso que sua mãe, naquele sonho, pedia sua ajuda. O que estaria acontecendo em sua terra natal? Rapidamente ele se levantou, e ajeitou as trouxas. Chamou os amigos, e explicou-lhes detalhadamente o sonho que teve, e também as conclusões que chegou. Eles concordaram que deveriam seguir o mais rápido possível para a terra do gelo, e traçaram planos para dormir pouco e caminhar muito. Green chegou a dizer que não poderiam ter certeza da conexão Mondovar-tropas, mas não foi levado em consideração.

Horas depois, cruzavam a planície que levava à terra do gelo cobertos cada um com sua própria bolha azul, providenciadas por Lila. Erick continuava nas costas de Ravina, e parecia se divertir muito com a bolha, pois tentava agarrá-la de qualquer maneira enquanto se deleitava em sonoras gargalhadas. Green foi outro que adorou a idéia da bolha, pois nestes últimos dias não havia se alimentado nada bem, e com ela não sentia fome.

No dia seguinte, já avistavam os primeiros flocos de neve brotando dos céus, e montanhas cobertas de neve no horizonte. O

coração do filho da deusa do gelo acelerou, em uma mistura de melancolia e felicidade, por estar voltando à sua terra natal depois de tanto tempo. Logo o chão também estava coberto com um colchão branco, e ventos fortes causavam atrito ao se chocar com a bolha, produzindo um murmúrio fantasmagórico. Mesmo dentro da bolha Vanhardt reconhecia o cheiro de seu lar, e conseguia se localizar muito bem. Não demoraram mais sete dias para que chegassem à periferia da velha vila de Crivengart.

O filho da deusa do gelo reconheceu de longe as colinas e vegetações que indicavam a proximidade da vila. Quando os primeiros telhados foram avistados, seu instinto foi o de correr, mas deteve-se ao perceber que algo estava errado. Havia uma estrutura negra, comprida como um prédio e com o ápice piramidal, erguida sobre o centro de Crivengart. O obelisco que o exército levava... Imediatamente o grupo passou a notar um estranho magnetismo, opressor, que circundava seus corpos, e tirava-lhes as forças.

Pelos deuses, o que é isso? Estou sentindo como se fosse levar um choque a qualquer momento, além de náuseas... Acho que vou vomitar... - disse o duende colocando a mão sobre a boca.

Green, estou com um péssimo pressentimento. - murmurou o filho da deusa do gelo, lacônico, tirando Flama de dentro do braço. - Crivengart está diferente, e não apenas por esse obelisco no centro da vila, mas também por toda a vibração no ar. Poderia cortá-lo com Flama facilmente, de tão pesado! Algo muito grave e muito ruim está acontecendo. Preparem-se para o pior.

Ravina entregou Erick nos braços de Green, e o bebê desatou a chorar. Talvez nem fosse por estar no colo do duende, e sim pela mesma opressão invisível que todos sentiam, mas os prantos do bebê aborreceram Green. Vanhardt fez um sinal para Ravina, indicando que o acompanhasse. A Guardiã pôs a mochila nas costas do duende, e cobriu o rosto com o velho capuz. Por fim, Vanhardt virou-se para Green, e emendou autoritariamente:

Deixo meu filho em suas mãos! Deve imaginar o quanto tenho você em estima. Por favor, não se aproxime mais do que mil metros da vila. E se avistar algo estranho, corra. Entendeu?

Van, você têm certeza que...

Ótimo! - interrompeu o filho da deusa do gelo, virando-se dessa vez para a fada. - E você, fique aqui para tomar conta dos dois, está bem?

A fadinha, numa atitude que Vanhardt nunca consideraria possível, voou até o peito do rapaz, e espetou-lhe o indicador:

Não quero parecer grossa, só que dessa vez estou decidida a não obedecê-lo. Se algo grave e ruim estiver acontecendo naquela vila, eu estarei lá. Você sabe muito bem que o perigo não virá até aqui, por isso deixou seu filho com Green! Não tente me proteger, largando-me aqui com eles, e ainda mais contando essa desculpa esfarrapada de que eu devia cuidar dos dois. Eu não sou seu bebê! - sem esperar por qualquer argumentação de Vanhardt, ela voou em direção à Crivengart.

Ravina e Vanhardt dispararam atrás da fada, sem conseguirem alcançá-la. Segundos depois, quando entraram na vila, não puderam mais vê-la. De fato, não havia alma viva nas ruas, nem conversando nas soleiras das portas, e muito menos trabalhando. Se não fosse por uma minguada fumaça, saindo da chaminé de duas ou três casas, poderia-se facilmente acreditar que Crivengart estava deserta. Com o dedo sobre os lábios, Vanhardt pediu que Ravina fosse silenciosa. Os dois passaram a caminhar lentamente, olhando para todas as direções, porém o único movimento era o de flocos de neve, que insistiam em cair mesmo sendo três horas da tarde. A medida que penetravam na vila, sentiam o ar ainda mais carregado e magnetizado. O coração de Vanhardt batia com o dobro da força para poder suportar o peso invisível que o oprimia. Não poderia dizer que Ravina passava pela mesma situação, pois a Guardiã se mostrava impassível.

De repente, um ruído de passos chamou a atenção de ambos, vindo próximo de uma das casas. A porta estava entreaberta, e batia nos ferrolhos como os tic-tacs de um relógio, culpa de um vento sem força suficiente para fechá-la. A tensão no ar aumentava. Vanhardt e Ravina se preparavam para serem surpreendidos a qualquer momento. A espada estava firme na mão do filho da deusa do gelo, pronta para atingir o primeiro infeliz que cruzasse o seu caminho. E se fosse um dos habitantes da vila? Conseguiria o rapaz segurar seus instintos a tempo, se reconhecesse um dos moradores? Outro som veio de dentro da mesma casa, porém dessa vez parecia mais com um "psiu" do que o barulho de passos. Foi então que surgiu na janela um senhor de cabelo bem grisalho, o qual Vanhardt reconheceu imediatamente:

Pai...?!

- Vocês dois - sussurrou Thomas, com a voz mais baixa que conseguia. - Venham aqui depressa! Não podem ser vistos! Rápido!

Obedecendo à ordem do pai, Vanhardt deu a mão para Ravina, e entraram na casa. Thomas fechou as janelas com cuidado, e depois virou-se para o casal. Parecia ter envelhecido dez anos nesse tempo. Sem se conter, Vanhardt abraçou o pai em meio a lágrimas, e batendo com força em suas costas, disse:

Pai, encontrei o seu neto! Trouxe Erick de volta para casa, como prometi!

Bem... trouxe...? E onde ele está...? - Thomas apertou os olhos e balançou a cabeça para os lados, tentando enxergar o bebê em algum lugar escondido.

Está fora da vila, com um amigo, não se preocupe...

Fora da vila? FORA DA VILA? Minha deusa!!! - o pai de Vanhardt não conseguiu esconder o terror que o afligiu.

Como assim pai, o que o senhor quer dizer com...

Vamos rápido, antes que seja tarde demais!

No instante em que se preparavam para disparar atrás de Green e Erick, o duende entrava pela porta carregando o bebê no colo, com a cara mais sem vergonha do mundo, e a galinha Clotilde no seu encaixo. Thomas pegou o menino no colo dando urros de alegria, e beijando-o insistentemente.

Por favor, Vanhardt, não brigue comigo... Não é que tive medo de ficar lá fora, esperando vocês, mas sabe como é... Poderia aparecer alguma encrenca, e eu seria obrigado a sacar minha espada para poder acabar com quem quer que fosse. Acho que até conseguiria lutar com Erick no colo, só que você entende... E se traumatizasse o bebê?

Está certo, Green, já entendi tudo. Não estou bravo, na verdade fiquei até feliz depois de ver a reação do meu pai quando falei que Erick estava lá fora. Obrigado por ser tão covarde - emendou o rapaz, num sorriso sincero. - Mas pai, você pode nos explicar o que está acontecendo nessa vila?

É claro, meu filho! - Thomas respondeu sem olhar para Vanhardt, assim que devolveu Erick para Green, pois se ocupou de abrir um alçapão de metal, pesado. Quando a portinhola se dobrou, e caiu no chão, levantando poeira e emitindo um enorme estrondo, ele continuou - Estão todos aqui nos esperando! E você também pode aproveitar para nos contar sobre esse duende, e sobre "ele" - Thomas apontou com a cabeça pra Ravina.

Ah, me desculpe por não tê-los apresentado. Pai, esta aqui é Ravina, uma amiga que já nos ajudou bastante. Ravina é tímida, e por isso não abaixa o seu capuz com muita frequência, o que deve tê-lo feito se confundir. O duende é Green. Ele já nos... hmmm - Green cruzou os braços sobre Erick e comprimiu os beiços - fez rir bastante... às vezes. Enfim, este é meu pai, Thomas Rawdenfoster, ou apenas Thomas. Meu sobrenome é diferente do dele porque aqui na terra do gelo não temos o costume de pegar o sobrenome dos pais, como sei que acontece no sul.

Depois de todos se cumprimentarem devidamente, e Ravina haver abaixado o capuz permitindo que Thomas visse o seu rosto, o pai de Vanhardt não conteve a curiosidade:

Meu filho, por acaso você e essa dama... Bem vocês dois... Vanhardt, você se esqueceu de que é casado?

É claro que não; não tire conclusões precipitadas. Eu não esqueci Selena. Vamos logo!

O filho da deusa do gelo foi o primeiro a descer pelas escadas abaixo do alçapão, seguido respectivamente por Green, Ravina, Thomas que mais uma vez tomou Erick das mãos do duende, e a galinha fechando a fila. Estava escuro, e além de um cheiro de mofo e poeira, podia-se ouvir o murmúrio de pessoas conversando.

Por favor, acendam a luz - disse Thomas, e imediatamente um lampião foi aceso sobre uma mesa.

O porão da casa era bastante espaçoso, e acomodava até razoavelmente bem aqueles quarenta habitantes da vila. Estavam sentados em cadeiras de madeira, ou ainda de pé, e Vanhardt reconheceu a maioria deles. Atrás da mesa sobre a qual repousava o lampião, e mais uma pilha de papéis, encontrava-se Runcard Moreller, que conduzira o parto de Selena; dona Lavínia, uma senhora idosa que não gostava que crianças brincassem em frente à sua casa; e por fim uma cadeira vazia. Os três lugares atrás da mesa pareciam ser especiais dentro do aposento. O que mais surpreendeu Vanhardt dentro do esconderijo improvisado, não foram os objetos, nem as pessoas, e tampouco essa espécie de reunião que aparentemente estava acontecendo. Uma criatura parecida com um coelho, vestindo um terno azul, gravata borboleta vermelha e botas amarelas, discutia em voz baixa com Runcard.

Oswaldo??!

Ah, Vanhardt, muito bem, muito bem, muito bem! E bom rever o heróico filho da deusa do gelo.

Igualmente, Oswaldo, mas será que alguém poderia me contar o que está acontecendo?

É claro, meu jovem - Runcard adiantou-se, e esticou os dois braços pra cima e pra frente. - Então vamos todos nos sentar. Thomas, pode ocupar seu lugar como conselheiro. É interessante como o destino trouxe você nesse momento, Vanhardt, mas enfim... Está iniciada a reunião que definirá o destino de Crivengart!

Capítulo LIII - *O Alvorecer de um Líder*

Thomas deixou Erick com uma bonita senhora, tomou o terceiro lugar que permanecia vazio, e sentou-se cuidadosamente, arredando a cadeira de modo a ficar confortável sob a mesa. Oswaldo deu dois passos para trás, ficando colado à parede, balançou o nariz de coelho como se espantasse uma mosca, e cruzou os braços. Todos naquele momento mantinham olhos atentos à Runcard, que por sua vez coçou a garganta com a mão fechada sobre os lábios, e começou a falar fingindo importância:

Como todos sabemos, nossa amada vila foi invadida há cerca de uma semana, por um exército de seres estranhos, do qual prefiro não relembrar, devido a tantos traumas causados por sua mera presença. Era impossível para nós enfrentá-los, pois nem haveria uma batalha, e sim um massacre. Sabiamente, aceitamos que eles fizessem o que queriam em troca de que fôssemos poupados. Por sorte, eles quiseram apenas colocar esse obelisco aí fora, e destacaram um único soldado para que ficasse de vigia. Partiram do mesmo modo que chegaram, sem dar aviso. Dois dias depois, por um motivo que até agora desconheço, dez companheiros, infelizmente, tomaram a liberdade de se rebelar, e atacar o soldado que vigiava o monumento, e foram mortos instantaneamente. Confesso que se não fossem nossos amigos, eu teria ficado feliz com o falecimento deles. Se aquele soldado tivesse morrido no lugar, o exército do qual fazia parte teria tomado conhecimento e, sem dúvida, retornado e aniquilado Crivengart. Pudemos então continuar nossa pacata vida, desempenhando as tarefas diárias, sem que fôssemos submetidos a

qualquer mal-trato ou privação. Apesar disso, parece que existem alguns companheiros insatisfeitos com nossa situação atual, e que querem iniciar uma nova rebelião, além de vingar os companheiros mortos. Acho que estes não ouviram o soldado dizer, que não toleraria uma nova revolta, e que toda a vila seria destruída se ousássemos enfrentá-lo ou derrubar o obelisco!

Runcard, você sabe que não é bem assim! - levantou um aldeão de aparentemente quarenta anos, cabelos loiros, de fios grossos, e compleição magra. - Desde que esse obelisco foi plantado aí, nossa vida não tem sido a mesma. Só um idiota não perceberia a aura de tristeza que tem tomado conta de todos. Minha esposa chora o dia inteiro sem motivo, meus garotos não querem mais brincar ou trabalhar, e nem conseguem sorrir. Algo está acontecendo! É magia, e maligna!

Não vamos exagerar, Greylok. Não chega a tanto - tornou Runcard, com a mão espalmada, em sinal de pare. - Essa tristeza é luto por nossos amigos que morreram, e também trauma pela passagem do exército. Todos nós sentimos assim, alguns mais e outros menos... A tristeza é natural, mas garanto que vai passar, e logo...

Deixe de ser ignorante, Runcard. Não vê o que está diante dos olhos de todos! - dessa vez adiantou-se uma moça mais jovem, mas com rugas no rosto inchado, e semblante preocupado. - Algo muito ruim está acontecendo, e nos afetando! Não temos vontade de trabalhar, conversar, e muito menos festejar! Onde está a alegria que sempre jorrou nessa vila, mesmo nos dias mais frios?

É, sim, também acho que seja magia! Aquele monumento é maligno! - gritou alguém do fundo.

Nesse momento um murmúrio baixo tomou conta do aposento, e em poucos segundos se tornou uma discussão calorosa em que praticamente todos tomavam partido. Os únicos calados eram Vanhardt, Ravina, Thomas e Oswaldo. Até Green, que só agora fora

apresentado à situação, gesticulava e discutia com um senhor de idade, defendendo que eles deveriam ficar quietos, em vez de se arriscar a enfrentar um exército. De fato, havia dois lados em disputa: um que acreditava que Crivengart estava sob o domínio de forças do mal, vindas provavelmente do obelisco, e outro que achava que tudo corria bem e que não deveriam fazer nada, pois o sentimento de infelicidade geral, e o pessimismo, eram parte do trauma causado pela passagem do exército. Dez minutos se passaram, e os ânimos não ficaram menos exaltados: a discussão só parou quando Runcard se armou de um martelinho e golpeou a mesa com força algumas vezes.

Silêncio, por favor, SILÊNCIO! Se não existir organização, não chegaremos a lugar algum; além disso, podemos ser ouvidos, e uma conspiração descoberta não nos cairia bem nesse momento. Seria melhor passarmos logo para a votação, pois acredito que todos já tem opinião formada, e horas de blá-blá-blá não fariam muita diferença. Antes, queria apenas apresentar umas considerações finais. Em primeiro lugar; vocês querem desafiar o soldado que defende o obelisco, para pô-lo abaixo, certo? Pois bem, como farão para derrotá-lo? Esqueceram que com um golpe apenas ele matou dez de nossos companheiros, dentre eles alguns dos melhores guerreiros? Nem vimos o que ele fez, e acredito ser magia! Uma nova investida só resultaria em mais mortes! Em segundo lugar, repararam no tamanho do obelisco? Quanto acham que aquilo pesa? Acreditam seriamente que amarrando um ou dois burros, e puxando o monumento, ele vai ceder? Precisaríamos de no mínimo cem cavalos, o que está longe das nossas possibilidades. E terceiro...

Runcard - adiantou-se Oswaldo, surpreendendo a todos, com voz humilde. - Meus amigos, meus amigos, meus amigos, e a proposta que da deusa do gelo? Ela está disposta a ajudá-los, com o que for necessário.

Não me venha com essa, coelho, - continuou Runcard - essa deusa vive enclausurada, quase nunca nos ouve, e de repente se prontifica a ajudar? Eu desconfio muito... E como dizia, em terceiro lugar: o exército! Independente do fato de matarmos ou não o soldado, derrubarmos ou não o monumento, ainda temos que enfrentar as tropas de Mondovar, e duvido muito que mesmo uma deusa...

Quando o nome "Mondovar" foi pronunciado, Vanhardt saiu de seu estado de quase sono, e levantou-se, com os olhos arregalados. Falou então com voz preocupada, dirigindo-se a Runcard, e atraindo todos os olhares:

Você disse *Mondovar*?

—... e nunca venceríamos... Hã? Como é rapaz? Sim, Mondovar, o nome que está na boca de qualquer habitante de Kether nesse instante!

Então Mondovar é mesmo o comandante dessas tropas? E ele esteve aqui?

Ele é o comandante sim, mas não estava junto da tropa. Um de seus mensageiros veio a nós, representando-o, dizendo que se não nos rendêssemos, a vila seria dizimada. Não tivemos outra escolha, a não ser...

Eu já sei, você às vezes é bem repetitivo, sabia ,Runcard? Eu quero saber se ele botou os pés nessa vila? Alguém o viu? Sabem se ele tinha prisioneiros? Imagino que Selena poderia estar em seu poder.

Não, rapazinho, ele não botou os pés aqui, ninguém o viu, e não tinha prisioneiros! A fama, entretanto, veio com ele, e sabemos das outras vilas por onde passou, e na qual não restou um prédio de pé, uma alma viva. Se Selena estiver mesmo com ele, depositamos nossos sentimentos de compaixão, e tomara que todos os deuses olhem por ela!

Vanhardt passou alguns segundos pensativo, enquanto a turba fofocava discretamente. Então ele estava certo ao pensar que Mondovar era o comandante daquelas tropas. Mas pelo visto não esteve em Crivengart, e provavelmente não levou Selena para lá. Onde será que ele estaria? Uma força fora do comum, já conhecida de Vanhardt, brotava na base de sua espinha. Dessa vez, entretanto, a força emergia numa mistura de raiva e esperança. Raiva por ele saber como Mondovar estava tratando Selena, e esperança por saber que ele tinha uma chance de acabar com aquilo tudo. Acabar com as forças que dominavam a vila, libertar o seu povo, e ao mesmo tempo derrotar Mondovar. E ele devia tomar a palavra, se quisesse que a vila o ajudasse.

Runcard, você defendeu o seu lado, agora deixe que eu defenda o meu - Vanhardt caminhou até a mesa, subiu nela, e virou-se para as quase quarenta pessoas que se reuniam debaixo daquela casa.

Rapazinho, quem você pensa que é para achar que tem direito a alguma coisa aqui? - disparou Dona Lavínia, a senhora que se sentava atrás da mesa, ao lado de Runcard e de Thomas.

Eu sou tão habitante dessa vila quanto a senhora, e tenho os mesmos direitos que qualquer um daqui. Nasci nessa terra gelada, e passei minha infância sentindo frio em meu coração, pelo modo como era tratado pelos meus vizinhos - olhares de surpresa e constrangimento foram lançados sobre Vanhardt. Ele continuou, como se nada visse. - Hoje, porém, ousa afirmar que entendo o medo de vocês. É o mesmo medo que todos têm de Mondovar, e seu exército de mortos- vivos. O mesmo medo que eu e meus amigos de jornada tivemos ao observar aquele exército marchando, centenas de quilômetros ao sul daqui, e deixando a terra infértil e arrasada por onde passavam.

À medida que o jovem filho da deusa do gelo discursava, mais pessoas prestavam a devida atenção em suas palavras. Ele não era o garoto ingênuo que saiu dali, e desconhecia o mundo e as pessoas.

Havia retornado como um verdadeiro homem. As provas por que passou, as lutas e provações, a morte que bateu em sua porta inúmeras vezes, proporcionaram material que dava subsídio para um enorme crescimento espiritual. Vanhardt hoje era um homem feito, com palavras fortes, e que despertava sentimento de esperança na alma de quem o ouvia. Discursava como um orador profissional, dando a entonação certa a cada palavra, fazendo pausas entre as frases, que por sua vez gerava curiosidade para a sentença seguinte. Suas mãos não gesticulavam aleatoriamente, mas dançavam junto com as palavras, que eram derramadas como mel sobre os ouvintes. Ravina e Green ficaram impressionados com o Vanhardt que viam. Ele saiu bastante diferente de como entrou no Templo Dourado.

Medo, meus amigos, que só pode ser gerado por um único motivo: desconhecimento. Só temos medo do desconhecido. Até mesmo os deuses, dos quais veneram tanto, temem alguma coisa. Digo isso, pois já estive em mais de uma oportunidade cara a cara com eles. Mas vocês devem estar se perguntando, por que ele está dizendo tudo isso? E com muito prazer, irei responder. É óbvio que esse obelisco, está aos poucos sugando a força vital de todos nós, e quem sabe não faz o mesmo com habitantes de outras vilas aqui perto? Quando vi Thomas, meu pai, achei que ele tinha envelhecido dez anos! E o mesmo acontece com cada um de vocês. O que será de nós daqui a alguns anos? Ficaremos iguais aos cadáveres que perambulam como soldados, nas tropas de Mondovar? E vocês o que vão fazer? Permanecer como escravos, dando dia a dia o seu sopro de vida para aquele monumento? Vendo seus irmãos, irmãs, filhos, avós, pais, definhando, sem levantar um dedo sequer? Não meus amigos! Hoje, eu convido vocês a enfrentar esse medo, o medo do desconhecido, ao meu lado. Lutar contra as forças opressoras que roubam as nossas vidas, a fim de recuperar aquilo que é de direito de cada um. Não exigimos mais do que é justo, mas aquilo que merecemos! Eu irei derrotar aquele soldado e derrubar o

monumento, recuperando a esperança que sei que arde como chama no coração de todos vocês, assim que sair desse porão! - Vanhardt parou de falar dando um soco na mesa, e as pessoas murmuraram empolgadas. A maioria parecia satisfeita com a idéia, apesar de ainda relutantes.

— Bem, rapazinho, então você quer desafiar não apenas o soldado, mas também destruir o obelisco, e pelo jeito derrotar todo o exército de Mondovar, não é? E como pensa fazer isso? Sabemos que é o filho de uma deusa, mas tem poder pra tudo o que disse?

—Tenho, Runcard... - Vanhardt falava misteriosamente, e, com movimentos deliberados, desceu da mesa e foi retirando Flama de dentro do braço lentamente. Quando ela saiu por completo, ele ergueu-a no ar, permitindo que uma luz num tom avermelhado emergisse de sua lâmina, e banhasse os presentes.

Todos sentiram suas forças retornando aos poucos, como se a aura magnética que roubava suas energias tivesse desaparecido. Era um verdadeiro sopro de vida. Até mesmo o rosto das pessoas, marcado por rugas, manchas, e marcas de idade, rejuvenesceu num piscar de olhos. Muitos deles, outrora extremamente debilitados física e mentalmente, sentiram a força muscular voltando aos membros e até uma alegria de viver. Os olhos, cheio de vida, pareciam acreditar em uma vitória. Mas ainda era apenas um rapaz contra um forte soldado, um imenso obelisco, e um exército inteiro.

— Ótimo, Vanhardt, você teve direito ao seu discurso, e até a um show de luz, mas agora vamos definir o futuro de nossa vila com uma votação, que é a maneira mais democrática - emendou friamente Runcard. Vanhardt guardou Flama novamente em seu braço, mas o sopro de energia ainda tocava o coração das pessoas, e permaneceria assim por algum tempo. - Quem estiver de acordo com Vanhardt, nessa missão suicida de lutar contra Mondovar, levante a mão! Quem for sensato, e se negar a uma loucura como essas, mantenha-a abaixada.

Timidamente, algumas pessoas ergueram o braço acima da cabeça, entre elas Thomas, Vanhardt, Ravina (esta teve de cutucar Green para que ele imitasse os outros), e mais 5 ou 6 habitantes. Runcard, ao perceber que Ravina e Green votavam, apontou para os dois, e disse que como eles não eram habitantes da vila, não poderiam votar. Com semblantes tristes, os dois abaixaram os cotovelos. Ravina esperava que mais alguns tomassem coragem e votassem a favor, pois parecia ser uma vitória esmagadora do não. Ela entendera os planos de Vanhardt: ao mesmo tempo em que ele pretendia libertar sua vila, queria chamar a atenção de Mondovar para que ele voltasse até Crivengart. Só através de Mondovar chegariam até Selena, pois ele certamente a mantinha em cativeiro. O grande problema seria derrotá-lo, e o seu exército. E mais difícil ainda, extrair tal informação dele.

O filho da deusa do gelo já ia admitir a derrota, e sair decepcionado de Crivengart, quando Oswaldo novamente tomou a palavra.

Pessoal, volto a deixar clara a proposta da excelentíssima e digníssima Léia, a deusa do gelo. Ela está disposta a ajudá-los contra Mondovar, mas é óbvio que vocês devem deixar ser ajudados. Acredito piamente que Vanhardt, aliado às forças de minha Dama, formarão uma frente respeitável perante Lord Mondovar. Respeitável, muito, muito respeitável!

Pouco a pouco, novos braços foram sendo levantados, dando mais ânimo para Vanhardt. Chegaram a uma soma de 18 braços levantados, contra 22 abaixados. Ainda sim era uma derrota. O que o jovem não esperava, foi o que aconteceu em seguida. Um antigo amigo, ou inimigo, desde os seus tempos de criança, Rufus, ergueu o braço. Rufus estava muito mudado: rosto mais largo, barba vermelha cobrindo cada centímetro da mandíbula e bochechas, cabelos da mesma cor que a barba, tocando os ombros. Crescera bastante também, naquele momento não se via alguém maior, e mais largo: os

músculos de seus braços pareciam melões de tão avantajados. Rufus cutucou a moça sentada ao seu lado, e que tinha um bebê no colo (provavelmente a mulher e filho de Rufus), que de cara amarrada também aderiu ao "sim". As somas agora se igualavam: 20 braços levantados contra 20 abaixados. Vanhardt cumprimentou Rufus discretamente, com um sorriso nos lábios, sinceramente agradecido. O seu antigo inimigo fez o mesmo.

É, então temos um empate. Desse modo, serei obrigado a passar a decisão para a mesa dos delegados, que no caso são Lavínia, Thomas, e eu próprio - disse Runcard, despreocupado.

Vanhardt gemeu irritado, pois já sabia o resultado da decisão. Runcard e dona Lavínia eram obviamente contra qualquer tipo de insurreição, apenas seu pai, provavelmente, seria a favor. E de nada adiantaria discutir, dizendo que não cabia à mesa dos delegados a decisão, pois não tinha argumentos. A primeira votação fora empate, e eles precisavam de um novo tipo de votação para desempatar.

Quem é a favor de nos rebelarmos, levante a mão, e quem for contra, mantenha-a abaixada.

Thomas foi o único a levantar a mão, com tristeza. Antes, entretanto, que Runcard batesse o martelo, outra mão se ergueu, e foi a do próprio Runcard. Naquele momento, a surpresa não achou lugar dentro da sala, de tão saturada, e fugiu pela fresta do alçapão, fazendo um pernilongo do lado de fora erguer as anteninhas. Perplexo, e mais exagerado que os outros, Green grunhiu:

Mas que merda é essa? Runcard mudou de lado? Alguém me explica o que está acontecendo?

É muito simples, errr... Duende. Acabei me convencendo que um dia ou outro, alguém iria acabar se rebelando, e entendi que é melhor contar com a ajuda de Vanhardt, e sua mãe, contra nossos inimigos. Sei que é uma loucura, mas enfim, você venceu Vanhardt. Se for para morrermos, que seja com honra, e não definhando como jumentos atolados.

Um urro de alegria percorreu o aposento, e muitos deram tapinhas nas costas felicitando Vanhardt e seus companheiros. Antes que ele saísse pelo alçapão, Rufus tocou o seu braço, e murmurou:

Escute bem... Na infância tivemos nossas desavenças, e talvez tenha o ferido de algum modo. Peço desculpas por isso. Agora minha família e eu, além de Crivengart, conta com você e seus poderes. Se não for capaz de fazer o que prometeu, juro que eu mesmo irei provocar a maior quantidade de dor possível nesse seu corpo minúsculo - o rosto de Rufus revelava a verdade em suas palavras, porém não deixava de transparecer uma pontada de esperança.

Não se preocupe, Rufus. Se eu falhar, provavelmente já sentirei esta dor antes de morrer - Vanhardt sorriu ironicamente.

Os habitantes da vila empurraram o alçapão pra fora, e levaram Vanhardt e seus amigos para fora, agitados. Até aqueles que tinham votado contra, sentiam-se empolgados com a possibilidade da vitória, e da liberdade. Thomas arredou sua cadeira pra trás, e levantou, tocando gentilmente no ombro de Runcard.

Confio no meu filho. Obrigado por fazer o mesmo - o pai de Vanhardt deu um sorriso, e não disse mais nada. Aquele era seu jeito, poucas palavras, mas muita sinceridade e coragem. Saiu do porão sem fazer muito barulho.

Os últimos a restarem no aposento foram Runcard e dona Lavínia. A senhora idosa mordida os lábios, e enrugava a testa, juntando as sobrancelhas, profundamente irritada e insatisfeita.

Quem é você para dar crédito a um rapazinho mimado e orgulhoso? Acabou de decretar o fim de Crivengart.

Não seja inocente, minha cara - a voz de Runcard tornara-se fria e calculista, e seu rosto fechava-se numa expressão sombria. - Eu nunca faria nada que comprometesse a nossa sobrevivência. Preste bem atenção: eu não acho que Vanhardt possa derrotar o soldado que vigia o monumento. Lembra como este matou nossos

companheiros sem se mover? O mesmo acontecerá com o filho de Thomas. Depois disso, diremos que o rapaz agiu por conta própria, e imploraremos misericórdia. Pense bem, de um modo ou de outro, esse garoto "mimado e orgulhoso" iria acabar despertando uma revolta. Com a atitude que eu tomei, ele será morto, não nos causando problemas, e também servindo para acabar de vez com a vontade desse povo de se rebelar.

Hmmmm, você é mais astuto que uma raposa velha, Runcard! A minha única preocupação é se realmente seremos perdoados...

Ah, fique tranquila Lavínia. O soldado preferirá ignorar a revolta de uma pessoa isolada, não contando nada aos seus superiores, e fingindo que presta um bom serviço. Melhor manter seus comandantes tranquilos, do que ter de fazê-los voltar irritados a um vilarejo como o nosso. Eu não gostaria de ter um comandante como Mondovar irritado.

Depois de olharem para os lados, ajeitarem os cabelos e as roupas no corpo, Lavínia e Runcard saíram do porão. Por um descuido, não tomaram conhecimento de um pequeno vulto, que debaixo de uma das cadeiras escutou a toda conversa, enquanto procurava por uma galinha fujona. Após alguns minutos, e certo de que ninguém mais estaria próximo, Green se esgueirou para fora de seu esconderijo e saiu correndo atrás de Vanhardt.

Capítulo LIV - *Mais do que Velocidade e Precisão*

Alguns poucos flocos de neve se deram ao trabalho de cair e macular a atmosfera que até alguns minutos atrás se encontrava pacífica. Uma discreta camada de neve cobria as ruas de Crivengart. O sol, a meio caminho do horizonte, indicava que o fim do dia demoraria mais um tanto. Vanhardt caminhava com passos curtos, cabeça ereta e olhar confiante, em direção ao seu oponente, que permanecia encostado em uma árvore a vinte metros de distância. O soldado mantinha as pernas cruzadas, despreocupadamente, e segurava uma gaiola na mão direita. O obelisco se erguia majestosamente dezenas de metros atrás dele. Quando Vanhardt diminuiu a distância para dez passos, notou que Lila estava dentro da gaiola, deitada.

Você... Não perderei tempo perguntando como capturou minha amiga... Solte-a e vá embora dessa vila, e permitirei que preserve sua vida. Ou fique e sofra a fúria de minha lâmina - a voz de Vanhardt amedrontaria qualquer lutador mais inexperiente.

Naquele momento, os habitantes da vila acompanhavam os acontecimentos de longe, sob a proteção de suas casas, e aqueles mais valentes no meio da rua. Green e Ravina permaneciam ao lado de Thomas, que balançava Erick nervosamente no colo. O oponente de Vanhardt era um homem esguio, de pescoço comprido, braços e pernas finas. O rosto era esticado, como o de um cavalo, sem barba, e os cabelos negros caíam numa franja sobre a testa. A boca por sua vez, não parava de mastigar algo pegajoso. Ao contrário do que pudesse supor, não usava farda, mas uma cota de malha simples

embaixo de um colete vermelho. Não ostentava qualquer símbolo indicando que fazia parte de um exército. Ele depositou a gaiola de Lila no chão, cruzou os braços, e disse, ainda mastigando:

Em primeiro lugar, meu nome é Rogudim, e não "você". E em segundo lugar, - ele cuspiu algo que pareciam ser folhas transparentes. - Rapaz, achei que essas asas de fada fossem gostosas, mas sinceramente, tem um paladar nada agradável! Parecem frango, e eu odeio frango!

Apertando os dedos contra a palma da mão, Vanhardt quase fureou a própria pele. Seu rosto ficou ruborizado, e sentia o sangue ferver dentro das veias.

Rogudim... - a voz saía apertada de traz dos dentes cerrados. - Você arrancou as asas da minha amiga?

É claro que sim! São elas que dão o poder para a sua "amiga". Arranquei-as logo que a capturei, pois sem as asas, ela não pode usar magias e fugir da minha gaiola. Ouvi dizer que tem um gosto excelente, uma iguaria, além de propriedades curativas. Uma mentira; na verdade não têm sabor muito diferente de frango, e não consegui engoli-las apesar de ter tentado por duas horas. Uma pena não?

O rosto de Vanhardt não se decidia entre qual expressão tomar. Antes de se dirigir para o centro de Crivengart, onde encontraria o suposto soldado que vigiava o obelisco, recebera uma enxurrada de informações. Thomas, para prepará-lo, decidiu contar como foi a luta que resultou na morte dos dez crivengartenses rebeldes. Eles cercaram Rogudim, formando um círculo, mas antes que tivessem tempo para erguer suas espadas, caíram no chão ao mesmo tempo. Thomas foi um dos que correu para ajudá-los, e percebeu que os corpos estavam cobertos de furos com a largura de dois dedos, principalmente no pescoço e tronco, na altura de artérias importantes. A maioria morreu antes de ser socorrida, e mesmo aqueles que tiveram atendimento, não sobreviveram, devido às

intensas hemorragias. O pai de Vanhardt não fazia a mínima idéia de como aquelas lesões apareceram, porém desconfiava seriamente de alguma magia.

De posse das informações relativas à luta relâmpago, era hora de decidir o melhor horário para desafiar o soldado. O filho da deusa do gelo afirmou que não esperaria um segundo sequer, e pediu que indicassem logo onde encontraria o soldado. O povo se exaltou, pois não esperavam uma atitude assim imediata, mas de qualquer forma informaram ao filho da deusa do gelo que ele encontraria seu oponente facilmente no centro de Crivengart. Por fim, antes de seguir para o local, Green contou-lhe nos ouvidos a conversa que ouviu entre dona Lavínia e Runcard. Vanhardt permaneceu sério durante o relato, e depois disse para o duende não se preocupar: ele não perderia a luta, se era assim que Runcard pensava. Só depois trataria de acertar sua situação com o pai de Rufus.

A última a dirigir-lhe a palavra, foi Ravina, que insistia em participar da luta. O jovem negou com a cabeça, argumentando que ela teria outra oportunidade para pagar sua dívida. Naquele momento ele precisava provar para a vila que era capaz de proteger a todos. Após um beijo na testa do filho, que esticou os bracinhos como se quisesse alcançar o colo do pai, Vanhardt rumou para o centro de Crivengart.

Agora se via em frente ao inimigo, que por pura maldade arrancara as asas de Lila. A fada certamente estaria desmaiada, em virtude da dor de perder parte de seu corpo. Naquele instante Vanhardt entendeu por que, algumas horas atrás, Thomas estava tão apreensivo ao saber que Erick se encontrava na periferia de Crivengart. Se Rogudim tivesse encontrado o bebê, é possível que fizesse algo parecido. Quem sabe não arrancasse uma mão, ou pé de Erick por pura diversão? Vanhardt conseguia enxergar a maldade escorrendo pelos olhos de Rogudim, que sorria sarcasticamente.

Delicadamente, o jovem tocou seu braço, e deslizou Flama para fora. Movia suas mãos de maneira calculada e decidida, para não assustar o oponente e nem demonstrar força desnecessariamente. A lâmina da espada mudou da cor prata para o vermelho, e passou a arder em chamas, como se fosse uma tocha. Os habitantes da vila murmuraram alegremente, encantados com o poder demonstrado por Vanhardt. Rogudim, por sua vez, não aparentou nenhuma surpresa.

Escute bem, Rogudim. Antes de observar o que você fez com minha amiga, estava disposto a deixá-lo ir em paz. Mas agora... AGORA NAO! Meu nome é Vanhardt Mohr Daicecriv, filho da deusa do gelo. E o que farei com você será um exemplo do que acontecerá com todos os seguidores de Mondovar.

Ah, sei, puxa, estou até com medo! Por favor, não me mate, ai, ai, ai! - o tom de Rogudim era visivelmente debochado, deixando Vanhardt ainda mais furioso. - Não seja ridículo! Vou lhe dar uma demonstração, para que veja com quem está lidando "filho da deusa do gelo", e baixar essa voz petulante. Deve estar curioso pra saber como matei aqueles que vieram no outro dia, antes de você, certo? Então preste bastante atenção.

Rogudim mostrou as duas mãos vazias, girou-as para cima, e para baixo. Depois enrolou a manga direita até a altura dos ombros, seguida da esquerda, como um mágico antes de realizar o truque, e mais uma vez mostrou as mãos vazias. Finalmente, fechou a mão direita, e quando abriu, segurava uma adaga. Os crivengartenses abriram as bocas, impressionados. Rogudim, com um sorriso esnobe, disse:

Puxa, senhor Rogudim, como fez a adaga aparecer em sua mão? - ele imitava a voz fina de uma menininha, enquanto brincava com a arma entre os dedos. - É muito simples; a mão é mais rápida que o olho. Depois que fechei as mãos, gastei um décimo da velocidade do piscar de olhos para abrir meu colete com a mão esquerda, retirar a

adaga com a mão direita, e enfim mostrá-la para você. Rápido não é? Mas o seu problema rapazinho, não é apenas a minha velocidade. Maior que ela, apenas a minha precisão. Antes que você percorra essa distância entre nós, sou capaz de cravejá-lo com todas essas adagas que guardo aqui, - Rogudim abriu o colete para os lados, revelando dezenas de adagas enfiadas em bolsos próprios - no lugar que eu desejar. Na verdade precisaria apenas de uma, no seu pescoço, mas gosto de deixar cadáveres iguais a uma peneira! Foi o que aconteceu com aqueles infelizes que ousaram, antes de você, se opor ao poder de Mondovar!

Green deixou o queixo cair, gemendo atrás de Ravina:

Ele não pode vencer! Ravina, Vanhardt não pode vencer! Vamos dar um jeito de tirá-lo de lá!

Green, agora é tarde... Vanhardt... Boa sorte! - sussurrou a Guardiã.

A maioria dos aldeões pensava como o duende, e sabia que mesmo Vanhardt sendo filho de uma deusa, não seria páreo para Rogudim. Alguns fecharam os olhos, para não ver a luta que já terminara antes mesmo de começar. Vanhardt, entretanto, continuava quieto, com Flama apontada para cima, entre suas duas mãos. Ele ergueu-a lentamente para o céu, e disse:

Se for assim, atire... Pois aqui vou eu! AHHHHH!!!

O grito de Vanhardt se embebia de raiva e força, e ele avançou como um lobo em direção a Rogudim. Este balançou a cabeça negativamente, empinou a adaga na mão, e atirou-a para frente. A lâmina rasgou o ar numa velocidade exorbitante, refletindo a luz do sol, e atingiu o ombro esquerdo de Vanhardt praticamente no mesmo momento em que fora lançada. O filho da deusa do gelo deixou Flama cair na sua frente, com o corte virado para cima, e apontando para Rogudim. A dor era excruciante, e Vanhardt, em ato reflexo, segurou a adaga presa em seu corpo com ambas as mãos. Ainda esticou o pé, tentando puxar o punho de Flama, e permaneceu

respirando com dificuldade. Rogudim já estava munido de outras três adagas:

Era uma vez o filho da deusa do gelo... Que sofreu horrores antes de ser morto por Rogudim, um humilde servo do Supremo Lorde Mondovar. Pois acho que brincarei um pouco com você antes de matá-lo. Que tal eu arrancar esse braço inteiro? E depois o outro? Ficaré igual à fada! Essa luta terminou para você, garoto!

Sangue corria farto pelo ferimento no ombro de Vanhardt, banhando seu tórax, e colorindo a neve de vermelho vivo. Ele continuava com o pé sobre o punho de Flama, porém sem se mover. Calmamente, e tentando não aparentar sofrimento, sussurrou:

Essa luta está mesmo perdida, Rogudim. Mas para você! Se não reparou bem, quem acaba de perder um membro, foi você mesmo, e se trata de sua mão esquerda! De maneira muito justa, como arrancou as asas de Lila, tirei uma de suas mãos em troca!

Rogudim olhou assustado para sua mão sem vida, caída no chão, e para o segmento de braço que não mais a exibia. A superfície do punho estava queimada, no local onde sofrera o corte, como se tivesse sido cauterizada. Uma dor indescritível começou a percorrer seus nervos, partindo de seu punho, cruzando o antebraço e braço, terminando nos ombros.

AHHHH!!! O que você fez?! Como me cortou dessa distância? - os olhos de Rogodim saltavam das órbitas, e de sua testa despontavam veias ingurgitadas.

Muito simples... - Vanhardt ainda arfava, com as mãos sobre o ombro ferido. - Quando Flama escapou de minha mão, e caiu na neve, ela não cortou apenas o ar, mas sua mão junto. O poder dela vai muito além da superfície de sua lâmina; se estende conforme a minha força, e o meu desejo. Foi muito inocente de sua parte subestimar o filho de uma deusa! Neste momento, estou com meu pé sobre o punho de Flama, e a lâmina dela aponta para você. O mínimo de força que eu utilizar, deslocando meu pé pra baixo, fará

com que a ponta de Flama se levante, e corte seu tronco, de baixo pra cima. Isso certamente o partiria ao meio.

Ah... - as feições de Rogudim alternavam entre o desespero e o sarcasmo. - Porém, o que impede que eu lance uma adaga agora mesmo, acertando o seu pescoço? Posso até morrer, pois o peso de seu corpo seria muito mais do que suficiente para erguer a ponta de sua espada, porém ao menos levarei você para o túmulo.

Um único fato, Rogudim: sou filho de uma deusa. Meus poderes vão muito além de poder cortar pessoas à distância. Abrangem também as esferas da magia relacionadas à cura, e uma dificuldade de ser morto semelhante à dos deuses. Uma adaga no meu pescoço doeria muito, entretanto, não me mataria. Vamos Rogudim, serei piedoso com você. Pegue este lixo que cortei, e que você chama de mão, e vá embora dessa vila, sem olhar para trás. Pouparei sua vida. Quando voltar para Mondovar, diga que o destino dele será pior que o seu, se não me devolver Selena.

Eu... - o corpo de Rogudim tremia desordenadamente, como se uma onda de frio houvesse penetrado seus ossos. A aura de superioridade e ironia que o envolvia, desaparecera completamente. - Não posso voltar para o Supremo Lorde Mondovar. Ele não perdoaria minha falha...

Ora, não seja tolo, Rogudim. Você é um guerreiro e tanto, Mondovar não tem motivos para se desfazer gratuitamente de um soldado tão talentoso. Além do mais, ele vai querer manter você vivo, pois é o único que pode fornecer detalhes sobre mim, e sobre a vila. Agora vá, Rogudim!

O soldado, humilhado, abaixou-se, e pegou a mão que já estava fria. Ele demorou o olhar em Vanhardt e, depois, para os habitantes que observavam a luta. Finalmente, abaixou a cabeça e deu as costas. Não falou mais nada, e caminhou abatido para longe de Crivengart.

Os habitantes da vila, por sua vez, explodiram de alegria, e correram para cumprimentar Vanhardt, que requisitava calma,

principalmente aos que quase acertaram seu ferimento. Ele retirou a adaga com calma, e se curou, passando por cima do ombro a mão que emitia uma luz amarela. Depois se apressou em tirar Lila da gaiola. Ela continuava desmaiada, e o rapaz pediu para Ravina segurá-la, enquanto cada um dos habitantes de Crivengart o cumprimentava. Quando chegou a vez de Runcard parabenizá-lo, ele chutou-lhe a barriga, jogando-o no chão, e apontou Flama para o seu pescoço.

Capítulo LV - O Obelisco

Vanhardt prendia o tórax de Runcard com o pé, enquanto as chamas que envolviam a lâmina de Flama beijavam o seu pescoço, sem queimá-lo. Alguns Crivengartenses tentaram segurar o jovem, mas Ravina e Green se adiantaram, impedindo-os. Runcard engolia litros de saliva, e suava frio. Seu filho, Rufus, foi o primeiro a falar.

O que está fazendo, Vanhardt? Enlouqueceu?

Não, Rufus, felizmente para todos nós não perdi a sanidade. Porém seu pai é que não está batendo bem da cabeça. Pergunte a ele o que andou tramando com dona Lavínia. Algo a respeito de utilizar a minha morte para ninguém mais se revoltar. Só não deu certo porque eu não morri, não é Runcard? - Vanhardt aproximou a lâmina ainda mais do pescoço do homem, e dessa vez as chamas davam voltas no pescoço dele. Todos estavam tão entretidos com aquela cena, que não notaram uma senhora idosa que se esgueirava para longe dali, sem fazer barulho.

Vanhardt, escute só... Thomas, por favor... Greylock! - Runcard procurava desesperadamente por ajuda em cada rosto. - Eu só fiz o que era melhor para a vila! Não queria que você morresse, mas se isso acontecesse, eu já reservava um plano!

Não foi isso o que fiquei sabendo Runcard. Parece que você estava mais interessado na minha morte...

Espere aí, como ficou sabendo? Está lendo nossos pensamentos? Eu não permito que faça isso! - agora as emoções de Runcard fluíam do medo para a raiva.

-- Calma, não li os pensamentos de ninguém. Mas filhos de deuses têm poderes que vão além da lógica, como vocês mesmo viram há minutos atrás. Não se surpreenda se algo inesperado vier de alguém como eu. Olhe só Runcard, você foi a pessoa que conduziu o parto de Selena, e ajudou a trazer Erick a esse mundo. Por causa disso, e só por causa disso, eu não lhe farei nada. Encare como um aviso, e tome cuidado daqui em diante. Qualquer deslize, e não terei a mesma piedade. - Vanhardt guardou Flama dentro do braço, fazendo as chamas se apagarem.

Os habitantes de Crivengart ainda atordoados com todos os acontecimentos, não sabiam como reagir. É interessante notar como nesse tipo de situação ocorre algo que pode ser chamado de "efeito manada": uma pessoa inicia uma determinada ação, e as outras a imitam. Não que essa pessoa seja a mais esperta, e a atitude dela é a mais sensata, mas por falta de iniciativa, e de pensar em coisa melhor, as outras resolutamente a seguem. E foi o que aconteceu ali. Vanhardt caminhou em direção ao obelisco, e todos o seguiram, incluindo Thomas balançando Erick no colo, Ravina com Lila ainda desmaiada, Green, Oswaldo, Rufus e Greylock. Somente Runcard ficou para trás, preferindo rastejar como uma cobra, humilhado, até sua casa. Ficaram sabendo algumas horas mais tarde que o homem acabou pegando um cavalo nos estábulos, e fugiu em disparada para rumo desconhecido.

Ignorando as pretensões de Runcard, Vanhardt seguiu até o obelisco, e, cerca de cinco metros antes de atingir os pés do monumento, bateu o nariz contra uma superfície extremamente dura, e foi jogado para trás. Ele levantou-se imediatamente, olhando para os lados, porém não detectou inimigo aparente. Esticando o braço, tocou numa superfície lisa como vidro, mas completamente invisível. Atrás dele estavam Ravina e Green, este último com a mão coçando o queixo pensativamente:

Sei muito bem o que é isso, Van. Chama-se "Parede invisível"!

Um nome meio óbvio não, Green? - respondeu Vanhardt, sem olhar para o duende, alisando a ponta dos dedos sobre o plano que não apresentava qualquer fissura.

Não fui eu quem inventou o nome! Se fosse minha, seria "A intransponível Green".

Hmpf. Ótimo Green, mas poderia nos acrescentar alguma informação *útil*⁷.

Pra sua sorte, eu posso. É uma parede que apenas magos muito poderosos são capazes de conjurar. Geralmente serve pra proteger algo importante de desconhecidos. É melhor não tentar usar Flama contra ela.

E por que não?

Porque se ela receber danos mágicos irá rebater, e não sei se você sobreviveria...

É, provavelmente não. Como farei pra atravessá-la, então? - o filho da deusa do gelo continuava encarando a parede invisível, compenetrado.

Se o mago que a conjurou estivesse aqui, poderíamos obrigá-lo a desfazê-la... Mas sem ele, não sei.

Oswaldo cutucou os ombros de Vanhardt, e apontou com a cabeça uma casa de portas e janelas fechadas:

Segundo seus vizinhos, aquela era a casa que Rogudim usava como moradia. Entrarei lá para procurar qualquer coisa que possa nos ajudar.

Ótima idéia, Oswaldo! Enquanto isso, tentarei um dos meus truques aqui.

O coelho seguiu para a casa que logo voltaria para as mãos de um Crivengartense, e Vanhardt, por sua vez, sussurrou algumas palavras em voz baixa. Com os joelhos ligeiramente flexionados, o filho da deusa do gelo ergueu os punhos na altura dos ombros, em posição de luta, e depois deu um soco com toda a força na parede. A

pancada reverberou como uma pedra atirada em um lago, em ondas que partiram do ponto onde a mão de Vanhardt acertou, para a periferia.

O que você está tentando, Van? Força bruta?

Se magia não funciona, talvez isso funcione, Green. Engraçado, quando acertei o golpe, senti que uma parte da parede cedeu à minha força. Só que ela imediatamente voltou ao normal. Quem sabe se eu...

Vanhardt acertou uma segunda pancada, e outra onda reverberou pela parede, com os mesmos resultados da primeira. Dessa vez foi Thomas quem se adiantou, e comentou com olhos sagazes:

Filho, está se esquecendo da física? Ai, ai, bem que eu insisto em montar uma escola nessa vila, mas ninguém me escuta! Também, se meu próprio filho era um dos que menos gostavam de estudar. Pressão é igual a força dividida sobre a área. Com uma mesma força, poderá aplicar pressão maior se diminuir a área de contato. Talvez assim consiga atravessar essa parede.

Não entendi uma palavra do que disse, pai...

Thomas balançou a cabeça, desanimado, e olhando o filho dos pés à cabeça.

Esse é o meu Vanhardt... Tudo bem, simplificando: em vez de utilizar as costas de seus quatro dedos no soco, porque não acerta apenas as dobras dos dedos na parede? A pressão será maior!

Olhando sério para o pai, com medo de perder a pequena autoridade que adquirira ao derrotar Rogudim, Vanhardt acabou decidindo adotar o seu conselho. Ele se colocou novamente em posição de luta, e golpeou a parede, dessa vez acertando os nós dos dedos. Ao contrário das outras tentativas, uma parte deles atravessou a superfície invisível, e Vanhardt chegou a sentir o ar mais quente do outro lado. Com a mão ainda colada na parede, aproveitou para esticar os dedos por dentro da abertura, e depois

enfiou também os dedos da mão esquerda. Como se estivesse de frente para uma porta de deslizar, ele colocou as costas dos dedos umas contra as outras, e fez força para a direita e para a esquerda com as respectivas mãos. A parede não cedia. Respirou fundo e continuou fazendo força; suas bochechas ficaram vermelhas, veias saltaram do pescoço, suor escorria profusamente pela testa, enquanto um gemido escapava pelo canto da boca.

Só não peida... - comentou Green em tom disfarçadamente sério, e tapando o nariz com a mão.

Lutando para não desconcentrar e rir, ao mesmo tempo em que continuava tentando "abrir" a parede, ele sentiu que a estrutura começou a ceder. A parede invisível vibrou, e pequenas explosões coloridas, como fogos de artifício escaparam do local onde Vanhardt fazia força. O filho da deusa do gelo finalmente venceu quando de repente suas mãos não tocavam mais nada, e o impulso dos braços acabou jogando-o no chão. A magia que mantinha a parede de pé fora desfeita.

Este é um outro ponto interessante da física, - Thomas falava enquanto esticava o braço para ajudar o filho a se levantar - a inércia. Outro dia podemos discutir isso. Ou não.

O que importa é que a parede não representa mais um obstáculo - disse Vanhardt. - Muito bem pessoal, vamos entrar.

Acompanhado por Green e Ravina, Vanhardt procurou algum sinal na parede do monumento, que pudesse revelar uma forma de entrar, porém não foi feliz. O obelisco era composto de uma pedra negra, opaca, e não apresentava a mínima fissura. Antes que partisse novamente para a força bruta, foi interrompido por Oswaldo que havia voltado de sua excursão.

Honorável filho da deusa do gelo, não encontrei nada que possa ajudá-lo. De qualquer forma, fico feliz ao perceber que venceu a parede invisível. Vejo que seu próximo passo é... Humm... Humm... - o coelho demorou os olhos por alguns segundos no obelisco, e

chegou a roçar-lhe a mão cuidadosamente. - Interessante... Observando essa superfície do obelisco, meu caro herói, acabei por me recordar de algo valioso que sua mãe enviou, e que me esqueci de entregar. Peço perdão por essa falha irreparável, irreparável! - os olhos de Oswaldo só faltavam chorar, enquanto ele tirava de dentro das costas um cubo negro. A face superior do objeto apresentava quatro obeliscos em miniatura, um em cada quina.

Hummm - dessa vez foi Vanhardt quem gemeu, enquanto analisava o estranho objeto, agora em suas mãos. - É interessante, Oswaldo, mas por que minha mãe o enviou?

Faço minhas as palavras da deusa: "Entregue-o para meu filho, pois será necessário para abrir as portas da fonte do poder do traidor".

"Fonte de poder do traidor"... Então minha mãe já está ciente da conexão Mondovar - traidor. Talvez ela sempre estivesse um ou dois passos na minha frente. Enfim, vamos ver se isso aqui funciona.

Encostando uma das bordas do cubo na parede do obelisco, um leve tremor repercutiu na superfície, e o som do atrito entre rochas pôde ser ouvido a dezenas de metros. Um pedaço da parede, do tamanho e formato de uma porta, se deslocou para cima, revelando uma entrada. Vanhardt olhou para os dois companheiros, esperando a confirmação de que o acompanhariam para dentro do obelisco: Ravina balançou a cabeça afirmativamente, e Green, contrariado, respondia "não" com a cabeça e com os dedos.

Você pediu para me acompanhar aonde quer que eu fosse, não foi? Agora não pode escapar! Talvez nos ajude lá dentro - Vanhardt agarrou a gola de Green, e posicionou-o estrategicamente ao seu lado, impossibilitando qualquer tentativa de fuga.

Mestre Vanhardt, deseja que eu também o siga?

De maneira alguma, Oswaldo. Tenho uma missão mais importante para você. Por favor, leve Lila para minha mãe, e conte o que aconteceu. Só ela poderá ajudar a fada.

Certamente, senhor, e imediatamente! - o coelho abaixou-se numa reverência, e pegou a fada das mãos de Ravina com cuidado. Depois partiu em disparada para longe do centro de Crivengart.

Livre da obrigação de segurar a fada, a Guardiã pôde examinar mais cuidadosamente o cubo entregue por Oswaldo. Alguns segundos em silêncio permitiram algumas suposições, que ela logo compartilhou com seus amigos:

Vanhardt, Green, as palavras do coelho associadas a esse cubo me suscitaram algumas idéias. Digam se acharem absurdo. Uma dúvida me intrigava, e era o motivo de Mondovar escolher justamente esta vila, não tão numerosa, e sem qualquer recurso valioso, para implantar o obelisco. Está meio óbvio para nós que o monumento suga a energia da população, e provavelmente reenvia ao seu construtor. Agora, analisando estes pequenos obeliscos no cubo, imaginei que na verdade, o monumento que estamos vendo faz parte de um complexo maior, formado por mais outros três obeliscos. Talvez Crivengart se localize num ponto específico, no qual associado aos outros três obeliscos funcione adequadamente aos propósitos do criador. É muito comum esse tipo de associação de estruturas para potencializar um determinado efeito.

É uma teoria interessante, Ravina, e gostaria muito de discutir isso mais tarde. Acontece que não podemos perder tempo agora, pois a vila ainda está ameaçada. Pai, por favor, tome conta de Erick. Prontos ou não chegou a nossa hora! - Vanhardt foi o primeiro a entrar no obelisco depois de acariciar os cabelos do filho. Seguiram-se a ele um duende relutante, e uma Guardiã que se certificava de que ele não daria um jeito de escapar. Uma leve tensão abraçou a vila em peso, levando todos a manter a respiração pausada por alguns instantes.

Capítulo LVI - *Um Novo Encontro com o Mal*

Quando o feixe de luz originado na ponta do indicador de Vanhardt venceu as trevas do ambiente, permitiu aos três perceber que ele era muito maior do que o esperado. Espelhos de todos os tamanhos, desde aqueles menores que a palma de uma mão até outros que ousavam ser da altura de um prédio, se amontoavam pendurados nas quatro paredes interiores. Suas bordas eram salpicadas com pedras preciosas sobre um filete de ouro puro, e os formatos dos espelhos eram dos mais variados: triangulares, hexagonais, esféricos, ovais, quadrados, e outros completamente irregulares. Estavam dispostos de uma maneira simétrica, e apontavam para uma estrutura no centro do salão: uma esfera, branca perolada, não maior do que uma melancia, e se apoiava sobre uma mesinha cilíndrica, de um metro de altura. Outro objeto interessante estava situado na parede norte, entre os espelhos. Era uma espécie de estante, pouco mais alta que um ser humano, retangular e com fileiras de prateleiras na frente, contendo teclas de marfim semelhantes às de piano. Dois braços extras de prateleiras saíam da extremidade direita e esquerda da estante, em direção ao centro do salão, e possuíam as mesmas teclas de piano. Uma cadeira redonda se encontrava esquecida em frente a esse estranho objeto, de modo com que uma pessoa ali sentada pudesse operar o mecanismo, apenas esticando os braços, sem qualquer dificuldade.

O que mais atraía a atenção dos presentes, entretanto era um intrincado emaranhado de tubos, do calibre de uma coxa humana, com as bocas enroscadas na parte superior da esfera. Os tubos, azuis,

seguiram verticalmente para cima, até onde a vista não mais alcançava, e se enrolavam como um gigantesco tufo de cabelos. Como se estivessem vivos, pulsavam semelhantes a artérias, ritmadas.

Vanhardt sentia uma energia perversa emanando da esfera e seus tubos, muito maior do que aquela cujo véu deitava sobre a vila de Crivengart. Ele se aproximou da estante com as teclas de piano, e notou que numa das prateleiras centrais, havia um espaço livre de teclas, quadrado, e com quatro buracos em cada uma das quinas. Calculando a distância entre os buracos, e o seu tamanho, percebeu facilmente que os obeliscos em miniatura do cubo que sua mãe lhe enviou, encaixariam ali perfeitamente.

Ei, pessoal, veja só! - o filho da deusa do gelo fez sinal para que o duende e a Guardiã se aproximassem. - Deixa de ser medroso, Green, isso não vai te morder! - ele apontou para o espaço livre de teclas, e continuou - Acho que o cubo se encaixa aqui. Será que devo arriscar colocá-lo?

A Guardiã, com dois dedos sobre os lábios, olhava para os lados, pensativa. Depois de alguns segundos em silêncio, ela tirou os dedos da boca, e disse:

Acredito que, de princípio, deveríamos procurar entender o funcionamento dessa estrutura, para a partir daí, decidirmos o que fazer. Assim temos chances menores de cometer algum erro. Pelo que notei, estes espelhos cobrem as quatro paredes do chão ao teto. O fato suspeito, é que todos estão voltados diretamente para aquela esfera no centro. Forçando um pouco a imaginação, e lembrando o que discutimos a pouco, ousou afirmar que esses espelhos estão dirigindo a energia roubada da vila de Crivengart para a esfera. Essa, por sua vez, processa tal energia, e a desvia através da tubulação rumo ao teto do obelisco, de onde provavelmente é enviada ao seu destino.

Um bom chute, mas até que ponto isso pode nos ajudar, ô lagartona? - comentou Green, que procurava se posicionar entre o filho da deusa do gelo e a Guardiã, onde se sentia mais protegido.

Essa mesa com teclas deve controlar o funcionamento do mecanismo. Se soubéssemos manejar a mesa, poderíamos cortar o fluxo de energia em algum desses pontos.

E não seria mais fácil destruir isso tudo aqui de dentro? - perguntou Vanhardt, preparando-se para tirar Flama de dentro do braço.

Pode ser que sim. Mas até onde você nos garante que não vai explodir o mecanismo e nós três juntos?

É... Melhor não arriscar, não é mesmo? Bem, vamos ver o que esse presentinho aqui pode fazer com a mesa. - o filho da deusa do gelo deslizou com cuidado os mini-obeliscos dentro dos buracos, e quando ouviu um "clique", anunciando o encaixe, se afastou. A mesa emitiu um silvo agudo, e depois começou a roncar.

Os espelhos que até aquele momento pareciam inofensivos passaram a brilhar como o sol, ferindo a vista dos presentes. Segundos depois, a intensidade da luz já havia diminuído, e eles puderam observar inúmeras inscrições em vermelho sobre um fundo negro, repetidas em cada um dos espelhos.

Ótimo, ligamos! - disse Vanhardt colocando as mãos na cintura. - Se eu soubesse ler, resolveria o nosso problema num instante. Pena que nunca fui fã de escola... Puxa, se meu pai estivesse aqui. Ravina, você não sabe ler?

Sim, mas apenas na nossa língua. Essas inscrições são de outro tipo de língua, completamente diferente da nossa. Acho que nem seu pai poderia nos ajudar.

Naquele instante, uma tosse convulsivante surgiu de um ponto entre Vanhardt e Ravina, e caminhou lentamente em direção à cadeira redonda. Green, fonte da tosse forçada, alisou os cabelos ralos, juntou as mãos, estalando todos os dedos enquanto esticava o

braço pra frente, e depois arranhou a garganta ruidosamente mais uma vez, atraindo toda a atenção possível. Com gestos delicados, sentou-se na cadeira, arredando-a para frente. Assim que terminou o longo ritual, ele estufou o peito, e sorriu de maneira pomposa:

É óbvio que se não fosse a insuperável sapiência do maior duende de todos os tempos, vocês dois ficariam presos aqui dentro sem saber o que fazer. A minha vasta cultura, entretanto, reconhece esse idioma como sendo uma língua secreta da ordem chamada Divina Serpente. Consigo lê-lo perfeitamente, e já até sei o que fazer. No entanto... - Green abaixou o tom de sua voz, deixando um silêncio misterioso no ar.

Diga logo o quê, seu duende metido! Está nos atrasando! - Vanhardt retornava à sua velha impaciência.

No entanto, ajudarei vocês, mas quero que antes a minha pessoa seja devidamente valorizada! Dêem um beijinho aqui na minha mão, e repitam: "Ó senhor Green, nos abençoe com a sua sabedoria, e permita humildemente que sua infinita bondade recaia sobre nós".

Ravina permaneceu quieta, porém Vanhardt não conseguiu manter a compostura. Ele arrancou Flama de dentro do braço violentamente, e rodopiou-a no ar. Depois fincou a ponta no solo, apoiando as duas mãos sobre seu punho.

Green, admito que às vezes você é até engraçado. O problema é que minha esposa continua desaparecida, Lila perdeu as asas e está desmaiada, desafiamos Mondovar, que provavelmente já está ciente da situação, e a vila conta conosco para destruir esse obelisco! Ou seja, não estou com tempo para suas gracinhas. Ou você nos ajuda a resolver o problema, ou nos dá licença, a não ser que esteja com vontade de dar "um beijinho" na lâmina de Flama.

Hehehe! Puxa Van, não precisa ficar tão bravo com essa brincadeirinha - o duende, disfarçadamente, limpava uma gota de suor que descia languidamente pela testa, enquanto se esforçava para dar o sorriso mais simpático que conhecia.

Queria só descontrair, o clima estava tenso. Pois bem, vamos à leitura. São vários tópicos um sobre o outro, e vou repetir para vocês: "Câmara de fluxo, índice de absorção, Nível de quantuns, Rede de armazenamento, Manutenção... hummm, olhem esse, é interessante: Emergência".

Gostei dele! Pode acionar Green!

Antes que a Guardiã pudesse intervir, pedindo tempo para analisar cada tópico, Green apertou uma série de teclas, fazendo com que aquelas inscrições repetidas em cada espelho desaparecessem, e surgissem outras diferentes em seu lugar. Green fixou os olhos, e leu para os companheiros:

"Alerta à Ordem - Reparo impossível - Dano permanente à estrutura

Auto-destruição..."

Achamos! Se ativarmos esse último item, o obelisco provavelmente virá abaixo.

Acho que sim, Van, mas como faremos pra sair daqui antes dele nos levar junto? - perguntou o duende.

Bem, isso eu não...

De repente, o feixe de luz que partia da ponta do indicador de Vanhardt foi engolfado por uma escuridão que partia dos quatro cantos. O ar gelou, e o único som audível era o da batida dos corações. Green agarrou o primeiro braço que conseguiu tocar no meio daquele breu, enquanto Ravina se preparava para assumir a forma de lagarto. As palavras escritas em vermelho nos espelhos desapareceram, dando lugar a uma sinistra figura. Era a de um elmo negro, com órbitas onde flutuavam dois olhos vermelhos. Vanhardt já havia visto aquele ser num de seus sonhos. Era ninguém menos do que o famigerado Mondovar. A imagem estava observando-os, e uma voz metálica inundou o ambiente ao mesmo tempo em que a boca da figura mexia:

Vanhardt Mohr Daicecriv... e amigos! Não sei se me conhecem, então permitam que seja apresentado adequadamente. Meu nome é Mondovar, mas podem se dirigir a mim como Supremo Lorde Mondovar. Qual são as últimas palavras dos três antes que sejam mortos?

Seu desgraçado, onde está minha esposa? - Vanhardt apontava Flama para um dos maiores espelhos a estampar o semblante de Mondovar.

Ah, não se preocupe, rapaz. Estou cuidando muito bem dela... Ou melhor, muito *mal!*

Se você tiver ousado...

Ousei muito mais do que você possa imaginar, filho da deusa do gelo! - interrompeu Mondovar, com voz cada vez mais amedrontadora.

O... quê? Como sabe que sou filho de uma deusa? O QUE VOCÊ FEZ COM SELENA???

 - Vanhardt gritou com uma fúria explosiva.

Ela até resistiu por algum tempo, o que foi em vão! - a voz metálica de Mondovar penetrava nos ouvidos dos presentes cada vez mais opressora. - Todos os seus segredos mais íntimos são meus! Espero que ela esteja apreciando essas semanas em minha prisão, pois provavelmente ficará aqui por muito tempo!

Mondovar, eu nunca falei tão sério em toda a minha vida. Ou você traz a minha esposa aqui sem um mísero arranhão, ou prometo que irei feri-lo o máximo que minha força permitir.

Agora é tarde, filho da deusa do gelo. Você não pode salvar sua esposa. Ela está condenada. Assim como vocês três, e essa vila ridícula! Minhas tropas já estão marchando, e dessa vez não restará pedra alguma de pé nesse fim de mundo! Adeus!

A imagem de Mondovar sumiu, juntamente com a escuridão que havia tomado conta do ambiente. Green, cujo tom de pele era esverdeado, estava branco como a neve, e com a roupa encharcada de suor. Ravina segurava seu bastão com ambas as mãos, e o cérebro

trabalhando depressa. Vanhardt, por sua vez olhava para o chão, petrificado.

Selena... o que ele fez com minha esposa...

O barulho de vidro se quebrando retirou Vanhardt do seu estado entorpecido, alertando-o de que os espelhos despencavam das paredes um a um. Os tubos passaram a se romper em pontos variados, enquanto uma gosma amarela era jorrada do seu interior, com a mesma pressão de uma artéria arrebatada. O chão trepidava, e as paredes balançavam como se um terremoto tivesse atingindo a terra do gelo. Mais barulhos somavam-se ao de vidro se partindo, e tornaram-se tão intensos que não era possível escutar o som da própria voz. Green se escondera sob a estante, protegendo-se das lascas de vidro que atingiam o chão com tamanha força que matariam um elefante. Ravina estava rente à parede, e golpeava-a com o bastão, enquanto gingava para os lados, desviando-se dos pedaços de vidro.

O filho da deusa do gelo acertou Flama contra a parede, mas foi jogado pra trás com a força de seu golpe. Não produziu qualquer dano. Um pedaço do teto, maior do que uma carroça, destruiu metade da estante onde Green se escondia, errando-o por alguns centímetros. Vanhardt olhava para os lados, confuso, procurando alguma saída milagrosa. Acima de sua cabeça, outro pedaço do teto, três vezes maior do que o primeiro despencava numa velocidade vertiginosa.

Visto de fora, uma nuvem de poeira se ergueu centenas de metros, na forma de um cogumelo, e não restava nada além de uma pilha enorme de destroços onde fora o obelisco.

Capítulo LVII - *Palavras como Fogo*

Os poucos habitantes de Crivengart que ainda circulavam pelas ruas correram para o esconderijo mais próximo quando o obelisco começou a desmoronar. Houve uma gritaria generalizada à medida que os primeiros pedaços do teto e parede do monumento tombaram, um deles acertando e destruindo completamente uma casa que por sorte estava vazia. Em alguns segundos, a gigantesca estrutura passou a consumir-se em uma nuvem de poeira que se espalhou por centenas de metros ao redor, cobrindo o telhado de todas as casas com pó cinza. O solo de Crivengart que vivia sob um tapete de neve, agora se encontrava salpicado pela poeira que insistia em cobrir cada centímetro da vila. Ela entrava nas casas pela soleira das portas, janelas abertas, e agregava em muros e cercas. Até mesmo alguns habitantes, dentre eles Thomas, o pai de Vanhardt, ficou com a aparência de limpador de chaminés. Erick só foi salvo, pois estava devidamente protegido no berço, sob um pano de algodão.

Quando a tempestade cinza passou, os habitantes, timidamente, passaram a sair de suas casas. Sentiam como se correntes invisíveis que prendiam os membros do seu corpo tivessem se desfeito, e o peso que cada um carregava nos ombros agora não passava do próprio ar acima deles. O poder opressor do obelisco desaparecera completamente. O local onde antes ele se erguia, abrigava pilhas de rochas negras, a maior delas do tamanho de um prédio de três andares. Algumas mulheres colocaram a mão sobre a boca, assustadas, e outras choravam pelo destino do filho da deusa do

gelo. Greylock murmurava frases curtas, algo sobre "como alguém sobreviveria àquilo".

Thomas correu para o monte de destroços, e começou a jogar os menores para o lado, a fim de tentar encontrar o filho soterrado. Ele gritou por ajuda, e logo vários homens e algumas mulheres se solidarizaram, retirando os destroços do obelisco que podiam. O rosto de Thomas estava vermelho, e ele bufava, à medida que avançava feroz sobre as pedras, procurando desesperadamente por um sinal de seu filho. Um dos homens que, parado, assistia à cena, comentou:

— O rapaz realmente cumpriu o que prometeu. Será uma pena se ele tiver mesmo morrido!

Thomas pensou em parar para argumentar contra o homem, mas desistiu ao perceber que aquilo poderia custar a vida de seu filho. Alguns segundos depois, quando lágrimas custosas desciam do canto de seus olhos, e ele lutava contra uma pedra maior do que suas forças, um barulho irrompeu do meio da pilha de entulhos. Uma das rochas maiores voou cinco metros pra cima, e quase esmagou Thomas que se desviou no último instante. Do buraco que se abriu onde a rocha se apoiava, uma mão fechada, erguida para cima, permanecia hasteada. Thomas e os outros correram para lá, e passaram a jogar para o lado as pedras pequenas que circundavam o braço. Para a surpresa de todos, uma camada de gelo brotou quando a área foi parcialmente limpa. Abaixo dela, podiam ver o reflexo de três pessoas, que logo foram identificadas como Green, Ravina, e Vanhardt, este último com o braço ainda esticado em um buraco através do gelo. Os três estavam numa espécie de iglu, que os protegeu dos pedaços do obelisco. Ao limparem completamente o teto abobadado do iglu, os habitantes recuaram, e Vanhardt deu um outro soco no gelo, destruindo a camada superior. Com a ajuda de Thomas, os três sobreviventes saíram do buraco, e receberam uma salva de palmas e muitos gritos de agradecimento.

Muito obrigado Vanhardt, filho de Thomas e da deusa do gelo! - exclamou um Greylock sorridente, com a mão sobre o ombro de Vanhardt. - Graças a vocês estamos livres novamente!

Ele fez o que prometeu, pessoal! - disse Evans, o homem que pensou na possibilidade da morte de Vanhardt.

Dos três heróis, Green era o mais deslumbrado. Ele subiu em uma rocha, e colocou as mãos na cintura, enquanto discursava sobre a sua coragem ao entrar no obelisco, e depois como foi crucial ao desvendar a língua secreta. Algumas crianças estavam em volta dele, olhares cintilantes, e algumas pensavam em tocá-lo, para se certificarem de que o duende era real. Ravina, ao contrário de Green, limitou-se a cobrir o rosto com o capuz, e descer da pilha de destroços. Ela sentou-se quieta em uma tora de madeira que servia de banco, na varanda de uma casa ali perto. Vanhardt, o herói mais ovacionado, derrubou Green de seu pedestal, e subiu na mesma rocha. Murmurou ao duende um "depois você termina de se gabar", e levantou ambos os braços, pedindo silêncio.

Por favor, meus vizinhos e amigos! Silêncio, por favor! - quando conseguiu calar a turba alvoroçada, ele abaixou o braço, e iniciou um discurso. - Eu sei que todos estão contentes por termos destruído o mal que tirava a capacidade de sermos felizes. Isso é tão motivo júbilo pra mim quanto é pra vocês. Foi com a sua confiança, e a esperança de que a luta pela felicidade não seria em vão, que pudemos livrar Crivengart do estrume de Mondovar! - alguns na platéia riram com aquela menção. - Não poderia, entretanto, deixar de alertá-los, e aproveitar para reforçar o seu voto de confiança.

"Mondovar, o canalha que ousou pensar que vocês seriam como ovelhas indefesas, e não reagiriam, voltará, com toda a sua corja. Neste momento ele já sabe o que fizemos, e certamente prepara o seu exército para retornar à Crivengart. O que ele não espera, dessa vez, é encontrar uma resistência feroz e imbatível, de cada um de nós, Crivengartenses, que acreditam na vitória. Além do mais, eu,

Vanhardt Mohr Daicecriv, filho da deusa do gelo, irei pessoalmente pedir auxílio à minha mãe. Ela sem dúvidas nos apoiará com tropas divinas, que ao lado de cada um de vocês, irá defender essa vila com todo o seu sangue e suor. É por isso que conto com a ajuda de todos. Saibam que a arma mais forte, e que Mondovar não acredita que possuímos, é a esperança. Esperança de que não seremos meros peões nesse jogo. Esperança de que a nossa vida pode melhorar amanhã, e que o nosso destino não será o mero desejo de um poderoso. Esperança de que podemos lutar pelo nosso futuro, e de nossos filhos, com nossas próprias mãos, e de que nunca seremos subjugados se nos mantivermos unidos. Esperança de que não iremos nos render, e Crivengart será uma vila mais próspera e feliz, assim que a tempestade passar. Não meus amigos, não seremos derrotados hoje, e nem amanhã. Somos filhos da terra do gelo, mas nosso coração é quente como fogo! Provaremos a Mondovar e seus súditos que somos tão duros quanto o gelo eterno das nossas montanhas, e daremos a ele uma lição da qual nunca se esquecerá. Bravos crivengartenses, ergam as suas mãos. Quem estiver do meu lado nessa luta, gritem comigo - ele fez uma pequena pausa, e ao ver todas as mãos erguidas, encheu os pulmões, e disparou: - POR CRIVENGART!"

A multidão em frente ao filho da deusa do gelo, inspirada por aquele inflamado discurso, uniu as suas vozes, e gritaram em uníssono:

— POR CRIVENGART!

Vanhardt desceu da pilha de rochas, e assustado, foi erguido pelas mãos de vários dos moradores. Alguns gritavam o nome dele, outros tentavam tocá-lo, e deitado, sobre aquele mar de braços que o mantinham erguido, o filho da deusa do gelo estava assustado. Primeiro consigo mesmo, pois não esperava discursar com aquela intensidade. Uma força sobrenatural tomou conta de suas idéias e de sua garganta, e as palavras saíram da boca inspiradas por essa força.

Ele adquirira uma maturidade que até então desconhecia, e transmitia uma moral, e uma força de vontade para seus ouvintes, que nem os maiores imperadores de qualquer reino de Kether ousavam se igualar. Percebera então, que seu poder não residia puramente naquele vindo de sua mãe, mas também numa mente mais madura, capaz de inflamar e unir multidões, além resolver problemas com idéias criativas e funcionais.

O segundo motivo de estar assustado era apenas a uma palavra: Mondovar. A confiança que transmitia para os moradores da vila não era a mesma que circulava dentro de si. A simples presença de Mondovar exercia uma influência e uma opressão cem vezes maior que aquela gerada pelo obelisco. Além do mais, ele tinha uma boa noção da força de suas tropas, que em épocas muito remotas invadiram o castelo de sua mãe, a deusa da morte na ocasião. Tais tropas não encontrariam dificuldade em subjugar uma vila como Crivengart. Ele precisava ir ter com Léia imediatamente.

Depois de alguma luta contida para se desvencilhar dos braços da multidão, Vanhardt disse que precisava conversar com a deusa do gelo. Os aldeões deram outra salva de palmas, e gritos de viva, e o puseram no chão. O rapaz pediu ao pai para abrigar Green e Ravina em sua casa enquanto ele falava com sua mãe.

Não deseja companhia? - perguntou a Guardiã, séria, oculta sob o capuz que escondia seu rosto.

Não, Ravina, obrigado. Gostaria de falar com minha mãe a sós. Tenho muitas coisas a tratar com ela - respondeu Vanhardt procurando não ser indelicado.

Puxa, eu queria tanto me encontrar com uma deusa... - disse Green, sorridente, ainda encantado por sua aclamação como herói.

Haverá outras oportunidades. Não se preocupem, voltarei em breve!

Acenando com as mãos para os Crivengartenses, Vanhardt foi se afastando aos poucos. Algumas crianças ousaram acompanhá-lo por

alguns metros, mas desistiram quando ele deixou a periferia da vila. Apesar de agora possuírem uma admiração e confiança no filho da deusa do gelo, os habitantes não deixavam de manter respeito. E aliado a esse respeito, existia a uma espécie de receio, medo do que ele poderia fazer. Por isso, Vanhardt não precisou pedir a nenhum dos aldeões para que não o seguissem; assim o fizeram espontaneamente.

O caminho percorrido até a casa de gelo era velho conhecido de Vanhardt, e não demorou mais do que meia hora. Pronunciando as palavras mágicas que aprendeu há anos atrás, ele esperou a muralha de gelo se abrir, e entrou, com uma alegria que transbordava em seu peito. Logo na ante-sala, ele viu sua mãe sentada atrás da mesa feita do material que compunha praticamente toda a casa. A deusa usava um vestido prateado, de franjas nas bordas e uma fita cor de diamante prendendo a cintura, enquanto duas alcinhas transparentes revelavam ombros tão claros como a neve. O rosto de Léia, entretanto, não era dos melhores que Vanhardt já vira. Seu semblante era sério, com um misto de tristeza, e os lábios se contraíam como se lutasse para manter num sorriso forçado. Delicadamente, ela arredou sua cadeira para trás, e levantou-se, caminhando com leveza até ficar de frente para o seu filho.

Vanhardt, só de olhar seu rosto percebo quanta experiência e força adquiriu nessas semanas, ou meses, em que ficou longe - Léia apontou o rosto para baixo, e pegou a mão do filho. - Estou feliz.

— . Acho que todas essas dores que suportei tornaram-me capaz de ajudar aqueles que precisam, como meus amigos, meu filho...

Sim, mas infelizmente, não a sua esposa! Forças muito maiores e mais sombrias do que imaginamos estão por trás de vários acontecimentos, desde o rapto de Erick, e sinto que somos marionetes desse jogo.

Sei onde Selenia está, mãe. Mondovar a pegou! E temo muito pelo que ele possa ter feito à minha mulher. As coisas que ele me disse...

Eu sei querido, eu sei. Descobri naquele dia no qual você o encontrou no plano astral. De qualquer maneira, agora passo a enxergar mais claramente. O cubo, os rostos que eu via... A profecia do oráculo. Apesar disso, alguns fragmentos fogem à minha compreensão. - Léia fitava o vazio, imersa em seus pensamentos.

O que foi, mãe? Conte-me tudo o que sabe! Aliás, os Pepenjis estão na piscina? Confesso que sinto um pouco de saudade deles.

Antes de deixar que o filho fosse atrás dos seus antigos amigos, ela encarou-o de maneira séria. Depois de alguns segundos calada, Léia disse num tom pesaroso:

Será uma boa idéia que veja o que aconteceu com eles. Assim entenderá profundamente qual é o perigo com que teremos de lidar, e a sua crueldade.

Assustado com as palavras de sua mãe, e temendo pelos Pepenjis, Vanhardt disparou para a sala de recreação. A visão que teve ao chegar deixou seus olhos turvos, o coração diminuiu o ritmo dentro do peito, e o sangue fugiu dos seus membros, e da cabeça. Era como se visse um retrato, e não uma imagem real. Aquilo não podia ter acontecido, não com os Pepenjis... Não com os seus amigos...

Capítulo LVIII - Confidências

O filho da deusa do gelo permaneceu paralisado por alguns instantes. Seus membros não o obedeciam, muito o menos a cabeça. Esta última era um turbilhão de pensamentos, que se enroscavam e se sobrepunham, fundindo passado e presente. As lembranças das brincadeiras com os Pepenjis vinham à tona, juntamente com a imagem que ele presenciava no momento: as criaturinhas que lembravam pingüins presas em uma das paredes de gelo, com os rostos retorcidos, reflexo da dor ou terror que sentiram antes de morrer. Vanhardt iniciou um caminhar duro, pesado, como se fosse uma árvore andando sobre suas raízes. Quando se aproximou da parede onde adormeciam os corpos sem vida, pôde ver alguns ferimentos em seus corpos, negros, pútridos, que cobriam os troncos e cabeças.

— Mãe... - a voz de Vanhardt escapava cheia de raiva pelas frestas dos lábios, que teimavam em não se abrir -... o que, exatamente, aconteceu aqui?

A deusa do gelo continuou parada na porta, sem se atrever a dar um passo. Ela juntou as mãos, e colocou-as na frente do corpo, tentando mostrar-se tranqüila e acolhedora. Com um sorriso triste, contou a seu filho:

Mondovar descobriu o nosso esconderijo, e mandou alguns soldados aqui. Aqueles seres perversos, que uma vez invadiram meu castelo quando eu ainda era a deusa da morte, voltaram. Com braços esqueléticos, e uma presença maligna, aqueles que escaparam da morte, mas não caminham entre os vivos, mataram os Pepenjis um a

um. Quando cheguei era tarde de mais. Ainda consegui persegui-los, e mandei todos para o outro mundo. É óbvio que isso não traria os Pепенjis de volta.

Por que Mondovar faria isso? - Vanhardt ficou mais exaltado. - Como ele descobriu nosso esconderijo?

Através de Selena, provavelmente. E fez isso como um meio de nos atingir... para que nos desestabilizássemos. É por isso que te peço, meu filho, não deixe que...

Mãe, se essa conversa fosse há alguns anos atrás eu já teria te atacado. - interrompeu Vanhardt. - Só que eu não tenho mais dez anos de idade, e no final das contas, não iria até o fim; nunca a machucaria. Porém gostaria que respondesse às minhas perguntas com toda a sinceridade do mundo. Meses atrás, quando Hilda raptou meu filho, por que você não a impediu? E depois por que não foi atrás dela, quando pôde? E minha esposa, deixou que ela também fosse raptada? Não consigo entender, você não é uma deusa, mãe? Pra que serve os seus poderes?

Léia desviou o olhar para o lado, sem conseguir encarar o filho nos olhos. Suas feições tornaram-se mais sombrias, e mirando o vazio, ela respondeu o filho:

Por mais que duvide de meus poderes, sou sim uma deusa! - Ela esticou o braço direito para frente, com as mãos espalmadas, e braços invisíveis envolveram as pernas e braços de Vanhardt, prendendo-o na parede. - Mas se acha que um deus é onipotente, e onisciente, está muito enganado. Se quer saber a verdade, eu a darei! Quanto a duas de suas perguntas, por que não impedi que Erick e Selena fossem raptados, tenho uma resposta simples: eu não sabia que eles iriam ser, ou estavam sendo levados. Como naquele momento eu não observava Selena nem Erick, não tomei conhecimento do que estava acontecendo até momentos depois, quando fui devidamente informada. Agora talvez você consiga perceber como "o traidor" conseguiu me superar. Ele utilizou um

meio de esconder suas tropas de minha percepção, e só fui alertada do que acontecia quando tudo estava perdido. Se eu soubesse previamente que ele e suas tropas se movimentavam próximo ao meu castelo, teria tempo de preparar as defesas, e até pedir ajuda, de modo a não ser surpreendida.

E quando soube do desaparecimento dos dois, por que não foi atrás deles?

No caso de Selenia eu tentei, mas não havia rastro a seguir. Investiguei com todas as minhas capacidades, porém não pude definir seu paradeiro. Como você me confirmou, ela está com Mondovar. Quanto a Erick, não fiz isso, por sua causa. Veja bem Vanhardt, é verdade que eu poderia ir pessoalmente atrás de Hilda, mas nesse caso você não estaria tão forte como agora. O poder que você revela hoje teria levado mais de dez anos para vir à tona em condições normais, ou seja, se eu o treinasse. Deliberadamente deixei que você fosse atrás de seu filho, correndo o risco de morrer, para que passasse por dificuldades, e assim pudesse desenvolver suas habilidades. Minha presença não foi negada, entretanto, pois parte de mim, a fada Alilandra, estava ao seu lado todo o tempo. Além disso, enviei-lhe tropas quando foi necessário. Se agi corretamente ou não, se foi ético de minha parte, se tinha direito de assumir tais responsabilidades, deixarei que o peso do universo recaia sobre meus ombros. Não admitirei ser julgada por ninguém, exceto pelas leis universais. O seu desempenho, contudo, excedeu qualquer expectativa. Quem além de você poderia entrar nos domínios de Laodicéia e recuperar a arma que portei por tantos anos? E quanto ao Templo Dourado, quando reencontrou seu filho, e teve de ficar frente a um dos deuses maiores, aliás, o líder do Panteão? Acha que uma deusa como eu teria a capacidade de entrar nos domínios de Laodicéia ou Justus sem sofrer uma retaliação? - Léia deixou a pergunta morrer no ar.

Posso até aceitar essas explicações, só que há algo que você não pode justificar. Porque abandonou Crivengart quando os aldeões mais precisavam? Como abandonou meu pai e todos os outros à mercê de Mondovar e seu exército, permitiu que aquele maldito obelisco fosse plantado, e não fez nada para retirá-lo? - os braços e pernas de Vanhardt se debatiam contra os grilhões invisíveis que o prendiam, sem conseguir se soltar.

Isso será um pouco mais difícil de esclarecer. Acho que primeiramente você deve saber o que é o *oráculo*. Existe um ser neste mundo, ou pelo menos existia, capaz de fazer profecias. Esse ser era agraciado visões do futuro; penetrava na linha do tempo e conseguia arrancar fragmentos, que analisava, e conseguia produzir um relato vago de coisas que viriam a acontecer. Desde o seu aparecimento, o oráculo nunca errou suas previsões. Eu fui até ela a fim de pedir que visse o meu futuro, um fato inédito entre os deuses, e irei relatar o que me foi dito na ocasião.

Procurando relembrar as palavras exatas usadas pelo oráculo, Léia relatou a previsão para Vanhardt. Este ficou calado todo o tempo, balançando negativamente algumas vezes numa clara demonstração de dúvida e confusão. Ao terminar o relato, a deusa do gelo liberou o filho dos grilhões invisíveis, e concluiu fitando o rapaz nos olhos:

Entendeu por que não pude agir?

Pra falar a verdade, não. Uma previsão nada esclarecedora a meu ver, e só serviu pra criar dúvidas - Vanhardt coçava os pulsos e tornozelos.

Não me surpreende o seu pensamento ter sido parecido com o meu, pelo menos à princípio. Só que dias meditando sobre o assunto, acabaram iluminando as minhas idéias. O oráculo deixou claro, na primeira parte da previsão, que eu não deveria enfrentar Mondovar e sua tropa até que você retornasse. Você é um "Elohim", ou filho dos deuses, e nossa única chance de vitória. O resto da

profecia se relaciona àquele cubo, que além de ser uma chave para o obelisco, servia para o traidor me espionar. Sorte eu ter desvendado isso antes que fosse tarde, e pude cobri-lo para que não fosse observada além do necessário. A terceira parte da previsão é a pior delas. Como já era de suspeitar, Mondovar mantém Selena em cativeiro, e deve ter se utilizado de artes negras poderosíssimas para arrancar informações de sua esposa, meu filho. Tão fortes, que talvez o único jeito de libertá-la será...

... matá-la! - Vanhardt completou a frase da mãe, com o rosto tomado por surpresa. - Deve ter um outro jeito mãe, não é possível!

Talvez tenha, porém não o conhecemos por enquanto. Compreende o poder de nosso inimigo? Sua crueldade não obedece limites. Você precisa retornar para casa, e preparar a defesa de Crivengart. Segundo meus informantes, Mondovar estará aqui em menos de uma semana. Assim que for possível enviarei ajuda. Ah, falando em ajuda, Lila está descansando em meu castelo. Não foi difícil recuperar suas asas e o seu poder, mas ela ainda está muito cansada. Só não entendi a natureza de um pedido muito estranho que ela me fez.

Que pedido?

É segredo, Lila insistiu para que eu não o revelasse. Que seja! Enfim, Vanhardt, meu filho, espero que este nosso encontro tenha sido suficientemente esclarecedor para ambas as partes. Se precisar falar comigo novamente, visite o plano astral, como já fizera anteriormente. Garanto que dessa vez será muito mais fácil - Léia sorriu gentilmente, e desapareceu no meio de uma fumaça branca, deixando Vanhardt refletir sobre a conversa. Ele olhou novamente para seus amigos Pepenjis mortos, e pensou no que seria de sua esposa. Mondovar não se atreveria...

Longe dali e algumas horas mais tarde, momento em que a noite já cobria toda a terra do gelo, os pouco mais de duzentos

crivengartenses comemoravam a vitória ao redor de três fogueiras. Eles fincavam espetos na terra obliquamente, a menos de um metro do fogo, permitindo que as grossas coxas de ovelha fossem assando aos poucos, com apenas o calor. Um barril de cerveja fora aberto, e era servido em grandes canecas de ferro. Rufus aproximou-se montado num cavalo negro, de pêlo devidamente escovado e porte robusto, seguido por dois amigos que também montavam garanhões. Puxando as rédeas e obrigando o cavalo a parar, ele passou a cutucar os aldeões com as esporas, e a gritar com eles:

Ei, o que deu em vocês? Esqueceram-se de que Mondovar pode estar aqui a qualquer momento? Não é hora de festejar, e sim de trabalhar!

Mas senhor Rufus, filho de Runcard, estamos apenas alegres com nossa pequena vitória. Aproveitamos até para agradecer a mãe de Vanhardt, pois a deusa do gelo nos abençoou. - Um velho, cuja boca contava com apenas três dentes sobreviventes, foi o único que teve coragem para argumentar com Rufus.

Podem fazer isso depois que derrotarmos Mondovar... se isso for possível! - a última frase não passou de um muxoxo, e Rufus füstigou a fogueira com uma espada longa, jogando a lenha na neve. Depois desceu do cavalo e passou a jogar as canecas de cerveja e a carne dos habitantes no chão, gritando para que trabalhassem.

Uma mão deteve a tentativa de Rufus de empurrar o velho banguela, e quando o filho de Runcard se virou, pronto para disparar improperios contra o intrometido, encontrou o rosto de seu antigo inimigo dos tempos de criança: Vanhardt. Balbuciando palavras sem nexos, Rufus soltou o velho.

Vanhardt, que bom vê-lo de volta! Inspirado em seu discurso, estava justamente animando os nossos vizinhos a se juntarem a nós, para construirmos defesas na vila. Não concorda que seria um abuso festejar quando o perigo está tão próximo?

Na verdade não, Rufus. Eu não concordo. Acho que faz muito bem comemorarmos a vitória de hoje, mesmo que o dia de amanhã seja incerto. Isso irá aumentar o moral de nossos amigos, e a noite proverá um descanso que há muito eles anseiam. Estou certo de que amanhã estarão muito mais dispostos, e renderão mais do que se passassem a noite trabalhando. Recomendo que você faça o mesmo - apontando o indicador para a pilha de lenha apagada, Vanhardt disparou uma bola de fogo do tamanho de uma laranja, reacendendo a pira. Os aldeões deram vivas, e o velho banguela agradeceu humildemente. - Além disso, esta talvez seja a última ocasião de festejarmos. Vai negar isso a eles? - a última frase foi devidamente baixa, para que apenas Rufus escutasse.

Você tem razão - Rufus se ajoelhou em frente a Vanhardt, e fez sinal com a cabeça para que os dois que o acompanhavam se juntassem a ele. - Obrigado!

Aceitarei de bom grado seu agradecimento se não se ajoelhar mais - o filho da deusa do gelo pôs Rufus de pé - Não sou nem um rei, nem um deus para que me trate dessa maneira.

É... É claro!

A festa reiniciou, e logo um trio de aldeões trouxe dois tambores e uma flauta, e passaram a tocar músicas alegres. Vários crivengartenses puxaram os pares para a dança, e o clima da vila voltara àquele dos anos mais felizes. Iovens mulheres observavam Vanhardt, esperando que ele convidasse qualquer uma delas para a dança. O rapaz, entretanto, não se esquecera de sua esposa, e não se permitia um contato mais íntimo com outra mulher. Green, ao contrário, dançava com todas as humanas que encontrava, e entornava uma caneca de cerveja atrás da outra. Pegando um pedaço de carne, e olhando ao redor, Vanhardt encontrou Ravina sentada sobre um bloco de pedra negra, ruína do obelisco, perto de uma das fogueiras. Ele juntou-se à Guardiã, oferecendo um pedaço de carne, e perguntando:

Ravina, você viu meu pai? Ele não está aqui.

Obrigada - agradeceu Ravina antes de pegar um naco da carne. - Seu pai disse que ficaria com Erick em casa, pois a noite está muito fria. Ele pediu também para que você ficasse aqui com todos, em vez de voltar para casa. Seria falta de educação, e como eles também necessitam de você, e vice-versa, a melhor alternativa é fortalecer esses laços através de uma confraternização.

Meu pai é um homem sensacional - os olhos de Vanhardt derramavam sinceridade. - Mesmo sozinho, ele conseguiu me criar, enfrentando tantas dificuldades. E nunca reclamou de nada! Até hoje ele me ajuda um bocado.

Eu notei que vocês dois se dão bem. Aliás, lembrei-me agora de sua luta contra Rogudim, e algo permaneceu sem explicações. Você disse que mesmo se recebesse um golpe no pescoço, ficaria vivo, em virtude de uma dificuldade de morrer semelhante aos deuses...

Há!Há!Há! Ah, aquilo foi um blefe. Eu posso ter poderes, mas não desse tipo. Se não tomar cuidado, posso morrer como qualquer humano comum. Foi uma sorte Rogudim ter acreditado,

É, foi mesmo. E como soube da traição de Runcard?

Aquilo foi mais fácil, Green me contou. Olha Ravina, eu protelei um pouco uma conversa com você, por temer a sua reação, porém não posso adiar mais. É um assunto seríssimo.

A Guardiã se escondeu debaixo do capuz, e cruzou as mãos delicadamente. Sempre que ela fazia assim, se fechava, Vanhardt podia sentir uma frieza sendo irradiada.

Pode falar.

Daqui há cerca de uma semana, o exército do traidor, liderado por Mondovar, chegará em Crivengart. Será uma batalha como nenhum de nós dois, Green ou Lila, e muito menos os moradores daqui presenciaram anteriormente. De fato, o que realmente me preocupa são os aldeões, que não podem se defender,

Vanhardt, eu já te conheço há algum tempo, e sei quando está rodeando algum assunto. Como diria Green, "desembucha" - mesmo a piada não eliminou o ar frio de Ravina.

Certo. Eu não quero que você lute ao meu lado. Nem você, nem Green, e nenhum dos aldeões. Há um celeiro que pode muito bem abrigar todos com folga, e você ficaria encarregada de defendê-los.

E pretende enfrentar os inimigos sozinho?

Claro que não. Logo minha mãe enviará criaturas para nos ajudar. Ainda há tempo para os preparativos.

Não vejo de onde tirou essa idéia. De qualquer forma não farei o que me pede.

Eu sabia que você iria dar problema.

Escute aqui, meu rapaz, - a Guardiã se levantou e saiu debaixo do capuz, colocando seus olhos cor de esmeralda tão perto dos de Vanhardt, que quase se beijavam - problema eu lhe darei se não me deixar pagar minha dívida. Desde o dia que salvou meu povo, carrego o peso dessa dívida nas costas. Agora que tenho a oportunidade de me libertar dela, ajudando o seu povo em troca, não recuarei. Lutarei sim ao seu lado, mesmo que isso signifique a minha morte. Prefiro deixar de existir a viver sentindo-me culpada, e com a desonra ferindo o meu espírito. E nada que diga me fará mudar de idéia.

O filho da deusa do gelo chegou a sufocar com tamanha firmeza e decisão que transbordavam dos olhos da Guardiã. Ao mesmo tempo em que se sentia desapontado por não poder protegê-la, admirava-se pela coragem da guerreira. E obviamente, ela era uma força importante a ser somada na luta contra Mondovar.

Que assim seja! Tomara que não nos arrependamos depois. Agora vamos cuidar daquele baixinho verde, que já deve estar tropeçando nas próprias pernas após tanta cerveja.

Capítulo LIX - Preparativos

A manhã do dia seguinte nasceu num clima totalmente diferente daquele da noite anterior. Os aldeões estavam tensos, ansiosos, como se algo terrível fosse acontecer no minuto seguinte. A ressaca de Green obrigava-o enfiar a cabeça na neve a todo momento, numa técnica que ele inventara para melhorar uma dor de cabeça, mas nem essa hilária atitude arrefeceu os ânimos vigentes. Vanhardt, não muito melhor disposto que os outros crivengartenses, chamou Rufus para ter com ele em particular.

O seu pedido é uma ordem, mestre Vanhardt! - o filho de Runcard baixou discretamente a cabeça ruiva ao entrar na casa do filho da deusa do gelo que se tornara um centro de operações.

Já pedi que parasse com isso, Rufus. Pode me chamar de Vanhardt, ou apenas Van. Tenho uma importante missão para você, se achar que pode cumprir. Gostaria que chamasse outros três ou quatro homens valentes e que montassem bem, e fizesse um reconhecimento ao sul de Crivengart. Procure localizar o exército de Mondovar, e a direção que ele está tomando. Essa informação pode ser crucial para podermos nos defender adequadamente no caso de um ataque. Consegue fazer isso?

É claro que sim, mest... er... Vanhardt. Se for pelo bem de Crivengart, trarei as informações mais completas possíveis.

Ótimo! E tome cuidado. Não se aproxime demais dos inimigos, pois eu já vi o que eles podem fazer. Agora vá, e que a deusa do gelo os abençoe!

Não foi difícil para Rufus achar companheiros que topassem a missão, e depois de meia hora arrumando cavalos e suprimentos, eles partiram para o sul. A esposa de Rufus e suas crianças choraram como se ele caminhasse para a morte. Vanhardt sentiu uma pontada de medo pelo que pudesse acontecer com o filho de Runcard. Eles foram sim, inimigos quando crianças, mas o tempo foi duro para os dois, e modelou a personalidade de ambos. Agora eram vizinhos e parceiros.

A primeira linha de defesa contra o exército de Mondovar era bastante simples. Seria construída uma muralha ao redor de Crivengart, de uma altura de no mínimo três metros, e a dez passos de distância da periferia da vila. Cavariam também uma fossa logo atrás da muralha, com cinco passos de largura, e a maior profundidade possível. Vanhardt esperava que com a muralha e a fossa, os inimigos tivessem dificuldade de penetrar na vila. Ele planejava travar a batalha fora dos limites de Crivengart, e terminá-la por lá, de modo que os habitantes se mantivessem seguros dentro da vila.

A segunda linha de defesa seria um celeiro grande e antigo, mas ainda em uso, o qual seria desocupado para que pudesse servir de abrigo durante a batalha. Vanhardt insistiu teimosamente, e por horas, que seria melhor os habitantes se protegerem no celeiro do que lutar ao lado dele e Ravina. Os homens e mulheres corajosos o suficientes para o combate, ficariam encarregados de proteger aquele local. Depois de um pequeno tumulto, todos entenderam que não tinham experiência em batalhas, e se ficassem do lado de fora das muralhas teriam pouca chance de sobrevivência.

E essa tal de Guardiã... Ravina, não é? Por que ela vai lutar ao seu lado? Ela é mulher, e não parece muito forte. - perguntou Evans, desconfiado.

-- Não vejo problema algum no fato dela ser mulher, e garanto que Ravina é muito mais forte que você, e tão corajosa quanto

qualquer outro, senhor Evans. E além do mais, ela... hum... ela pode se proteger. - Vanhardt não achou que seria uma boa hora para revelar a habilidade de Ravina se transformar em Lázaras, o que poderia assustar as pessoas.

Assim estabelecido, metade da vila cuidava para pregar tábuas de madeira nas janelas do celeiro, jogar folhas verdes no teto da construção para que não se incendiassem facilmente, retirar o trigo e guardar em algumas casas ali perto, com o objetivo de liberar espaço e também evitar que pegassem fogo. A outra metade da vila se ocupava de construir a muralha. Thomas ficou encarregado de liderar a construção da parte norte. Para isso, o pai de Vanhardt liderava um grupo de pessoas que carregavam destroços do antigo obelisco para o norte da vila, colocando-os em fila de modo a proporcionar a melhor defesa. Utilizavam carroças, cavalos, e até as mãos para a tarefa. Vanhardt por sua vez tomara para si a obrigação de construir a parte leste, oeste, e sul da muralha. Greylock, que mesmo não sendo tão habilidoso quanto Lionel, assumiu a posição de ferreiro quando este morreu, e se encarregou de produzir armas para os habitantes.

Talvez vocês devam ter achado estranho eu afirmar que o filho da deusa do gelo construiria o maior pedaço da muralha, e não citei se ele teria ajuda. Na verdade, ele faria tudo sozinho, enquanto os outros cavariam a fossa. Sim, eu disse sozinho. Utilizando uma das primeiras magias que aprendeu, Vanhardt criava lanças de gelo (estas com três metros de altura, e dois palmos de largura) e fincava-as no solo, deitadas pra frente, numa espécie de paliçada, só que de gelo. Alguém dissera pra ele que aquilo era feito, no caso, com madeira, em batalhas, principalmente para se defenderem da cavalaria. O filho da deusa do gelo se inspirou na idéia, só mudando a matéria prima. Fez questão também de não deixar um espaço maior que um palmo de distância entre as lanças, de modo a não permitir que qualquer coisa passasse entre elas. De meia em meia

hora o rapaz sentava-se para descansar, e levantava-se assim que se restabelecia para continuar a construção.

Logo atrás dele, Ravina e Green ajudavam outras cinquenta pessoas a cavar a fossa atrás das lanças de gelo. Não havia pás para todos (Greylock também ficara encarregado de fabricá-las), e assim, aqueles que não as tinham, improvisaram pedaços pontudos de madeira, e iam afofando a terra na frente dos outros que cavavam. Após um dia inteiro de trabalho, cerca de um décimo da muralha já estava de pé, mas apenas a metade disso em relação à fossa.

Não sei se teremos tempo para construir tudo em menos de uma semana. Mondovar chegará aqui antes do muro estar terminado! - comentou Evans em uma reunião no centro de operações, na qual contavam quinze representantes da vila.

Deixe de ser pessimista, homem! Amanhã Greylock terá terminado mais pás, e a fossa será acelerada. Quanto à muralha, acho que seria melhor abandonar os pedaços de obelisco, muito custosos para carregar, e cortarmos árvores para dispor ao lado das lanças de gelo. - Thomas era o mais respeitado, depois de Vanhardt, até mesmo por ter sido um dos três conselheiros da vila.

Árvores? Cortar árvores? Isso sim demoraria muito mais! - exaltou-se uma mulher no fundo. - E onde está a ajuda que a deusa do gelo prometeu?

Vanhardt levantou-se e se dirigiu para o centro do círculo formado pelas quinze pessoas presentes, olhando no rosto de cada uma. Sentia o peso da responsabilidade nos ombros; a vida deles dependia substancialmente de seus esforços. Por mais que os aldeões se dedicassem, fariam uma diferença muito limitada se os compararmos com as gigantescas tropas de Mondovar. Não possuíam, como ele, poderes divinos capazes de alterar consideravelmente os rumos dos acontecimentos.

Por favor, atenção. Não vamos nos desesperar, devemos nos ater a uma questão mais importante. A muralha e a fossa, além do

celeiro, foram ótimas idéias que tivemos para proteger a vila. Temo, contudo, que isso não seja suficiente para barrar o avanço de Mondovar. Precisamos de algo muito maior e mais forte do que temos para ousar pensar numa vitória.

Maior? Algo MAIOR? Seu filho está louco Thomas, não estamos dando conta de fazer o mínimo e o garoto quer mais! - Evans socou uma mesa.

Evans, se não parar com esses comentários derrotistas será retirado daqui! Já estamos preocupados o suficiente; não precisamos agora de alguém que só pensa o pior buzinando nos nossos ouvidos. Pessoal, eu sei que contam muito com minha mãe, a deusa do gelo, porém quanto a isso não haverá decepção. Minha mãe sempre cumpre suas promessas. A ajuda virá quando for possível! Agora, vamos nos concentrar...

Possível? E se o possível for depois que Mondovar tiver nos massacrado? - dessa vez foi uma jovem moça que reclamou.

É isso mesmo! - outras vozes se somaram, e uma grande confusão se espalhou pela casa de Vanhardt.

A noite se esticou sem que nada de novo fosse acrescentado, apenas queixas de falta de comida, de pás, brigas das crianças, e outros acontecimentos insignificantes. Os presentes voltaram para suas casas desanimados, temendo terem feito a pior de suas decisões ao desafiarem Mondovar. Green e Ravina tentaram consolar Vanhardt, mas esse parecia especialmente abatido:

Eles só sabem reclamar! Não comentam o que há de bom, como o celeiro que já está adiantado!

Meu filho, eles estão com medo - Thomas sentou ao lado do filho, e encostou o indicador no peito dele. - Eles não enfrentaram desafios tão grandes quanto você, e nem se sentem especiais. Na verdade todos acham que irão morrer assim que Mondovar chegar. O seu papel, como filho de uma deusa, é justamente dar-lhes esperança, como naquele discurso que fez assim que destruiu o obelisco.

Está certo, pai...!

Com as palavras de seu pai na cabeça, Vanhardt decidiu encontrar com a mãe no astral. O pequeno Erick estava aos cuidados de uma vizinha, que adorava crianças, e por isso ele não tinha que se preocupar com os choros noturnos do filho. Entrou no seu velho quarto, e ajeitou-se confortavelmente na cama, imaginando que sofreria algum tempo para conseguir se libertar do corpo físico. Ao contrário de seus temores, e exatamente como Léia afirmara, dessa vez ele conseguiu sair facilmente do corpo, e não perdeu tempo, dirigindo-se imediatamente para o castelo de cristal.

Ele nunca descobrira a localização exata do castelo de sua mãe, apenas que era sobre as nuvens, e ao norte da terra do gelo. É certo que poderia se concentrar para ir diretamente para o salão do trono, só que dessa vez não queria isso. Estava cansado, e precisava de algo para acalmar seu espírito. Atravessou as paredes de sua casa, abriu os braços, e passou a voar cada vez mais para cima, seguindo os ditames de seu coração. Sempre que se encontrava naquele plano diferente do físico, sentia um magnetismo no ar, mas não opressivo como o emitido pelo obelisco. Era como se a magia estivesse em contato com cada célula do seu corpo, ou melhor, em cada partícula de sua alma. A magia no seu estado mais puro. O tempo também parecia volátil ali, e por isso difícil de ser mensurado (horas podiam ser minutos, e vice-versa), por isso não conseguia saber dizer quanto tempo se passara quando viu uma construção erguendo-se logo à frente. Brilhava como o próprio sol, mas em todas as cores possíveis, um verdadeiro arco-íris. A luz que tocava o corpo de Vanhardt era fria e acolhedora, assim como a presença de sua mãe. Encantou-se com a beleza de incontáveis torres (cem talvez?), todas feitas com cristais, uma ponte que dava acesso à entrada principal que parecia ser de diamante e tinha a largura da vila de Crivengart. O portão era um espelho gigantesco, refletindo as nuvens à sua frente, e

proporcionando um disfarce pouco efetivo, pois o resto da construção era opulenta e grandiosa.

Seguindo seus instintos, ele atravessou as paredes, cruzou corredores quentes e outros frios, e passou algumas portas até chegar ao salão do trono. Sua mãe ajeitava um vaso de flores quando o viu chegar, sorrindo discretamente.

Não falei que seria mais fácil vir aqui?

É, mãe. Você sempre acerta.

Quisera eu ser assim. Um elogio que não corresponde à verdade, mas que agradeço de qualquer modo!

Mãe, como das outras vezes, venho aqui com um pedido. É uma pena que esse seu filho só sirva para importuná-la! Meus vizinhos estão com medo, pois a construção de nossas defesas está demorando muito mais do que o imaginado. Se as previsões de que Mondovar chegará em uma semana estiverem corretas, terminaremos em cima da hora. E eu acho que só aquela muralha e a fossa, além do celeiro, não serão suficientes.

Entendo. Quanto a isso não se preocupe, pois estive ocupada com umas improvisações em meus ajudantes de jardinagem, e amanhã estarão prontos. Eu acho que a nossa maior atribulação se resume à outra questão. Essa sim digna das maiores preocupações. Havia eu colocado nossos melhores espiões, uma dupla de lobos brancos, no encalço do exército de Mondovar, mas especificamente hoje não recebi nenhuma notícia deles, como aconteciam todos os dias. Mandeí outra dupla atrás deles, e infelizmente só encontraram corpos jazidos na neve...

Err... desculpe-me, mãe, mas esse é mesmo um problema sério? Não querendo me desfazer da importância dos lobos que faleceram, mas esses outros poderiam ocupar o lugar deles, não? E na guerra sempre ocorrem baixas.

Sim, baixas acontecem, e os dois poderiam assumir o papel de espiões. O grande problema é que eles não encontraram o rastro das

tropas, e admito que não são piores rastreadores do que os que faleceram. Além disso, é muito difícil esconder a passagem de um exército daquela conjuntura. Assim, acredito que Mondovar fez algo que alterou sua posição. Eles podem estar em local completamente distinto, e poderão nos atacar de uma posição que não esperávamos, como do norte. A minha experiência, contudo, diz que essa não é sua intenção. Na verdade, Mondovar apenas cuidou para encurtar a distância, por um meio que eu desconheço, e provavelmente estarão marchando sobre Crivengart em menos que uma semana. Talvez até na metade desse tempo. A preocupação maior desse ser maligno não é nos surpreender atacando de uma posição diferente, mas sim muito mais cedo do que imaginávamos.

Se for assim...

Se for assim estaremos encrencados - a deusa do gelo impediu que o filho dissesse algo muito pessimista. - E isso não é tudo. Como julgávamos que o prazo seria de uma semana, eu acelerei o processo de hibernação de minhas criaturas, para que elas nascessem antes disso, e o ajudassem na batalha. Se Mondovar aparecer aqui antes de uma semana, porém, não vejo o que posso fazer. A aceleração da hibernação já me custou a morte prematura de algumas criaturas, e o risco de que algumas nasçam com problemas. Se eu tiver de repetir o processo, pode ser que nenhuma esteja em condições de batalha.

O filho da deusa do gelo não sabia como reagir, e apenas ficou de pé, parado. Ele e sua mãe ainda conversaram por algum tempo, sobre detalhes da construção das defesas, e os planos de Vanhardt para fazer algo que proporcionasse uma proteção mais efetiva, e que realmente causasse danos à Mondovar e suas tropas. Ainda tiveram tempo para discutir frivolidades, como as palhaçadas de Green, ou a inteligência investigativa de Ravina. Vanhardt quis saber como Lila estava, e sua mãe disse que passava bem, mas se recusava a sair do quarto onde estava. Quando indagada por que, a deusa do gelo não soube explicar exatamente. A fada sentia-se envergonhada por

alguma coisa, não revelando maiores detalhes. Quando Vanhardt ameaçou ir vê-la, Léia impediu, deixando claro que a fada insistiu em não ser vista, principalmente por ele.

Vanhardt voltou para o seu corpo, e o conforto de sua cama, com a cabeça cheia. Mondovar se mostrava mais astuto que podia-se supor, e agora sua amiga agia como uma criança mimada. A vila não iria gostar nada das notícias, e ele decidiu não contar a ninguém antes de ter certeza das movimentações de seu inimigo. Quanto à amiga, não se preocuparia em encontrar com ela. Talvez fosse melhor a fada, que andou agindo de modo estranho nos últimos tempos, passar algum tempo sozinha. E assim, o filho da deusa do gelo adormeceu.

Capítulo LX - *Um Incerto Prelúdio*

Os crivengartenses se levantaram com o humor melhor na manhã seguinte, segundo alguns relatos, devido a uma misteriosa brisa que adoçou o sono de todos eles. Vanhardt voltou ao trabalho pensando em como sua mãe era perspicaz, e certamente, com uma deusa como ela abençoando a vila, mesmo Mondovar e o traidor teriam sérias dificuldades em vencê-los. Na metade da manhã, Oswaldo apareceu em seu cisne branco, carregando uma sacola azul de seda, de onde pularam uma dúzia de esquilos, com o nariz vermelho e brilhante, e cujas patas dianteiras apresentavam garras metálicas do tamanho de uma palma humana.

Os Hurqxes nunca, nunquinha, nunca mesmo, tiveram um desafio tão grande pela frente, por isso sua mãe concedeu-lhes essas garras, para que cavassem melhor. Eles cuidavam dos jardins da magnífica deusa do gelo, que, diga-se lá, não chegam aos pés do que você pretende fazer aqui. Isso sim é um desafio, sim, sim, sim!

Mal chegaram e as criaturinhas já pareciam saber exatamente o que deveriam fazer. Mergulharam na fossa, assustando os moradores que ali trabalhavam, e imediatamente começaram a jogar quilos e mais quilos de terra para fora do buraco. Em poucos minutos, a fossa já havia crescido o mesmo tanto que os moradores gastaram para cavar em um dia inteiro. Admirados com a capacidade dos Hurqx, a maioria dos trabalhadores abandonou a sua tarefa, preferindo ajudar na fortificação do celeiro. Green foi um dos que jogou a pá para o alto, e sentou-se numa pedra limpando um suposto suor no rosto.

Ah, agora que esses bichinhos chegaram acho que podemos descansar. Eu realmente mereço um repouso!

Podemos ajudar a aprontar o celeiro - disse resolutamente a Guardiã para o duende.

Deixa de ser estraga prazeres, lagartona. Você é muito certinha! Senta aí e relaxa também.

Ravina limitou-se a se dirigir para o celeiro e oferecer ajuda. Enquanto isso, Vanhardt continuou a fincar lanças de gelo no chão, procurando não se distrair com a novidade. O dia transcorreu com ânimos exaltados, e os trabalhos se encerraram quando o sol se pôs. Mais da metade da fossa fora cavada e o celeiro precisava apenas de alguns detalhes, como armadilhas para urso que seriam disfarçadas no chão, porém sinalizadas a fim de que nenhum desavisado acidentalmente ficasse preso. Vanhardt se acostumara com o ritmo do seu serviço e, portanto, rendera o dobro do dia anterior. Somado aos esforços de Thomas e sua equipe no lado norte, completaram quase dois quintos da muralha. A reunião no centro de operações foi muito mais tranqüila e otimista, e em menos de meia hora, quinze aldeões voltavam para suas casas, plenamente satisfeitos.

O dia seguinte foi semelhante ao anterior, com otimismo renovado, e um ritmo acelerado nos trabalhos. Uma brisa fresca soprava quando o sol se encontrou na metade do céu, e com ela uma surpresa veio alterar o rumo dos acontecimentos. Rufus e três companheiros entraram galopando disparados na vila, como se fugissem de alguma coisa, perguntando pelo filho da deusa do gelo. Não foi difícil encontrar Vanhardt, que se assustou com o retorno precoce dos batedores.

Por que retornaram tão cedo? - perguntou Vanhardt incrédulo. - Faz pouco mais de dois dias que saíram, não me digam que...

—As notícias são as piores possíveis, mestre Vanhardt, digo... er... Vanhardt. - interrompeu Rufus descendo de seu cavalo, e tentando se esconder de olhares curiosos. - Lutamos até mesmo contra nossos

olhos, acreditando que éramos vítimas de uma malévola ilusão, mas infelizmente estávamos errados. Exatamente após um dia e meio de galope, assim que saímos da vila, preparávamos para descer uma colina, quando fomos surpreendidos por uma visão que por pouco não nos derrubou de nossas selas: um exército, formado por cerca de dez mil criaturas que pareciam saídas do reino do mal, marchavam sob a planície. Mesmo de longe pudemos perceber que eram os mesmos que estiveram aqui anteriormente, com suas capas negras encobrendo um corpo esquelético e presença macabra. Tambores ribombavam num ritmo sinistro, que apesar de trazer angústia aos nossos corações, incentivavam aquelas tropas a marcharem com mais fervor. Além disso, uma máquina difícil de ser descrita, estava no meio deles. Era como uma carruagem, porém vinte vezes maior do que qualquer uma que conhecemos. Forrada de metal em todos os cantos, e com um par de chifres de marfim, do tamanho de pinheiros, incrustados na frente do veículo. As rodas também eram de metal, não menores do que uma casa, e possuíam espículas saindo de suas laterais. No teto, um trono feito de ossos servia de assento para aquele que parecia ser o líder deles.

Rufus, o que acaba de me dizer é terrível - comentou Vanhardt com a cabeça baixa, meditativo. - Se calcularmos que vocês demoraram cerca de um dia para voltar, podemos esperá-los aqui amanhã mesmo, no máximo depois de amanhã!

Exatamente, senhor. Gostaria de aproveitar para avisar a minha família da situação, e...

De jeito nenhum, Rufus! - interrompeu o filho da deusa do gelo, olhando para os lados, preocupado. - Essa é uma informação que se cair nos ouvidos de nossos vizinhos colocará a vila em alvoroço - emendou o jovem sussurrando. - Não queremos que eles se assustem antes da hora, e desistam de terminar os trabalhos. Precisamos de todos animados, e não desesperados. Leve seus amigos para fora de Crivengart, não importa onde, e só volte aqui depois do anoitecer.

Até lá os serviços já estarão adiantados, e assim poderemos contar a verdade a todos. Enquanto isso, cuidarei de avisar minha mãe.

O filho de Runcard concordou com a cabeça, e novamente subiu em seu cavalo, acertando as esporas nos flancos do animal e partindo em disparada, seguido por seus companheiros. Vanhardt procurou por Oswaldo, que naquele momento ajudava Thomas, e chamou-o para um canto.

Por favor, Oswaldo, preciso que alerte minha mãe imediatamente. Diga a ela que Mondovar está a cerca de um dia de distância de Crivengart, e conta com dez mil soldados. Eu tentarei acelerar a construção da muralha.

Isso é realmente terrível, terrível! Irei conforme suas ordens, oh destemido Vanhardt!

O assistente da deusa do gelo desamarrou as rédeas de seu cisne branco, que estava acomodado no estábulo, e voou em direção ao norte. Logo alguns crivengartenses se aproximaram de Vanhardt, perguntando se não era Rufus que eles viram galopando pela vila. O jovem inventou alguma desculpa esfarrapada, algo relacionado a dificuldades enfrentadas por Rufus em sua jornada e retornado para se reabastecer de suprimentos. Vanhardt não perdeu tempo e voltou para seu trabalho com as lanças de gelo, fugindo de mais perguntas embaraçosas.

Ao cair da noite, toda a fossa estava concluída; além disso, a muralha formada pelas lanças de gelo e pedaços do antigo obelisco precisava de apenas alguns metros para fechar um círculo em torno de Crivengart. O celeiro, por sua vez, já tinha sido finalizado naquela tarde, e os moradores abasteciam-no de água e alimentos. Greylock, que após a chegada dos Hurqxes não precisou mais fabricar pás, agora recebia a ajuda de moradores, e forjava espadas e escudos improvisados. Somavam-se vinte pares no total. Num trote mais lento, Rufus e os outros três companheiros chegaram à vila, e involuntariamente atraíram a atenção dos aldeões que não mais se

viam ocupados com suas obrigações. Uma multidão foi se formando ao redor dos quatro, ansiosos por novidades, e Rufus esperou um sinal para que pudesse informar as terríveis notícias.

Como esperado, um rebuliço tomou conta da vila, imersa em gritos abafados assim que Rufus terminou de falar. O filho da deusa do gelo pediu a todos que se acalmassem. Ele e sua mãe já previam aquela alteração nos planos, e estavam preparados. Era necessário, naquele momento, que todos os moradores se concentrassem em levar os pertences íntimos para o celeiro, e lá se estabelecessem. Apesar de ele ser grande, e capaz de abrigar a todos, precisariam de atenção e bom senso para não carregar objetos desnecessários e entupirem o local. Sem perder tempo, as mães empurraram as crianças para o abrigo, como se Mondovar fosse chegar na mesma noite à Crivengart. Os pais, não menos desesperados, fechavam as suas casas e pregavam tábuas nas portas e janelas, tentando promover alguma proteção aos seus lares que ficariam à mercê dos invasores.

Senhor Vanhardt, por favor! - Júbia, a mulher de peso pouco acima do ideal, e que tomava conta de Erick, se aproximou com o bebê no colo. - Você gostaria que Erick ficasse comigo e as crianças no abrigo? Eu acho que posso tomar conta dele.

Tenho certeza de que sim, Júbia - o filho da deusa do gelo deu um beijo nas bochechas do menino, e tocou o ombro da vizinha. - É uma pena eu não poder passar mais tempo com meu garoto, mas acredito que ninguém poderia cuidar dele melhor do que você. Seria uma honra se cuidasse dele pra mim no celeiro.

A babá de Erick enxugou algumas lágrimas no rosto, e voltou comovida para sua família, apressando-os a carregar seus pertences até o abrigo. A vila de Crivengart nunca esteve tão movimentada, mesmo em seus mais de quinhentos anos de existência. Era um mar de pessoas seguindo ora para cima, ora para baixo, trombando, caindo, levantando, chorando, gritando. O colchão branco de neve

que sempre se fazia presente, devido ao clima abençoado da terra do gelo, dessa vez se misturava à terra castigada por centenas de passos e em poucos minutos, transformou-se num lamaçal que dificultava ainda mais a locomoção. Fugindo do tumulto, Vanhardt coincidentemente encontrou Ravina alguns metros além da parede sul de gelo. Ela estava sentada sobre uma rocha quadrada, e por pouco não foi vista pelo filho da deusa do gelo, devido à escuridão de uma noite sem lua. Vanhardt sentou-se do lado da Guardiã, colocando a cabeça entre as mãos, meditativo.

Sabe... - começou Ravina olhando para frente, sem mirar nada específico. - Apesar de ter sido agraciada com essa benção-maldição de Lázarus, e me julgar forte, acho que nunca fui preparada para enfrentar uma situação como essa. Em minha vila, mesmo sem saber que eu podia me transformar em lagarto, todos diziam que eu era a "guerreira sem medo", devido ao meu estilo de luta. Se naquela época eles estavam certos, eu não sei dizer, porém nesse exato momento o apelido nunca caiu pior. Há um frio estranho em meu estômago, e sinto como se meu coração fosse pular da garganta. Mal consigo engolir a saliva. Vanhardt... - ela então mergulhou seus olhos nos do filho da deusa do gelo - eu estou com medo! Não consegui ficar dentro da vila, com todas aquelas pessoas olhando pra mim. Elas querem que eu devolva confiança pra elas, mas meu medo impede qualquer ação nesse sentido. Olhe minhas mãos - Ravina abriu a mão, esticando bem os dedos, e Vanhardt pôde ver que ela tremia. - Está assim há algumas horas. Não pára de tremer, não importa o que eu faça.

Ravina - o filho da deusa do gelo segurou firme a mão da Guardiã, transmitindo um calor apaziguador, e fazendo-a parar de tremer instantaneamente. - Você não precisa lutar, eu já disse. Ficaria feliz se fosse para o celeiro, e protegesse meus vizinhos. Eu posso cuidar de tudo aqui fora.

Não, você não pode - a Guardiã carinhosamente desvencilhou sua mão das de Vanhardt, e enfiou-a debaixo do manto, envergonhada. - Além disso, acho que não entendeu o que eu quis dizer. Não estou com medo de enfrentar aquelas criaturas, e muito menos de morrer. Laodicéia guia o meu destino, e se eu perecer, sei que terei cumprido a minha missão. Tenho medo de não conseguir ajudar você, sua família e seus amigos, tenho medo de não ser forte o suficiente para pagar a minha dívida. Você é filho de uma deusa, e seus poderes são maiores que o de qualquer mortal. Mas eu sou apenas uma humana, com uma habilidade incomum.

Vanhardt queria dizer para ela que tudo aquilo era bobagem, e que Ravina poderia se virar muito bem, entretanto não foi capaz de mentir. Ele não sabia se, com todos os seus poderes, ele próprio seria capaz de defender a vila. Ainda mais com o fato de sua mãe se vir obrigada a acelerar a incubação outra vez, correndo o risco de inviabilizar todas as suas criaturas. Talvez estivesse apenas ele e Ravina contra Mondovar e todo o seu exército. E se fosse assim mesmo, não haveria possibilidade de vitória.

O filho da deusa então tentou sorrir, mas seu rosto ficou mais próximo de uma careta do que de um sorriso. Sentia-se só, vazio, como se estivesse dentro de um buraco profundo, e não houvesse ninguém para esticar-lhe a mão. Estava feliz por Ravina lutar ao seu lado, porém nem mesmo ela poderia fornecer aquilo que o filho da deusa do gelo queria. De repente, ele viu Green zanzando pelas redondezas, e resolveu chamar o duende:

Ei, verdinho, você se perdeu? A vila fica pra lá! - debochou Vanhardt apontando para Crivengart.

E óbvio que não! Estou procurando Clotilde, você por acaso a viu?

A galinha? Não Green, faz um bom tempo que não a vejo...

Eu também não a vi... - comentou Ravina.

Pois é, e nem eu! Estou preocupado com ela.

Talvez tenha se escondido em algum lugar, para fugir da batalha.

Se for isso, ela é mais esperta do que nós dois, hem, hem! Van, agora que estou reparando, sua mãe não vai lhe fornecer nenhuma armadura divina?

Armadura divina? Acho que não, Green. Custei a adquirir uma arma, que dirá uma armadura...

É, tem razão, elas são realmente raras. Até mesmo entre os deuses são poucos os que têm condições de usar uma armadura divina. Fiquei sabendo que as melhores proteções são as de Justus, Salazar e Núbia. Mas se você conseguisse uma, ficaria protegido contra qualquer dano físico, e grande parte dos danos mágicos!

Acho que a minha mãe é daquelas que usam armaduras mais simples, porque nunca a vi com nenhuma. E provavelmente não sobrará muita coisa pra mim.

Pois bem, o papo está bom, mas eu preciso continuar procurando aquela galinha. Pode estar sentindo frio a coitada. Boa sorte para nós amanhã! Pra você também Ravina!

Boa sorte, Green.

Boa sorte, verdinho safado! - disse o filho da deusa do gelo logo após a Guardiã.

Depois de Green ir embora, Vanhardt virou seu rosto para o lado, e pôs-se a encarar a periferia sul da vila. Seria por ali que Mondovar provavelmente viria, marchando com suas tropas, quem sabe se não dali a algumas horas? De repente, uma idéia assaltou-lhe os pensamentos. Há alguns dias ele já vinha tentando imaginar uma defesa que pudesse causar mais estragos ao contingente de seu inimigo do que uma simples muralha de lanças e uma fossa, e agora inspirado, ele se deparara com a idéia.

— Ravina, você é uma das mulheres mais incríveis que já conheci. Confie em si mesma! - ele se levantou da pedra, e piscou para a Guardiã, dessa vez com um verdadeiro sorriso. - Tenho uma coisinha para fazer agora, mas adorei conversar com você. E pode ter

certeza que não é a única que está com medo... Ainda me sinto meio nauseado! - o filho da deusa do gelo despediu-se da Guardiã, e voltou correndo para Crivengart.

Algumas horas depois, todos os habitantes da vila se encontravam instalados no celeiro. Meia dúzia de homens, liderados por Rufus, faziam patrulha próximos à vila. Uma sopa de legumes com pedaços de carneiro era servida dentro do prédio, cujos aldeões saboreavam com paciência e veneração. Seria talvez sua última refeição antes da batalha, e quem sabe, da morte de todos. Um som de grande magnitude foi ouvido em determinado momento, e vinha pelo lado sul de Crivengart. Era como se uma avalanche houvesse deslizado por uma montanha, e depois interrompida em seu percurso, pois o barulho não durou mais que meio minuto. Algumas crianças gritaram aterrorizadas, e suas mães tentaram acalmá-las. Ninguém ali dentro se atrevia a ir ver o que era, mas rezavam para que não fosse o impiedoso Mondovar e seu exército.

Capítulo LXI - A Defesa pela Liberdade Jamais esteve tão em Guarda

Lorehardt era o terceiro filho mais velho de Evans Jandeler. O sol mal deitava seus primeiros raios dourados sobre o horizonte e o filho mais impetuoso de Evans se esgueirou atrás de uma casa próximo à parede sul da muralha de gelo, de onde podia enxergar através das frestas das lanças. Deixou seu escudo e espada roubados da vila sobre a neve, murmurando impropérios relativos ao equipamento. As armas produzidas por Greylock eram de qualidade muito inferior àquelas que Rufus, Stevens, Bolha e Tagh carregavam. Era verdade que as espadas portadas pelos melhores guerreiros da vila foram compradas no mercado de Daicevalor, mas bem que o velho Greylock podia se esforçar para fazer itens mais bem acabados. Naquele momento, tudo que Lorehardt queria era se dedicar a pensamentos inofensivos como esses. Desde a madrugada, quando o som agudo do sino colocado no centro da vila alcançou os ouvidos dos pouco mais de duzentos aldeões, indicando que Mondovar e seu exército haviam chegado, e ao mesmo tempo pondo o lugar enlouquecido, o filho de Evans não se sentia bem. Diferentemente de seu pai, um covarde na opinião de Lorehardt, ele queria fazer como Rufus, Stevens e os outros. Subir num cavalo, pegar uma espada ou um machado, e lutar contra qualquer criatura que invadissem sua vila.

O barulho dos tambores ribombando longe, talvez dois ou três quilômetros, e uma visão fragmentada, montada pelos retalhos das frestas entre as lanças de gelo, de um exército que ocupava quase

todo o horizonte, aumentaram a ansiedade de Lorehardt. Enxugou o suor da testa com a manga da camisa, e respirou profundamente, tentando abrandar as batidas nervosas de seu coração. Voltou sua mente para os pensamentos inocentes. O pai de Lorehardt nem ousara convencer seus dois irmãos mais velhos a não irem para a batalha, mas só faltou amarrar o garoto na cama. Delmécius era apenas cinco anos mais velho que ele, e Karl, dois! Além de tudo com dezesseis anos de idade ele já era um adulto para os padrões da terra do gelo. A desculpa de que deveria ficar dentro do celeiro, para proteger suas irmãs e a mãe ao lado do próprio Evans era obviamente fruto da covardia. Disposto a não manchar a honra de sua família, o rapaz roubou uma espada e escudo displicentemente encostados a uma parede do celeiro, provavelmente esperando pelo dono que se despedia da esposa ou filhos. Olhando para os lados, e percebendo que os outros estavam ocupados demais para notar a sua fuga, ele saiu do celeiro e correu para perto da muralha sul, de onde agora podia avistar o exército inimigo.

Depois de esticar o pescoço, e fixar os olhos, ele conseguiu enxergar Vanhardt. Esse sim era um verdadeiro herói. Quando Lorehardt estava ajudando os outros a preparar o celeiro, ouviu boatos de como antigamente o filho da deusa do gelo era ignorado, e por vezes maltratado pelos aldeões. E, no entanto, mesmo depois de ter passado por essas mazelas, ele colocava sua vida em risco mais de uma vez para salvar os vizinhos. O filho da deusa do gelo, seu campeão, estava quieto, com a poderosa Flama fincada no chão, e olhando para os inimigos, enquanto uma leve brisa insistia em manter seus cabelos atrapalhados. Será que Vanhardt não sentia medo? Lorehardt achava que não.

O som dos tambores só fez aumentar, e Lorehardt podia ouvir os passos dos soldados e o farfalhar das armaduras, abafados por gritos e a gargalhadas macabras. Um nó se fez na garganta do garoto quando este viu o que dali a poucos minutos poderia estar passando

por cima da muralha. O exército inimigo era realmente muito grande, e se tornou impossível ver os soldados que estavam nos extremos leste e oeste da linha de frente, devido à distância. Além disso, uma força sinistra, parecida com aquela que os oprimia quando o obelisco estava de pé, porém vinte vezes mais poderosa, pesava sobre os ombros do garoto.

De repente, começou a se sentir nauseado, e logo um jato de vômito jorrou da sua garganta maculando a neve e formando uma poça. Seus membros tremiam, e um vazio tomava conta de seu peito, esmagando o pequeno coração do garoto.

Ele continuava ouvindo os tambores e o marchar dos inimigos, principalmente suas gargalhadas, que era o pior de tudo. Depois de vomitar novamente, um suco ralo, esverdeado, fruto de um estômago vazio, sentou-se no chão com lágrimas nos olhos, e segurando a cabeça com as mãos. Sentia medo, muito medo, e achava que nada conseguiria tirá-lo dali. Tinha medo de morrer, e sabia que esse seria seu destino se ali permanecesse. Como Vanhardt e aquela mulher, a Guardiã, tinham coragem de enfrentar sozinhos todos os inimigos? Lorehardt começou a chorar e soluçar, agradecendo no fundo de seu coração o filho da deusa do gelo e seus amigos. Depois bochechou um pouco de neve para tirar o gosto de vômito, e levantou-se, ainda tremendo. Rapidamente pegou a espada e escudo estirados no chão, e correu furtivamente entre as casas, para não ser visto, voltando para o celeiro e a sensação de segurança.

Lá dentro, Dona Lavínia, uma mulher seca e rancorosa, se encontrava sentada com os braços cruzados sobre o peito. Até hoje ela remoía mágoas a respeito de Runcard, seu parceiro de maquinações. Aquela raposa velha fugiu da vila quando se viu ameaçado, e nunca mais deu as caras, deixando ela ali, sozinha. Nem mesmo o apoio de seus filhos, como Evans, a deixava confortável. Sabia que todos na vila a olhavam de lado, assim como faziam com o filho da deusa do gelo antigamente. Aquele rapazinho atrevido se

achava o salvador do mundo, e havia condenado Crivengart à completa destruição. Certamente todos no celeiro seriam meros cadáveres dentro de algumas horas, quem sabe minutos. Se seus vizinhos não fossem tão burros, e enxergassem o mal que aquele falso filho de uma deusa trazia, já teriam expulsado-o, além do pai e do bebê.

A velha, extremamente perspicaz, não teve dificuldades para notar seu neto, Lorehardt, um rapazinho curioso e ordinário, entrar no celeiro tentando se disfarçar entre tábuas soltas. Logo o garoto estava sentado ao lado da mãe, Mirtes a inútil esposa de seu filho. Sua nora era tão incapaz de criar filhos que por causa disso produzia aberrações como Lorehardt, que às vezes pensa ser o dono do universo. Dona Lavínia sentiu um frio percorrer sua espinha, deixando-a inquieta, assim como os outros aldeões, que repentinamente começaram a murmurar, e algumas crianças a chorar. O fim estava próximo. Mesmo seus ouvidos ruins eram capazes de perceber as batidas cadenciadas de tambores, e gritos ecoando pelo ar. Antes de se deitar, e esperar pelo fim, ela viu Thomas, o pai daquele que era culpado de tudo isso, pegar uma tábua retangular, prender numa das paredes, e depois pedir algumas crianças, de seis a dez anos, que fizessem um círculo.

— Muito bem meninos e meninas, isso mesmo, sentem um do lado do outro. Não precisam chorar! Vocês já são grandinhos. Prestem bem atenção no que vou fazer aqui... - Thomas pegou um pedaço de carvão que havia espirrado da lareira improvisada, e passou a rabiscar na tábua de madeira. - Vou ensinar vocês a ler, tudo bem? - depois murmurou consigo mesmo - Já passou da hora de criar uma escola nessa vila.

O pai de Vanhardt passou a desenhar figuras estranhas no quadro, e pedia para as crianças repetirem o som que elas significavam. Assim, conseguiu fazer com que todos, até mesmo os pais se distraíssem, e também dessem os primeiros passos no

caminho da leitura. Os comentários de que as tropas da deusa do gelo não viriam, e de que o jovem Vanhardt sozinho não conseguiria deter Mondovar, pararam de correr entre os aldeões, fazendo com que Thomas se sentisse plenamente satisfeito. Uma distração como aquela serviu melhor que o imaginado para diminuir a ansiedade dos aldeões, e impedir que o pânico e o desespero os fizessem agir por impulso. Agora cabia a seu filho, e a deusa do gelo, cumprir a parte deles e salvar a vila.

Longe dali, Vanhardt permanecia quieto, como uma estátua, observando o magnífico exército de Mondovar marchar como uma nuvem de gafanhotos famintos em direção à sua vila. Contavam certamente com mais de trinta mil soldados, três vezes além do que esperavam. A carruagem de medidas desproporcionais, e maior do que um prédio, também estava no meio deles. A bizarra estrutura móvel emanava uma força maligna que somada àquela gerada pelos espectros poderia reduzir um homem comum às cinzas ao tirar-lhe as esperanças e a vontade de lutar. O filho da deusa do gelo não sabia como a Guardiã estava se virando para não sucumbir a essa ameaça, porém ele sentia cada célula de seu corpo vibrando numa polaridade oposta, emitindo uma força positiva, e mergulhando sua alma num mar de esperança e força de vontade. Quanto mais eles tentavam arrancar sua energia, mais esta crescia e ardia furiosa, nascendo na base de sua espinha, e aguardando pacientemente o momento de explodir.

De repente, o exército invasor parou de marchar assim que o som dos tambores morreu. Os únicos ruídos que se faziam ouvir eram o da brisa uivando baixo e o de flocos de neve que caíam timidamente, tocando o chão com doçura e se desmanchando imediatamente. Vanhardt girou sua cabeça para a esquerda, e a Guardiã que estava a pouco menos de dez metros de distância o encarava interrogativamente. Ele balançou a cabeça em sinal positivo, e Ravina se agachou sobre a neve iniciando a transformação em

Lázarus. A bela guerreira agora era uma criatura semelhante a um lagarto, com pele de cobra e garras afiadas, além de uma boca comprida, capaz de estraçalhar ossos com uma mordida.

O silêncio anunciava o destino fúnebre reservado para todos que se encontravam sobre aquele campo. O filho da deusa do gelo esperava pelas tropas de sua mãe, que até o momento nem deram sinal. Coincidentemente, uma pomba branca pousou no ombro de Vanhardt, esticando a patinha curta, que carregava um papel amarrado. O rapaz desfez o nó com cuidado, e retirou o papel. Apesar de não saber ler, as palavras ali desenhadas saltaram para dentro da mente dele, e a voz de Léia se fez ouvida:

"Não se desespere, logo estaremos aí. Boa sorte!"

— Atrasada... Mulheres! Será que são todas iguais? - Vanhardt resmungou baixinho, e amassou o papel numa bola, atirando-a pra frente. A pomba levantou vôo, e retornou para o céu resplandecente. - Tomara que ela não se atrase demais!

Do outro lado, as tropas de Mondovar se remexiam como cães famintos, prontos para ir atrás de sua saborosa refeição. Uma trombeta soou por cerca de meio minuto, e os gritos das criaturas agora foram mais altos e mais fortes, devido à expectativa da batalha iminente. Os tambores voltaram a soar, mas num ritmo diferente, acelerado. Os espectros amaldiçoados se posicionaram com as espadas em punhos, e pernas flexionadas. O último som a atingir a terra do gelo antes do confronto foi o da trombeta, que ao ser tocada pela segunda vez serviu de estopim para uma explosão de gritos e berros. Um mar negro de criaturas açoitado por terrível tormenta passou a mergulhar na direção da pequena vila de Crivengart.

A hora chegara, e não havia mais como voltar atrás. Uma distância de menos de quinhentos metros separava Vanhardt e Ravina dos inimigos, e foi encurtando rapidamente. Vanhardt continuou firme como uma estátua, olhando Flama fincada no chão, e aguardando o momento certo de agir. Ravina já na forma de

Lázarus lambia suas presas, e preparava-se para partir pra cima dos invasores. A distância diminuiu para trezentos metros, e os dois amigos permaneciam imóveis. Os berros iam aumentando de volume, e pareciam vir de uma única criatura grotesca, que avançava como uma serpente de escamas negras e destruía a terra por onde passava. O filho da deusa do gelo abaixou-se, pegando dois fios quase invisíveis no chão, uma com cada mão. Não podia mais esperar.

Capítulo LXII - *Dragão de Fogo*

Na noite anterior ao ataque de Mondovar, Vanhardt foi inspirado por uma ótima idéia, que lhe permitiria causar um dano maior às tropas de seu inimigo, além de favorecer estrategicamente a sua posição. Com a ajuda dos Hurqxes, ele cavara uma piscina de um metro de profundidade, e comprimento equivalente a todo o perímetro sul de Crivengart, chegando à incrível marca de cem metros. A largura era vinte vezes menor que isso. Depois pedira a um dos Hurqxes que cavasse o mais fundo possível, até atingir um lençol freático, e enchesse a piscina improvisada de água. Não foi muito difícil para congelar toda aquela água, depois de mergulhar a mão e concentrar por meia hora. A primeira etapa da armadilha estava quase pronta.

Com a ajuda de Flama, ele cortou, separando do solo, todas as paredes da piscina, formando um imenso bloco de gelo, uniforme, sólido e independente. Faltava um detalhe. Vanhardt fabricou dois pedaços compridos de fios de Gaia, e amarrou duas pontas dos fios nos dois extremos do bloco, voltados para o lado que Mondovar supostamente viria com suas tropas. Contando com o talento nato de engenharia dos Hurqxes, colocou pedais e apoios na base do bloco, ou seja, o lado voltado para Crivengart, a fim de sustentá-lo quando fosse erguido. Agora restava a segunda etapa da armadilha.

O filho da deusa do gelo cavou um novo buraco com a ajuda dos esquilos com garras, ao lado do primeiro, e do mesmo comprimento, porém mais próximo de Crivengart. Só que esse era muito mais fundo, cerca de dez vezes maior que aquele que dera origem ao

monobloco. No fundo desse buraco, cravou centenas de lanças de gelo, deixando as pontas afiadas voltadas para cima. Depois voltou à superfície, e usando o resto de sua energia, soprou sobre o buraco, fazendo surgir uma finíssima camada de gelo sobre ele, de modo que os inimigos não pudessem vê-lo, mas que facilmente se quebrasse se qualquer um deles caísse ali.

O funcionamento da armadilha seria muito simples: num primeiro momento, Vanhardt puxaria as duas pontas soltas dos fios de Gaia, e ergueria o bloco de gelo na frente do exército inimigo quando ele atacasse. Surpreso com a aparição da muralha, as tropas de Mondovar se dividiriam em duas frentes, uma seguindo pelo leste e a outra pelo oeste, procurando desviar do obstáculo. Assim, Vanhardt cuidaria de uma das frentes, enquanto Ravina ficaria com a outra. Num segundo momento, se as criaturas resolvessem passar por cima da muralha, elas cairiam no buraco após quebrar a fina camada de gelo que o cobria, e se esfaqueariam nas lanças ali depositadas.

Agora Vanhardt estava de costas para seus inimigos, virado na direção de Crivengart, com os fios que se enrolavam em suas mãos em máxima tensão no trajeto até as extremidades do bloco de gelo. O rapaz iniciou um lento e penoso caminhar, que se provaria tão desafiador quanto qualquer uma de suas lutas passadas. Seu rosto se contorcia de dor, com os olhos apertados, suor escorrendo pela testa, e a boca aberta pela metade, mostrando os dentes do lado esquerdo. As mãos sangravam vítimas dos fios muito finos, e seus ombros só não padeciam do mesmo problema porque recebiam a proteção do corselete de couro que o jovem vestia. Andava com dificuldade, pé ante pé, causando profundas marcas na neve, e em certo momento se deteve sem conseguir mover mais nenhum centímetro. Cada músculo e tendão de seu corpo se tencionavam ao limite, num estado semelhante ao de uma bomba milésimos de segundos antes de explodir. A força necessária para erguer a muralha era realmente

absurda, e por um leve momento chegou a duvidar se ele a teria. Mais um gemido de dor, gotas de sangue escapando de suas mãos e pingando na neve, e lembrou-se de todos os desafios que enfrentou até então, de todo o seu sofrimento. Aquele desafio era uma gota d'água se comparado ao oceano de dificuldades que superou.

Enfiando as pontas do pé na neve, buscou apoio para o seu corpo, e concentrou seus pensamentos na vila de Crivengart, nos seus amigos, e principalmente na sua família. Thomas, Erick... Selen! Com a lembrança de seus entes queridos dando-lhe conforto e inspiração, o filho da deusa do gelo perseguiu uma força muito maior do que a *crafo adimapla* poderia proporcionar, e aos poucos, conseguiu fazer com que o bloco se mexesse. Enquanto ele erguia seus dolorosos centímetros, os espectros se encontravam a menos de cem metros de distância, e provavelmente venceriam aquele espaço em poucos segundos. Vanhardt não desanimou e continuou os seus esforços sobre-humanos, erguendo os primeiros metros. Ravina por sua vez, percebendo que logo a muralha estaria de pé dividindo os inimigos em duas frentes, partiu em disparada para o flanco leste. Quando ela estava a poucos metros de chegar à extremidade da parede, notou os primeiros espectros surgindo de trás da estrutura. Felizmente, a parede estava completamente de pé, e o plano funcionara como o esperado. Deu-se início o combate.

Jogando suas garras para cima e para baixo, sem parar de correr, ela estraçalhou os braços e colunas vertebrais dos inimigos, fazendo quatro vítimas no primeiro encontro. O lagarto possuía agilidade suficiente para escapar de cada golpe das espadas adversárias, e emendar contra-ataques fulminantes, que destruíam instantaneamente os espectros. Ali, de perto, Ravina viu os rostos das criaturas, caveiras de aparência putrefata, com nódulos ulcerados e pústulas nos ossos, além de vermes saindo pelas órbitas e pela boca. A aparência horrenda dos espectros não afetou a Guardiã, que insistiu atacando impiedosamente ao mesmo tempo

em que pulava, abaixava e rodopiava, se desvencilhando habilmente dos golpes inimigos.

Vanhardt já havia se livrado dos fios de Gaia e arrancado Flama do chão, e corria velozmente para a extremidade do qual ficou encarregado de proteger. A sua posição fora tomada por dezenas de espectros, em virtude do pequeno atraso que teve ao levantar a parede. Mesmo de longe, o filho da deusa do gelo rasgou o ar com sua espada horizontalmente, destruindo os seus primeiros alvos. Logo estava no meio deles, girando Flama em todas as direções, e quebrando os ossos das criaturas que não conseguiam se aproximar o suficiente para feri-lo. Quem imaginaria aquilo? Há apenas poucos meses, o jovem que apresentava dificuldades para criar um punhado de neve, agora era capaz de conjurar muralhas gigantes de gelo, e demonstrar capacidades de luta muitíssimo superiores a de qualquer humano ordinário. Ele seguiu atacando sem hesitar, e derrotava um ou dois adversários a cada golpe. Mesmo com toda a sua habilidade de luta, e já haver destruído mais de trinta espectros, Vanhardt notava estarrecidamente que a cada inimigo derrotado, cinco tomavam o lugar deste. Assim, com poucos minutos de combate ele já estava cercado por uma multidão de espectros, e estes conseguiam chegar cada vez mais próximos dele.

Apesar de tudo, a mente Vanhardt procurava não se fixar em preocupações com o transcorrer da batalha. Cada célula de seu corpo ficava mais carregada de energia, e suas artérias e veias pareciam conter magma em vez de sangue. O coração se tornara uma bomba propulsora mais forte que o de um elefante, e os pulmões se enchiam de uma lufada de ar a cada inspiração. Novos inimigos tombaram às investidas de Flama, e um magnetismo foi tomando conta da carne, da pele e dos nervos do herói. Sua coluna vertebral, cujo fogo ardia vigorosamente sempre que ficava mais forte, dessa vez explodia furiosamente como um incêndio incontrollável. Ele sentia como se

uma serpente tomada de fogo fosse subindo vértebra após vértebra, numa espiral, e se aproximava perigosamente do seu pescoço.

Naquele momento, o mundo do qual Vanhardt fazia parte passou a tomar dimensões totalmente novas e extraordinárias, graças a um estado de percepção que se aproximava do puramente divino. As cores que via se multiplicaram em milhares de outras, e agora era capaz de perceber uma riqueza indescritível de detalhes, que anteriormente não existiam. Via moscas no céu, todos os milhares de flocos de neve que caíam preguiçosamente, cada fio solto do manto dos inimigos, e sentia cada gota de suor escapando de seus poros: absolutamente tudo. Os movimentos dos espectros se tornaram mais lentos, assim como seus próprios golpes. Isso era uma vantagem, pois passou a se desviar de qualquer ataque sem necessitar de muito esforço. Sua alma se tornara una ao universo, e seu corpo dançava naquele mundo onde podia enxergar a verdade contida em cada coisa. Flama por sua vez, recebera uma carga formidável de energia, e transformava em pó cada inimigo que atingia. Estes se somavam dez ou doze por golpe. O filho da deusa incrivelmente conseguiu equilibrar a balança na qual o número de espectros infinitamente superior os permitia ganhar terreno. A velocidade e a quantidade de inimigos que derrotava passaram a pesar positivamente no seu lado da balança.

A serpente de fogo que incendiava por dentro a espinha dorsal de Vanhardt avançava perigosamente para dentro do crânio do jovem, que por sua vez se sentia cada vez mais forte e mais rápido. Instintivamente sabia que a energia acumulada desmedidamente em seu corpo, se aproximava do limite, e poderia explodir a qualquer momento. Seus movimentos se tornaram instintivos e automáticos, e Flama girava e golpeava como se fosse uma extensão de seu braço, pondo abaixo centenas de espectros sem dificuldade. De repente, uma dor quase insuportável latejou dentro do cérebro do jovem. A serpente de fogo atingira o seu destino final, e a energia crescera

dentro do rapaz incontrolavelmente. Ela teria de escapar de alguma forma.

Do alto da gigantesca carruagem de ferro que vinha logo atrás das primeiras frentes de espectros, Mondovar se encontrava sentado num trono de ossos, atento. Ele não se movera quando uma muralha de gelo se ergueu na frente de suas tropas, e limitou-se a respirar profundamente ao observar a linha de frente dos espectros ser dizimada por Vanhardt e seu amigo lagarto. Agora, porém, sentia uma sutil mudança das energias circulantes em torno do filho da deusa do gelo. Ele se afastava do seu lado humano, deixando transparecer toda a divindade que continha. Mondovar subestimava completamente o seu adversário, e só se preocupou com os rumos da batalha quando viu o próximo passo dele.

Um cone de chamas surgiu nos pés de Vanhardt, e subiu em espiral pela sua cintura e tórax, envolvendo daí a cabeça e braços, e por fim chegando até as pontas dos dedos. As chamas foram aos poucos mudando de forma, e logo tinham o aspecto de um dragão, com escamas laranja e vermelhas que ardiam furiosas, e olhos que brilhavam como dois sóis. A boca escancarada revelava centenas de dentes brancos como marfim, e uma língua vermelha dançava descoordenadamente. O dragão de fogo depois de serpentear três vezes e meia ao redor de Vanhardt, saltou do corpo do herói e voou em frente, com a boca aberta, e incendiou todos os espectros que se encontravam em seu caminho. Depois de percorrer quase cinquenta metros, a serpente de fogo rugiu como um leão selvagem, e desapareceu em milhares de fagulhas cintilantes. Os espectros que foram atingidos pelas chamas não passavam de cinza espalhada sobre a neve.

Assustando o nobre homem de pé ao seu lado, Mondovar se pôs de pé. Otho que usava uma armadura prateada, e guardava um machado de lâminas vermelhas nas costas, descruzou os braços assim que seu mestre se levantou. O novo truque do rapaz que

teimava em defender sua vila preocupou o Supremo Lorde Mondovar, e isso era no mínimo interessante. De relance, Otho contou quase duzentos espectros que pereceram no golpe do rapaz. Desde seu primeiro encontro com Mondovar, pelo qual sentia medo e admiração fundidos em um só sentimento, o general negro nunca vira reação semelhante. Seu Supremo Lorde era sempre frio e taciturno, e a única mudança em seu estado de espírito era quando ficava zangado, e destilava ódio pelos poros.

Mondovar então passou a palma da mão sobre o queixo de seu elmo, e manteve o olhar fixo no campo de batalha. A sua direita, o lagarto se encontrava cercado de espectros, e já tinha sido ferido duas ou três vezes, apesar de continuar lutando com a mesma força, vigor e destreza. Do lado esquerdo, Vanhardt era o que mais causava estragos. Quase mil espectros foram derrubados com seus golpes, e estes insistiam a morrer sem muita resistência. Com a voz metálica e sinistra de sempre, Mondovar sentenciou ao seu general:

Otho, está na hora de começarmos a batalhar de verdade. - Revelando uma diversão secreta, Mondovar continuou - Este rapaz, e sua amiga que se transformou em lagarto já causaram baixas demais em nossas tropas. Vamos atingir o seu ponto fraco. Quero que metade dos espectros de nosso flanco direito ignorem o lagarto e marchem em direção à vila, o mesmo acontecendo com aqueles do flanco esquerdo. Ao mesmo tempo, as tropas que estão atrás da muralha de gelo atravessarão aquele buraco bem no seu centro, e se juntarão aos que estiverem na frente, para pôr abaixo esse lugarzinho ridículo.

Supremo Lorde... Desculpe a minha ignorância, mas... - Otho olhava fixamente para a muralha de gelo, tentando desvendar algo que aparentemente só Mondovar notava. - Eu não vejo nenhum buraco no centro da muralha!

É mesmo? Hmmm... Então olhe mais uma vez.

Sacando a espada que repousava na bainha, Mondovar desferiu um golpe. Um fio de angústia deslizou da boca do estômago de Otho até a sua garganta, ao sentir a energia que emanava daquela arma. Era a famosa Ceifadora de Vidas, com a qual seu mestre derrotou anteriormente onze dos doze membros do Círculo Interno da Divina Serpente. Só ele, Otho, sobreviveu à chacina, ao inteligentemente não se opor a Mondovar. Graças a isso agora era o seu primeiro general. Aparentemente, o golpe não causou nenhum estrago na muralha, e o Supremo Lorde deslizou a espada suavemente para dentro da sua bainha. Alguns segundos mais tarde, contudo, uma explosão na base central da muralha atirou lascas de gelo em todas as direções, ferindo até mesmo alguns espectros. Um buraco com cerca de quatro metros de diâmetro surgiu onde antes era um bloco maciço de gelo, fornecendo uma passagem livre para o outro lado. Imediatamente Otho apontou o indicador direito para a frente, e gritou:

— Trovador! Soe a canção de avançar! Metade daqueles que enfrentam os inimigos deve abandonar os alvos, e seguir para a vila. Os que estão próximos da abertura na muralha devem trespassá-la, e se juntar aos que se encontrarem à frente.

Um homem vestido com uma capa violeta, e dois andares abaixo de onde Otho e Mondovar se encontravam, ergueu uma trombeta em forma de concha, e soprou sem hesitar. Um som agudo, contínuo, se fez ouvir a quilômetros de distância, e logo foi entrecortado por algumas pausas, terminando em tom mais grave. Os espectros hipnotizados por aquele som seguiram as ordens fornecidas por Otho, e os rumos da batalha alteraram.

No flanco leste, Ravina que havia sofrido alguns arranhões, além de um corte mais profundo no andar inferior de seu abdome, viu seus adversários diminuir em número. Aliviada num primeiro momento, cobriu-se de terror quando notou que os espectros que abandonavam a luta se dirigiam para Crivengart. A Guardiã ainda

tentou deter a sua marcha, mas logo foi bloqueada por cinco espectros. Mesmo desferindo golpes precisos nas gargantas e tronco dos adversários, e se esquivando dos contra-ataques, logo estava cercada por mais uma torrente de espectros. Era impossível detê-los. Por mais que derrotassem os inimigos, dez outros tomavam o lugar de cada um que tombava. Seus músculos começavam a se queixar de cansaço, e câimbras ameaçavam inutilizá-la a qualquer instante. Ravina, apesar de tudo, continuava a lutar com o mesmo afinco de antes. Ela tinha uma dívida com Vanhardt, e não morreria em paz se não a pagasse.

Do outro lado, Vanhardt também percebera a mudança de disposição dos espectros. Quando uma boa quantidade havia desistido de lutar consigo, e pôs-se a caminho de Crivengart, ele concentrou-se na serpente de fogo que rodeava sua espinha dorsal, e obrigou-a dessa vez a penetrar em seu cérebro. Como da primeira vez, o dragão de fogo se externalizou, e subiu em espiral desde seus pés até a cabeça e pontas dos dedos. Um grito de guerra coberto de fúria e força de vontade foi o sinal para o dragão saltar de seu corpo, e avançar sobre os espectros que se aproximavam de Crivengart. Todos eles foram dizimados pelo simples toque das escamas cobertas de chamas, e uma explosão de fagulhas vermelhas e laranjas iluminou por alguns instantes as portas da vila.

Um discreto sorriso no canto dos lábios de Vanhardt surgiu quando este viu um outro grupo de espectros quebrar a fina camada que recobria o buraco atrás da muralha de gelo, depois de mais de cem destes terem atravessado. Após despencarem alguns metros, encontraram o seu fim nas lanças ali cravadas. Outros ainda continuaram a atravessar a abertura na muralha e a despencar no buraco, que parecia um ralo sugando os espectros para a morte. Um soco de Mondovar em sua cadeira, e uma ordem de Otho, foram necessárias para que os espectros parassem de mergulhar para o fim de suas existências. O estrago, porém, já havia sido feito.

Capítulo LXIII - *O Último Bastião de Crivengart*

Dentro do celeiro, a tensão triturava as emoções dos aldeões. Alguns bebês choravam, dentre eles Erick, e as mães e babás nervosas não tinham sucesso em fazê-los parar. As crianças se agarravam nas barras das calças dos pais, que por sua vez não tinham barras para se segurar, e por isso espremiavam os cabos das espadas contra os dedos. O medo da morte se mostrava estampado no rosto de cada morador, até mesmo nos mais corajosos. O gemido da porta recebendo pancadas provocou grito de algumas mulheres e uma imediata mobilização dos homens, que improvisaram uma formação defensiva esperando o ataque dos espectros. Evans Jandeler retirou as travas de madeira com cuidado, e abriu uma fresta. Todos soltaram o ar preso nos pulmões ao aliviados, notarem que era Rufus quem entrava no celeiro.

— Os espectros estão pulando o muro em torno da vila, e logo chegarão aqui! - o rapaz tinha uma voz séria, e não sorria. - Precisamos de todos que tenham coragem de lutar para proteger o celeiro! Somos a última linha de defesa...! - a frase foi mais pra si mesmo do que para os outros.

Thomas foi o primeiro aldeão a se armar de um martelo de ferreiro, e enfiar o antebraço num broquel. Deu passos lentos até Júbia, que tomava conta do seu neto. Ele encarou as faces cobertas de lágrimas do bebê, que ao ver o avô, deu um sorriso brincalhão. Agora, entretanto, Thomas não poderia brincar com ele. Coçou os pés de Erick, e deu um beijo na bochecha do menino, caminhando depois para o lado de Rufus, de cabeça baixa, contemplativo. Outros

doze ou treze aldeões reuniram o fio de coragem que impedia a loucura de se apossar de seu íntimo, e se juntaram a Rufus e Thomas. Até mesmo Evans Jandeler se uniu à pequena força. Quando a porta ia sendo aberta para que o grupo saísse, um grito agudo ecoou no fundo do celeiro. Uma pequena criatura verde saiu de trás de uma mesa posta deitada. Green tomou uma espada curta das mãos de uma senhora que mantinha seus sete filhos ao redor, como pintinhos em volta de sua mãe galinha.

Desculpe, mas eu vou precisar disso mais do que a senhora!

O duende correu para perto de Thomas, que manteve uma fresta da porta aberta. O pai de Vanhardt arregalou os olhos, assustado com a coragem súbita do duende.

Não adianta me olhar desse jeito, ô vovô! Só estou indo para evitar mais mortes, protegendo vocês todos, seus inexperientes. Humpf! E além do mais, logo Léia terá enchido isso aqui de tropas!

Balançando a cabeça negativamente, Thomas sorriu, e fechou a porta logo atrás do duende. Rufus ouvira o que Green falara, e refletiu rapidamente. Seria muito bom mesmo se a deusa do gelo mandasse ajuda - chegaria na hora certa! Bem, talvez um pouco atrasada, pelo menos para salvar a vida de Vanhardt. Ele pensava no filho da deusa do gelo, cercado por todos os espectros. Assistira aos primeiros minutos da batalha, observando atentamente a Guardiã, que havia se transformado num lagarto, e Vanhardt, desafiando as forças de Mondovar. O que movia aqueles dois, pondo-se frente a frente contra trinta mil inimigos? Não teriam eles medo da morte? Será que acreditavam que podiam vencer? Não, vencer não, mas Rufus instintivamente soube que eles acreditavam que poderiam atrasar Mondovar. Naquele momento, arrependeu-se quando nos tempos de criança maltratou o filho da deusa do gelo. Ele era uma pessoa boa, afinal. Era uma pena que os dois provavelmente nunca mais se veriam. Pelo menos era o que seu coração dizia.

Dispostos numa força de quarenta guerreiros, pois havia mais de vinte homens lá fora, Rufus pediu que os Crivengartenses fizessem um círculo, para que pudesse passar melhor as instruções. Contavam ali rapazes com pouco mais de dezesseis anos, barba começando a despontar, enquanto outros próximos aos sessenta, com os cabelos e barba quase brancos por completo. Estavam prontos para defender a sua vila, o seu lar, as suas famílias. Os homens entreolhavam-se, buscando coragem naquele ao seu lado e à sua frente. Pigarreando com a mão fechada sobre a boca, Rufus falou:

Entre os espectros e o celeiro só existe um obstáculo, e somos nós. Quando olharem para aquelas criaturas, vocês sentirão medo, e nada mais. Provavelmente até ficarão paralisados, frente ao horror que eles tentarão nos inculcar. Eu peço, entretanto, que não se deixem levar. Devemos lembrar que somos agora os únicos capazes de defender nossas famílias, que estão ali dentro do celeiro. Eles torcem por nós. Assim como confiamos no filho da deusa do gelo, eles confiam em nós. Não podemos decepcioná-los!

Os aldeões confirmaram com a cabeça, temendo usar a voz e essa ficar presa na garganta. Green, debaixo de todos, esticou a mão fechada para frente. Os outros, então, colocaram suas mãos por cima da do duende, obrigando-o a quase ajoelhar na neve, com o peso daquelas quarenta mãos. O duende, contudo, manteve-se firme. Numa voz séria, diferente de como costumava falar, ele afirmou:

Foi um prazer ser recebido em sua vila. Assim como eles diziam no lugar onde nasci e cresci: boa morte!

O prazer é nosso, duende - sorriu-lhe Thomas ironicamente. - E boa morte para você também.

Ouvindo os urros dos espectros ao longe, os guerreiros de Crivengart logo se posicionaram em frente ao portão do celeiro. Rufus organizou uma formação em "V", na qual ele tomou a frente. Daquela forma, eles recebiam a proteção em um dos flancos, e por

sua vez ficavam responsáveis por proteger o do companheiro. Rufus teria os dois flancos protegidos, porém receberia a pior carga dos espectros, por estar na ponta do "V". Thomas puxou Green para o seu lado, na terceira fileira do lado direito da formação. Deu tapinhas na cabeça do duende, e falou de costas para Green:

Não deixe que eles me furem, senão terá que prestar contas ao meu filho!

Está duvidando do poderoso Green, um dos maiores duendes guerreiros de Kether? Vanhardt não chega perto das minhas habilidades guerreiras! Se é que ele ainda está vivo... - a última frase foi um sussurro praticamente inaudível.

Logo as tropas de Mondovar estavam incendiando as casas, destruindo as varandas, e atravessando o centro de Crivengart como um bando de animais incontroláveis e sanguinários. Rufus pedia calma, principalmente para alguns que gemiam. Outros por si só permaneciam firmes em suas posições, mas amedrontados. As pernas do duende tremiam, e ele lutava contra suas mãos que não deixavam a espada curta na vertical. Esfregou os olhos com força, obrigando-os a ficar bem abertos e atentos. Os espectros se aproximavam como cães ensandecidos, uma massa negra, uniforme, destruindo tudo por onde passava. O coração do duende disparou quando eles estavam apenas alguns passos de distância. Alguns menos sortudos tiveram as pernas presas por armadilhas de urso. A hora chegara.

No primeiro choque entre as duas frentes, dois crivengartenses voaram dois metros na vertical, e tombaram no chão, mortos. Rufus gritou como um lobo selvagem, e passou a girar sua espada para os lados com força, tentando atingir as cabeças ou o qualquer parte vital dos inimigos, mas depois de quatro ou cinco tentativas conseguiu apenas quebrar um dedo de um deles. Os outros crivengartenses logo sentiram a força dos espectros, que se espalharam ao redor da formação em "V". Após alguns minutos

outros três aldeões tombaram, e ainda não haviam feito nenhuma vítima do lado oposto. O confronto saía pior do que Rufus imaginara. Quando observou a luta de Ravina e Vanhardt contra os espectros, acreditou que seria mais fácil derrotá-los, mas agora que havia sofrido um perigoso arranhão no pescoço, e o melhor que fizera foi destruir uma perna de um oponente, pensava o contrário. Seu amigo Tagh, posicionado dois homens à esquerda, foi o primeiro a fazer uma vítima, e seguiu-se um grito de entusiasmo dos Crivengartenses. Logo Thomas fizera uma segunda vítima, e ainda uma terceira, ao emendar uma martelada subsequente na cabeça de outro espectro. Green ocupava-se de proteger o flanco do pai de Vanhardt, que freqüentemente ficava exposto. Ele mesmo quase recebera um golpe no pescoço ao proteger Thomas.

Rufus continuava atacando como louco, e dessa vez destruíra um braço daquele espectro que havia perdido a perna, e que por isso lutava deitado. Bolha, seu maior amigo desde a infância, e que se encontrava à sua direita, recebeu uma estocada que lhe atravessou o abdome. O jovem, pai de duas crianças, caiu de joelhos no chão, já sem vida. Rufus gritou como se ele mesmo tivesse tomado o golpe, ou perdido um filho, e avançou a lâmina de sua espada contra a cabeça do espectro, destruindo-a em mil pedaços. Continuou atacando com a mesma força, derramando fúria em cada investida, e fazendo mais duas vítimas. Recebeu um golpe no ombro esquerdo, obrigando-o a deixar o escudo no chão. Um grito no fundo da formação indicava uma nova morte de um dos guerreiros de Crivengart. Por quanto tempo suportariam aquilo?

Dentro do celeiro a inquietação beirava o insuportável. O calor ali era grande, pois além de cada fresta se encontrar fechada, as lamparinas acesas nos vários cantos só faziam aumentar a temperatura. Ouvia-se o grito dos homens lá fora, e as crianças choravam como nunca. Sons no telhado fizeram as mães suspeitar de espectros, mas uma delas, mais observadora, reparou que

provavelmente seriam tochas sendo atiradas. Por sorte eles salpicaram o teto com neve e folhas verdes, a fim de evitar um incêndio. As mães apertaram mais ainda os filhos perto de si, pedindo calma. Dona Lavínia do seu canto resmungava que aquilo era culpa de Vanhardt e sua mãe. A deusa do gelo não aparecera, e provavelmente nunca o faria. Todos morreriam sem qualquer honra.

A velha só parou de falar quando as tábuas que protegiam uma das janelas foram atiradas longe, e uma criatura coberta com farrapos negros, e mãos esqueléticas adentrou o celeiro. As crianças gritaram, e as mães as empurraram contra as paredes, numa proteção instintiva. A criatura cuja cabeça era uma caveira, com vermes saindo dos olhos e entrando em sua boca, olhava de um lado para o outro, como um lobo escolhendo a ovelha a ser devorada. Ele caminhava lentamente, segurando uma espada com lâminas enferrujadas, e jogava o corpo de um lado para outro, duro como um morto. Houve mais gritos, e a maneira como a mandíbula da criatura se mantinha abaixada lembrava um sorriso secreto. Em determinado momento, o espectro fixou as órbitas vazias em uma criança de três anos, Catarina, uma das que mais chorava. Passou a andar em sua direção, e todas as mães ao redor gritaram desesperadas por ajuda. Os guerreiros corajosos, contudo, estavam fora do celeiro lutando contra os invasores, e ali só havia alguns velhos demais, outros muitos novos, e alguns covardes. Quando estava a dois passos de distância de Catarina, o espectro ergueu a mão esquelética para frente, a fim de agarrar a criança.

De repente, um vulto subiu nas costas da criatura, obrigando-a a arquear para trás. O espectro gingava para a direita e para a esquerda, mas não conseguiu se livrar de Lorehardt, que se segurava no pescoço dele como se sua vida dependesse disso. A criatura acabou caindo para a direita, soltando a espada enferrujada. O garoto, mais que depressa, agarrou a espada e afundou-a no tórax da criatura, na altura do coração. O espectro gemeu, porém esticou o

braço agarrando o pescoço do pequeno Lorehardt. Com uma força maior que a de um humano, a criatura esquelética pressionou o pescoço do menino, que imediatamente se fez branco. A sua sorte foi que Grindell, mãe de Catarina, arrancou a espada anteriormente cravada no tórax do espectro, decepou o braço que segurava Lorehardt, e por fim destruiu-lhe o crânio. Só assim o espectro parou de se mexer.

Os aldeões ainda estavam chocados, sem esboçar nenhuma reação. Lorehardt correu para um armário abarrotado com painéis e sacos de alimentos, e empurrou para o lado da janela que fora aberta, e que por sorte não foi invadida por outro espectro. Grindell ajudou-o a empurrar, mas mesmo os dois não conseguiam vencer o peso do armário. Outras duas mães, e um velho chamado Jurmandahk, pai de Greylock e provavelmente o crivengartense de idade mais avançada, ajudaram no esforço, e finalmente conseguiram posicionar o armário de modo a bloquear a janela.

A porta do celeiro se tornou alvo de alguns golpes furiosos, e um silêncio retumbante perpetuou pelo celeiro. A voz de Greylock pedindo que eles abrissem a porta foi o suficiente para que duas jovens retirassem as travas, e abrissem a porta. Os primeiros a entrarem foram Greylock carregando seu filho, Ernemidas, nos ombros, atingido por uma flecha. Depois dele seguiram-se vários outros guerreiros, sendo que os últimos foram Stevens, Thomas, Tagh, e finalmente Rufus. Este último estava cravejado com uma flecha no ombro e outra na coxa, e travava árdua batalha contra três espectros ao mesmo tempo em que forçavam entrada no celeiro.

Fechem a porta agora! - gritou o filho de Runcard, para seus companheiros.

Se a fecharmos, o senhor ficará do lado de fora! Não faremos isso!

Rufus deu um poderoso golpe na horizontal, decepando a cabeça de um espectro e obrigando os outros dois a recuar um passo, tempo suficiente para que ele entrasse no celeiro, e as portas se fecharam na

sua frente, seguidas pelas tábuas que as bloquearam. Thomas contou vinte e oito guerreiros que entraram no celeiro, mas sentiu falta de um que lutou ao lado deles.

Green? Onde está Green? - perguntou o pai de Vanhardt, procurando-o desesperadamente.

É uma pena, mas parece que o duende não teve mais sorte que nossos outros companheiros que tombaram - murmurou Stevens, que havia acabado de colocar a tábua atrás da porta. De repente seus olhos se arregalaram, e um fio de sangue correu por seu abdome, de onde surgira uma lâmina de um dos espectros.

Sem pensar duas vezes, Rufus decepou o braço que havia penetrado por uma fresta da porta, e atingido seu companheiro. Outras duas lâminas, contudo, atravessaram a porta de madeira, atingindo o peito de Rufus. O filho de Runcard enfiou a sua própria espada através da porta, pondo fim à vida de mais um espectro. Depois caiu ajoelhado no chão, e foi cravejado por mais três lâminas enferrujadas.

Um grito agudo ecoou pelo celeiro, e a mulher de Rufus tentou alcançar seu marido, sendo impedida por Thomas que a segurou com firmeza. A mulher lutava como um touro, e Thomas não sabia dizer se era mais difícil combater os espectros ou segurar a esposa de Rufus.

Todos para o fundo do celeiro já! A porta vai cair! Formação de defesa aqui na frente! - a voz do pai de Vanhardt trovejava, incitando seus companheiros. - e você, Freya, não vá pôr fim à sua vida inutilmente! Seu marido foi um dos maiores guerreiros que Crivengart já conheceu, e sua memória seria honrada se a mulher dele criasse seus filhos para serem tão fortes, honestos, e corajosos como o pai. E não se fosse morta por uma atitude impensada.

A mulher se desvencilhou de Thomas, mas pareceu escutar suas palavras, quando juntou os filhos e correu para o fundo do celeiro. Estrondos ribombavam na porta, denunciando seu fim iminente. O

fundo do celeiro estava abarrotado com todos os cidadãos de Crivengart que ainda permaneciam vivos, e a aparência deles era a de completo desespero e desolação. Uma linha de guerreiros se formou na frente, preparados para o último embate que se daria a poucos instantes, com Thomas no primeiro plano. Pelo menos morreriam com honra. Um estrondo maior ainda encheu os ouvidos dos aldeões, assim que a porta veio abaixo. Uma nuvem de poeira cinza se levantou, bloqueando a luz do sol e a visão dos espectros. Quando esta baixou, uma multidão daqueles seres se formou na entrada do celeiro. Havia pelo menos dez deles para cada um dos crivengartenses.

Capítulo LXIV - Nêmesis

Os músculos da Guardiã, apesar de serem mais fortes e resistentes em sua forma de lagarto, sofriam de exaustão. Cada ataque fazia as fibras nervosas transmitirem sinais de dor, e Ravina se tornara mais lenta. A cabeça já não funcionava como no início da batalha, e por isso abandonara qualquer estratégia de luta, confiando apenas em seus instintos. Mesmo vítima dessas adversidades, a guardiã se saía bem, e acumulava uma pilha de espectros ao seu redor. Não fazia idéia de quanto tempo mais suportaria aquele ritmo, porém quando foi atingida no ombro, e em seguida na coluna lombar, deduziu que não seria por muito.

O lagarto mordeu o braço de um dos espectros, esmigalhando-o, e acertou o rabo no tronco dele, tirando-lhe a vida imediatamente. Depois girou em torno do próprio eixo, e golpeou o pescoço de outro inimigo, decapitando-o, e partiu pra cima do terceiro. A balança continuava injusta contra os defensores de Crivengart. Por mais que as armadilhas de Vanhardt tivessem surpreendido o inimigo, este acabou se recuperando após um tempo, e a batalha voltara a soprar a seu favor. Cerca de vinte espectros circundavam Ravina, e atacavam praticamente ao mesmo tempo. O corpo de lagarto felizmente permitia-a realizar acrobacias de modo a se esquivar das investidas adversárias, e emendar contra-ataques. O sangue que lhe escorria das feridas, e o período que se mantinha naquela forma, talvez o maior desde que foi agraciada com a benção-maldição, cobravam agora o seu preço.

De repente, os espectros pararam de atacar, e a Guardiã teve um mau pressentimento. Lentamente ela se virou para um grupo de criaturas que abria passagem para um homem. Ele tinha a pele negra como o céu à noite, sem estrelas, e mais alto que qualquer outro humano que ela vira. Usava uma brilhante armadura prateada, decorada com detalhes em púrpura, e várias serpentes esculpidas, com as cabeças voltadas para baixo. Nas costas, sustentava um machado de lâminas vermelhas, o qual logo tratou de erguer com as duas mãos. O rosto do homem, que era calvo, exibia uma cicatriz oblíqua que ia da testa até as bochechas do lado oposto. Ele sorria com malícia, e lambia os beiços como se estivesse prestes a se deliciar com um saboroso banquete.

— Muito prazer, meu nome é Otho Damascus, seu futuro carrasco. - o general caminhava em círculos ao redor da Guardiã, e observava-lhe atentamente. -Eu não sou o tipo da pessoa que se gaba das qualidades, e discursa como um idiota perante o adversário. Eu luto, e mato. Porém, sinto-me na obrigação de explicar aos meus inimigos porque eles morrerão, quando tenho tempo. Meu mestre estava aborrecido com o rumo dessa batalha, que já custa inúmeras vidas, e pediu-me que ajudasse a encerrá-la logo. E é por isso que você morrerá.

Entendo... - respondeu o lagarto, mostrando as dezenas de dentes extremamente afiados. - E o seu mestre mandou o lixeiro fazer o trabalho sujo?

Claro que sim! E estou grato em poder enviar para o outro mundo um lixo como você! - Otho não perdeu mais tempo, e avançou contra Ravina com o machado erguido.

Havia um cheiro estranho no ar, que despertou a curiosidade da Guardiã. Além disso, o golpe do inimigo se mostrava muito exagerado, e aparentemente amador, de modo que ela não lhe atacou o tronco, como seria natural - mirou, sim, o braço do oponente. Otho assustou-se com a velocidade de raciocínio do

lagarto, que previu o engodo. O general queria que Ravina avançasse para o seu tronco, e assim ele poderia acertar o braço do lagarto com seus cotovelos, local onde ele escondia duas adagas envenenadas. A esperteza de Ravina, ao detectar o veneno pelo odor, permitiu que ela acertasse de raspão os braços de Otho, atirando o seu machado alguns metros à frente, e obrigando o general a se esquivar com o corpo, evitando um ataque no pescoço que seria mortal.

Felizmente, Otho conseguiu colocar dois passos de distância da Guardiã, que também se surpreendeu com a agilidade daquele homem grande. Os dois agora trocavam olhares ameaçadores, apesar de não moverem um músculo sequer. Os espectros que formavam um círculo ao redor também não se intrometiam na luta. Otho olhou para baixo e para frente, onde seu machado se encontrava. Ele precisava de uma arma, pois as mãos nuas não conseguiriam penetrar a couraça do lagarto. Como o machado estava fora de alcance no momento, ele buscou as adagas envenenadas nos cotovelos, escondidas sob o pedaço da armadura que cobria o seu antebraço, porém arregalou os olhos ao notar que não havia nada ali.

Procurando por isso? - Ravina agora fez questão de mostrar sua língua comprida, e depois abriu as garras, revelando duas adagas finamente decoradas. Ela abaixou o focinho, cheirando os objetos, e depois os atirou no chão, cobrindo com um pouco de neve. - Isso iria me machucar. Graças a Laodicéia, o corpo de lagarto possui um olfato cem vezes melhor que o de um humano. Não foi difícil farejar o veneno debaixo da sua armadura, e depois arrancar as adagas que o continham.

Pensa que é esperta, então? - o general das tropas de Mondovar esticou os braços pra frente, e pôs-se a avaliar cuidadosamente as palmas das próprias mãos. - Acha que seu corpinho fornece uma vantagem sobre a minha pessoa? Lamento afirmar minha cara, mas eu também possuo um corpo especial. Estamos empatados. Observe!

Apertando bem as pálpebras e as mãos, mostrando os dentes que espremiavam as gengivas, fazendo-as sangrar, e com os músculos que estufavam alguns centímetros, atirando todas as peças de sua armadura no chão, Otho começou a se transformar. Depois disso os pêlos do seu corpo se eriçaram, e aos poucos foram crescendo. Tanto os bíceps, tríceps, quanto os quadríceps, aumentavam de tamanho e se delineavam em formas perfeitas. Os pêlos continuavam a crescer, e agora se multiplicavam, cobrindo até mesmo lugares antes inférteis como a cabeça calva do homem. Aos poucos Otho ia se parecendo mais com um urso que com um ser humano. As unhas viraram garras afiadas, de vários centímetros de comprimento, os pêlos negros e grossos se espalhavam por todo o corpo, o nariz encolhera e a boca ficara maior, capaz agora de triturar os membros da Guardiã. Os braços e pernas do homem-urso alcançaram a grossura de pinheiros, e derrubariam uma casa sem muito esforço.

Ravina não esperava aquela mudança repentina no duelo. Seria Otho também discípulo de Laodicéia, e recebera uma bênção-maldição como a sua? As dúvidas, contudo, não poderiam atrapalhá-la nesse momento, que seria decisivo. O

duelo se resolveria em poucos ataques, e Ravina sabia disso.

A sensação era familiar, assim como o peso de uma tonelada para cada partícula do ar. Vanhardt nunca estivera assim tão perto de Mondovar, a dez passos de distância, no máximo. O filho da deusa do gelo arfava, seu pulmão travava um duelo a cada inspiração para captar miseráveis golfadas de ar. O coração do rapaz era uma bomba que explodia a cada batida, como se tivesse de empurrar o mesmo volume de sangue que um rio. Todo o seu corpo conspirava a fim de trabalhar no limite extremo, para que ele não caísse ajoelhado aos pés daquele ser. A mera presença era tão marcante e aterradora que mesmo sendo um semideus, Vanhardt sofria seus efeitos. Os sentidos mais aguçados que o jovem adquirira no meio da batalha

permitiram que ele percebesse uma discreta tensão no braço direito de Mondovar, e uma respiração perfeitamente ritmada, que subitamente se interrompeu. Ele atacaria.

Antes que Vanhardt erguesse Flama numa posição defensiva, o líder do exército de espectros amaldiçoados apontou o indicador para o céu, e uma chuva de relâmpagos caiu sobre uma centena de soldados esqueléticos que os cercavam. Vanhardt arregalou os olhos, assustado por Mondovar atacar seus próprios guerreiros, e também por aquele ataque tão rápido e aparentemente simples ter sido capaz de derrotar a mesma quantidade de inimigos que Vanhardt, quando este liberava o dragão de fogo.

— Nosso duelo seria muito pobre se uma platéia horrenda como essa o assistisse - disse Mondovar, em sua voz cavernosa e que manteve os outros espectros afastados quase vinte passos. - Posso dizer que você tem me impressionado muito ultimamente meu rapaz, mais do que eu admitiria. Insultou-me quando conversamos através dos espelhos, pôs abaixo meu obelisco depois de derrotar o soldado que o guardava. Destruiu uma quantidade nada desprezível do meu exército, além de ter me obrigado a descer do trono e vir enfrentá-lo pessoalmente. São proezas que impressionariam até os deuses! - a última frase soou mais metálica que as outras, e continha uma discreta ironia.

Que bom, Mondinho! Como você demorou a aparecer, eu jurei que estava se borrando de medo! - Vanhardt passou a mão no seu traseiro, a fim de representar visualmente a piada. - Admita, esses soldados magrelos não são de nada! Eles estavam servindo de ótimo treino, pois eu não tive muitos alvos móveis para testar Flama. Tomara que você seja um pouco mais forte que eles, senão serei obrigado a vendar meus olhos e amarrar um dos braços pra trás para termos uma luta justa!

É triste ver como uma pessoa medíocre como você se utiliza de ameaças infantis para tentar me desestabilizar. Não há crianças aqui,

meu caro, e suas palhaçadas não me fazem rir. Sinceramente, esperava mais de um homem que me dera tanto trabalho.

Tudo bem, Lorde Mondovar, se quer ameaças sérias, irei despejá-las! - o tom zombeteiro de Vanhardt sumira completamente, só restando em sua voz seriedade e frieza. - Onde está a minha esposa? Quero que você a entregue agora, e reze para ela não ter sofrido quaisquer maus-tratos!

O inimigo de Vanhardt, vestindo a sua imponente armadura negra, ficou quieto por alguns segundos. O filho da deusa do gelo daria tudo para naquele momento observar as feições de Mondovar, encobertas pelo elmo.

Apesar de não lhe dever satisfações, senti... hum... vamos dizer, "pena" de você, e por isso lhe darei respostas. Sua esposa continua no mesmo lugar de antes, pois nada mudou. Às noites ela ainda chama por você, e eu a flagro chorando inúmeras vezes. Mas posso garantir que nos últimos tempos ela anda meio esquecida...

Basta, covarde! Arrancarei minhas respostas quando colocar o seu pescoço contra a lâmina de minha espada. Prepare-se! - Vanhardt segurou Flama firme entre as duas mãos, fechou os olhos, e se concentrou.

Que assim seja, filho de Léia! - Mondovar cruzou os braços, abriu um pouco as pernas e flexionou discretamente o joelho. - Vamos ver o que é capaz de fazer. Darei a oportunidade de um ataque, porém um apenas.

As moléculas do corpo de Vanhardt passaram a vibrar como um ser independente, dotadas das mesmas capacidades que possuíam unidas. Ele podia contar cada respiração sua e do seu adversário, além dos movimentos de cada um dos milhares de espectros ao seu redor. A leve brisa que soprava na sua nuca, assim como um floco de neve que beijava a testa do elmo de Mondovar, também era notada. Nada que acontecia num raio de um quilômetro passava despercebido aos sentidos do filho da deusa do gelo. Aquele estado

de êxtase, de plenitude e união com o universo, estava muito mais próximo do divino que do humano, e por isso

Vanhardt julgou que assim era como os deuses se sentiam. Ele então se concentrou para que todo o seu corpo e sua alma o ajudassem a criar o maior e mais poderoso dragão de fogo. Seu inimigo, por arrogância, permitiria que ele desferisse um golpe. Apenas um. E ele não queria receber o contra-ataque de Mondovar, pois seus sentidos o alertaram de que o Supremo Lorde mantinha guardada na bainha, a arma mais poderosa de Kether: a Ceifadora de Vidas. A mesma arma que por pouco não colocou fim à existência de sua mãe.

O dragão de fogo repetiu a mesma dança de antes, e passou a circundar os pés de Vanhardt e foi subindo em espiral pelo seu corpo. Desta vez a serpente flamejante se comunicava telepaticamente com o rapaz, que não poderia dizer até que ponto ela era um ser independente, ou parte dele próprio. No fundo, seu íntimo lhe dizia que o dragão era uma manifestação do divino dentro dele, e por isso era, e ao mesmo tempo não era, ele próprio. Vanhardt continuou se concentrando, captando e compartilhando toda a energia que era capaz, e o dragão crescia em força e tamanho. Quando chegou à cabeça de Vanhardt, já era cerca de três vezes e meia maior que o filho da deusa do gelo. Abrindo os olhos, e completamente ciente de onde se situava no universo, e o que fazia, Vanhardt abaixou lenta e deliberadamente a ponta da lâmina de Flama, pondo-a na direção de Mondovar. O dragão de fogo obedeceu a uma ordem velada e instintiva, saltando da cabeça de Vanhardt para o seu braço, e depois se atirando para a frente na plenitude de seu fulgor e imponência.

O ar entre os dois adversários queimou e tingiu-se de laranja, e à medida que o dragão de fogo o cruzava contorceu-se, revelando uma profusão de milhares de tons que variavam do amarelo puro como ouro até o vermelho sangue. Centelhas e fagulhas cintilavam como

numa chuva de vaga-lumes e banhavam o solo branco, como se fizessem questão de decorá-lo e torná-lo um palco digno do duelo entre as duas potências. Quando o dragão atingiu Mondovar, o fez numa força e velocidade magníficas, produzindo um estrondo mais forte que o de um trovão, e que poderia ser ouvido a dez mil passos de distância. Uma nuvem de fumaça de onde pipocavam bolhas amarelas envolveu Mondovar, impedindo a visualização do que aconteceu. Quieto por alguns segundos, e com uma expectativa crescente dentro do peito, Vanhardt aguardou a fumaça baixar. Esta foi teimosa, e tapou qualquer possibilidade de vislumbre num primeiro momento - segundos mais tarde, entretanto, tornou-se mais condescendente, e permitiu que a luz do sol revelasse o que acontecera.

Era incrível e ao mesmo tempo fabuloso. Vanhardt não se segurou, e sorriu abertamente ao ver que o Supremo Lorde Mondovar continuava de pé na mesma posição de antes, com a Ceifadora de Vidas erguida em posição defensiva, sem um mínimo arranhão na armadura. A situação era tão absurda e inverossímil que o filho da deusa do gelo pôs-se a gargalhar francamente, dando tapas no joelho com a mão livre. Como podia ser? O golpe mais poderoso do arsenal de Vanhardt simplesmente não surtira mínimo efeito, e o inimigo preparava-se para contra- atacar com a arma mais mortífera de Kether.

Foi uma bela tentativa, Vanhardt. Contudo, pra minha sorte, e graças a essa espada mágica, infrutífera - a voz de Mondovar continuava metálica e fria, provando que realmente não se abalara com aquele ataque. - Eu dei uma oportunidade e você desperdiçou-a, portanto farei como o combinado. Proteja-se se puder.

O guerreiro de armadura negra cortou o ar horizontalmente com sua espada, e diferentemente do ataque de Vanhardt, fora muito mais silencioso, e menos espalhafatoso. E também ao contrário da investida daquele, conseguiu lançar seu oponente a cem metros de

distância, atirando um monte de neve para o alto, e deixando-o imóvel no chão. Desde a sua criação, e até aquele dia, a Ceifadora de Vidas matou todos os seus inimigos com apenas um golpe. Mondovar apresentava completa consciência desse fato, e não se assustou quando viu que seu inimigo não esboçava qualquer reação. Estava morto, sem sombra de dúvidas. O líder dos espectros guardou a arma e virou as costas, pretendendo retornar para sua carruagem, mas uma pontada de curiosidade assaltou-lhe ao detectar uma energia familiar, e acabou permanecendo parado. Não podia ser. Simplesmente não poderia ser!

Com movimentos cuidadosos, Mondovar virou-se para o local onde Vanhardt caíra desfalecido. O rapaz estava ali, com uma ferida superficial nas bochechas de onde escorria um filete de sangue, os cabelos desgrenhados, o peito arfando, a mão direita apoiada em Flama que fincada no chão, serviu de bengala para que ele se erguesse. O dragão dourado nascia aos pés do jovem guerreiro que novamente se colocou em posição defensiva. Punho pra baixo e lâmina pra cima, Vanhardt teve de gritar para que fosse ouvido daquela longa distância:

Você vai descobrir que sou teimoso...! - ele limpou a ferida na bochecha com o dorso da mão esquerda, e tornou a segurar a espada. - Muito!

Vejo que sua espada também é formidável! Pelo magnetismo que detecto num ponto específico de sua lâmina, a dois terços de distância da guarda, pressuponho que você conseguiu bloquear a minha investida. Veremos agora se você e sua arma são capazes de fazer o mesmo com múltiplos golpes.

Os braços de Mondovar se moveram numa velocidade tão impressionante, que Vanhardt mal pôde ver quando ele retirou a Ceifadora de Vidas da bainha e começou a atacar. Três golpes foram desferidos um trás do outro, e o barulho de metal se chocando contra metal tilintou pelos campos de neve de Crivengart,

arremessando o filho da deusa do gelo algumas dezenas de metros para trás, fazendo-o se chocar contra a paliçada improvisada de lanças de gelo. Com extrema dificuldade, e para pura perplexidade de Mondovar, Vanhardt empurrou as lanças quebradas pela força do impacto para o lado, e levantou-se mais uma vez, apoiando-se em Flama. Sua aparência piorara visivelmente: apresentava hematomas e equimoses no rosto, a roupa fora rasgada e queimada em vários pontos, e grandes inchaços acometiam seus punhos e joelhos. Cortes de vários centímetros de largura abundavam em seu tórax e membros inferiores, porém mesmo ferido, Vanhardt procurava se manter na postura mais digna possível. Arfando muito, e como se Flama pesasse uma tonelada, ele ergueu-a uma última vez.

Mondovar teve de caminhar para frente, por alguns metros, para que ficasse numa distância na qual fosse ouvido e ao mesmo tempo pudesse atingir o filho da deusa do gelo. A sua arma possuía um belo raio de alcance, mas lançara Vanhardt tão longe que acabou sendo superado. Assim que Mondovar atingiu uma distância que julgou adequada, sentenciou:

— Outra vez fui prepotente, e subestimei-o. Você ultrapassou minhas expectativas. Devo admitir: é um grande guerreiro, Vanhardt Mohr Daicecriv. Porém, como não posso permitir que essa batalha tome um rumo indesejado, acabarei com sua vida imediatamente. Não se preocupe. O golpe que utilizarei, chama-se "O último suspiro", e foi-me ensinado diretamente pela divindade superior da qual sou mensageiro. É um golpe que só pode ser utilizado uma vez em toda a vida, mas possui um efeito extraordinário. Associado também ao poder da Ceifadora, posso garantir com absoluta certeza que não mais o verei respirar daqui a alguns segundos.

Foi tudo muito rápido, impedindo qualquer reação de Vanhardt, e se não fosse o seu estado de percepção aumentado, ele não faria a mínima idéia do que acontecera. Mondovar ergueu a Ceifadora de Vidas para cima, e um relâmpago vindo dos céus atingiu em cheio a

ponta da arma. Em seguida, ele apontou-a para frente, e uma esfera negra, do tamanho de um crânio, e com rajadas elétricas na sua superfície, foi arremessada contra o filho da deusa do gelo. Assim que a esfera atingiu seu alvo, uma profunda escuridão bloqueou qualquer feixe de luz por mil metros de raio, e durante alguns segundos nada podia ser visto. Quando a luz voltou ao normal, Mondovar soube que seu dever fora cumprido. Não havia sinal de vida do corpo inerte do filho da deusa do gelo.

Capítulo LXV - *Crepúsculo de uma Batalha*

A luta protagonizada por Ravina, em sua forma de meio-lagarto, e Otho, o general meio-urso, se prolongava por dramáticos minutos. Pareciam um casal, dançando uma canção violenta e febril, se atacando e se esquivando mutuamente, sem cessar. Gotas de suor voavam de um lado para o outro, garras se chocavam, couro era rasgado, e urros ameaçadores partiam de ambos adversários. Tal espetáculo era presenciado por um círculo de espectros que assistia passivamente, como cadáveres que não perceberam estar mortos. Naquele momento, o general levava discreta vantagem, em virtude de um corpo menos cansado e calejado. Suas garras, vez ou outra, feriam membros e tronco de Ravina, que não revelava velocidade ou força suficiente para se esquivar ou defender.

A Guardiã percebera então porque aquele homem possuía cargo hierárquico tão importante, e se fazia tão seguro de si. Era sem dúvida o guerreiro mais completo e disciplinado que ela vira lutar. Emendava seqüências ofensivas que a distraíam, e depois serviam para machucá-la. Ao mesmo tempo, defendia cadenciadamente todos os golpes que lhe eram direcionados, e ainda contra-atacava perigosamente. Não bastasse isso, ele estrategicamente buscava cansar a Guardiã, que após enfrentar ao todo quase uma hora de batalha, tinha os músculos no final de suas forças, e que logo entrariam em colapso. A linda guerreira previa um final nada favorável se continuasse naquele ritmo.

Surpreendendo o inimigo, Ravina iniciou uma série de golpes giratórios, utilizando a cauda, as garras dos pés, e até a cabeça. Otho,

mesmo após anos a fio de intenso treino militar e artes marciais, nunca presenciara uma iniciativa como aquela. Seu arsenal de movimentos não continha uma resposta eficaz, e por isso ele acabou perdendo o equilíbrio ao improvisar um contra-ataque.

Vendo o inimigo perder a base, a Guardiã sentiu que o momento era mais que oportuno. Infelizmente, um acontecimento externo viria alterar os rumos daquela peleja. Uma profunda escuridão recobriu o sol e deitou seus tentáculos envoltos em trevas sobre o campo de batalha. Nem quando ela fechava os olhos presenciava tão completa negrura, e seus sentidos, já extenuados, não puderam se adaptar a tempo. Mal sabia ela que a mudança repentina era obra do Supremo Lorde Mondovar, enquanto combatia Vanhardt. O adversário de Ravina, ao contrário desta, agora se beneficiava dos anos de treinamento que o ensinaram lutar às cegas, e imediatamente passou-lhe uma rasteira, levando-a ao chão. O meio-urso não demorou dois segundos para subir em seu tronco e imobilizá-la, urrando grotescamente. As trevas, assim como vieram, acabaram voltando à sua origem, permitindo que raios solares iluminassem a derrota de Ravina. Como uma fera ensandecida, esta tentava se libertar de um abraço infalível, sabendo que era sua única chance de sobrevivência. Otho agrediu seu rosto comprido várias vezes com as garras de urso, até as gengivas sangrarem, e dentes se quebrarem. Por muito pouco a Guardiã não perdeu a consciência.

Foi realmente um belo aprendizado ter lutado com você - Otho ergueu a garra direita, o mais alto que podia, preparando o golpe derradeiro. - Confesso que por um momento achei que iria peder. - O urso arfava e deixava gotas escorrerem por seus pêlos grossos e caírem sobre Ravina.

Sabe o que eu faço em gente como você? - perguntou o lagarto, com voz rouca, e remexendo a língua dentro da boca. - Eu cuspo!

Uma rajada de saliva misturada com sangue voou em direção ao rosto de Otho. Aquele cuspe, porém, não era comum. Misturado a

ele ia um canino de dez centímetros de comprimento com ponta voltada pra frente, dente quebrado por Otho e preparado minuciosamente por Ravina dentro da boca. O dente atravessou o olho esquerdo do urso, obrigando-o a levar ambas as mãos ao excruciante ferimento, enquanto berrava enlouquecido:

AAH!!! AAAAAAAAAHHH!!!

Aproveitando o instante de distração, e utilizando as forças reservas, Ravina enfiou sua garra no peito do general, na altura do coração. Este abriu o olho são, como se não acreditasse no que acabava de presenciar. Ele perdera. Deixara escapar entre os dedos uma luta já vencida. Suas pálpebras se moveram espasmodicamente, e em seguida desceram lentamente sobre o olho. Os braços perderam a tensão e penderam ao lado do tronco. Logo seu corpo caía para o lado, inerte, e a neve recebia-o de braços abertos, tranquilamente, como uma mãe a um filho. Ravina por sua vez despencou para trás, esgotada.

Os espectros se aproximaram dos dois corpos ali deitados, como se tivessem se libertado de um encantamento. Seu general estava morto, mas a inimiga ainda respirava. E a ordem era que nenhum inimigo poderia viver. Quando a Guardiã conseguiu erguer a pálpebra de um olho, vendo vultos nebulosos erguendo espadas, não sentiu medo, e sim paz. Havia pagado a dívida com Vanhardt. Estava mais próxima da inconsciência, e naquele momento mal podia pensar em qualquer coisa. Queria apenas permanecer naquela paz. A verdadeira e única paz, enfim.

Seus ouvidos zumbiam, como se uma abelha estivesse presa ao lado de cada tímpano. E o corpo leve como uma pena - praticamente podia voar. Aquela sensação, uma velha conhecida sua, de magnetismo e importância, rodeava sua pele, e era suave e doce, ao contrário de algumas ocasiões anteriores. Quando Vanhardt abriu os olhos, não se assustou ao perceber que voava de verdade, alguns

metros acima do solo. Um fio de prata ligava seu umbigo até um corpo deitado no chão, de um homem, que ao reparar bem, era o seu próprio corpo.

Estava naquela dimensão que Lila chamara de "astral", e não se assustava por isso. O mundo ali parecia ao mesmo tempo real e um sonho, e seus sentidos às vezes se misturavam, como quando sentia o "cheiro das cores". As lembranças dos últimos momentos derrubaram alguma porta em sua mente, e jorravam como uma cachoeira. Revivia pela segunda vez o que acontecera, porém de maneira tão realista e intensa quanto da primeira.

Mondovar atirara uma bola negra coberta com relâmpagos em sua direção, e por um milésimo de segundo soube que sua vida teria fim naquele instante. De repente, entretanto, enxergou uma luz branca, fortíssima, como se um pedaço do próprio sol cruzasse os céus, vindo do leste. Era do tamanho de uma laranja, e deixava um rastro branco por onde passava. Em virtude de uma velocidade semelhante à da bolha negra, a pequena fonte de luz se chocou contra esta antes que Vanhardt fosse atingido.

Uma micro-explosão, tão furiosa como se dois universos estivessem se chocando reverberou dentro de um raio de pouquíssimos metros, iluminando aquela área por uma infinidade diferente de cores, e produzindo um som como o de um choro agudo. Mondovar em seu estado de concentração não foi capaz de ver o que acontecera, e acreditou que seu ataque houvesse atingido Vanhardt. Este último, por sua vez, sentira uma fração do impacto, que foi capaz de atirá-lo para fora de seu corpo físico. Nem queria imaginar o que teria acontecido se o golpe o tivesse atingido em cheio.

Assim que as lembranças o libertaram, ele olhou para o chão. Seus instintos o guiavam na procura de algo que ignorava, porém quando viu, seu peito se encheu de alegria e pavor.

Lila!!! - gritou o rapaz enquanto voava de volta para seu corpo físico, e levantava com dificuldade.

Ele se via frente a duas opções agora: aproveitar que Mondovar virara as costas e tentar derrotá-lo, invocando o dragão de fogo, ou ajudar sua amiga, estirada sobre a neve, que talvez até já estivesse morta. Sem hesitar entre as alternativas, Vanhardt deixou profundas marcas na neve enquanto se aproximava da fada, e colocava Flama dentro do braço. Ele caiu de joelhos assim que chegou ao seu lado, e levantou-a nas duas mãos. A fadinha se encontrava exatamente igual a vira pela última vez, com os longos cabelos verdes esticados ao lado do corpinho que usava um vestido de folhas vermelhas, e as asas, intactas, em suas costas. Mantinha a boca semi-aberta, e parecia dormir tranquilamente. Estacas de gelo fictícias atravessavam o peito de Vanhardt que não sabia como reagir.

Lila, por favor... Lila, não morra! - pequenas lágrimas se formavam no canto dos olhos do rapaz que previa o pior. - Não ouse Lila, não ouse! Se você me deixar com quem irei reclamar? - as lágrimas agora molhavam o vestido da fada, uma a uma.

Gemente, e revelando extremo esforço, a fada virou a cabeça para o lado, e abriu os olhos piscando muito:

Oi... - a voz de Lila saía fraca, como se suas últimas forças se esvaíssem.

Que bom que cheguei a tempo... eles são lentos! - o indicador daquele ser pequenino apontava para o céu, na direção do norte, e Vanhardt viu que figuras brilhantes salpicavam o horizonte.

Eu vi Lila; as tropas de minha mãe estão vindo. Ouça-me com atenção: irei te curar, e tudo ficará bem... Poupe suas forças, ok? - a mão do filho da deusa do gelo emanava uma luz amarela, quente e aconchegante, que analgesiaram os membros doloridos da fada. A água nos olhos de Vanhardt continuou a derramar, pois ele viu que suas energias curadoras pareciam fugir pelos poros da amiga assim que entravam no seu corpo pequenino.

Tudo bem, Van. Não adianta, eu sinto... Não tenho medo de morrer. É porque não está doendo... - Lila esforçava-se para sorrir - Não me arrependo de nada também. Na verdade, só de uma coisa. Vanhardt Mohr Daicecriv, eu nunca te disse isso de maneira clara, mas... - os olhos da fada de repente fecharam, ela tremeu num espasmo, e nada mais saiu de sua boca.

Não!!! - O filho da deusa do gelo socou o chão com a mão diferente daquela que tentava curar a fadinha. - Lila, volte! LILA! AH!!!

Ao ouvir os gritos, Mondovar parou. Não podia ser. Ele avaliara o adversário anteriormente, e nenhuma energia era detectável no seu corpo. Era impossível que Vanhardt estivesse vivo! Lentamente ele foi se virando, e se deparou com o rapaz de pé, encarando-o com o rosto sério e banhado em fúria, segurando algo sobre a mão direita que a distância o impedia de determinar o que era.

Mas como...? - a voz de Mondovar escapava sussurrante de trás do elmo.

Pelos deuses, isso é impossível! Ele sobreviveu!

Seu canalha miserável! O que eu fiz para você tentar tirar da minha vida tudo o que é importante para mim? - Vanhardt apontava para Mondovar, enquanto um dragão de fogo, agora com escamas vermelhas, brilhantes, e duas vezes maior do que os anteriores, serpenteava em espirais nas pernas do rapaz. - O nosso duelo ainda não terminou. Eu juro que no próximo encontro o matarei... Nem que seja a última coisa boa que eu faça na minha vida!

O dragão saltou de Vanhardt, e parou ao lado do jovem, abaixando a cabeça. Ele era cilíndrico, com cerca de cinco metros de comprimento. Duas patas dianteiras, próximas à cabeça, apresentavam garras incandescentes, de cor amarela. O rabo por sua vez ia se afinando aos poucos, e terminava com escamas lilás no seu dorso, que resplandeciam ao contato com a luz do sol. A cabeça era retangular, esticada para frente, mostrando três fileiras de dentes

brancos como marfim. Telepaticamente falou com o dono, explicando que seu nome era Kundalini, e que estava ali para servi-lo. Subindo nas costas do dragão, com a fada na mão esquerda que continuava emitindo uma luz amarela, Vanhardt pressionou a face de dentro das coxas contra o corpo do animal que lhe serviria de montaria. Sem retirar os olhos do inimigo, o filho da deusa do gelo cutucou as costas do dragão vermelho com a mão livre, e alçou vôo depois de girar 180°, rumando para o norte. Falou mentalmente com Kundalini, pedindo-o para subir o mais alto possível, e se afastasse dali. Queria chegar o quanto antes no castelo de cristal, e tentar salvar Lila.

Mondovar não esboçou nenhuma reação quando viu uma nuvem branca se erguer assim que o dragão saiu do chão. Ele assistiu pacientemente Vanhardt ganhar altura, e sua figura diminuir de tamanho. Não queria reagir. Na verdade, estava tão assustado, que não *sabia* como reagir. Sobreviver àquele ataque da Ceifadora de vidas só podia significar que o rapaz adquirira um poder equivalente, se não superior, ao dos deuses. E isso era no mínimo assustador.

No trajeto, o filho da deusa do gelo olhou para baixo, e viu a vila de Crivengart ardendo em chamas, e o celeiro cercado por centenas de espectros. Seus vizinhos, amigos, seu pai, e até o pequeno Erick estariam todos ali, correndo perigo. E ao mesmo tempo Lila só resistia abraçada a um fio de vida, graças à magia *Aruc vanidi*. Se salvasse sua família e os vizinhos, Lila morreria, e se tentasse fazer o inverso, as vítimas seriam a família e os vizinhos. O jovem herói fechou os olhos, gritando em sua alma, tentando fazer com que sua voz interna alcançasse a deusa do gelo. *Por favor, mãe, lembre-se do seu filho! Ajude-me! Eu não conseguirei sem a sua ajuda!*

Assim que abriu os olhos, viu criaturas iguais a seres humanos, com espadas prateadas nas mãos, e longas asas de penas brancas como as de cisnes voando em sua direção. Eram figuras magníficas,

com vestes douradas, brilhando e resplandecendo. Vanhardt contou sete deles, e notou que se tratava daqueles "lentos", os quais Lila indicara anteriormente ao apontar para o céu. Os anjos, seres dos quais o jovem ouvira histórias a respeito quando era criança, passaram ao lado dele, cumprimentando-o com a cabeça, e depois seguiram na direção de onde Mondovar e grande parte dos espectros se encontravam. Atrás deles, centenas de Grilliardus desciam em rasantes, mirando o celeiro e já arrancando a cabeça de inimigos nos primeiros golpes. Sobre a terra, cruzando a muralha improvisada ao norte da vila, dezenas de animais grandes e peludos, os Crivmarions, além de milhares lobos brancos e seus parentes menores, os lobos das estepes, seguiam furiosamente contra as tropas que se encontravam próximas ao celeiro e não foram atingidas pelos primeiros ataques dos Grilliardus.

Léia realmente se atrasara, e muito, pelas contas de Vanhardt, porém esse era um problema secundário a ser discutido. A fada não estava nada bem, e poderia falecer a qualquer segundo. Assim que Vanhardt percebeu que seus poderes não seriam capazes de curar a amiga, ele entendeu que a única entidade que poderia fazê-lo seria sua mãe. Ele agora voava sobre o dragão de fogo, cujas escamas flamejantes não o queimavam, tentando chegar o mais rápido possível ao castelo de cristal. Depois que deixasse Lila aos cuidados de Léia, voltaria para terminar a batalha, e dar fim à vida de Mondovar.

Dentro do celeiro, onde se refugiavam os últimos moradores vivos da vila, Thomas e os outros soldados, que permaneciam de pé e lutando heroicamente, se assustaram quando os espectros pararam de entrar no abrigo. Na verdade, estes até mesmo deixavam o local, para enfrentarem uma ameaça externa.

É a ajuda da deusa do gelo! Até que enfim ela nos agradeceu! - exclamou Ganimex, um dos filhos de Greylock.

Se tivesse chegado antes teria sido uma verdadeira ajuda. Agora, está tentando apenas salvar o chapéu do afogado. - Dona Lavínia se ergueu de trás de uma mobília onde se escondia, e cuspiu no chão.

Pelo menos ela veio, e estamos salvos. Devemos agradecer por isso, pois nada fizemos até hoje a favor da deusa do gelo! - Thomas dissipou um burburinho com sua voz grave. - E tratem de continuar em suas posições, pois a batalha ainda não terminou. - O pai de Vanhardt apertou o martelo entre os dedos, e manteve os olhos fixos através da porta quebrada, onde via Grilliardus, ursos das neves e lobos lutando contra espectros.

Do lado de fora, a batalha seguia fervendo. As tropas de Léia chegaram com fôlego novo, e num primeiro momento fizeram centenas de vítimas que caíam sem oferecer resistência. Agora, contudo, a vantagem desaparecera completamente. Quando um espectro caía, um lobo, um urso ou Grilliardus caía junto. As baixas eram iguais para os dois lados, o que era muito pior para a deusa do gelo, que apresentava um contingente cerca de trinta vezes menor. Havia algo errado. Em tese, tanto os lobos, quanto os Grilliardus e os Crivmarions seriam mais fortes que os espectros. Mas quando se enfrentavam em um contra um, a probabilidade era a mesma de sair uma vítima para qualquer lado. Exceto os Crivmarions, que destruíam dez inimigos antes de tombarem, as tropas de Léia iam diminuindo de número a olhos vistos.

A resposta para essa pergunta era simples, e também ajudava a explicar porque tamanho atraso de Léia para enviar seus soldados à guerra. Cada criatura da deusa do gelo estava encubada e só ficaria pronta daí a muitos meses, ou até anos. Frente a uma ameaça iminente, a antiga deusa da morte descarregou uma enorme quantidade de energia divina, procurando acelerar o processo, atitude esta denominada "carga". A carga certamente comprometeria o desenvolvimento de suas tropas, porém era uma decisão necessária, e foi tomada sem hesitação. Acontece que Mondovar

chegou um dia antes do previsto, passando uma rasteira nos planos da mãe de Vanhardt. Se ela tirasse os soldados da encubação naquele instante, a grande maioria faleceria. Sem outra opção, ela deu uma "segunda carga" de energia divina em suas criaturas. Desde o surgimento de Kether, e das primeiras batalhas divinas, isso só havia sido realizado uma ou duas vezes, e com resultados catastróficos. As tropas nasciam malformadas, com membros em lugares errados, imprestáveis, além de um grande número de fatalidades. Mesmo sabendo das terríveis conseqüências, Léia assim o fez, e esperou até o último minuto possível para tirar suas criaturas das cubas, tentando diminuir os resultados negativos.

As criaturas enfim nasceram, e com membros nos lugares certos, e aparência pelo menos próxima do normal. Houve é claro uma grande taxa de mortos - no caso, um quinto do total. A situação foi pior para sua tropa de elite, os "anjos da morte". Dos doze que haviam sido preparados, apenas nove nasceram vivos, e dois deles morreram alguns minutos depois do nascimento. Agora que todos se encontravam em batalha, Léia percebia que apesar de uma boa aparência externa, a habilidade de combate das criaturas foi comprometida, e por isso elas não se mostravam tão fortes. O número inferior do contingente poderia ser comprometedor, visto que os espectros conseguiam manter a balança de perdas equilibrada.

Os anjos da morte eram uma exceção aos resultados negativos gerados pela "segunda carga". A primeira missão da tropa de elite foi salvar Ravina, que cercada por espectros, estava prestes a ser massacrada. Eles deram rasantes circundando os espectros, e depois desceram as espadas sobre suas cabeças e corpos deixando meia dúzia de vítimas fatais. Depois pousaram no chão e fizeram um círculo ao redor do lagarto, e como se fossem uma criatura única, desfiavam golpes atrás de golpes, de maneira rítmica e simétrica, como uma equipe, e destruindo dezenas de inimigos em poucos

segundos. Seguindo a ordem de um deles que usava fitas vermelhas amarradas no braço, e aparentemente era o líder, três anjos alçaram vôo e passaram a atacar os flancos, vindo por trás, numa estratégia que desorientou os espectros.

Mondovar viu os reforços de Léia chegar, e mesmo assim não parecia preocupado. As tropas que estavam com ele agora corriam desorganizadamente, ou para dentro de Crivengart, ou de encontro aos anjos da morte. Ele virou as costas e caminhou lentamente para a sua carruagem de ferro. Quando chegou aos seus pés, olhou para o transporte que mais parecia um prédio. Mesmo usando uma armadura aparentemente pesada e limitadora de movimentos, depois de três pulos, conseguiu escalar sem demonstrar dificuldade os nove metros que separavam o chão do trono de ossos ali instalado. Dando tapas para retirar a neve que depositara no acento e nos encostos para braços, ele sentou-se, e passou a admirar a batalha. Dali a poucos instantes, todos os inimigos estariam mortos, e a vila finalmente tomada. A missão fora mais difícil do que ele previa, mas enfim poderia reerguer o obelisco naquele ponto estratégico ao norte do continente.

Dentro do castelo de cristal, Vanhardt cruzava os corredores montado em seu dragão incandescente. Subira alguns vãos de escadas, passara sob portais, e se aproximava do salão do trono. Obedecendo a um estalo dos dedos do rapaz, Kundalini desapareceu em faíscas amarelas e vermelhas, e Vanhardt aterrissou com largas passadas, para que não caísse. Ele abriu as enormes portas com força e disparou para dentro, gastando todo o seu fôlego para dizer à mãe:

Mondovar atacou Lila e agora ela está morrendo, mãe! Eu a trouxe aqui para... Mãe?

A deusa do gelo terminava de afivelar um cinto, e ajeitar um elmo cilíndrico na cabeça. Ela deu pancadinhas na malha de prata que cobria seu dorso e metade de suas pernas, testando-a

inocentemente. Pegou o cetro que estava enfiado num dos braços de seu trono e depositou um olhar misterioso no filho.

Não se assuste, meu querido. O mundo seria um lugar muito melhor se todos soubéssemos qual é o nosso momento. Eu pelo menos sei que agora é o meu. O que ia mesmo dizendo?

É... E... - a saliva rareava dentro da boca do rapaz, que não esperava ver sua mãe se juntar à batalha. - Lila está muito ferida, e não consigo curá-la! Eu a trouxe, pois imaginei que você seria a única capaz de fazer algo.

Traga-a aqui, rápido! - a deusa do gelo bateu no chão três vezes com a base do cetro, fazendo surgir dali uma mesa, com pernas espiraladas e um tampo quadrado e finíssimo de cristal.

Com cuidado Vanhardt colocou a fada sobre a mesinha, sem deixar de manter uma mão sobre ela, de modo que os feixes amarelos da *Aruc vanidi* a banhassem continuamente. A deusa do gelo fechou os olhos, colocou a ponta do indicador na testa da fada, e inspirou profundamente. Depois de alguns minutos meditando, ela expirou, e abriu os olhos, com um semblante nada feliz.

Alilandra está ferida em sua alma, e não consegue mais reter energia vital dentro de si. É como um balde furado, que por mais que o enchamos, logo volta a se esvaziar.

Então é só fechar o buraco, mãe! Não temos muito tempo, me diga como faremos isso?

Escute com atenção, meu filho. Alilandra foi um ser que desde o seu nascimento devotou-se a uma missão, que era ajudá-lo. Em todas as vezes que conversamos, ela me dizia que estava extremamente feliz. Até nos últimos dias que estivemos juntas, período em que curei suas asas, ela me falava que não queria abandonar a missão. Ela o amava tanto, que até me pediu que eu a transformasse, para que assim pudesse ficar mais próxima de você. Queria virar humana. Eu respondi que não era possível, e Lila ficou muito angustiada, isolando-se no quarto em que estava instalada.

Hoje, entretanto, acordou com o mesmo semblante de antes, risonho, dizendo-me que não importava em não poder virar humana. Ela simplesmente queria ficar ao seu lado, e devotar sua vida para ajudá-lo. Agora venha aqui. - Léia soprou sobre a fada, e uma redoma de luz amarela ficou ali, permitindo que Vanhardt desfizesse sua magia e seguisse mãe.

Os dois se aproximaram da fonte redonda, onde havia gelo, que logo se transformou em água quando Léia deslizou o cetro sobre sua superfície. As imagens, ligeiramente distorcidas, se apresentavam sobre um fundo azulado, e mostravam a batalha em Crivengart. Crivmarions, lobos e Grilliardus se engalfinhavam numa luta sangrenta contra os espectros. Ambos os exércitos não moviam um centímetro, e na linha de frente centenas de vítimas tombavam de ambos os lados. Dentro do celeiro, crianças choravam, e homens recebiam curativos improvisados, que provavelmente eram a única chance de sobreviverem. No colo de Júbia, Erick estava roxo de tanto se espremer, e a mulher tentava acalmá-lo. Em outro ponto, os Anjos da morte lutavam valentemente contra os espectros, porém o cansaço já era visível, e eles começavam a receber os primeiros ferimentos. Um deles caiu, e se não fosse um puxão de Anael, o líder, estaria morto.

Eu não posso salvar Lila. Existe um meio, uma espécie de cirurgia, mas nunca a realizei antes. Precisaríamos de um deus muito experiente, além de um ajudante, o que é inviável no momento. Além do mais, levaria horas. Eu não posso dedicar todo esse tempo para salvar Lila, enquanto tantos estão em perigo. Lembre-se que seus amigos estão lá. Até mesmo seu filho! Sinto muito meu querido, mas Lila morrerá para salvarmos muitos. Eu disse para você que deveríamos saber qual é o nosso momento. Lila sempre soube qual era o dela.

Vanhardt foi até a mesinha, e observou atentamente o rosto de sua amiga. Ela parecia tão tranqüila. O rapaz lembrou-se de suas

últimas frases: *Não tenho medo de morrer. É porque não está doendo...* Realmente não parecia doer, pois ela se mostrava em paz. Uma lágrima escorreu dos olhos do jovem, enquanto ele rememorava seus momentos felizes com a fada. Vanhardt ia deixando o salão do trono, cabisbaixo e tentando deter um choro iminente, quando sua mãe chamou-o, assustada.

Vanhardt! Venha aqui! Olhe! - Léia apontou o cetro para dentro da fonte.

As imagens refletidas na superfície líquida fizeram o coração do filho da deusa do gelo crescer de tamanho, e bombear sangue com muito mais força. Seus olhos se arregalaram, e um fio de esperança cresceu em seu peito. Nas periferias leste e oeste de Crivengart, uma nuvem branca se erguia devido à passagem de um numeroso exército. Contavam-se milhares de criaturas de ambos os lados, que se aproximavam numa velocidade estonteante em direção à pequena vila no meio da terra do gelo. Quando o espelho aquoso refletiu as criaturas de perto, pôde-se notar que eram gafanhotos, grilos, besouros, abelhas, mariposas, e toda uma vasta gama de insetos gigantes. Além disso, vindo do sul, e fazendo a terra tremer, um exército não muito menos numeroso de minotauros descia uma colina e já atacava as fileiras de espectros posicionados atrás da carruagem de ferro que carregava o obelisco.

A balança que se mantinha equilibrada, agora se virara completamente para o lado dos Crivengartenses. As tropas de Mondovar não estavam preparadas para tão imediato revés, e logo centenas e centenas de espectros tombavam sem esboçar reação. Os reforços iam costurando as linhas inimigas, sem deixar ninguém de pé. Os Anjos da morte, que se encontravam numa posição puramente defensiva, logo contaram com a ajuda de uma pequena equipe de minotauros, que se destacou da força principal, e era liderada por Taurok, dentro de sua elegante armadura dourada. O deus dos minotauros girava o machado que antes fora de Ghar com

maestria, e dizimava dezenas de inimigos. Ele foi o responsável pela equipe conseguir penetrar as fileiras de espectros que os separavam da tropa de elite de Léia. Anjos e minotauros passaram a lutar lado a lado, frente ao inimigo que ficara completamente descoordenado.

Não demorou muito tempo até que metade das forças de Mondovar fosse derrotada. O guerreiro de armadura negra bem que tentou reorganizar suas tropas, porém conseguiu oferecer apenas uma média resistência aos reforços. Ele até cogitou em se unir pessoalmente à batalha, desistindo logo da idéia ao pressentir um final completamente desfavorável de seus esforços. Trombetas ressoaram sobre o campo, anunciando uma retirada. Naquele ponto, a vila de Crivengart já estava livre de espectros, e ao notar que os inimigos, e até a carruagem gigante de ferro, fugiam desesperadamente, o povo expulsou um grito entalado no fundo da garganta. Haviam nascido de novo; haviam vencido uma luta impossível. Os milhares de espectros que antes avançavam sobre a pequena vila, agora seguiam por caminho oposto, e aquela visão não era nada desagradável.

Os Anjos da morte e alguns minotauros quiseram seguir a carruagem de ferro que escapava com um montante de pouco mais de dez mil soldados, porém Taurok foi enfático: ninguém mais pereceria naquele dia. Especialmente aqueles do seu lado. Os minotauros então desistiram da idéia, e os Anjos, mesmo não tendo Taurok como seu mestre, e depois de receberem um sinal afirmativo de Anael, acabaram acatando as instruções do deus dos minotauros.

Quando as frentes se encontraram, insetos, minotauros, tropas de Léia, e Crivengartenses, saudaram-se com alegria e entusiasmo desmedido. Os humanos ficaram ligeiramente temerosos frente aos monstros que sempre os assombraram, porém, ao perceber que eles nada fariam de mal, acabaram relaxando. Taurok encontrou um grupo de insetos, e precisou empurrá-los para prosseguir caminhando. Procurava pelo mestre deles, e não demorou para

encontrar Zing, que sentado em um trono nas costas de um besouro, saboreava um cálice de seu famoso néctar.

Não poderia encontrar Vossa Divindade em situação diferente, nobre Zing - Taurok, com um sorriso no rosto, apontava o machado para o copo na mão do deus dos insetos.

Logo notei que aquela parede que vinha derrubando meus súditos não seria outro exceto o poderoso Taurok! - Zing ergueu seu cálice para o céu, e continuou - Venha, tome um gole! Depois de uma vitória como essa, nada melhor do que uma comemoração digna!

Próximo ao celeiro, ajudando a estancar sangramentos, cobrir feridas, e tentar impedir as crianças de brincar com os insetos gigantes, Thomas notava a falta de um amigo.

Greylock, você estava do meu lado quando os inimigos nos cercaram, e fomos obrigados a voltar para o celeiro, certo?

Com certeza, Thomas! - Greylock tomava um estilingue das mãos de um garoto que atirava pedrinhas num grilo. - Por que a pergunta?

É porque Green também estava do meu lado, mas ele não entrou no celeiro conosco. Cheguei a pensar que ele estava morto, só que também não vi seu corpo aqui fora. O que será que aconteceu com aquele duende?

Capítulo LXVI - O que Aconteceu com Green

Durante a batalha, e depois de escapar de dois ataques dos espectros, que afundaram espadas enferrujadas na neve, Green se abrigou numa casa próxima ao celeiro. A luta o atirara longe demais das portas de celeiro, e ele assistira, assombrado, elas se fecharem. Morto era como ele estaria dali a alguns minutos se não encontrasse outro abrigo. Entrando pela janela dessa casa, o duende tratou de fechá-la sem fazer barulho, e colocar escoras de madeira. Estava tudo muito escuro lá dentro, e ele pouco enxergava a um palmo de distância dos seus olhos. Tateou o chão em busca de algum móvel para se esconder embaixo, e tomou um susto ao tocar em penas macias, e escutar um "co-co-cooó" logo em seguida.

Clotilde? Reconheço esse cacarejo em qualquer lugar, é você minha filha? - o duende continuou tateando, e notou barbantes amarrados na perna direita da ave. - Eu não acredito, esses aldeões safados capturaram você! Aposto que iam fazer um ensopado! Não minha querida, fique tranqüila, o titio Green aqui vai soltá-la, e tudo vai ficar bem... Mas faça silêncio ou os espectros podem nos ouvir... - Green sussurrava enquanto cortava o nó com sua espada.

Ora, ora, quem diria que eu iria encontrá-lo logo aqui! - uma voz, ecoou pela escuridão, e quando Green a reconheceu, teve o rosto tomado por indizível perplexidade.

É você!

Sim! - o rosto de Hilda Risalv surgiu, quando essa acendeu uma chama na ponta do indicador, que apontava para cima. - Há quanto tempo não nos vemos, meu nobre colega?

Sua maldita! Estive atrás de você e do seu marido todo esse tempo, a fim de matar ambos! O que vocês fizeram conosco foi inaceitável! - o duende apertou com força a algema pendente no seu pescoço.

Inaceitável é um miserável como você falar nesse tom comigo. Seu irmão teve o que merecia, e como não podemos mais nos utilizar de seus poderes, você não passa de lixo! Eu reparei que tem um afeto por esse animalzinho. Que tal se eu...

A mulher atirou a chama do indicador para cima, acertando e acendendo um lampião pendurado no teto. Com os cinco dedos apontados para o teto, Hilda fez com que a galinha levantasse cerca de um metro do solo. Clotilde cacarejou desesperada, enquanto a mulher, que gargalhava malignamente, fazia a galinha rodopiar.

Pare com isso agora, maldita! PARE!!!

Como deseja Green... - Hilda apertou os dedos contra a palma da mão, e um som, como o de um graveto se quebrando, foi ouvido antes da galinha cair imóvel no chão!

NÃO!!! - Green se ajoelhou ao lado da galinha, cujos olhos refletiam o vazio. Ele procurou levantar Clotilde, mas o pescoço da galinha tombou. Hilda o quebrara, e Clotilde estava morta. - Você... você... você não sabe o que acabou de fazer...! - com lágrimas escorrendo pelas bochechas, Green procurou disfarçadamente um objeto no bolso de suas calças.

Não seja patético, duende covarde! Eu sei muito bem o que fiz: provoquei! Humilhei! Sem você e seu irmão, meu marido se desesperou, e por isso fugiu com Selena para longe. Quase perdi meu posto dentro da Divina Serpente. Por sua culpa minha vida quase foi arruinada.

E você e seu marido arruinaram a minha e do meu irmão! Há vinte anos, quando nos acharam! - o duende gritava furioso e girava uma corda com um laço acima da própria cabeça.

O que está tentando? Brincar de vaqueiro? Se você tentar me laçar, usando um objeto comum, demonstrará que é mais burro do que eu imaginava. Lembre-se que posso mover os objetos com minha mente, e nunca o deixaria me laçar.

Isso se a corda fosse comum! - Green atirara o laço sobre a cabeça de Hilda, e quando puxou a corda, ela prendeu ambos os braços da mulher, juntos da cintura. Ele deu outro puxão derrubando Hilda no chão como uma árvore depois de ter a base do tronco serrada. - E agora, baronesa de Avendorh? O que Sua Sapiência fará a respeito?

Hilda remexeu-se, porém continuava bem presa dentro das cordas. Green aproximou-se dela, sem exibir sorriso algum. Estava surpreendentemente sério. Ele passou a espada que mantinha na mão esquerda para a direita, deixando a corda no chão, e procurando ter certeza do que ia fazer. Ele não era assassino, mas aquela mulher foi diretamente responsável pela morte dos que ele amava. Hilda não podia viver, ou praticaria aqueles crimes novamente. Escutando um novo barulho, provavelmente referente à luta fora daquela casa, Green viu sua espada ser arrancada da sua mão e jogada contra a parede. Quando deu por si, Hilda continuava deitada no chão, mas com as cordas soltas, e as mãos esticadas para frente, abertas.

Mas... O quê?

Há!Há!Há! - o riso quase infantil da mulher era profundamente irritante. - Como foi ingênuo! Diga-me que é mentira, diga-me que não é tão estúpido! Não apertou o laço e ainda soltou a corda! Eu não precisei de força nenhuma para me soltar! Há!Há!Há! Realmente, o seu irmão era o único que prestava. Mostrava alguma coragem, e uma inteligência infinitamente superior à sua!

O corpo do duende foi jogado contra a parede do fundo, e depois contra a da frente, e só parou quando Hilda o deixou cair de rosto no chão. O nariz de Green sangrava, e ele tentava se levantar com dificuldade. Novamente a mulher atirou-o no teto, e depois contra uma mesa coberta com um forro. Dessa vez Green gemia, e achou

que tinha quebrado uma dúzia de ossos. A mulher aproximou-se lentamente do duende, e virou-o de barriga pra cima com a ponta da bota. Hematomas cobriam-lhe o rosto, especialmente ao redor das órbitas, e sangue escapava-lhe pelo nariz. Displícitamente, Hilda puxou uma cadeira para perto, e sentou-se de pernas cruzadas.

Quando entrei por aquela porta, pensei em ficar apenas olhando pela janela, esperando que alguém escapasse do celeiro. Quando o espertinho assim o fizesse, me encarregaria de eliminá-lo. Nunca, em toda a minha existência, eu sonharia que veria você entrar por aquela janela. Duvidei tanto, que só tive a certeza quando pronunciou o próprio nome. Meu queridinho, você nos deu tantas alegrias, e tanta dor. Escute! Escute bem! Não ouço mais gemidos, nem espadas tilintando. Acho que todos foram dizimados! Ah, será muito mais divertido ver meus espectros acabarem com você!

Em seu orgulho desmedido, Hilda não cogitou que os gritos de comemoração fossem dos Crivengartenses, e não dos espectros. Ela atirou o duende pela janela, esperando que lá fora um bando de soldados esqueléticos e famintos o devorassem. Assim que saiu pelo mesmo local, qual não foi seu espanto quando se deparou com insetos gigantes, minotauros, e humanos feridos.

Green? - gritou Thomas, correndo até o pequenino, e verificando o seu pulso. - Graças a Léia, ainda está vivo!

Há! Há! Há! GUÁ! GUÁ! GUÁ! - o duende se engasgou com o próprio sangue misturado à saliva. - Burro... burro... Quem é a burra aqui?! GUÁ, GUÁ!

Sem esboçar reação, a mulher levantou as mãos, e logo um gafanhoto pôs-se a prender os seus pulsos nas costas. Como fora imprudente! Presa! Presa da maneira mais ridícula possível! Em confiança e orgulho desmedido, atirou-se de encontro ao centro do exército inimigo, deixando-se capturar sem poder oferecer qualquer resistência. Infelizmente nem toda sua inteligência ou magia a salvariam agora. Depois de observar o exército ao seu redor, que a

olhava com curiosidade, a feiticeira tratou de abaixar a cabeça. Não deixaria aqueles olhares ferirem mais ainda a sua dignidade.

Uma borboleta curandeira tratou de sarar as feridas do duende, que logo recebeu o abraço de Ravina, já em sua forma humana, e também livre de ferimentos.

Eu achei que você não sobreviveria à batalha. - disse a Guardiã, com o rosto sério. Green notou que era verdade.

É tão bom ter amigos otimistas! - Green deu um sorriso irônico. - Mas onde está Vanhardt? Não me diga que ele...

Não, Green, relaxe. Ele está bem, no castelo da mãe. Aquele minotauro ali, e a abelha superdesenvolvida do lado dele, são dois deuses: Taurok e Zing, respectivamente. Oswaldo acabou de mandar uma mensagem para os dois, convidando-os, e também a nós, para irmos até o castelo de cristal.

Festa? Eu bem que mereço... Mas será que podemos levar uma terceira pessoa? Vanhardt também ficará satisfeito por vê-la. Eu garanto.

Capítulo LXVII - *O Paradeiro do Manto das Ilusões*

A sala era pequena, cerca de oito metros quadrados. Dois sofás verdes em cantos opostos, de penas de ganso, um candelabro com três cristais no teto, e um tapete redondo, roxo nas bordas, e amarelo no centro, eram os únicos pertences no cubículo. Ravina se afundava no sofá, com a mão direita sob o queixo, e olhava fixamente para Green que andava de um lado para o outro no aposento.

Green, você está me deixando nervosa! Não me diga que tudo isso é por causa da operação de Lila? Léia falou que é um pouco demorada, mas com Taurok e Zing como assistentes ela descartou a possibilidade de erros. Só não dará certo se o corpo de Lila rejeitar parte da energia vital de Vanhardt.

Pra ser sincero, não é isso que me preocupa. Bem, talvez um pouco. Eu gostaria logo de saber o que será feito daquela megera! - Green coçava a cabeça, e suava pelas têmporas.

Está falando de Hilda Risalv? A sogra de Vanhardt?

A própria! Os soldados não me deixaram matá-la, dizendo que era prisioneira de guerra. Os deuses só decidirão o seu destino depois da cirurgia.

Você me deixou curiosa, Green. Parece que conhecia essa mulher de tempos atrás. Por que deseja tanto assim que ela morra?

O duende olhou para as algemas penduradas em seu pescoço, que sempre o acompanhavam e acariciou-as gentilmente, com os olhos molhados. Depois fitou Ravina, e inspirou profundamente. Deixando o ar escapar pela boca, de maneira contida, sentou-se no sofá do outro lado da sala, ainda de olhos grudados na Guardiã.

Tudo começou há mais de trinta anos. Não sei precisar bem a data, mas era uma primavera. Uma vila de duendes incrustada nos pés das Montanhas Traiçoeiras, no reino de Heltara, comemorava o nascimento de gêmeos, um feito muito raro na minha raça. As profecias entre os duendes sempre abordavam gêmeos que eram capazes de fazer magias poderosas, e esse caso não foi diferente. A mãe deles acabou batizando-os de Gray e Green.

"Meu irmão e eu logo manifestamos nossos poderes, quando fazíamos o berço flutuar, e transformávamos pratos de sopa em xixi. Crescemos como se fôssemos um ser único. Qualquer coisa que entristecia Gray, ou o deixasse feliz, me sensibilizava da mesma forma. Eu entendia todos os seus pensamentos e emoções, sentia o que ele sentia, e até conversávamos pelo pensamento. A nossa infância e começo da juventude foram recheados de diversão. Adorávamos as festas, e bolávamos truques cada vez mais elaborados, como transformar bodes em coelhos, fazer com que a água da cisterna da vila se transformasse em cerveja, e atirar bolas de fogo no céu, que explodiam como fogos de artifício. Nossos pais eram muito respeitados dentro da vila por terem filhos tão importantes, e nos amaram de forma incomensurável. Sei que não fui um filho tão bonzinho, e recebia castigos mas... Nada a reclamar, sabe?"

"Um dia, porém, numa competição entre os duendes, na qual Gray eu e éramos proibidos de participar por motivos óbvios, aconteceu um evento que mudaria a vida de todos ali. A disputa baseava-se em qual duende seria capaz de devorar mais pãezinhos amanteigados em menor quantidade de tempo. Gray e eu estávamos escondidos atrás do moinho, preparando uma chuva de pães miniaturas assim que acabasse o torneio, mas nossa vila foi invadida por um bando de ores que não esperaram para atacar quem viam pela frente. É lógico que meu irmão e eu não deixamos baratos, e contra-atacamos os ores com nossas bolas de fogo, e espinhos que

fazíamos brotar da terra. Não me lembro do que aconteceu depois, mas julgo que fomos atacados por trás justamente por Hilda Risalv e seu marido. Quando acordamos, estávamos presos no castelo dela, ligados por essa algema que até hoje pende no meu pescoço. As algemas eram imantadas, ou seja, não poderiam ser destruídas com magia. Eles sabiam que se fôssemos separados, perderíamos nossos poderes, por isso nos prenderam daquela forma. Passamos por todo tipo de tortura, culpa de um monstro chamado Krular, por quase uma semana. Só aceitamos trabalhar para eles quando ameaçaram matar nossos pais, que ainda estariam vivos, na vila dos duendes. Foi a decisão mais errada que tomei até hoje."

"A parti dali, posso dizer que não enfrentei um único momento de felicidade durante dez anos. Hilda e seu marido, Lionel Risalv, nos levavam para outros vilarejos, onde éramos obrigados a matar as pessoas, e capturar objetos de valor. Às vezes as missões eram de espionagem, e então recolhíamos informações, mas inevitavelmente éramos obrigados a eliminar todos depois que descobríamos o necessário. Não ousávamos fugir, pois Hilda sempre ameaçava matar nossos pais. Nesse período eu aprendi muitas coisas, como o fato do casal pertencer a essa ordem, Divina Serpente, e sua língua secreta, informações geográficas, lendas, plantas de castelos e fortalezas, e muitas outras coisas que demoraria semanas para lhe contar. Hilda ficou grávida duas vezes nesse período, mas eu não vi nenhum dos seus filhos. Só uma vez, na verdade."

"Num dia de chuva, meu irmão murmurava no meu ouvido saudades de casa, de nossas brincadeiras, de nossos pais. Eu também queria vê-los, mas se fugíssemos dali, acabaríamos desencadeando suas mortes. Foi nesse instante que uma garotinha, de quase quatro anos de idade entrou no calabouço onde ficávamos presos. Era loira, com cabelos cacheados cobrindo-lhe os ombros, e tinha um sorriso misterioso no rosto. Eu não fazia a mínima idéia do motivo dela

estar ali, e me assustei mais ainda quando estas palavras saíram da sua boca:"

"- Seus pais estão mortos! Foi mamãe quem disse, quando discutia com papai."

"A menina deixou o quarto, e eu pensei em ignorar as palavras da maluquinha, mas meu irmão ficou assombrado. Ele me balançou, gritando que já desconfiava daquilo. Eles haviam destruído toda a vila, ninguém sobrevivera, só nós dois. Construíram uma mentira para nos manter fiéis e obedientes como macacos adestrados. Mesmo assim, relutei. Anos enfurnados em um tipo de vida acabaram me deixando acostumado... Sim, acostumado com a tortura e brutalidade, mas quem garantia que aquilo não era melhor que o mundo lá fora? Se não fosse meu irmão, talvez teríamos ficados ali pra sempre, tanto pela sua ousadia e coragem, quanto pela habilidade. Gray soltou algema que o prendia a mim utilizando um fio de bronze, e me puxou para fora."

"Pensando agora, é engraçado! Gray poderia ter nos soltado a qualquer momento, porém queria poupar nossos pais, e por isso não quis correr o risco de nos libertar. Pais que já se encontravam mortos. Naquele momento meu irmão só pensava em fugir, e verificar com os próprios olhos o estado de nossa vila. Passamos por corredores, enfrentamos soldados que guardavam a saída, e acabamos subindo a muralha e atingindo as margens do lago que cercava Avendorh. Com nossos poderes não seria difícil cruzar a distância que nos separava da margem do outro lado, porém Hilda apareceu, atirando carroças em nossa direção. Recordo-me como se fosse hoje. Meu irmão beijando a minha mão, e dizendo para não se preocupar. Ficaria tudo bem. Eu deveria pular, e salvar a minha vida."

"Ele sempre foi o mais corajoso, o mais heróico, o mais inteligente. E eu o admirava por isso. Sem pestanejar, pulei no lago, e nadei com todas as minhas forças. Como não estava perto de Gray, não tinha os poderes, e quase morri afogado. Com tremendo esforço

consegui chegar até o outro lado, onde vi nuvens de fumaça se erguendo sobre Avendorh, e o portão de entrada descendo. Instintivamente eu sabia que Gray morrera tentando salvar a minha vida. Corri o máximo que pude, me embrenhando em florestas, galgando pequenos riachos, evitando as estradas, e comendo as frutas e pequenos animais que encontrava pelo caminho. Quando cheguei ao local onde nasci, e passei os momentos mais felizes da minha vida, tive certeza. Todos os prédios estavam no chão, as cisternas e moinhos destruídos, e o descampado onde ficavam as plantações tomado por ervas daninhas. Nenhum sinal de vida. Um bardo viajante que me confidenciou tristemente que nem crianças e idosos foram poupados naquele episódio ocorrido há oito anos. Uma verdadeira chacina, sem nenhum sobrevivente."

"Meu coração estava destruído. Meu peito abrigava um órgão morto, que boiava num mar de tristeza. Fugi para as florestas sagradas do norte, e tive de reiniciar um novo tipo de vida. Como não estava de posse dos meus poderes, aprendi a sobreviver de pequenos furtos. E desde então só pensava em sobreviver, até ouvir o nome daquela que destruiu tudo que era importante para mim. Você entende agora porque eu anseio tanto a morte de Hilda?"

Quando o duende acabou a sua história, parecia esgotado. Ravina nunca imaginara um passado tão triste. Num primeiro momento, chegou a pensar que se tratava mais uma de suas mentiras, porém o jeito como narrava, e o seu olhar, provavam que era verdade. Será que as coisas que Green dissera antes não teriam um fundo de verdade? Aquele orgulho exagerado ao contar feitos heróicos que ele realizara era autêntico? Ao mesmo tempo suas atitudes seriam uma maneira de se defender do mundo que fora tão cruel para ele? *Quem sabe*, pensou a Guardiã antes de indagar:

E o seu irmão? Nunca mais teve sinal dele?

Não... - Green balançou a cabeça, sem encarar Ravina nos olhos. - Hilda me confirmou a morte dele quando lutamos. Ela não pode

viver Ravina, você entende? - agora ele olhava diretamente para a Guardiã, como se implorasse por ajuda.

Antes que Ravina falasse novamente, uma porta dupla branca, de correr, foi deslizada no sentido de abertura, e do portal surgiram Léia, Taurok e Zing. Todos usavam gorro e máscara brancos, além de um capote azul que trataram de desamarrar. Depois de jogar o capote para dentro do corredor de onde vieram, e enquanto tirava o gorro e a máscara, Léia falou suavemente:

Não se preocupem, o procedimento foi um sucesso. - ela jogou a máscara e o gorro dentro de uma lixeira improvisada, e continuou olhando fixamente Ravina e Green. - Como eu disse a Vanhardt antes da cirurgia, Lila apresentava um severo dano em seu corpo vital. Mesmo com toda a energia divina eu não seria capaz de curá-la, pois seria como encher uma jarra furada. Como vocês sabem, existem dois tipos de energia: a vital, que seres como você Ravina, e Green, possuem, e outra que é a energia espiritual, cujos deuses e seres místicos como Lila apresentam. Para curá-la, eu precisaria de uma grande quantidade de energia vital, como uma forma de "estancar" o vazamento. Só que nenhum humano sobreviveria se eu retirasse tanta energia assim dele. Foi aí que meu filho, por ser metade homem e metade deus, se prontificou a ajudar a amiga. Mesmo sem sua energia vital, ele teria a espiritual, e continuaria vivo. Durante o procedimento de troca de energias, contudo, eu tive de ser cuidadosa e metódica, e retirar aos poucos sua força vital, ou causaria o mesmo problema de Lila em meu filho, tornando-o uma jarra furada. Felizmente, correu tudo bem.

Pois não disse que não precisava se preocupar, minha dama? - Zing adiantou-se e beijou a mão da deusa do gelo, depois de acariciá-la. - Já tive experiências em procedimentos semelhantes, e Vossa Divindade já foi um dos integrantes do Panteão! Uma dupla perfeita!

Trio, meu caro! E mesmo sendo capaz, Vossa Divindade não tinha motivos para contar piadas e flertar com Léia durante a cirurgia - Taurok trombou discretamente o ombro contra Zing, enquanto fingia jogar seu gorro e máscara na mesma lixeira de Léia, obrigando o deus dos insetos a soltar a mão dela.

Por favor, amigos, não é hora de discutirmos. Correu tudo bem, e é isso que importa. Só me sinto atormentada pelo fato de meu filho não poder mais usar os poderes divinos como antes... Eu alertei sobre as conseqüências, mas ele só pensava em salvar a amiga.

Como assim, divina Léia? - perguntou Ravina, erguendo-se e fazendo uma discreta mesura, em sinal de respeito.

-- Vanhardt abriu mão de cerca de 99% de sua energia vital, o que significa que ele não pode usar a energia divina como antigamente, ao custo de perder a vida. Era a força vital que equilibrava a divina, e permitia ele viver a dualidade de um semideus. Se ele agora abusar do uso da energia divina, seu corpo vital não suportará, e ele morrerá. - A deusa do gelo inalou ar pelas narinas, e continuou: - A mudança é permanente, e não há como voltar atrás. É lógico que com o tempo ele poderá treinar, e aos poucos seu corpo será capaz de suportar cargas cada vez maiores de energias divinas, mas nunca como já foi um dia. E mesmo sabendo de tudo isso ele arriscou-se para salvar Lila. Admito que fiquei orgulhosa - os olhos de Léia atravessaram a sala, e depois tornaram para o corredor de onde viera.

Ravina tornou a se sentar, e cobrir metade do rosto com o capuz, além de cruzar os braços. O duende também decidira-se por sentar, porém continuava agitado, balançando as perninhas. Sem saber qual seria o melhor momento para definir o destino de Hilda Risalv, ele se adiantou, a fim de diminuir sua ansiedade.

Errr... - o duende levantou-se de supetão, e ajoelhou-se no chão. Léia obrigou-o a se levantar antes que ele falasse: - E quanto a Hilda Risalv, minha senhora? O que será feito dela?

Ainda não decidimos, pequenino - as orelhas do duende ficaram com as pontas vermelhas em vista do adjetivo usado pela deusa do gelo. - O que há? Venho notando que você está inquieto.

Sem omitir qualquer detalhe, Green repetiu a história que havia contado para Ravina. Taurok e Zing trocavam olhares ameaçadores de forma velada, principalmente quando o deus dos insetos cheirava disfarçadamente os cabelos de Léia. Ela, contudo, mantinha a atenção no relato do amigo de seu filho. Quando ele terminou, a deusa deu uma volta pela sala, com as mãos cruzadas atrás das costas. Todos esperavam uma definição da deusa do gelo, que depois de um momento de hesitação, sentenciou:

Pode não acreditar, porém sei exatamente como se sente. A sua dor me lembra cicatrizes que ainda me atormentam... Entretanto, irei garantir-lhe uma coisa: matá-la não irá aplacar a dor no seu coração. Hilda errou, merece pagar pelo que fez, e eu tenho uma idéia. Quer ouvir, pequenino?

Mas é claro! - as sobrancelhas do duende arregalaram-se.

Colocarei Hilda congelada num esquife de gelo. Ali ela terá tempo suficiente para pensar em todos os erros que cometeu. Enquanto está privada de sua liberdade, sentirá na pele o que tirou de outros. Aquela mulher ainda tem uma dívida com meu filho, e imagino que esse castigo permitirá que pague tudo que deve.

Quanto tempo ela ficará lá? E não há como Hilda escapar? - dessa vez Green apertou os dentes contra os lábios, temeroso.

Não se preocupe, Green; a magia que utilizarei só poderá ser desfeita por mim. Hilda só poderá sair se eu ordenar, ou se eu morrer, e não pretendo deixar esse mundo tão cedo - ela sorriu docemente, transmitindo tranqüilidade. - E quanto ao tempo, eu ainda não defini. Mas em princípio, eternamente.

Eternamente! Aquela palavra ecoava no cérebro de Green, e despejava uma onda de satisfação. Talvez esse castigo realmente fosse pior que a morte. Ficar preso num lugar pra sempre, sem poder

fazer nada. Nem mexer os braços e as pernas. Ele sentia-se justificado. Zing e Taurok continuavam trocando ameaças, e agora o deus dos insetos atirava pequenos ferrões nas pernas do outro, que respondia pisando no seu pé. Léia aparentemente não via os insultos mútuos, e voltou a falar:

Por sorte as tropas do traidor não fizeram uso de uma tática antiga, na época em que perdi meu posto de deusa da morte. Daquela vez, eu não pude rastreá-los de modo algum, ainda que estivesse em meu castelo. Só me dei conta quando a ameaça era inevitável. Hoje, apesar de Mondovar ter conseguido escapar alguns momentos de meus espiões, e ter adiantado sua marcha, ele não desapareceu. Nós o vimos chegar. Por que teria ele abandonado a antiga estratégia? Se tivesse se mantido encoberto, Rufus não o teria avistado quando ele estava a um dia de distância de Crivengart, e acabaríamos sucumbindo.

Hum... - Zing tirou o pé debaixo do de Taurok, fitando-o de cara amarrada. Depois se virou para a Léia, exibindo o sorriso mais amistoso que conhecia. - Minha deusa, dama mais preciosa de toda Kether, suas palavras agora me fizeram buscar um ponto em minhas atividades. Estou trabalhando na procura de um artefato místico, chamado "Manto das Ilusões". Não revelarei o nome de meu contratante, para não comprometê-lo. O importante é que o poder desse objeto é de transportar para o seu usuário a capacidade de se manter indetectável. Invisível a qualquer meio de identificação. Além disso, com um pequeno somatório de energia divina, o item pode estender esse poder para outras criaturas, a desejo do possuidor. O tempo é limitado, obviamente, porém imagino que aquela divindade que a traiu possa ter usado o Manto das Ilusões quando a atacou da primeira vez. - O deus dos insetos tamborilava os dedos de suas quatro mãos no próprio peito, e quando notou que todos o observavam fixamente, escondeu os braços nas costas, e prosseguiu. - Bem, é possível que o traidor tenha o perdido. De fato,

o rastro deixado por este manto, indica que ele passou nas mãos de incontáveis deuses, humanos, e ordens diferentes. Seu último paradeiro preciso, segundo minhas fontes, seria na ordem Divina Serpente, de volta aos braços do traidor. O curioso é que de lá ele também desapareceu. Encurtando a história, se conseguirmos encontrar o artefato, podemos descobrir quem o criou. E assim, quem é o traidor.

Os olhos de Léia faiscaram, e ela se pôs a pensar. Tudo fazia sentido. O Manto das Ilusões tornou o exército do traidor invisível, permitindo-o invadir seu antigo castelo. Mesmo havendo recuperado o objeto, o traidor o perdeu mais uma vez, e portanto não foi capaz de usá-lo em Crivengart. Uma dúvida intrigava ainda a deusa do gelo. A contratante de Zing era Núbia, segundo sua última investigação no lar deste. Seria ela "o traidor", e por isso estava tão ávida atrás do artefato? Tal resposta só seria adquirida quando eles colocassem as mãos no Manto, e Léia assim desejava o mais rápido possível.

E como faremos para descobrir a atual localização do Manto, Zing? - perguntou Taurok, que acompanhava atentamente o desenrolar dos fatos.

— Aí é que vem a parte difícil. - o deus dos insetos tirou rolos e mais rolos de pergaminhos de dentro da barriga, espalhando alguns pelo chão, e equilibrando outros em suas quatro mãos. - Aqui estão os nomes de todos os ladrões de Kether, dos feiticeiros e das ordens de bruxos, e também os locais que vendem itens mágicos. Eu havia incluído obviamente a Feira dos deuses, porém já andei por lá durante anos e nada encontrei. Tenho certeza que ninguém o está vendendo. Já vasculhei mais da metade dessas listas, descartando possibilidades, investigando os ladrões e os lugares, e nenhum sinal do Manto. Ainda existe muita gente para ser acompanhada e entrevistada, e lugares a serem visitados, portanto há uma boa chance de que alguém ou algum lugar daí tenha esbarrado com o

Manto. Se descobrirmos quem ou onde, teremos dado o primeiro passo no rastro de sua pista.

É inútil - Taurok jogou folhas para o lado, e sentou-se no sofá verde e fofo, desanimado. - São muitas pessoas e lugares Zing, nem adianta...

Esperem um minuto - Léia, que lia atentamente a terceira coluna de um dos pergaminhos, apontou para um nome específico. - Lionel Risalv. O pai de Selena, e sogro de Vanhardt. Ele está na lista, Zing?

E claro que sim! Um dos maiores ladrões de todo o reino, e acabei de descobrir agora que parte de seus feitos foram devidos a esse duende e seu irmão. Incrível!

Zing, não sei se estou tentando forçar um pouco as coisas, mas... Acho que foi justamente Lionel Risalv! - a deusa do gelo revelava espanto. - Por que não pensei nisso antes?!

Lionel Risalv? É uma coincidência ele ser o sogro de seu filho, mas por que ele? Creio que há outras pessoas mais capazes e relevantes que...

Não, Zing, ouça-me. Lionel fazia parte da Divina Serpente, a ordem cujo traidor está por trás. Há outra pessoa aqui na lista que seja também membro da ordem?

Creio que não.

Ahá! - Léia apontou para o deus dos insetos. - Não é fácil deduzirmos que para ele, como ladrão renomado, e por fazer parte da ordem, seria muito mais fácil obter o manto? Ninguém iria desconfiar de alguém da própria ordem, e seu acesso seria facilitado! Depois disso ele fugiria com a filha para a terra do gelo, o que também se encaixa perfeitamente. Utilizou obviamente as propriedades do artefato para não ser seguido, e só tempos mais tarde Hilda o localizou aqui, e o matou.

É uma boa suposição, dama do gelo, entretanto, alguns pontos se mostram incoerentes. - Taurok se levantou, mostrando-se um pouco mais animado. - Se Lionel furtasse o item, e deixasse Avendorh,

certamente os outros membros tomariam conhecimento e suspeitariam. Sendo assim, quando o Sr. Risalv fosse localizado aqui na terra do gelo, seus antigos companheiros fariam de tudo para vir atrás dele e recuperar o manto. Pelo que me consta isso não aconteceu, pois se Hilda tivesse obtido o artefato, ele teria sido utilizado na batalha de Crivengart.

São argumentos sólidos Taurok, e não sei como rebatê-los - uma pontada de desânimo se revelou através do semblante da deusa do gelo.

Eu sei como...

Todos se viraram para Ravina, que continuava em seu lugar, semicoberta pelo capuz, com apenas os lábios à vista. A Guardiã, sem se intimidar, continuou:

Se eu fosse Lionel Risalv, e quisesse fugir de Avendorh com o manto, roubaria-o alguns meses, ou até anos antes, e o manteria escondido. Buscas seriam realizadas, possivelmente até eu participaria dela, porém cuidaria para nada ser encontrado. Assim, quando fosse fugir, alguns meses ou até anos depois, ninguém desconfiaria que tivesse sido eu quem roubou o item.

— Hmmm, maravilha! Você tem talento investigativo nato, garota. - Zing colocou um de seus quatro braços no ombro de Ravina. - Desenvolva esse talento e talvez vire uma grande detetive no futuro.

Ei, pessoal! - a atenção agora fora desviada para Green, que sorria como se tivesse descoberto uma mina de ouro. - Um ano antes de meu irmão e eu fugirmos, Lionel nos pediu para furtar uma capa azul, com estrelas na sua parte interna, em uma choupana. Nós reparamos que naquele lugar havia várias estátuas e inscrições típicas da Divina Serpente, e até imaginamos que ele queria dar o troco em algum amigo da ordem. Depois nos ordenou que não revelássemos esse trabalho pra ninguém, principalmente Hilda, ou

nossos pais seriam mortos. Também demos de ombro, pois nem tínhamos a intenção de contar coisa alguma a quem quer que fosse.

Aí está! Uma testemunha! Se o item que você roubou for mesmo o "Manto das Ilusões", nossas suposições validam-se!

Bem, Léia, pela descrição que Green nos forneceu, posso confirmar com quase certeza absoluta que aquele era o Manto das Ilusões. Muito bem Green. Agora temos uma forte pista a seguir. Enviarei imediatamente meus servos no rastro de amigos de Lionel, pessoas que ele possa ter tido contato em sua jornada até Crivengart.

Boa idéia, Zing. Revistarei a antiga casa de Lionel, pois tenho fortes suspeitas de que o Manto está escondido lá.

Outros assuntos foram discutidos em seguida, referentes à limpeza e conserto da vila de Crivengart, enterro dos mortos, e regeneração das tropas, principalmente das de Léia. Green resmungava com Ravina sobre o fato de eles terem se esquecido do castigo de Hilda, e a Guardiã pediu que ele tivesse paciência, pois Léia logo se encarregaria disso.

E quanto a Mondovar, minha rainha? Meus melhores batedores, disseram que ele parece seguir através das Montanhas Traíçoeiras, em direção ao reino de Heltara. Não seria uma boa oportunidade de encurralarmos o maldito?

Seria, Taurok, se não precisássemos de descanso. Não quero partir para outra batalha com minhas criaturas nesse estado. Acredito que você e Zing também não. Além disso, devemos continuar atentos, pois podemos sofrer novos ataques. Vocês conhecem esses deuses menores, sempre farejando inimigos indefesos. Deixe Mondovar. Eu sei para onde ele está indo, e ele terá o seu momento.

E onde seria? - Taurok enrugou a testa, em sinal de dúvida.

Avendorh. Ele vai para Avendorh. Tenho certeza que lá também encontraremos Selenia. Só temo por meu filho. Tomara que as

previsões do oráculo tenham sido metafóricas, e que Vanhardt saiba como interpretá-las.

Mal podia supor Léia, que sentado atrás da porta, e com ouvidos atentos, Vanhardt ficou sabendo onde encontraria seu algoz e sua mulher. Ele levantou-se, com a mão sobre o peito, e cuidando para não gritar de dor, ou cair desmaiado. Estava fraco, porém prometeu a si mesmo que não descansaria até cumprir a promessa que fizera a Mondovar. E agora que sabia o destino de seu inimigo, trataria de enfrentá-lo assim que suas forças permitissem. Caminhou cambaleante até um quarto pequeno com uma cama e uma mesinha de cabeceira, além de um aquário no fundo com peixinhos coloridos. Um último pensamento o perturbou antes que caísse no sono: como faria para salvar Selena?

Capítulo LXVIII - Todo o Sentimento do Mundo, Morre em um Átimo de Segundo

Era uma noite fria e escura, e uma chuva torrencial açoitava sem piedade a carruagem elegante, puxada por oito cavalos, que subia uma estrada irregular em direção a Avendorh. A água tamborilava no teto do meio de transporte, e o cocheiro chicoteava e gritava com os cavalos para que acelerassem. Deslizando pelas curvas da estrada lamacenta, a carruagem quase perdeu o rumo por duas vezes, porém logo o castelo despontou no horizonte. Os relâmpagos iluminavam por instantes o caminho, e assim o cocheiro conseguiu conduzir o veículo até a margem do lago oposta ao portão de ferro, que ao mesmo tempo servia de ponte.

Senhor, não consigo ver os guardas de vigia! - o cocheiro olhava por cima dos ombros, e gritava para que a chuva não abafasse sua voz. - Como faremos para pedir que abaixem o portão?

Subitamente, o som de metal rangendo se fez ouvir, e a ponte passou a descer lentamente. Blocos de metal deslizavam de dentro da estrutura, permitindo que essa tomasse um tamanho muito maior que o original. Assim que a ponte tocou a margem, criando uma passagem de ferro sobre o lago, o cocheiro balançou as rédeas ordenando que a carruagem prosseguisse. Ele ainda não descobrira como a ponte desceu, pois depois que a atravessou e chegou num pátio calçado, ainda não via nenhum guarda. Não ousaria perguntar ao seu senhor, obviamente. Mondovar já era sinistro o suficiente, e

aquela noite fria e chuvosa em nada encorajavam o humilde cocheiro.

Depois que parou a carruagem, perto de uma baia, ele tratou de abrir as portas do veículo. Uma luva metálica foi a primeira coisa que o cocheiro pôde ver, e com o indicador, Mondovar ordenou que seu servo se aproximasse. Uma voz sussurrante e rouca no fundo acrescentou:

Chegue mais perto.

Com as roupas encharcadas, pernas e braços tremendo, de frio ou de pavor, o cocheiro que se chamava Gordon deu dois passos vacilantes, e subiu o primeiro degrau. A luva metálica cujos nós dos dedos projetavam lâminas cortantes, subitamente agarrou o pescoço do cocheiro, e passou a pressioná-lo. Gordon foi erguido alguns centímetros acima do degrau, e segurava com as duas mãos o braço de Mondovar, que insistia em enforcá-lo.

Onde estão meus servos? Não há ninguém no castelo! Que espécie de brincadeira é essa?

A boca de Gordon cuspiu saliva misturada com água, mas a voz teimava em não sair da garganta, culpa da força utilizada por Mondovar. O rosto do cocheiro foi perdendo a cor, ficando pálido, e seus olhos agonizavam. Com um movimento bruto, ele foi atirado metros de distância para trás, batendo contra uma coluna cilíndrica, de pedra. Um trovão ecoou enquanto Mondovar desceu da carruagem, usando sua armadura negra, e olhando para os lados. Ele caminhou lentamente até o cocheiro, e olhou fixamente o homem que não se levantava, e apenas protegia o rosto com um braço e demonstrava estar apavorado.

É realmente um inútil. Nem conseguiu chegar no prazo de tempo que forneci. Demorou duas horas a mais.

Mas senhor, a chuva...

Silêncio! Agora me certificarei do que está acontecendo por aqui.

Ignorando o homem que continuou no chão, Mondovar prosseguiu até duas portas gigantescas de ferro, e abriu-as sem dificuldade. Atravessou um átrio largo, onde se apresentavam inúmeras estátuas de serpentes enroladas numa espada, apontando para baixo. Sobre um tapete vermelho, Mondovar cruzou um corredor comprido, que o levou até uma porta que o separava do salão do trono. Ele pressentiu uma energia diferente vindo do cômodo à sua frente, e fez a porta em pedaços ao chutá-la.

O salão do trono era gigantesco, com um teto abobadado situado a dez metros acima do solo, colunas de estilo jônico, com suas respectivas volutas na base e ápice, espalhadas pelo domo e promovendo a sustentação do mesmo, e um chão de granito acinzentado. Trinta passos à frente de Mondovar, sentado confortavelmente no trono erguido sobre uma plataforma também de granito, estava Vanhardt, com feições severas. O rapaz não se moveu quando Mondovar caminhou até o centro do salão, e colocou a mão sobre o punho da espada. Não era a Ceifadora de Vidas, e o filho da deusa do gelo por um segundo se perguntou por que Mondovar não estava com um dos artefatos mais mortais de Kether.

Onde estão meus servos? - as palavras eram disparadas como flechas contra o filho da deusa do gelo.

Eu faço as perguntas aqui, Mondovar. Aqueles ores não são importantes agora. Quero saber onde está minha esposa. Procurei por toda parte e não a encontrei, mas podia jurar que ela estava aqui.

Ela *está* aqui... - Mondovar pressionou com mais força a mão sobre o punho da espada, e logo teve de retirá-la da bainha, pois Vanhardt atacava contra sua cabeça e pescoço.

Chega, Mondovar! Eu cansei! - o semblante de Vanhardt era completa fúria, e o tilintar de metal se chocando contra metal preencheu o ambiente. - Você irá morrer antes ou depois de me dizer onde está Selena!

O filho da deusa do gelo, sem a mínima preocupação em se defender, investiu ofensivamente contra Mondovar que se limitou a se defender. Buscava acertar a cabeça, as pernas, ou qualquer pedaço do corpo do inimigo, que habilmente se defendia de todos os golpes. Se o Supremo Lorde portasse a Ceifadora de vidas já teria matado Vanhardt, mas como o peso da espada que agora usava era maior, e não apresentava a mesma força, não conseguia fugir daquela situação. Em determinado momento pôde segurar o punho de Flama, e os dois adversários ficaram cara a cara, pois o punho da arma de Mondovar também estava preso na mão esquerda de Vanhardt.

Vanhardt... Selena está aqui! Eu te disse! - naquele momento, Mondovar abandonou a espada no chão, e levou a mão direita até o elmo.

Mil vezes eu poderia tentar descrever aquele momento, e como Vanhardt se sentiu, porém fracassaria em todas. O tempo custou a passar para o filho da deusa do gelo, que não acreditava no que seus olhos insistiam em mostrar. Por um instante, até desistiu de lutar, e também deixou Flama cair no chão. Como era possível? Mondovar. Selena. Selena? Os cabelos louros encaracolados, o rosto bem definido, linda como sempre, lá estava Selena enfiada naquela armadura negra. Sua esposa era o Supremo Lorde Mondovar.

Capítulo LXIX - O Duelo Final

O filho da deusa do gelo deu três passos para trás, e por pouco não caiu no chão. Seus olhos vacilavam, e tudo parecia embaçado. Uma torrente de emoções conflitantes invadia o peito de Vanhardt, que não se decidia entre a alegria de rever a esposa, e o terror de saber que ela era o seu maior inimigo. Selena continuava parada a alguns metros dele, com os olhos castanhos que o observavam atentamente.

Selena... Como? Você é Mondovar? Mas por quê? Eu não entendo...

Não há muito o que entender - sem a mesma voz metálica de quando portava o elmo, a esposa de Vanhardt pegou a espada no chão, e se aproximou perigosamente dele. - Sou filha de Lionel e Hilda Risalv, membros da ordem Divina Serpente. Fui treinada desde minha infância nas artes da magia e da guerra, preparada para planos superiores.

Selena, eu... Eu encontrei Erick! Está com meu pai, em Crivengart! Você atacou Crivengart! Teria coragem de matar nosso filho? Teria coragem de me matar?

Eu fui chamada, Vanhardt, e obedeci ao chamado. - ela parou a um palmo de distância de Vanhardt, que se recusava a se defender, e ergueu a espada. - E, sim, eu teria coragem.

A ponta da lâmina de Selena cortou o nariz de Vanhardt de raspão, que felizmente chutou o abdome da esposa assim que esta o atacou. Aplicando cambalhotas, e não se deixando cair, Selena nem parecia sentir o peso daquela armadura, enquanto se preparava para

atacar novamente o marido. Vanhardt lia em seus olhos que ela realmente não hesitaria em matá-lo. Esticando o braço com as mãos espalmadas, Vanhardt conseguiu trazer Flama até a sua mão a tempo de defender as investidas de Selena. Seu peito doeu mesmo com a pequena quantidade de energia divina utilizada. Isso havia acontecido anteriormente, enquanto ele prendia os ores no calabouço. Agora, contra Mondovar, ou Selena, ele confirmava que seria inevitável lançar mão de mais força divina. Até quando seu corpo agüentaria?

Marido e mulher trocavam golpes e se esquivavam, mas Vanhardt se encontrava em situação desfavorável. Selena conseguira feri-lo duas vezes no braço que carregava Flama, e ele não conseguia atacar com tanto vigor quanto antes. Na verdade, ele não queria machucá-la, e ao mesmo tempo queria punir aquele que roubou a sua esposa. A previsão do oráculo assaltava-lhe a mente como um vendedor que bate insistentemente à porta. *Para libertá-la ele teria de matá-la.*

O duelo prosseguiu implacavelmente. Mondovar acertou o punho de sua arma contra o rosto de Vanhardt duas vezes, fazendo jorrar sangue pelo seu nariz. Não demorou para que outro golpe atirasse o filho da deusa do gelo contra uma coluna, quebrando duas ou três costelas no processo. Vanhardt custou a se levantar, sentindo-se zozzo, com a visão embaçada, como se agulhas afiadas penetrassem em cada centímetro de sua pele. Não ousou, entretanto, se curar, pois a energia divina que poderia utilizar era limitada.

Está com medo de me ferir, meu amor? - o sorriso malévolo de Selena não deixava dúvidas que aquela não era a sua esposa. - Não está sendo o mesmo adversário de antes. Você me prometeu uma boa luta, e agora se mostra tão displicente! O que mudou para desistir de lutar?

Tudo mudou! Não pode ser... - a voz de Vanhardt não era a mesma, devido a um edema no lábio superior. - Eu me lembro do

dia em que fui atrás de Erick... A nossa despedida... Você chorava tanto, era tão frágil...

Aquela Selena que você conheceu se perdeu no tempo. Eu sou Mondovar!

Selena, por favor, me escute! Vamos deixar esse lugar! Vamos voltar para Crivengart, pegar nosso filho, e reconstruir nossa família! Não precisa ser assim! Diga-me o que posso fazer para te libertar desse feitiço!

Você não entende! - Selena aplicou um poderoso golpe na vertical, atirando Vanhardt ao chão. Ela continuou atacando o jovem que teve enormes dificuldades para se defender caído. - A Selena que você conheceu não existe. Não há feitiço algum!

Mondovar cravou a ponta da espada no ombro direito de Vanhardt, que gritou imediatamente. Este, por sua vez, utilizou Flama contra o braço do inimigo que só não foi decepado devido à poderosa armadura que o protegeu. O golpe, contudo, foi forte o suficiente para obrigar Mondovar a recuar alguns passos, fornecendo segundos preciosos que permitiram Vanhardt se levantar. Ele estava seriamente ferido no ombro direito, e não poderia defender qualquer ataque mais forte de Selena. Dessa vez utilizou a *Aruc vanidi* para se curar, mas acabou ajoelhando-se no chão e sentindo mais dor do que se tivesse recebido um golpe da esposa.

Você me parece realmente mais fraco do que da última vez em que lutamos. Fico feliz em saber que o meu golpe com a Ceifadora de Vidas, naquele dia em Crivengart, mostrou-se de alguma forma eficaz, apesar de não ter tirado a sua vida. Desse jeito nunca irá me vencer. É um lutador bravo e aguerrido, mas enquanto não despertar de verdade não será capaz de terminar a luta vivo.

Despertar de verdade?

Sim - Mondovar dava voltas em círculos ao redor do jovem, que o acompanhava com o olhar. - Apesar de pensar estar acordado,

você está dormindo. Inúmeros sentimentos, pensamentos, idéias, coisas que não são suas, se encontram agregadas em sua essência. Está sujo de egoísmo, inveja, ira, e milhares de outras características que não suas. Sua essência está obscurecida por todos esses elementos, de modo que não consegue se revelar. Durante a nossa batalha em Crivengart, por alguns instantes, você soube o que era estar desperto. Acabou esquecendo, entretanto, e agora está perdido no meio desses agregados que impedem o verdadeiro Vanhardt de se revelar. É lógico que não acredito que você eliminaria todos os elementos de uma vez só, e é por isso que sei que irá perder.

Pode até ser verdade, mas nunca desistirei. Selena, eu vou te libertar!

É inútil tentar convencê-lo do contrário. Quem sabe no outro mundo.

Só então Vanhardt teve plena ciência de que tudo estaria terminado dali a alguns momentos. Ele nunca libertaria Selena com palavras. Como ela mesma disse, aquela armadura negra continha em seu interior alguém chamado Mondovar. Selena não mais existia. Aos poucos relembrou comentários de Ravina sobre "eus" que viviam dentro do que achamos ser um único "eu". O episódio quando foi romper os selos do Templo Dourado, e se viu mergulhando num lago, onde dezenas de "Vanhardts" o seguravam. O modo diferente como se sentiu na batalha de Crivengart, onde percebia tudo ao seu redor de maneira mais viva e clara; ali não existiam outros "eus". Naquele instante ele era apenas Vanhardt, e estava verdadeiramente desperto. Mas como despertar novamente sem usar os poderes divinos? Daquela vez, foram esses poderes que o ajudaram a despertar, porém agora ele não teria como usá-los, ou do contrário morreria.

Vanhardt jogou Flama para a mão esquerda, e posicionou-se com a respectiva perna para trás, e a direita na frente. Ele precisava de apenas um segundo. Apenas um segundo desperto, e derrotaria

Mondovar. A mulher na frente dele, que uma vez se chamou Selena, segurou a espada com ambas as mãos, e sorriu delicadamente. Vanhardt estava cansado, sangrando, inchado, sem energia divina, e com dores excruciantes em cada célula do corpo. A chance de vencer era remota.

Tudo a partir daí transcorreu muito rápido, em questão de segundos. O maior embate na vida dos dois não teve centelhas resplandecendo no ar, sons de trovões, ou gritos ensurdecedores. Mondovar partiu pra cima de Vanhardt, que continuou imóvel, e atravessou sua lâmina no lado direito do peito do filho da deusa do gelo. Este ignorou o ferimento, segurou firmemente o punho de Mondovar com a mão direita, e cravou-lhe Flama numa fresta da armadura na altura do abdome.

Quem sou eu, um humilde bardo, para poder descrever o que se passou no coração do filho da deusa do gelo? Não, infelizmente minha capacidade narrativa não chega a este ponto. Deixo pra vocês leitores imaginarem a dor, misturada com pavor, e alívio. Ele conseguiu ficar o seu "um segundo" desperto, e neste tempo encontrou o lugar onde atacar, e teve plena consciência que essa era a atitude a ser tomada. Os olhos de Selena se arregalaram, e seu semblante passou de dor, para o de alegria.

Você me deixou vencer...! Por quê? - gemeu Vanhardt, como se fosse ele que estivesse morrendo.

Não, foi você quem conseguiu! - a mulher arfava, e apresentava sérias dificuldades para falar. - Parabéns meu amor... Eu agora me sinto livre! Há tanta maldade no mundo... Infelizmente ela me dominou completamente, e só agora estou salva. Você... - Selena tossiu, e despejou todo o amor do mundo em um único olhar. - Você fez bem... Há mesmo tanta maldade no mundo... Por favor, acabe com ela! Eu sempre te amarei...

As pálpebras de Selena hesitaram, e por fim acabaram cobrindo os olhos. Lágrimas começaram a salpicar o rosto da mulher, e o seu

corpo começou a balançar. Vanhardt chorava igual a uma criança e abraçava a mulher ternamente. Lembranças saltaram em sua mente; o primeiro encontro dos dois, as brincadeiras de criança, as tentativas de acertar o graveto nas costas uns dos outros. O seu casamento e como ela estava linda. Selena era linda! O rosto de sua esposa esfriou rapidamente, e ele beijou suas bochechas com carinho. Ele havia matado a própria mulher. Olhou para cima, com lágrimas escorrendo pelas bochechas, e gritou:

NÃOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOOO!!! - o jovem continuava abraçado ao corpo que agora não revelava nenhum sinal de vida.

Não? Eu é que devia dizer não! Você matou um dos meus melhores guerreiros - uma voz misteriosa emergiu de um canto escuro da sala.

Como? Quem está aí? Apareça! - Vanhardt depositou com cuidado o corpo da esposa no chão, e levantou-se, com o sangue de Selena ainda banhando a lâmina de Flama. Ele não conseguia enxergar o dono da voz, que utilizava as sombras para se manter oculto.

Você e sua mãe devem morrer de curiosidade para saber quem sou eu! Ah... - de repente, deixando as sombras para trás, uma figura alta, de armadura prateada, elmo semelhante a uma caveira, e dois chifres brancos. Em órbitas vazias ardiam dois olhos vermelhos, profundos. Era o traidor.

Capítulo LXX - O Último Vôo

Então você possui uma espécie de dragão flamejante...? - a criatura retirou cuidadosamente uma espada da bainha, e alisava a mão na lâmina denteada daquela que Vanhardt reconheceu como a Ceifadora de Vidas. - Conte-me mais sobre ele! Eu também tenho um dragão, mas ele é negro, e se chama Kundartiguador!

Basta! - Vanhardt segurou o punho de Flama, preparando-se para lutar.

Não irei revelar nada! Foi você quem transformou Selena nessa... nessa *coisa!* Por sua culpa tirei a vida de minha própria esposa! Por sua culpa Crivengart quase virou cinzas, e muitos faleceram perante seus soldados! Por sua culpa minha vida perdeu o sentido!

Que bom saber, me tranqüiliza tanto. Pois também por minha culpa alguém insignificante como você se tornou um fabuloso guerreiro, e que insiste em estragar sucessivamente meus planos. Entretanto, se sua vida perdeu o sentido, deixe que eu lhe dê um novo e magnífico motivo para existir! Junte-se a mim. Substitua Selena como líder das minhas tropas, e venha dominar o mundo ao meu lado! Não o quero como um servo, porém como um sócio. E então, o que me diz? - as chamas dentro as órbitas se avivavam, demonstrando emoção.

Está louco? Nunca! Eu não sei o qtie fez com minha esposa, como transformou uma mulher doce e meiga como ela num monstro chamado Mondovar. Só sei que não quero ser substituto desse monstro.

É realmente uma pena, pois assim serei obrigado a eliminá-lo... Adeus! Ao pronunciar a última frase, o traidor apontou a Ceifadora de Vidas para

Vanhardt, e instantaneamente um dragão exatamente igual ao do filho da deusa do gelo, mas de escamas negras como a noite, passou a subir em espiral em torno da armadura daquele cuja presença era mais aterrorizante que a de Mondovar. Vanhardt mal conseguia se manter de pé, e sem gritar apavorado. A energia no aposento tirava o ar de seus pulmões, e minava-lhe a pouca energia que restava. O traidor revelava pleno vigor físico, enquanto Vanhardt padecia de um corpo esgotado de energia vital, e incapaz de suportar explosões de energia divina, calejado ao extremo por dentro e por fora.

Com os pensamentos centrados na esposa falecida ao seu lado, ele reuniu o fio de energia que restava, e decidiu que só teria tempo e força para um golpe. Não haveria mais planos mirabolantes. Não haveria truques guardados nas mangas. Seria um ataque puro e simples. Vanhardt invocaria Kundalini pela última vez, e o lançaria contra o traidor. Depois disso estaria tudo terminado. O dragão faria seu último vôo, e indubitavelmente Vanhardt sentiria o sabor da vida pela última vez.

Dois pólos posicionados em extremos opostos do aposento, dispostos de espadas mágicas, e com dragões subindo pelo corpo, se pareciam e se diferenciavam profundamente. O ataque seguinte, provavelmente seria o maior espetáculo sobre a superfície de Kether nos últimos séculos. Kundalini refletia escamas douradas como ouro, e seus olhos brilhavam como diamantes. Do outro lado, Kundartiguador apresentava escamas que absorviam todas as cores e por isso eram negras, além de revelar o dobro do tamanho daquele primeiro. Vanhardt e o traidor trocaram olhares, e se regozijaram pelo último instante que precederia o embate.

Antes que os dois disputassem suas forças, contudo, uma lança cruzou o aposento numa velocidade estonteante e atingiu o dragão

negro, que soltou um grunhido rouco e medonho, e desapareceu em cinzas. Imediatamente, um vulto branco surgiu em frente ao filho da deusa do gelo, segurando um cetro oco.

Mãe? O que você...?

Durma, meu bem! - Léia virou a cabeça sobre os ombros e beijou a bochecha do filho, que em seguida caiu ao lado de Selena, num sono profundo.

O vulto branco na verdade era a deusa do gelo, enfiada num vestido longo, rendado. Uma malha de prata sobre o vestido cobria-lhe o torso e um elmo, do mesmo material, protegia a sua cabeça. A lança que Léia atirara contra Kundartiguador, e que havia cravado no chão, deslizou-se de volta para o cetro oco, encaixando ali perfeitamente e emitindo um sonoro *click*. Girando a arma como uma acrobata, a deusa do gelo não deixava o adversário saber quando atacaria novamente.

Léia! Ou posso dizer "Morgana"? O cubo espionou por muito pouco tempo o seu lar e suas conversas, porém foi o suficiente para me permitir descobrir algumas curiosidades como a sua verdadeira identidade! O que achou do meu artefato? Deve ter pensado em usá-lo pelo menos como decoração, pois o colocou em cima de uma mesa sem graça... - o traidor começara a caminhar ruidosamente ao redor da deusa do gelo.

Foi útil o suficiente para que meu filho entrasse no obelisco! - a voz da deusa do gelo era seca e fria, desprovida de sentimento. Seu semblante não se mostrava diferente.

Um efeito colateral imprevisto. Ghar não foi capaz de implantar o obelisco como havíamos planejado, porém sua "nora" acabou assumindo a tarefa esplendidamente. O jovem Vanhardt, infelizmente, destruiu o meu "presente", e também derrotou a minha guerreira mais poderosa, que, aliás, era uma graça. Acho que a Divina Serpente nunca produziu pessoa de tanta fibra, determinação, e ao mesmo tempo tanta delicadeza.

Talvez ela tivesse se tornado melhor ainda sob a minha guarda. Por que a requisitou tão cedo? Selenia se dava bem com meu filho...

Interesses próprios, e sabe muito bem do que estou falando. Nós, deuses maiores, sempre tramamos algo, e Lorde Mondovar era interessante aos meus propósitos naquele momento. Surpreendeu-se ao descobrir que o meu servo era a esposa de seu filho?

Um pouco. Porém surpresa maior me ocorreu ao constatar que Vossa Divindade procurava o oráculo. O que exatamente queria com...

Enquanto Léia se distraía com a conversa, o traidor avançou furiosamente em sua direção, e num instante atacava-a com a Ceifadora de Vidas. Por pouco Léia conseguiu conter as poderosas investidas do adversário, porém foi obrigada a se mover para os lados a fim de que não atingisse o corpo do filho e da nora, ficando numa posição desfavorável. Os ataques do traidor eram cerca de cinco vezes mais fortes e mais rápidos que os de Ghar, e em alguns segundos ela já estava exausta lutando para acompanhar a velocidade do inimigo. O som das armas se chocando era capaz de explodir tímpanos, e a energia ali liberada podia derrubar montanhas. Borrões e clarões tingiam a atmosfera no local onde a luta acontecia, em que dez golpes eram desferidos no tempo de um bater de asas de um beija-flor. A batalha de proporções titânicas ameaçava não deixar resquício do oponente se apenas um dos ataques fosse bem sucedido.

Em manobra arriscada e arrojada, a deusa pulou para o teto do salão, e lá grudou seus pés, ficando de ponta-cabeça. O traidor imitou-a, e logo a batalha seguia no teto do aposento. As explosões fruto das armas se cruzando seguiam sucessivamente, até serem interrompidas por um cone em chamas que fugia dos olhos do traidor. A deusa do gelo, antes que fosse engolfada pelas chamas, soprou uma nuvem de gelo, enquanto cuidava para continuar defendendo e atacando com o cetro. A disputa entre as duas forças, o

fogo e o gelo, prolongaram por quase um minuto, resultando em empate.

Regozijo-me ao notar que se mostra muito mais poderosa do que em nosso último encontro - o traidor agora colara sua espada contra o cetro de Léia, e mantinha suas órbitas vazias se fixavam nos olhos dela.

Uma única coisa mudou, - a deusa do gelo mantinha os dentes contra os lábios - eu não tenho mais medo!

O tempo era uma limitação para aquela luta, e Léia estava ciente disso. Desde a batalha em Crivengart, a deusa do gelo havia despendido muito de sua energia divina, e agora contava com poucos recursos. Ela também notara que qualquer outro deus que lutasse contra o traidor, acabaria sofrendo os mesmos problemas. A força dele era bruta e completamente fora dos padrões. Apesar de se esforçar ao máximo para acompanhá-lo, era capaz de defender apenas oito de cada dez golpes desferidos em sua direção; os outros dois acabavam reverberando em sua armadura ou então a errava por pouco. Além do mais, os poucos ataques que ela conseguia aplicar eram facilmente rechaçados pelo inimigo. Para completar o prognóstico funesto que se desenhava, Zing e Taurok não viriam ajudá-la. Aqueles dois não sabiam onde Léia estava, e se encontravam ocupados na reconstrução de Crivengart. Estava sozinha, e se não poderia vencer a luta, tentaria ao menos um empate.

A deusa do gelo se despreendeu do teto e deu três cambalhotas antes de seus pés tocarem o solo. O traidor tentou seguir seus movimentos, e foi aí que Léia atirou contra ele as pontas distais dos dedos das mãos. Aqueles pedaços de membros logo tomaram uma superfície esférica, e se distribuíram estrategicamente no ar, voando em alta velocidade contra o traidor. Prevendo uma ameaça concreta, o inimigo de Léia utilizou os pés para quicar no ar, e voar horizontalmente até uma das paredes. As pontas dos dedos

pareciam ter vida e consciência própria, pois continuaram a persegui-lo. O traidor passou a correr com os pés grudados nas paredes, e as esferas começaram a se chocar contra as colunas do salão, e mesmo contra a parede. Explosões de metros de diâmetro destruíam qualquer obstáculo que as esferas encontravam, e o traidor utilizou as quatro paredes para se desviar dessa poderosa ameaça. Ao mesmo tempo, Léia havia erguido seu cetro, e um dragão branco como a neve se espiralava ao redor de suas pernas.

Quando o traidor atingiu a última parede, todas as esferas haviam explodido em alguma superfície e jogado pedra para os lados, e ele aproveitou para voar contra Léia, que se encontrava indefesa. Aquele minúsculo instante decidiria o desfecho da luta. E o traidor foi mais rápido. Ele acertou seus pés contra o peito da deusa do gelo, derrubando-a no chão ao mesmo tempo em que cravava a Ceifadora de Vidas no dragão branco. Levantando-se cautelosamente, com os pés ainda sobre a deusa do gelo, impedindo-a de realizar qualquer movimento, o traidor colocou a Ceifadora contra o seu pescoço.

— *Quase*. Foi um belo truque, e por muito pouco não me superou. Porém eu fui mais forte hoje, e ontem. Dessa vez não a deixarei escapar. Adeus, Morgana. - O traidor ergueu lentamente sua espada, admirando sua superioridade, porém foi atingido por um imenso bloco que caiu do teto, pesando toneladas, e levando-o ao chão.

Na verdade, o truque de Léia foi bem além do que *quase*. Uma das falanges distais dos seus dedos se chocou contra o teto exatamente sobre a deusa, enquanto os outros destruíram deliberadamente as sustentações do edifício. Léia deduzira que o traidor atacaria enquanto ela invocasse o seu dragão, e acabaria por fim se posicionando exatamente naquele ponto. Outros blocos continuaram despencando sucessivamente, e cobriram tanto Léia quanto o traidor.

Transformando os escombros em pó com um golpe, o traidor removeu as pedras que o separavam de Léia, e notou resignadamente que a deusa do gelo não mais ali se encontrava. O edifício continuava a desmoronar, e ele olhou rapidamente para o local onde os corpos de Vanhardt e Selena repousavam, e acabou vendo apenas o de sua guerreira. *Vanhardt e Léia desapareceram. Morgana mais uma vez escapou de mim. Aproveite querida, pois será a última vez.* O traidor não se preocupou com o corpo de Selena, e mesmo com outros pedaços do teto caindo aos montes, e as paredes se desfazendo em pedras; resignou-se a caminhar lentamente até a porta de saída. Não demorou muito até que Avendorh inteira fosse abaixo, e uma nuvem de fumaça cinza misturada com poeira cobrisse os céus.

Aquela noite na margem do lago de Crivengart estava especialmente fria, e uma sensação nostálgica pairava no ar. A superfície da água brilhava sob uma lua cheia, e murmúrios de que Núbia estaria especialmente vaidosa saltavam de boca em boca. Vanhardt se encontrado sentado sobre uma rocha, com Erick entre os braços. O garotinho apertava forte o indicador do pai com ambas as mãos, e sorria singelamente. Quando tentou levar o indicador do pai na boca, este balançou a cabeça e puxou o dedo gentilmente.

Nada disso, moleque! Está sujo! E este sorriso gostoso, pra quem é? É pro papai? Ah, é claro que é pro papai!

Escutando um gemido atrás de si, Vanhardt olhou por sobre os ombros e viu um cansado Thomas sentar ao seu lado, e brincar com as bochechas do neto.

Está sorrindo pro avô, não é, seu sem vergonha! Sorrindo pro avô! - Vanhardt retirou o pano que cobria a barriga do filho, e começou a soprar ali com a boca, fazendo barulhos estranhos. Erick gargalhava ao mesmo tempo em que puxava os cabelos do pai com força.

É, parece que ele vai ficar tão forte quanto o pai - pronunciou Thomas, ajudando Vanhardt a se desvencilhar do poderoso aperto do filho, com delicadeza.

Nem diga isso, pai - Vanhardt finalmente conseguiu se livrar do abraço do filho, e meteu o indicador de Thomas contra as insaciáveis mãos de Erick. — Com esses poderes, já tive tantos problemas.

Se não fosse seus poderes, Erick não estaria aqui.

É, mas provavelmente Selena ainda estaria conosco, e eu não teria levado essa multidão toda para a morte - o jovem apontou para o lago, onde um barco navegava lentamente sobre as águas, levando mais um caixão.

Durante aquele dia, depois das seis horas, o mesmo barco já havia feito a viagem incontáveis vezes. A vila de Crivengart contava no total com 286 habitantes: durante a batalha, 61 deles tinham perecido. A população passara metade da tarde em vigília, esperando o último dos caixões ser baixado até as profundezas do lago. Vanhardt observou atentamente o novo caixão sendo retirado do barco, e descendo com cordas amarradas em cada ponta. Era pequeno.

E uma criança, pai! Mais uma criança... Dói imaginar que foi minha esposa quem ordenou essa chacina.

Aquela não era sua esposa, Vanhardt. Desde que partiu dessa vila, Selena deixou de existir, e em seu lugar apareceu o monstro chamado Mondovar. Você mesmo disse que ela havia se transformado completamente!

No último instante ela olhou pra mim como se fosse antigamente... Disse que havia muita maldade no mundo, e que eu deveria acabar com ela! Pai, não posso fazer isso! Meu corpo não é o mesmo de antes... Estou quebrado!

Thomas sorriu, e brincou com Erick, fingindo não ouvir os comentários de Vanhardt. Ele acariciou a cabeça do pequenino, que continha fios loiros, finos. Os olhos do garotinho, castanhos claros,

da cor de mel, cintilavam iguais os da mãe. Thomas inspirou profundamente, e disse:

A vila está dividida. Alguns dizem que você é um herói, enquanto outros reclamam que foi justamente você quem trouxe a morte e a destruição de Crivengart. Pelo menos num ponto todos estão de acordo: a deusa do gelo está nos abençoando, e nos protegendo. Até agora aqueles Hurqxes estão colocando casas de pé. Bem, mas não se preocupe com isso. Logo eles terão esquecido, e tudo voltará a ser como antes.

O pai de Vanhardt levantou-se e bateu as mãos nos glúteos, se livrando de musgos que haviam se agarrado em suas calças. Vanhardt não tinha a mesma certeza de Thomas de que as pessoas se esqueceriam daquilo com facilidade. Era um evento que ficaria marcado para sempre na história da vila. Antes de descer da rocha, Thomas deu afagos encorajadores nas costas de Vanhardt, que ergueu Erick, oferecendo ao avô.

Tome conta dele um pouco, por favor... Queria ficar sozinho.

Solícito, Thomas pegou Erick, e desceu da rocha com cuidado para não deixar o bebê cair. O fato de ter matado Mondovar abalou muito o rapaz. Para Thomas era fácil imaginar que Selena e Mondovar eram pessoas distintas, mas Vanhardt ainda sentia um nó na garganta quando pensava no que teve de fazer. Sem que o jovem percebesse, uma outra figura sentou-se ao seu lado. Quando ele se virou, viu Léia, com um vestido negro, os cabelos soltos, ligeiramente anelados, e sapatos de cristal com diamantes. Os dedos estavam em perfeito estado, sem faltar uma falange sequer.

Mãe, você está diferente...! - Vanhardt procurou não se mostrar tão surpreso, porém não conseguiu se conter.

Essa era minha antiga forma, quando eu era a deusa da morte. Estou bonita?

Nossa... Está sim! Muito! Essa visão devia matar muitos homens!

A deusa sorriu com o trocadilho, e acariciou os cabelos do filho ternamente. Ela sentia o quanto Vanhardt remoía os últimos acontecimentos. A própria deusa se surpreendeu ao descobrir a identidade de Mondovar, e custou a digerir a informação.

Mãe, há algum tempo queria fazer algumas perguntas, porém estou me segurando. São meio delicadas...

Pergunte diretamente. É a melhor maneira de fazer as coisas; ficamos assim mais longe das falsas medidas.

Tudo bem, então. Quando eu era mais novo, você me enviou numa missão para salvar Selena e Lionel, contra lobos. Mais tarde, quando fui atrás de Erick tive de enfrentar tempestades de neve, um Crivmarion, e lobos roubando meus suprimentos. Entretanto, imagino que tanto os lobos quanto o Crivmarion, além das tempestades de neve eram obras suas. Em uma conversa anterior, você havia me dito que fazia as coisas para me deixar mais forte... Mas não é meio cruel da sua parte?

Se você não tivesse passado por esse tipo de eventos, estaria morto - os olhos de Léia ficaram sem expressão, e fitavam apenas o vazio. - Crueldade e bondade são conceitos que muitas vezes só se diferem devido o ponto de vista. Veja bem. Não sou do tipo da mãe que como uma galinha coloca as asas sobre os pintinhos, e os protege das adversidades. Eu acredito que a melhor maneira de aprender as coisas é superando obstáculos, passando pelos desafios, e isso acaba acarretando dor. A dor traz inexoravelmente ensinamento. Cabe a nós gravarmos esse ensinamento em nossa alma, para nunca mais precisarmos passar por dor semelhante. Vanhardt, eu posso ser a pior das mães, mas infelizmente sou assim, e esse é o meu jeito de educar. Se tivesse passado a mão na sua cabeça desde criança, você nunca teria despertado os poderes de forma tão rápida e eficiente. Nunca teria enfrentado sozinho um exército de tamanhas proporções, e salvado a sua vila inteira. Nunca

teria posto fim à vida de um ser terrível chamado Mondovar. E finalmente, nunca teria salvado Erick e Selena!

"Você pode se culpar eternamente pela atitude que tomou contra Selena, mas não passaria de uma perda de tempo e uma autoflagelação inútil. Ela só seria libertada se você a matasse, e isso já havia sido profetizado pelo oráculo. Foi divino de sua parte ter coragem e força para dar cabo do que sabia ser certo. Não se culpe por isso. E não se reprima por metade de Crivengart achar que você foi causa das mortes, e pela destruição da vila. Se não fosse por você, todos eles estariam mortos. Você foi um herói."

Vanhardt inspirou o ar pesado e frio, oxigenando os pulmões. No fundo ele não desgostava de sua mãe. Ela estava certa. Por mais que tivesse sido doloroso, sua jornada acabou trazendo um imenso crescimento espiritual. Deixou de ser uma pessoa que respondia passivamente ao mundo, e agora poderia tornar-se ativo. Naquele instante, vendo o barco retornar à margem para buscar mais um caixão, ele fez um acordo consigo mesmo. Mesmo que custasse todos os seus esforços, ele cumpriria o último desejo de sua esposa. Poria fim à toda maldade do mundo.

Obrigado, mãe! Por tudo mesmo! Você é a melhor mãe do mundo!

Vanhardt abraçou a deusa com força, tentando esconder uma lágrima que se formara no canto dos olhos. Mal desconfiava que Léia também apresentava semelhante lágrima. - Mas me diga, foi uma pena não ter visto o rosto do traidor... ou você o viu e não me contou? - Vanhardt fingia coçar o nariz enquanto enxugava a lágrima.

— Não, eu não vi. - a deusa do gelo não se preocupou em deixar a lágrima escorrer pela bochecha. - Foi uma infelicidade. Contudo, ainda há esperança.

Léia revelou à Vanhardt tudo o que foi discutido naquele período após a cirurgia de Lila, quando eles descobriram que Lionel Risalv

foi a última pessoa conhecida a entrar em contato com o "Manto das Ilusões". Eles agora teriam que refazer os passos do sogro de Vanhardt, descobrir com quem ele se encontrou depois de deixar Avendorh, e locais onde esteve. A deusa do gelo já havia revistado sua casa, porém nada encontrou.

-- Se acharmos o Manto das Ilusões, poderemos descobrir quem o fabricou e, conseqüentemente, a identidade do traidor. Como vê, não estamos tão longe de descobrir quem seria, e além disso...

Sem deixar a mãe completar a frase, Vanhardt correu pela rocha, tomando impulso, e mergulhou de ponta no lago. Léia não entendeu o que o filho planejava. Vanhardt nem precisou segurar a respiração, pois desde bebê tinha facilidade para permanecer longos períodos debaixo d'água sem precisar de ar. A maior dificuldade encontrada foi a escuridão, e logo se viu obrigado a acender a ponta do indicador. Com aquele farol luminoso na ponta do dedo, Vanhardt continuou dando braçadas, desviando-se de peixes, e logo chegou ao fundo do lago. Algas multicoloridas abundavam naquela região. Uma vez Thomas disse que as algas só se proliferavam em grandes quantidades nas águas quentes, mas ali estava uma prova irrefutável de que o velho professor se enganara. Seguindo sua intuição, o rapaz nadou até o local que acreditava encontrar os caixões dos Crivengartenses mortos. Minutos depois, conseguia ver uma multidão de caixões, de todos os tamanhos e formatos. Podia contar centenas, não, milhares, espalhados no fundo daquele lago. Os peixes nadavam ao redor deles, alguns dos quais se mostravam cobertos de algas. Realmente a vila era bem antiga, pois a quantidade de caixões indicava que muitas pessoas moraram e morreram ali.

Perdido no meio de todos aqueles receptáculos de cadáveres, Vanhardt não fazia a mínima idéia de como encontraria justamente o de Lionel Risalv. Ele não se lembrava de nenhuma característica especial no caixão, e também não podia deduzir o local onde ele fora

atirado, pois a área compreendia centenas de metros quadrados. Resolveu então, apelar para a magia. Fechou os olhos, e procurou meditar profundamente. Eliminar qualquer pensamento de sua cabeça. Desaparecer com os outros Vanhardts que discutiam eternamente em seu cérebro, deixando a sua consciência, a sua verdadeira essência, falar. Assim, escutando uma única voz, ele afundou mais no lago, e se dirigiu a um caixão específico. Era ligeiramente menor e mais largo que os demais. Sem hesitar, arrancou a tampa, e não se surpreendeu ao ver ali dentro o rosto do sogro, intacto. O frio do lago conservara todas as características de Lionel, e até suas vestimentas. Em sua mente ele pediu desculpas pelo que teve de fazer com Selena. Um singelo sorriso que permanecia nos lábios do velho Risalv, que parecia aceitar as desculpas. Além do mais, Vanhardt agora sabia que Lionel cometera demasiados erros no passado, e certamente não poderia julgá-lo. Até mesmo porque estava morto! *O Manto, Sr. Risalv... Eu só vim pegar o Manto!*

Capítulo LXXI - *Adeus, Amigos!*

Os crivengartenses aguardavam a chegada do barco que ainda deveria levar o último dos 61 caixões. Os semblantes eram máscaras de mármore, inalteráveis, frutos de imensurável tristeza. Apesar disso, aqueles que ainda permaneciam de pé acompanhando o funeral até o fim foram acometidos de uma palidez cadavérica ao, atônitos, observarem um corpo sair andando do lago. Algumas mulheres gritaram e ameaçaram correr, enquanto homens se prepararam para atacar a criatura. Seria um monstro marinho, ou um dos crivengartenses mortos, retornando ao mundo dos vivos na forma de um espectro? A criatura, contudo, levantou os braços num típico sinal de paz.

A luz pode estar fraca, mas não estão me reconhecendo?

É apenas Vanhardt, pessoal, está tudo bem - exclamou um Greylock desanimado, e ajudando a erguer o último caixão que seria colocado no barco.

O corpo encharcado e pingando, num reflexo disforme da luz da lua e das tochas acesas, quase tornava o filho da deusa do gelo irreconhecível. Foi uma felicidade Greylock ter identificado a sua voz, e assim abrandado o ânimo dos aldeões. Vanhardt não parou para papear com ninguém, pois não sabia quem ali seria amistoso com ele, e também não queria perder tempo com explicações. Dirigiu-se apressadamente para a rocha onde há pouco havia conversado com sua mãe, mas foi interrompido no meio do caminho por uma mão que tocou-lhe os ombros. Um giro rápido em torno do

próprio eixo o deixou de frente para Léia, agora vestida de branco, como uma verdadeira deusa do gelo.

Você adora essas atitudes inesperadas e surpreendentes, não é meu filho?

Mãe, eu tenho uma ótima surpresa! - o sorriso misterioso de Vanhardt não respondeu a pergunta da deusa. - Um dia, Lila me contou que itens mágicos podem ser guardados dentro das pessoas - o jovem jogou a mão direita para traz, como se fosse coçar as costas - em algum local entre seu corpo físico e o astral. Imediatamente imaginei que Lionel pudesse ter guardado o manto dentro dele, e acabei acertando!

Vanhardt estendeu um belíssimo manto azul turquesa, com estrelas brilhando na parte interna. Os crivengartenses que haviam se reunido em volta, impressionados com a aparição da deusa do gelo, ficaram mais estupefatos com a visão do artefato. Alguns mais ousados, e supostamente mais educados, chegaram a se ajoelhar, porém logo receberam puxões e explicações de que não se deve reverenciar um objeto, ainda que fosse divino.

Não posso acreditar... - Léia estendeu a mão lentamente, e puxou o manto enquanto percorria todos os seus cantos demoradamente com o olhar. - É ele... O Manto das Ilusões! Estava tão perto, porém tão longe. Você realmente foi muito perspicaz. Meus parabéns filho!

Quem disse que pra ser inteligente precisamos ir "na" escola? - perguntou retoricamente um Vanhardt que colocava as mãos na cintura, querendo demonstrar importância.

Ram-raaaam! - pigarreou em resposta Thomas, lutando contra Erick que havia agarrado vorazmente uma mecha de seus cabelos. - É ir "à" escola! E você deveria freqüentar uma para ao menos aprender a falar direito!

Pai, assim você me tira a autoridade... - o filho da deusa do gelo mostrava os dentes cerrados e cuspiam lufadas de vento, com as bochechas vermelhas.

Bem, tenho de voltar imediatamente ao castelo de cristal, pois providências inadiáveis e urgentes devem ser tomadas. Uma boa noite para todos! Aproveito para agradecer a honra de me encontrar na presença de sobreviventes como vocês - a deusa do gelo dirigia o olhar e o sorriso para cada aldeão em volta. - Todos aqui são vitoriosos. Enquanto mantiverem o espírito nobre, serão capazes de vencer qualquer desafio! E, Vanhardt, - Léia se dirigiu por fim ao filho - obedeça seu pai!

Dentro de uma nuvem branca que se ergueu subitamente do solo, a deusa do gelo desapareceu sem deixar vestígios. Uma crivengartense mais animada exclamou:

Estão vendo como ela é bonita? E fala tão bem... Nos faz sentir importantes!

Mirj, fique quieta! Você não sabe de nada! - respondeu um homem barbudo ao seu lado.

Quem não sabe é você, Pacheco! Desde que Vanhardt era um garotinho eu avisava que deveríamos orar para a deusa do gelo, mas você falava "Não, Mirj, blá-blá-blá"!

Vanhardt e seu pai se afastaram lentamente do povo que iniciava uma discussão. De repente, viram uma garota de longos cabelos verdes, e um corselete de couro puído se aproximando. Aparentava ter quinze ou dezesseis anos, porém a luz era insuficiente e não reconheceram seu rosto. Aquele cabelo, entretanto, não era de ninguém conhecido. A garota continuou se aproximando dos dois, e quando estava a cerca de cinco passos perguntou:

A luz pode estar fraca, mas não estão me reconhecendo?

Ei, fui eu quem disse isso ali há pouco... Espere aí, você é... não acredito! Lila, é você! E cresceu... Onde estão suas asas? Deixou de ser fada!

Calma, calma! - a fada, ou ex-fada, caiu em gargalhadas enquanto Vanhardt a abraçava. - A operação acabou sendo um sucesso. A sua

energia vital salvou a minha vida. Por ironia, um antigo desejo meu acabou se realizando!

Como assim? Explica isso direito!

Eu havia pedido a Léia que me transformasse em humana. Não adianta me perguntar por que, eu não contarei, era uma decisão pessoal. Léia me disse que era impossível, pois eu não possuía energia vital, e apenas divina. Por obra do destino, quando você me passou uma parte de sua energia vital, uma mudança acabou se desenhando. Léia contou que meu corpo sofreria uma transformação sempre que o sol se pusesse. Como ele é fonte de energia das fadas, enquanto o castelo de Salazar estivesse nos céus, eu seria alimentada por ele, e assim me manteria na forma de fada. Quando o sol se escondesse atrás do horizonte, contudo, aquela parte de mim correspondente à energia vital deixaria de ser alimentada pela luz solar, me obrigando a assumir uma forma humana! Não é incrível?

É, sim, Lila, incrível - Vanhardt observava o corpo proporcionalmente gigante da fada. - Você está... hum... bonita!

Obrigada - Lila mal pôde disfarçar as bochechas se enrubescendo. - Vanhardt, eu vim até aqui para lhe agradecer. O que você fez por mim foi... er... bem, não tenho palavras para descrever o que você fez por mim...

Ah, que isso Lila, não foi nada! - o jovem coçava a nuca evidentemente sem graça. - Não foi muito diferente de quando você entrou na frente do ataque de Mondovar! Estamos quites...

Falando em Mondovar, Van, eu fiquei sabendo de tudo. Selena era... hum... Ninguém esperava que...

Vamos esquecer isso. Deixa pra lá. Não quero pensar muito, e... ei, olha quem vem lá! Green e Ravina! Puxa, que bom nós quatro reunidos novamente!

Thomas já havia se afastado com Erick no colo para deixar Lila e Vanhardt conversarem a sós, quando surgiram o duende e a Guardiã a alguns metros. Ravina vinha encoberta com seu velho capuz e o

manto verde, enquanto Green gingava com o quadril e balançava os bracinhos ao lado do corpo. Este último levantou a mão acima da cabeça, e imprimiu um poderoso tapa na palma de Vanhardt.

Grande Van! Que bom que você está bem! Puxa, está todo molhado... Será que está suando de medo até agora pela batalha, hem-hem!

Eu, não, Green, mas notei esse jeito afeminado com que você veio andando. Acho que a luta te deixou seqüelas, não?

O quê??? Ora seu... - o rosto do duende tomara uma expressão séria e mal-humorada.

—Parabéns, Vanhardt - cumprimentou a Guardiã, estendendo discretamente a mão. Assim que Vanhardt cumprimentou-a, o braço dela escapou por debaixo do manto, revelando escamas verdes que iam até o pulso. - Ah... você viu...?

Pelos deuses! Até onde vai isso, Ravina?

Só não se espalhou pelo meu rosto, e as minhas mãos. Acho que fiquei muito tempo na forma de Lázarus. Provavelmente poderei assumir por apenas alguns minutos a forma de lagarto, e após isso Lázarus se apossará de mim completamente. Também não me importo, teria que acontecer uma hora ou outra.

Ravina, isso é triste... - Lila colocou as mãos contra a boca, assustada.

Tudo bem, pessoal, não vamos começar agora a trocar desculpas. Todos nós ganhamos cicatrizes. Vanhardt não pode usar seu poder divino como antigamente, pois perdeu grande parte de sua energia vital. Green está arrasado por ter confirmado que o irmão morreu; irmão esse que era metade de sua alma. Lila é obrigada todas as noites a deixar de ser fada, e eu... Eu estou assim! - eles não podiam ver, mas a Guardiã exibia um sorriso amarelo debaixo do capuz. - Vim aqui para perguntar Vanhardt se estamos quites...

Quites? Está brincando, Ravina, eu é que lhe devo mais uma!

Se é assim, então, vou preparar minhas coisas para voltar até minha vila. Devo treinar a futura Guardiã, e isso vai tomar muito trabalho!

Eu também vou me despedindo, Van! - Green deu batidinhas nas costas de Vanhardt. - Seu povo é muito hospitaleiro, mas há uma coisa aqui que não me agrada nem um pouco, e é esse baita frio. Você anda sempre com pouca roupa assim só pra mostrar o muque?

Esperem um pouco, já estão indo? No meio da noite?

Não, Vanhardt, partiremos logo pela manhã. - respondeu Ravina, procurando encontrar as palavras certas para não ofender Vanhardt. - Eu realmente tenho que ir, minha vila não pode ficar sem uma Guardiã, e estou fora há muito tempo!

E você, Green?

Puxa, Van, adoraria ficar, porém já disse que o frio é um sério empecilho. Estou com os ossos chacoalhando debaixo desses três casacos. Agora que sei que Lionel está morto, e Hilda presa numa esquife de gelo, voltarei para o meu cogumelo em paz! Finalmente...

E você, Lila, também, vai me abandonar? Meu pai vai preparar um frango-das-planícies assado com purê de batatas que é uma delícia... - Vanhardt esfregou as mãos tentando estimular a fome da fada. - Como humana você passou a comer, não é?

Comer e beber, e descobri que são umas das melhores coisas desse mundo! Andei comendo muitos quitutes nesses últimos dias, e entendi por que vocês humanos fazem cara tão boa enquanto se alimentam, e por que reclamam da fome. Só achei desagradável essa parte de urinar... É tão esquisito, e não me senti confortável!

Se achou esquisito urinar, e quanto a... bem, você sabe. Fezes. É muito mais estranho - Green arregalou uma das sobranceiras, curioso com a resposta da fada.

Fezes? O que é isso?

Puxa, você não sabe, Lila? Ainda não fez...? - perguntou Vanhardt começando a ficar interessado naquela história.

Fazer o que gente?! Que misério é esse? Alguém, por favor, poderia... - de repente, um barulho grave como o mugir de um boi escapou da barriga de Lila. - Ei gente, tem algo estranho acontecendo aqui... parece que... Gente, tem algo muito estranho acontecendo aqui!

Van, olha só, será que a Lila está com diarreia? Há! Há! Há! Só pode ser!

Green, parece que é verdade... Não acredito...

Querem parar com isso?! - com um semblante revelando medo, e pequenas lágrimas despontando nos olhos, Lila colocava uma das mãos firmemente sobre a barriga. - Alguém pode me ajudar aqui???

Ravina deslizou ambos os braços ao redor do ombro da fada, e caminhou com ela até para longe dos dois alcoviteiros. O duende deitava e rolava no chão de tanto gargalhar, ficando até roxo por perder o fôlego. Vanhardt por sua vez tentava conter a risada para não ofender Lila, ao mesmo tempo em que fingia repreender Green. Aquela alegria iria permanecer entre os quatro amigos por muito tempo.

O seu humilde bardo narrador, enquanto escreve as últimas linhas, procura captar o que se passava na cabeça do nosso herói, Vanhardt Mohr Daicecriv. Ao mesmo tempo feliz por ter atingido seus objetivos, reconquistado o filho, protegido a vila, feito bons amigos, sua alma continuava atormentada. O choque de perder Selenia, pelas próprias mãos, iria abalar e muito o filho da deusa do gelo pelos anos vindouros. Com o papiro na mão, fico também me perguntando se consegui cumprir meus objetivos. Prometi aos leitores um texto não muito enfadonho, contando a história do nosso herói, e ficarei satisfeito se tiver realizado a proposta. Se vocês encontrarem por acaso um velho dragão, de nome Frumbus, enviem para ele uma cartinha comentando a história. Meu nome é Meroho, o bardo errante, ele saberá como me encontrar. Porém, por favor, chamem-no de "O poderoso senhor das chamas", pois já comentei

anteriormente que ele não gosta de ser chamado pelo próprio nome. É lógico que a história de Vanhardt não termina por aqui. Isto foi apenas um começo. Eu não teria condições de contar tudo em um livro só! Ainda falta o meio e o fim, e eles serão contados em seu devido tempo. Até lá, saldações a todos. Ah... Já ia me esquecendo, falta um capítulo! Pelos deuses, quase termino sem contar o que aconteceu com Léia depois que ela encontrou o Manto das Ilusões...

Capítulo LXXII - *O Retorno da Deusa da Morte*

Ao se posicionar no lado de dentro da porta que dava acesso ao salão de reuniões do Panteão, o guardião selecionado para aquele dia pressentia que algo não correria bem. Sempre que as pontas de seus dedos se tornavam inexplicavelmente geladas, algum fato fugia da rotina, e geralmente não era coisa boa. Ele observou atentamente os seis deuses maiores se sentarem em torno da mesa redonda, e também o sétimo membro, uma criatura que tinha a cabeça de corvo, tronco e pernas de homem, além de braços de onde caíam penas negras ensebadas. Nas últimas três reuniões esse último deus esteve presente, e o guardião conjecturava se ele iria realmente ocupar o posto de deus maior que por séculos esteve vago. Balançando a cabeça, o guardião chamado Languedoc se afastou das distrações, e procurou concentrar em seu trabalho. Ele deveria impedir qualquer intromissão, e para isso era importante estar atento, e de olho na porta. Qual não foi a sua surpresa quando sentiu uma pancada nas costas, e em seguida voava em direção à parede do lado oposto.

Foi a grande porta de ferro que se abriu repentinamente e atirou longe o guardião que a vigiava. Se não tivesse sido construída por meios mágicos, e pesasse toneladas, a enorme porta teria se quebrado em virtude da imensa força utilizada pelo invasor. Os deuses maiores se levantaram de pronto, colocando as mãos em armas que guardavam dentro dos corpos, esperando que o intruso aparecesse para fazê-lo arrepender de tamanha ousadia. A figura com um vestido negro cujas bordas beijavam o chão, cabelos da mesma cor que caíam pelas costas, e lábios arroxeados contrastando

com uma pele extremamente alva, além de contornos escuros ao redor dos olhos, penetrou no aposento sem esboçar medo.

Morgana! Então os boatos estavam certos... ou deveria chamá-la de Léia, a deusa do gelo?... - a voz de Salazar mostrava mais perplexidade que arrogância.

Chame-me até de Minha Senhora, o nome é o menos importante. Quanto aos boatos, mostram-se, sim, verdadeiros, pois aparentemente todas as divindades aqui já têm conhecimento de minha outra identidade. Até mesmo o traidor, que se encontra se passando por inocente, sabe que me tornei a deusa do gelo! - as palavras de Léia eram disparadas como flechas ácidas enquanto ela fazia questão de fixar os olhos de cada um. Quando terminou de encarar o sétimo deus, com cabeça de corvo, aproximou-se altivamente dessa bizarra entidade. — Lamento informar-lhe, porém encontra-se no meu lugar de direito. Por favor, retire-se.

Está brincando - a voz do corvo era um galhar agudo e irritante, e ele balançava as asas freneticamente. - Estou há séculos ambicionando esta posição, e até que enfim consegui! Sou o novo deus da morte, e meu nome é...

O deus com aparência de corvo não pôde completar a frase, pois assim como o guardião, foi atirado contra a parede, deixando a cadeira vaga. Léia se posicionou em frente ao banco e fez sinal para que todos deixassem de lado as reverências e se sentassem.

Assumi outra identidade e também ficou mais poderosa... - sentenciou Núbia, com seu traje semelhante ao da deusa da morte, porém com estrelas que cintilavam como se aquele fosse o verdadeiro céu noturno.

Isso se chama/é, meus "amigos", algo que os senhores e as senhoras não fazem a mínima idéia do que seja. Os falsos sorrisos, a decadência, a burocracia, os discursos vazios, tudo impede que vossas divindades se aproximem o suficiente dos humanos e vejam como eles devotam a própria vida ao mais profundo amor. Amor a

um deus. Felizmente tenho hoje consciência disso, e posso dizer que, armada da verdadeira fé dessas pessoas, minha força se tornou muito maior do que era antes - ela devolveu um olhar frio para Núbia.

Creio que essa troca de ameaças não resultará em nada, e... - Justus, em sua armadura que apresentava uma balança estampada no tórax, foi impedido de continuar pelo deus dos corvos, que se levantou e apontou o indicador para Léia.

Isso não ficará assim! Venceu-me hoje, porém prepararei a minha vingança! Repito, isso não ficará assim! - o corvo gralhou novamente, e disparou na direção da porta, deixando o salão de reuniões.

Justus olhou ao redor, esperando que um novo contratempo o interrompesse. Languedoc, que também já havia se levantado e se recomposto, até cogitou comentar que a deusa da morte era uma intrusa, mas aparentemente nenhum dos outros deuses fez objeção à sua presença. Deduziu então, com prudência, que seria sábio manter-se quieto. O guardião do Panteão fechou a porta com força, torcendo para que nenhuma outra surpresa ocorresse. Suas mãos, contudo, continuavam frias.

Como não houve interrupções, Justus puxou a cadeira e se sentou, para iniciar o seu discurso. Os outros deuses que ainda se mantinham de pé também se sentaram.

Antes que Vossa Divindade se unisse a nós, caríssima e honorável Morgana, discutíamos um assunto de urgente importância. Parece que o "acidente" foi visto nas fronteiras da capital de Alminster, perto da indestrutível muralha. E a dama sabe, da mesma forma que todos nós, que ele é a única ameaça concreta aos deuses. Quase matou um dos irmãos de status, e não teria dificuldade para repetir a ousadia, com um final muito mais trágico para o nosso lado.

Ultraje! - Salazar levantou-se e socou a mesa com os punhos fechados.

O "acidente" só representa ameaça aos fracos! Deveríamos montar um grupo de aniquilação para transformá-lo em cinzas! Justus, se Vossa Divindade tratar essa ameaça com a negligência contumaz, provará que é um líder incompetente.

-- Tolice, Salazar, e sabe muito bem disso! Suas ameaças quanto à minha incompetência só revelam as mágoas por ter perdido o cargo de líder do Panteão. Estamos cientes de que o "acidente" é um perigo real, e um grupo de aniquilação não resultaria em nada diferente do suicídio. A cautela é o melhor remédio na atual conjuntura, e por isso proponho um plano antes de enfrentarmos esse ser.

Quero pedir o perdão a todos, e gostaria de deixar claro que sei que o "acidente" é uma verdadeira ameaça aos deuses e também à Kether. Ele, porém, se manteve muito tempo quieto, e não sabemos se irá mesmo agir. Creio que não ouço falar dele há quase dez mil anos. - Léia cruzou os braços e imprimiu importância à voz - Desejo, na verdade, apresentar aos *amigos*, nesse exato instante, uma ameaça mais real e iminente do que o "acidente", e ao mesmo tempo relatar a negligência e o descaso prestados pelo Panteão à minha situação.

"É de conhecimento geral o fato de que, há quase mil anos, fui atacada em meu próprio lar. Tal afronta à minha soberania e direito de existir foi tão fulminante e devastador que por muito pouco não me eliminou do mundo que conhecemos. Os seis aqui presentes acreditaram que eu estava morta, mas por sorte e habilidade, consegui me salvar. Aquele traidor, que na ocasião quase me destruiu, está presente neste aposento, e não serei tola de encobrir o fato. Agora, vamos frisar certas questões de vital relevância. Não houve investigações que apontassem a sua identidade. Não houve qualquer tipo de ação que resultasse em frustrar os planos desse traidor, sendo que ele teria continuado suas maquinações não fosse a valentia do povo da terra do gelo. Há uma total ignorância

consciente quanto às atitudes do traidor, e ninguém levanta um palmo para evitar que isso ocorra."

"Ê aí que eu me pergunto; até quando isso continuará? Até todos os planos dessa entidade vil e ardilosa terem sido levados a cabo? Será que estou diante de covardes? Não, estou certa de que não. Eu entendo muito bem que estamos diante de uma cegueira deliberada, e que cada um de vossas divindades está se aproveitando de alguma forma das ações do traidor. Esperando que ele derrote inimigos mais fortes, para conseqüentemente se apresentarem mais poderosos. Gostaria de alertá-los, contudo, que isso não acontecerá. O traidor não é uma marionete, e não será manipulado. Ele atacará pelas costas todos que acreditam estar tirando proveito de suas atitudes. Meçam bem minhas palavras!"

Morgana, todos nós nos compadecemos de sua tristeza pelo que aconteceu anteriormente. - disse Justus. - Ê incorreto afirmar, contudo, que fomos negligentes. Houve, sim, investigações, mas estas não apontaram um traço sequer de quem tivesse feito isso. Chegamos a supor que foi uma obra sua!

Conversa! - Salazar socou novamente a mesa transparente. - Eu propus uma investigação à vida privada de cada deus maior, porque só um de nós teria capacidade de destruir um castelo inteiro, e o próprio deus senhor dele. Propus, além disso, que localizadores fossem implantados a fim de evitarmos que isso ocorresse novamente. Entretanto, em mais uma prova de sua incompetência, Justus, Vossa Divindade ignorou qualquer uma de minhas idéias. Morgana está certa; nunca tentamos ajudá-la realmente. Nem procuramos descobrir se ela teria sobrevivido!

Devo agora manifestar minha opinião, nobre Salazar, senhoras e senhores. - Bel, a deusa da vida, de posse de seu vestido verde e longas madeixas louras, resolveu falar pela primeira vez. - Talvez investigações mais sérias pudessem ter sido realizadas, porém analisar a vida privada de cada um, e implantar localizadores, é

demasiado abuso. Temos direito à nossa liberdade e individualidade. Levar um plano assim adiante é uma lesão a nós mesmos. Isso sem contar que tais medidas só serviriam para alimentarmos o traidor de informações que ele usaria em benefício próprio.

Nautillus, o deus dos mares e oceanos, que até o momento se mantivera calado, resolveu se manifestar:

O comentário de Bel vem em bom momento, irmãos de status. Naquela época minha proposta de formarmos uma liga que pudesse nos proteger mutuamente em situações de perigo foi ignorada, porém gostaria de colocá-la em discussão novamente! - esperando manifestações de apoio, Nautillus se levantou, e percorreu os olhos ao redor da mesa.

Não comece com isso, meu caro, vejo muito bem seus planos! Assim como Justus, Vossa Divindade só pensa no poder; quer ser líder dessa liga para poder nos manipular. Vossa Divindade e Justus estão juntos e só vêm revelar a falta de transparência de nosso Panteão. Para quê uma liga, se temos um Panteão? É uma idéia ridícula! - Salazar se mostrava vermelho de cólera.

Eu concordo com Salazar, não faz sentido uma liga de apoio se temos um Panteão. Está querendo passar uma idéia de bom moço, de salvador, Nautillus?

Núbia resolveu entrar na discussão.

É claro que sim, Núbia. - Nautillus respondeu misteriosa e friamente à deusa da noite.

Muito bem, meus amigos, não era até esse ponto que eu pretendia chegar.

adiantou-se novamente Léia. - No entanto tais idéias e reprimendas serão eventos passados depois do que tenho a revelar. Felizmente, com a ajuda de amigos, descobri que o traidor só poderia ter invadido meu castelo de posse de um único item. Quando sofri aquela invasão, não pude me defender porque fui pega

de surpresa. Não me era possível detectar *o rastro* do traidor e de suas tropas. Através de amigos, acabei descobrindo que apenas um único item em Kether seria capaz fornecer esse poder, o Manto das Ilusões, que torna indivíduos imunes a qualquer forma de detecção divina. A minha busca pelo traidor estaria terminada se eu encontrasse tal artefato. Bem, por um feliz acaso eu encontrei-o - Léia enfiou a mão atrás das costas, e retirou de lá o Manto azul, com estrelas na face interna. - E para infelicidade do traidor, sua verdadeira face será revelada a todos nós, neste instante!

Um ar de espanto e perplexidade se abateu sobre todos os presentes. Alguns se remexeram nas cadeiras, como Salazar e Núbia, porém outros esconderam melhor seu espanto como Nautillus, Justus e Laodicéia. A deusa da natureza, aliás, se mantinha quieta todo o tempo, apenas ouvindo e observando. Léia mostrou o item para todos, e depois o atirou no centro da mesa.

E então, traidor, pode se revelar! Se não admitir que criou o item, ele passará sob os olhos do Investigador, e nossa máquina revelará a sua identidade.

Depois de alguns segundos de silêncio, Nautillus, o deus dos mares e oceanos, apanhou o objeto com cuidado, e analisou-o dos pés à cabeça. O deus que usava algas marinhas na cabeça, armadura prateada, e uma capa azul nas costas que balançava como as ondas do mar, disse algo que não deixou de causar espanto:

Este artefato é meu. Fui eu quem o criou.

Um silêncio mais profundo que a simples ausência de sons caiu como uma rocha sobre o salão. Olhos arregalados e gargantas engolindo em seco se multiplicaram. Léia não sabia o que dizer, não sabia o que sentir. Então era Nautillus? Simples assim?

Basta! Achamos o culpado! Ah, eu bem que desconfiava; essa história de criar uma liga nunca me cheirou bem. Vossa Divindade foi desmascarada, Nautillus, e sofrerá as conseqüências! - Salazar continuava vermelho, e abria um sorriso desmedido.

Calma, Salazar, não é tão simples - disse Justus. - Temos de dar a Nautillus a chance de se explicar... Talvez ele possua um bom álibi, que negue a possibilidade dele ser realmente o traidor.

O quê? Como assim? - Salazar agora parecia um tomate de tanta fúria. - Ele admitiu que o Manto foi sua própria criação, não há o que discutir! Estão vendo como Justus é um incompetente? Na minha época como líder de Panteão eu nunca agiria com tanta "delicadeza" e negligência! Justus, se Vossa Divindade não punir Nautillus, estará provando para Morgana que nunca se preocupou com ela!

Suas acusações não me afetam, Salazar - Justus fechava os olhos por longos períodos, e inspirava profundamente. - Nautillus tem o direito de se explicar, Vossa Divindade querendo ou não. E então Nautillus, há algo que gostaria de dizer em sua defesa?

Depois de um breve minuto calado, o deus dos mares e oceanos resolveu se manifestar:

Não tenho nada a dizer.

Mas... Mas como assim? Não vai se defender? - Justus parecia contrariado.

Não - sentenciou Nautillus, depositando o Manto sobre a mesa, e cruzando os braços.

Eu não esperava por isso, mas... hum, se não irá se defender, não tenho outra alternativa exceto proclamar que Vossa Divindade é culpado por trair Morgana, e...

Esperem um pouco!

Os olhares do salão voaram imediatamente para Bel, que se levantou, ofegante e parecendo perturbada. A deusa da vida fitava Nautillus, e mexia as mãos nervosamente. Depois de alguns segundos de hesitação, ela finalmente deixou escapar:

Eu não sei esclarecer o motivo de Nautillus não estar se defendendo, porém não posso me calar. Existe uma falha em todo esse raciocínio de Morgana, ligando o criador do Manto das Ilusões ao traidor, e irei apontar. Dezenas de anos antes de Morgana ser

atacada, o deus dos mares me revelou a existência do Manto das Ilusões, porém se queixou de ter sido roubado. Ele pediu a minha ajuda, pois confiava em mim para reaver o item. As buscas se seguiram infrutíferas por anos, até que se deu a queda de Léia. Fiquei aturdida ao saber que o Manto foi usado nessa ocasião, mas seria irresponsabilidade nossa condenar Nautillus. O traidor certamente roubou o artefato, e utilizou-o ciente de que a responsabilidade recairia sobre Nautillus se algo desse errado.

Nautillus, exceto Bel, mais alguém sabia da existência do Manto das Ilusões? - perguntou Justus.

Eu já havia pensado nisso, mas além de Bel, não revelei a mais ninguém a existência do artefato. Não tenho um álibe convincente.

Deixem de ser tolos! Nautillus é o culpado, está óbvio! Ou o condenamos imediatamente, ou ele atacará de novo! - Salazar continuava golpeando a mesa com socos.

Todos esperem um minuto, não podemos nos precipitar. O traidor pode muito bem estar manipulando Nautillus! Responda-me deus dos mares, por que não quis se defender aquela hora? Está com medo de algo que desconhecemos?

Na verdade, não, Justus. Simplesmente achei que não acreditariam no que eu dissesse. Se eu falasse que o item foi roubado anos antes, pareceria uma desculpa muito pobre. Desde o episódio em que o perdi, é a primeira vez que o vejo. Até tenho as minhas suspeitas de quem possa tê-lo furtado de meu lar, porém não provocarei confusões sem provas...

Estamos diante de uma situação difícil, não é mesmo grande líder? - perguntou Núbia, deslizando a mão pelos cabelos, sedutoramente.

É verdade. Bel, Vossa Divindade pretende continuar testemunhando a favor de Nautilus?

Sim, Justus.

Bem, como não há provas irrefutáveis contra, nem a favor, vamos votar. Quem é a favor da condenação de Nautillus, por favor, erga sua mão.

Salazar foi o primeiro a erguer o braço, seguido de Núbia, e, para surpresa de todos, Laodicéia. A deusa da natureza era a que sempre falava menos dentro do Panteão, mas nem por isso era pouco observadora, ou deixava de agir quando achasse necessário. Eram três votos a favor, precisavam apenas de mais um para condenar Nautillus. Todos olhavam para Morgana, pois aparentemente ela era a maior vítima ali presente. Depois de hesitar longamente, e ameaçar erguer seu braço, a deusa da morte preferiu mantê-lo abaixado.

Acredito que os que deixaram o braço abaixado são contra a condenação prévia de Nautillus, o que indica três votos a favor, e quatro contra. - Batendo um martelo contra uma tampa redonda de madeira, Justus sentenciou. - Nautillus está absolvido das acusações até segunda ordem. Ele, contudo, será investigado, pois o deus dos mares e oceanos criou o item que culminou na queda de Morgana. Acredito que depois de toda essa discussão estamos cansados. Realizaremos uma nova reunião daqui a exatamente sete dias, nesse mesmo horário. A questão do "acidente" ainda não foi solucionada. Está encerrada a sessão.

O mais irritado de todos, Salazar, deixou a sua cadeira jogando papíros para cima, e resmungando. Ele olhou desafiadoramente para Justus, e depois para Nautillus. Por fim pediu desculpas à Morgana, pela incompetência de não terem encontrado o culpado antes. Núbia ria como se visse diversão naquilo tudo e abraçou Morgana:

Seja bem vinda de volta - a deusa da morte tentou encontrar falsidade naquelas palavras, mas não foi bem sucedida. Elas pareciam sinceras. - E Nautillus... - ela se dirigiu então ao deus dos mares e oceanos. - Está com sorte por enquanto. Porém, se cometer mais um deslize, cairá. Estamos de olhos abertos, não se engane.

Justus deixou o salão perguntando a Morgana se ele poderia ficar com o Manto das Ilusões durante algumas horas, e ela respondeu afirmativamente. Bel também se despediu de Morgana, um pouco evasiva, e caminhou para fora ao lado de Justus. Laodicéia, com sua roupa de folhas amareladas, cabelos vermelhos, selvagens, e olhos felinos, caminhou até Morgana com um sorriso discreto. Ela beijou as duas faces da deusa da morte, e também deixou o aposento. O último deus ali presente, Nautilus, olhava para Morgana aparentemente desconcertado. Ele se sentou em sua cadeira, respirando pesadamente.

Somos todos marionetes. Estamos envolvidos num jogo, do qual não fazemos a mínima idéia. - Nautilus encarou a deusa da morte, que continuava de pé. - Aqueles que acham que estão imunes serão os primeiros a cair. Eu quase fui uma vítima hoje, e não pude ver de onde o ataque vinha.

Eu sei, Nautilus. Quero que saiba que desde que fui traída, passei a desconfiar de tudo e de todos. E Vossa Divindade é um dos primeiros em minha lista!

Faz muito bem.

Se me dá licença, gostaria de rever meus aposentos. Há muito não os vejo.

Imagino que sim. Talvez não goste da decoração, pois Crowler, o deus corvo, utilizou-o nas últimas semanas.

Nautilus, uma curiosidade: quem indicou Crowler para tomar meu lugar como deusa da morte?

Laodicéia. Ela argumentou com Justus que a presença de seis deuses causava desequilíbrio, e que precisávamos de um novo deus da morte. Crowler era um dos primeiros candidatos. Nosso amigo Salazar reagiu negativamente como sempre, aprontou um escarcéu, porém nosso líder não deu braço a torcer: o deus dos corvos passaria por um período de testes. Vossa Divindade, entretanto, apareceu na terceira semana em que ele se apresentava como membro do

Panteão. Imagino que Crowler perdeu a sua vaga... Mas por que se importa com isso?

Por nada... Por nada... - Morgana deu duas pancadinhas no ombro de Nautilus e deixou o salão.

Depois de algumas horas invocando dezenas de flores que zanzavam de um lado para o outro, redecorando o quarto onde ficava hospedada quando se reunia no Panteão, Léia finalmente deitou-se na cama de cortinado azul celeste. *Léia. Morgana.* Não sabia mais qual era seu nome. Os últimos acontecimentos a deixaram frustrada. Qualquer um poderia ter roubado o manto de Nautilus, até mesmo Bel! Também continuava com suspeitas em relação à Núbia, que já tinha conhecimento da existência do Manto das Ilusões, e também estava procurando por ele. Salazar também queria uma condenação muito rápida de Nautilus, apesar de Léia saber que aquelas reações eram típicas do deus do Sol. Justus podia estar manipulando todos ali. Até mesmo Nautilus poderia estar inventando aquela história de roubo, e Bel o defendendo equivocada ou conscientemente. Léia também achou muito estranho o fato de Nautilus não querer se defender; será que ele queria ser condenado? Não havia motivos para isso. De todos ali, Laodicéia era talvez a deusa sobre a qual menos pesavam fatos suspeitos. Não que isso fosse completamente bom para a deusa da natureza.

O som de três pancadas leves na porta indicaram que alguém queria falar com Léia. Com os pensamentos rodopiando em sua mente, a deusa da morte levantou-se e abriu a porta. Era Justus, que não usava sua armadura, mas apenas uma túnica branca, com uma corda amarrada na cintura.

Posso entrar? - Justus sorriu galantemente.

Mas é claro! Só me prometa que nunca mais tentará colocar Crowler no meu lugar. - a deusa da morte se afastou, deixando Justus entrar, e apontando uma cadeira para ele.

—Aquilo foi idéia de Laodicéia. Eu nem queria colocá-lo no Panteão, porém Salazar foi tão contra a idéia que acabei concedendo um período de experiência ao corvo apenas para contrariar o nosso amigo deus do Sol. - Justus sorria como se pedisse desculpas, sentando-se na cadeira. - Sabe, Morgana, não sei como expressar a alegria por Vossa Divindade estar de volta. Recebi a visita de seu filho, o Elohim, um rapaz muito determinado, aliás.

Obrigada. - a deusa se sentou numa cadeira de frente para o deus da justiça.

Bem, Morgana, vim aqui para lembrar-lhe de que, pelo tratado dos Elohim, assinado depois daquele episódio da Rebelião dos Elohim, nós não podemos ter filhos, e...

Não adianta, Justus, não respeitarei esse tratado. Eu o assinei, porém, se Vossa Divindade se esqueceu, cheguei a "morrer". Hoje, renascida, dou-me o direito de romper com esse tratado. Não matarei Vanhardt, e não deixarei ninguém fazê-lo. Se algum deus for contra, que venha conversar diretamente comigo! - o olhar de Léia era firme e decidido.

Reportarei sua decisão aos outros deuses, mas posso adiantar que a maioria não fará objeção. Talvez Salazar; entretanto, ele não terá muita força sozinho. Enfim... Morgana... Não vim tratar apenas disso. - Justus se remexeu na cadeira, como se estivesse incomodado, e pigarreou. - Realmente é muito difícil revelar isso; não imagina o quanto me aflige. Porém, como deus da justiça, e líder do Panteão, não poderia ser negligente em relação a esse importante fato.

Então me conte de uma vez.

Err... Mesmo Nautillus dizendo que era o criador do Manto das Ilusões, Vossa Divindade me conhece, quis confirmar, de modo que usei os olhos do Investigador. A máquina que criamos em conjunto, capaz de identificar objetos dos deuses, acabou apontando um criador diferente para o Manto das Ilusões. Bel.

Nossa. - Léia procurou disfarçar sua inquietação e surpresa. - Bel criou o Manto das Ilusões? Mas isso é...?

Não vamos nos precipitar, Morgana! - Justus levantou-se e caminhou até a deusa da morte, que também ficou de pé. - Do mesmo modo que fizemos com Nautilus, não podemos julgar precipitadamente a deusa da vida. Na próxima reunião eu reportarei o fato aos outros deuses, e chegaremos a um veredicto.

— Entendo, Justus. Porém peço-lhe para não fazer isso, não agora. Dê-me algumas semanas para investigar Bel pessoalmente, e depois contaremos aos outros deuses.

Essa idéia não me agrada muito, porém como Vossa Divindade é a maior vítima, farei como me pede. - o rosto de Justus aproximou-se do de Léia, e ele pegou a mão da deusa da morte. - Fiquei com saudades suas... Quando seu filho me falou que estava viva, uma chama que acreditei estar morta no meu coração se reavivou. - Os lábios de Justus se aproximaram mais ainda dos de Léia, e só não os tocaram porque a deusa da morte virou-se de lado.

Não, Justus, por favor. Não deu certo antes, e agora Bel... Ela não vai gostar nada disso!

Eu é que peço desculpas. - o deus da justiça soltou a mão de Léia, e retirou de dentro do peito o Manto das Ilusões, colocando-o no braço de cobre de uma das cadeiras. - Quem sabe um dia, não é? Quanto à Bel, ficamos combinados daqui a três semanas?

Sim. - Léia acompanhou Justus até a saída, e ele despediu-se beijando a face da deusa da morte. Os dois não sabiam, contudo, que dos jardins do Panteão dos deuses, um dos membros viu a maneira que Justus despediu-se de Léia.

Dentro do quarto da deusa da morte, Léia pegou o Manto das Ilusões, e passou a observar o objeto. Ela achava que o artefato responderia a todas as suas dúvidas, porém acabou despertando muitas outras. Quem seria o traidor? Mais uma vez, Léia se deitou em sua cama, fechando os olhos.

E finalmente conseguiu descansar, após quase mil anos.

